



STELLA MELLO E BARROS

A categoria Personalidade na teoria da classificação de
Ranganathan: discussões epistemológicas a partir e além de
Aristóteles

**Dissertação de mestrado
Dezembro de 2022**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO – ECO
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA – IBICT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – PPGCI

STELLA MELLO E BARROS

A categoria personalidade na teoria da classificação de Ranganathan: discussões
epistemológicas a partir e além de Aristóteles

RIO DE JANEIRO
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO – ECO
INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA – IBICT
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – PPGCI

STELLA MELLO E BARROS

A categoria personalidade na teoria da classificação de Ranganathan: discussões
epistemológicas a partir e além de Aristóteles

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Ciência da
Informação, convênio entre o Instituto
Brasileiro de Informação em Ciência e
Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de
Janeiro - Escola de Comunicação, como
requisito parcial à obtenção do grau de Mestre
em Ciência da Informação.

Orientador: Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha

RIO DE JANEIRO
2022

CIP - Catalogação na Publicação

B277c Barros, Stella Mello e
A categoria Personalidade na teoria da
classificação de Ranganathan: discussões
epistemológicas a partir e além de Aristóteles /
Stella Mello e Barros. -- Rio de Janeiro, 2022.
649 f.

Orientador: Gustavo Silva Saldanha.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Escola da Comunicação, Instituto
Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia,
Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação,
2022.

1. filosofia da Informação. 2. filologia da
informação. 3. categorias fundamentais. 4. teoria da
classificação facetada. 5. organização do
conhecimento. I. Saldanha, Gustavo Silva, orient.
II. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

STELLA MELLO E BARROS

A categoria personalidade na teoria da classificação de Ranganathan: discussões epistemológicas a partir e além de Aristóteles

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, convênio entre o Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia e a Universidade Federal do Rio de Janeiro - Escola de Comunicação, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Aprovada em 08 de dezembro de 2022.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha (Orientador)

Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) / Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Profa. Dra. Rosali Fernandez de Souza (Membro interno)

Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) / Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Profa. Dra. Luana Farias Sales Marques (Membro interno)

Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação (PPGCI) / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) / Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Profa. Dra. Luciana de Souza Gracioso (Membro externo)

Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação / Universidade Federal de São Carlos
(UFSCar)

Prof. Dr. Vinícios Souza de Menezes (Membro externo)

Departamento de Ciência da Informação / Universidade Federal de Sergipe (UFS)

AGRADECIMENTOS

À Deus, por meu ser.

À *Yemoja* e *Òṣàlùfàn*, meus pais espirituais. Obrigada por me escolherem como filha.

À minha família amada.

Às pessoas mais importantes da minha vida: Claudia Barros Alves e Roberto de Mello Souza, pela orientação, apoio e amor incondicionais de ambos, minhas fortalezas e vovó Isis, por ser um exemplo de mulher guerreira, independente, trabalhadora e senhora de si.

À minha família amada: vovó Nete, vovô Ary, tios, tias, primos e madrinha Cristiane.

À Tia Celinha, Tio Eduardo, Tio Marinho, Tia Zuzu, Tio José Antônio, Bisavó Matilde e Tio Joaquim, *in momoriam*: o amor verdadeiro não desaparece.

Aos meus filhos felinos Rodolfo e Clara, aos meus irmãos felinos Chico e Léo, aos meus irmãos felinos Mimoso (*in momoriam*) e Joaquim (*in momoriam*).

Ao Lula, pela fé no mundo, pelos investimentos em educação para a transformação do nosso país e pela garra de vida.

À Ranganathan, por seu engajamento político revolucionário da democracia documentária obtido a partir do rompimento radical com a colonização antidemocrática presente no tratamento da informação ocidental.

Ao orientador Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha, um ser de luz, não apenas pelos ensinamentos acadêmicos ao longo dos anos de convívio desde o primeiro semestre da graduação em Biblioteconomia na UNIRIO – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, mas também, e, principalmente, pelo amor à sabedoria.

Ao Prof. Dr. Vinícios Souza de Menezes, pela orientação no caminho da filosofia e filologia da informação decolonial na perspectiva social crítica da organização do conhecimento.

À Profa. Dra. Luciana de Souza Gracioso, que, além da contribuição acadêmica a respeito da pragmática wittgensteiniana, me ensinou também que a arte da vida é um grande jogo que, em nossas ações, podemos reconstruir um mundo melhor para nós e para a humanidade.

Aos leitores desta pesquisa feita com o por puro amor.

Aos discentes do PPGCI IBICT-UFRJ Daviane da Silva Ribeiro e Rodrigo Alves Ferreira, que muito me ajudaram e acolheram em meio aos desafios acadêmicos.

Aos docentes do PPGCI IBICT-UFRJ que contribuíram diretamente para o desenvolvimento desta pesquisa: Prof Dr. Gustavo Silva Saldanha, Prof. Dra. Rosali Fernandez de Souza, Prof. Dr. Luana Farias Sales Marques, Prof. Dr. Jorge Calmon de Almeida Biolchini, Profa. Dra. Maria Nélide Gonzalez de Gómez, Profa. Dra. Lena Vânia Ribeiro Pinheiro, Prof. Dr. Arthur Coelho Bezerra, Prof. Dra. Jacqueline Leta, Prof. Dra. Gilda Olinto e Prof. Dr. Ricardo Madeiras Pimenta.

A todos os professores que tive em minha vida, especialmente à querida Profa. de redação da Rede MV1 Claudia Miskinda, cujos ensinamentos transmitidos com genialidade foram fundamentais para que eu conseguisse organizar meus pensamentos na escrita, o que foi fundamental para a minha jornada acadêmico-científica que escolhi como missão de vida: nosso breve contato foi uma bênção em minha vida que me rende bons frutos até hoje. Meu carinho e gratidão por você, o bem que me proporcionou, levo no coração.

À concessão das bolsas de estudos PACINF e CAPES, que me possibilitaram aprimorar os conhecimentos em organização do conhecimento.

BARROS, Stella Mello e. **A categoria Personalidade na teoria da classificação de Ranganathan**: discussões epistemológicas a partir e além de Aristóteles. 2022. Orientador: Gustavo Silva Saldanha. 2022. 649 p. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 2022.

RESUMO

Propõe investigar a aplicação do conceito Personalidade de Ranganathan na teoria da classificação considerando a herança categorial aristotélica e o conceito de informação. O objeto de estudo é o conceito de inefabilidade da Personalidade nas obras *Prolegomena to Library Classification*, *Philosophy of Library Classification* e *Colon Classification*. O objetivo é investigar os vínculos entre as categorias Personalidade de Ranganathan e substância de Aristóteles no tratamento temático da informação sob o olhar da virada pragmático-linguística da informação. As hipóteses são: com base nos vínculos entre as categorias, estes apontam para a relação fundamental (:) da teoria da classificação facetada com o conceito de informação greco-latino; é possível compreender a Personalidade pela corrente epistemológica da pragmática transcendental a partir do limite dos conceitos nos jogos de linguagem de Wittgenstein. Os métodos de coleta e análise utilizados são a revisão sistemática da literatura e a socioterminologia, a qual teve como produto documental a apresentação dos vínculos entre Aristóteles e Ranganathan à luz da teoria socioterminológica. Os corpora objetiva isolar o conceito de categoria em aforismos de Aristóteles e Ranganathan a partir dos critérios de seleção definição ou aplicação das categorias. A análise e discussão buscam relacionar as aplicações da Personalidade na categorização com o limite do conceito wittgensteiniano a partir da filologia da informação greco-latina. Discutimos: o silenciamento da memória nos gestos coloniais decorrentes da perpetuação da escolha por correntes de pensamento ocidentais de fundamentação dos sistemas de organização do conhecimento; as problematizações acerca do modelo padrão de estruturação da informação e do conhecimento fundamentado na lógica aristotélica; a apropriação dos fundamentos da filosofia da informação na consolidação histórico-epistemológica da teoria da classificação; os desdobramentos ético-epistêmicos do cruzamento da categorização aristotélico-ranganathiana com as questões epistemológico-crítico-filológicas da organização do conhecimento na pragmática dos estudos informacionais ranganathiano-wittgensteinianos; as dinâmicas entre o *informo* e o *informis* da informação na corrente de pensamento da tradição hindu que fundamenta epistemologicamente a estruturação da informação e do conhecimento na *Colon Classification*; um modelo de representação do conhecimento outro a partir das contribuições pragmático-filológicas à questão da mutação semântica com base na dinamicidade, alteridade e multiplicidade dos sentidos da informação no engendramento sistemático-colonado da abertura epistemológica na qual ocorre a tradução incessante do universo do conhecimento no meio social identificada como lastro na diferença do padrão de relacionamento entre as facetas de assunto nas configurações formais variantes dos objetos documentais na produção, percepção e usos do conhecimento. O ponto fulcral de convergência do fundamento pragmático no método categórico entre os pensamentos de

Ranganathan e Wittgenstein identifica-se na condição de verdade do conceito aberto (*informis*) atrelado ao uso da linguagem. O método categórico de Ranganathan para a análise dos objetos se refere às configurações variantes dos objetos em sua articulação colonada distinta nos documentos a partir da definição e relação entre facetas (*informo*): entre si mesmas em uma sintaxe (*μορφή* e *τύπος*); entre o universo do conhecimento nas estantes (*ἰδέα* platônica); com o usuário particular e sua subjetividade (*informis*) e com a sociedade (*εἶδος* platônico).

Palavras-chave: filosofia da Informação; filologia da informação; categorias fundamentais; organização do conhecimento; teoria da classificação facetada.

ABSTRACT

It proposes to investigate the application of Ranganathan's concept Personality in classification theory considering Aristotelian categorical heritage and the concept of information. The object of study is the concept of Personality's ineffability in the works *Prolegomena to Library Classification*, *Philosophy of Library Classification* and *Colon Classification*. The aim is to investigate the links between Ranganathan's Personality and Aristotle's Substance categories in the thematic treatment of information from the perspective of the pragmatic-linguistic information turn. The hypotheses are: based on the links between the categories, these point to the fundamental relationship (:) of faceted classification theory with the greco-latin concept of information; it is possible to understand Personality from the epistemological stream of transcendental pragmatics based on the limit of concepts in Wittgenstein's language games. The collection and analysis used methods are systematic literature review and socioterminology, which had as its documentary product the presentation of the links between Aristotle and Ranganathan in the light of socioterminological theory. The corpora aim to isolate the concept of category in aphorisms of Aristotle and Ranganathan from the selection criteria definition or application of categories. The analysis and discussion seek to relate the applications of Personality in categorization with the limit of the Wittgensteinian concept based on greco-latin information philology. We discuss: the silencing of memory in colonial gestures stemming out of the perpetuation of the choice by western lines of thought to fundamentalize knowledge organization systems; the problematizations about the standard model of information and knowledge structuralization based on Aristotelian logic; the appropriation of the foundations of information philosophy in the historical-epistemological consolidation of classification theory; the ethical-epistemic unfoldings of the intersection of Aristotelian-Ranganathanian categorization with epistemological-critical-philological issues of knowledge organization in the pragmatics of Ranganathanian-Wittgensteinian informational studies; the dynamics between the *informo* and *informis* of information in the doctrine of thought of the Hindu tradition that epistemologically grounds the structuring of information and knowledge in the *Colon Classification*; a model of knowledge representation based on pragmatic-philological contributions to the question of semantic mutation based on the dynamics, alterity and multiplicity of the meanings of information in the systematic-colonized engendering of the epistemological opening in which occurs the incessant translation of the universe of knowledge in the social environment identified as ballast in the difference of the relationship pattern between the facets of subject in

the varying formal configurations of documentary objects in knowledge production, perception and uses. Ranganathan's categorical method for object analysis refers to the variant configurations of objects in their distinctive colonized articulation in documents from the definition and relationship between facets (*informis*): with each other in a syntax (*μορφή* and *τύπος*); with the universe of knowledge on the bookshelves (platonic *ἰδέα*); with the particular user and his subjectivity (*informis*) and with society (platonic *εἶδος*).

Keywords: information philosophy; information philology; fundamental categories; knowledge organization; faceted classification theory.

Ontem um menino
Que brincava me falou
Que hoje é semente do amanhã

Para não ter medo
Que esse tempo vai passar
Não se desespere, nem pare de sonhar

Nunca se entregue
Nasça sempre com as manhãs
Deixe a luz do sol brilhar no céu do seu olhar

Fé na vida, fé no homem, fé no que virá
Nós podemos tudo, nós podemos mais
Vamos lá fazer o que será

Gonzaguinha - Nunca Pare de Sonhar

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	16
2	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	42
2.1	Fundamentação metodológica	42
2.2	Revisão sistemática da literatura.....	53
3	MARCO TEÓRICO.....	88
3.1	Primeiros apontamentos das categorias aristotélicas e a prioridade lógico-ontológica da categoria substância	88
3.2	Aproximações teórico-conceituais das categorias aristotélico-ranganathianas: caminhos possíveis entre a organização do conhecimento e a filosofia da informação	110
3.3	A presença da categoria substância de Aristóteles na filosofia da organização do conhecimento: uma reflexão teórico-conceitual nos diálogos contemporâneos	121
3.4	Uma reflexão epistemológica da formulação teórico-conceitual da Personalidade nos estudos pragmáticos da Ciência da Informação	175
4	RESULTADOS	194
4.1	A fronteira do conceito nos jogos de linguagem wittgensteinianos e a Personalidade rangenathiana	194
4.2	A categoria Personalidade nas obras <i>Prolegomena to Library Classification</i> (1967), <i>Philosophy of Library Classification</i> (2006) e <i>Colon Classification</i> (1960)	197
4.3	As categorias na obra <i>Órganon</i> de Aristóteles (1978)	205
4.4	Vínculos entre Aristóteles e Ranganathan à luz da teoria socioterminológica	209
5	LEITURA CRÍTICO-FILOLÓGICA DA INFORMAÇÃO A PARTIR DE SUA ACEPÇÃO EPISTÊMICO-IDEOLÓGICA NA NOÇÃO DO INSTRUMENTO CATEGORIAL ARISTOTÉLICO-RANGANATHIANO	222
6	DESDOBRAMENTOS ÉTICO-EPISTÊMICOS DO CRUZAMENTO DA CATEGORIZAÇÃO ARISTOTÉLICO-RANGANATHIANA A PARTIR DE UMA EPISTEMOLOGIA CRÍTICO-FILOLÓGICA DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NA PRAGMÁTICA DOS ESTUDOS INFORMACIONAIS RANGANATHIANO-WITTGENSTEINIANOS	237
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	267
	REFERÊNCIAS	272

APÊNDICE A – Cronograma de desenvolvimento da pesquisa	287
APÊNDICE B – Etapa da revisão sistemática da literatura de busca e recuperação nas bases de dados	288
APÊNDICE C – Protocolo de revisão sistemática da literatura	337
APÊNDICE D – Extração de dados do artigo 1 da revisão sistemática da literatura	341
APÊNDICE E – Extração de dados do artigo 2 da revisão sistemática da literatura	369
APÊNDICE F – Extração de dados do artigo 3 da revisão sistemática da literatura	376
APÊNDICE G – Extração de dados do artigo 4 da revisão sistemática da literatura	386
APÊNDICE H – Extração de dados do artigo 5 da revisão sistemática da literatura	397
APÊNDICE I – Extração de dados do artigo 6 da revisão sistemática da literatura	405
APÊNDICE J – Extração de dados do artigo 7 da revisão sistemática da literatura	411
APÊNDICE K – Extração de dados do artigo 8 da revisão sistemática da literatura	432
APÊNDICE L – Extração de dados do artigo 9 da revisão sistemática da literatura	441
APÊNDICE M – Análise qualitativa dos achados	474
APÊNDICE N – Metassíntese qualitativa dos achados	637

1 INTRODUÇÃO

A proposta central desta pesquisa consiste em investigar os vínculos entre as categorias de Aristóteles e Ranganathan a partir da teoria pragmática wittgensteiniana da Ciência da Informação e do tratamento temático da informação (TTI). Discutir a influência dos vínculos entre as categorias na pragmática da Ciência da Informação significa abordar os seguintes temas correlatos ao nosso objeto de estudo: a epistemologia da Ciência da Informação e da Organização do Conhecimento (OC); a epistemologia aristotélica e rangathaniana; a teoria do conceito de Dahlberg; os jogos de linguagem wittgensteinianos; e a história do tratamento temático da informação e do conceito de informação.

A partir da constatação que “[...] categoria é um termo com *diversos significados*, dependendo do conceito de realidade que cada doutrina filosófica assume em seu início (ANJOS, 2008, p. 129, grifo nosso), propomos discutir as categorias na Filosofia de Aristóteles e na Filosofia da *Colon Classification* à luz da corrente epistemológica da pragmática transcendental em Ranganathan, explorando os vínculos e as “[...] nuances [...]” (POMBO, 2003, p. 8) conceituais identificadas entre as categorias e a teoria da classificação utilizando a metodologia da socioterminologia adaptada ao nosso objeto no campo da organização do conhecimento.

Compreendemos a aplicação das categorias rangathanianas no processamento técnico do acervo enquanto a revelação de formas de vida no mundo a partir do contexto social de produção e uso, noção que chamamos “condicionante existencial” do conhecimento: a Personalidade, como processo (atividade-meio) e produto (atividade-fim) do conhecimento socialmente compartilhado obtido a partir da categorização temática na organização e disseminação do conhecimento, existindo, desse modo, para o outro (:) segundo a diferença, não a identidade. Estas formas de vida no método analítico-sintético de Ranganathan são previstas no modelo esquemático da “árvore baniana centenária”, conferindo à produção intelectual humana a preservação (eternidade) dos acervos e estimulando a transformação democrático-política da sociedade, finalidade última do tratamento da informação, em conformidade ao cumprimento da Lei de Acesso à Informação, Lei nº 12.527, de 18 de novembro de 2011.

Em um âmbito geral, a representação descritiva e temática dos documentos físicos ou digitais nos sistemas de organização do conhecimento (SOCs) permite a intervenção da

tecnologia da informação trazendo a existência da informação e do conhecimento para os atores sociais em suas ações, suprimindo suas múltiplas necessidades de informação.

As categorias aristotélicas são os modos do ser segundo uma noção essencialista. Estas são apropriadas por Ranganathan como os modos dinâmicos do saber ou formas de vida/existência (*onto*) na interação com o outro: para existir, é necessário não apenas a leitura, mas também o diálogo do leitor consigo mesmo e com os outros. No terreno fértil da pragmática, o conceito de informação na Personalidade de Ranganathan corresponde à privação da forma e do sentido: a *Colon Classification* instrumentaliza a aplicação categórica para a representação temática dos registros do conhecimento, guardando conexão etimológica com a doação da forma nos termos gregos reproduzidos por forma *idea*, *morphé*, *typos* e *eidos*, de modo que a informação jamais poderia ser considerada enquanto exclusivamente pela doação da forma como considera a tradição ocidental, posto que é impossível dissociar a tradição mística de formação do filósofo presente na gênese do conceito de categoria, que permite a representação documental dos objetos em uma disciplina com base na enunciação e relação entre os conceitos isolados. A inefabilidade ou intraduzibilidade da Personalidade pressupõe que a mesma pode ser traduzida *ad aeternum* mediante as possibilidades abertas de articulação epistêmica variante dos objetos na categorização seguindo a fórmula de facetas nas disciplinas considerando a mutação semântica dos significados que emergem dos modos de captação epistêmica cultural (epistême indígena, popular, erudita, etc) nas práticas sociais hermenêutico-retóricas no processo de construção social do conhecimento possibilitado pela técnica biblioteconômica. A representação temática rangathaniana articula a dança do *informo* e do *informis* da informação na promoção da “reconstrução” democrática da sociedade, ou seja, configura uma tentativa política de justiça epistemológica por meio da representação documental enquanto reparação da dívida histórica escravocrata que aniquilou direito à vida, à liberdade e à dignidade dos seres escravizados.

Historicamente, a violência física e simbólica instaurada pela colonização dos povos e de suas epistêmes deixa inúmeros rastros antidemocráticos: destacamos o rastro epistemicida na metaepistême ocidental identificada nos sistemas de organização do conhecimento aristotélicos que excluem intencionalmente a dinamicidade do conceito de informação (*informo* e *informis*), a qual é acionada na representação documentária outra proposta por Ranganathan. Pensar criticamente a respeito da mesma pressupõe identificar quais são as contribuições filológicas e pragmáticas que tem como prerrogativa operacional determinadas orientações filosóficas postulacionais fundamentais com o objetivo de lançar ao movimento a informação na medida que possibilita o encontro do ser com o conhecimento. Isto ocorre a

partir da representação documentária que expressa as relações fundamentais entre as facetas dos assuntos estabelecidas conforme o fenômeno informativo-documental do domínio do conhecimento construído em cada artefato de informação, o qual é expresso linguisticamente com base na articulação sistemática do *informis* da informação, os conceitos isolados, em uma determinada configuração formal (*informo* da informação) na sintaxe construída a partir do uso da linguagem.

Este rastro fere a dignidade humana e opera como instrumento que promove a perpetuação das desigualdades na medida que os valores éticos, em tese, deveriam implicar na prática à uma recepção ou à uma abertura não condicionada à uma normatização ideológica autorizada em detrimento de outras possíveis: a honra dos povos tradicionais, do povo hindu, do povo negro, de todos os seres marginalizados é uma face oculta, implícita, invisibilizada e silenciada do Estado, a qual é comprometida pela manutenção, muitas vezes acrítica, das estruturas sociais de poder instauradas pelas potências econômicas vencedoras das grandes guerras e refletida nos sistemas de organização do conhecimento aristotélicos.

Contudo, o engajamento político rangathiano emerge da revolução logológica, pacífica e democrática do fazer científico que evoca o contexto social e político do acesso irrestrito à informação como o afastamento consciente da concepção de uma suposta questão estritamente técnica para que consigamos ver as nuances políticas e místicas que atuam no processamento da informação. Isto permite compreender os desafios que se colocam e atuar com uma estratégia de reavaliação das políticas de informação voltadas para a modificação da inversão dos fundamentos ideológicos colonizadores no tratamento da informação. A colonização categorial é um fenômeno infame da epistemologia social e suas raízes remontam à inversão ética do princípio de organização do conhecimento grego pautado na exclusão dos dessemelhantes via hierarquias de grupos de conceitos fechados e invariáveis ao invés da orientação quanto ao significado da informação construído por meio da relação, da alteridade, da interação fundamentalmente orgânica entre as múltiplas facetas do documento cuja esteira do sentido se estende da totalidade do universo do conhecimento relacional nas estantes à totalidade da mesma em sua relação com os usos logológicos pela sociedade e, em decorrência, dos múltiplos efeitos que transformam a mesma. Deste modo, a construção normativa dos fundamentos antidemocráticos da Pólis grega segregacionista e misógina desdobra-se historicamente na perpetuação da violência física e simbólica na sociedade. Estes fundamentos deixam diversos rastros coloniais, dentre os quais, na Biblioteconomia e Ciência da Informação, destacamos a presença da colonização na representação do conhecimento, que não deve, jamais, ser omitida nas pesquisas críticas em organização do conhecimento, por motivos éticos. Em

nossa pesquisa, esta colonização é abordada a partir do contraste da mesma com a proposta política e mística presente na inefabilidade da personalidade (identificada nos conceitos isolados da mesma), que compreendemos ser as peças de uma engrenagem mecânica material que, em sua operação maquinica de promover o encontro da alteridade dos conceitos no meio social, possibilita a encontrabilidade da informação relacional na sintaxe para fins de emancipação social, resistência cultural, religiosa e justiça epistemológica.

A Personalidade compreende todas as perspectivas fatuais (nos documentos) e as possíveis, que se referem às possibilidades via ação logológico-política do homem que possibilita reconfigurar, interferir na “face” visível e representável dos assuntos, assim como permite a reivenção ou o melhoramento dos seres e, por extensão, da própria sociedade e realidade transcendente não compreendida pela humanidade em sua completude, apenas parcialmente, principalmente pela via intuitiva e sensitiva. Dito de outro modo, a Personalidade compreende todas as perspectivas reais e possíveis a respeito das reconfigurações dos assuntos, dos seres e do mundo via ação do homem, pois os mesmos são indissociáveis no hinduísmo, toda ação logológica, ideias relacionais documentadas reverberam uma destinação oculta e velada à nossa compreensão, pois não se mostra inteiramente apenas pela linguagem e no momento presente. A Personalidade também pode ser compreendida como partícipe fundamental de um instrumento que opera como princípio do movimento do transcendente com o mundo material via ação logológica, de transformação de tudo que existe a partir da linguagem em uso (processo este que se inicia previamente pela articulação de ideias no pensamento, e em sua organicidade, em sua vida informacional e humana, é interpretado pelo usuário de um modo diferente e este último é traduzido e representado por uma linguagem documentária que permite a recuperação e uso, isto é apenas um instante ou contexto de uso específico de um movimento informacional invisível que respeita a liberdade do usuário em utilizar ou não esta informação, de aplicar ou não a mesma para a mudança social, e, escolhendo fazer a aplicação da informação na realidade, o usuário torna-se um instrumento, tal como a *Colon Classification*, de ser instrumento de transformação, de utilizar ou descobrir o poder de transformar a sua própria realidade e os retornos a ela associados, de transformar e fazer avançar o conhecimento científico que se transforma neste novo contexto de uso, fortalecendo a cidadania dos seres de todas as classes sociais, tudo isto dependente dos acessos e aplicações informativas). A transformação a respeito de um assunto em sua totalidade transcendental transcende o mundo material e a área da Ciência da Informação, ou seja, é o sagrado transcendente representado na “árvore banyana centenária”, o qual respeita, sempre, a liberdade de escolha dos homens em relação à opção do acesso informativo, assim como respeita a

disseminação do bem e do mal como uma consequência dos usos informativos. A Personalidade diz respeito ao fundamento epistemológico que origina um novo mundo, à possibilidade de libertação do processo milenar de permanência do poder maléfico, retrógrado e desumano de doutrinação ideológica imposta pela burguesia, pelo colonialismo, ou seja, permite à humanidade atingir a verdadeira liberdade da mente que redescobre duplamente que a configuração de mundo atual é instável, mutável (é *informis* na realidade, mesmo que a aparência do mundo pareça fixa, isto não é uma realidade, sempre há um caminho possível para a transformação de tudo que existe) e o seu poder de atuação no mundo implica na reconfiguração, na instauração pela ação logológica e política de uma nova face do mundo, fazendo pleno uso do conhecimento registrado reavaliado segundo a realidade de um novo contexto para satisfazer as necessidades humanas constitucionais.

É um objetivo ascensional, purificador e santificador da humanidade, gozando do livre arbítrio divino, que sejam análogos como instrumento da renovação da face da realidade social ou do mundo, tal como o instrumento da classificação de Ranganathan que permite renovar ou reinventar a face dos assuntos e do mundo, transformando e concretizando quem desejamos nos tornar e o mundo que desejamos viver, mesmo que estes frutos sejam posteriores à nossa existência finita. A ação informativa serve para reverter o projeto ideológico grego de desumanização dos seres e da exclusão dos seus direitos constitucionais fundamentais e básicos.

A humanidade pode ser instrumento de cura e renovação, que é uma consequência desta renovação informacional nas ações logológicas, que, por meio das mesmas, nos tornamos instrumento à serviço da humanidade por meio da doação de todo o nosso ser de modo prático, para que sejamos capazes de existir no mundo material dentro do tempo de vida estipulado pelo transcendente e também existir no mundo transcendente no pós vida, eternamente, integrando e acrescentando ideias que compõem o grande planejamento de renovação de mundo pensado por Ranganathan e que opera a todo instante, pois orgânico, dependendo apenas das escolhas informativas dos usuários. Sejam, nós, os Bibliotecários, responsáveis em nosso compromisso ético de executar o destino da informação, destino, esperamos, florido, pois escolhido como missão de vida e devidamente planejado, o destino dos livros, dos seres e da cura do mundo a partir dos melhoramentos ou revisões dos modos da representação documental cada vez mais humanizada, mais em serviço à ascensão da humanidade em sabedoria provada em suas ações. Deste modo, a entrega de todo o nosso ser, nosso intelecto, nossa completude não conhecida completamente, torna o Bibliotecário um instrumento que permite concretizar o planejamento divino e transcendental pensado por Ranganathan.

As diversas ofertas informativas permitem à humanidade: (i) orientar a mesma de modo a atingir maior clareza para as tomadas de decisão com o auxílio da informação, ou seja, permite mostrar caminhos ou relações possíveis a respeito dos objetos documentais, de modo a aplicar uma nova perspectiva de análise investigativa na resolução das questões sociais emergentes, de modo a possibilitar a reversão ou transformação, por exemplo, das desigualdades sociais, raciais, religiosas, epistemológicas; (ii) transformar a injustiça epistêmica em justiça epistêmica, sendo esta transformação abordada em um sentido amplo que transcende a área da Ciência da Informação, mas, na mesma, diz respeito ao princípio da transformação a partir da escolha da humanidade de aplicar a informação recuperada para transformar tudo que deseja, e esta totalidade pragmático-transcendental é orgânica, relacional e dinâmica nas ações logológico-políticas, na medida que cada conceito isolado integra a totalidade da experiência da vida de cada homem composta pelos poderes das informações descobertas ao longo das eras quando de sua oxigenação ou aplicações no mundo empírico - o mundo epistemológico-político dos homens.

O transcendente documental rangathiano não toma ações por si só, haja visto que as ações informativas resultam da escolha do homem em acessar e/ou refletir a respeito dos significados das informações em suas pesquisas e, também, em suas vidas, de modo a movimentar estas informações, as quais adquirem vida e recompensam os usuários com a vida da informação germinada dos usos, em um processo informativo associado à orientação transcendental nas vivências subjetivas e culturais desta informação consultada. No processo da consulta e reflexão informacional, é relevante considerar algumas variáveis hermenêuticas que influenciam na percepção da mesma: o autoconhecimento do leitor, a sua diferença do modo de leitura outro; o grau de clareza ou obscuridade do bom ou mal planejamento referente aos efeitos informativos na destinação da informação mesclada com a destinação do próprio usuário, ou seja, o propósito do uso da informação que desdobra em efeitos diversos, dos quais destacamos a beleza de presenciar nos usuários o seu desenvolvimento, do Bibliotecário acompanhar o aperfeiçoamento das capacidades intelectuais de um pesquisador, de um artista, etc, pelos mesmos e da própria destinação da informação enquanto composta pelos conceitos abertos articulados e rearticulados, considerada em suas muitas releituras para as reinvenções de mundo que a mesma proporciona via ação do homem, a pura transformação não visível mas real é a face da Personalidade em sua vida eterna mutável na árvore baniana, expressa parcialmente aos homens e Bibliotecários em suas múltiplas traduções conceituais representáveis documentalmente e implicações materiais decorrentes dos usos.

A informação é um instrumento que possibilita a descoberta de um caminho possível de transformação, considerando a missão de vida escolhida pelo leitor, caminho este que demanda, necessariamente, o pleno gozo dos direitos constitucionais de acesso informacional para arquitetar ou planejar as ações informativas transformadoras da sociedade e do indivíduo. Estas variáveis encantam cada vez mais no campo da Ciência da Informação: os poderes da informação que “sobrevoam” o céu e a terra, da informação que a tudo transforma em seu renascimento nos usos que atravessam invariavelmente, em maior ou menor grau, o “toque” da mesma no coração, alma via alteridade dos homens, conforme os contornos contextuais ou limites epistemológicos ou horizontes de compreensão alcançados pelo conhecimento e sabedoria dos próprios usuários e o quanto estão abertos à recepção, à escuta, à vivência e à aplicação da informação dentro e fora do escopo científico da produção científico-documental.

A Personalidade diz respeito à totalidade da travessia da vida do homem e da informação pela perspectiva da alteridade e do renascimento, pelo viés místico hindu, que não separa o homem do sagrado, mas compreende a informação como princípio de transformação, mescla da comunicação viva entre o passado, presente e futuro do universo do conhecimento vivo nos usos. Tudo isto resulta na transformação do ser particular, do mundo (que permeia a luta dos direitos políticos epistemicidas, a ecologia da informação, o respeito ao direito à garantia ocupacional do pertencimento ancestral do direito à ocupação da terra pertencente aos povos originários tão injustiçados e desumanizados - em amplos sentidos -, o reconhecimento do adoecimento coletivo causado pela lógica capitalista imposta pela vitória da burguesia na revolução francesa, considerando que o poder conquistado à força, pela guerra, não é eterno, mesmo que à percepção humana, dentro dos limites do tempo de uma vida particular, assim possa parecer, mas, fugindo da ludibriação, da manipulação colonizadora da filosofia grega na contemporaneidade da universalidade e estabilidade metafísica, a roda da vida do mundo e da informação que mesclam-se nos usos têm o poder duplo de edificar e desmoronar o que aparentava ser eterno e toda configuração de mundo aparente, a estrutura de poder da sociedade, é processo milenar condicionado, primordialmente, à representação documental e à escolha do usuário em utilizar a informação, o que implica na possibilidade do agir informado e, tenhamos esperança, ético. Deste modo, os efeitos transformadores da sociedade a partir do acesso à informação, responsabilidade estritamente humana, jamais estão relacionados com atos transcendentais de invasão do livre arbítrio dos homens, pois o mesmo não executa de modo autônomo a transformação social e a justiça epistemológica.

A Personalidade, tal como uma árvore milenar centenária que, no auge de sua sabedoria, persevera, suporta as ignorâncias e violências humanas, mas, por reinar no sagrado humano

(este não tem maior importância do que a vida comum do homem: sagrado e ordinário coabitam em pé de igualdade, cabendo ao homem tornar-se mais consciente dos benefícios de adquirir virtudes em sua jornada que o sacralizam, sendo ambos medidos por uma balança que ora pesa mais para um lado, ora mais para o outro, como o movimento das notas musicais criadas pelos músicos, como as ondas do mar, como o movimento do encontro das águas do rio com as águas do oceano, ou seja, nada da vida material é separada do sagrado e do espiritual, nada material é insignificante e toda a vivência, a experiência com a vida da informação é uma oportunidade de extrair aprendizado, significado, de adquirir maior humildade epistemológica e humana aplicando a informação na vida ordinária para transformá-la, ou não adquirir nada e desperdiçar os benefícios da experiência mística com a informação, que é a condição da liberdade humana garantida ao homem pelo transcendente) que, na Biblioteconomia e Ciência da Informação, diz respeito à espera dos usos informacionais direcionados ao bem, ao melhoramento da sociedade e à sabedoria atingida pela vivência da informação utilizada de modo a reverberar a luz do conhecimento pelo mundo ao longo das eras, superando o tempo de vida humano.

As categorias que o homem formula são fortemente condicionadas pela cultura em que nascem (SHERA, 1959). Isto implica que é relevante investigar e ponderar as contribuições da corrente teórica cultural hindu do sistema de organização do conhecimento rangianathiano para a manutenção do rigor científico na fundamentação da garantia literária e cultural para os demais sistemas, ou seja, estabelecer um método indutivo, das contribuições deste sistema particular aos demais, os sistemas ditos universais, como a Classificação Decimal de Dewey (CDD), Classificação Decimal Universal (CDU), etc. Para isto, é preciso considerar que os contextos políticos emergentes (ou a realidade social) nos quais as bibliotecas se inserem se modificam, tendo em vista as consequências inevitáveis das ações biblioteconômicas arbitrárias (as ações referem-se às escolhas das categorias que mediam os usos da informação) que, na passagem do tempo, dão forma ou configuram (*informo*) as informações artificialmente estruturadas, conectadas via colon na representação documental expressa na sintaxe deste sistema. Isto permite tornar possível as infinitas possibilidades de reconfiguração (*informis*) ou desdobramentos do mundo outros (estes referem-se à reconfiguração do universo do conhecimento e dos seres, que mesclam-se nesta perspectiva cultural) quando da mudança da escolha categórica para a estruturação da informação advinda de uma cultura outra, o que consideramos uma vantagem ético-epistêmica do legado rangianathiano à Biblioteconomia e Ciência da Informação, ou seja, da ciência à serviço da humanidade, da possibilidade de renovação do mundo a partir das atividades biblioteconômicas exercidas politicamente de modo mais consciente, o que é um pensamento visionário rangianathiano, um sonho (plano ideal)

tangível (plano verbal, dos usos e reusos informacionais), ou seja, um planejamento de um sonho “com os pés no chão”, que consiste na esperança de um mundo com maior justiça epistêmica, do melhoramento e reivenção dos próprios conhecimentos e seres, haja visto que os mesmos não são considerados imutáveis, conforme preconiza a lógica aristotélica, e mesclam-se na vida pública, constitucional, do homem socializado, rehumanizado e pertencente aos direitos sociais com o auxílio da informação de qualidade fornecida pelas tecnologias de informação. Deste modo, considerar as dinâmicas entre o *informo* e o *informis* para a estruturação da informação tendo como base a enunciação ou listagem e articulação entre facetas ou conceitos isolados não hierarquizados implica na possibilidade de reconfiguração de toda a realidade, pois a mesma é um grande jogo de linguagem que possui uma aparência formal mutável - democrática ou antidemocrática - que é uma consequência das ações passadas da humanidade desde o período da Antiguidade Grega, o que acarretou numa herança colonizadora principalmente advinda de Aristóteles que implica na contemporaneidade, em um vies político, à tentativa de retirar a responsabilidade das ações sociais (construídas ou destruídas nos pequenos ou grandes gestos de exclusão antidemocrática dos direitos políticos dos seres dessemelhantes ou de omissão aos atos políticos epistemicidas e racistas na estruturação da informação que desumaniza a informação e o homem - noções que mesclam-se, são relacionadas entre si, a informação, o conhecimento e o homem), dentre as quais as biblioteconômicas, para gerar uma conformidade às injustiças sociais das classes privilegiadas e não um engajamento político da luta coletiva dos Bibliotecários que, nas atividades profissionais nas bibliotecas, no auxílio ao manuseio de fontes de informação para os pesquisadores e, no ensino em Biblioteconomia e Ciência da Informação, buscam o combate às desigualdades sociais a partir do acesso democrático às infraestruturas informacionais que operam a partir das mais recentes descobertas científicas referentes aos métodos de representação documental.

Na proposta rangathiana, a garantia da validação dos termos utilizados para a estruturação da informação ocorre a partir da prerrogativa metaepistemológica da geneologia da informação ou do surgimento e representação do conhecimento documental conforme os preceitos estabelecidos pela cultura hindu. Especificamente, este rigor mencionado, em nossa pesquisa, refere-se à representação documental sob o ponto de vista epistemológico dos aspectos da organização do conhecimento fundamentados pela cultura hindu, ou seja, sob a perspectiva relacional ou da alteridade antiessencialista (referente à ruptura radical com a cultura grega, que foi o berço da organização do conhecimento) destas garantias literárias e culturais que remetem à dinamicidade e mutação semântica do universo do conhecimento.

Remete, principalmente, também, à conscientização política necessária à elaboração formal-institucional-científica da justificativa contextual da escolha de determinada ideologia utilizada como critério de análise dos objetos para a estruturação da informação, o próprio fundamento da organização do conhecimento selecionado que não é, em si, verdadeiro ou falso, mas utilitário em um contexto social, cultural e político específico, a partir do qual possibilita à sociedade obter acesso às informações científicas organizadas sob pontos de vista de diferentes culturas para que seja possível elaborar, criar, pensar, discursar e, por fim, produzir documentalmente novos conhecimentos transformados e transformadores da sociedade e dos seres com base nas diferentes percepções subjetivas, culturais e políticas, tendo como base os aspectos e conexões epistemológicas documentais representadas (as explícitas no plano verbal) e, a partir destas, as possíveis (as possibilidades abertas de formação do conhecimento que partem do plano ideal, o qual não tem expressão verbal por estar fora do tempo, em fundamento transformador, infinito tal como o horizonte além do horizonte de compreensão visual e verbal-racional-logológico - o transcendente invisível salvaguardado na representação documental de modo velado que permite a explicitação do conhecimento documental no plano verbal), que são os modos possíveis de preservação da memória viva, que, repetimos, é construída socialmente e que guarda o poder de reconstruir realidades por meio das ações orientadas pelas informações consultadas. Deste modo, os aspectos culturais, ideológicos, políticos e cronológicos presentes em todas as propostas categoriais não devem, jamais, ser desconsiderados nos diálogos contemporâneos no campo da organização do conhecimento. As categorias rangathanianas representam, recuperam e preservam não apenas as ideias articuladas no discurso documental, mas também todo o destino da informação que mescla-se com o destino dos seres para além do tempo limite destinado à existência e reflexão humana: a *Colon Classification* permite vencer os limites do tempo pelos quais a percepção subjetiva epistemológica está sujeita, os limites cognitivos da compreensão dos seres particulares - a consulta à informação - e da compreensão do conhecimento na esfera pública - o debate entre os seres a respeito do conhecimento; este sistema busca transcender a condição humana com a fé na destinação orientada pelo transcendente, para efetivar no plano material o grande plano transcendente oculto à compreensão humana que busca a maior conscientização humana possível, que leva, esperamos, à paz, à justiça epistêmica, à bondade e à igualdade dos direitos humanos, sem que haja interferência no livre arbítrio dos homens, os quais optam, idealmente, com sabedoria e, nos aprendizados extraídos da vivência da vida, reinventam quem sonham ser, quem desejam tornar-se e qual o mundo sonhado desejam concretizar: informação é poder condicionado aos usos humanos.

A proposta do modelo de representação do conhecimento rangathaniano busca realizar a tradução situada ou contextual conforme a expressão logológica na sintaxe de representação documental em um instante temporal específico na produção do conhecimento com base na definição e relação entre as facetas de assunto visando à transformação do conhecimento e da sociedade. Este instante impresso no documento é um fragmento do universo do conhecimento - uma configuração formal (*informo*) específica - que reflete o contexto macro da interação global do universo do conhecimento - em si mesmo, ininteligível, pois infinito em possibilidades de articulação - percebido e interpretado pela sociedade nos artefatos informacionais representados com base na utilização de uma linguagem documentária, universo este que adquire vida apenas quando os livros são utilizados. Esta proposta possibilita o desdobramento material ou o “efeito sofisticado” conforme a proposta da filosofia cassiana das relações possíveis estabelecidas no universo do conhecimento evocadas a partir dos usos linguísticos, pois, na pragmática rangathaniana, é a linguagem em movimento que gera os significados e transformações pessoais e coletivas.

Representar o conhecimento a partir da perspectiva hindu significa fazer o uso social e consciente do mesmo a partir da sintaxe nos artefatos informacionais que possibilita a socialização do conhecimento em um sentido amplo, social, transformador de realidades, para além dos limites conceituais estabelecidos pela definição terminológica nos fundamentos da Biblioteconomia e Ciência da Informação ocidental. Isto implica no resgate, no plano material ou linguístico, das diversas possibilidades de aprimoramento do conhecimento e da sociedade considerando o poder das dinâmicas da informação (*informo* e *informis*), em um processo simbólico e místico cujos sentidos documentais não são esgotados nas dinâmicas discursivas, pois ocorrem primeiro no transcendente de modo velado e, em seguida, são transpostos à materialização nos documentos de modo limitado em relação à riqueza epistemológica do plano ideal, pois verbal. O poder da informação em sua face visível e invisível é identificada nas muitas intervenções da “energia da mãe” (“*light of the mother*”) no processo de produção do conhecimento que permite superar os limites temporais e regionais dos sujeitos usuários da informação que são cada vez mais integrados à sociedade devido ao trunfo epistemológico da emancipação social por meio do pensamento visionário rangathaniano que proporciona a possibilidade de examinar atentamente, cientificamente, o conhecimento expresso em diferentes instantes temporais no universo do conhecimento, os quais não são considerados verdadeiros em si mesmos, pois todo o conhecimento expresso linguisticamente na realidade material está *sub judice* à luz do conhecimento futuro, ou seja, à luz da complexidade

transcendente do universo do conhecimento, o qual invariavelmente triunfa sobre o mundo e sobre o ser, transformando tudo o que há.

Os desafios relativos ao modelo de representação do conhecimento rangathaniano dizem respeito à: (i) complexidade do universo do conhecimento relacional; (ii) necessidade de identificar na literatura (garantia literária) quais são os conceitos isolados que operam como uma engrenagem mecânica colonada nas fórmulas de facetas que impulsionam a materialização na realidade social da relação epistemológica complexa fundamental do universo do conhecimento desdobrada a partir dos efeitos do dizer informativo documental para a integração, equidade social, dignidade da pessoa humana e empoderamento coletivo condicionado fundamentalmente ao acesso irrestrito e constitucional dos artefatos informacionais nas bibliotecas; (iii) consideração das implicações ideológicas e políticas para a mudança democrática das estruturas sociais pautadas nas relações de poder do mercado deturpada pelos interesses antidemocráticos da colonização, no caso rangathaniano, inglesa; (iv) permanente necessidade de explicitação e exame pragmático da relevância contextual dos critérios científicos utilizados para a formulação e adoção arbitrária de determinadas categorias para a análise dos objetos, as quais exercem influência implícita ou explícita na intencionalidade discursiva no processo de construção da representação do conhecimento relacional com base nas fórmulas de facetas.

As implicações decorrentes da adoção de determinadas categorias metaepistemológicas pelos Bibliotecários dizem respeito, também, à instauração ou materialização de nuances democráticas ou antidemocráticas por meio da conformação das mesmas no processo coletivo de construção e manutenção crítica ou acrítica de um pensamento político, cultural, científico, filosófico e popular a respeito do significado e métodos utilizados (dentre os possíveis, as categorias) empregados no fazer epistemológico da representação documental, que, lembramos, sempre possui implicações sociais diretas no nível social macro que implicam na construção ou corrupção democrática, pois esta representação não é uma técnica biblioteconômica que possa ser considerada de modo separado do contexto no qual se insere, separada da sociedade e, portanto, possui diversas consequências para a mesma.

O postulado das categorias fundamentais de Ranganathan opera como uma alternativa epistemológica democrática que clama pela variedade cultural, multiplicidade e policotomia em seu modelo proposto de estruturação da informação necessário à representação documental. É interessante utilizar este postulado hindu para identificar e problematizar quais são as influências e implicações éticas decorrentes da adoção arbitrária de princípios epistemológicos integralmente conformados à concepção da cultura ocidental nas práticas contemporâneas de

ensino e pesquisa em organização do conhecimento. Isto permite analisar as vantagens epistemológicas democráticas direcionadas ao exercício do pensamento crítico nas escolhas epistemológicas para a estruturação da informação, que são práticas profissionais e científicas que implicam na função democrática das bibliotecas para a emancipação social. Deste modo, a aplicação de determinadas teorias alternativas torna cada vez mais completa e sistemática as alternativas, as variedades científico-epistêmicas possíveis para o aperfeiçoamento da estruturação da informação para a representação do conhecimento à luz das mudanças - as descobertas científicas referentes aos modos alternativos de organização do conhecimento - dos contextos sociais e epistemológicos, considerando as necessidades informacionais dos usuários para utilizar a informação para a qualquer realização material de seus planos profissionais e pessoais de vida, tanto a curto, médio ou longo prazo (aprendizado ao longo da vida).

As noções fundamentais da teoria da não conceitualidade são ricas quanto às contribuições à sociedade, na medida que dizem respeito às questões democráticas negligenciadas no processamento da informação estritamente fundamentado nos fundamentos epistemológicos ocidentais. Estas noções, por expressarem pragmaticamente a subjetividade referente à abertura das relações conceituais pelas quais a construção do conhecimento ocorre, enriquecem as discussões, reflexões e ações científico-epistêmicas que possuem o poder, caso bem sucedidas, de aprimorar a representação do conhecimento relacional com base nas dinâmicas entre o *informo* e o *informis* da informação. Para isto, é preciso identificar, escutar genuinamente e atentamente as demandas sociais da comunidade usuária para que seja possível identificar e considerar, principalmente, as nuances político-coloniais que envolvem quaisquer propostas de categorização enquanto estímulo à sua renovação em direção à sua integração ao movimento antiracista nas práticas de ensino e pesquisa referenciadas. Estas nuances são referentes à nossa crítica referente ao aspecto ideológico antidemocrático presente na exclusão dos dessemelhantes hierárquicos e da alteridade relacional do conhecimento na representação documentária e que pode implicar, também, nos usos informativos condicionados à mentalidade colonizadora do surgimento do conhecimento documental e cultural, muitas vezes isto ocorre de modo acrítico, enquanto consequência negativa da adoção milenar do modelo aristotélico na representação documentária.

Uma das centralidades deste aspecto refere-se à concepção epistêmico-normativa dos antigos sistemas de organização do conhecimento aristotélicos que, quando evocados, podem facilitar a perpetuação da exclusão epistemológica dos dessemelhantes decorrente do gesto categorial hierárquico, conforme anteriormente citado brevemente. Isto configura uma implicação epistemológica decorrente da negação da alteridade e do cunho relacional do

universo do conhecimento. O poder concedido ao uso de qualquer sistema de organização do conhecimento consiste no risco de fazer uso de um aparato tecnológico informacional que instaure e estimule a injustiça epistêmica, de modo a disseminar ideologias antidemocráticas diversas presentes na representação documental e na sociedade.

Historicamente, a colonização epistemológica na representação documental pode ser efetuada com o auxílio do poder conferido às metaestruturas informacionais tecnológicas. Tendo em vista que algumas das mesmas são interoperáveis semanticamente, disto decorre que a estruturação da informação ocidental fundamenta-se com base na arbitrariedade na seleção dos aspectos significativos e positivos (*informo* da informação) expressos que, na afirmação de sua expressão na representação, invisibiliza todo o conjunto da diversidade relacional atual e possível dos aspectos epistemológicos negativos do *informis* da informação socialmente identificados nas teias logológicas documentais complexas no processo racional-pragmático e místico da produção do conhecimento.

Existe uma dívida histórica escravocrata decorrente da influência da ideologia epistemicida nos sistemas de organização do conhecimento aristotélicos, por isso é um dever ético identificar as possíveis injustiças epistêmicas e avaliar quais os critérios adotados nos mesmos para a estruturação da informação. É preciso estar atento às necessidades de conquistar e reconquistar o direito à liberdade de pensamento, da livre expressão, e, principalmente, de assegurar o direito de acesso à memória documental, na medida que as possíveis atualizações científicas referentes aos processos de representação documental outros integram politicamente a luta coletiva pela democracia democrática.

A categorização hindu ranganathiana é um modo possível de revolução epistemológica que propõe superar a obsolescência e inconstitucionalidade presente nos procedimentos de representação documental ocidentais até então considerados cientificamente verdadeiros e universais. Esta revolução instaura no campo da organização do conhecimento uma perspectiva crítica a respeito da estruturação alternativa e dos múltiplos efeitos democráticos do conhecimento complexo decorrentes do uso documental na sociedade.

A perspectiva mística da categorização ranganathiana concebe que o universo do conhecimento, fundamentalmente orgânico e dinâmico, possui uma destinação, tal como o homem, e o mesmo diz respeito à conexão fundamental e orgânica do mundo material com o transcendente. Este universo caminha no mundo não de modo autônomo, por si, como o homem ou as estrelas fixas, mas necessariamente com base na perspectiva da existência dos significados conceituais atrelados às ações de acesso e tradução permanente da informação epistemológico-documental, as quais implicam na mutação semântica que caracteriza as dinâmicas desdobradas

nos reusos documentais do universo do conhecimento. Neste sentido, a *Colon Classification* permite localizar os agrupamentos sistemáticos das relações conceituais diversas nos fenômenos informativos documentais referentes à manifestação empírica dos objetos de estudo de interesse, de modo a permitir, a partir do acesso aos mesmos, a reconfiguração da sociedade e do conhecimento (reconfiguração dos objetos na diferença obtida pelas diversas percepções epistêmico-culturais e usos) através dos benefícios democráticos obtidos nos efeitos materiais e sociais do uso da linguagem em movimento tanto na oralidade quanto na produção documental. Isto implica diretamente na renovação do mundo por meio do avanço da descoberta científica das dinâmicas entre *informo* e *informis* na representação documental com base no fundamento epistemológico alternativo da diferença e alteridade decorrente da percepção subjetiva e cultural complexa dos conceitos pela sociedade.

A acessibilidade democrática ao conhecimento relacional aberto (a abertura do ser confunde-se com a abertura do saber, pois a informação é humanizada) permite superar os diversos limites da condição humana limitada sinalizada por Hannah Arendt, os quais referem-se ao alcance situado, contextual e mutável da configuração formal epistemológica conforme a expressão logológica da interpretação humana registrada e representada documentalmente (os diversos limites do conhecimento dizem respeito aos aspectos temporais, econômicos, geográficos, dentre outros, os quais orientam a intencionalidade discursivo-ideológica na produção do conhecimento documental *sub judice*), que reverbera para além da expressão positiva do *logos*.

Partimos do pressuposto que os modelos de representação do conhecimento fundamentados na lógica aristotélica são obsoletos devido aos gestos classificatórios excludentes que falham na tentativa epistemológica ocidental de representação documental. Estes modelos não são capazes de fornecer à sociedade a dinamicidade relacional da informação proposta por Ranganathan que implicam nas possibilidades diversas de instauração material da informação socializada. Esta é utilizada para a reconfiguração da realidade planejada e executada pela *Colon Classification* através da resistência epistemológica da categorização alternativa que resgata a filosofia hindu no processamento da informação buscando a justiça epistemológica e a modificação das estruturas desiguais de poder. Estas são fortalecidas pelo uso de modelos de representação do conhecimento que surgiram no contexto social e político do pensamento decolonial. Isto implica que estes modelos aristotélicos são problemáticos à obtenção dos efeitos decorrentes da democracia documentária.

Uma das problemáticas da lógica aristotélica em relação à utilização da mesma como fundamento único dos sistemas de organização do conhecimento diz respeito à representação

documental ancorada com base na universalização *a priori* do universo do conhecimento, o qual deve ser utilizado para fundamentar a representação a partir da definição terminológica invariável dos conceitos hierarquizados. Ainda a respeito do argumento aristotélico essencialista enquanto hipótese única de representação, historicamente, este foi consolidado no campo da organização do conhecimento. Devido a isto, ocorreu a conformidade, consciente ou não, à ideologia antidemocrática grega aplicada nos processos biblioteconômicos, o que implicou que os mesmos são pautados, ainda, na exclusão dicotômica dos dessemelhantes e na defesa do cunho universalista do conhecimento em detrimento dos aspectos relacionais e negativos (*informis*) na representação documental. Nisto consiste a principal obsolescência epistemológica destes sistemas.

A grande questão que se coloca à completa e irrestrita conformidade da lógica aristotélica aplicada aos fundamentos epistemológicos autorizados para a estruturação da informação diz respeito à desconsideração e aniquilação de quaisquer possibilidades de adesão aos fundamentos epistemológicos advindos de culturas outras, os quais buscam satisfazer estas possibilidades científicas de representação e resgate epistêmico da memória coletiva cuja preservação e registro é de responsabilidade ético-democrática do Bibliotecário com base na aplicação das técnicas de tratamento da informação alternativas, seguindo os avanços científicos da organização do conhecimento contemporânea.

Ranganathan concebe que toda a realidade material e transcendente interage fundamentalmente através do movimento linguístico nos usos da informação. Um dos desdobramentos teóricos possíveis deste movimento sinalizado pela filosofia hindu na *Colon Classification* de Ranganathan, em nossa análise pragmática wittgensteiniana, é identificado na dança ou na dinamicidade do *informo* e do *informis* da informação, sendo a personalidade a “figura” pragmática que possibilita a representação das traduções logológicas possíveis da representação temática relacional.

A proposta rangathaniana configura uma proposta de processamento da informação outra que possui implicações sociais desejadas firmadas na garantia literária e cultural, que são pontos fulcrais para assegurar a manutenção da democracia documental fundamentada.

A variedade dos fundamentos epistemológicos para o processamento da informação permite ao Bibliotecário fazer o exame da relevância social da mesma para que tenha uma maior gama de informações que permitam uma tomada de decisão mais consciente referente às escolhas do(s) fundamento(s) metaepistemológicos utilizados para estruturar a informação de modo a servir às necessidades informacionais dos usuários à luz de um contexto social particular no qual a biblioteca está inserida. Isto permite o alargamento epistemológico da

representação documentária da variedade epistêmica do universo do conhecimento, assim como a possibilidade de entrecruzar a vivência particular do usuário orientado pelas descobertas e amparado misticamente pelos aprendizados social-ancestrais documentais. O acesso informacional é um processo biblioteconômico de tratamento e recuperação da informação fundamentalmente constitucional, logo, humanizado.

A proposta de atuação política revolucionária ranganathiana de categorização consiste na apropriação epistêmico-filológica na representação documental como um jogo de linguagem interacional com a sociedade, do ponto de vista cultural hindu, o que configura uma tentativa democrática de promoção à igualdade social do direito à informação.

A Personalidade, na categorização, denota apenas conceitos isolados identificados pelo método dos resíduos na formula de facetas nas disciplinas. É privada de forma, de sentido e de essência por si, pois esta última rompe com a lógica aristotélica epistemicida. Por isto, opera como um elemento de representação documental informe. Propõe reverter cada rastro epistêmico do poder político conquistado pela força bruta na colonização dos seres e de suas epistêmes, pois busca superar a supremacia operacional dos sistemas de organização do conhecimento ocidentais.

Sendo um conceito residual, adquire existência nos rastros democráticos de sua função na representação documental, recuperação e uso, os quais dizem respeito à promoção da mutação semântica dos conceitos na produção documental outra, nos discursos e também à transformação do mundo a partir dos efeitos sofisticos do *logos* materializado nos documentos, o plano verbal, na marcha dos saberes.

A luta antirracista evoca o combate implacável às estruturas de poder antidemocráticas identificadas na sociedade e nos instrumentos biblioteconômicos derivados da lógica aristotélica.

Observamos a constituição de ideologias antidemocráticas instauradas e perpetuadas historicamente na sociedade, as quais são reproduzidas conforme a identificação da exclusão epistemológica decorrente da hierarquização dos grupos de conceitos na formulação da proposta e de uso dos sistemas de organização do conhecimento de fundamentação ideológica aristotélica. É responsabilidade social do bibliotecário pensar criticamente a respeito das estratégias alternativas, ou seja, as vias de democratização da representação documental, conforme abordadas nas discussões contemporâneas no campo da organização do conhecimento.

Distante de uma noção reducionista ou estritamente técnica a respeito da categorização, propomos tratar a respeito das nuances ético-epistêmicas e efeitos sociais que envolvem a

mesma. Na perspectiva rangathaniana, a sociedade, o transcendente e os instrumentos biblioteconômicos operam como um único organismo complexo e dinâmico, o qual demanda a investigação científica continuamente emergente do conceito de informação aplicado à operacionalização biblioteconômica de tratamento e recuperação da informação documental, especialmente representada no quinto mantra que evoca a superação epistemológica dos limites das estruturas arbóreas clássicas, as quais respondem apenas estritamente pelo *informo* da informação.

O movimento de evocação da dinâmica das formas de vida da informação no *informo* e *informis* da informação no aparato técnico instrumental biblioteconômico rangathaniano concebe a representação documental enquanto abertura semântica ao conhecimento e ao ser, a partir das possibilidades de reconfiguração (*informis*) tanto do conhecimento, do ser e da sociedade. Isto implica no aprimoramento dos mesmos derivado da energia de conexão fundamental arcaica do universo do conhecimento, a energia colonada (:) rangathaniana, que atravessa as dinâmicas discursivas e transcendentais da informação advindas da Mãe (*Light of the Mother*).

Fundamentalmente, a energia colonada utilizada para a representação documental estimula a alteridade entre os seres e a totalidade do universo do conhecimento (ou entre seres e ideias), sendo que este último está continuamente *sub judice* nos diálogos sociais ou nas trocas informativas, pois o pressuposto metaepistemológico concebe que a ciência não produz verdades, apenas evidências científicas contextuais que podem ser refutadas, especialmente quando referem-se às humanidades e ciências sociais.

O movimento da espiral do conhecimento hindu remete à dinamicidade da informação rehumanizada, que é lançada à sociedade a partir dos usos proporcionados pelos processos biblioteconômicos de tratamento da informação. Estes lançam duplamente à existência os usos da informação e os efeitos do dizer no mundo, os quais impulsionam a transformação dos seres e dos saberes em um processo pragmático-transcendental que supera e rompe com o princípio da identidade aristotélica com base no fundamento do conhecimento relacional ou da alteridade epistemológica. Este duplo lançamento pode ser compreendido como um processo extramental, transcendente e orgânico-material-documental, no qual os seres e saberes são concebidos numa integração relacional, na completude do movimento da ideia imanifesta e inefável que habita o plano ideal, não cognoscível, seguido temporalmente da transformação da ideia pura no discurso articulado no plano verbal (aqui, o *informis* ganha uma expressão ou tradução situada e contextual no *informo* através do qual o Bibliotecário efetua a representação documental - e a pureza do plano verbal reside no reino transcendente-ideal da esperança, da paz, da

infantilidade sonhadora que tem a certeza e a fé que tudo que podemos sonhar, a matéria dos sonhos, pode ser edificada pela matéria do mundo real, a fé no poder da reconfiguração infinita da realidade construída pelo intelecto, pela intuição, pelo sonho e pela alegria mais pura em nós, pois anterior à nossa existência na totalidade arcaica do universo do conhecimento), que é material e documental, cujos desdobramentos ocorrem nos efeitos sociais, orientados pela energia transcendente sem forma, informe: na pragmática rangathaniana, não existe uma separação da informação em si como na cultura ocidental, esta é concebida a partir da ideia em movimento logológico, pela qual toda a formação do conhecimento (*informo*) é uma articulação viva entre *informo* e *informis* concebida abarcando toda a existência, todo o ciclo da vida para além da finitude da vida humana, pois místico, que parte da idealidade platônica da pureza do pensamento que segue o fluxo, tal como um rio, em direção às possibilidades infinitas de tradução logológicas que ocorrem simultaneamente na matéria dos seres, documentos e mundo, na sociedade e no reino do infinito transcendente sem espaço e sem tempo enquanto centelha divina que preenche o universo interior do homem e suas faculdades intelectivas, evocando e estimulando a materialização da totalidade do destino dos seres e da informação conectados como um único organismo (neste sentido, podemos remeter à noção de transsubstancialização, de tornar-se uma mesma coisa com a pureza transcendente) à luz da missão da humanidade e da informação, pois, reforçamos, os seres se incorporam misticamente simultaneamente às informações verbais, à sua origem e destinação, o que acarreta no poder das bibliotecas de orientar o homem em suas escolhas de vida, esperamos, mais conscientes devido à reinvenção, à recriação de si, da capacidade de materializar todas as metas, todos os sonhos, contanto que os seres tenham garantidos os direitos humanos básicos, especialmente, o direito à informação, o que evoca um dilema ético da injustiça epistemológica capitalista de desumanização dos seres a partir do direito à informação atrelado às classes sociais privilegiadas. Dito de outro modo, infelizmente, é a classe social o fator determinante que implica, nos países em desenvolvimento, na possibilidade do acesso à informação, a qual assegura ou priva os seres dos seus direitos políticos constitucionais plenos.

Neste sentido, o mundo pode reconstruído ou reconfigurado (mundo *informis*) logologicamente a partir do conhecimento documental capaz de intervir e transformar esta configuração previamente estabelecida pelos homens. Esta reconstrução do mundo é uma possibilidade garantida pela dupla abertura: ontológica, do ser, e epistemológica, do saber, que mesclam-se no processo místico de formação do conhecimento, o qual permite estabelecer comunicação com o transcendente que possui o poder de orientar ou fundamentar ou aprimorar a consciência alargada (maior abertura do horizonte de compreensão heideggeriano) e,

porventura, também, orienta as ações sociais logológicas que dela derivam, sejam institucionais, legislativas, ou mesmo referente à vida particular do homem, buscando a reinvenção e o aprimoramento do ser. Para que seja efetuada materialmente a mudança do mundo, ou para que adquira existência a transformação social, ocorre no bojo das relações conceituais as ações sociais fundamentalmente abertas: (i) às trocas possíveis de visões de mundo outras; (ii) às reflexões como um exercício permanente evocado pela ética da informação do agir consciente e socialmente responsável; (iii) à(s) mudança(s) da tomadas de decisão orientada por informações contextualmente relevantes. Isto implica na reflexão permanente do Bibliotecário a respeito das possíveis ausências ou deficiências epistemológicas que deveriam estar presentes na fundamentação teórica dos sistemas de organização do conhecimento, o que é visível na não explicitação da ideologia democrática presente nesta fundamentação do sistema de organização do conhecimento, a qual deve acompanhar as mais recentes descobertas científicas do campo.

Com base na concepção de mundo hindu através da qual tudo integra o movimento da vida, um dos fragmentos possíveis de análise do mesmo é identificado na dinâmica do *informo* e do *informis* da informação na categorização rangenathiana, tendo como partícipe fundamental a personalidade que, por ser um conceito negativo, pode assumir sentidos e formas outros em infinitas possibilidades de tradução que levam às reorientações das decisões que reconstroem o mundo. Este fundamento hindu é oposto à lógica aristotélica que concebe a fixidez da identidade imutável dos seres e da metafísica, negando as transformações possíveis das estruturas de poder desiguais e antidemocráticas da sociedade e dos seres.

A Personalidade expressa todas as possibilidades de reconfiguração do mundo, o qual é apto de transformar-se pela via das ações sociais. Por esta configuração possível não estar de fato no tempo no momento presente, mas sim no universo do conhecimento transcendente, é indizível, negativa à luz da compreensão racional discursiva documental. Para além de sua forma documental contextual (*informo*) na sintaxe, esta comunica algo que está além das palavras, a mesma preserva o tornar-se do mundo, o que remete à esperança juvenil, invisível, no coração dos homens, aquela fagulha de esperança e do pós-vida warburgiano informacional no turbilhão dos acontecimentos - os efeitos sofisticos - de acreditarmos ser possível à sociedade ter o poder de transformar ela mesma através de um processo racional e intuitivo de responsabilidade social e ambiental a partir dos recuos epistemológicos e ontológicos, da observação crítica e aguçada da configuração de mundo atual como um tipo de resultado possível de mundo, o qual mostra-se como é enquanto aparência de mundo porque houve uma destinação de mundo construída pelas ações dos nossos antepassados, que nos legou um mundo

dado e percebido a partir de nossas percepções, cuja aparência implica em uma colheita obrigatória, em consequências sociais obrigatórias, as quais se estendem para cada ser da sociedade. Esta configuração aparenta ter uma estrutura fixa, imutável, que pode levar erroneamente à conformidade e desesperança. Esta aparência decorre das escolhas feitas com base nas traduções epistemológicas, ou seja, das ações passadas fundamentadas num maior ou menor grau de conhecimento, de conscientização social, moral, humana, ou mesmo pela ignorância do agir inconsequente desorientado, sem princípios éticos, sem fundamento algum, de escolhas feitas ao acaso, ou de escolhas orientadas por ideologias antidemocráticas, como foi o caso da epistemologia grega epistemicida que legou à sociedade, por ser o berço da exclusão, à escravização, à dizimação simbólico-epistêmica e literal (assassinatos) dos seres marginalizados, considerados inadequados em seus requisitos à humanidade e à vida política, reduzidos à condição de não ser feito para o uso do homem branco considerado apto a ser cidadão com direitos políticos. A Personalidade pode ser concebida como a recriação da vida em sua narrativa relacional que expressam um enredo de mundo outro, uma aparência de mundo planejada e executada com o auxílio da informação, é a expressão máxima da transformação do mundo pelas retraduições do conhecimento documental aplicados na sociedade condicionada pelos usos documentais.

As práticas biblioteconômicas de tratamento e recuperação da informação ancoradas na ideologia epistemicida aristotélica são colocadas à prova com base na comparação com a teoria da não conceitualidade. Estas práticas, por estarem no tempo, jamais são imutáveis como o mundo metafísico grego, conforme os pressupostos teórico-epistêmicos nos estudos coloniais da classificação.

Na pragmática da *Colon Classification*, o conceito de informação e da categoria Personalidade correspondem às dinâmicas da doação e privação da forma e dos sentidos, o que permite a transformação democrática do mundo reconstruído logologicamente. Neste sentido, o conhecimento é indissociável dos contextos sociais de uso e apropriação (:), sem, com isto, prejudicar a eficiência da representação documental.

A *Colon Classification* faz uso das categorias fundamentais para articular o universo de ideias em ato (manifesto linguisticamente) e transformador (imanifesto-imanente nos documentos e indivíduos), cujas influências da lógica aristotélica presentes nas contribuições de W. C. Berwick Sayers em sua obra *Introdução à Classificação de Bibliotecas* (1918) são superadas pela corrente filosófica hindu no corpus rangathaniano e remontam à direção privativa do significado de informação e de seus desdobramentos no mundo conforme as dinâmicas do *informo* e *informis* da informação. É necessário considerar a tradição místico-

pragmática decorrente da formação acadêmica de Ranganathan que está presente em toda a sua obra e que influenciou a gênese do conceito de categoria deste mestre Bibliotecário.

As categorias aristotélicas são elementos de classificação para representar a estrutura teleológica da realidade. Revelam a ordem dos *suprema rerum genera*, os gêneros de entes agrupados pelas características comuns compartilhadas por seus membros. No Órganon, Aristóteles as denominou de Categorias, o primeiro livro da Lógica. As considerava como articuladoras do pensamento, uma vez que o raciocínio é visto como um encadeamento de proposições formadas por predicação (*praedicamentum*) entre categorias. Considerando-se que na perspectiva de Aristóteles as proposições são a base de todas as ciências, as categorias não apenas fundam a Lógica, mas também são elas mesmas articulações ontológicas.

Na história da filosofia, Aristóteles fundou a classificação como disciplina a partir do emprego de seu método científico fundamentado no que chamamos contemporaneamente de revisão de literatura crítica, a apresentação do conteúdo central dos assuntos com base nos seus conceitos fundamentais e as autorias de maior autoridade que versaram sobre os mesmos para realizar a análise, discussão e apontamentos conclusivos em um domínio de especialidade. Tinha como objeto de estudo a estrutura da realidade dos entes da natureza (*phýsis*, *Φύσις*) e objetivava representar todo o domínio do conhecimento como base para qualquer ciência.

A área da organização do conhecimento tem por objetivo principal a representação, recuperação e utilização da informação, compreendida como insumo do conhecimento. Para isto, utiliza sistemas de organização do conhecimento, considerando a estrutura sintática e as relações semânticas, que são propostas pela teoria sintática e semântica da informação, as quais consideram como elemento dos sistemas de organização do conhecimento a informação em si mesma. Nosso olhar busca consolidar o desenvolvimento da teoria ou sistema de classificação de Ranganathan tendo em vista a parte empírica da pesquisa, que são os produtos de classificação obtidos pela aplicação categorial do classificacionista que representa documentos ou artefatos informacionais na *Colon Classification*. Este é um esquema de classificação universal e flexível, isto é, as tabelas de classificação são esquemas de classes principais e canônicas que contêm conceitos isolados que devem ser utilizados na construção da notação com base nas regras e postulados de Ranganathan.

A área da Ciência da Informação estuda, entre outras coisas, os processos envolvidos no tratamento da informação: sua representação, recuperação, disseminação e uso, visando à produção de novos conhecimentos. Fornece subsídios à pesquisa científica de todas as áreas do saber.

A organização do conhecimento é uma das centralidades na Ciência da Informação que possibilita exercer as práticas intelectuais envolvidas na classificação, indexação e catalogação de assuntos que visam à gestão e ao fluxo informacional necessários à recuperação, uso e apropriação dos conhecimentos.

As inter-relações entre a Organização do Conhecimento e a Filosofia da Informação são investigadas sob as seguintes direções nesta pesquisa: i) dos estudos capurrianos histórico-filosóficos da informação; ii) da filologia da informação meneziana; (iii) da “pragmática transcendental” no paradigma hermenêutico-retórico e a produção de sentido na releitura do PMEST e do pensamento hindu; iv) categorias do ser e do saber.

Propomos realizar uma leitura crítica comparativa do objeto central de estudo Personalidade e o seu papel unificador na montagem dos vários componentes dos números das classes na *Colon Classification* de Ranganathan (1933) com o objetivo de garantir uma sequência útil dos livros nas estantes a partir da noção de jogos de linguagem wittgensteinianos na obra *Philosophical Investigations* (2009).

Busca-se estabelecer uma proximidade entre a fronteira dos conceitos nos jogos de linguagem wittgensteinianos e o informe na Personalidade rangathaniana que revela o não-sentido em si das unidades conceituais, as ideias que formam conceitos: todo o processo de uso de vocábulos ou termos-conceitos da *Colon Classification* permite a construção de um sentido *a posteriori* condicionado por regras-postulados nos contextos de práticas informacionais que conferem vida e essência ao saber genealógico, este não linear e potencialmente infinito nos ciclos e níveis, o que nos aproxima dos usos da linguagem do segundo Wittgenstein, onde não há relação entre significado e essência, pois esta nos é oculta em §92:

This finds expression in the question of the *essence* of language, of propositions, of thought. – For although we, in our investigations, are trying to understand the nature of language – its function, its structure – yet *this* is not what that question has in view. For it sees the essence of things not as something that already lies open to view, and that becomes *surveyable* through a process of ordering, but as something that lies *beneath* the surface. Something that lies within, which we perceive when we see *right into* the thing, and which an analysis is supposed to unearth.

‘*The essence is hidden from us*’: this is the form our problem now assumes. We ask: “*What is language?*”, “*What is a proposition?*” And the answer to these questions is to be given once for all, and independently of any future experience. (WITTGENSTEIN, 2009, p. 48e, grifos do autor)¹

¹ Dies drückt sich aus in der Frage nach dem *Wesen* der Sprache, des Satzes, des Denkens. a Denn wenn wir auch in unsern Untersuchungen das *Wesen* der Sprache a ihre Funktion, ihren Bau a zu verstehen trachten, so ist es doch nicht *das*, was diese Frage im Auge hat. Denn sie sieht in dem *Wesen* nicht etwas, was schon offen zutage liegt und was durch Ordnen *übersichtlich* wird. Sondern etwas, was *unter*

A ruptura com os essencialismos aristotélicos da linguagem wittgensteiniana operacional, ou seja, os fundamentos epistêmicos da variação e mutação semântica via uso da linguagem foram utilizados na apropriação ranganathiana na proposta de categorização - uma forma instrumental da linguagem, que representa o conhecimento via vocabulário controlado. A linguagem wittgensteiniano-ranganathiana pressupõe que o fundamento da dessencialização terminológica elege a alteridade discursiva nos atos de fala que conferem a associação fundamental das práticas sociais, institucionais e instrumentais da informação que reconstróem socialmente a realidade (dança do *informo* e *informis*) traduzida eternamente no *logos* via o papel da personalidade na categorização.

Desta maneira, mobilizamos esta pesquisa sob as seguintes perguntas coordenadoras. No âmbito geral, a questão de pesquisa é:

sob o olhar da virada pragmático-linguística da informação, quais os vínculos possíveis entre a categoria Personalidade de Ranganathan e a categoria substância de Aristóteles no contexto de sua aplicação nos processos de tratamento temático da informação?

As questões específicas são:

- a partir da associação com as categorias aristotélicas, quais são as inovações e os alicerces democrático-ético-políticos da proposta filosófica inovadora de Ranganathan na pragmática transcendental que atravessam a apropriação e a adequação categorial ranganathiana para a organização de domínios do conhecimento?;
- com base nas aplicações da Personalidade no corpus ranganathiano, de que modo este pensador instrumentaliza o conceito clássico de informação?;
- quais são os processos de tratamento temático da informação preconizados em nosso objeto de estudo?;
- quais são as apropriações na categorização ranganathiana à questão do limite do conceito nos jogos de linguagem wittgensteinianos?;
- de que modo as aplicações da Personalidade possibilitam uma interpretação crítico-filológica da relação entre a fundamentação teórico-empírica da teoria da classificação consolidada histórico-epistemologicamente pela filosofia da informação?

Os objetivos da pesquisa são:

der Oberfläche liegt. Etwas, was im Innern liegt, was wir sehen, wenn wir die Sache durchschauen, und was eine Analyse hervorgraben soll.

‘*Das Wesen ist uns verborgen*’: das ist die Form, die unser Problem nun annimmt. Wir fragen: “*Was ist die Sprache?*”, “*Was ist der Satz?*”. Und die Antwort auf diese Fragen ist ein für allemal zu geben; und unabhängig von jeder künftigen Erfahrung. (WITTGENSTEIN, 2009, p. 48, grifos do autor)

- Objetivo geral:

investigar os vínculos entre a categoria Personalidade de Ranganathan e a categoria substância de Aristóteles no contexto de sua aplicação nos processos de tratamento temático da informação sob o olhar da virada pragmático-linguística da informação;

- Objetivos específicos:

- identificar o fundamento categórico aristotélico-ranganathiano à luz da teoria pragmática wittgensteiniana na epistemologia da organização do conhecimento;
- descobrir, a partir da associação com as categorias aristotélicas, quais são as inovações e os alicerces democrático-ético-políticos da proposta filosófica inovadora de Ranganathan na pragmática transcendental que fundamentam a apropriação e a adequação categorial aristotélica para a organização de domínios do conhecimento;
- reconhecer de que modo as aplicações da Personalidade possibilitam uma interpretação crítico-filológica da relação entre a fundamentação teórico-empírica da teoria da classificação consolidada histórico-epistemologicamente pela filosofia da informação;
- nomear qual(is) é(são) o(s) processo(s) de tratamento temático da informação preconizados em nosso objeto de estudo;
- identificar as apropriações na categorização ranganathiana à questão do limite do conceito nos jogos de linguagem wittgensteinianos

As hipóteses de pesquisa encontram-se formuladas a seguir:

A identificação dos vínculos categoriais aristotélico-ranganathianos enquanto resultado da aplicação das metodologias revisão sistemática da literatura e socioterminologia e posterior discussão com a literatura revelam ser indissociáveis a teoria da classificação e o conceito de informação;

À luz dos estudos pragmáticos da informação e da metodologia da pragmática transcendental em Ranganathan, é possível investigar a categoria personalidade em sua formulação teórico-aplicada na categorização dos assuntos a partir da analogia entre esta e o limite dos conceitos nos jogos de linguagem de Wittgenstein.

Esta pesquisa justifica-se pela nossa contribuição teórico-conceitual de investigação das categorias como um lócus de relação dos campos da organização do conhecimento e filosofia da informação.

Já foi realizada uma metodologia da revisão sistemática da literatura nos procedimentos metodológicos. Esta é parte essencial de nossa pesquisa, pois é capaz de fornecer os aportes

teórico-conceituais dos vínculos entre as categorias para nos orientar no desenvolvimento da seção marco teórico da pesquisa.

A Revisão sistemática da Literatura é uma metodologia que preconiza um conjunto de métodos científicos elencados em etapas e subetapas expressas sinteticamente no protocolo PRISMA-P da Cochrane e desenvolvidas de modo transparente e exaustivo na subseção da metodologia da revisão sistemática da literatura. Esta metodologia tem como objetivo identificar, avaliar e sintetizar as evidências dos estudos em relação a um tópico de assunto de interesse. Nossa questão de pesquisa da Revisão sistemática da Literatura encontra-se formulada da seguinte maneira: quais os vínculos possíveis entre a categoria personalidade de Ranganathan e substância de Aristóteles na classificação?

Aplicamos parcialmente esta metodologia na seleção dos *corpora* no quadro que expressa os vínculos categoriais descobertos. Este é arbitrário em conformidade à natureza do objeto de estudo, objetivos e questões de pesquisa. Buscamos isolar o conceito de categoria nos autores em quadros de aforismos. A seleção dos *corpora* buscou direcionar um caminho favorável à discussão de sua apropriação epistemológica na Organização do Conhecimento, a qual faz um recorte das categorias no Órganon, desconsiderando seu uso na Metafísica. Não encontramos razões para incluirmos em nosso marco teórico e corpus aristotélico a formulação da noção de substância imaterial e eterna na doutrina dos princípios de ente, que é o sentido dado pelo Estagirita na Metafísica e que foge ao desenho de nosso objeto na organização do conhecimento.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Esta seção busca explicitar a fundamentação metodológica da pesquisa que se compõe do método de coleta de dados, a revisão sistemática da literatura, e o método de análise de dados, a socioterminologia.

Indica-se que o corpus documental ou conceitual pré-definido compõe-se de aforismos extraídos das obras de Ranganathan e Aristóteles nos quais há a definição das categorias, os quais foram usados em nossa pesquisa para a análise dos dados. O método utilizado para esta extração foi a análise bibliográfico-conceitual de um corpus aristotélico-ranganthiano nos estudos informacionais.

Apresentamos a seguir a proposta central da aplicação do método revisão sistemática da literatura no processo de desenvolvimento crítico do referencial teórico. Este método possibilita a descoberta de evidências científicas que dizem respeito à questão de pesquisa específica da revisão e, com isto, em nossa pesquisa, permite investigar a produção bibliográfica dos vínculos categoriais aristotélico-ranganathianos no campo informacional em etapas sistemáticas e predefinidas no protocolo PRISMA-P desenvolvido pela Cochrane de revisão sistemática da literatura apresentado no Apêndice C.

2.1 Fundamentação metodológica

O objeto de pesquisa é o conceito Personalidade nas obras *Prolegomena to Library Classification* (1967), *Philosophy of Library Classification* (2006) e *Colon Classification* (1960) e substância de Aristóteles na obra *Categorias* (1978).

Buscamos explicitar a defesa da escolha do método da revisão sistemática da literatura e sua utilização na construção da seção do referencial teórico e na construção parcial dos resultados na medida que nos ajudou a chegar ao debate da produção bibliográfica dos vínculos categoriais aristotélico-ranganathianos na Ciência da Informação.

[...] o que poderia ser chamado de 'primeira geração' ou revisões de literatura tradicionais prestaram pouca ou nenhuma atenção à avaliação da **qualidade metodológica** dos **estudos** incluídos ou à busca sistemática de todas as evidências potencialmente relevantes. [...] As revisões de primeira geração foram criticadas com razão pela falta de transparência nos métodos adotados para coletar e revisar a literatura e pela falta de atenção à importante questão do viés. (POPE; MAYS; POPAY, 2007, p. 4-5, tradução nossa, grifo nosso)²

² [...] what might be termed 'first generation' or traditional literature reviews paid little, if any, attention to assessing the methodological quality of the studies included or to searching systematically for all potential relevant evidence. [...] First generation reviews have been rightly criticised for a lack of

Tendo em vista que o conhecimento científico está sujeito à indagação e ao aprimoramento, os usos desta metodologia permitem verificar o grau de confiabilidade das evidências com base na avaliação da qualidade metodológica dos estudos incluídos. A reprodutibilidade, transparência e o rigor científico são características essenciais do método que nos possibilitam abordar e problematizar o objeto de estudo, evitando vieses de pesquisa.

A revisão sistemática da literatura é um campo metodológico de produção do conhecimento científico que faz parte do ciclo da pesquisa. Este último “[...] se realiza fundamentalmente por uma linguagem fundada em conceitos, proposições, métodos e técnicas [...]” (MINAYO, 2001, p. 26), o que implica na necessidade da definição *a priori* dos passos em um planejamento e execução metodológica, o que diminui os vieses de pesquisa porque, de modo coerente e consistente, provê a garantia metodológica.

O termo, ou conceito, revisão sistemática é usado de duas maneiras: pode se referir à metodologia prescrita (um meio - **método**) ou ao próprio produto (um **relatório**). [...] Identificar e peneirar todos os estudos relevantes e avaliar cada um de acordo com critérios pré-definidos é o que distingue uma revisão sistemática de uma revisão tradicional (JESSON; MATHESON; LACEY, 2011, p. 104-105, tradução nossa, grifo nosso)³

A revisão sistemática da literatura possui uma metodologia prescrita que deve ser executada em etapas previamente definidas no protocolo da revisão, sendo as mesmas, a rigor, neutras, objetivas e transparentes. Permite interpretar as evidências dos estudos selecionados, identificando evidências carregadas de vieses com base na avaliação crítica da qualidade metodológica dos estudos e descobrir novas conclusões com base em novas evidências descobertas e explicitadas no relatório referentes às respostas à questão de pesquisa da revisão sistemática.

“A revisão sistemática depende do acesso às bases de dados eletrônicas e a uma variedade de bases de dados disponíveis e, portanto, pode ser limitada pela eficácia das bases de dados [...]” (JESSON; MATHESON; LACEY, 2011, p. 103, tradução nossa)⁴. Com base nesta afirmação, justificamos a formulação do critério de seleção das bases de dados: indexar periódicos do campo da *Library and Information Science*; reunir teses e dissertações nacionais

transparency in the methods adopted for gathering and reviewing literature and for a lack of attention to the important issue of bias. (POPE; MAYS; POPAY, 2007, p. 4-5)

³ The term, or concept, systematic review is used in two ways: it can refer to the prescribed methodology (a means - method) or to the output itself (a report). [...] Identifying and sifting through all the relevant studies and evaluating each according to predefined criteria is what distinguishes a systematic review from a traditional review (JESSON; MATHESON; LACEY, 2011, p. 104-105)

⁴ Systematic review is dependent on access to electronic databases and a range of available databases and can therefore be limited by the effectiveness of the databases (JESSON; MATHESON; LACEY, 2011, p. 103)

e internacionais; recuperar documentos não duplicados em outras bases, ou seja, novos documentos que tratem sobre os elementos conceituais população, intervenção ou processo e resultados (PIO), os quais podem ser úteis duplamente à revisão de literatura tradicional e sistemática.

Objetivos

Item 7. Forneça uma declaração explícita da(s) questão(ões) que a revisão abordará com referência aos participantes, intervenções, comparadores e resultados (PICO)

[...]

Explicação

Entre as peças de informações mais cruciais a serem incluídas em um protocolo de revisão está(ão) a(s) questão(ões) que os revisores planejam investigar, ou, simplesmente, os objetivos da revisão. Juntamente com a fundamentação da revisão (Item 6), esta informação fornece ao leitor o contexto e a compreensão da razão pela qual a revisão está sendo realizada e o que os revisores esperam alcançar. Vários componentes-chave, nomeadamente a população planejada, intervenção, comparador, e resultado (ou seja, os elementos PICO), no mínimo, devem constituir a base para o desenvolvimento de uma questão de revisão específica e bem projetada. (SHAMSEER, *et al.*, 2015, p. 7, tradução nossa)⁵

Na etapa de planejamento da revisão sistemática, uma das estratégias metodológicas iniciais consiste na identificação dos elementos PICO (contudo, não é necessário identificar todos os elementos) que servem como um facilitador na formulação da questão da revisão, permitindo ao pesquisador tanto separar os elementos centrais que estão no centro da questão quanto comunicar a respeito do processo metodológico metaepistêmico, ou seja, do conhecimento a respeito do conhecimento em sua formulação inicial planejada no preenchimento do protocolo PRISMA-P.

A respeito da delimitação exaustiva dos os termos que representam os elementos conceituais PICO da pesquisa, McKenzie *et al.* (2019, p 33-34, tradução nossa)⁶ orientam que:

⁵ **Objectives**

Item 7. Provide an explicit statement of the question(s) the review will address with reference to participants, interventions, comparators, and outcomes (PICO) [...]

Explanation

Among the most crucial pieces of information to include in a review protocol are the question(s) the reviewers plan to investigate, or simply, the review's objectives. Along with the review's rationale (Item 6), this information provides the reader with context and understanding for why the review is being carried out and what the reviewers hope to achieve. Several key components, namely the planned population, intervention, comparator, and outcome (that is, PICO elements) at minimum should form the basis for developing a specific, well designed review question. (SHAMSEER, *et al.*, 2015, p. 7)

⁶ When developing the protocol, one of the first steps is to determine the elements of the review question (including the population, intervention(s), comparator(s) and outcomes, or PICO elements) [...]. Eligibility criteria are based on the PICO elements of the review question plus a specification of the types of studies that have addressed these questions. The population, interventions and comparators in the review question usually translate directly into eligibility criteria for the review, though this is not

Ao desenvolver o protocolo, um dos primeiros passos é determinar os elementos da questão da revisão (incluindo a população, intervenção(ões), comparação(ções) e resultados, ou elementos PICO) [...]. Os critérios de elegibilidade baseiam-se nos elementos PICO da questão da revisão mais uma especificação dos tipos de estudos que abordaram estas questões. [...]. A população, as intervenções e os comparadores na questão da revisão traduzem geralmente diretamente nos critérios de elegibilidade para a revisão, embora isso nem sempre seja um processo linear e requer uma abordagem reflexiva [...]

Conforme explicitado, a identificação dos conceitos que se referem ao acrônimo PICO constitui uma parte do processo de planejamento da revisão sistemática exigida no preenchimento do protocolo PRISMA-P. Contudo, quando da utilização do método da revisão sistemática nas ciências sociais, é corriqueiro que não haja a comparação (esta última é mais corriqueira na Medicina), e este é o nosso caso: nossa questão de pesquisa não abarca a comparação. Portanto, identificamos apenas os elementos PIO.

A respeito da necessidade de ter um protocolo na pesquisa, Moher *et al.*, 2009, p. 2) afirmam que:

Completar uma revisão sistemática é um processo iterativo

A condução de uma revisão sistemática depende fortemente do escopo e qualidade dos estudos incluídos: assim, os revisores sistemáticos podem precisar modificar o protocolo de revisão original durante a sua realização. Qualquer orientação de relatório de revisão sistemática deve recomendar que tais alterações sejam relatadas e explicadas sem sugerir que são inapropriadas. A recomendação PRISMA (itens 5, 11, 16 e 23) alerta sobre esse processo iterativo. Com exceção das revisões Cochrane, que devem seguir um protocolo, apenas em torno de 10% dos autores de revisões sistemáticas relatam trabalhar a partir de um protocolo. (MOHER *et al.*, 2007 apud MOHER *et al.*, 2009, p. 2). Sem um protocolo que seja publicamente acessível, é difícil julgar se as modificações são apropriadas ou inapropriadas. (MOHER *et al.*, 2009, p. 2, tradução nossa)⁷

Modificações no protocolo PRISMA-P podem ser necessárias no decorrer da realização de uma revisão sistemática ou mesmo quando da atualização temporal da revisão, ou seja, é possível realizar uma nova revisão buscando novas evidências científicas que respondam à

always a straightforward process and requires a thoughtful approach [...] (MCKENZIE *et al.*, 2019, p 33-34)

⁷ **Completing a Systematic Review Is an Iterative Process**

The conduct of a systematic review depends heavily on the scope and quality of included studies: thus systematic reviewers may need to modify their original review protocol during its conduct. Any systematic review reporting guideline should recommend that such changes can be reported and explained without suggesting that they are inappropriate. The PRISMA Statement (Items 5, 11, 16, and 23) acknowledges this iterative process. Aside from Cochrane reviews, all of which should have a protocol, only about 10% of systematic reviewers report working from a protocol (MOHER *et al.*, 2007 apud MOHER *et al.*, 2009, p. 2). Without a protocol that is publicly accessible, it is difficult to judge between appropriate and inappropriate modifications. (MOHER *et al.*, 2009, p. 2)

questão da revisão. Em nossa pesquisa, não alteramos o protocolo PRISMA-P durante a realização da revisão, mas a utilização do mesmo permite tornar publicamente acessível as etapas planejadas da revisão para que seja possível aos revisores potenciais e/ou ao leitor cidadão: (i) ter ciência do planejamento da revisão com base na orientação metodológica, o “guia” protocolar PRISMA-P; (ii) ter a possibilidade de alterar o protocolo quando da ocasião de uma nova revisão sistemática ou de uma atualização da revisão que busque novas evidências científicas que respondam à questão da revisão, se alguma alteração por justificada e cabível. Deste modo, a utilização do protocolo PRISMA-P em nossa pesquisa satisfaz aos critérios de transparência científica na consecução da aplicação da metodologia da revisão sistemática orientada pelo protocolo PRISMA-P, ou seja, a explicitação de nosso planejamento protocolar confere o acesso à informação protocolar que orientou nosso percurso metodológico, assim como confere as condições necessárias (estas últimas dependem justamente do acesso à informação protocolar) para viabilizar o reuso das mesmas na atualização possível da revisão sistemática, tanto pela autora da revisão quanto por outros pesquisadores interessados em descobrir novas evidências que respondam à questão da revisão proposta.

A respeito do panorama histórico de utilização das revisões sistemáticas que pressupõem a elaboração ou o uso de protocolos de busca na área da Ciência da Informação, Cerrao, Castro e Jesus (2018, p. 113-115, grifo nosso) afirmam que:

[...] a adoção do método de Revisão Sistemática pelos pesquisadores da Ciência da Informação no Brasil ainda é pequena e pouco retratada nas pesquisas científicas indexadas nas principais bases de dados científicos da área, em comparação com a quantidade total de pesquisadas das referidas bases. De acordo com essa pesquisa, são poucas as instituições acadêmicas cujos pesquisadores trabalham com esse método e cujas pesquisas estão indexadas nas bases de dados abordadas, podendo ocorrer, portanto, o pouco conhecimento do método de Revisão Sistemática da Literatura por pesquisadores da CI. [...] A **Revisão Sistemática da Literatura (RS)** configura-se como um método aplicável para a pesquisa científica que **envolve** etapas meticolosas, como o levantamento e análise bibliográficos criteriosos, a **elaboração de protocolos** de busca, a seleção de documentos e a sistematização das pesquisas selecionadas. A revisão sistemática também possibilita a reprodutibilidade das pesquisas já realizadas e a explicitação do estado da arte, a partir de um tema específico. [...] Ressalta-se, portanto, a importância da adoção desse método, especialmente em uma área caracterizada pela interdisciplinaridade, como a Ciência da Informação. Essa pesquisa objetiva chamar a atenção dos pesquisadores da área da CI para que tomem conhecimento do método de Revisão Sistemática da Literatura e possam adotá-lo em suas futuras pesquisas. Acredita-se que por meio da revisão sistemática a produção, a disseminação e a comunicação científica possam ser otimizadas, proporcionando maior **qualidade e confiabilidade** dos **dados** de pesquisa científica como estratégia inovadora para a construção e a difusão do conhecimento.

A baixa adoção do método da revisão sistemática da literatura na Ciência da Informação é confirmada por Koufogiannakis (2012, p. 93, tradução nossa) ao afirmar que “O número de revisões sistemáticas publicadas na *Library and Information Science* a cada ano parece estar crescendo lentamente; no entanto, os números ainda são pequenos.”⁸ Contudo, consideramos que a adoção deste método que pressupõe o uso do protocolo PRISMA-P na Ciência da Informação é eficaz na investigação das questões do campo na medida que orienta os pesquisadores na elaboração de um projeto científico útil: (i) à submissão nos processos seletivos dos programas de pós graduação; (ii) ao processo de avaliação na concessão de bolsas de pesquisa; (iii) à comunicação científica de modo amplo (a redação científica de um artigo, de uma dissertação, de uma tese ou mesmo uma comunicação oral em eventos e comunicações informais na vida comum; (iv) à investigação epistêmica e autônoma por cidadãos interessados na descoberta de uma questão de revisão, ou seja, um método que permite a implementação social da ciência cidadã na medida que a explicitação da metodologia na redação científica protocolar é um registro documental que confere a condição de sua reprodução pelos leitores que não pertencem institucionalmente aos campos do conhecimento mas que são interessados pelas temáticas abordadas e são informados a respeito dos caminhos metodológicos traçados; e (v) à investigação epistêmica pelos pesquisadores que desejam realizar uma revisão sistemática - nossa pesquisa oferece um exemplo prático da aplicação do método no campo.

Justamente pela vantagem do protocolo PRISMA-P em elencar os itens que fundamentam *a priori* o projeto de uma pesquisa, ou seja, tendo em vista que os mesmos operam como uma técnica de pesquisa possível que assegura o rigor metodológico necessário no planejamento que orienta a condução da revisão sistemática baseada na transparência e na reprodutibilidade científica, que utilizamos este protocolo com a dupla finalidade de (i) orientar a execução das etapas da revisão sistemática, a qual visa descobrir as evidências que dizem respeito à questão da revisão; e (ii) permitir o resumo dos nossos achados da revisão, tendo em vista que são nos reusos e não nos usos que o conhecimento é tecido socialmente, ou seja, o conhecimento não é um dado *a priori*, pois sempre contextual, mas sim uma prática linguística dada no bojo dos usos sociais da informação (esta última contextual e *sub judice*) que depende da recuperação da informação - em nosso caso, a recuperação é justamente a explicitação da técnica de pesquisa protocolar descrita em nossa pesquisa que é um material bibliográfico que permite pensar criticamente a respeito de nosso tema e também serve à avaliação crítica de

⁸ The number of systematic reviews published in LIS each year seems to slowly be growing; however the numbers are still small. (KOUFOGIANNAKIS, 2012, p. 93)

pesquisadores, os quais podem propor modificações protocolares em novas revisões a respeito de nossa questão de pesquisa.

Objetivos

Item 7. Forneça uma declaração explícita da(s) questão(ões) que a revisão abordará com referência aos participantes, intervenções, comparadores e resultados (PICO)

[...]

Explicação

Entre as peças de informações mais cruciais a serem incluídas em um protocolo de revisão está(ão) a(s) questão(ões) que os revisores planejam investigar, ou, simplesmente, os objetivos da revisão. Juntamente com a fundamentação da revisão (Item 6), esta informação fornece ao leitor o contexto e a compreensão da razão pela qual a revisão está sendo realizada e o que os revisores esperam alcançar. Vários componentes-chave, nomeadamente a população planejada, intervenção, comparador, e resultado (ou seja, os elementos PICO), no mínimo, devem constituir a base para o desenvolvimento de uma questão de revisão específica e bem projetada. (SHAMSEER, *et al.*, 2015, p. 7, tradução nossa)⁹

Na etapa de planejamento da revisão sistemática, uma das estratégias metodológicas iniciais consiste na identificação dos elementos PICO que servem como um facilitador na formulação da questão da revisão, permitindo ao pesquisador tanto separar os elementos centrais que estão no centro da questão quanto comunicar a respeito do processo metodológico metaepistêmico, ou seja, do conhecimento a respeito do conhecimento em sua formulação inicial planejada no preenchimento do protocolo PRISMA-P.

Segundo Lasserton, Thomas e Higgins (2019, p. 4, tradução nossa)¹⁰:

⁹ **Objectives**

Item 7. Provide an explicit statement of the question(s) the review will address with reference to participants, interventions, comparators, and outcomes (PICO) [...]

Explanation

Among the most crucial pieces of information to include in a review protocol are the question(s) the reviewers plan to investigate, or simply, the review's objectives. Along with the review's rationale (Item 6), this information provides the reader with context and understanding for why the review is being carried out and what the reviewers hope to achieve. Several key components, namely the planned population, intervention, comparator, and outcome (that is, PICO elements) at minimum should form the basis for developing a specific, well designed review question. (SHAMSEER, *et al.*, 2015, p. 7)

¹⁰ A systematic review attempts to collate all the empirical evidence that fits pre-specified eligibility criteria in order to answer a specific research question. It uses explicit, systematic methods that are selected with a view to minimizing bias, thus providing more reliable findings from which conclusions can be drawn and decisions made (ANTMAN *et al* 1992; OXMAN; GUYATT, 1993 apud LASSERSON; THOMAS; HIGGINS, 2019, p. 4). Systematic review methodology, pioneered and developed by Cochrane, sets out a highly structured, transparent and reproducible methodology (CHANDLER; HOPEWELL, 2013 apud LASSERSON; THOMAS; HIGGINS 2019, p. 4). This involves: the a priori specification of a research question; clarity on the scope of the review and which studies are eligible for inclusion; making every effort to find all relevant research and to ensure that issues of bias in included studies are accounted for; and analysing the included studies in order to draw conclusions based on all the identified research in an impartial and objective way. (LASSERSON; THOMAS; HIGGINS, 2019, p. 4)

Uma revisão sistemática tenta reunir todas as evidências empíricas que se encaixam em critérios de elegibilidade preespecificados para responder à uma questão de pesquisa específica. Usa métodos explícitos e sistemáticos que são selecionados com o objetivo de minimizar vieses, fornecendo assim achados mais confiáveis a partir dos quais conclusões podem ser tiradas e decisões tomadas (ANTMAN *et al* 1992; OXMAN; GUYATT, 1993 apud LASSERSON; THOMAS; HIGGINS, 2019, p. 4). A metodologia de revisão sistemática, pioneira e desenvolvida pela Cochrane, estabelece uma metodologia altamente estruturada, transparente e reproduzível (CHANDLER; HOPEWELL, 2013 apud LASSERSON; THOMAS; HIGGINS 2019, p. 4). Isso envolve: a especificação a priori de uma questão de pesquisa; clareza sobre o escopo da revisão e quais estudos são elegíveis para inclusão; fazer todos os esforços para encontrar todas as pesquisas relevantes e garantir que as questões de viés nos estudos incluídos sejam contabilizadas; e analisar os estudos incluídos para tirar conclusões com base em todas as pesquisas identificadas de forma imparcial e objetiva.

Justificamos a seguir de que modo faremos a aplicação da metodologia da revisão sistemática da literatura sobre nosso objeto e campo. As características do método explicitadas evidenciam que a comunicação do registro documental das etapas metodológicas permite explicitar os critérios de seleção das fontes e dos critérios de inclusão e exclusão para a seleção dos estudos que antecedem a análise e a síntese (em nossa pesquisa, qualitativa) das evidências.

Foram realizados todos os esforços para: (i) encontrar todas as pesquisas relevantes que respondam nossa questão de pesquisa da revisão sistemática; e (ii) garantir que as questões de viés nos estudos incluídos sejam contabilizadas.

Se não considerarmos a coleta, a análise e a síntese das evidências referentes aos vínculos categoriais enquanto parte essencial do arcabouço observado desde o início desta pesquisa e na escrita das seções e subseções da dissertação atrelada ao desenvolvimento das teorias da classificação e pragmática, pelas quais nosso objeto é atravessado, acarretaria em problemas metodológicos e vieses de pesquisa no decurso da pesquisa, apresentadas a seguir.

Esta metodologia nos possibilita identificar as evidências e uma possível escassez na produção científica no tema, ou seja, uma lacuna no conhecimento: se este for o caso, podemos contribuir ao campo identificando a necessidade de produção científica referente à questão da revisão nos estudos primários. Se esta metodologia não fosse realizada, não teríamos condições de afirmar, com rigor científico, acerca dos vínculos categoriais na classificação, e, conseqüentemente, também não poderíamos discutir este vínculo à luz da teoria pragmática wittgensteiniana: nossos argumentos estariam enviesados por opiniões e crenças ao invés de estar baseados na literatura científica dos campos da *Library and Information Science* e da Organização do Conhecimento recuperada na revisão de literatura tradicional e sistemática.

Buscamos defender a escolha da aplicação do método revisão sistemática da literatura exclusivamente para a construção parcial do referencial teórico filosófico robusto e aprofundado, e parcialmente para compor os corpora, ou seja, os resultados da pesquisa de dissertação. A escolha do método foi pautada como o método elegido para a coleta de dados na composição do referencial teórico e parcialmente para a apresentação dos resultados.

O quadro resultante da revisão sistemática da literatura buscou apresentar os vínculos entre os Aristóteles e Ranganathan, sendo os mesmos alocados na seção dos resultados da pesquisa.

Busca-se desenvolver, a seguir, a explicação da Socioterminologia, utilizado como método de análise.

Os termos não estão confinados a esferas de atividade fechadas ou independentes; eles vivem, são exportados para outras esferas, transitam por serviços, negócios e organizações. O movimento dos termos é um fato empírico estabelecido. O método aplicado mais comum é rastrear os termos na sua esfera especializada original e analisar como se comportam nessa esfera particular. Até agora, pouca atenção foi dada aos termos quando eles saem de sua esfera e participam de novas formas de interações orais e escritas. No entanto, existem termos no contexto das práticas sociais; como tais, podem ser estudados de vários ângulos, sendo um deles o ponto preciso em que se aventuram fora dos limites de sua esfera original. As terminologias atuam como fronteiras culturais: elas têm influência tanto na interioridade quanto na exterioridade das comunidades discursivas. Estudar as terminologias pelo prisma da proximidade e do contato, das fronteiras onde elas se dissolvem e entram em um novo ambiente, pode fornecer *insights* sobre o comportamento dos termos, já que as fronteiras são um lugar comum onde ocorrem os problemas, onde as coisas acontecem, onde as negociações precisam ser estabelecidas. (DELAVIGNE, 2017, p. 32, tradução nossa)¹¹

Buscamos explicar a seguir o método socioterminológico. Partindo do pressuposto que o movimento dos termos nos processos de tratamento da informação - práticas linguísticas usualmente ancoradas com controle de vocabulário - é uma realidade estabelecida, propomos rastrear o movimento dos mesmos, ou seja, os termos referentes ao conceito de categoria, desde

¹¹ Terms are not confined to closed or self-contained spheres of activity; they live, are exported to other spheres, make their way through services, business and organizations. The movement of terms is an established empirical fact. The most common method applied is to track terms in their original specialized sphere and to analyze how they behave in that particular sphere. So far, little attention has been paid to terms when they move out of their sphere and participate in new forms of written and oral interactions. Yet, terms exist in the context of social practices; as such, they can be studied from many angles, one being at the precise point where they venture outside the boundaries of their original sphere. Terminologies act as cultural frontiers: they have bearing both on the interiority and the exteriority of discourse communities. To study terminologies through the prism of proximity and contact, from the borders where they dissolve and enter a new environment, is likely to provide insights into the behavior of terms, since borders are a typical place where problems occur, where things happen, where negotiations needs to be established. (DELAVIGNE, 2017, p. 32)

sua esfera original especializada conforme a acepção terminológico-epistêmica na Filosofia e analisar o seu comportamento nessa esfera em particular. Com este propósito, o método foi utilizado na construção da seção do referencial teórico, de modo a introduzir as discussões categóricas pela comunidade discursiva especializada da Filosofia.

À luz da questão de pesquisa da revisão sistemática da literatura, a qual visa investigar uma particularidade no uso dos termos fora dos limites de sua esfera original na Filosofia, ou seja, nossa proposta de investigar quais são os vínculos categoriais aristotélico-ranganathianos possíveis na classificação, levou à construção dos *corpora* deste método, que são dados qualitativos apropriados à apresentação ou ao mapeamento em quadro (e não tabela, apropriada à apresentação de dados quantitativos). Quanto ao uso deste método para a construção parcial dos resultados no **Quadro 11** – Vínculos entre Aristóteles e Ranganathan à luz da teoria socioterminológica, este último resultou da aplicação do método na etapa de análise qualitativa dos achados dos *corpora* da revisão sistemática da literatura e configura o movimento ou a “aventura” da fronteira terminológica na qual a questão de pesquisa se coloca, ou seja, em novos contextos de práticas sociais da comunidade da *Library and Information Science*. Isto foi possível na medida que o método foi utilizado para a descoberta das variações terminológicas sumarizadas no **Quadro 11** quando da “saída” dos mesmos da Filosofia à *Library and Information Science* a partir da confrontação do quadro referido com a definição terminológica nas obras de referência especializadas nestas áreas apresentada no **Quadro 5** – Apresentação conceitual das categorias em obras de referência alocado na seção secundária do referencial teórico.

socioterminologia

A socioterminologia pretende levar em consideração os aspectos sociolinguísticos da comunicação científica e técnica. Prefere a noção de esfera de atividade à de domínio, tendo em consideração as novas relações entre ciência, tecnologia e produção: estas relações já não permitem privilegiar a pureza disciplinar, e são bem expressas pelo novo significado da palavra tecnologia, como se pode inferir de compostos como a tecnologia fria, a tecnologia espacial, as biotecnologias, etc. A socioterminologia recusa-se a dar prioridade à noção no estudo dos vocabulários especializados, opondo-se assim à terminologia majoritária inspirada por E. Wüster. Ela trabalha no termo técnico a partir de uma perspectiva que parte do sinal linguístico; está particularmente interessada em situações de interface, onde o especialista é levado a renunciar ao discurso padronizado entre os pares a fim de fazer compromissos linguísticos com parceiros de outras disciplinas, ou com aqueles mais diretamente envolvidos no processo de produção, bem como com “decisores” (no contexto de relatórios, respostas aos concursos, contratos, etc.) e com o público. A socioterminologia se interessa por práticas institucionais que visam à observação, registro e padronização das práticas de

linguagem nos processos tecnológicos. (DUBOIS *et al.*, 1994, p. 436, tradução nossa)¹²

As situações de interface ou a “zona fronteira epistêmica” de nosso interesse na esfera da atividade ou da produção epistêmica dizem respeito aos vínculos categoriais aristotélico-ranganathanianos possíveis na classificação. Justamente pelo método não priorizar exclusivamente os vocabulários especializados (contudo, *a priori*, sem os negar), é de interesse focal descobrir os significados terminológicos quando do uso da linguagem nas práticas de produção epistêmico-documental institucional que alargam os significados categoriais terminológicos fechados conforme definição nas obras de referência. Estes novos significados terminológicos nos contextos sociais da produção epistêmica a respeito dos vínculos categoriais são identificados e comparados aos vocabulários especializados nas obras de referências, o que nos permite compreender a definição do termo na área do conhecimento original (Filosofia) e o seu alargamento fronteiro na área do conhecimento derivada (*Library and Information Science*) na qual a fronteira terminológica entre as áreas é estabelecida e investigada devido às característica do método de observação, registro e padronização das práticas de linguagem.

O grande mérito da Socioterminologia é ter impulsionado, a partir dos princípios da Sociolinguística, o exame do funcionamento dos termos em seu real contexto de ocorrência. Desse entendimento resulta o reconhecimento da presença da variação terminológica e da sinonímia nas comunicações especializadas, fenômenos não admitidos pelos estudos clássicos da Terminologia e da Terminografia de cunho prescritivo. O reconhecimento de que a variação existe, também nas linguagens de especialidade, contrapõe-se à ilusão de que é possível controlar seu uso por uma intransigente padronização. Defender tal padronização é negar e apagar o verdadeiro funcionamento da língua em contexto de uso. (ARAUJO, 2013, p. 87)

¹² **socioterminologie**

La socioterminologie veut prendre en compte les aspects sociolinguistiques de la communication scientifique et technique. Elle préfère la notion de sphère d'activité à celle du domaine, en considération des nouveaux rapports qu'entretiennent science, technique et production: ces rapports ne permettent plus de privilégier la pureté disciplinaire, et sont bien exprimés par le sens nouveau du mot technologie, tel qu'on peut l'induire de composés comme technologie du froid, technologie spatiale, biotechnologies, etc. La socioterminologie refuse de donner priorité à la notion dans l'étude des vocabulaires spécialisés, s'opposant ainsi à la terminologie majoritaire inspirée d'E. Wüster. Elle travaille le terme technique dans une optique qui part du signe linguistique; elle s'intéresse notamment aux situations d'interface, où le spécialiste est amené à renoncer au discours normé entre pairs pour passer des compromis langagiers avec des partenaires d'autres disciplines, ou engagés plus directement dans le procès de production, ainsi qu'avec les « décideurs » (dans le cadre des rapports, des réponses à appel d'offres, contrats, etc.) et avec le public. La socioterminologie s'intéresse aux pratiques, institutionnelles qui visent l'observation, l'enregistrement et la normalisation des pratiques langagières dans les procès technologiques. (DUBOIS *et al.*, 1994, p. 436)

Nosso interesse na identificação da variação terminológica no contexto de ocorrência da produção epistêmica justifica a utilização deste método. Em nossa pesquisa, a variação terminológica indica a riqueza epistêmica das possibilidades de descoberta dos vínculos categoriais na empiria, ou seja, nos contextos dos usos sociais do conhecimento.

2.2 Revisão sistemática da literatura

Esta pesquisa utiliza abordagem qualitativa, de cunho exploratório e descritivo. A presente seção se inicia com os delineamentos da etapa de planejamento da revisão sistemática da literatura com base no protocolo de pesquisa. Segundo Petticrew e Roberts (2006), a revisão sistemática da literatura possui um conjunto de métodos científicos que explicitam e minimizam vieses na medida que buscam identificar, avaliar e sintetizar estudos sobre um tema, buscando responder à(s) questão(ões) de pesquisa ou testar uma ou mais hipóteses.

Segundo Jesson, Matheson e Lacey (2011, p. 12, tradução nossa)¹³:

Portanto, definimos a revisão sistemática como uma revisão com um objetivo claro, uma questão, uma abordagem de pesquisa definida, estabelecendo critérios de inclusão e exclusão, produzindo uma avaliação qualitativa dos artigos. [...] descrevemos seis etapas essenciais da metodologia que você deve seguir ao realizar uma revisão sistemática:

- 1 Defina a questão de pesquisa
- 2 Desenhe o plano
- 3 Pesquisa de literatura
- 4 Aplicar os critérios de exclusão e inclusão
- 5 Aplicar a avaliação de qualidade
- 6 Síntese

Esta metodologia compreende um conjunto de métodos preestabelecidos que devem ser executados com o necessário rigor científico, o qual assegura o grau de confiabilidade das evidências descobertas e torna possível a reprodutibilidade da revisão em um tempo futuro buscando uma possível atualização da mesma.

¹³ We therefore define a systematic review as a review with a clear stated purpose, a question, a defined search approach, stating inclusion and exclusion criteria, producing a qualitative appraisal of articles. [...] we describe six essential stages of methodology that you should work through in undertaking a systematic review:

- 1 Define the research question.
- 2 Design the plan.
- 3 Search for literature.
- 4 Apply exclusion and inclusion criteria.
- 5 Apply quality assessment.
- 6 Synthesis (JESSON; MATHESON; LACEY, 2011, p. 12)

Iniciando pela questão da revisão, que pode igual ou mais refinada do que a questão de pesquisa geral, permite a investigação de um tópico de pesquisa de interesse na identificação, seleção, síntese e extração dos dados nos materiais coletados. A revisão sistemática da literatura realizada foi desenvolvida de outubro de 2021 até fevereiro de 2022.

Apresentamos o planejamento em suas etapas e subetapas. Neste, apresentamos a aplicação da revisão sistemática da literatura sobre nosso objeto categorias rangathanianas e aristotélicas e campo da Ciência da Informação.

1 Formulação da questão de pesquisa

1.1 da dissertação: quais os vínculos entre a categoria Personalidade de Ranganathan e substância de Aristóteles no contexto de sua aplicação nos processos de tratamento temático da informação sob o olhar da virada pragmático-linguística da informação?

1.2 da revisão sistemática da literatura: quais os vínculos possíveis entre a categoria Personalidade de Ranganathan e substância de Aristóteles na classificação facetada?

2 Definição dos eixos conceituais relacionados à questão de pesquisa da revisão sistemática da literatura

Os eixos conceituais da população são Ranganathan, Aristóteles e categoria. O processo de observação é a comparação. O resultado que os estudos fizeram é a classificação dos dois pontos. O contexto é a organização do conhecimento, a categorização e a organização da informação. Os tipos de estudo pertinentes que devem integrar as fontes de pesquisa são: revisão bibliográfica, estudo documental e teórico-conceitual.

3 Listagem dos termos relacionados a cada conceito dos eixos conceituais

3.1 Para a população, o conceito Ranganathan possui o termo Ranganathan; o conceito Aristóteles possui o termo Aristóteles e o conceito categoria possui os termos categoria, categorias fundamentais e pmest.

3.2 Para o processo, o conceito comparação não possui termo equivalente.

3.3 Para o resultado que os estudos fizeram, o conceito Classificação dos dois pontos possui os termos: classificação dos dois pontos, teoria da classificação, teoria da classificação facetada e classificação; o conceito Categorização possui o termo categorização.

3.4 A comparação não se aplica à nossa pesquisa, por isso não possui conceitos e termos. Muitas pesquisas possuem preenchidos os conceitos população, intervenção ou processo, comparação e resultados (estrutura PICO), mas tendo em vista que nesta pesquisa não há a comparação entre dois grupos de corpus, justificamos a não utilização desta estrutura completa. Em vez disto, em nossa pesquisa utilizamos os conceitos população, intervenção ou processo e resultados (PIO), pois apenas estes são contemplados como os eixos conceituais que compõem a questão de pesquisa da revisão sistemática. Deste modo, delimitamos exaustivamente todos os termos que representam os elementos conceituais da pesquisa.

3.5 Para o contexto, o conceito Organização do conhecimento possui o termo organização do conhecimento; o conceito Organização da informação possui o termo organização da informação.

3.6 Para os tipos de estudos, os conceitos Revisão bibliográfica e Estudo documental não possuem termos.

Apresentamos a seguir o quadro dos eixos metodológicos.

Quadro 1 – Eixos metodológicos da revisão sistemática de literatura

	Questão de Pesquisa:	Quais os vínculos entre a categoria Personalidade de Ranganathan e a categoria substância de Aristóteles na classificação?		Eixos Conceituais:	
População = Sujeito	Processo = Observação	Comparação ao Processo = Controle	Resultado = Desfecho	Contexto	Tipo de Estudo
Ranganathan	comparação		categorização	Organização do conhecimento	Revisão bibliográfica
Aristóteles				Organização	Estudo

les				da informação	documental
categori a					Teórico- conceitual

Fonte: A autora (2022)

Apresentamos o quadro dos conceitos e termos, dividido em duas partes, para maior clareza de visualização.

Quadro 2 – Conceitos e termos da revisão sistemática da literatura

População: Conceitos	População: Termos	Processo: Conceitos	Processo: Termos	Comparação: Conceitos	Comparação : Termos
Ranganathan	ranganathan	Comparação			
Aristóteles	aristóteles				
Categoria	categoria				
	categorias fundamentais				
	pmest				

Fonte: A autora (2022)

Quadro 2 – Conceitos e termos da revisão sistemática da literatura

Resultado: Conceitos	Resultado: Termos	Contexto: Conceitos	Contexto: Termos	Estudos: Conceitos	Estudos: Termos
Classificação dos dois pontos	classificação dos dois pontos	Organização do conhecimento	organização do conhecimento	Revisão bibliográfica	
	teoria da classificação			Estudo documental	
	teoria da classificação facetada	Organização da informação	organização da informação		
	classificação				
Categorização	categorização				

Fonte: A autora (2022)

4 Tradução dos termos no idioma inglês

Apresentamos o quadro dos termos no idioma inglês.

Quadro 3 – Tradução dos termos no idioma inglês

Termos em Inglês	Termos em Português
Category	Categoria
Fundamental category	Categoria fundamental
Fundamental categories	Categorias fundamentais
PMEST	PMEST
Knowledge organization	Organização do conhecimento
Teoria da classificação	Classification theory
Categorization	Categorização
Classification of the two points	Classificação dos dois pontos
Colon Classification	Classificação dos dois pontos
Aristotle	Aristóteles
Ranganathan	Ranganathan
Category	Categoria
Information organization	Organização da informação

Fonte: A autora (2022)

Após a delimitação dos termos e conceitos dos eixos conceituais PIO, a próxima etapa consiste em agrupar as variações terminológicas que expressam o conceito em uma expressão de busca geral, mencionada abaixo. Justificamos a escolha do termo *Classification of the two points* na medida que identificamos que o mesmo foi empregado na palavra-chave utilizada pelo autor.

5 Criação da expressão de busca geral para as bases de dados bibliográficas

((Ranganathan OR Aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization"))

Esta expressão visa recuperar documentos que abordam as categorias em Aristóteles e Ranganathan na classificação facetada. A busca da revisão sistemática não visa identificar estudos filosóficos das categorias aristotélicas porque o objetivo é identificar os vínculos entre as categorias nos autores no campo da Ciência da Informação e na subárea classificação. Justificamos a escolha do termo truncado *philosoph** porque o mesmo permite recuperar as variações *y* e *ical*.

6 Aplicação da expressão de busca nas bases de dados bibliográficas

Foram pesquisadas as seguintes bases de dados de teses e dissertações digitalizadas: Networked Digital Library of Thesis and Dissertations (NDLTD) e Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). A NDLTD Reúne os metadados referentes às bases de dados dos países ou regiões que as disponibilizam, eles são: Armênia, Austrália, Bangladesh, Bélgica, Brasil, Canadá, Ásia Central, Europa, Finlândia, França, Alemanha, Hong Kong, Índia, Irlanda, Itália, Japão, América Latina, Lituânia, Holanda, Nova Zelândia, América do Norte, Paquistão, Peru, Portugal, China, Escandinávia, Sérvia, África do Sul, Espanha, Suíça, Suécia, Taiwan, Turquia, Reino Unido, EUA e Gales.

A restrição de linguagem é um impedimento para a busca da revisão sistemática em línguas que não sejam o português, inglês e espanhol. Por esta razão, reconhecemos os limites desta pesquisa e buscamos justificar a não utilização de fontes relevantes à questão da revisão. Incentivamos os pesquisadores a consulta às fontes internacionais nas línguas alemão, francês, russo, italiano, aramaico, chinês, japonês e as demais para a execução de uma nova RSL para nossa questão, enriquecendo o campo.

Não foi possível consultar a literatura cinzenta que não se encontra digitalizada ou eletrônica, pois esta pesquisa se realiza em período pandêmico e a discente se encontra em quarentena. O deslocamento até as bibliotecas especializadas em Biblioteconomia e Ciência da Informação do Rio de Janeiro significa um risco pessoal e social de contração e disseminação do vírus COVID-19 e suas variantes.

A busca manual na versão impressa dos artigos do periódico *Annual Review of Information Science and Technology* (ARIST) adaptada para a mídia impressa (1960-1990) foi consultada na biblioteca do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro nos dias 18 e 19 de março de 2019 para a pesquisa de trabalho de conclusão de curso (TCC) da discente. Para isto, foi feita uma busca por termos autorizados no índice do periódico referentes aos eixos conceituais população, intervenção ou processo e resultados PIO (termos Ranganathan, Aristotle e category, faceted classification ou colon classification). A filtragem manual dos eixos em relação aos demais foi feita lendo cada artigo correspondente ao termo autorizado no índice. Não encontramos artigos que abordavam os vínculos entre as categorias na leitura documentária. As demais buscas manuais na literatura especializada em Ciência da Informação nas bibliotecas do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio de Janeiro e da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) no período da graduação (2014-2019), ambas localizadas no Rio de Janeiro, foram

feitas para a consulta aos originais de teses, dissertações, livros e artigos, mas a discente não os copiou e portanto temos um problema de acesso a esses materiais ocasionado pelo período pandêmico em 2020-2021.

Os critérios de seleção das fontes utilizadas são: cobertura temática na área da Ciência da Informação objetivamente relativa ao objeto de estudo em curso; cobertura nacional e internacional; bases de dados digitalizadas que contenham artigos, teses e dissertações, livros e anais de eventos: todas estas tipologias documentárias são relevantes para responder à questão da revisão; recuperação de documentos relevantes à questão da revisão.

A aplicação do último critério de elegibilidade das fontes implicou em nossa decisão metodológica de não utilizar as bases de dados SocArxiv, Google Acadêmico, ScieloPrePrints e E-Scholarship. Justificamos o porquê a seguir: a primeira base não recuperou documentos relevantes; a segunda não recuperou documentos pertinentes que não haviam sido recuperados nas demais bases selecionadas; a terceira não recuperou documentos relevantes e a quarta não recuperou livros para os termos “faceted classification” OR “colon classification” com o filtro de assunto *Library Science*.

Buscamos explicar, a seguir, o protocolo PRISMA-P e os elementos da pesquisa que explicam a utilização do mesmo.

Escopo do PRISMA-P

[O] PRISMA-P destina-se a orientar o desenvolvimento de protocolos de revisões sistemáticas e meta-análises, avaliando a eficácia terapêutica. Mesmo para revisões sistemáticas que não estão avaliando a eficácia, os autores são encorajados a utilizar o PRISMA-P devido à falta de orientação protocolar existente em geral.

Para o propósito desta orientação, definimos um protocolo, em termos gerais, como um documento escrito antes do início de uma revisão sistemática descrevendo a fundamentação e o objetivo pretendido da revisão, bem como a abordagem metodológica e analítica planejada [...].

[O] PRISMA-P destina-se a ser utilizado principalmente por autores na preparação de protocolos de revisão sistemática para publicação, consumo público, ou de outro modo. Destina-se também àqueles que comissionam as revisões potenciais de financiamento como um guia para os candidatos sobre o que devem incluir nos seus protocolos de revisão, e como uma ferramenta para os revisores avaliarem se um protocolo contém os detalhes essenciais.

[O] PRISMA-P também será útil para os editores de revistas científicas e aos avaliadores na aferição dos protocolos de revisão para publicação. [...]

Quadro 1: terminologia PRISMA-P

[...] Protocolo de revisão sistemática — No contexto de revisões sistemáticas e meta-análises, um protocolo é um documento que apresenta de forma explícita um ‘roteiro’ científico de uma revisão sistemática planejada e não iniciada. O protocolo detalha a metodologia racional e planejada e a abordagem analítica da revisão.(SHAMSEER *et al.*, 2015, p. 2, tradução nossa)¹⁴

¹⁴ **Scope of PRISMA-P**

A definição de protocolo na terminologia PRIMSA-P concebe o mesmo como um documento utilizado na formalização da etapa preliminar de planejamento da revisão sistemática que orienta a condução da mesma em conformidade às seções protocolares consideradas essenciais na condução da revisão para toda e qualquer investigação científica.

Justificamos o uso do protocolo PRISMA-P nesta fase da pesquisa com base na justificativa ético-epistêmica explicitada a seguir: a orientação protocolar da Cochrane destinada tanto à elaboração quanto à avaliação de revisões sistemáticas, as quais são utilizadas em diversos campos do conhecimento, confere à presente pesquisa um rigor metodológico no que concerne à integridade dos processos de busca, análise e síntese de evidências. A revisão sistemática conduzida pelo protocolo permite comunicar cientificamente de modo transparente a respeito dos requerimentos formais necessários à elaboração ou ao desenho de uma pesquisa que faça uso do método da revisão sistemática. Assim, o protocolo é um registro formal dos metadados que preenchem o conteúdo dos itens do protocolo. Este é utilizado na etapa preliminar de planejamento da revisão em conformidade às seções protocolares consideradas essenciais na condução da revisão para toda e qualquer investigação científica, tendo em vista que nossa ação metodológica preliminar, ou seja, a decisão pela utilização do protocolo, está pautada como uma proposta de solução ética possível face ao problema da condução de uma revisão sistemática em meio à escassez de orientação protocolar.

Foram utilizadas as bases de dados *Web of Science Clarivate Analytics*, *Web of Science SciELO Citation Index*, SCOPUS, BDTD, LISTA, ISTA, *Computers and Applied Sciences Complete* (EBSCO), Dialnet, BRAPCI, Emerald, Scielo.ORG e *Networked Digital Library of Theses and Dissertations* (NDLTD). A seguir justificamos, com base em critérios de seleção

PRISMA-P is intended to guide the development of protocols of systematic reviews and meta-analyses evaluating therapeutic efficacy. Even for systematic reviews that are not evaluating efficacy, authors are encouraged to use PRISMA-P because of the lack of existing protocol guidance overall.

For the purpose of this guidance, we define a protocol, broadly, as a document written before the start of a systematic review describing the rationale and intended purpose of the review, and the planned methodological and analytical approach [...].

PRISMA-P is meant to be used primarily by authors preparing systematic review protocols for publication, public consumption, or otherwise. It is also intended for those commissioning and potentially funding reviews as a guide for applicants on what they should include in their review protocols, and as a tool for peer reviewers to gauge whether a protocol contains essential details. PRISMA-P will also be helpful for journal editors and peer reviewers gauging the adequacy of review protocols for publication. [...]

Box 1: PRISMA-P terminology

[...] Systematic review protocol—In the context of systematic reviews and meta-analyses, a protocol is a document that presents an explicit scientific “road map” of a planned, uninitiated systematic review. The protocol details the rational and planned methodological and analytical approach of the review. (SHAMSEER *et al.*, 2015, p. 2)

das fontes, o porquê da seleção das mesmas. Em resumo, os critérios são de natureza ética e epistemológica, buscando fontes referentes ao campo da Ciência da Informação e à área da organização do conhecimento.

A respeito das etapas do processo de busca bibliográfica, Booth; Papaionnou; Sutton (2012, p. 72, tradução nossa¹⁵) propõem uma tabela como método de visualização de dados a respeito do resumo deste processo:

¹⁵ Table 5.1 The stages of the search process

Stage 1

Initial search of the literature: **scoping search**

- Search for existing reviews and familiarise yourself with the topic and volume of literature by a scoping search on select databases
- Determine which databases are to be included in the full search
- Identify key search terms for each database
- Develop and document a **search strategy**

Stage 2

Conduct search

- Search all databases using the identified search terms and the key search principles: **free-text** terms and tools, **thesaurus** terms, operators and limits
- Conduct a search for unpublished or **grey literature** search
- Consider the appropriateness of **methodological filter**
- Ensure if search is modified, this is documented

Stage 3

Bibliography search

- Search the reference lists and bibliographies of all papers for additional studies
- Identify any key citations and conduct citation searches
- Consider **hand searching** of relevant journals

Stage 4

Verification

- Check indexing of any relevant papers that have apparently been missed by search strategies
- Revise search strategies if necessary
- Consider contact with experts to determine if all relevant papers have been retrieved

Stage 5

Documentation

Tabela 5.1 As etapas do processo de busca

Estágio	Descrição	Etapas
Estágio 1	Busca inicial da literatura: pesquisa de escopo	● Pesquise revisões existentes e familiarize-se com o tópico e o volume da literatura por meio de uma pesquisa de escopo nas bases de dados selecionadas ● Determine quais bases de dados devem ser incluídas na busca completa ● Identifique os principais termos de pesquisa para cada base de dados ● Desenvolva e documente uma estratégia de pesquisa
Estágio 2	Conduza a busca	● Pesquise todas as bases de dados usando os termos de pesquisa identificados e os principais princípios de pesquisa: termos e ferramentas de texto livre, termos de tesauros, operadores e limites ● Conduza a busca por pesquisa de literatura não publicada ou cinzenta ● Considere a adequação do filtro metodológico ● Certifique-se de que se a pesquisa for modificada, isto é documentado
Estágio 3	Busca bibliográfica	● Pesquise as listas de referências e bibliografias de todos os artigos para estudos adicionais ● Identifique quaisquer citações importantes e realize pesquisas de citações ● Considere a pesquisa manual de periódicos relevantes

Record details such as the sources searched, search strategies used, and number of references found for each source/method of searching (BOOTH; PAPAIONNOU; SUTTON, 2012, p. 72, grifos do autor)

Estágio 4	Verificação	• Verifique a indexação de quaisquer documentos relevantes que aparentemente foram perdidos pelas estratégias de busca • Revise as estratégias de pesquisa, se necessário • Considere o contato com especialistas para determinar se todos os documentos relevantes foram recuperados
Estágio 5	Documentação	Registre detalhes como as fontes pesquisadas, as estratégias de busca usadas e o número de referências encontradas para cada fonte/método de pesquisa

Fonte: Booth; Papaionnou; Sutton, 2012, p. 72, grifos do autor, tradução nossa

O primeiro estágio permite ao pesquisador entrar em contato com a literatura a respeito do tópico de pesquisa investigado, de modo a permitir ao mesmo obter as primeiras impressões e *insights* a respeito da compreensão e interpretação dos pressupostos teóricos que dizem respeito à questão de pesquisa da revisão.

O segundo estágio diz respeito à busca pela literatura propriamente dita nas bases de dados selecionadas, ou seja, relevantes. Este estágio demanda do pesquisador responsabilidade ético-metaepistêmica no que se refere à necessidade de registro documental na seção dos procedimentos metodológicos a respeito da condução minuciosa deste estágio de modo a assegurar a transparência e a reprodutibilidade da ciência. Em relação aos termos livres e termos controlados, nas bases de dados que possuíam controle de vocabulário, fizemos uso do mesmo, mas nas bases que não o adotam, fizemos a busca por termos livres. Esclarecemos que todas as sintaxes de buscas realizadas nas bases de dados foram devidamente registradas, assim como a informação a respeito da utilização na busca nas bases de dados por termos livres ou termos controlados, a partir da adoção ou não dos últimos nas bases.

O terceiro estágio se refere ao exame dos documentos recuperados nas bases de dados e à busca manual de periódicos relevantes. A respeito dos nove documentos elegidos para compor a análise a síntese qualitativa, pesquisamos as listas de referências e as citações importantes destes documentos. Nosso exame do material bibliográfico destes documentos foi exaustivo, linha a linha, com enorme esforço de compreensão e interpretação a partir de nossa bagagem cultural-epistêmica, nosso conhecimento tácito que buscamos tornar explícito na

redação da seção dos procedimentos metodológicos. Fizemos a busca manual na coleção completa do periódico impresso *Annual Review of Information Science and Technology* (ARIST), esta busca foi devidamente registrada.

O quarto estágio diz respeito à verificação. Na verificação da indexação dos documentos, constatamos que a palavra-chave utilizada pelo autor “classification of the two points” difere do uso do vocabulário controlado (tesauros, glossário, índices de termos nas bases de dados) especializado na Ciência da Informação, motivo pelo qual utilizamos o termo no **Quadro 3** – Tradução dos termos no idioma inglês. Não consideramos relevante revisar a estratégia de busca, visto a mesma foi eficaz na recuperação de documentos relevantes à questão de pesquisa da revisão. A respeito do contato com os especialistas da área de organização do conhecimento para a verificação empírica de documentos relevantes ausentes no processo de busca, fizemos o mesmo em dois momentos distintos: na qualificação e na defesa da pesquisa de mestrado. Em ambos os momentos os especialistas recomendaram uma(s) sugestão(ões) bibliográfica(s), mas esclarecemos que a(s) mesma(s) não atendem à questão de pesquisa da revisão sistemática, mas sim à questão de pesquisa da dissertação, tendo em vista que estas questões, a saber, a da dissertação (mais ampla) e da revisão sistemática (mais específica), são complementares e interdependentes: ao coletarmos evidências que atendam à uma questão, necessariamente isto auxilia na compreensão da questão da revisão, haja visto que quanto maior nossa bagagem epistêmica, nos tornamos mais capazes de compreender as nuances ético-epistêmicas que atravessam a questão da revisão. Isto decorre de um processo informativo estabelecido pelo contato com a literatura e com os especialistas.

O quinto estágio da documentação esclarece que o processo da busca deve ser documentado para reuso da informação, ou seja, para informar e orientar os leitores a respeito de nosso processo de construção social do conhecimento.

A Web of Science™ é o banco de dados global de citações independente de editores mais confiável do mundo. Guiada pelo legado do Dr. Eugene Garfield, inventor do primeiro índice de citações do mundo, a *Web of Science* é o mecanismo de pesquisa mais poderoso, fornecendo à sua biblioteca os melhores dados de publicação e citação para descoberta, acesso e avaliação confiáveis. Nossa plataforma multidisciplinar conecta índices regionais, de especialidades, dados e patentes à *Web of Science Core Collection*™. Nossa plataforma abrangente permite rastrear ideias através das disciplinas e do tempo a partir de quase 1,9 bilhão de referências citadas de mais de 171 milhões de registros. Mais de 9.000 importantes instituições acadêmicas, empresariais, governamentais e milhões de investigadores confiam na *Web of Science* para produzir investigação de alta qualidade, adquirir conhecimentos e tomar decisões mais informadas que orientem o futuro da sua instituição e

estratégia de investigação. (WEB OF SCIENCE CLARIVATE ANALYTICS, 2022, tradução nossa)¹⁶

A *Web of Science Clarivate Analytics* é uma base de dados bibliográfica global que oferece literatura científica confiável em áreas multidisciplinares. Tendo em vista que “A Plataforma WoS abriga 16 bases de dados [...]” (ALENCAR; OLIVEIRA, 2017, p. 158), a característica cobertura temática global recai sob o critério de seleção cobertura temática na área de Ciência da Informação, elegemos a base para configurar entre nossas fontes de informação selecionadas na pesquisa. É relevante para situarmos o delineamento do campo teórico do nosso objeto de estudo no ciclo de vida da produção científica.

SciELO (Scientific Electronic Library Online) é um programa da Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo para a publicação cooperativa de periódicos de acesso aberto na Internet. Ela é apoiada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico [CNPq] e é uma parceria com o Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde [BIREME]. O conteúdo SciELO inclui revistas regionais da América Latina e do Caribe, assim como títulos da Espanha, Portugal e África do Sul. Faça conexões com o panorama mais amplo da pesquisa com a adição do *SciELO Citation Index*. Obtenha um quadro global mais completo, descobrindo novos *insights* da pesquisa na América Latina, Espanha, Portugal, Caribe e África do Sul.

Conteúdo regional com influência internacional

Pesquisar e visualizar conteúdos regionais de importância crítica com impacto internacional para obter um quadro abrangente dos influenciadores e impulsionadores da pesquisa regional:

Aproximadamente 650 títulos (mais de 350 adicionando conteúdo a periódicos já cobertos na *Web of Science*)

Mais de 4 milhões de referências citadas

Acesso aberto com links para o texto completo através do site SciELO

Atualizações semanais da alimentação de dados SciELO Brasil

Processo simplificado de descoberta de informações locais em um base de dados regional

Uma experiência de busca fácil com a interface no idioma local (SCIELO, 2022, tradução nossa)¹⁷

¹⁶ The *Web of Science*™ is the world's most trusted publisher-independent global citation database. Guided by the legacy of Dr Eugene Garfield, inventor of the world's first citation index, the *Web of Science* is the most powerful research engine, delivering your library with best-in-class publication and citation data for confident discovery, access and assessment. Our multidisciplinary platform connects regional, specialty, data and patent indexes to the *Web of Science Core Collection*™. Our comprehensive platform allows you to track ideas across disciplines and time from almost 1.9 billion cited references from over 171 million records. Over 9,000 leading academic, corporate and government institutions and millions of researchers trust the Web of Science to produce high-quality research, gain insights and make more-informed decisions that guide the future of their institution and research strategy. (WEB OF SCIENCE CLARIVATE ANALYTICS, 2022).

¹⁷ SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) is a program of the Sao Paulo Research Foundation for the cooperative publishing of open access journals on the internet. It is supported by the *National Council of Scientific and Technological Development* and is a partnership with the Latin American and Caribbean Center on Health Sciences Information. SciELO content includes regional journals from Latin American and the Caribbean as well as titles from Spain, Portugal and South Africa.

A base *SciELO Citation Index* integrada à *Web of Science* fornece acesso a tópicos de pesquisa científica regionais emergentes presentes nos *journals* dos países em desenvolvimento. A inclusão desta base justifica-se pela ética da informação em nossa busca por fontes de informação com maior cobertura possível no campo da Ciência da Informação. A partir da inclusão desta base, é possível satisfazer o critério da publicação científica regional, evitando, deste modo, vieses na etapa da seleção das fontes para a investigação das questões de pesquisa relacionadas ao objeto.

A Scopus combina de forma única uma base de dados de resumos e de citações com curadoria especializada com dados enriquecidos e literatura acadêmica vinculada à uma ampla variedade de disciplinas.

A Scopus rapidamente encontra pesquisas relevantes e autorizada, identifica especialistas e fornece acesso a dados confiáveis, métricas e ferramentas analíticas. Tenha confiança no progresso da pesquisa, ensino ou direção e prioridades da pesquisa — tudo a partir de uma base de dados e com uma única inscrição.

O conteúdo dos índices da Scopus é rigorosamente controlado e selecionado por um conselho de revisão independente de especialistas em suas áreas. A rica arquitetura de metadados sobre a qual Scopus é construída conecta pessoas, idéias publicadas e instituições.

Utilizando ferramentas sofisticadas e analíticas, a Scopus gera resultados de citações precisos, perfis detalhados de pesquisadores e *insights* que conduzem a melhores decisões, ações e resultados.

A Scopus reúne qualidade e cobertura de dados superiores, análises sofisticadas e tecnologia avançada em uma solução que está pronta para combater a publicação predatória, otimizar os poderes analíticos e os fluxos de trabalho dos pesquisadores, e fortalecer uma melhor tomada de decisões. (SCOPUS, 2022, tradução nossa)¹⁸

Make connections to the broader research landscape with the addition of the *SciELO Citation Index*. Get a more complete global picture by discovering new insights from research in Latin America, Spain, Portugal, the Caribbean and South Africa.

Regional content with international influence

Search and view critically important regional content with international impact to get a comprehensive picture of the influencers and drivers of regional research:

Approximately 650 titles (over 350 adding content to journals already covered in the *Web of Science*)

Over 4 million cited references

Open access with links to full text through the SciELO site

Weekly updates from the SciELO Brazil data feed

Simplified discovery process for local information in a regional database

An easy search experience with local language interface (SciELO, 2022)

¹⁸ Scopus uniquely combines a comprehensive, expertly curated abstract and citation database with enriched data and linked scholarly literature across a wide variety of disciplines.

Scopus quickly finds relevant and authoritative research, identifies experts and provides access to reliable data, metrics and analytical tools. Be confident in progressing research, teaching or research direction and priorities — all from one database and with one subscription.

Scopus indexes content that is rigorously vetted and selected by an independent review board of experts in their fields. The rich metadata architecture on which Scopus is built connects people, published ideas and institutions.

A Scopus é uma base geral de resumos e citações que indexa a literatura científica revisada por pares de áreas multidisciplinares. A variedade das tipologias documentárias, ou seja, revistas científicas, livros, anais de eventos, dentre outros, oferece uma cobertura de dados robusta para acessar o ciclo da informação na pesquisa científica. A inserção desta base justifica-se pela cobertura temática na Ciência da Informação a nível global, assim como a confiabilidade de dados e os *insights* de pesquisa, os quais configuram a possibilidade de aguçar a percepção e a intuição referentes aos aspectos de interesse que envolvem o objeto de pesquisa.

Library, Information Science & Technology Abstracts (LISTA) é uma base de dados de pesquisa gratuita para estudos de Biblioteconomia e Ciência da Informação. A LISTA fornece indexação e resumo para centenas de periódicos, livros e relatórios de pesquisa importantes. É intenção da EBSCO fornecer acesso a este recurso de forma contínua.

Referências Citadas Pesquisáveis

A LISTA inclui 239 periódicos com referências citadas pesquisáveis.

A Indexação de Assuntos da Mais Alta Qualidade

A EBSCO tem os melhores e mais conceituados vocabulários acadêmicos com curadoria de especialistas no assunto, abrangendo todas as disciplinas e grandes editoras.

A EBSCO acredita em quebrar as barreiras da informação por meio do mapeamento *Enhanced Subject Precision* (ESP), preenchendo a lacuna entre o conteúdo e os usuários finais por meio da inclusão de linguagens naturais.

As bases de dados da EBSCO suportam todos os tipos de aprendizado por meio de navegação por assunto textual e visual e treinamento em competência em informação por meio de pontos de acesso de assunto em mais de 30 idiomas. (EBSCO, 2022a, tradução nossa)¹⁹

Using sophisticated tools and analytics, Scopus generates precise citation results, detailed researcher profiles, and insights that drive better decisions, actions and outcomes.

Scopus brings together superior data quality and coverage, sophisticated analytics and advanced technology in one solution that is ready to combat predatory publishing, optimize analytic powers and researcher workflows, and empower better decision making. (SCOPUS, 2022)

¹⁹ *Library, Information Science & Technology Abstracts* (LISTA) is a free research database for library and information science studies. LISTA provides indexing and abstracting for hundreds of key journals, books, research reports. It is EBSCO's intention to provide access to this resource on a continual basis.

Searchable Cited References

LISTA includes 239 journals with searchable cited references.

The Highest Quality Subject Indexing

EBSCO has the premier and most highly regarded scholarly vocabularies curated by subject matter experts, covering all disciplines and major publishers.

A *Library, Information Science & Technology Abstracts* (LISTA) é uma base de dados especializada que possui conteúdo de texto completo e indexa literatura científica das mais diversas tipologias documentais da Ciência da Informação, incluindo o assunto classificação, nosso principal interesse, pois é neste que se enquadra o recorte de nossa população (Aristóteles, Ranganathan e categoria) no objeto.

A *Information Science & Technology Abstracts* (ISTA) é a mais antiga base de dados de Ciência da Informação produzida continuamente. Ela fornece indexação e resumos de artigos, livros, relatórios de pesquisa e anais de conferências, além de cobertura contínua dos periódicos mais importantes da área. (EBSCO, 2022b, tradução nossa)

A base *Information Science & Technology Abstracts* (ISTA) indexa distintos conteúdos na área de Ciência da Informação, mas não fornece acesso ao texto completo. Foi incluída em nosso levantamento por recuperar literatura científica referente à organização do conhecimento.

Computers & Applied Sciences Complete inclui a curadoria rigorosa de periódicos de acesso aberto, o que resultou em uma coleção crescente de 589 periódicos globais de acesso aberto. Uma vez validados e certificados para inclusão, estes periódicos de acesso aberto são submetidos a uma indexação de assuntos de alta qualidade e a uma ligação sofisticada, precisa e acurada de texto completo.

Referências citadas pesquisáveis

Computers & Applied Sciences Complete inclui 510 periódicos com referências citadas pesquisáveis.

[...]

A mais alta qualidade na indexação de temas

Computers & Applied Sciences Complete inclui 1.310 periódicos ativos, indexados e abstraídos. 1.128 deles são revisados por pares. (EBSCO, 2022c)

A base *Computers and Applied Sciences Complete* (EBSCO) indexa periódicos das disciplinas das Ciências Aplicadas, dentre as quais a Ciência da Informação. Proporciona referenciais com resumo e acesso a texto completo. Por ser uma fonte de informação relevante

EBSCO believes in breaking down barriers to information through Enhanced Subject Precision (ESP) mapping, bridging the gap between content and end users through inclusion of natural languages.

EBSCO databases support all learning types through textual and visual subject browse and information literacy training through subject access points in more than 30 languages. (EBSCO, 2022)

para a pesquisa na área da organização do conhecimento, foi selecionada na medida que satisfaz o critério cobertura temática referente ao objeto de estudo.

O Ibict desenvolveu e coordena a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), que integra os sistemas de informação de teses e dissertações existentes nas instituições de ensino e pesquisa do Brasil, e também estimula o registro e a publicação de teses e dissertações em meio eletrônico. A BDTD, em parceria com as instituições brasileiras de ensino e pesquisa, possibilita que a comunidade brasileira de C&T publique e difunda suas teses e dissertações produzidas no País e no exterior, dando maior visibilidade à produção científica nacional. (INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA, 2022)

A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) é um repositório digital de acesso aberto que fornece acesso a texto completo. Foi selecionada como fonte de informação porque as tipologias documentais teses e dissertações da Ciência da Informação são relevantes para compor nosso levantamento bibliográfico porque estas podem conter informações relevantes que respondam às questões de pesquisa.

Nossa missão

A *Networked Digital Library of Theses and Dissertations* (NDLTD) é uma organização internacional dedicada a promover a adoção, criação, uso, disseminação e preservação de teses e dissertações eletrônicas (ETDs). Apoiamos a publicação eletrônica e o acesso aberto a bolsas de estudo para aprimorar o compartilhamento de conhecimento em todo o mundo. Nosso site inclui recursos para administradores universitários, bibliotecários, professores, estudantes e o público em geral. Os tópicos incluem como localizar, criar e preservar ETDs; como configurar um programa ETD; questões jurídicas e técnicas; e as últimas notícias e pesquisas na comunidade ETD. (NETWORKED DIGITAL LIBRARY OF THESES AND DISSERTATIONS, 2022, tradução nossa)²⁰

A *Networked Digital Library of Theses and Dissertations* (NDLTD) é uma base de teses e dissertações mundial em rede que oferece acesso a resumo e texto completo. Foi selecionada

²⁰ **Our Mission**

The Networked Digital Library of Theses and Dissertations (NDLTD) is an international organization dedicated to promoting the adoption, creation, use, dissemination, and preservation of electronic theses and dissertations (ETDs). We support electronic publishing and open access to scholarship in order to enhance the sharing of knowledge worldwide. Our website includes resources for university administrators, librarians, faculty, students, and the general public. Topics include how to find, create, and preserve ETDs; how to set up an ETD program; legal and technical questions; and the latest news and research in the ETD community. (NETWORKED DIGITAL LIBRARY OF THESES AND DISSERTATIONS, 2022, tradução nossa)

por ser uma fonte de informação relevante para recuperar a literatura acadêmica internacional da Ciência da Informação.

A Dialnet é um dos maiores portais bibliográficos do mundo, cuja principal missão é dar maior visibilidade à literatura científica hispânica.

Focado fundamentalmente nos campos das Ciências Humanas, Jurídicas e Sociais, a Dialnet se constitui como uma ferramenta fundamental para a busca de informação de qualidade. Dialnet é um projeto de cooperação que integra diferentes recursos e serviços documentais:

Base de dados de conteúdo científico hispânico. Atualmente podemos encontrar na Dialnet artigos de periódicos, livros e artigos de livros coletivos, anais de congressos, teses de doutorado, resenhas de outras publicações na Dialnet.

Serviço de alerta bibliográfico que divulga, de forma atualizada, os conteúdos das revistas científicas hispânicas.

Hemeroteca virtual hispânica de natureza interdisciplinar, embora com predominância de revistas das ciências humanas, jurídicas e sociais.

Depósito ou repositório de acesso à literatura científica hispânica em texto completo, com um claro compromisso de acesso livre e aberto a ela, juntando-se ao movimento *Open Access*. (DIALNET, 2022)²¹

A Dialnet é uma base de dados que indexa a literatura científica Hispânica da Ciência da Informação. Foi selecionada por ser uma fonte de informação relevante que oferece acesso

²¹ Dialnet es uno de los mayores portales bibliográficos del mundo, cuyo principal cometido es dar mayor visibilidad a la literatura científica hispana.

Centrado fundamentalmente en los ámbitos de las Ciencias Humanas, Jurídicas y Sociales, Dialnet se constituye como una herramienta fundamental para la búsqueda de información de calidad.

Dialnet es un proyecto de cooperación que integra distintos recursos y servicios documentales:

Base de datos de contenidos científicos hispanos. En la actualidad podemos encontrar en Dialnet artículos de revista, libros y artículos de libros colectivos, actas de congresos, tesis doctorales, reseñas de otras publicaciones en Dialnet.

Servicio de alertas bibliográficas que difunde, de una manera actualizada, los contenidos de las revistas científicas hispanas.

Hemeroteca virtual hispana de carácter interdisciplinar, aunque con un predominio de las revistas de Ciencias humanas, jurídicas y sociales.

Depósito o repositorio de acceso a la literatura científica hispana a texto completo, con una clara apuesta por el acceso libre y gratuito a la misma, sumándose al movimiento *Open Access*. (DIALNET, 2022)

a resumo e texto completo para recuperar a literatura acadêmica Hispânica da área da organização do conhecimento.

A Base de Dados Referencial de Artigos de Periódicos em Ciência da Informação (Brapci) é o produto de informação do projeto de pesquisa “Opções metodológicas em pesquisa: a contribuição da área da informação para a produção de saberes no ensino superior”, cujo objetivo tem sido subsidiar estudos e propostas na área de CI, fundamentando-se em atividades planejadas institucionalmente. Com esse propósito, são identificados os títulos de periódicos da área de CI e indexados seus artigos, constituindo-se o corpus da base de dados referenciais. Inicialmente ambientada no ProCite 5, a Base tem catalogado referências e resumos de textos publicados em periódicos nacionais impressos e eletrônicos da área de CI a partir de 1972.

Desde sua concepção até o desenvolvimento de uma versão funcional, a Brapci está contribuindo para estudos analíticos e descritivos sobre a produção editorial de uma área em desenvolvimento, ao subsidiar com uma ferramenta dinâmica estudantes, professores e pesquisadores não somente da área de CI, mas também de outras a ela relacionadas.

Além disso, integra pesquisadores e estudantes de graduação e pósgraduação na construção de saberes relacionados às áreas que contribuem para o processo de pesquisa requerido para sua concretização. [...]

A base de dados Brapci, em menos de dois anos de acesso público pela Internet, vem se consolidando como importante fonte de informação na área de CI, disponibilizando trinta publicações vigentes e históricas. Seleciona e reúne grande parte da literatura pertinente e relevante da especialidade, com critérios de inserção para indexação do corpus a ser incorporado. A construção da metodologia Brapci foi iniciada com um estudo exploratório que possibilitou a coleta de informações para o diagnóstico detalhado das necessidades relacionadas à implantação de um ambiente que possibilitasse a construção e manutenção de uma base de dados temática. Discussões dentro do grupo de pesquisa contribuíram e foram fundamentais para o diagnóstico e a posterior validação da metodologia de construção da base, como referência para a área de CI.

A metodologia definiu variáveis orientadoras em pesquisa de campo por meio de estudo exploratório com o universo de pesquisadores participantes da lista de discussão da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação (Ancib), possibilitando a definição de algumas demandas dos pesquisadores.

Com a identificação dos requisitos para o sistema, foi possível a concepção do modelo a ser utilizado na metodologia de construção da base de dados. Todas as etapas do processo foram acompanhadas paralelamente por discussões entre os integrantes do Grupo de Pesquisa, com indicações de pontos vulneráveis e contribuições, o que favoreceu as modificações no produto e na metodologia. (BUFREM *et al.*, 2010, p. 25-38)

A BRAPCI é uma base de dados que indexa periódicos e eventos da Ciência da Informação, configurando uma fonte de informação específica para compor nosso levantamento bibliográfico. Foi selecionada para atender ao critério de cobertura temática do campo da Ciência da Informação.

A *Emerald Publishing* é uma das principais editoras digitais do mundo, comissionando, curando e apresentando pesquisas que podem fazer uma diferença real.

Trabalhamos com milhares de universidades e escolas de negócios em todo o mundo para compartilhar conhecimento e provocar o tipo de debate que leva a mudanças positivas. [...]

Pesquise mais de 255.000 artigos, livros e estudos de caso em negócios, administração, economia, engenharia, computação, tecnologia e ciências sociais. (EMERALD PUBLISHING, 2022, tradução nossa)²²

A *Emerald* é uma base de dados que oferece um amontoado robusto de literatura científica da Ciência da Informação que oferece acesso a resumo e texto completo. Foi selecionada para compor nosso levantamento bibliográfico devido à cobertura temática referente ao campo da Ciência da Informação.

SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) é um programa de comunicação de pesquisa internacional inaugurado em 1998 e implementado por meio de uma rede descentralizada de coleções nacionais de periódicos revisados por pares de 15 países – 12 da América Latina, Portugal, Espanha e África do Sul – que publicam conjuntamente mais de mil periódicos e cerca de 50 mil artigos por ano. Uma coleção temática sobre Saúde Pública também é operada pelo Programa SciELO. Todas as coleções estão acessíveis através do portal da rede – <http://www.scielo.org>.

O SciELO visa o progresso da pesquisa por meio do aprimoramento de periódicos revisados por pares de todas as disciplinas publicadas por associações científicas e profissionais, instituições acadêmicas e instituições públicas ou privadas de pesquisa e desenvolvimento. Os objetivos específicos são aumentar de forma sustentável a qualidade, visibilidade, uso, impacto e credibilidade dos periódicos indexados e da pesquisa que divulgam. Uma característica fundamental do SciELO é a publicação multilíngue, para que os periódicos possam publicar artigos em um ou vários idiomas, incluindo a publicação simultânea do mesmo artigo em mais de um idioma. (BIREME, 2022, tradução nossa)²³

²² *Emerald Publishing* is one of the world's leading digital first publishers, commissioning, curating and showcasing research that can make a real difference.

We work with thousands of universities and business schools across the world to share knowledge and provoke the kind of debate that leads to positive change. [...]

Search over 255,000 articles, books and case studies across business, management, economics, engineering, computing, technology and social sciences. (EMERALD PUBLISHING, 2022)

²³ SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) is an international research communication program launched in 1998 and implemented through a decentralized network of national collections of peer reviewed journals from 15 countries – 12 from Latin America, Portugal, Spain and South Africa – that jointly publish over 1 thousand journals and about 50 thousand articles per year. A thematic collection on Public Health is also operated by the SciELO Program. All collections are accessible via the network portal – <http://www.scielo.org>.

O SciELO é uma base que indexa literatura especializada e oferece acesso a periódicos de acesso gratuito. Esta base foi selecionada porque cobre a literatura especializada nacional e internacional da Ciência da Informação.

[...] as grandes bases de dados reconhecidas mundialmente indexam a ciência *mainstream*, ao passo que a ciência periférica é menos visível na ciência internacional (VELHO, 1985 apud ALMEIDA; GRÁCIO, 2019, p. 63). Apesar da importância dessas bases, existem bases de dados especializadas e de grande relevância nacional e regional de países considerados periféricos, como é o caso do Brasil. No Brasil, a base de dados mais importante é a Scientific Electronic Library On-Line (SciELO), mantida em parceria pela FAPESP, Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde (Bireme) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). (ALMEIDA; GRÁCIO, 2019, p. 63-64)

Tendo em vista o diferencial desta base, indexar a literatura científica periférica, não *mainstream*, esta base é de enorme relevância para recuperar o conhecimento à margem do ciclo de vida da produção científica. A seleção desta base adicionalmente ao critério explicitado anteriormente referente à cobertura temática, também se fundamenta na ética da informação.

O planejamento da revisão sistemática da literatura iniciou a partir de outubro de 2021 e iniciamos o processo de busca e recuperação, de fato, de janeiro até fevereiro de 2022. A base BENANCIB funcionou em nossa busca e recuperação nos dias 13/12/2021 e 18/12/2021 (período de planejamento, no qual realizamos testes de busca e recuperação), mas, infelizmente, em janeiro, quando iniciamos este processo mencionado com o uso do gerenciador de referências Zotero, a base esteve fora do ar durante todo o período de aplicação do método seguindo as etapas do planejamento. Isto implicou na impossibilidade de exportação dos documentos para o Zotero e, também, da utilização dos mesmos em nossa pesquisa.

Justificamos nossa decisão metodológica do uso do gerenciador de referências Zotero em detrimento dos demais, como o Mendeley e EndNote. Este possui as seguintes qualidades, as quais deram suporte à nossa decisão: interface amigável; grande capacidade interna de armazenamento na versão gratuita; permite a exportação de arquivos com ou sem o documento

SciELO aims at the progress of research through the improvement of peer reviewed journals from all disciplines published by scientific and professional associations, academic institutions and public or private research and development institutions. The specific objectives are to increase in a sustainable way the quality, visibility, usage, impact and credibility of the indexed journals and the research they communicate. A key characteristic of SciELO is multilingual publishing, so journals can publish articles in one or multiple languages including the simultaneous publishing of the same article in more than one language. (BIREME, 2022)

em pdf; disponibilização gratuita no site oficial de guias de instalação, uso e suporte; e tutoriais de uso no canal *Planeta Zotero* do YouTube, os quais nos auxiliaram em janeiro de 2022.

Os critérios de inclusão são:

- estudos que tratam sobre a classificação facetada de Ranganathan na Ciência da Informação;
- estudos que abordam os vínculos entre as categorias aristotélicas e rangathanianas na subárea classificação;
- tipos de produto científico: artigos, dissertações, teses originais, anais de eventos, livros;
- pesquisa primária;
- disponibilidade: estudos disponíveis para download

Os critérios de exclusão são:

- estudos que tratam exclusivamente de um único autor (Ranganathan ou Aristóteles);
- estudos que tratam exclusivamente de outras classificações que não a classificação facetada de Ranganathan e a classificação de Aristóteles;
- estudos que tratam sobre outras áreas do conhecimento;
- estudos biográficos.

A seguir apresentamos os detalhes do conteúdo do protocolo:

Definição da questão de pesquisa

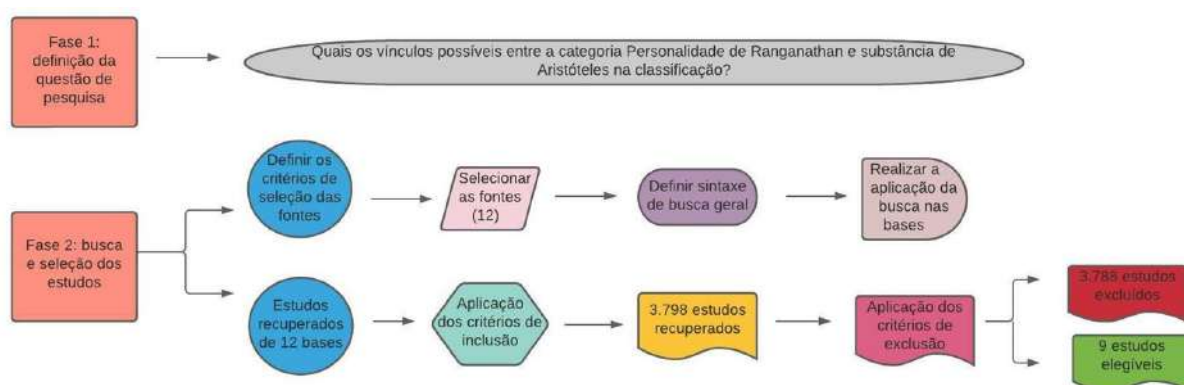
- Delimitar a questão de pesquisa

Tendo em vista o papel das categorias na classificação dos seres e dos saberes em Ranganathan e Aristóteles, busca-se compreender os vínculos na literatura em Biblioteconomia e Ciência da Informação. A finalidade da classificação em Aristóteles consiste em conhecer a física e a metafísica a partir dos gêneros supremos de ente, sendo a categoria da substância e suas características essenciais na cadeia do ser o que permite a definição dos objetos do mundo na teoria da predicação. A finalidade da *Colon Classification* de Ranganathan, um sistema de recuperação manual da informação, diverge da de Aristóteles: consiste em realizar a representação temática dos documentos a partir da construção dos números de classe coextensivos no ato classificatório com vistas à organização do acervo nas estantes e no universo do conhecimento para recuperar e disseminar as informações presentes no sistema de

informação. A categoria Personalidade é operacionalizada por Ranganathan como o conjunto de elementos conceituais que resultam do primeiro corte classificatório dos assuntos em uma classe principal, sendo a essência dos objetos das disciplinas ou a informação em si mesma contida nos documentos, a qual é teorizada por Ranganathan a partir da noção de “árvore baniana centenária” com diversas raízes e ramos, um modelo de conhecimento que pressupõe um relacionamento entre as facetas dos assuntos simultaneamente no documento e no universo do conhecimento, ou seja, uma relação “:” (*colon*) dos conceitos interna e externamente (social). Em sua metodologia analítico-sintética da *Colon Classification*, a lista dos assuntos em conceitos divide o conhecimento em classes básicas, canônicas e isolados. Classificar significa identificar e sintetizar os componentes dos assuntos do documento segundo postulados pré-definidos, ou seja, as categorias rangathanianas são recortes temáticos que apontam para as características essenciais dos assuntos em suas relações. Ranganathan, o “pai da Biblioteconomia”, sanciona a classificação como ciência.

- Na busca por citação, optamos pela inclusão dos estudos relevantes e disponíveis encontrados nos artigos selecionados.

Segue a seguir os fluxogramas referentes às duas primeiras fases da revisão sistemática da literatura elaborados pelo Lucidchart, um software online de diagramas e comunicação visual (<https://www.lucidchart.com>).



Fonte: A autora (2022)

Análise do material

O total de documentos recuperados foi de 3.798. Eliminamos 2.531 duplicatas, restando 1.267 documentos. Após a aplicação dos critérios de exclusão, 3.780 estudos foram excluídos e 9 estudos foram elegidos.

A primeira etapa da análise qualitativa consiste na extração de dados para a análise qualitativa dos achados dos 9 artigos abaixo referenciados. Em nossa busca por documentos relevantes nestes artigos, encontramos mais documentos relevantes que respondem à nossa questão de pesquisa da revisão sistemática, mas não os incluímos em nosso corpus porque não passaram pelo critério de inclusão da disponibilidade dos estudos.

Os documentos que compõem o resultado da seleção após a aplicação dos critérios de exclusão são apresentados abaixo. O artigo de Mazzocchi não estava disponível, então enviamos email ao pesquisador que o enviou em formato PDF.

Quadro 4 – Corpus da revisão sistemática da literatura

ANJOS, L. dos. Sistemas de classificação do conhecimento na Filosofia e Biblioteconomia : uma visão histórico-conceitual crítica cm enfoque nos conceitos de classe, de categoria e de faceta. São Paulo, 2008. 290f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
ARANALDE, M. M. Reflexões sobre os sistemas categoriais de Aristóteles, Kant e Ranganathan. Ciência da Informação , Brasília, v. 38, n. 1, p. 86-108, 2009.
ARTÊNCIO, L. M. Princípios de categorização nas linguagens documentárias . São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.
BARITÉ, M. G. The notion of 'category': its implications in subject analysis and in the construction and evaluation of indexing languages. Knowledge Organization , [s. l.], v. 27, n. 1/2, p. 4-10, 2000
CAMPOS, A. T. O processo classificatório como fundamento das linguagens de indexação. Revista de Biblioteconomia de Brasília , Brasília, v. 6, n. 1, 1978.

COSTA, L. S. F. Aproximações teórico-conceitual entre as categorias de Ranganathan, o discurso retórico e a narrativa literária. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 3, n. 1, 2010.

DOBRESKI, B. Re-examining Aristotle's Categories as a Knowledge Organization System. NORTH AMERICAN SYMPOSIUM ON KNOWLEDGE ORGANIZATION, 8., 2021, Washington. **Proceedings** [...]. Washington: University of Washington, 2021. p. 1-10.

MAZZOCCHI, F. Ranganathan's universe of knowledge and categorial thinking. **SRELS Journal of Information Management**, [s. l], v. 50, n. 6, p. 763-778, 2013.

SILVA, A. R. da. **Estudo dos princípios de categorização na Biblioteconomia e Ciência da Informação: Ranganathan - entre a teoria clássica e a abordagem cognitiva**. 2010. 193 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

Fonte: A autora (2022)

O formato de apresentação dos dados extraídos será textual. Listamos abaixo as variáveis gerais utilizadas na extração.

- Fenômeno estudado
- Problema
- Questão/objetivos
- Revisão de literatura
- Perspectiva teórica
- Processo de coleta de dados
- Natureza dos dados
- Validação dos dados
- Processo de coleta de dados
- Achados
- Processo de interpretação dos dados
- Interpretação dos achados
- Cuidados éticos
- Implementação dos estudos

- Formato de apresentação das informações
- Limitações dos estudos

Tendo como base nossa questão de pesquisa da RSL, propomos o uso de variáveis específicas para a extração de dados. Estas são os critérios para a análise intra e inter artigos do corpus selecionado. São listadas abaixo.

- Método(s) de coleta e análise
- Apresentação das categorias com respaldo teórico
- Aplicação das categorias
- Aristóteles
- Ranganathan
- Vínculos entre as categorias

Justificamos a escolha dessas variáveis para nossa análise qualitativa dos achados com base na teoria socioterminológica que encontra respaldo na variação linguística.

Propomos reunir para nossa análise inter um quadro de apresentação conceitual das categorias em Aristóteles e Ranganathan com definições provenientes de obras de referência (*Encyclopédie philosophique universelle*, Glossário da Área de Organização e Tratamento da Informação da UFRGS, Encyclopedia ISKO e Tesauro Brasileiro de Ciência da Informação). Este quadro será utilizado para dar suporte às nossas inferências acerca dos vínculos entre as categorias enquanto aplicação da teoria socioterminológica. Adicionalmente, nossos resultados da pesquisa da dissertação, que apresentam a definição de categorias em Ranganathan nas obras *Philosophy of Library Classification*, *Colon Classification* e *Prolegomena to Library Classification* e em Aristóteles na obra *Categorias*, darão suporte para operacionalizar o conceito de categoria nos vínculos categoriais descobertos na revisão sistemática em nossa pesquisa de dissertação.

Quadro 5 – Apresentação conceitual das categorias em obras de referência

Conceito	Obra de referência	Definição
Categoria	Glossário da Área de Organização e Tratamento da	conjunto de objetos com características comuns. Cada categoria contém termos baseados em uma única característica de divisão (teoria da facetação)

	Informação da UFRGS	
Categoria <i>category</i>	Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia.	bib/clas bib/index 1. Classe fundamental (ou básica) que resulta da divisão do universo de conhecimentos, de acordo com as características intrínsecas, ou fundamentais, de cada conceito. Para a área da classificação, segundo Grolier (GROLIER, 1962, p. 15 apud CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 74), não há uma definição firmemente estabelecida para o termo categoria. Para alguns autores, porém, categoria é a faceta geral que se aplica às várias áreas do conhecimento ou a vários assuntos. 2. Aristóteles apresentou algumas listas dessas categorias. A mais conhecida inclui: substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo ou data, situação ou posição, posse ou condição, ação, paixão. 3. Ranganathan usa a expressão 'categoria fundamental' mas não enuncia a definição de modo explícito: "Consultando um dicionário, encontramos o significado de 'fundamental' e de 'categoria'; ao combinarmos os significados não podemos saber o que sejam as 'categorias fundamentais', formada, pelos dois termos, não pode ser separada. E definida apenas pela enumeração" (RANGANATHAN, 1967, p. 398). No capítulo seguinte, diz "há somente cinco categorias fundamentais, a saber: Tempo, Espaço, Energia, Matéria e Personalidade. Estes termos e as idéias que denotam pertencem estritamente ao contexto da disciplina classificatória. Não têm nada a ver com seu uso na metafísica ou na física. Em nosso contexto, sua significação só pode ser entendida (pela leitura) das explicações sobre as facetas de um assunto - sua separação e sua sequência. Este conjunto de categorias é indicado pelo acrônimo pmest" (idem, p. 399). <=> categoria fundamental, faceta, manifestação, pmest. 4. Segundo Wildhack (GROLIER, 1962, p. 15 apud CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 75), categoria é sinônimo de ponto de vista, isto é, ele entende que a categoria é o ponto de vista que comanda a divisão de assuntos. <=> categorização. 5. Para Foskett (FOSKETT, 1982, p. 115 apud CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 75), categoria é sinônimo de faceta. <=> classe, faceta,
c. fundamental <i>fundamental category</i>	Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia.	bib/clas a reflexão de Ranganathan sobre as leis do pensamento e a organização dos conhecimentos levou-o à convicção de que os assuntos mais complexos podem sempre ser reduzidos, pela análise, a cinco categorias fundamentais ou a cinco facetas (Personalidade, Matéria, Energia, Espaço, Tempo). As facetas são apresentadas como postulados e justificadas por considerações práticas de eficácia. <=> manifestação, postulado, pmest. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 74-75)
Categorias	Tesouro Brasileiro de Ciência da Informação	ING: categories ESP: categorías TR categorização automática de textos hierarquias relações entre conceitos sistemas de classificação CAT: 2.1.2 Sistemas de organização do conhecimento
PMEST	Tesouro Brasileiro de Ciência da Informação	PMEST ING: PMEST facets UP facetas PMEST TG facetas TR Classificação dos Dois Pontos classificação facetada ordem de citação NE: PMEST é a fórmula mneumônica para as facetas utilizadas na Classificação dos Dois Pontos: personality, matter, energy, space, and time, isto é, Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo. CAT: 2.1.2 Sistemas de organização do conhecimento
Categoria	Diccionario de Organización	english category português categoria

	del Conocimiento	En Teoría de la Clasificación, concepción abstracta de tan alta generalidad que puede ser perceptible en cualquier ser, sustancia u objeto, cuya esencia puede analizarse desde una perspectiva semántica, metafísica u ontológica. Es, dicho de otra manera, cada modo, forma o clase fundamental del ser, en la cual pueden agruparse otros elementos relativos a un objeto. Aristóteles determinó la existencia de diez categorías o géneros supremos (sustancia, calidad, cantidad, relación, duración, lugar, acción, pasión o sufrimiento, manera de ser, posición). Ranganathan —quien extrapoló la noción a la Teoría de la Clasificación— redujo su número a cinco y las reconvirtió en Personalidad, Materia, Energía, Espacio y Tiempo. Otros autores sugirieron conjuntos diferentes de categorías, siempre con la ambición de determinar las abstracciones más generales que pudieran facilitar el análisis de dominios y la elaboración de sistemas de organización del conocimiento, con el alcance, la exhaustividad y la especificidad suficientes de acuerdo a los objetivos planteados. En Clasificación, cada categoría corresponde a un nivel de análisis específico y parcializado de un objeto. Las categorías son mutuamente excluyentes entre sí.
Categoría fundamental	Diccionario de Organización del Conocimiento	english fundamental category português categoria fundamental En Teoría de la Clasificación, cada una de las categorías irreducibles que pueden ser identificadas en todos los campos del conocimiento. Para Ranganathan, las cinco categorías fundamentales son Personalidad, Materia, Energía, Espacio y Tiempo. Otros autores sostienen que las categorías fundamentales no existen, en razón de que ninguna de ellas puede tener un espectro de aplicación tan amplio que alcance a todas las ramas del saber humano.
Personalidad	Diccionario de Organización del Conocimiento	english personality português personalidade En la concepción de Ranganathan, la categoría del conocimiento más importante que, conforme a opiniones especializadas, comprende el conjunto de facetas o aspectos vinculados a la esencia, las fuentes, la tipología y las partes u órganos del objeto o entidad que se analiza. Ranganathan, ante sus dificultades para definir personalidad, la concibió como una categoría «inefable» y residual que barre con los elementos que no pudieran ser contemplados por las otras cuatro categorías de su sistema de ideas (materia, energía, espacio y tiempo).
PMEST	Diccionario de Organización del Conocimiento	english pmest português pmest Sigla en idioma inglés que representa el orden de citación de las categorías fundamentales establecido por Ranganathan para su sistema de clasificación Colon Classification, en atención al principio de concreción decreciente. El desarrollo de la sigla corresponde a la serie «Personalidad-Materia-Energía-Espacio-Tiempo».
Substância primeira	Vocabulaire technique et critique de philosophie	<Substância primeira> tradução consagrada do Grego <i>πρώτη οὐσία</i> (ARISTOTE, Catég. V, 2a11, 2b8, 26, etc). É o ser individual, na medida em que é imediata e por excelência o sujeito de quem se afirma ou se nega vários predicados, e que ele próprio não é predicado de nenhum sujeito.
Substância segunda	Vocabulaire technique et critique de philosophie	Grego <i>δευτέρα οὐσία</i> (Catég. V, 2a14, etc): o que pode ser secundariamente o sujeito de uma proposição, como os termos gerais <o homem>, <o cavalo>. Mas ela não pode ser chamada substância, apenas por analogia porque nenhuma noção universal (<i>καθόλου</i>), nenhuma noção comum (<i>κοινόν</i>) é verdadeiramente uma οὐσία. (LALANDE, 1938, p. 817, tradução nossa)
Colon	Encyclopedia	Categories tend to evade definition. Their nature is somewhat elusive,

<i>Classification</i> (não há o conceito categoria) critérios de seleção: definição ou aplicação das categorias	ISKO	though not metaphysical. These are still postulated and require much experience and flair to recognize them. For example, the personality category occurs in all the main classes, yet it is difficult to say what in general it is. The nature or constituents of categories vary from main class to main class. Their deceptive nature is clear from the fact that what had been the energy category in the fourth to sixth editions became, all of a sudden, the matter category in the seventh edition. At times it is utterly confusing to categorize an entity clearly. For example, in the class music, musical instruments such as guitar, drum, flute, etc., are designated as matter category, so are books and other documents in library science. Therefore, if something puzzles us, the only solace seems to acquiesce in the way desired by Ranganathan. The Postulate of Impersonation of categories adds to the confusion—that is, a category may masquerade as some other category, e.g., a country is [P] in N Fine arts, V History and Z Law, but [S] in other social sciences. Also the context changes the category: Gold is [M] in numismatics but [P] in E Chemistry and HZ Mineralogy. In practical classification we start with identifying [T] and come down to [P] via [S], [E] and [M]. Time indicated by the apostrophe, is chronological, diurnal, or seasonal. Its examples are twentieth century, medieval period, summer season, or morning time, etc. Space indicated by a dot is the manifestation of geographical and political areas or population clusters, for example, Asia, London, French speaking countries, NATO, G8, hilly or desert areas, Iberian Peninsula, or Colorado valley. Energy, indicated by a colon, manifests actions, activities, processes, and problems. For example, treatment, storage, diseases, teaching, management, or grammar etc. are instances of energy. Earlier [M] was confined to the material of the entity, such as wooden chairs, marble sculpture, or gold coins. In the latest edition Ranganathan has widened the scope of matter by recognizing three variants of this category: Matter-Property [M-P] Matter-Method [M-M] Matter-Material [M-Mt] For all three the indicator symbol is ; semicolon. Of all the fundamental categories, personality [P] is the most concrete, but, paradoxically, the most difficult to recognize. Like human personality it is a complex entity and thus elusive. Ranganathan recommended the Residual Method to spot it in the facet analysis of a subject. It means that after identifying [T], [S], [E], and [M], categories, if anything still remains in the residue, then it might be personality — as a corollary of the "five and only five fundamental categories". But this method does not work all the time, especially when there are more facets than categories. M.A. Gopinath (1985) later maintained that the residual method was no longer necessary for this purpose. Personality is incarnate in persons (individuals or groups), communities, institutions, animal and plant families, body organs, chemical elements, agricultural products, languages, religions, art styles, political systems or ideologies, laws and the like. It is indicated by a comma.
Catégorie [philo. gén., psycho.]	<i>Encyclopédie philosophique universelle</i>	subs. fém. Ce terme a été introduit en philosophie par Aristote chez qui il désigne les grandes classes de prédicats que l'on peut affirmer d'un sujet quelconque. Ce sont en même temps les grandes divisions de l'être < qui se dit en plusieurs manières >. On peut en rapprocher rétrospectivement les grands genres de l'être distingués par Platon (Sophiste 254b et Philèbe 23c). Aristote en donne des listes (Catégories IV, 1b et Topiques IX, 103b): la substance ou essence (ousia), la quantité (poson, combien), la qualité (poion, quel), la relation (pros ti, à l'égard de quoi), le lieu (poü, où), le temps (potè, quand), la posture (keîtaï, se tenir), l'état (echein, avoir, en latin

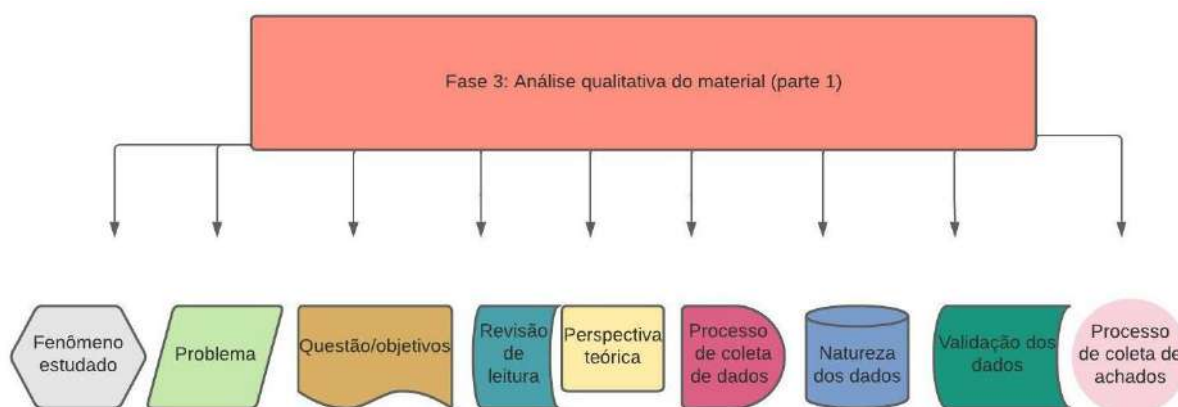
		habitus), l'action (poieîn, faire), la passion (pascheîn, subir). Une étude linguistique moderne (Benveniste) a mis cette liste en relation avec les particularités grammaticales de la langue grecque. < La langue fournit la configuration fondamentale des propriétés reconnues par l'esprit aux choses. > Avec des listes différentes, ce concept a été repris par les stoïciens et par Plotin. Le traité d'Aristote intitulé Catégories, qui fait partie de l'Organon, a été au Moyen Âge l'un des plus précocement et constamment étudiés grâce à la traduction latine de Boèce. Quelque peu négligé par les modernes avant Kant, le concept de catégorie prend un sens nouveau avec ce dernier. Les catégories donnent des règles à l'entendement pour le travail de synthèse qui ramène "à l'unité le divers sensible. Elles déterminent les conditions a priori requises pour qu'un objet soit pensable. Leur application au divers des phénomènes produit les principes qui structurent toute connaissance. Les catégories, au nombre de douze, se regroupent sous quatre rubriques: quantité, qualité, relation, modalité. Cette liste se déduit d'une classification formelle des jugements, et Kant reproche à Aristote de n'avoir pas eu un tel fil conducteur, et d'avoir inclus dans sa liste des formes de la sensibilité (temps, espace) et des concepts empiriques (état, posture). Les épistémologies modernes font en général peu d'usage du concept de catégorie employé au sens kantien auquel elles substituent une exigence plus générale d'ordre et de structuration, avec le souci de subordonner l'épistémologie aux transformations de la science elle-même. < Les a priori de la pensée ne sont pas définitifs >, dit Bachelard, (F. Khodoss.) En psychologie cognitive, le terme de catégorie est utilisé pour désigner la représentation, stockée dans la mémoire à long terme d'un sujet, d'une classe d'objets ou d'individus. Exemple: la catégorie <oiseau>, la catégorie <boulangier>, etc. Cette notion est à peu près équivalente de celle de <concept naturel>, ou de <signifié d'un terme d'espèce naturelle>. (F. Le Ny) □ ARISTOTE, <i>Catégories</i>. — E. Benveniste, Problèmes de linguistique générale, Paris, Gallimard, 1966. — F. CORDIER, <La catégorisation naturelle: niveau de base et typicalité>, Revue française de Pédagogie, 77, 1986, 61-70. — PLOTIN, <i>Ennéades</i>, VI. — E. E. SMITH & D. L. MEDIN, Categories and concepts, Cambridge, Harvard University Press, 1981. □ A priori, Catégorème, Concept, Être, Objet, Phénomène, Représentation, Schématisation, Substance, Transcendental, Typicalité; Ma'qūlāt (arab. méd.); <i>Katēgoría</i> (grec.); <i>Padārtha</i> (ind.). (AUROUX, 1998, p. 277)
Categorias	Tesouro OC - ECA-USP	Nota de escopo 1. Classe de grande generalidade. Resultado da divisão de noções universais em partes gerais, segundo as quais organizam-se as sub-áreas pertinentes do campo temático coberto por uma linguagem documentária. Resulta da hipótese sobre a pretendida forma de organização da informação neste mesmo campo. (MAIMONE, G. D. Glossário de Indexação e Resumos. 2006.) 2. Conceito de alta generalização. "No sistema aristotélico, as categorias servem de fundamento ao conhecimento das coisas. Elas são os princípios básicos que tornam o conhecimento possível, partindo de uma perspectiva que concebe o mundo como um todo integrado de causas e efeitos, em que as coisas e as suas propriedades essenciais, seus estados, processos e relações podem e devem ser reveladas pelo trabalho intelectual (ARANALDE, 2009, p. 91). "Classes que resultam da divisão do universo de conhecimentos, de acordo com as características intrínsecas ou fundamentais de cada conceito (Cavalcanti, 1978)".

		Categorias na linguagem documentária são agrupamentos que manifestam particularidades em relação às áreas do conhecimento ou de atividade. Não são universais, mas servem a propósitos institucionais ou pontos de vista. Sua função é orientar a formação criteriosa de agrupamentos. No paradigma clássico, aristotélico: - as categorias constituem conjuntos mutuamente exclusivos e os limites entre as categorias são sólidos. O conceitos se relacionam entre si com base na semelhança (atributos comuns). As características que definem a categoria são individualmente necessárias e conjuntamente suficientes, como por exemplo: um objeto com 4 lados, 2 de igual tamanho e ângulo, numa figura fechada, constitui um retângulo. Se não tem tais característica, não é um retângulo. A categoria subordinada possui todas as características da superordenada. Se determinamos que um objeto tem todas as coisas que caracterizam uma rosa, também diremos que têm todas as características de uma flor e de uma planta. Categorias aristotélicas: Substância Quantidade Qualidade Relação Operação Processo Estado Espaço Tempo Nos paradigmas contemporâneos: Para Wittgenstein, as categorias são formadas por ‘semelhanças de família’, mais do que por definições (similaridades parciais). Exemplo são as variações em jogos (jogos de carta, de bola, etc.): nem todos são categorizados juntos, porque não têm um conjunto de propriedades comuns, embora exista semelhança entre eles. Para Eleanor Rosch (psicologia), uma categoria é constituída por uma rede de propriedades inter-relacionadas. Alguns exemplares definem melhor a categoria do que outros. Exemplo - Truta é um exemplo melhor da categoria “Peixes” do que Baiacu; - Rosa é melhor exemplo de flor do que Dente de leão; - Pequenas flores da relva são exemplos de flores, porém não são membros equivalentes dentro da categoria. UP TOP TERM TG (TT) LÓGICA CATEGORIAS TE2CLASSE TE2FACETA TE2SUBCATEGORIA TR SISTEMAS DE ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

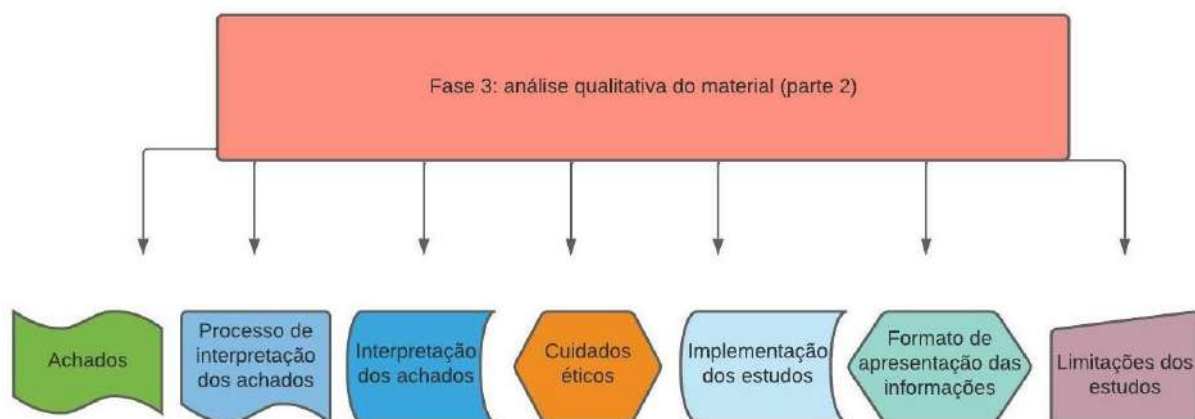
Catégorie	Vocabulaire technique et critique de La philosophie	(Gr. <i>κατηγορία</i>, de <i>κατηγορεῖν</i> affirmer; L. <i>Praedicamentum</i>; D. <i>Kategorie</i>; E. <i>Category</i>; I. <i>Categoria</i>). A. Primitivement, chez ARISTOTE, prédicat de la proposition; d'où vient qu'il appelle catégories de l'être (<i>κατηγορίαι τοῦ ὄντος</i>, et par abréviation catégories) les différentes classes 'être ou les différentes classes de l'être ou les différentes classes de prédicats que l'on peut affirmer d'un sujet quelconque. Il les énumère en nombre variable; la liste la plus complète en comprend dix: (<i>οὐσία, ποσόν, ποιόν, πρὸς τι, ποῦ, πότε, κείσθαι, ἔχειν, ποιεῖν, πάσχειν</i>). (Catégories, IV, 1b. Même liste, sauf (<i>τί ἐστιν</i>) au lieu de (<i>οὐσία</i>), Topiques, IX, 103b.) Le mot a été pris dans même sens, mais une liste différente en a été donnée par les stoïciens et les néoplatoniciens. B. Chez KANT et dans l'école kantienne, les catégories sont les concepts fondamentaux de l'entendement pur, <Stammbegriffe des reinen Verstandes,> (Critique de la Raison pure, 97), formes a priori de notre connaissance, représentant toutes les fonctions essentielles de la pensée discursive. Elles se déduisent de la nature du jugement, considérées dans ses différentes formes et se ramènent à quatre grandes classes: Quantität, Qualität, Relation, Modalität. (Ibid., 96) M. RENOUVIER donne une énumération différente des catégories, et les définit dans un sens un peu différent: <Les catégories sont les lois premières et irréductibles de la connaissance, les rapports fondamentaux qui en déterminent la forme et en régissent le mouvement. (Logique, I, 184.). Elles comprennent pour lui le temps et l'espace. C. D'une façon moins technique, on entend par catégories les concepts généraux auxquels un esprit a l'habitude de rapporter ses pensées et ses jugements. Rad. int.: <i>Kategori</i> (LALANDE, 1932, p. 98-99)

Fonte: A autora (2022)

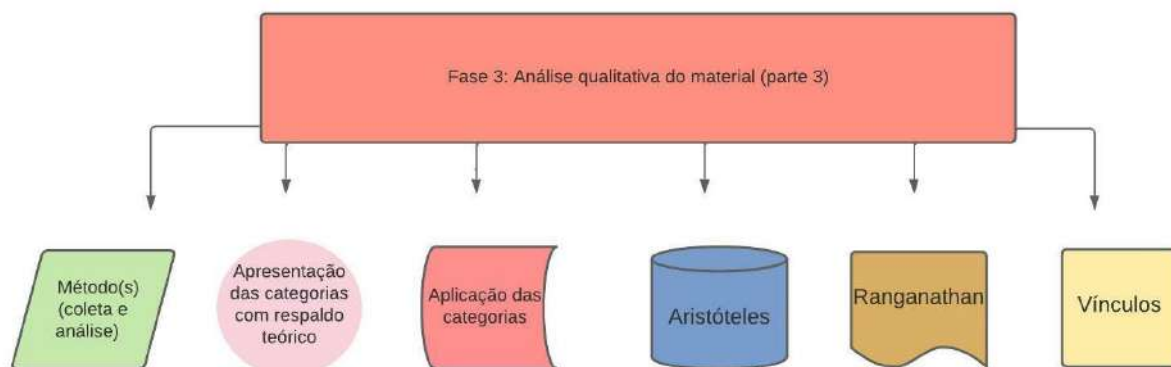
Segue a seguir os fluxogramas referentes à terceira fase da revisão sistemática da literatura (<https://www.lucidchart.com>).



Fonte: A autora (2022)



Fonte: A autora (2022)



Fonte: A autora (2022)

Sintetização dos achados

9.3 Etapas preliminares de uma síntese

9.3.1 Resuma as características de cada estudo (etapa 2.1)

9.3.2 Determine quais estudos são semelhantes o suficiente para serem agrupados em cada comparação (etapa 2.2)

9.3.3 Determine quais dados estão disponíveis para a síntese (etapa 2.3)

9.3.4 Determine se é necessário modificar as comparações ou resultados planejados, ou se são necessárias novas comparações (etapa 2.4)

9.3.5 Sintetize as características dos estudos que contribuem para cada comparação (passo 2.5) (MCKENZIE *et al*, 2019, p. 231-238, tradução nossa)²⁴

²⁴ 9.3 Preliminary steps of a synthesis

9.3.1 Summarize the characteristics of each study (step 2.1)

9.3.2 Determine which studies are similar enough to be grouped within each comparison (step 2.2)

9.3.3 Determine what data are available for synthesis (step 2.3)

9.3.4 Determine if modification to the planned comparisons or outcomes is necessary, or new comparisons are needed (step 2.4)

9.3.5 Synthesize the characteristics of the studies contributing to each comparison (step 2.5) (MCKENZIE *et al*, 2019, p. 231-238)

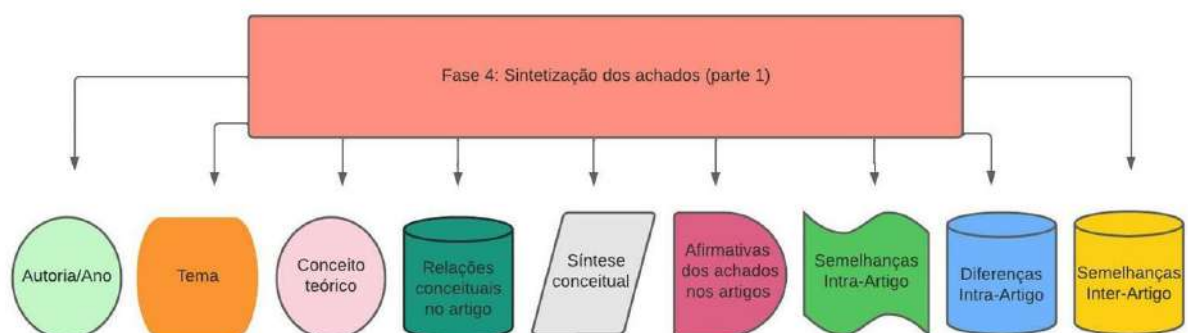
As etapas preliminares à síntese citadas são comandos foram executados de novembro de 2021 a 21/02/2022:

Os seguintes dados foram determinados para a síntese:

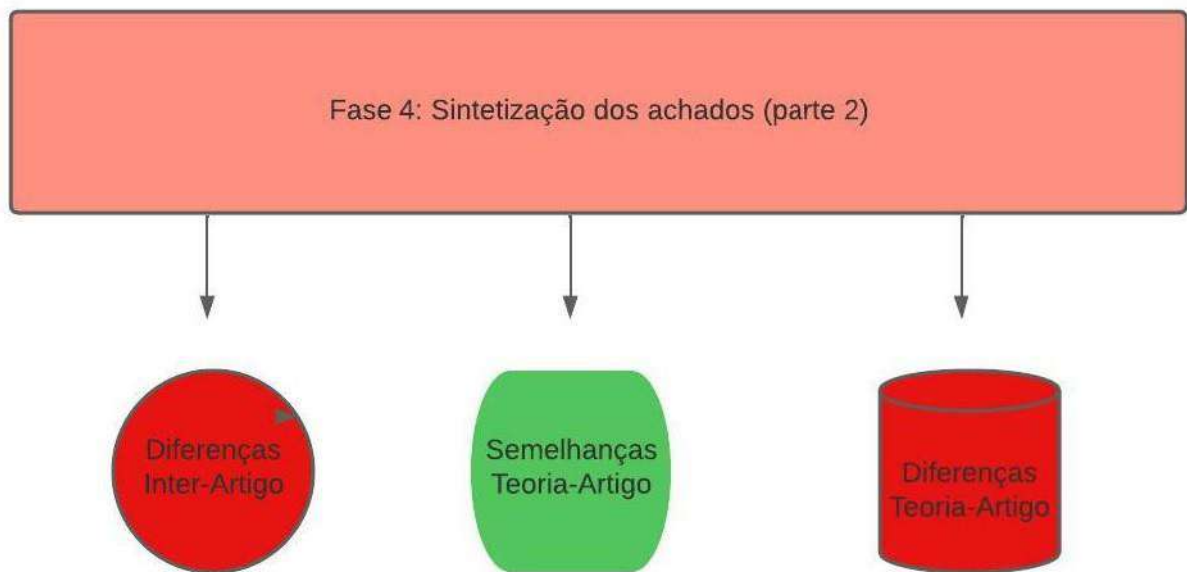
- Autoria/ano
- Tema
- Conceito teórico
- Relações conceituais no artigo
- Síntese conceitual
- Afirmativas dos achados no artigo
- Semelhanças Intra-Artigo
- Diferenças Intra-Artigo
- Semelhanças Inter-Artigo
- Diferenças Inter-Artigo
- Semelhanças Teoria-Artigo
- Diferenças Teoria-Artigo

O formato de apresentação da síntese dos vínculos categorias foi feito nos formatos textual e tabela.

Segue abaixo os fluxogramas referentes à quarta fase da revisão sistemática da literatura (<https://www.lucidchart.com>).



Fonte: A autora (2022)



Fonte: A autora (2022)

3 MARCO TEÓRICO

Nesta seção estão representadas as fontes que fundamentam o objeto de estudo, estruturam os procedimentos metodológicos descritos na seção anterior e conferem a base de discussão nos resultados da pesquisa.

3.1 Primeiros apontamentos das categorias aristotélicas e a prioridade lógico-ontológica da categoria substância

Segundo Cunha e Cavalcanti (2008, p. 99):

conceito *concept, conception* BIB/INDEX 1. 'Entendimento concreto, ou intrínseco, de uma unidade de informação, independente de sua expressão linguística. É, portanto, a representação mental de um conhecimento' (CAVALCANTI, 1978, p. 14 apud CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 99); noção. 2. 'Conjunto de características resultantes das afirmações verdadeiras sobre determinados objetos. As características podem ser intrínsecas (essenciais), ou acidentais' (CAVALCANTI, 1978, p. 14 apud CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 99). ↔ característica acidental, característica extrínseca. 3. Ideia geral simbolizada por uma palavra e, neste sentido, é o resultado de um julgamento.

Podemos inferir, a partir da compreensão do conceito como representação de um conhecimento, que a enumeração e a sequência de conceitos permite expressar e representar a tematicidade dos objetos informacionais. Enquanto conjunto de características, os conceitos permitem a divisão e organização de classes e subclasses nas quais os renques e as cadeias compõem a estrutura organizada de um domínio do conhecimento articulada com base nos conceitos fundamentais do mesmo.

Abstração ou noção que se refere a uma unidade de conhecimento, independente de sua expressão linguística, e inclui todas as suas características essenciais. O conceito, como representação simbólica, está na base da Teoria da Classificação e da Terminologia, pois é o elemento indivisível que permite representar o conhecimento contido nos documentos e organizar os enunciados correspondentes à ideia que se tem de qualquer coisa. Em vocabulários controlados e linguagem natural, o conceito é representado por um rótulo. (BARITÉ *et al.*, 2015, p. 52, tradução nossa)

O conceito, em sua acepção de representação ou substituto (*surrogate*) simbólico do conhecimento, possibilita mapear domínios na medida que possibilita estabelecer uma lista hierárquica ou associativa de conceitos ordenados expressos por termos e correspondente notação, as ideias abstraídas dos documentos e que o localizam na organização física (acervo) e intelectual (universo dinâmico do conhecimento) de um acervo.

No âmbito da ciência da informação, a teoria da classificação e a teoria do conceito se apresentam como teorias que suportam um dos primeiros esforços teórico-metodológicos que evidenciam a questão da unidade de representação. Ranganathan, em seu *Prolegomena*, introduz o conceito de isolado como a unidade mínima e manipulativa de um sistema de classificação. Dalhberg apresenta o Conceito como unidade mínima e o define como uma tríade – referente, características e nome. O objeto é o referente, que pode ser classificado como objeto individual, ou geral, que, circunscrito a um dado contexto, requer apropriação de características, sendo-lhe designado um signo lingüístico – um nome. (CAMPOS, 2004, p. 26-27)

A unidade de representação na Colon Classification é o conceito chamado de isolado que compõe as tabelas do esquema e que se une ao assunto básico nas fórmulas de facetas. A tríade de Dahlberg chamada de triângulo conceitual expressa a composição do significado do conceito que se articula em um referente (o objeto de representação), o qual possui características enunciadas através da predicação lingüística, e o nome, o qual designa a expressão terminológica deste conceito em uma linguagem documentária para fins de organização, recuperação e comunicação do conhecimento.

Na filosofia clássica, especialmente em Platão e Aristóteles, o conceito era tratado como um "universal" definidor da natureza de uma entidade. Dessa maneira, o conceito tanto podia ser entendido como uma essência ou como uma substância. (FRANCELIN, 2010, p. 14) Na filosofia de Platão, os conceitos, tal como a ideia universal de beleza e justiça, são construídos com base no método dialético que possibilita o desencobrimento da verdade a partir da “purificação de seus pensamentos” (2016, p. 239). Aristóteles, “o pai da classificação bibliográfica” (RICHARDSON, 1901, p. 154), faz uso dos conceitos extraídos do mundo sensível, o qual permite expressar linguisticamente o sentido não contraditório de algo. A noção de conceito é de fundamental importância para os sistemas de organização do conhecimento na medida em que estes operam com base em distintos tipos de relação que se estabelece entre grupos de conceitos. Estes possibilitam a configuração de um modelo de representação do conhecimento orientado por um viés pragmático.

Os escolásticos [...] fazem uso do termo *conceptus*. Dentro de uma proposta de classificação, distinguem conceitos formais e objetivos. (FRANCELIN, 2010, p. 13) Estes conceitos escolásticos buscam expressar a intencionalidade do intelecto para os entes de razão, os quais são extramateriais e metafísicos, e os entes reais ou materiais, os indivíduos pertencentes ao mundo físico.

1. *Definición de concepto formal y objetivo y su diferencia.* — En primer lugar, damos por supuesta la distinción vulgar entre concepto formal y objetivo.

Se llama concepto formal al acto mismo o, lo que es igual, al verbo con que el entendimiento concibe una cosa o una razón común. Se le da el nombre de concepto, porque viene a ser como una concepción de nuestra mente; y se le llama formal, bien porque es la última forma de la mente, bien porque representa formalmente al entendimiento la cosa conocida, bien porque, en realidad, es el término formal e intrínseco de la concepción mental, consistiendo, por decirlo así, en esto su diferencia del concepto objetivo. Llamamos concepto objetivo a la cosa o razón que, propia e inmediatamente, se conoce o representa por medio del concepto formal; por ejemplo: cuando concebimos un hombre, el acto que realizamos para concebirlo en la mente se llama concepto formal, en cambio, el hombre conocido y representado en dicho acto se llama concepto objetivo. [...] La diferencia, por lo tanto, entre el concepto formal y objetivo está en que el formal es siempre algo verdadero y positivo, siendo además en las criaturas una cualidad inherente a la mente; por el contrario, el concepto objetivo no es siempre una verdadera cosa positiva. Efectivamente, concebimos a veces las privaciones y otras cosas, que se llaman entes de razón, porque objetivamente no existen más que en el entendimiento. Además, el concepto formal es siempre algo singular e individual, por ser algo producido por el entendimiento e inherente a él; empero, el concepto objetivo a veces puede ser efectivamente una cosa singular e individual, en cuanto puede presentarse a la mente y ser concebida por el acto formal; pero muchas veces es una cosa universal o confusa y común; por ejemplo: hombre, sustancia y cosas parecidas.²⁵ (SUAREZ, 1960, p. 360-361)

A distinção entre conceito formal e objetivo é de considerável importância para a compreensão da herança das categorias aristotélicas nos sistemas de organização do conhecimento. Estas categorias representam a articulação entre grupos de conceitos enquanto recortes classificatórios arbitrários de um domínio. Estas são noções universais cujo legado histórico permite a representação pragmática e artificial nestes sistemas, com fortes implicações éticas nas discussões contemporâneas em organização do conhecimento, principalmente no que se refere à exclusão epistêmica de saberes socialmente oprimidos fora do ciclo da produção científica no gesto classificatório aristotélico. Reconhecer o cunho político, ideológico e

²⁵ *Conceptus formalis et obiectivus quid sint, et in quo differant.*— Supponenda imprimis est vulgaris distinctio conceptus formalis et obiectivi; conceptus formalis dicitur actus ipse, seu (quod idem est) verbum quo intellectus rem aliquam seu communem rationem concipit; qui dicitur conceptus, quia est veluti proles mentis; formalis autem appellatur, vel quia est ultima forma mentis, vel quia formaliter repraesentat menti rem cognitam, vel quia revera est intrinsecus et formalis terminus conceptionis mentalis, in quo differt a conceptu obiectivo, ut ita dicam. Conceptu obiectivus dicitur res illa, vel ratio, quae proprie et immediate per conceptum formalem cognoscitur seu repraesentatur; ut, verbi gratia, cum hominem concipimus, ille actus, quem in mente efficitur ad concipiendum hominem, vocatur conceptus formalis. [...] Unde colligitur differentia inter conceptum formalem et obiectivum, quod formalis semper est ver ac positiva res et in creaturis qualitas menti inhaerens, obiectivus vero non semper est vera res positiva; concipimus enim interdum privationes et alia, quae vocantur entia rationis, quia solum habent esse obiective in intellectu. Item conceptus formalis semper est res singularis et individua, quia est res producta per intellectum, eique inhaerens; conceptus autem obiectivus interdum quidem esse potest res singularis et individua, quatenus menti obici potest, et per actum formalem concipi, saepe vero est res universalis vel confusa et communis, ut est homo, substantia, et similia. (SUAREZ, 1960, p. 360-361)

epistemológico que envolve a escolha das categorias elegidas por um sistema de organização do conhecimento significa um gesto democrático e ético do bibliotecário. O profissional, utilizando outros recursos como estudos de usuários e comunidades que devem ser levados em consideração na elaboração e avaliação destes sistemas, posiciona-se perante a missão institucional de tratar e recuperar informações para perfis de usuários específicos e de acordo com o tipo de biblioteca a qual se aplica cuja orientação de seus processos biblioteconômico-informacionais está baseada em uma determinada política de informação.

O conceito formal como ato (*energeia, ἐνέργεια*) intelectual do pensamento que opera com base nos nomes das coisas configura uma característica própria do homem, a razão ou o logos que decodifica ou descobre a realidade através da linguagem. O conceito objetivo se refere aos indivíduos concretos ou sensíveis e também aos objetos do mundo inteligível, como os objetos matemáticos, noções abstratas (ou seja, fora da realidade) ou classes gerais e as privações dos entes (a ausência de asas nos homens ou a ausência de uma faceta de assunto encoberta até ser descoberta em um documento). Estas duas últimas são de fundamental importância enquanto elementos que compõem a potência do universo do conhecimento no que ofertam à percepção humana a possibilidade de entender, com base na relação entre conceitos em um processo subjetivo e cultural, um novo olhar ou um novo conhecimento fundamentado nos registros documentários em uma nova natureza, com novas articulações intrínsecas de ideias que compõem a nova formação (*in-formação*) do conhecimento. A representação dos assuntos nas bibliotecas e centros de documentação possibilita instrumentalizar o processo de organização do conhecimento com base na identificação e tradução dos conceitos formal e objetivo nos documentos traduzidos em um vocabulário controlado. A vantagem de representar os conceitos nos sistemas de organização do conhecimento é que, nos mesmos, o conceito objetivo (este homem chamado de Sócrates) está fora do mundo do devir, ou seja, diferente dos homens em sua condição natural, este homem documental não é gerado e corrompido: não aparece e desaparece, mas permanece em suas ideias registradas que guardam os potenciais inexplorados - transcende o tempo -, se transforma em novos conhecimentos que indagam outras questões e hipóteses, além de ter o poder intrínseco e artificialmente preservado de transformar a sociedade, não de modo ativo, mas passivo, à espera de sua perfeição (*ἐντελέχεια*) - plena realização - germinada no tempo e no espaço da realidade dos seres, posto que “A categoria da ação não encontra paralelo entre os artefatos, uma vez que eles não possuem potência para agir, mas apenas para sofrer.” (ARANALDE, 2009, p. 93). Os livros esperam, a cada dia, servir com o conhecimento - o alimento da alma - que estimula o desenvolvimento

das faculdades intelectivas e espirituais do homem. Isto significa promover a paz, o respeito à diversidade de ideias e, consequentemente, a hospitalidade de todos os novos assuntos nos sistemas de organização do conhecimento em vigor para a representatividade de todos os grupos e saberes. Há influência benéfica do acesso à informação à questão da ética humana, ou seja, a recuperação ou o acesso à informação e ao conhecimento promovem o bem e a felicidade.

Ranganathan enxergava a classificação como uma ação de versatilidade sistêmica e que deveria acompanhar a evolução do conhecimento ao respeitar a dinamicidade e infinitude entre os conceitos, pensamento este que ia de encontro aos esquemas bibliográficos desenvolvidos na década de 1930 diante de suas dificuldades quanto a hospitalidade de novos assuntos no sistema. (SILVA; MIRANDA, 2019)

O olhar subjetivo de Ranganathan quanto à concepção de formação do conhecimento é atravessado pela cultura e pela formação intelectual de sua trajetória acadêmico-científica. As falhas dos sistemas enumerativos consistiam na proposta universalizante de esgotar todas as possibilidades de divisão dos assuntos com base em suas características, o que acarretou na constante necessidade de atualização das edições e ampliações destes esquemas. Ranganathan compreendia possibilidades infinitas de articulações possíveis dos assuntos com base em seus conceitos constituintes, resultando na proposta revolucionária de listar apenas os conceitos isolados que são as facetas no interior das categorias que se conectam ao assunto básico enquanto processo duplo de construção do sentido (*informo* da informação), posto que depende da listagem de conceitos isolados sem sentido em si mesmos (*informis* da informação) - a estrutura da *Colon Classification* - pois isoladamente não são aptos a serem considerados assuntos.

A norma ISO 1087 (2019) define conceito como:

3.2 Conceitos

3.2.1

característica

abstração de uma **propriedade** (3.1.3)

Exemplo: 'Ter um cabo para conectar com um computador' como uma característica do conceito 'mouse com fio'.

Nota 1 para a entrada: As **características** são usadas para descrever conceitos (3.2.7).²⁶

²⁶ 3.2.1

characteristic

abstraction of a **property** (3.1.3)

A característica de um conceito como a abstração de sua propriedade vai de encontro à aplicação das categorias ranganathanianas articuladas com base nos elementos conceituais ou facetas que as sinalizam. Os conceitos e as categorias são recortes temáticos e possuem “[...] alcance fragmentário ou parcial do conhecimento da realidade, que nos oferece cada categoria [e conceito] por separado” (BARITÉ, 1998, p. 79, tradução nossa) nas características que compõem uma unidade de conhecimento.

[...] ele [Ranganathan] concebeu um esquema próprio. Isto foi baseado na idéia de nomear facetas separadas e fornecer um método para sintetizá-las. Foi chamado de *Colon Classification*, nomeando-o após seu primeiro símbolo 'inventado', o sinal de pontuação que ele usou como indicador de faceta. Pode ter sido sugerido a ele pelos dois pontos usados na Classificação Decimal Universal como um dispositivo de síntese. Suas descobertas em notação foram mais longe. Ele descobriu que os assuntos podiam crescer de duas maneiras dentro de qualquer faceta: por extensões da hierarquia e por extensão de uma série de coordenadas. Agora os conhecemos como "cadeia" e "renque". (PALMER, 1971, p. 49, tradução nossa)²⁷

A decomposição do universo do conhecimento em facetas de assunto separadas e nomeadas serve para tornar possível quaisquer possibilidades de formação de assuntos, conferindo grande autonomia ao classificador. Os dois pontos (:) utilizados na Classificação Decimal Universal permitem indicar uma relação entre os componentes de assunto, tendo este dispositivo a mesma função neste esquema e na *Colon Classification*. Uma cadeia é uma “[...] hierarquia de classes [...]” (ROSATI; GNOLI; LAI, 2005, p. 552, tradução nossa) e o renque é o “[...] local das classes dentro das facetas [...]” (ROSATI; GNOLI; LAI, 2005, p. 552, tradução nossa).

Para ilustrar como os isolados se compõem para formar um assunto específico neste tipo de classificação, três exemplos são dados a seguir. A *Colon Classification* é usada para demonstração, mas seu papel é apenas o de uma 'cobaia' ('guinea-pig').

Considere o assunto: Doenças de plantas de arroz em Madras em 1957. A análise no plano da ideia dá o seguinte resultado:

EXAMPLE: ‘Having a cable for connecting with a computer’ as a characteristic of the concept ‘cord mouse’.

Note 1 to entry: Characteristics are used for describing **concepts** (3.2.7) (ISO 1087, 2019)

²⁷ [...] he [Ranganathan] devised a scheme of his own. This was based on the idea of naming separate facets, and providing a method for synthesising them. It was called the *Colon Classification*, naming it after his first 'invented' symbol, the punctuation mark which he used as a facet indicator. It may have been suggested to him by the colon used in the Universal Decimal Classification as a synthesising device. His discoveries in notation went further. He found that subjects could grow in two ways within any facet: by extensions of the hierarchy, and by extension of a series of co-ordinates. We now know them as 'chain' and 'array' [...] (PALMER, 1971, p. 49)

Tabela 1 — Componentes para a construção do número de classe

CATEGORIA FUNDAMENTAL OU FACETA	TERMO ISOLADO	NÚMERO ISOLADO	SÍMBOLO DE CONEXÃO
Tempo	1957	N57	.
Espaço	Madras	441	.
Energia	Doenças	4	:
Matéria	nil	nil	;
Personalidade	Arroz	381	,
Assunto Básico	Agricultura	J	

Fonte: Ranganathan, 1957

Os postulados de uma classificação prevêm que as categorias fundamentais devem ser sintetizadas em uma seqüência inversa da ocorrência acima e que o símbolo de conexão pode ser omitido para a faceta personalidade imediatamente após o número do assunto básico em certos casos, sendo este um deles. O número de classe resultante para o assunto é J381:4.441.N57. (RANGANATHAN, 1957, p. 4-5, tradução nossa)

Este exemplo da aplicação das categorias possibilita compreendermos a operacionalização dos postulados da primeira faceta e da ordem de citação. Ranganathan (1967, p. 412, tradução nossa) afirma no Postulado da Primeira Faceta que um assunto complexo é formado por uma faceta básica, e esta deve ser a primeira faceta. Agricultura é a faceta básica e é o primeiro elemento na composição estrutural da Sequência de Faceta, seguida do “foco (*foci*) em Energia 4 Doença” (RANGANATHAN, 1933, 2.65, tradução nossa), do isolado espaço na tabela de divisão geográfica “441 Madras” (RANGANATHAN, 1933, 2.9, p. 41, tradução nossa), do isolado tempo na tabela de divisão cronológica de tempo (RANGANATHAN, 1933, 2.7, p. 23, tradução nossa) N 1900 to 1999 AD, na qual seleciona-se N e, após, “A década deve ser indicada [...] somando-se o dígito do século. O ano deve ser indicado [...] adicionando o dígito do ano - 0,1,... ou 9 [...] após o dígito da década.” (RANGANATHAN, 1933, 1.49), formando o número isolado de tempo N57. É interessante observarmos como os planos ideal, verbal e notacional operam em conjunto, havendo correspondência de uma faceta com um termo, número e símbolo. As facetas isoladas de assunto do documento são identificadas na análise, a saber, o PMEST. Na síntese, os símbolos de conexão são fundamentais para representar as categorias dos assuntos complexos agrupadas na notação.

A fórmula de faceta J [P]:[E][2P]:[2E] (RANGANATHAN, 1933, 2.64) sinaliza para a possibilidade do reaparecimento das categorias personalidade e energia, na terminologia rangathaniana se chama *round*, traduzido por ciclo. Contudo, no exemplo fornecido, o ciclo de P e M não ocorre, isto significa que a manifestação destas categorias ocorre apenas uma vez do assunto do documento. Na Colon Classification, a construção dos números de classe segue a ordem Personalidade, Matéria, Energia, Espaço, Tempo (PMEST) e a fórmula da faceta, que vem no início da classe e determina como os números devem ser formados (FERREIRA; LACULAN; NAVES, 2017, p. 286, tradução nossa)²⁸, conforme observamos no exemplo da aplicação das categorias. No exemplo, a síntese de facetas opera com base na fórmula de faceta em Agricultura J [P]:[E][2P]:[2E] (RANGANATHAN, 1933, 2.64), a qual sinaliza para o segundo ciclo de personalidade e energia, mas os ciclos não ocorrem no exemplo.

Sayers baseou seu ensino da teoria da classificação na lógica aristotélica: deve-se sempre buscar a diferença que separa a espécie do gênero. Mas quando se passava dessa teoria para os esquemas da Classificação Decimal, não havia tal exercício de lógica exigido de seus usuários: Dewey havia listado todas as espécies que havia encontrado, e seus usuários tinham apenas que virar as páginas de seus esquemas para descobrir onde ele os havia colocado. [...] Ele [Ranganathan], portanto, buscou os princípios subjacentes aos esquemas da Classificação Decimal, e a 'diferença' lhe pareceu um princípio poderoso. Se ele pudesse descobrir isso, sentiu que poderia libertar a classificação dos esquemas enumerados e, assim, dar-lhe a capacidade de crescer com o conhecimento. **Ele buscou um princípio de arranjo e descobriu que era plural.** Em vez de uma característica de divisão, havia duas e às vezes mais. (PALMER, 1971, p. 48, tradução nossa, grifo nosso)²⁹

A característica de divisão na lógica aristotélica consiste em identificar a diferença específica de um gênero superior e este tipo de lógica binária e excludente subjaz à estrutura da Classificação Decimal de Dewey. Ranganathan, discípulo de Sayers, compreendia que o universo do conhecimento difere a cada instante, pois na cultura Indiana a mutação de toda a realidade material e imaterial é um modo de compreensão de formação do conhecimento que

²⁸ In the Colon Classification, the construction of class numbers follows the Personality, Matter, Energy, Space, Time (PMEST) order and the facet formula, which comes at the beginning of the class and determines how the numbers should be formed. (FERREIRA; LACULAN; NAVES, 2017, p. 286)

²⁹ Sayers based his teaching of the theory of classification on Aristotelian logic: one should always seek the difference which marked off the species from the genus. But when one turned from this theory to the schedules of the Decimal Classification, there was no such exercise of logic demanded from its users: Dewey had listed all the species he had encountered, and his users had only to turn the pages of his schedules to find where he had put them. [...] He [Ranganathan], therefore, sought for the principles underlying the Decimal Classification schedules, and the 'difference' looked to him like a powerful principle. If he could discover this, he felt that he could free classification from enumerated schedules, and so give it the capacity to grow with knowledge. He sought a principle of arrangement and found that it was plural. Instead of one characteristic of division, there were two and sometimes more. (PALMER, 1971, p. 48)

difere da tradição epistemológica ocidental. Isto levou à formulação de uma lógica plural, não binária e democrática que foi aplicada à construção da *Colon Classification*: a divisão das classes em categorias, facetas (múltiplas características de divisão baseadas na garantia literária) e isolados. A listagem das facetas nos esquemas possibilita ao classificador identificar mais de uma faceta para a mesma categoria (ciclo) e mais de uma faceta no mesmo ciclo (nível). Apresentamos a seguir um exemplo de aplicação das categorias que inclui mais de um ciclo e um nível. Foi selecionado o assunto 28 dentre os 70 apresentados.

Assuntos com muitas facetas em muitos ciclos.

SN 38	Assunto (<i>Subject</i>)	Sequência de Facetas (<i>Facet Sequence</i>)
	Na Agricultura (BF). Prevenção [E]. da Doença [M]. da Plantação de Arroz [P]. com Químicos [M]. no Período Seco [T].	Agricultura (BF). Plantação de Arroz [1P1]. Doença [1M1]. Prevenção [1E]. Químicos [2M1]. Período Seco [T1].

Fonte: Ranganathan, 1967, p. 413-416, tradução nossa).

O número que antecede a categoria indica o ciclo e, o que sucede à mesma, o nível. Existem 5 postulados que orientam a sequência de facetas. Eles são:

- 1 Postulado da primeira faceta;
- 2 Postulado da concretude;
- 3 Postulado da sequência de facetas dentro de um ciclo
- 4 Postulado da sequência de facetas no último ciclo
- 5 Postulado de agrupamento de Nível [*Level-Cluster*] (RANGANATHAN, 1967, p. 412, tradução nossa)

O primeiro denota que a faceta básica ou as classes principais (disciplinas) deve ser a primeira faceta. O segundo denota a ordem de citação da concretude decrescente PMEST. O terceiro denota a sequência de faceta de um assunto composto que ordena as manifestações das categorias fundamentais [P], [M] e [E] de qualquer Ciclo, a saber: faceta personalidade, faceta matéria e faceta energia. O quarto denota a sequência de facetas das categorias que se manifestam apenas uma vez [P], [M], [S] e [T], exceto a Energia. O quinto denota que em um ciclo de manifestação de um assunto composto, as facetas de diferentes níveis devem ser agrupadas juntas.

Postulado de Nível

Qualquer uma das categorias fundamentais ‘Personalidade’ e ‘Matéria’ podem se manifestar mais de uma vez em um e mesmo Ciclo dentro de um assunto; e similarmente com ‘Espaço’ e ‘Tempo’ no último ciclo. A primeira

manifestação de uma categoria fundamental dentro de um Ciclo será a sua Faceta de Nível 1 nesse Ciclo. Sua segunda manifestação dentro desse Ciclo será a Faceta de Nível 2 nesse Ciclo, e assim por diante. (RANGANATHAN, 1967, p. 411, tradução nossa)³⁰

A primeira manifestação de uma categoria fundamental dentro de um ciclo será a sua faceta de nível 1 nesse ciclo, a segunda será a faceta de nível 2, e assim por diante. Um nível consiste na manifestação sucessiva de uma faceta PMEST no ciclo, se esta faceta for a Personalidade, é representado no plano verbal pelo nome de “Ciclo 1 Nível 1 Faceta Personalidade, Ciclo 1 Nível 2 Faceta Personalidade [...] [e] pelos respectivos símbolos [1P1], [1P2], etc.” (RANGANATHAN, 1967, p. 411, tradução nossa)³¹

Título do documento: Inflamação nas pálpebras:

Notação: L18511: 415

Assuntos: Medicina

Visão – Doenças

Olho – Pálpebras – Doenças

L Classe principal (Medicina)

18511 foco personalidade para pálpebra

: símbolo de ligação para a faceta energia

4 faceta energia para doença

415 faceta energia para inflamação (NUNES; TÁLAMO, 2009, p. 40)

Apresentamos a seguir a localização das facetas para o exemplo fornecido na sexta edição da Colon Classification.

Chapter L Medicine

L [P]: [E] [2P]

Foci in [P]

18511 eyelid

Foci in [E] cum [2P]

³⁰ Postulate of Level

Any of the fundamental categories "Personality" and "Matter" may manifest itself more than once in one and the same Round within a subject; and similarly with "Space" and "Time" in the last Round. The first manifestation of a fundamental category within a Round will be said to be its Level 1 Facet in that Round. Its second manifestation within that Round will be said to be its Level 2 Facet in that Round, and so on. (RANGANATHAN, 1967, p. 411)

³¹ Round 1 Level 1 Personality Facet, Round 1 Level 2 Personality facet, etc. We shall represent them by the respective symbols respective symbols [1P1], [1P2] (RANGANATHAN, 1967, p. 411)

4 Disease

For 4 Disease in [E]

Foci in [2P]

15 Inflammation

(RANGANATHAN, 1933, 2.80-2.84)

A sexta edição da *Colon Classification* não abarca a faceta energia 415 Inflamação, mas identifica no segundo ciclo da Personalidade 15 inflamação. Contudo, a notação com base na fórmula de faceta da Medicina permanece a mesma: L18511:415. Identificamos as facetas na tabela (*schedule*) da classe principal L Medicina que foi indicada no sumário da *Colon Classification*.

Ao lançar seu sistema, Ranganathan só utilizou o sinal dois pontos para introduzir qualquer uma das facetas, daí o nome do sistema, *Colon Classification*, pois a palavra "colon" em inglês significa dois pontos. Para classificar pela Colon, segue-se a rotina seguinte:

1. Examina-se o documento e determina-se os conceitos presentes.

Exemplo:

Em Estudo do Peso Molecular do Carbono, encontram-se dois conceitos — Peso Molecular e Carbono;

2. Localizam-se as classes principais (pág. 2.29 em diante) em que, presume-se, estejam enquadrados os conceitos a classificar, ou consulta-se o índice (pág. 2.126 em diante), procurando pelo assunto específico, para descobrir a posição dos conceitos desejados no sistema. No exemplo acima, localiza-se na classe de Química, ou através do índice, a posição no sistema de Carbono e Peso Molecular;

3. Localizada a classe principal, examina-se a fórmula-de-faceta. No exemplo, constata-se que o assunto está enquadrado na classe E (Química), com a seguinte fórmula-de-faceta: E[P] : [E] [2P];

4. Examinam-se os focos para situar os conceitos procurados. No exemplo, os conceitos desejados aparecem no "Foci in [P]", em 140 e no "Foci in [E] cum [2P]", em 14, como pode ser visto na reprodução abaixo'

Chapter E
CHEMISTRY
E[P] : [E][2P]

Foci in [P]

1 inorganic Substance

10 Group 0

100 Helium

109 Radon (Rn)

11 Group 1

110 Hydrogen (H)

111 Sodium (Na)

14 Group 4

140 Carbon (C)

Foci in [E] cum [2P]

1 General

11 Preparation

14 Atomic weight. Molecular weight

2 Physical chemistry

215 Valency

218 Molecular structure

22 Solucion

2201 Solubility.

5. Procede-se à substituição das siglas da fórmula-de-faceta pelos símbolos de classificação correspondentes aos conceitos a classificar.

Para o exemplo encontra-se: E140;14, onde,

E é o símbolo da classe principal, Química;

140 representa Carbono no "Foci in [P]";

é o indicador-de-faceta para Energia;

14 representa Peso Molecular no "Foci in [E] cum [2P]" (não há necessidade de indicador-de-faceta para 2P, porque esta faceta está combinada com a faceta Energia). (PIE DADE, 1983, p. 198-199)

Os procedimentos elencados constituem pragmaticamente a identificação e tradução dos conceitos dos documentos na linguagem documentária da *Colon Classification* para possibilitar sua recuperação. Os focos dos conceitos são o caráter específico dos assim chamados conceitos ou facetas isoladas. Estes focos ou facetas assinalam as categorias, sendo ordenados pela ordem da concretude decrescente assinalada pela fórmula de faceta nas classes principais. No exemplo fornecido, a classe Química elenca uma listagem de conceitos que correspondem à aos conceitos identificados pelo classificador no documento, a saber: carbono, representado pelo símbolo notacional 140, e peso molecular, pelo símbolo 14. Após a identificação da classe e dos conceitos, ocorre a construção do número de classe seguindo a fórmula de faceta que contém as siglas das categorias a ser substituídas pelos símbolos notacionais dos conceitos elencados na listagem das categorias.

Com base nos exemplos fornecidos de aplicações das categorias, podemos inferir que as elas “não possuem significado metafísico, mas são a fonte de todos os registros humanos [...] [e] se organizam em ordem de concretude decrescente para dar o **arranjo** mais **útil** aos assuntos.” (PALMER, 1971, p. 53, tradução nossa, grifo nosso)³² Contudo, mesmo sem as categorias rangianthianas possuírem significado metafísico, compreendemos que a técnica (práxis) e a filosofia (teoria) são complementares: a teoria fundamenta ou orienta a construção, a aplicação e a revisão da *Colon Classification*. As correntes teóricas de fundamentação da *Colon Classification* abarcam a tradição Hindu (transformação dos assuntos e cinco mantras) e a pragmática Inglesa (sentido construído pelos sujeitos a partir do acesso à informação). A primeira corrente pode ser identificada nas citações da tradição Hindu presentes no corpus

³² Personality, Matter, Energy, Space and Time are fundamental categories. They have no metaphysical significance, but are the source of all human records. [...] These fundamental categories arrange in an order of decreasing concreteness to give the most helpful arrangement of subjects. (PALMER, 1971, p. 53)

ranganathiano e a segunda deriva do conhecimento da trajetória acadêmica de Ranganathan, que avaliou os sistemas de organização do conhecimento utilizados na Inglaterra para identificar as lacunas presentes e aperfeiçoar a *Colon Classification*. Com base em uma avaliação crítica, estas correntes teóricas, idealmente, deveriam ter sido explicitadas na Introdução da *Colon Classification*, para esclarecimentos lógico-epistemológicos da concepção escolhida para o modelo adotado de organização do conhecimento, mas o estilo da redação científica de Ranganathan é peculiar e a interpretação de sua obra constitui um desafio para comunidade nacional e internacional da organização do conhecimento. Estas correntes se desdobram na formulação e aplicação categórica enquanto instrumentos para a recuperação e disseminação da informação para todos os indivíduos e para a concretização do projeto de desenvolvimento social, fazendo aguçar a inteligência e a intuição na percepção do conhecimento pelos sujeitos. Isto depende da materialidade dos saberes nos documentos para a *digvijaya*, a “[...] campanha de conquista [...] [ou] conscientização para a ação [...]” (SALDANHA, 2016, p. 47), na filosofia ranganathiana, a possibilidade de intervenção do princípio transcendente que orienta os sujeitos em suas ações, as quais, com base no equilíbrio físico, mental e espiritual, permite a aquisição de conhecimentos e a transformação do próprio eu aperfeiçoado na esfera comunicativo-social, posto que não se reconhece a identidade como princípio epistemológico em Ranganathan. Logo, a leitura almeja o equilíbrio mental, espiritual e o aperfeiçoamento pessoal dos sujeitos no mundo. Estes são objetivos comuns a todos, pois tudo o que há no universo Hindu se transforma e evolui. À luz da tradição Hindu, a Ciência da Informação fornece as ferramentas para a recuperação da informação pelos sistemas de organização do conhecimento, os quais buscam sanar a necessidade de informação e de sabedoria espiritual que todos possuem, ofertando a oportunidade de desenvolvimento intelectual e de compreensão das coisas materiais conectadas por uma realidade transcendental que a conduz veladamente, posto que inefável. Isto revela o caráter simbólico do documento no que possui como capacidade inerente de informar sempre algo a mais do que está dito, o qual não se esgota na estrutura sintática do documento, e nesta união do simbólico com o pragmático se insere a pragmática transcendental ranganathiana.

assunto *matter, subject, subject matter* 1. FIL LING qualquer conceito (↔) ou combinação de conceitos, considerados como um todo. ↔ tema, tópico. 2. COMN LIT matéria sobre a qual se fala ou se escreve. 3. BIB/CLAS matéria de que trata um documento. 3.1 No Dublin Core, elemento usado para descrever o conteúdo de um recurso informacional. Pode utilizar vocabulário controlado, palavras-chave ou frases que descrevem o assunto ou conteúdo do recurso. (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 35-36)

Os assuntos são representados com base nos conceitos presentes em um documento. Na *Colon Classification*, a combinação de conceitos ocorre com base na fórmula de facetas das disciplinas, considerando a relação fundamental do assunto do documento com a coleção da biblioteca e com a totalidade do universo do conhecimento que transcende o espaço, o tempo e a divisão pragmática das disciplinas, posto que tudo se relaciona com tudo. Este tipo de compreensão do conhecimento (*Banyan Tree*) em sua plenitude não é inteligível a nós: há um limite racional e intuitivo à inteligibilidade dos saberes, que é delimitado pela definição dos conceitos e aplicação das categorias na *Colon Classification*. À estas dimensões racional e intuitiva que nos atemos nesta pesquisa. Às outras dimensões do conhecimento possíveis, preferimos nos calar.

Segundo Ranganathan (1967, p. 82, tradução nossa), assunto é “Um corpo de ideias organizadas ou sistematizadas, cuja extensão e intensão são susceptíveis de cair de forma coerente no campo de interesse e confortavelmente dentro da competência intelectual e do campo da especialização inevitável de uma pessoa normal.”³³ Os assuntos são suscetíveis de serem assimilados pelos sujeitos com base no nível de especialização para que signifiquem algo. Isto pode ser verificado com maior clareza nas cinco leis: há uma correspondência do encontro frutífero do leitor com o livro e do livro com o leitor. O assunto do documento só pode ser localizado e comunicado porque a notação assim o permite.

O desenvolvimento conceitual do assunto de Ranganathan é uma tentativa holística na biblioteconomia. É uma descrição fundamental de onde se origina o conceito de organização do conhecimento. Ranganathan usou axiomas matemáticos para definir o assunto. Como a matemática é a melhor forma de lógica e raciocínio, seu envolvimento com o assunto dá a imagem fundamental do mesmo. O coração da *Colon Classification* pulsa com esse ponto de vista básico do assunto. (DUTTA, 2015, p. 263, tradução nossa)³⁴

O holismo presente nos assuntos enquanto universo contínuo infinito compõe o *informis* da informação em Ranganathan. A negação da forma ou da estrutura pré-estabelecida dos

33

Subject
An organised or systematised body of ideas, whose extension and intension are likely to fall coherently within the field of interest and comfortably within the intellectual competence and the field of inevitable specialisation of a normal person (RANGANATHAN, 1967, p. 82)

³⁴ Ranganathan's conceptual development of subject is a holistic attempt in library science. It is a fundamental description wherefrom the concept of knowledge organization originates. Ranganathan used mathematical axioms to define subject. As mathematics is the finest form of logic and reasoning, its involvement with a subject gives the fundamental picture of the same. The heart of the *Colon Classification* throbs with this basic viewpoint of subject. (DUTTA, 2015, p. 263)

esquemas enumerativos que antecederam a *Colon Classification* pauta-se em um esquema de classes que envolve, segundo Dutta, Majumder e Sen (2013, p. 54-55, tradução nossa)³⁵:

1. Características
2. Sucessão de características
3. Renque de classes
4. Cadeia de classes
5. Sequência filiatória

A dupla direção de *informo* e *informis* em Ranganathan pode ser compreendida como: com base na representação do assunto expressa na notação (*informo*), ocorre o entendimento comum e um diálogo orgânico entre livro e leitor e o desenvolvimento ou a mutação do assunto (*informis*) na espiral dos assuntos devido à diferença na percepção do conhecimento sob o olhar cultural, fazendo emergir novas relações conceituais captadas materialmente pelo classificador como uma nova estrutura (*informo* da informação) de ideias organizadas e sistematizadas em um documento gerado. Este processo de percepção cultural do conhecimento e desenvolvimento documental no tempo, a partir da compreensão que “Um assunto é [...] uma entidade dependente do tempo, submetida a uma mudança contínua de estado com o tempo.” (DUTTA; MAJUMDER; SEN, 2013, p. 55, tradução nossa)³⁶ Os assuntos, sob o viés pragmático transcendental, dependem do tempo para se desenvolverem no meio social, o qual, devido às subjetividades inerentes à interpretação hermenêutica da realidade, a comunicação e a interferência do universo do conhecimento imaterial (*informis*) depende do tratamento documental (*informo*) para se desenvolver no tempo. O rastro do plano ideal é o conceito expresso por termos e nomes, no qual as facetas de assunto em potência ainda não descobertas, fora do tempo, constitui uma engrenagem mecânica transcendente na qual os conceitos isolados e materiais listados na *Colon Classification* (*informis*) estimulam, tal como um catalisador (matéria conceitual e potência transcendente do plano ideal não totalmente manifesto), a diminuição do tempo necessário para trazer à luz novas relações entre ideias, ou seja, novos conhecimentos materiais. Esta engrenagem faz emergir novas relações conceituais captadas

³⁵ 1. Characteristics

2. Succession of characteristics

3. Array of classes

4. Chain of classes and

5. Filiatory sequence (DUTTA; MAJUMDER; SEN, 2013, p. 54-55)

³⁶ “A subject is thus a time dependent entity undergone through continuous change of state with time.” (DUTTA; MAJUMDER; SEN, 2013, p. 55)

materialmente como uma nova estrutura (*informo* da informação) de ideias organizadas e sistematizadas nos documentos. Esta nova estrutura se forma com as peças do quebra cabeça, as facetas que em um nível de sistematização do classificacionista se separam na *Colon Classification*, mas que no universo do conhecimento estão entrelaçadas dialeticamente dentro e fora do tempo, ou seja, na eternidade (universo do conhecimento contínuo) e na leitura (uso dos saberes).

A dialética presente entre os princípios, regras e postulados da *Colon Classification* (*informis*, um princípio não é material) é a de orientar a ação do classificador para a recuperação da informação. A relação entre as facetas de assunto é coextensiva à relação entre os itens da coleção e à relação de todos estes com a sociedade. A relação entre as facetas de assunto em potência ocorre na eternidade e depende do tempo para ser gerada materialmente como documento. Quando isto ocorre, a garantia literária assegura a inserção das facetas descobertas nos esquemas da *Colon Classification*.

Segundo Ferrater Mora (1994, p. 502), Aristóteles foi o primeiro a usar *κατηγορία* no sentido técnico, às vezes traduz-se por denominação, predicação e atribuição, o uso mais corrente é simplesmente o vocábulo categoria.

A proposição ou juízo se articula a partir das categorias e permite à argumentação demonstrativa estruturada por proposições investigar os conteúdos do objeto de inquérito do pensamento e produzir novos conhecimentos científicos. Os elementos constitutivos ou termos da predicação são o sujeito, predicado e cópula. As categorias são aquilo que preenchem os termos e possibilitam a afirmação ou a negação por meio da cópula (é) da oração. Metaforicamente, a cópula aristotélica possui função similar ao colon (:) ranganathiano, ou seja, um símbolo que permite relacionar os elementos constitutivos da oração.

As categorias permitem tornar a substância (*οὐσία*) cognoscível por meio das características que tornam explícitos os vários conceitos que podemos associar de acordo com a sua natureza. Podemos associar as características mortal, bípede, animal racional à substância homem, tornando possível conhecer e comunicar a definição dos conceitos.

a correspondência entre a realidade e o discurso através das determinações categoriais é a base da teoria de Aristóteles, que parte de um ponto de vista linguístico, no qual as categorias são os modos em que o ser se predica das coisas nas proposições, portanto são os predicados fundamentais das coisas. (ABBAGNANO, 2007, p. 121)

As categorias permitem fazer a correspondência entre a realidade (o que é ou aquilo que era ser) e o discurso porque expressam linguisticamente o significado ou tudo aquilo que pode ser conhecido a respeito do ser na predicação. Associadas ao *logos* grego, a “[...] a relação, composição e sintaxe, discurso mesmo (fr. VI, 1)” (CASSIN, 2005, p. 37) ou o “[...] termo em que o grego liga, como se sabe, na maneira de relacionar as coisas entre si, o fato de se pensar e o de falar” (CASSIN, 2005, p. 66) As mesmas têm no *órganon* o fundamento da filosofia da linguagem aristotélica com base nos enunciados linguísticos que se predicam na aplicação categórica e dizem o sentido na aproximação dos seres e a da realidade como *logos*, ou seja, o dizer e o significar são o próprio do homem que se expressa e se comunica via retórica.

Para Aristóteles, uma proposição não pode ser simultaneamente verdadeira e falsa – ‘é impossível que a mesma (palavra) simultaneamente tenha e não tenha o mesmo sentido’. O princípio da não contradição – ‘o mais firme de todos os princípios sem exceção’ – é atravessado pela ‘decisão do sentido’ – mutuamente exclusivo (ARISTÓTELES, 2002, IV, §1005b-1006b, p. 143-151 apud MENEZES, 2018, p. 139) (MENEZES, 2018, p. 139)

As categorias permitem, como efeito de sua aplicação lógico-linguística ou do dizer (predicar), classificar o mundo a partir da decisão do sentido mutuamente exclusivo expresso pela palavra na proposição. A seleção do sentido se dá pelo *logos* (palavra) articulado pela relação entre os elementos da proposição, sintaticamente, nos discursos.

As categorias permitem representar estruturalmente as articulações lógicas e ontológicas do ser e fundamentam a compreensão de qualquer domínio do conhecimento com base no agrupamento sistemático dos predicáveis conceituais.

[...] no tratado das categorias, Aristóteles divide as expressões em expressões sem enlace – como ‘homem’, ‘é vencedor’ – e expressões com enlace, como ‘o homem corre’, ‘o homem é vencedor’. As expressões sem enlace não afirmam nem negam nada por si mesmas, mas apenas ligadas a outras expressões. Mas as expressões sem enlace ou termos últimos e não analisáveis são agrupadas em categorias. (FERRATER MORA, 1994, p. 502)

As categorias são expressões sem enlace ou termos que designam um modo de ser essencial ou accidental do ente, a servir como componente do juízo formal na estrutura básica da predicação.

Aristóteles dá várias listas das categorias. A mais conhecida é a que aparece na obra Categorias, IV 25: 1) Substância, οὐσία; 2) Quantidade, ποσόν; 3) Qualidade, ποιόν, como ‘branco’; 4) Relação, πρός τι, como ‘dobro’, ‘metade’, ‘maior’; 5) Lugar, ποῦ, como ‘no Liceu’, ‘no

mercado'; 6) Tempo, ποτέ, a data, como 'ontem'; 7) Postura ou posição, κεῖσθαι, como 'deitado', 'sentado'; 8) Estado ou condição, ἔχειν, como 'armado'; 9) Ação, ποιεῖν, como 'corta', 'fala'; 10) Paixão, πάσχειν, como 'cortado'. (FERRATER MORA, 1994, p. 502)

Aristóteles considerava as categorias como instrumentos do saber, pois revelam os modos como a οὐσία pode ser revelada pela razão, estruturam os modos nos quais a natureza intrínseca de um ente se manifesta na natureza (Φύσις). Assim, as categorias explicitam a natureza íntima dos seres expressa na articulação lógica-ontológica dos termos sujeito, predicado e cópula na estrutura proposicional.

Segundo Abbagnano (2007, p. 121-122), “a relação entre as categorias e o ser ocorre porque o conceito de categorias é uma determinação pertencente ao próprio ser, e o pensamento deve servir-se para conhecê-lo e exprimi-lo em palavras.” A teoria da predicação de Aristóteles se articula através das categorias, que representam as manifestações do ser em referência à substância. Nesta, a quiddidade específica ou formal (*eidos*) e a matéria indeterminada compõem os elementos na definição de sua estrutura hilemórfica. Representam o ser do ente, a substância (οὐσία) que assume concretamente as formas metafísicas.

Por outro lado, se diz que são em si mesmos todos os itens que as figuras da predicação designam: pois de quantos modos tais figuras se dizem, de tantos modos elas designam o ser. Ora, visto que, entre os predicados, uns significam 'o que é', outros significam de certa qualidade, outros, por sua vez, de certa quantidade, outros, em relação a algo, outros, fazer ou padecer, outros, onde e outros, enfim, quando, o ser significa o mesmo que respectivamente cada um deles; pois não diferem em nada 'homem é saudável' e 'homem exibe saúde', nem difere 'homem é caminhante' de 'homem caminha' (ou 'homem é cortador' de 'homem corta'), e semelhantemente também nos demais casos. (ARISTÓTELES, Met. V 7, 1017a22 apud ANGIONI, 2003, p. 16)

As figuras da predicação designam o ser que se diz de muitos modos. As categorias permitem dispor e reunir num conjunto finito de termos os modos de ser ontológicos afirmados ou negados da substância (οὐσία), o sujeito no juízo. O predicado que significa o que é indica a essência, o tipo de substância, como homem ou pássaro. Os demais predicados determinam a qualidade, a quantidade, a relação, a ação, a paixão, a posição e o lugar.

categorias ou predicamentos em Aristóteles (lat. tardio *categoria*, do gr. *Κατηγορίαι*: caráter, espécie) não são as espécies do gênero ser, mas os gêneros supremos ou primeiros do ser de estatuto ao mesmo tempo lógico e metafísico atribuídas ao sujeito (substância ou essência) (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001, p. 45)

Dado que a cadeia do ser no mundo metafísico em Aristóteles é afirmada pela significação da relação estabelecida entre os gêneros e as espécies naturais que se predicam da substância, a predicação entre categorias na classificação permite determinar a natureza da substância primeira com maior intensão na cadeia no seu caráter intrínseco e necessário da comunicabilidade entre a categoria da *ousia* (*οὐσία*), dotada de primazia ontológica, e as demais, que a ela se remetem, bem como a determinam, na medida em que a incluem em classes de conceitos de maior extensão: quando predicamos animal de homem, inserimos este último, o sujeito ou *ousia*, no termo de maior extensão, animal, que também é um gênero ou modo de ser enquanto gênero supremo de ente como classes de conceitos de maior extensão.

<Substância primeira> tradução consagrada do Grego *πρώτη οὐσία* (ARISTOTE, Catég. V, 2a11, 2b8, 26, etc). É o ser individual, na medida em que é imediata e por excelência o sujeito de quem se afirma ou se nega vários predicados, e que ele próprio não é predicado de nenhum sujeito. <Substância segunda>, Grego *δευτέρα οὐσία* (Ibid, 2a14, etc): o que pode ser secundariamente o sujeito de uma proposição, como os termos gerais <o homem>, <o cavalo>. Mas ela não pode ser chamada substância, apenas por analogia porque nenhuma noção universal (*καθόλου*), nenhuma noção comum (*κοινόν*) é verdadeiramente uma *οὐσία*. (LALANDE, 1938, p. 817, tradução nossa)

A substância é concebida a partir de um ponto de vista hierárquico. A tábua das categorias permite expressar linguisticamente os modos de predicar as atribuições do ser com base em expressões comuns ou sem enlace, ou seja, o *lógos* do homem opera pela relação de atribuir predicados que possibilitam conhecer a essência e os acidentes do ser. Tudo que pode ser conhecido a respeito do ser é expresso pelas categorias: não há epistême do ser dissociada da aplicação das categorias em Aristóteles, as quais permitem organizar o conhecimento das essências dos seres no pensamento e na fala, a partir da qual é possível expressar a definição com base na eleição de critérios de divisão com pretensão de validação ontológica.

Devemos notar, além disso, que a ciência do ser enquanto ser não significava, como tendemos a pensar, a ciência do ser como um predicado abstrato ou como um gênero vago. Segundo Aristóteles, o ser não era um gênero, mas um universal analógico. (OWENS, 1951 apud ANDO, 1974, p. 17). As categorias tais como qualidade, quantidade, relação, etc., não eram espécies sob um gênero, mas os *summa genera*, que eram analogicamente ligados entre si pela categoria principal, a substância. A unificação do ser consistia nesta analogia entre os *summa genera*. Apenas por esta razão, explicar o ser enquanto ser foi considerado por Aristóteles como sendo o mesmo que explicar o ser com referência à substância. Em outras palavras, o ser era para Aristóteles primeiramente um sujeito, e era um predicado apenas num sentido secundário. (ANDO, 1974, p. 17-18, tradução nossa)³⁷

³⁷ We must notice, moreover, that the science of being qua being did not mean, as we are apt to think, the science of being as an abstract predicate or as a vague genus. According to Aristotle, being was not

A unificação do ser como analogia do *summa genera* consiste em compreender primeiramente a substância física como substrato de inerência dos contrários, pois os comporta em si mesma sem que isto acarrete em sua mudança de natureza. Os *summa genera* pertencem ao reino dos entes incorruptíveis e eternos na Metafísica, e, posto a teoria hilemórfica do ser, estes possuem ser estritamente na substância, ou seja, possuem relação intrínseca de dependência ontológica com a mesma. É considerada como princípio do ser e sua essência imutável é uma unidade com os seus acidentes que nela inerem devido à passagem do tempo no reino dos entes físicos - dos seres concretos ou particulares. Os *summa genera* ou as categorias são as ideias gerais que temos dos seres, cujo sentido atribuído por cada uma das mesmas é expresso por termos gerais que são predicados ou atributos da substância como suas subdivisões ou desdobramentos.

A substância segunda designa termos universais como o homem que não possui estatuto ontológico próprio à parte dos indivíduos propriamente ditos. A noção universal se atribui a um certo isto por analogia na predicação, pois este é definido como animal e homem. A substância primeira como sujeito da predicação se torna conhecida na sua definição e essência pelos atributos dos gêneros da substância segunda.

[...] o *logos* dos sofistas não é um *organon*, um instrumento necessário para mostrar ou demonstrar o que é, o que é: mas um *pharmakon*, um remédio para o melhoramento das almas e das cidades - mesmo que ninguém possa, após Platão, esquecer que *pharmakon* significa, indissolivelmente, veneno. [...] Querer dizer algo, *legein ti*, semainein ti: eis a decisão que Aristóteles exige de todo homem, se ele quer ser um homem. É essa decisão de sentido que constitui o cerne do que costumamos chamar de princípio de não-contradição. [...] o sentido só ganha sentido em função do adversário, em termos de manipulação e de objetivo. Ora, o livro *Gama*, aquele que, como se sabe, trata da ciência do ser enquanto ser e de seu primeiro princípio, procede a partir de seu quarto capítulo - e há oito deles - a uma série de refutações, tanto para estabelecer o princípio quanto para proibir o discurso de Protágoras. [...] Aristóteles contenta-se em produzir uma diferenciação dos sentidos do ser de tal modo que o enunciado 'o não-ente é não-ente' possa ser percebido, tal como no próprio *Gama*, mas no capítulo 2 (1003 b10 apud Cassin, 2005, p. 99), como a extremidade normal da amplitude do *pollakhos legomenon*. Em vez de lançar mão, como em suas *Refutações sofisticas* nas quais o roteiro lógico se moldava, da distinção entre categorias, potência e ato, substância e acidente, dessa vez, ao contrário, ele escolhe adotar, sem a menor hesitação, o rigorismo ultraparmenideano da posição sofística: pois seu ponto de partida é

a genus, but an analogical universal. (OWENS, 1951 apud ANDO, 1974, p. 17) The categories such as quality, quantity, relation, etc., were not species under a genus, but the *summa genera*, which were analogically linked together by the main category, substance. The unification of being consisted in this analogy between *summa genera*. Just for this reason, to explain being *qua* being was considered by Aristotle to be the same as to explain being with reference to substance. In other words, being was for Aristotle primarily a subject, and it was a predicate only in a secondary sense. (ANDO, 1974, p. 17-18)

a própria equivalência entre ‘ter um discurso de’ ou ‘sobre nada’ e ‘não ter qualquer discurso’ (*methenos logos/methena logon*). Ele se apropria assim - e isso merece ser repetido - da posição sofística acerca da linguagem. [...] A operação que Aristóteles impinge à equação sofística - dizer = dizer algo - é análoga à que a sofística impinge ao interdito parmenideano: o não-ser não é. Trata-se de um gesto de ater-se à palavra que leva a um ponto extremo, desequilibra e gera catástrofe, e cujo procedimento (no qual, sem dúvida, consiste em sumo o próprio arcabouço de toda interpretação ao longo da história da filosofia) se resume em um ‘Não acreditaste dizer tão bem’. Aristóteles retoma: aquele que não diz algo sequer fala; mas, em vez de concluir com isso que todos sempre dizem a verdade, daí infere que aqueles que não dizem algo não são homens. É a sofística que dá a Aristóteles o motivo de sua exclusão. [...] A exigência de significar algo parece, inicialmente - muito para trás em relação à eficácia da linguagem sofística -, acatar toda a indeterminação, nas coisas, que o adversário do princípio de não-contradição pode desejar. Entretanto, o compromisso que ele obtém do locutor sobre o sentido das palavras que ele emprega produz uma consequência de peso: fixar o uso das palavras aparentemente nada mais é do que uma questão de convenção, mas é confiar às palavras, doravante, a significação. [...] Mas tudo se modifica quando se trata de palavras e, mais exatamente, quando o sujeito da significação não é aquele cuja voz ressoa, mas a palavra, quando não é mais um homem, mas ‘homem’, que significa algo. Nessa ligeira modificação do uso, que, afinal de contas, se poderia pensar que passasse legitimamente despercebida, deixa-se apreender a abordagem nova, aristotélica, do discurso, ou seja, a descoberta de sua natureza semântica. A partir do momento em que significar é uma propriedade das palavras, e não mais uma ação cujo instrumento é o discurso, a significação não é mais a relação entre uma frase e um estado do mundo, que ela faz ser ou que ela designa, nem entre uma palavra e uma coisa, que ela nomeia, menos ainda a relação, geral, entre linguagem e realidade, mas é, antes, e apenas, a relação das palavras entre si; mais exatamente, a relação que cada palavra mantém com o *logos* que a explicita. Aristóteles destaca isso, no final do livro *Gama*, resumindo em uma frase seu princípio de refutação: ‘é a partir de uma definição que se deve dialogar’ (8, 1012 b7 apud CASSIN, 2005, p. 103). Ora, não é a coisa que se delimita assim pelo entrelaçamento dos nomes e dos verbos, é o sentido, do nome: ‘o enunciado que a palavra significa se torna uma definição’ (7, 1012a23-24, cf. nota *ad loc.* apud CASSIN, 2005, p. 103). Esse horismos, a definição, eis o que se torna o *ti horismenon*, o algo determinado, necessário e suficiente para a refutação transcendental. [...] ‘a palavra significa algo e significa uma única coisa’ (1006 b11-13 apud CASSIN, 2005, p. 105). [...] a explicitação passa pelo ser para a coisa que a palavra nomeia: ‘Por significar uma única coisa entendo: se é isso (animal bípede) um homem, então se algo é um homem, é isso (animal bípede) que é ser para um homem’ (1006 a32-34 apud CASSIN, 2005, p. 105). (CASSIN, 2005, p. 66-105)

Cassin considera Aristóteles sofista porque o roteiro lógico do *lógos* sofista não parte da significação argumentativa pelo discurso, pois, se este fosse o caso, o significado estaria fundamentado na própria correspondência do discurso com a realidade. Ao contrário, o Aristóteles sofista assim o é porque o fundamento último do significado reside na estrutura semântica das palavras que significam algo dissociadas da realidade que as mesmas, a rigor, deveriam desvelar.

O efeito do *lógos* sofisticado é a exclusão da condição de homem dos indivíduos que, na concepção deste filósofo, não possuem discurso, sendo o *lógos* dos mesmos equivalentes ao *lógos* de uma planta. O gesto político de exclusão da humanidade dos indivíduos que não sustentam discurso encontra correspondência com a exclusão dos dessemelhantes que não recaem sob o sentido de cada categoria que propõe denotar o que se pode conhecer a respeito dos modos daquilo que era ser, cujo estudo envolve também a designação da potência, do ato, da essência e do acidente.

Aristóteles é a tal ponto clássico que, no livro *Gama da Metafísica*, quando encontrou o primeiro princípio da ciência do ser enquanto ser, princípio do ser e do dizer do ser, ele reserva o termo ‘fenômeno’ - e o cuidado em dizer os fenômenos, em apreendê-los em seu desvelamento - a seus adversários [...] Ora, para Aristóteles, ater-se assim à fenomenologia é precisamente correr o risco de condenar-se ao silêncio ou ao ruído. [...] em uma fenomenologia tão tirânica, as **categorias aristotélicas** aparecem elas mesmas como o que, em vez de servir para constituir o fenômeno em objeto, serve como **operador** para a **difração** das aparições. [...] Aristóteles nos ensina que se pode falar *logikôs* *kai kenôs*, *ouk alogôs*, *eulogôs*: servindo-se mais ou menos bem da língua, de maneira vazia, ou seja, com uma língua reduzida a si mesma, sem nada dentro, nem coisas nem pensamentos, ou de maneira plenamente ‘lógica’, jogando até o fim o jogo concordante do *lógos*. [...] (CASSIN, 1999, p. 144-153)

O primeiro princípio, o da não contradição, fundamenta o instrumento (*órganon*) para o conhecer (*epistême*) como produto do dizer (*lógos*), o qual significa ou determina o significado de algo, ou seja, dos seres e dos saberes. Contudo, em tese, este princípio fundamenta a vida política do homem que é capaz de estruturar a cidade, mas o mesmo esconde que a decisão do sentido no livro *Gama da Metafísica* é enviesada pelo cunho político-ideológico-escravocrata de exclusão dos seres e seus modos subjetivos de conhecer. Estes seres não são qualificados ao pleno exercício das atividades democrático-políticas da cidade por não serem capazes, em si mesmos e por natureza, de sustentar discursos. Na Ciência da Informação, isto acarreta contemporaneamente que “as tentativas de organizar e representar o conhecimento são impregnadas de valores em contexto determinados [...] [e,] quando classificamos[,] estamos categorizando pelo nosso viés, clivados pelo nosso pensamento e pelo nosso contexto sociohistórico.” (TRIVELATO; MOURA, 2015, p. 3). A decisão do sentido nos sistemas de organização do conhecimento enumerativos, ou seja, que não o de Ranganathan, possuem em sua estrutura: (i) a seleção do sentido da informação ou a sua representação enumerada visando a sua recuperação; (ii) a seleção das possibilidades futuras cobertas no ciclo da informação ou o seu desenvolvimento pela comunidade usuária de especialistas; (iii) a exclusão ideológico-político-epistêmica dos dessemelhantes que não são captados pela divisão dicotômica fundamentada na lógica essencialista, os saberes marginalizados; (iv) a exclusão ideológico-

política-epistêmica das possibilidades futuras cobertas no ciclo da informação destes saberes marginalizados. As categorias aristotélicas são difusoras das aparições dos fenômenos com base no poder do *lógos* que reduz o conteúdo ao vazio da forma, que é tirana por eleger como válidos apenas os conteúdos que se conformam à esta forma. Já “[...] o trabalho teórico de Ranganathan (Índia, 1933) quanto a uma análise em facetas – Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo – do conteúdo temático dos documentos” (GUIMARÃES, 2008, p. 80) é uma proposta metodológica de inclusão de todos os conteúdos temáticos ou de sua representação que consiste em uma tentativa de ruptura da marginalização ideológico-político-epistêmica de raízes aristotélicas presentes nos limites dos esquemas enumerativos identificados e superados na facetação dos assuntos na *Colon Classification*.

3.2 Aproximações teórico-conceituais das categorias aristotélico-ranganathianas: caminhos possíveis entre a organização do conhecimento e a filosofia da informação

A CC [*Colon Classification*] é uma classificação universal [...] a unidade semântica de base não é [...] o assunto, é o conceito (chamado de ‘isolado’ dentro da linguagem da CC). As tabelas dessa classificação são então listas de conceitos. Os termos das listas são hierarquizados, e cada conceito é expresso por um termo linguístico e por um índice alfanumérico. Isso constitui uma primeira classificação, aquela dos termos-conceitos [...] e integrado ao sistema (às tabelas das facetas por domínio) [...] os documentos são, desde o início, analisados em facetas segundo as categorias da sigla PMEST, pois os assuntos são sintetizados graças à sintaxe e à notação. (ANJOS, 2008, p. 199)

Na abordagem analítico-sintética, as categorias fundamentais indicam o assunto dos documentos por meio da identificação e organização de seus conceitos nas facetas em classes. Na análise facetada, “as categorias [gerais] são aplicada[s] a uma coleção de assuntos isolados [...] [e] são “pragmática[s]” (ANJOS, 2008, p. 251). São “pragmáticas” (ANJOS, 2008, p. 251) porque na “disciplina classificação [...] a sua significância pode ser vista apenas nos enunciados sobre as facetas de um assunto - a sua separação e a sua sequência.” (RANGANATHAN, 1967, p. 399). A aplicação categórica permite descrever um domínio a partir da estrutura dos termos-conceitos derivados do “Universo de Ideias” (RANGANATHAN, 1967, p. 85) e combinados por meio da sintaxe e notação. Ranganathan “criava classes de livros somente no momento em que um livro era analisado segundo os elementos conceituais de seu assunto e sintetizado segundo as regras das fórmulas de facetas ligadas às disciplinas” (DAHLBERG, 1979, p. 356). As facetas dos assuntos indicam conceitos que se articulam nas “classes [...] representadas por termos” (ANJOS, 2008, p. 251- 252) e permitem descrever um domínio temático. As categorias permitem “assegurar uma sequência uniforme’ das ‘facetas’ sob vários assuntos” (GROLIER,

1962, p. 15). Quando aplicadas, permitem identificar as facetas em classes gerais de termos-conceitos que as manifestam, o que caracteriza a “análise *top-down* [de cima para baixo] do processamento da informação” (HJØRLAND, 2005, p. 135) para a formação de “hierarquias de conceitos” (CAMPOS; CAMPOS, 2014, p. 532).

A análise em facetas coordena conceitos, significando que um assunto, por mais complexo que seja, pode ser representado pela síntese de mais de uma faceta, cada uma indicando conceitos diferentes (BARBOSA, 1972, p. 74). A categorização consiste na identificação das facetas de assuntos nas categorias gerais ou “grupos de conceitos” (ANJOS, 2008, p. 236) expressos pelo termo linguístico e pelo índice alfanumérico nas classes gerais e, na síntese, estes conceitos são coordenados.

Na síntese, “as idéias se combinam em um assunto em vários padrões [...] conhecidos como os Métodos de Formação de Assuntos.” (BINWAL, 1992, p. 197) Estes métodos descrevem as dinâmicas que ocorrem no Universo de Assunto e o no Universo de Isolados por meio da coordenação dos conceitos nas facetas em classes criadas na categorização. O papel das categorias na “classificação como ciência” (RANGANATHAN, 1967, p. 550) consiste em “proporcionar à ‘intelecção[...] [o] exame empírico com o universo fenomênico fora da ‘mente de uma pessoa’” (RANGANATHAN, 1967, p. 550). Possibilitam o processamento e transmissão da informação.

A Personalidade é a entidade ou objeto central de estudo (NEELAMEGHAN, 1975, p. 537) das disciplinas e “não possui valor teórico [...] busca expressar diferentes pontos de vista [...]” (GROLIER, 1962, p. 46). Permite a análise de conteúdo dos documentos por meio dos seus conceitos. Unifica as distintas manifestações das ideias no plano empírico-conceitual-material, concretamente, ou seja, acusa os diferentes pontos de vista pelos quais os assuntos são reportados pelos classificacionistas, o qual isola os grupos de conceitos que se relacionam, dando forma, “corpo, fisionomia, rosto”, ou seja, a identificação aos assuntos em sua relação à “identidade” da coleção, o tipo de biblioteca e o perfil dos usuários que a utilizam. “A quinta categoria fundamental Personalidade é inalisável. Temos que tratá-la com cuidado e como um todo. É a categoria mais concreta.” (RANGANATHAN, 2006, p. 58) Não pode ser analisada, pois não existem critérios objetivos para a indicação de sua manifestação. “A categoria fundamental personalidade apresenta a maior dificuldade. É indescritível. É inefável.” (RANGANATHAN, 1967, p. 401). É identificada pelo Método dos Resíduos: não sendo as demais categorias, será Personalidade. Este método negativo indica “o relacionamento entre o PMEST e o pensamento Hindu” (MAZZOCCHI, 2013, p. 766), assim como as categorias sem dúvida podem ser atribuídas às tradições filosóficas ou mesmo místicas (GROLIER, 1962, p. 15), as quais são metodologicamente necessárias mencionar para o estudo acadêmico-científico da Personalidade. É a mais concreta, pois indica a materialidade do

conhecimento, que são os conceitos, por meio das hierarquias conceituais em um dado contexto de produção. Permite aos usuários acusar a “‘coisa em si mesma’ em sua totalidade - na plenitude de seus atributos e em sua relação com o universo inteiro” (RANGANATHAN, 1967, p. 550).

Segundo Friis-Hansen (1986, p. 316, tradução nossa):³⁸

Como forma de organizar as facetas, Ranganathan prescreveu uma ordem de citação orientada por 5 categorias fundamentais de acordo com o seu grau de concretude: Personalidade, matéria, energia, espaço e tempo. A personalidade é então considerada a categoria mais concreta, o tempo a categoria menos concreta. Estas 5 categorias conceituais encontraram expressão nesta classificação nas variações das fórmulas facetadas, a fim de as fazer harmonizar com as disciplinas individuais e as suas classes no Sistema. Para um ocidental, as 5 categorias fundamentais parecem em parte bem conhecidas devido à sua semelhança com, por exemplo, as categorias aristotélicas, em parte incompreensíveis assim que a categoria da personalidade é investigada. Muitas explicações foram dadas, e eu sugeri durante uma conversa de mesa com o neto de Ranganathan, que esteve na Conferência, que poderia ser a intenção de Ranganathan não ter nenhuma definição oferecida da personalidade, porque um tipo de limitação em uma definição está implícito, o que pode ter sido indesejado.

Sinteticamente, as categorias de “metaconceitos” (ARANALDE, 2009, p. 87) expressam os modos de representar registros do conhecimento documentais de todas as disciplinas à luz de sua utilidade para a missão da instituição e para suprir qualquer necessidade de informação.

São postulados pragmáticos que substituem (*surrogate*) e expressam os assuntos dos documentos.

As **categorias** de Aristóteles e de Ranganathan funcionam como **postulados** que exercem a função de **orientar o pensamento** em confronto com a **multiplicidade** que se lhe apresenta, seja de objetos do mundo, como no caso do primeiro, seja de assuntos contidos em documentos, como é o caso do segundo. Portanto, são conceitos de alta generalidade e que originam novos conceitos. (ARANALDE, 2009, p. 105, grifo nosso)

³⁸ As a means of organizing facets Ranganathan prescribed a citation order guided by 5 fundamental categories according to their degree of concreteness: Personality, matter, energy, space, and time. Personality is then considered the most concrete category, time the least concrete category. These 5 concept categories had to find expression in his classification in variations of facet formulas in order to make them harmonize with the individual disciplines and their classes in the System. To a Westerner the 5 fundamental categories appear partly well-known because of their similarity to e.g. Aristotelian categories, partly incomprehensible as soon as the personality category is investigated. Many explanations have been offered, and I suggested during a table-talk with Ranganathan's grandson, who was at the Conference, that it could be Ranganathan's intention to have no definition offered of personality, because a kind of limitation in a definition is implicit, which may have been unwanted. (FRIIS-HANSEN, 1986, p. 316)

A relação de identificação entre postulado pragmático e categoria ocorre em um vínculo forte entre os autores mencionados. Por categorização ranganathiana, compreendemos o agrupamento de elementos ou fragmentos de objetos enquanto membros pertencentes de uma determinada categoria, os quais compartilham uma característica expressa pelo conceito. As categorias geram novos conceitos porque ao serem aplicadas aos assuntos, permitem a criação de classes de assuntos com extensão e intenção partindo dos conteúdos interrelacionados que recaem sob as categorias. O postulado pragmático é a condição para a obtenção dos novos conceitos expressos nos planos verbal e notacional, funcionando como um catalisador documental para a formação de novas ideias expressas pela palavra, empiricamente, ou não, ainda em estado germinativo no plano das ideias. Neste último caso, o tempo e o movimento lançam estas ideias à luz verbal e documental, no ciclo de produção e uso do conhecimento.

Ranganathan e Aristóteles apresentam propostas de organização do conhecimento com base na relação entre postulados pragmáticos ou instrumentos de análise de objetos do mundo e categoria. As categorias são postulados em ambas as propostas porque quando aplicadas, fazem emergir novas sub-classes nas facetas de assunto e nos entes dependentes da substância. Estas sub-classes sintetizadas nas categorias como “**produto da aplicação dos princípios primeiros** às entidades analisadas” (ARANALDE, 2009, p. 105, grifo nosso) dos assuntos registrados em documentos ou ser.

Platão colocou no ápice da realidade uma Ideia que designa ao mesmo tempo o que é o que deve ser (ZINGANO, 2005, p. 47), em Ranganathan a ideia abarca o universo original de ideias do qual se deriva os métodos de formação dos assuntos, ou seja, o que é está expresso nos documentos e o que deve ser é a potência material e informe da articulação de ideias com existência potencial e inerente na experiência empírico-documental do locus social da informação e a partir dessa realidade material conciliada no uso, obtêm-se novas ideias trazidas à matéria ou encarnadas em produtos documentários.

A formulação e aplicação categórica são intercambiáveis com a teoria do conhecimento ranganathiana, a qual reúne a percepção sensorial e intelectual por meio da formação de conceitos, aguçada pelo uso possibilitado pelos processos biblioteconômicos de organização documental e potencial conexão com *Purusha* e suas influências nas modalidades de transformação do sentido no mundo material dos documentos e sociedade. Além da intelecção, as faculdades espirituais do homem alcançadas através de *tapas* constituem o potencial transformador da intuição na sociedade. O processamento da informação permite ao usuário, por meio de sua intuição, captar o conteúdo dos objetos das disciplinas de modo independente

à percepção do sentido, em graus elevados de abstração dos conceitos às ideias, não sendo o objeto classificado um ente separado do sujeito conhecedor, estes se relacionam no ato de reflexão e interpretação e desta relação gera-se um produto do conhecimento para além da materialidade documental do uso e reuso, que é a mutação do significado registrado e da consciência aperfeiçoada, tendo como primeira etapa a classificação do acervo.

Nossas ponderações deste processo místico-alquímico-biblioteconômico é fruto das seguintes formulações de Ranganathan e que atravessam, em nossa compreensão, as influências culturais presentes na Personalidade e sua troca potencial, pois atrelada ao uso, de energia com realidades indefiníveis no contexto do sistema de castas Indianas: a trindade cósmica composta por *Purusha* (o divino imanifesto), *Prakriti* (a natureza precisando de enriquecimento por *Purusha*) e *Sakti* (o princípio energizador ativando a descida de *Purusha* para *Prakriti* e a subida do último ao primeiro (RANGANATHAN, 1940, p. 181-182); a classificação como intelectão, a qual não pode apreender nada inteiramente, e intuição, que não mostra estágios e transcende qualquer tipo de metodologia (RANGANATHAN, 1967, p. 550); a compreensão mediada pelos sentidos e intelecto (*Kartru-tantra*) e a compreensão direta da entidade como um todo (*Vastu-Tantra*, *Entity-Dependent* ou dependente do conhecedor) (RANGANATHAN, 1940, p. 174; RANGANATHAN, 2009, p. 267).

A partir da corrente teórica mística anunciada por Ranganathan (1940; 1967; 2009), Mazzocchi (2013) e Menezes (2015; 2018) e seu debate sobre a privação da forma na Personalidade, o conceito de informação pode ser identificado em suas direções de doação e privação da forma e do sentido nas tabelas da *Colon Classification* utilizadas na categorização de assuntos pelas facetas: a limitação na definição da Personalidade apontada por Friis-Hansen (1986) implicaria na retirada da dimensão espiritual e metafísica da condição humana (portanto também do conhecimento) presente nas raízes culturais da *Colon Classification* e em uma negação da transformação e aperfeiçoamento do homem através dos documentos, sendo esta a finalidade relacional do ser que nos remete simultaneamente à teoria do ser heraclitiana de mutação e à formulação parmediano-aristotélica de identidade do ser aplicado, em nosso objeto de pesquisa, ao registro documental. A dimensão espiritual humana é artificialmente registrada na *Colon Classification* em fragmentos de significação nas tabelas de conceitos nas disciplinas, as quais pretendem substituir materialmente o conhecimento construído socialmente, registrado e comunicado à sociedade por intermédio das bibliotecas. A totalidade do patrimônio intelectual humano é considerada um organismo em desenvolvimento no qual a Personalidade nos esclarece a infinitude do processo intelectual, complexo e relacional do conhecimento expresso linguisticamente sempre posto à prova.

as categorias elaboradas por Ranganathan buscam responder às questões

fundamentais do ‘por quê’, ‘o quê’, ‘como’, ‘onde’ e ‘quando’. Dessa perspectiva, a concretividade proposta pelo bibliotecário indiano ganha sentido. A causa – isto é, o ‘por quê’ – é necessariamente mais concreta que o seu efeito, ou seja, o ‘o quê’. Assim, o ramo do conhecimento de que surge uma nova entidade é mais concreto do que a própria entidade, por ser a causa dela. (ARANALDE, 2009, p. 102)

Os ramos do conhecimento na *Colon Classification* que permitem a hospitalidade e a “geração” dos conhecimentos são mais concretos e são uma apropriação das quatro causas de Aristóteles: causa material, causa final, causa eficiente e causa final. A *Colon Classification* é concreta justamente por sua estrutura ser flexível e permitir a combinação ou formação de conceitos, sendo ela sem forma (*informis*) e concreta. O movimento do conhecimento em Ranganathan é identificado pelo modo de registro documental: a inefabilidade “em si mesma” das entidades concretas ou abstratas são representadas através de seus relativos materiais, as demais categorias a ela referentes que formam “o rosto” daquilo que não podemos dizer da “essência” na relação de ideias e seres identificada nos efeitos-rastros materiais do movimento que vem “de cima” e “de dentro”.

Ranganathan, por seu turno, resgata as noções de **espaço** e de **tempo** para as formas categoriais, pois seu objetivo, assim como o do célebre estagirita, também é **avaliar os objetos**, segundo as características básicas deles – isto é, o que faz eles serem o que são – e suas relações fundamentais, como estar, permanecer, relacionar-se com outros ou mudar (ARANALDE, 2009, p. 104, grifo nosso)

As noções de espaço e de tempo para as formas (*informo*) categoriais são características básicas que localizam as entidades documentárias nos ramos do conhecimento representados na *Colon Classification* nas classes básicas. Suas relações fundamentais dizem as características de identificação da Personalidade no método residual.

A pragmática-transcendental atrela uso linguístico ao movimento, tendo como princípio de movimento a herança greco-latina do conceito de informação inerente à estrutura da *Colon Classification* e às ideias dos videntes vedas citadas exaustivamente por Ranganathan. O processo em Kaiser, o criador do método analítico-sintético (SALES, 2012), é correlato à Personalidade de Ranganathan, posto que os objetos das disciplinas existem como uma ação no mundo material que ocorre exclusivamente quando a hierarquia de conceitos é percebida na categorização e lançada às novas significações dos usuários, mudando de significado a partir do “desenho”, “configuração”, “estrutura”, “forma” resultante acusado pelo PMEST.

As categorias rangathanianas buscam apreender as diversas perspectivas possíveis do conhecimento registrado por meio de ideias mais gerais, elementares e essenciais de que são constituídas. Para isto, partindo da categoria ‘Personalidade’, pode-se chegar a novas categorias que permitam identificar os diferentes aspectos e particularidades dos documentos, estruturando seus conteúdos e indo de conceitos fundamentais mais gerais

para os mais específicos: desse modo, aumenta-se gradualmente a complexidade dos assuntos (ARANALDE, 2009, p. 105)

A “individuação” material (morphé, μορφή) dita das substâncias primeiras ou a forma universal individuada em indivíduos, como Sócrates, é, na *Colon Classification*, análoga aos assuntos particulares dos documentos que são derivados da categorização. Justificamos nosso ponto de vista partindo da evidência de que “As categorias de Aristóteles e de Ranganathan são declaradamente ontológicas [...] [significando que estas] exigem as noções de tempo e de espaço como fundamentais tanto para identificar objetos em geral quanto para a identificação dos assuntos que compõem um documento” (ARANALDE, 2009, p. 105) e também da “Personalidade, [que] pode ser vista como o substrato/substância [ὕποκειμενον] que possibilita a aplicação de todas as outras categorias” (MAZZOCCHI, 2013, p. 765, tradução nossa). É substrato para dar a forma aos assuntos que se transformam, mudam de natureza continuamente.

Segundo Mazzocchi (2013, p. 763, tradução nossa), a *Colon Classification* incorpora elementos da cosmovisão hindu, como a ideia de transitoriedade em relação à incessante transformação do universo e sobretudo a inclinação para analisar a existência em categorias fundamentais. A categorização adequa a ideia-palavra-notação em uma estrutura organizada de conceitos ou conjunto de ideias essenciais isoladas e relacionadas pelo classificador que “dão forma” às perspectivas do conhecimento registrado e as localizam para os usuários refletirem sobre o “sentido”, aqui considerado essencialmente como o “sentido para mim”, onde ocorre a transformação do universo do conhecimento nos contextos de produção e uso.

A informação tem relação com o conceito Personalidade na *Colon Classification* a partir do movimento nos jogos de linguagem wittgensteinianos possibilitado pela sintaxe e semântica na formação de assuntos. Estaticamente, os documentos não possuem essência, significado, informação e existência: é a verdadeira morte documental, não ser lido e para sempre lançado ao esquecimento.

Segundo Aranalde (2009, p. 103):

[...] a formulação e o uso das categorias estão condicionados aos objetivos e finalidades de cada concepção intelectual. Entretanto, as categorias são colocadas sempre como princípios básicos que possibilitam identificar, classificar e organizar o conhecimento humano.

Nosso olhar pelas lentes da corrente pragmático-transcendental em Ranganathan vinculada ao segundo Wittgenstein tem “rastros” na concepção da intuição e inteligência unidas e consolidadas pelas práticas de organização em bibliotecas por meio da aplicação dos processos de classificação, pelos quais o planejamento de trazer à sociedade a realidade espiritual e seus efeitos benéficos torna-se possível na consolidação material derivada das

práticas de organização da informação e do conhecimento que dão sentido ao exercício pleno da cidadania, que é a finalidade última do trabalho intelectual do bibliotecário que está a serviço do social implementando as políticas de acesso à informação regionais e nacionais.

Numa proposição apofântica de caráter sim ou não, se algo que é dito (*legein ti*) faz sentido é verdadeiro, se algo que é dito e não faz sentido para outrem é falso. Falar (*legein*) é dizer algo (*legeinti*), ou seja, significar algo (*sêmeinein ti*) para si mesmo e para outrem (*sêmeinein hen autôi kai allôi*). Aqueles que excedem ao verdadeiro e ao falso não atendem ao princípio da não contradição e por ora são alheios à decisão do sentido. São classificados como “afastados do sentido” e possuidores de um “logos de planta” (ARISTÓTELES, 2002, IV, §1006a-1006b, p. 145-147 apud MENEZES, 2018, p. 140), como, por exemplo, os sofistas—cuja tese característica atende pela impossibilidade de distinguir, do ponto de vista do ser, o verdadeiro do falso ao modo aristotélico – e os não dotados de discurso (*aneulogon*): escravos, estrangeiros, animais, monstros (Esfinge, Medusa, Minotauro, Capricervo...), mulheres, enfim, marginais desclassificados que habitam as margens do projeto logocêntrico da filosofia (*alogon pragma*) [...] A face marginal (feminina) no sentido do informar atende pela palavra “informe” (sem forma), uma rasura inscrita na escrita antinômica da ontologia informacional. (MENEZES, 2018, p. 139-142)

Os indivíduos não dotados de discurso na concepção aristotélica logológica correspondem à face informe da informação, ou seja, a privação do sentido, sem a primazia da forma sobre a matéria (*in-formada*), fundamentada na natureza dos entes. A discussão do informe nas categorias de Ranganathan é uma questão política que abarca previamente o projeto deste bibliotecário em *digvijaya*, a disseminação dos saberes e seus múltiplos significados inerentes aos processos institucionais de produção, uso e de seus modos de percepção subjetivos. Não há a escolha do sentido na estrutura da *Colon Classification* porque a mesma não o diz como nos sistemas enumerativos, mas opera por categorização do conteúdo dos documentos ofertando esquemas de classes e facetas isoladas cujos não sentidos são potencialmente infinitos e atualmente nulos, ou seja, isoladamente, os mesmos não podem ter um sentido expresso linguisticamente em si mesmos, sendo tarefa do classificador a construção do sentido do documento para fins de representação e recuperação da informação. O sentido documental na filosofia pragmático transcendental de Ranganathan é mutável, pois informe, nos usos ou na leitura, finalidade última dos processos biblioteconômico-informacionais.

[...] as categorias de Aristóteles [...] como o inventário das propriedades que um pensador grego julgava predicáveis a um objeto, e conseqüentemente como a lista de conceitos *a priori* que, segundo ele, organizam a experiência. [...] o texto essencial, que dá a mais completa lista dessas propriedades - dez no total - (Categorias, cap. IV) [...] Aristóteles apresenta assim a totalidade dos predicados que se podem afirmar do ser, e visa a definir a conotação lógica de cada um deles. Ora, precene-nos - e tentaremos demonstrá-lo - que essas

distinções são em primeiro lugar categorias de língua e que de fato Aristóteles, raciocinando de maneira absoluta, reconhece simplesmente certas categorias fundamentais da língua na qual pensa. (BENVENISTE, 1991, p. 70-71)

As categorias de Aristóteles são consideradas por Benveniste como categorias da língua e são essências à articulação entre pensamento e língua. Esta última “[...] dá a sua forma ao conteúdo do pensamento” (BENVENISTE, 1991, p. 69) necessário à comunicação, pois “[...] o pensamento não pode ser captado a não ser formado e atualizado na língua [...]” (BENVENISTE, 1991, p. 70).

[...] transcrever[-se-á] em termos de língua a lista das categorias. Cada uma delas é apresentada pela sua designação e seguida do seu equivalente: *οὐσία* ("substância"), substantivo; *ποσόν, ποιόν* ("qual; em que número"), adjetivos derivados de pronome, do tipo do lat. *qualis* e *quantus*; *πρός τι* ("relativamente a que"), adjetivo comparativo; *ποῦ* ("onde"), *πότε* ("quando"), advérbios de lugar e de tempo; *κεῖσθαι* ("estar disposto"), médio; *ἔχειν* ("estar em estado"), perfeito; *ποιεῖν* ("fazer"), ativo; *πάσχειν* ("sofrer"), passivo. Ao elaborar essa tábua das "categorias", Aristóteles tinha em vista arrolar todos os predicados possíveis da proposição, sob a condição de que cada termo fosse significante no estado isolado, não encaixado numa *συμπλοχή*, num sintagma, diríamos. Tomou inconscientemente por critério a necessidade empírica de uma *expressão* distinta para cada um dos predicados. Dedicava-se, pois, a reconhecer, sem o querer, as distinções que a própria língua manifesta entre as principais classes de formas, uma vez que é pelas suas diferenças que essas formas e essas classes têm uma significação linguística. Pensava definir os atributos dos objetos; não apresenta senão seres linguísticos: é a língua que, graças às suas próprias categorias, permite reconhecê-las e especificá-las. [...] Na medida que as categorias de Aristóteles se reconhecem válidas para o pensamento, revelam-se como a transposição das categorias de língua. É o que se pode *dizer* que delimita e organiza o que se pode pensar. Essa tábua dos predicados informa-nos, pois, antes de tudo, sobre as estruturas das classes de uma língua particular. (BENVENISTE, 1991, p. 75-76, grifos do autor)

As categorias da língua permitem expressar o conteúdo do pensamento nas significações enquadradas formalmente na estrutura dos enunciados. As categorias operam por classes de formas linguísticas, organizando duplamente o método para o correto pensar e, conseqüentemente, atingir o conhecimento a respeito das coisas. Estes são os produtos de sua aplicação em uma língua.

O voo do pensamento liga-se muito mais estreitamente às capacidades dos homens, às condições gerais da cultura, à organização da sociedade que à natureza particular da língua. A possibilidade do pensamento liga-se à faculdade da linguagem, pois a língua é uma estrutura enformada de significação e pensar é manejar os símbolos da língua. (BENVENISTE, 1991, p. 80)

A expressão “voo do pensamento” equivale ao aspecto potencial do mesmo no ser nas faculdades intelectivas, em oposição à sua atualização na linguagem (ser em ato vs. ser em

potência), expresso nas categorias. Contudo, conforme são dados os limites da linguagem numa língua particular, podemos inferir que as categorias e suas possibilidades, potenciais (abertas) ou atualizadas (fechadas) na língua, são condicionadas previamente pelas percepções culturais, condições ou filosofias institucionais de produção e uso dos conhecimentos nas instituições de memória, pela capacidade de cognição do homem e pelas normas, regras e modos consensuais de organização social e política. São, portanto, de cunho linguístico, limitado, cultural e postulacional (no qual não se diz ser verdadeiro, mas que funciona aos propósitos almejados em um contexto particular). O voo do pensamento apto a ser expresso em quaisquer categorias elegidas por outra língua, outra cultura, outra organização social implica que: (i) a área da organização do conhecimento é mutável, à semelhança do conhecimento como construção intersubjetiva humana; (ii) os sistemas de organização do conhecimento cuja unidade semântica de base adotada é a categoria ou o conceito, por motivos éticos e políticos que envolvem a missão da biblioteca para a divulgação dos saberes à sociedade, devem ser continuamente atualizados face às mudanças que ocorrem naturalmente; (iii) outros modos de percepção e expressão do conhecimento por indivíduos, por exemplo, enquadrados no transtorno do espectro autista (TEA), devem ser estudados e as soluções para adequar a representação do conhecimento face às necessidades desses grupos nas políticas de informação para a inclusão social de todos são um objetivo ético-político permanente.

Tentemos fixar em uma série de teses as características da atividade que Aristóteles define como 'uso do corpo'.

1. Trata-se de uma atividade improdutiva (*argos*, 'inoperosa', 'sem-obra', na terminologia de *Ética a Nicômaco*), comparável ao uso de uma cama ou de uma peça de roupa.
2. O uso do corpo define uma zona de indiferença entre corpo próprio e corpo de outro. O senhor, usando o corpo do escravo, usa o próprio corpo, e o escravo, ao usar o próprio corpo, é usado pelo senhor.
3. O corpo do escravo situa-se numa zona de indiferença entre o instrumento artificial e o corpo vivo (é um *empsychon organon*, um órgão animado) e, portanto, entre *physis* e *nomos*.
4. O uso do corpo não é, em termos aristotélicos, *poiesis* nem *praxis*, nem uma produção nem uma práxis, tampouco é aproximável ao trabalho dos modernos.
5. O escravo, que se define por intermédio desse 'uso do corpo', é o homem sem obra que torna possível a realização da obra do homem, aquele ser vivo que, em embora sendo humano, é excluído da humanidade - e, por essa exclusão, incluído nela - para que os homens possam ter uma vida humana, ou seja, política. (AGAMBEN, 2017, p. 41)

Diante do legado aristotélico cujo ideal ético pressupõe a concepção de um corpo humano apto por natureza à escravidão, o argumento central reside na consideração do mesmo como um homem sem obra, semelhante à natureza de uma cama ou de um par de sapatos, os quais têm sua função justamente no uso que deles se faz e pelos quais foram arquitetados. A

tiranía presente na formulação e aplicação do critério *logológico* para eleger determinados tipos de humanos aptos à inclusão na humanidade fundamentado na *physis* e no *nomos* é uma inversão ética dos direitos do cidadão: “[...] o direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade [...]” (BRASIL, 1988), conforme explícito no Art. 5º da Constituição Brasileira. No campo da Ciência da Informação, é um dever ético identificar qualquer tipo de exclusão no processo de tratamento da informação e questionar de modo permanente “[...] como o (a) bibliotecário (a) poderia estar inserido ‘nesse mundo de luta’ amenizando o desrespeito histórico gerado pela escravidão, com resgate e a preservação da memória [...]” (SOUZA, 2019, p. 12). Este engajamento político que condena qualquer tipo de exclusão epistêmica na classificação desemboca em uma proposta de Ranganathan que busca dar conta da dinamicidade própria da natureza do conhecimento: “O uso consciente de múltiplas características como base da classificação, sem levar à classificação cruzada, tornou as classes muito elásticas.” (RANGANATHAN, 2006, p. 400, tradução nossa)³⁹. O uso das múltiplas características para compor as áreas do conhecimento demonstra o engenho de Ranganathan em propor a elasticidade das classes com base na listagem das facetas, as quais representam, quando conectadas entre si na categorização PMEST no processo de tratamento da informação, a complexidade dos saberes. Esta proposta de categorização busca amenizar o problema histórico de raízes aristotélicas da escravidão, ou seja, o problema da exclusão dos seres e dos saberes não tradicionais ou marginalizados.

[...] nas etapas de análise e síntese ocorre à desestruturação do texto para uma posterior reestruturação mediante o uso das operações de representação, facilitando a recuperação temática da informação pelo usuário em sistemas de recuperação da informação. Essas operações de Tratamento Temático da Informação são conhecidas como classificação, elaboração de resumos, catalogação de assunto e indexação, responsáveis pela descrição dos aspectos intrínsecos do documento. Numa ótica teórica percebe-se que o cerne comum dessas operações consiste na tradução da linguagem natural (a qual reflete o conteúdo temático do documento) em linguagem documental (mediante instrumentos documentais). [...] [...] considera-se que o tratamento temático da informação ocorre no contexto institucional entre uma teia de relações e transferências de conhecimentos e opiniões, isto é, mediante os modos sociais de pensamento da comunidade discursiva formada pelos profissionais bibliotecários que realizam ou influenciam o processo em contexto de bibliotecas universitárias. (DAL'EVEDOVE; FUJITA, 2013, p. 31-35)

A operação do tratamento temático da informação presente em nosso objeto é a classificação, a qual opera pela desestruturação do texto, a identificação da classe básica e dos isolados presentes no documento, e a reestruturação, a aplicação da fórmula de faceta da

³⁹ The conscious use of multiple characteristics as basis of classification, without leading to cross classification, has made its classes greatly elastic. (RANGANATHAN, 2006, p. 400)

disciplina ou da classe básica a partir da qual a categorização permite a construção do número de classe que expressa a tematicidade deste documento e a relação que o mesmo possui com o universo do conhecimento nas estantes. O conteúdo temático do documento na *Colon Classification* é coberto do micro, o percepto (um vislumbre, *glimpse* de ideia) que compõe os conceitos nas facetas, ao macro, a teia de relações entre sujeitos considerando a interferência da cultura e suas variantes (regional, religiosa, pessoal e institucional) nos processos subjetivos e complexos por natureza transcendentais da formação do conhecimento que principia com o acesso aos saberes e, portanto, se vale materialmente do tratamento da informação, para as mais variadas necessidades informacionais (curiosidade epistêmica, lazer, pesquisa, reflexão, contemplação, busca do saber pelo saber sem finalidades práticas, busca do saber para fundamentar uma determinada prática, etc). Em outras palavras, o homem é orientado pelo conhecimento, que é o acúmulo do patrimônio cultural, um legado histórico e uma memória que serve para diversas finalidades humanas e possibilita ao homem inserir-se e capacitar-se no meio social. Este conhecimento é um tesouro que só pode servir às gerações (a humanidade) quando é preservado, classificado, catalogado e recuperado.

3.3 A presença da categoria substância de Aristóteles na filosofia da organização do conhecimento: uma reflexão teórico-conceitual nos diálogos contemporâneos

Esta subseção busca apresentar a fundamentação teórica das categorias aristotélicas na filosofia e epistemologia da organização do conhecimento.

Segundo Moss (1964, p. 296), “O fato é que as categorias de Ranganathan são de origem muito mais antiga que o século atual. Elas podem ser rastreadas pelo menos até a Grécia antiga e mostram uma semelhança marcante com as categorias originais apresentadas por Aristóteles.” A semelhança entre o conceito de categoria aristotélico-ranganathiana consiste na função que ambas desempenham: são instrumentos de organização do conhecimento que permitem reunir conjuntos de conceitos e relacioná-los a objetos do mundo, assegurando a sua significação na realidade. Em Ranganathan, a multiplicidade do sentido dos conceitos nos assuntos dos objetos de informação não possuem existência autônoma atrelada a um substrato no mundo material (*ὄλη* ou *ὑποκείμενον*), como em Aristóteles, separado do uso: não há ato de exclusão dos elementos dessemelhantes na aplicação categórica, pois todas as facetas e focos que a manifestam constituem cada um, um sentido. As categorias aristotélicas visam relacionar através do seu *lógos* um sentido a uma coisa no mundo que se diz de muitos modos, tendo como ponto de partida que o sentido não se altera na percepção, pois o homem é uma tábula rasa que

nada está escrito, nada pode interferir na recepção da decodificação da mensagem recebida. A herança de Aristóteles em Ranganathan, apesar deste último inverter a estratégia filosófica do estagirita, a qual consiste em relacionar não mais a unicidade do sentido, mas os sentidos dos assuntos nos livros emergidos nos usos e cruzá-los com a interpretação do leitor, que está carregado com uma epistême própria e os põe em movimento de modo subjetivo nos processos intelectivos e espirituais segundo a diferença e não a identidade.

Na teoria sintática da informação, o primeiro Wittgenstein e sua “tabela de verdade” fornece caminhos para a transmissão do sentido por meio do significado expresso pela sintaxe entre os termos. Neste sentido, a articulação entre os conceitos gerais e específicos da classificação nos sistemas de recuperação da informação engloba a totalidade linguística composta pelo sujeito, cópula e predicado. Esta noção também está presente nas regras e postulados rangathanianos que norteiam a sintaxe dos números de classificação, onde a presença das categorias aristotélico-ranganathanianas como representação do sentido aristotélico imutável ou dos sentidos rangathanianos mutáveis é um vínculo teórico-conceitual entre os autores.

[...] Ranganathan dedicou um tempo considerável ao exame dos principais esquemas universais de classificação com o objetivo de descobrir os princípios, tanto implícitos como explícitos, sobre os quais se basearam. Ele considera que todas as características escolhidas (na sua maioria de forma bastante intuitiva) como base de divisão estão relacionadas àquelas qualidades que são as manifestações práticas dos cinco conceitos fundamentais. Há Tempo, Espaço, Energia, Matéria e Personalidade. Os quatro primeiros são conceitos básicos para a ciência, enquanto o quinto é aquela qualidade inerente à totalidade. A Personalidade é aquela qualidade que subjaz à infinita variedade de coisas. Tal como existem infinitas variedades de assuntos, mas apenas cinco conceitos fundamentais. O reconhecimento disto permite a um classificador levar a qualidade infinitamente variável (isto é, a Personalidade) para fora do colchete por assim dizer e manipular as constantes restantes com maior facilidade. [...] O significado dos conceitos fundamentais de Ranganathan é que podemos utilizar um processo semelhante de abstracção de uma regra generalizada na classificação. Assim como $1+1=2$ é um conceito único, mas possui uma miríade de significados quando traduzidos em termos de fenômenos, também Matéria, Energia, Espaço e Tempo são quatro conceitos que adquirem uma miríade de significados quando traduzidos em termos de fenômenos pelo significado que adquirem a partir do contexto do assunto a que são aplicados. (PALMER; WELLS, 1951, p. 42-43, tradução nossa)⁴⁰

⁴⁰ The fundamental concepts which underlie division

[...] Ranganathan has devoted considerable time to the examination of the major universal schemes of classification with the object of discovering the principles, implicit as well of explicit, upon which they have been based. He finds that all characteristics chosen (mostly quite intuitively) as the basis of division are related to those qualities which are the practical manifestations of the five fundamental concepts. There are Time, Space, Energy, Matter and Personality. The first four of these are concepts basic to science, while the fifth is that quality which inheres in wholeness. Personality is that quality which

Para classificar os documentos, primeiramente é preciso fazer uma leitura documentária que visa identificar os conceitos pertencentes à disciplina na qual estes ocorrem, são os recortes temáticos do universo do conhecimento que funcionam como características elegidas de divisão sem valor de verdade. Na *Colon Classification*, as disciplinas são constituídas por conceitos isolados, ou seja, os mesmos são os elementos que as constituem, expressos por termos e notação (cunho pragmático da *Colon*). Por fim, é efetuada a síntese de facetas a partir da fórmula de faceta da disciplina, substituindo os símbolos das categorias (ex: [P]) pelo símbolo da notação correspondente junto aos indicadores de faceta.

A peculiaridade da Personalidade como o que subjaz à infinita variedade de coisas, ou seja, a natureza do universo do conhecimento contínuo, é a de ser a sua centralidade ou a de ser aquilo que é mais importante no mesmo, expressa pelo conceito, termo e notação no vocabulário controlado da *Colon* que permite a desambiguação terminológica com base na listagem dos conceitos. Nos documentos, esta categoria, junto às da matéria e energia, podem reaparecer nos ciclos, ganhando expressão em novos termos e notações: a manifestação destas categorias é, portanto, múltipla, sem exclusão epistêmico-político-autoritária conforme a proposta inaugurada por Aristóteles em suas categorias excludentes. Na Personalidade, identificamos a “ponte” entre a pragmática e o transcendente na *Colon*, pois esta categoria ganha expressão no plano verbal e notacional, mas o seu *lógos* “serve” à relação do mundo material (relação dos conceitos no documento e relação dos mesmos com a bagagem cultural e epistêmica do leitor) com a influência do transcendente que opera como uma energia (*colon*) que promove ou catalisa a velocidade de propagação desdobradas em novas relações de ideias surgidas no uso que, quando reduzidas à palavra no documento (produção intelectual), deixa de ser conhecida, pois inefável ou não cognoscível. A presença do transcendente deixa rastro nos conceitos da *Colon Classification*, e este rastro “material” é utilizado como instrumento para a ação continuada do transcendente via representação e recuperação da informação que auxilia de modo velado à transformação de leigos em especialistas, por exemplo, pois tem a proposta de colocar em

underlies the infinite variety of things. Just as there are infinite varieties of subjects, but only five fundamental concepts. The recognition of this enables a classifier to take the infinitely variable quality (i. e. Personality) outside the bracket as it were and to manipulate the remaining constants with greater ease. [...] The significance of Ranganathan's fundamental concepts is that we can use a similar process of abstraction of a generalised rule in classification. Just as $1+1=2$ is a single concept, but has a myriad meanings when translated into terms of phenomena, so Matter, Energy, Space and Time are four concepts that acquire a myriad of meanings when translated into terms of phenomena by the meaning they acquire from the context of the subject to which they are applied. (PALMER; WELLS, 1951, p. 42-43)

movimento e em relação todos os seres com os saberes documentais. Dito de outro modo, a Personalidade e os cinco conceitos fundamentais são aquilo que permite aproximar pragmaticamente via classificação o leitor da relação fundamental do documento com as possibilidades infinitas de percepção do saber e de apropriação (interpretação). Esta descrição da estrutura da *Colon Classification* desde um ponto de vista pragmático-transcendental pressupõe que o que pode ser dito (os conceitos que revelam as categorias relacionadas entre si *a posteriori*) é uma mensagem cuja decodificação pelo leitor desdobra na mutação do sentido originário, que, por sua vez, necessita dos processos de tratamento e recuperação da informação que operam a partir do uso das categorias PMEST para serem consolidados materialmente ou pragmaticamente.

[...] cada classificação de um documento requer uma análise do seu título ou uma declaração descritiva sobre o seu conteúdo em termos dos conceitos que constituem os componentes da ciência a que o documento pertence. Após esta análise e subsequente ordenação destes elementos nas chamadas facetas (que são representantes de tipos de conceitos em campos especiais do conhecimento), conseguiu sintetizar os elementos destas facetas em expressões combinadas que formam a classe construída analítico-sinteticamente de um determinado tópico de um documento. Tudo isto teve de ser realizado de acordo com as fórmulas de facetas acima mencionadas com a sua fórmula generalizada, a sequência PMEST (Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo). Estas servem[:]
a) para a representação dos assuntos e[:]
b) para a ordenação dos conceitos de uma dada disciplina em classes formais de acordo com as categorias que ocorrem nessa disciplina. (DAHLBERG, 1976, p. 87, tradução nossa)⁴¹

O significado das categorias PMEST não está dado *a priori*, mas é adquirido pragmaticamente nos contextos documentais, ou seja, na criação das classes de acordo com as fórmulas de facetas das disciplinas (*classifying*).

Da mesma forma que o processo metafórico concentra-se na palavra, ao ponto de dar a impressão de que a transferência do sentido afeta apenas o significado dos nomes, do mesmo modo é num caráter do significado da palavra que a

⁴¹ [...] every classing of a document requires an analysis of its title or a descriptive statement about its content in terms of the concepts forming the components of the science to which the document belongs. After this analysis and subsequent ordering of these elements into the so-called facets (which are representatives of kinds of concepts in special fields of knowledge), he was able to synthesize the elements of these facets into combinative expressions forming the analytico-synthetically constructed class of a given topic of a document. All of this had to be accomplished according to the facet-formulas mentioned above with their generalized formula, the sequence of PMEST (Personality, Matter, Energy, Space and Time). These served
a) for the representation of subjects and
b) for the ordering of the concepts of a given discipline into formal classes according to the categories occurring in that discipline. (DAHLBERG, 1976, p. 87)

interação da analogia e da metáfora é focalizada (RICOEUR, 1975, tradução nossa)⁴²

Quando o significado original de um nome é transferido para um referente análogo, se dá a figura de linguagem da metáfora. Um exemplo é a canção Cálice de Chico Buarque de Holanda: “Afasta de mim esse cálice/ De vinho tinto de sangue”, sendo cálice o substituto de “cale-se”, referência direta à censura instaurada no Ato Institucional 5 em 1968, significando ou evocando pragmaticamente, adicionalmente à palavra cálice, por exemplo: vivências pessoais, coletivas, uma variedade de sentimentos, efeitos psíquicos na mente, efeitos físicos no corpo e a proposta da resistência política em períodos ditatoriais: estas facetas possíveis de significação subjetivas extrapolam o sentido do signo e não podem ser previstas: nisto reside o poder da metáfora de transformação da realidade em todas as suas esferas constitutivas, como a política, a pessoal, a profissional, etc. O uso da metáfora a partir de uma palavra, termo ou nome permite o surgimento de novos significados em relação ao objeto ou referente e ocorre à luz da filosofia hermenêutica (interpretativa), na qual Ricoeur recorre a Aristóteles, para quem as palavras evidenciam quando ‘significam as coisas em ato’ (OLIVEIRA, 2012, p. 118). A metáfora como *tropo*, ou seja, a relação a partir do nome desdobrando novos significados ou sentidos no ato do dizer, encontra paralelo no projeto filosófico-político da pragmática transcendental de Ranganathan na concepção da relação (*colon*). Nesta, as ideias, palavras ou termos na recuperação da informação (o ser aristotélico como significado em ato como o uso do livro rangathaniano e os seus efeitos no mundo), promovem a mutação do sentido (filosofia Hindu) original da palavra e a transformação da realidade pessoal e coletiva do homem a partir da educação (ou seja, o projeto pedagógico de Ranganathan ancorado no direito do acesso ao conhecimento) que proporciona, a partir da metáfora, um recuo do olhar do homem, a derrubada de antigas crenças sem serventia devido à reinterpretação constante do mundo (círculo hermenêutico), abrindo possibilidades de reconstrução do real a partir de novos fundamentos epistêmicos consolidados como um dos efeitos materiais do dizer.

[...] seguindo Aristóteles, a descrição completa de uma coisa real e particular no mundo físico é expressa em termos de um conjunto de características abstratas que se unem num todo individualizado, e esta soma individualizada da totalidade das características abstratas torna-se a coisa real em questão. [...] Deste conceito de realidade, fundado na totalidade dos atributos, derivou a ciência da classificação de Aristóteles em gêneros, espécies e subespécies, a

⁴² De la même manière en effet que le procès métaphorique se «focalise» sur le mot, au point de donner l'impression que le transfert de sens n'affecte que la signification des noms, de la même manière c'est dans un caractère de la signification du mot que se focalise le jeu croisé de l'analogie et de la métaphore. (RICOEUR, 1975)

ciência da classificação mutuamente exclusiva, sugerida, talvez, pela ciência de Platão da 'Divisão'. Destes primórdios surgiu a ciência [...] de acordo com as 'leis da natureza' [...]. Estas doutrinas aristotélicas da Predicação e da Substância Primária, que levam aos conceitos da conjunção de atributos e da disjunção de substâncias primárias, são puras, compactas e belamente simples, mas falham em considerar a interconectividade das coisas reais. Cada coisa substancial no universo não pode ser considerada como completa em si mesma sem referência a qualquer outra coisa substancial. O universo não pode ser fragmentado assim numa multidão de substâncias desconectadas, ainda que cada substância à sua maneira exemplifique o seu próprio pacote privado de caracteres abstratos que foram unidos num núcleo comum de uma individualidade substancial. [...] A antiquíssima procura do classificador por universais, pela permanência do relacionamento, por 'essências', é invalidada pelo que Whitehead (1933, p. 196-197 apud Shera, 1957, p. 16) denomina 'a relatividade em andamento que infecta o universo e que torna a totalidade das coisas, por assim dizer, um receptáculo que une tudo o que acontece. [...] A classificação foi solicitada a fazer o que não podia porque homens mal orientados presumiam [que]; primeiro[,] há um padrão universal de todo o conhecimento que será todas as coisas para todos os leitores, e segundo que o padrão do conteúdo do pensamento dos livros se aproximava do processo de pensamento dos seus usuários. Na verdade, é claro, um livro pode refletir apenas os padrões de pensamento de seu autor e estes podem estar sujeitos à uma variedade quase infinita de interpretações e manipulações mentais por parte dos seus leitores. Com efeito, quem classifica um livro no sentido tradicional bibliotecômico está dizendo: 'Eu sei o que o autor tinha em mente. Eu sei do que se trata este livro. Eu sei que é como esses livros, mas diferente desses livros. Portanto, vou atribuir-lhe este símbolo de classificação e colocá-lo neste local da estante, porque sei que os leitores deste livro o usarão em associação com estes, mas não em associação com aqueles.' Basta declarar estes pressupostos para revelar sua invalidade. Não se pode frequentemente ser dogmático sobre o significado de um autor, não se pode depreender categoricamente como um livro será usado ou por quem. Não se pode presumir saber com quais outros livros o usuário associará este título específico. Mas talvez a mais presunçosa de todas seja a implicação de que o catalogador pode, no processo de classificação, destilar a 'essência' do livro, pois mesmo o livro mais simples é uma coisa multifacetada, uma construção, um padrão de relacionamentos infinitos. [...] Mas sobre esse padrão de uso em constante mudança, os bibliotecários forçaram a rigidez do gênero, espécie e subespécie de Aristóteles e racionalizaram o procedimento em termos de um uso regular por assumir um leitor regular. (SHERA, 1957, p. 15-22, tradução nossa)⁴³

⁴³ [...] following Aristotle, a complete account of a real, particular things in the physical world is expressed in terms of a set of abstract characteristics which are united into an individualized whole, and this individualized summation of the totality of abstract characteristics becomes the real thing in question. [...] From this concept of reality, as founded in the totality of attributes, was derived Aristotle's science of classification into genera, species, and sub-species, the science of mutually exclusive classification, suggested, perhaps, by Plato's science of 'Division'. From these beginnings emerged science [...] according to the 'laws of nature' [...]. These Aristotelian doctrines of Predication and Primary Substance, leading as they do to the concepts of the conjunction of attributes and the disjunction of primary substances, are neat, compact, and beautifully simple, but they fail to take into account the interconnectedness of real things. Each substantial thing in the universe cannot be regarded as complete in itself without reference to any other substantial thing. The universe cannot be fragmented thus into a multitude of disconnected substances, and, though each substance in its own way exemplifies its own private bundle of abstract characters which have been united in a common nucleus of substantial individuality. [...] The classifier's age-long search for universals, for permanence of relationship, for

A estrutura da *Colon Classification* é inovadora quanto à formulação e aplicação das categorias com base na alteridade própria da privação da forma e do sentido (*informis*). Esta privação da forma do conceito de informação rompe com a tradição cultural ocidental de organização de bibliotecas na contemporaneidade até então fundamentada na cosmovisão grega de ordem universal com a predominância epistêmica na fundamentação dos sistemas de organização do conhecimento da doação da forma (*informo*), ou seja, das significações essencialistas de cunho aristotélico com base na sucessão hierárquica de conceitos derivados da classificação taxonômica dos esquemas precoordenados enumerativos.

A estrutura antimetafísica da *Colon Classification* é uma "das possibilidades de intervenção política da organização do conhecimento" (SALDANHA, 2020, p. 2) na sociedade, pois representa e recupera as transgramáticas justamente a partir da ausência de um padrão universal de pensamento (*lógos*) preconcebido que, com suas supostas justificativas epistêmicas de validade universal, escondem que o recorte classificatório categorial de qualquer esquema é proposta epistêmica de organização contextual (espaço-temporal) ancorada pelas diretrizes da política da instituição e, como tal, deve ser indagado na avaliação destes sistemas se há a adequação de um local no esquema às vozes plurais transgramatical-epistêmicas a partir da garantia literária de Wulme. Sem esta indagação epistêmico-política, um sistema de organização do conhecimento se torna um dos “dispositivos colonizadores” (MENEZES, 2020, p. 210) do Estado com a justificativa da neutralidade lógica que exclui os seres “naturalmente” inaptos de ocupar um local epistêmico-político-democrático no esquema, pois não possuem, no

'essences', is invalidated by what Whitehead (1933, p. 196-197 apud Shera, 1957, p. 16) calls 'the through-going relativity which infects the universe and which makes the totality of things, as it were, a receptacle uniting all that happens. [...] Classification was asked to do what it could not do because misguided men assumed; first there is a universal pattern of all knowledge that will be all things to all readers, and second that the pattern of the thought content of books approximated that of the thought process of their users. Actually, of course, a book can reflect only the thought patterns of its author and these can be subject to an almost infinity variety of interpretations and mental manipulations by its readers. In effect, he who classifies a books in the traditional library sense is saying 'I know what the author had in mind. I know what this book is about. I know that it is like these books but different from those books. Therefore I will assign it this classification symbol, and put it on this spot on the shelf, because I know that the readers of this book will use it in association with these but not in association with those.' One has but to state these assumptions to reveal their invalidity. One cannot often be dogmatic about an author's meaning, one cannot surmise categorically how a book is going to be used or by whom. One cannot presume to know with what other books the user will associate this particular title. But perhaps most presumptuous of all is the implication that the cataloguer can, in the process of classification, distil the 'essence' of the book, for even the simplest book is a many-sided thing, a construct, a pattern of infinite relationships. [...] But upon this constantly changing pattern of use the librarians forced the rigidities of Aristotle's genus, species, and subspecies, and rationalized the procedure in terms of average use by an assumed average reader. (SHERA, 1957, p. 15-22)

discurso autoritário, fascista e racista, os requisitos necessários para o fazer científico e, portanto, devem ser deixados de fora da participação da comunicação científica institucional, tudo isto fundamentado no suposto argumento da decisão do sentido derivado da proposta essencialista aristotélica das categorias.

Ranganathan aplica a pragmática wittgensteiniana dos jogos de linguagem que se sustentam nos contornos imprecisos dos conceitos sem forma (*informis*) expressos por termos isolados e que compõem a representação documental com base nas fórmulas de facetas, tendo como efeito do dizer a cada uso do conhecimento um contorno ou um padrão de relação (*colon*) dos relacionamentos distintos de ideias, pois infinito, transcendente ou inefável, ou seja, a concepção transcendente do plano da ideia que “aguarda” (a cada livro seu leitor) expressão via ação do dizer e os seus efeitos políticos decorrentes da disseminação de ideias de um povo. Este movimento no uso que faz surgir no mundo material uma ideia complexa germinada no transcendente e deslocada à expressão linguística confere novas significações estabelecidas a cada discurso, ou seja, o entendimento metafórico de Ricoeur no diálogo com Ranganathan é expresso pelo discurso (articulação de termos na relação, *colon*) e não pelo significado do nome (como o é em Aristóteles), “trata-se de aplicar a verdade em potência – a virtualidade – tornando-a em ato, para além da pretensa neutralidade lógica” (SALDANHA, 2020, p. 15), evocando a ética da informação na:

A democracia documentária (cartografia dialética metainformacional do povo, de sua terra e de seus gestos) é a condição de representação estrutural necessária à cidadania dos representados (ali, nas redes documentárias, “apresentados”), ao mesmo tempo em que se estabelece como única forma de soberania do Estado – a comunhão do povo legitimamente representado – perante as guerras (meta)informacionais internacionais. (SALDANHA, 2020, p. 7)

Esta democracia documentária pressupõe um olhar atento à proposta da estrutura sem forma (*informis*) da *Colon Classification*. Renunciar à crença que classificar significa principalmente a imposição epistêmica da fixidez do sentido nas formas preestabelecidas significa enquadrar o pensamento revolucionário de Ranganathan como uma “desclassificada classe dos pensadores do múltiplo” (MENEZES, 2020, p. 214) que, junto à outros, arquitetam um projeto de organização do conhecimento pautado no respeito, na diversidade e no uso dos dispositivos de representação do conhecimento cuja adequação epistêmica discurso documental-representação sustenta um “solo metafórico” que nos convida à transformação da realidade como um rastro que é resultado ou produto do trabalho dos classificacionistas/classificadores.

A coisa individual é o que é através da forma. Esta [forma] não é separável (*οὐ χωριστή*) da coisa individual e esta [coisa] é essencialmente constituída pela forma. Causa formal, causa material, causa eficiente e causa final são os quatro princípios fundamentais aristotélicos. Tudo no reino do mundo sublunar é um composto de matéria e forma, ou seja, tudo o que é gerado e corrompido adquire uma forma diferente. A substância e a forma, no entanto, não se corrompem por si próprias [...] (CAPURRO, 1978, p. 36, tradução nossa)⁴⁴

As contradições entre Aristóteles e Ranganathan dizem respeito aos argumentos centrais do discurso essencialista do primeiro em oposição à corrente de fundamentação da *Colon Classification*, a pragmática transcendental, do segundo.

A prerrogativa do essencialismo aristotélico é a de que a natureza dos corpos físicos pode ser conhecida através dos conceitos universais que subjazem às coisas particulares constituídas pelas formas adquiridas na geração e unificadas ao ser pela substância, princípio do ser, no composto de matéria e forma.

“Na filosofia clássica, especialmente em Platão e Aristóteles, o conceito era tratado como um 'universal' definidor da natureza de uma entidade [...] o conceito tanto podia ser entendido como uma *essência* ou como uma *substância* (FRANCELIN, 2010, p. 13, grifos do autor)” Desse modo, o conceito que define a natureza de uma entidade, ou seja, uma coisa individual, é expresso linguisticamente na definição da essência ou da substância e esta responde à questão 'o que é?', com base em critérios dicotômicos de divisão. “A estrutura básica da predicação [...] se constitui exatamente por uma operação de composição (sinalizada pelos operadores copulativos) entre dois termos, o sujeito (por assim dizer, o assunto sobre o qual se pretende falar) e o predicado (aquilo que se propõe sobre o assunto previamente introduzido pelo termo-sujeito).” ANGIONI, 2006, p. 19). É na articulação entre os termos da proposição a partir do *lógos* que o conceito define a essência de um sujeito ou de um assunto. Por outro lado, a pragmática transcendental concebe que o conhecimento complexo é classificado não pelos atributos conceituais universais de origem aristotélica, mas por conceitos isolados, em estado simples (sem complexão), nas facetas que assinalam as categorias na categorização que são os recortes fragmentários dos assuntos. Assim, a relação entre o discurso essencialista aristotélico e a pragmática transcendental ranganathiana é a de oposição argumentativa: a

⁴⁴ Das Einzelding ist das, was es ist, durch die Form. Diese ist nicht abtrennbar (*οὐ χωριστή*) vom Einzelding und dieses ist wesentlich durch die Form konstituiert. Form, Stoff, Wirkursache und Zweck sind die vier aristotelischen Grundprinzipien. Alles im Bereich der sublunaren Welt ist aus Stoff und Form zusammengesetzt, d.h. alles, was entsteht und vergeht, erhält eine andere Form. Stoff und Form vergehen aber selbst nicht [...] (CAPURRO, 1978, p. 36)

definição da essência de uma entidade é expressa em Aristóteles por atributos universais em conceitos e em Ranganathan pelas "[...] possibilidades de entendimento dos conceitos - esse entrelaçamento de possibilidades de significação se daria de modo dinâmico e interativo [...] (GRACIOSO; SALDANHA, 2011, p. 67) na "dança" (mútua influência) entre o uso dos conceitos (*informis*) isolados que refletem o padrão de pensamento do autor e pela agudeza analítico-cultural do padrão de pensamento do leitor (*informis*) que, com o seu afastamento epistêmico de conceber o real em relação ao autor, é duplamente expectador e partícipe do saber: pode descobrir que um dado estágio de formação do conhecimento no tempo, ao mesmo tempo que mostra um saber, esconde outros, ou seja, descobre as ausências epistêmicas de um novo contorno de ideias relacionadas que repousavam no transcendente e que foram transferidas à ideia e ao novo documento/conhecimento no tempo. O informe na pragmática transcendental é a possibilidade aberta de significações sociais que dependem da representação conceitual-categorial e que ocorre "na encruzilhada de saberes que se praticam os ebós epistêmicos" (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 23). A encruzilhada na qual o informe opera é a possibilidade de transformação ou de aquisição de outros significados dos saberes nos jogos de linguagem dos usuários em uma hermenêutica que depende da recuperação da informação para que ocorra a modificação dos contornos que expressam o grau de complexidade do conhecimento. Esta modificação do significado na sociedade a partir da articulação entre conceitos-categorias manifestada em novos documentos se aloca na *Colon Classification* justamente pela abertura performática desta que dá margem à representação temática fidedigna de quaisquer possibilidades futuras de articulações de ideias ou de significados nas facetas de assuntos dos documentos porque possui uma vantagem: a de listar e coordenar apenas conceitos simples coordenáveis entre si. Isto significa que a articulação dos assuntos não está previamente listada como nos esquemas enumerativos aristotélicos, mas é um produto do trabalho do classificador, implicando na responsabilidade do mesmo de processar e adequar o conhecimento complexo na reprodução do processo de formação do conhecimento expresso no documento e adequado às fórmulas de facetas a partir das quais as categorias são aplicadas e organizam o conhecimento.

A origem latina da palavra informação guarda uma controvérsia poucas vezes acionada pelas hermenêuticas ocidentais e sua rede de sinonímias (*typos*, *eidos*, *idea*, *morphé*). Conforme a tradição greco-latina legou ao pensamento do Ocidente, informação (*informatio*) é canonicamente um ato de dar a forma a algo. [...] O princípio aristotélico da 'decisão do sentido' entende a informação como o princípio formal e afirmativo de atualização do sentido. Informar como ato de dar a forma a algo é a ação de falar e gerar algo único, dá-lhe um sentido ou o sentido do um. [...] Dizer que **uma** mesma **palavra** aciona **mais** de **um** significado em seu plano de significação é

privar esta palavra de um sentido, afastá-la da unidade íntima a todo sentido, conforme Aristóteles. [...] Epistemicida, o sentido nega a alteridade e a legitimidade dos sujeitos de conhecimento, das maneiras de organização social e dos modos de conhecer do Outro. As partículas negativas do sentido simbolizam aquilo que ocorre não ser, que absolutamente não é, que não pode e não deve ser, pois não possui um “aí” –trata-se de um nada existencial (*ouk on*). (MENEZES, 2021, p. 5-10, grifo nosso)

Trilhar o caminho da filosofia da informação capurriano-meneziana na epistemologia da organização do conhecimento na *Colon Classification* de Ranganathan significa abordar os seguintes tópicos relativos aos termos greco-latinos que dizem respeito à doação e privação da forma: *informo*, o ato de dar a forma e o sentido; *informis*, a privação ou ausência da forma e do sentido; o *Eidos* ou essência formal - a espécie universal - e a *Morphé*, a forma externa da substância primeira como sínolo composto de matéria e forma. Na *Colon Classification*, o aspecto dual da informação (*informatio*) consiste na articulação da doação (*typos*, *eidos*, *idea* e *morphé*) e da privação da forma (*informis*) no jogo de linguagem pragmático, ou seja, na classificação. Diz o “aí” do sentido e da forma na notação enquanto o acionamento contextual de uma seleção linguística como o efeito do dizer dentre a multiplicidade de significados possíveis e infinitos dos conceitos em estado simples (*informis*) quando se relacionam entre si de acordo com um ordenamento sistemático expresso pelas fórmulas de facetas. O produto de classificação na sintaxe expressa a *morphé* - a forma externa do documento e o *typos*, a impressão da forma e do sentido identificado no documento. Esta forma documental na sintaxe se compõe das particularidades ou das diferenças captadas pelo classificador na configuração (forma) final do documento que expressa uma forma variante dos objetos nas facetas, ou seja, distinta da inicial que se dá a partir do escopo difuso da definição do conceito nas tabelas (linguagem artificial), transformada “em si mesma” na relação facetada, a qual aciona outra forma e sentido (*informis*) aos componentes facetados dos documentos.

Considerando que a fundamentação teórica da *Colon Classification* não é a decisão do sentido de origem aristotélica, mas a relação, ou seja, a privação do sentido “em si mesmo” das facetas, o rompimento com a unidade aristotélica da *ousia* em favor do gesto categorial do dar espaço à multiplicidade do sentido (afastado do sentido “carregado” de verdade e vazio de horizontes possíveis, morto) instrumentalizado nos conceitos isolados de limites epistêmicos difusos, a sintaxe do documento expressa a doação da forma que não nega a privação, mas, pelo contrário, evoca em seu processo uma configuração formal variante (*informis*) pautada no relacionamento de todas as possibilidades de significação que o documento possa trazer à luz (podendo o sentido ser qualquer coisa diferente do que se identifica formalmente na definição das facetas, são o “nada existencial” como a condicional que dela depende para a transformação

do sentido que ocorre na relação entre facetas na sintaxe). A relação ocorre: i) entre as facetas do documento e ii) entre as facetas do documento com o universo do conhecimento nas estantes (*idea platônica*). Neste último caso, o jogo de linguagem, a partir do qual as palavras que expressam os conceitos difusos articulam-se com outras redes de significações na sociedade, “aí”, formalmente (*eidos*), é um produto do dizer (pragmático) fundamentado no afastamento do sentido (transcendental) como solo invisível onde ocorre o entrecruzamento de ideias (objeto isolado de classificação x objeto articulado no contexto sócio-histórico-cultural do documento - interferência da aplicação do objeto em seus relacionamentos na captação de sua configuração formal) que gera significações distintas e que sustenta primordialmente (*arcké*) o espaço simbólico e místico no qual a extrapolação do sentido confere a possibilidade de existência múltipla e possível das epistêmes que se desdobram no mundo material.

Embora Aristóteles utilize *μορφή* no sentido de forma externa, este termo designa um dos princípios do ser. [...] O termo *μορφή* integra a dualidade ontológica: forma (*μορφή* ou *εἶδος*) e matéria (*ὕλη* ou *ὑποκείμενον*) e ocupa um lugar central no edifício doutrinal aristotélico (CAPURRO, 1978, p. 24-25, tradução nossa)⁴⁵

A doutrina dos princípios do ser deve ser levada em consideração no estudo das categorias do ser. Os termos citados acima que reproduzem os conceitos de forma (*morphé* e *eidos*) e matéria/substrato (*hylé* e *hypokeimeinon*) também são necessários à compreensão da noção de categoria aristotélica, pois esta pode ser dita em sentido primordial como forma e ato, em sentido secundário como matéria e também em sentido terciário como o sínolo, que é o composto material de uma coisa formada, ou seja, de um ser particular. Interessa-nos compreender os termos à luz da filosofia pragmática wittgensteiniana aplicada à *Colon Classification*. A matéria (*ὕλη* ou *ὑποκείμενον*) é um conceito da filosofia aristotélica que não encontra correspondência na pragmática transcendental da *Colon Classification*, justamente por sua ruptura com o discurso essencialista a respeito do conhecimento na classificação.

O significado ontológico dos termos *μορφή* e *εἶδος*, pelos quais denotam a realidade de uma coisa, pode então ser derivado do termo *μορφή*, que originalmente vem do campo visual. [...] *Μορφή* no sentido de um princípio de ser denota algo constante que constitui a essência das coisas. Só o [indivíduo] concreto é gerado, enquanto a *μορφή* é o princípio de ato (*ἐνέργεια*) da matéria em potência (*δυνάμει*). [...] Assim, compreende-se que o ser sensível existe por um lado como matéria (*ὕλη*), por outro lado como forma e ato (*μορφή καὶ ἐνέργεια*) e, finalmente, como aquilo que é unido ou

⁴⁵ Obwohl Aristoteles *μορφή* im Sinne von äußerer Gestalt gebraucht, bezeichnet dieser Begriff bei ihm eines der Prinzipien des Seienden. [...] Der Begriff *μορφή* nimmt in der ontologischen Zweifalt: Gestalt (*μορφή* bzw. *εἶδος*) und Stoff (*ὕλη* bzw. *ὑποκείμενον*) einem zentralen Platz im aristotelischen Lehrgebäude ein. (CAPURRO, 1978, p. 24-25)

in-formado a partir dele. (Metaph. 1043 a 25-29⁴⁶) (CAPURRO, 1978, p. 26, tradução nossa)⁴⁷

Os termos *eidos* e *morphé* a respeito da forma do ser são considerados como algo que persiste, ou seja, pertencem ao reino dos entes eternos ou incorruptíveis por natureza na medida que antecedem e sucedem aquilo que era ser, sendo por esta razão considerados princípios do ser e integram a doutrina das quatro causas. A diferença entre o princípio do conhecimento (na terminologia rangathaniana, postulado das categorias fundamentais, que são metaepistêmes/metaconceitos) e conhecimento (conteúdo articulado) é a de aplicação “em ato” (*ἐνέργεια*) do primeiro sobre o segundo que permite revelar recortes mais ou menos abrangentes a depender da configuração relacional no documento como produto da definição e articulação das facetas. O princípio do conhecimento documental representa e recupera as *epistêmes* como um projeto democrático pautado no diálogo ou entrecruzamento “que persiste”, sendo eterno o seu desenvolvimento (quinto mantra).

Estes termos são identificados em nossa pesquisa de modo análogo na estrutura conceitual-categorial-pragmática da *Colon Classification* de Ranganathan na montagem do número de classe com base nas fórmulas de facetas nas disciplinas. Esclarecemos que a aproximação destes termos com a *Colon Classification* envolve distintos fundamentos epistemológico-políticos de Aristóteles e Ranganathan, haja vista que o propósito encoberto das falas dos mesmos inerentes à proposta categorial que são, podemos inferir, respectivamente: ditar o que é a verdade do ser, criar e manter um falso poder hierárquico sobre os corpos e epistêmes e escravizar os seres com uma pretensa justificativa natural teológica; e disseminar o conhecimento a todos para o desenvolvimento social e igualdade de direitos políticos, dentre os quais o acesso à informação. Contudo, a classificação é norteadas pelo postulado categórico para a representação (*prolepsis*) de assuntos, o qual auxilia no manuseio do aparato facetado para “jogar” com os significados complexos que se apresentam no documento, costurando relações entre conceitos simples, sem significado em si mesmos. É o princípio do conhecimento

⁴⁶ Que é a bonança? É a tranquilidade do mar; o mar é substrato e matéria e tranquilidade é ato e forma (REALE, 2005, p. 376-377)

⁴⁷ Die ontologische Bedeutung der Begriffe *μορφή* und *εἶδος*, wodurch diese die Wirklichkeit eines Dinges bezeichnen, läßt sich dann aus dem ursprünglich aus dem Sehbereich stammenden Begriff *μορφή* herleiten. [...] *Μορφή* im Sinne eines Prinzips des Seienden bezeichnet etwas Beständiges, das das Wesen der Dinge ausmacht. Nur das Konkrete entsteht, während die *μορφή* das Prinzip der Verwirklichung (*ἐνέργεια*) des sich in Potenz (*δυνάμει*) befindlichen Stoffes ist. [...] Das sinnlich erfaßbare Wesen existiert demnach einerseits als Stoff (*ὕλη*) andererseits als Gestalt und Verwirklichung (*μορφή καὶ ἐνέργεια*) und schließlich als das daraus vereinigte bzw. in-formierte (Metaph. 1043 a 25-29) (CAPURRO, 1978, p. 26)

e não o conhecimento (não há conhecimento separado do uso, da relação entre facetas) que permite pragmaticamente este “jogo” na fórmula de facetas. Os princípios do ser aristotélicos persistem no mundo e são o que permitem o ato dos seres, ou seja, a atualização no mundo de suas potências que já são, já possuem realidade (o ser como potência é). As categorias rangathanianas como princípios ou postulados são abstrações afastadas do sentido e do mundo: não existe um objeto isolado em estado simples na realidade. São algo que persiste no mundo tais como a natureza dos objetos matemáticos (não como verdade, mas arbitrariedade que promove a otimização da organização do conhecimento em um contexto). Permitem a cada leitura não a possibilidade das potências inerentes dos conhecimentos serem transferidas ao ato (pois Ranganathan não é aristotélico), mas sim a transformação do sentido dos objetos com base em outra articulação-configuração epistêmica entre conceitos que resulta na ruptura e renascimento com os velhonovos significados documentais.

Segundo Ranganathan (2009, p. 58), “[...] a Segunda Lei da biblioteconomia fincou triunfalmente sua bandeira democrática em muitas terras, tendo reduzido a pó a barreira aristocrática do elitismo e do esnobismo.”. O projeto político-epistêmico-pedagógico de desenvolvimento social e de promoção à pluralidade epistêmica é efetuado pragmaticamente a partir do tratamento, recuperação e disseminação da informação útil à aplicação na vida dos povos. Este projeto configura a diferença fundamental do rompimento rangathaniano com a soberania da condição privilegiada derivada da decisão ditatorial e epistemicida da unicidade do sentido aristotélico: a valorização das epistêmes na missão decolonial de Ranganathan.

Uma discussão sobre a Ousia com base na Metafísica de Aristóteles [...] a doutrina das categorias é elaborada e em que concepção a ousia como princípio último fundamental [*das letztezugrundeliegende*] é quase exclusivamente enfatizada. Mas para a estrutura de uma ontologia genuína [*Seinslehre*] é essencial não perdermos de vista a estreita conexão que existe entre ousia e ente [*ὄν*]. É nessa conexão que Aristóteles está especialmente interessado nas discussões da Metafísica. (STEIN, 2002, p. 128, tradução nossa)

A categoria da substância (*ousia*) ou essência é o princípio último que possibilita classificar o que é um certo isto concreto, este homem ou cavalo, na cadeia do ser. É dotada de prioridade lógico-ontológica em relação às demais categorias e é o centro unificador dos significados a ela associados. Em referência a esta, as categorias revelam os muitos modos pelos quais o ser se manifesta.

Esta formação filológica do pensamento grego configura os elementos filosóficos de

origem da dimensão ontológica do conceito de informação. Estudá-los em relação à categoria da Personalidade de Ranganathan pode nos mostrar como o pensamento ocidental se entrecruzou com o pensamento oriental e nos forneceu uma ontologia classificatória como a *Colon Classification*, um pensamento original dos campos da *Library and Information Science* e da Organização do Conhecimento.

Apresentamos a seguir, para fins de investigação do sentido do ser dito de muitos modos na Metafísica de Aristóteles, uma apresentação panorâmica, de cunho crítico e de referência para a identificação de conceitos-chave que funcionam como fio condutor para investigarmos a relação entre as categorias e o sentido (terminológico - cada palavra diz um sentido a respeito) do ser.

Entretanto, é surpreendentemente difícil dar uma declaração clara do ponto de vista de Aristóteles sobre quantos sentidos do ser existem e como eles estão relacionados. Em parte, isto se deve ao fato de que na maioria dos lugares Aristóteles não formula uma teoria completa dos sentidos do ser, mas mostra apenas tantas distinções que ele precisa para um argumento particular; e nem sempre é fácil ver como as diferentes distinções devem se encaixar. Mas há um texto, *Metafísica* Δ7, que promete apresentar o esquema completo de todos os sentidos do ser. Além disso, Δ7 parece desempenhar um papel fundamental na argumentação da estrutura geral da Metafísica. De A9 a Γ1-2, poderíamos ter pensado que o problema principal, para alguém tentando estabelecer uma ciência das causas do ser, veio dos muitos sentidos do ser correspondentes às diferentes categorias. Mas quando Aristóteles se volta em Δ7 para descrever as diferentes maneiras nas quais o ser é dito, ele nos dá algo mais complicado. Δ7 começa dizendo que ‘o ser se diz por um lado por acidente, por outro ‘per se’ (1017a7-8 apud MENN, 2008, p. 1), onde ‘Todavia, muitas coisas são significadas pelas figuras da predicação [ou seja, as categorias] são ditas per se’ (1017a22-3 apud MENN, 2008, p. 1); mas então ‘tanto *ἔστιν* e *εἶναι* significam aquilo que é verdadeiro, *μὴ εἶναι* o que não é verdadeiro, mas falso’ (1017a31-2 apud MENN, 2008, p. 1), e ‘ser significa também o que é, por um lado potencialmente, por outro lado atualmente, [qualquer] desses [tipos de ser]’ (1017a35-b2 apud MENN, 2008, p. 1). Essa divisão em quatro maneiras nas quais o ser é dito parece então governar a estrutura argumentativa geral dos próximos quatro livros, EZHΘ. E1 diz que estamos procurando um conhecimento dos *ἀρχαί* [princípios] e causas dos seres quâ seres, onde estes *ἀρχαί* devem ser eternos e separados (não abstrações ou atributos de outra coisa), e onde, se houver uma primeira filosofia além da física, esses *ἀρχαί* também devem ser eternamente imutáveis, portanto, devem ser algo além das coisas naturais. Então, presumivelmente, o problema é descobrir se, entre as causas das coisas familiares, há tais *ἀρχαί* eternamente imutáveis; e desde que estejamos procurando o *ἀρχαί* como causas do ser, e como o ser é dito de muitas maneiras, presumivelmente devemos examinar cada sentido de ser por sua vez e ver se suas causas incluem algo separado e eternamente imutáveis. Seguindo este programa, o E2 começa por evocar os quatro sentidos do ser de Δ7. Então E2-3 examina o ser por

acidente, concluindo que este não possui causas que possam ser conhecidas por qualquer ciência, e E4 examina o ser como verdade, somando os resultados de ambas as investigações dizendo ‘deixe o que é por acidente e o que é como verdadeiro ser dispensado - pois a causa do primeiro é indeterminada e do último é alguma afecção do pensamento, e ambos dizem respeito aos tipos restantes de ser, e não indicam que exista qualquer outra natureza do ser - então deixemos estes serem dispensados, e investiguemos as causas e *ἀρχαί* do próprio ser quã ser’ (1027b33-1028a4 apud MENN, 2008, p. 2). Z, começando com uma referência explícita de volta a Δ7 - ‘o ser é dito de muitos modos, como distinguimos antes no *περὶ τοῦ ποσαχῶς*’ (1028a10-11 apud MENN, 2008, p. 2) - examina os sentidos do ser divididos de acordo com as categorias; Z1 argumenta que as coisas nas outras categorias são posteriores às *οὐσίαι* [substâncias], e assim o restante de ZH apenas investiga o ser como *οὐσία* [substância] (H1 diz que ‘estamos buscando as causas e *ἀρχαί* e *στοιχεῖα* [elementos] das *οὐσίαι*’, 1042a4-6 apud MENN, 2008, p. 2). Então Θ1 diz que temos agora falamos sobre as *οὐσίαι*, mas que como o ser é dito não apenas de acordo com as categorias, mas também de acordo com a potencialidade e a atualidade, devemos agora falar sobre a potencialidade e a atualidade, o que Aristóteles faz em Θ1-9. Por fim, Θ10 diz que ‘uma vez que o ser e o não-ser são ditos, de um modo de acordo com as figuras da predicação, de outro de acordo com a potencialidade ou a atualidade destes ou de seus contrários, mas o que é o ser no sentido mais estrito é o verdadeiro ou o falso’ (1051a34-b2 apud MENN, 2008, p. 2), devemos investigar o ser como verdade; e, onde E4 havia examinado a verdade de complexos ou proposições, Θ10 olha particularmente para a verdade como dito dos simples. Deste modo, a quádrupla divisão dos sentidos do ser em Δ7 parece fornecer o principal princípio estruturante para EZHΘ, ao qual Aristóteles retorna a cada grande virada no argumento. (MENN, 2008, p. 1-2, tradução nossa, grifos do autor)⁴⁸

⁴⁸ However, it is surprisingly difficult to give a clear statement of Aristotle's own view about how many senses of being there are and how they are related. Partly this is because in most places Aristotle does not lay out a full theory of the senses of being, but draws only as many distinctions as he needs for a particular argument; and it is not always easy to see how the different distinctions are supposed to fit together. But there is one text, *Metaphysics* Δ7, which promises to lay out the full scheme of all the senses of being. Furthermore, Δ7 seems to play a key role in the overall argument-structure of the *Metaphysics*. From A9 and Γ1-2 we might have thought that the main problem, for someone trying to establish a science of the causes of being, came from the many senses of being corresponding to the different categories. But when Aristotle turns in Δ7 to describe the different ways in which being is said, he gives us something more complicated. Δ7 starts by saying that "being is said on the one hand per accidens, on the other hand per se" (1017a7-8), where "however many things are signified by the figures of predication [i.e. the categories] are said to be per se" (1017a22-3 apud MENN, 2008, p. 1); but then "also *ἔστιν* e *εἶναι* signify that it is true, *μὴ εἶναι* that it is not true but false" (1017a31-2 apud MENN, 2008, p. 1), and "being also signifies what is, on the one hand potentially, on the other hand actually, [any] of these aforementioned [kinds of being]" (1017a35-b2 apud MENN, 2008, p. 1). This division into four ways in which being is said then seems to govern the overall argument-structure of the next four books, EZHQ. E1 says that we are seeking a knowledge of the *ajrcaiv* and causes of beings quã being, where these *ajrcaiv* must be eternal and separate (not abstractions or attributes of something else), and where, if there is to be a first philosophy beyond physics, these *ajrcaiv* must also be

Para uma compreensão fidedigna acerca das categorias ou as figuras da predicação, é preciso relacioná-las ao sentido do ser enquanto ser nas obras EZHΘ da Metafísica, ou seja, o ser como verdade, falsidade, potência e ato. Os dois primeiros derivam da correspondência da predicação com a realidade e os dois últimos são os modos possíveis segundo as propriedades essenciais naturais do ser em questão, no caso do homem, a potência e o ato do *logos* (ter capacidade de compreender ou estar compreendendo; ter a capacidade de construir uma casa ou estar construindo uma casa, etc).

[...] o ser como potência e o ser como ato [...] não existem fora ou além das categorias, mas *são modos de ser que se apóiam no ser das categorias, são modos de ser que se estendem segundo toda a tábua das categorias, e são diversos segundo se apóiam nas diferentes figuras de categorias* (REALE, 1993, p. 350)

As demais categorias que não a substância⁴⁹ possuem ato e potência em sentido

eternally unchanging, thus must be something apart from the natural things. So presumably the problem is to discover whether among the causes of the familiar things, there are such eternally unchanging *ajrcaiv*; and since we are looking for the *ajrcaiv* as causes of being, and since being is said in many ways, presumably we must examine each sense of being in turn and see whether its causes include anything separate and eternally unchanging. Pursuing this program, E2 starts by recalling the four senses of being from Δ7. Then E2–3 examine being per accidens, concluding that it has no causes which can be known by any science, and E4 examines being as truth, summing up the results of both investigations by saying "let what is per accidens and what is as true be dismissed--for the cause of the former is indeterminate and of the latter is some affection of thought, and both of them concern the remaining kind of being, and do not indicate that there is any further nature of being--so let these be dismissed, and let us investigate the causes and *ἀρχαί* of being itself quâ being" (1027b33–1028a4 apud MENN, 2008, p. 2). Z, beginning with an explicit reference back to Δ7–"being is said in many ways, as we distinguished before in the *περὶ τοῦ ποσαχῶς*" (1028a10-11)--examines the senses of being divided according to the categories; Z1 argues that things in the other categories are posterior to *οὐσίαι*, and so the rest of ZH just investigate being as *οὐσίαι* (H1 says that "we are seeking the causes and *ἀρχαί* and *στοιχεῖα* of *οὐσίαι*", 1042a4-6 apud MENN, 2008, p. 2). Then Θ1 says that we have now spoken about *ousiva*, but that since being is said not only according to the categories, but also according to potentiality and actuality, we should now talk about potentiality and actuality, which Aristotle does in Θ1-9. Finally, Θ10 says that "since being and not-being are said, in one way according to the figures of predication, in another way according to the potentiality or actuality of these or their contraries, but what is being in the strictest sense is the true or the false" (1051a34-b2 apud MENN, 2008, p. 2), we should investigate being as truth; and, where E4 had examined the truth of complexes or propositions, Θ10 looks particularly at truth as said of simples. Thus the fourfold division of senses of being in Δ7 seems to provide the main structuring principle for EZHΘ, which Aristotle returns to at each major turn in the argument. (MENN, 2008, p. 1-2)

⁴⁹ Estamos tratando nesta pesquisa estritamente acerca da substância primeira (o indivíduo particular) e segunda (a espécie universal), ou seja, "[...] as *ousiai* que existem concretamente no mundo, e, de outro, as *ousiai* universais que se apresentam como 'causa do ser' para as primeiras (ANGIONI, 2000. p. 63-64), desconsiderando as demais substâncias (*οὐσίαι*) físicas que "se apresentam como subjacentes

secundário, pois apenas em referência à substância têm ser. O ser em sentido primeiro e fundamental, como este indivíduo, possui capacidades segundo sua natureza, por exemplo, de cortar madeira (ação) e por ela ser cortado (paixão), etc. A potência e o ato são modos de ser que se apóiam no ser das categorias, mas ocorrem na substância, que é o que é. Acerca da relação entre as categorias, é interessante esclarecer que “[...] a *ousia* não sobreviveria à destruição de todas as demais entidades concomitantes, justamente porque ela se afigura como uma unidade autônoma constituída por diversas propriedades quantitativas, qualitativas, etc.” (ANGIONI, 2000, p. 123), as quais conferem à *ousia* suas potencialidades e atualidades e são extremamente necessárias para que o ser ganhe expressão no mundo de modo autônomo. Portanto, a separação entre a substância e as demais categorias é um produto artificial do pensamento que pode abstrair as propriedades constitutivas intrínsecas e ordená-las de acordo com a sua natureza, mas, na realidade, o ser se constitui por todas estas que são indissociáveis entre si (unidade) com a substância. São modos de separar, classificar e ordenar o sentido, conferindo o entendimento e a epistême a respeito daquilo que me apresenta: o ser.

Apresentamos a seguir a explicação da fórmula do ser enquanto ser.

O ser e os seus significados e o sentido da fórmula "ser enquanto ser"

[...] além das causas, a metafísica é definida por Aristóteles como doutrina do ‘ser’ ou, também, do ‘ser enquanto ser’; Vejamos o que é o ser (*ov, ousia*) e o ser enquanto ser (*ov η ov*), no contexto da especulação aristotélica. [...] Eis como, exatamente, Aristóteles caracteriza o ser:

- a) [...] o ser não pode ser entendido univocamente ao modo dos eleatas, nem como gênero transcendente ou universal substancial ao modos dos platônicos.
- b) O ser exprime originariamente uma ‘multiplicidade’ de significados. Não por isso, porém, é mero ‘homônimo’, isto é, um ‘equivoco’. Entre univocidade e equivocidade pura há uma *via de meio*, e o caso do ser está, justamente, nessa vida [sic] [via] intermediária. [...]
- c) O ser, em consequência do que se estabeleceu, não poderá ser um ‘gênero’ e muito menos uma ‘espécie’. Trata-se, pois, de um conceito *trans-genérico*, além de *trans-específico*, vale dizer, mais amplo e mais extenso do que o gênero e a espécie. [...]
- d) Se a unidade do ser não é unidade nem de espécie nem de gênero, que tipo de unidade é? O ser exprime significados diversos, mas todos eles tendo *uma precisa relação com um idêntico princípio ou uma idêntica realidade* [...]. Portanto, as várias coisas que são ditas ‘ser’ exprimem sentidos diferentes de ser, mas ao mesmo tempo *todas implicam uma referência a algo que é uno*.
- e) Que é esse algo uno? É *a substância*. (REALE, 1993, p. 341-343, grifos do autor)

A multiplicidade dos significados do ser ou os sentidos do ser são assinalados pela definição que contém como elementos constitutivos as propriedades essenciais do gênero e da espécie que, quando predicadas, expressam a essência constituída de palavras em enunciados

capazes de se apresentar no mundo ‘sozinhos em si mesmos’, isto é, sem a pressuposição adicional de um outro subjacente do qual dependessem. (ANGIONI, 2000, p. 119). São exemplos de substâncias deste tipo: os vegetais, os animais, os minerais, etc., que fogem ao escopo de nosso objeto.

com significado não contraditório e verdadeiro ou falso. A unidade do ser como *ousia* pressupõe um substrato pelo qual a geração, a corrupção e as mudanças (crescimento, diminuição, locomoção e alteração) são possíveis no mundo material (*physis*). Em tese, as mesmas existem devido à finalidade última (reino incorruptível e eterno) que perspassa o sentido do ser e a manifestação empírica de tudo o que existe e que pode ser concebido, em qualquer época e espaço, no reino dos entes corruptíveis, de constante atualização e portanto, perfeição dos entes.

Na classificação geral dos entes, há itens que (i) não são ‘naturalmente por si mesmos’, (ii) não são capazes de ser separada ou independentemente de uma *ousia*, (iii) dependem de um subjacente determinado como condição sem a qual não podem se apresentar como entes. Em contrapartida, a própria *ousia*, que ocupa o lugar de princípio primeiro nesta classificação geral, se apresenta presumivelmente como (i) algo que é ‘naturalmente por si mesmo’, (ii) capaz de ser separado ou independente e (iii) subjacente que oferece condições de possibilidade para a apresentação de outros entes. Lembremos que [...] a *ousia* havia sido assinalada por meio das expressões ‘o que é’ e ‘um isto’. Assim, se tentarmos reunir todos estes dados num conjunto consistente, obteremos um quadro muito semelhante àquele que se desenha no final do capítulo Z-3: a *ousia* é subjacente, mas não um subjacente que pudesse ser tomado meramente como substrato material; antes, ela é o subjacente que é ‘um isto’ e ‘separado’, capaz de subsistir ‘naturalmente por si mesmo’. Mas ora, a caracterização da *ousia* por meio da convergência de todas estas expressões e de todos os critérios que elas comportam emergirá justamente como o resultado final de nosso excuro pela teoria aristotélica da predicação. Por meio da semântica ontológica que, dentre as diversas maneiras de enunciar o ente, discrimina uma categoria apta a funcionar como sujeito irreduzível que oferece a condição necessária de todos os predicados, Aristóteles caracterizará a *ousia* como subjacente completo em si mesmo, capaz de subsistir separadamente, sem a pressuposição de itens que lhe forem heterogêneos, e que se apresenta como ‘um isto’. (ANGIONI, 2000, p. 58-59)

A substância é um subjacente que é “um isto”, “separado” e é designada pelos seguintes elementos: (i) a matéria, (ii) a forma e (iii) o composto, existe de modo autônomo. É um princípio primeiro ou fundamento ontológico na classificação dos entes, pois os demais entes dela dependem para existir, pois é subjacente.

[...] o ser somente o é em virtude dos predicados da categoria da substância — que possui diversos significados —, ou seja, o ser é, por excelência a substância. Repare que neste ponto Aristóteles afirma o caráter polissemântico da substância. [...] é um termo com vários significados, mas é a partir dessa polivalência que o ser adquire sua cognoscibilidade. (VERAS, 2021, p. 279)

A substância e seus predicados ou as demais categorias constituem o caráter polissêmico da substância, pois, mesmo sendo autônoma e possuindo o estatuto do ser por excelência, esta existe como uma unidade composta da totalidade formada pelos seus vários significados categóricos que a constitui como suas subdivisões categóricas.

[...] seguindo a etimologia de *κατηγορεία*, que vem de *κατηγορεῖν*, atribuir - tantas outras maneiras de atribuir o predicado (seja essencial ou accidental) a

um sujeito, ou seja, tantos outros significados possíveis da cópula ser. Por fim, se a atribuição em geral implica, como condição de sua possibilidade, a distinção entre ser por si e ser por acidente, entre ser em ato e ser em potência, a pluralidade dos tipos de atribuição nos leva a uma nova distinção que, ao mesmo tempo, completa e cobre as distinções anteriores: a distinção entre as categorias. Deste modo se constitui a lista - à qual Aristóteles frequentemente se refere como se fosse uma teoria conhecida, sobre a qual não é necessário insistir - dos múltiplos significados do ser. A enumeração mais completa é a que encontramos no Livro E da Metafísica. <O ser propriamente dito (*τὸ ὄν τὸ ἀπλῶς λεγόμενον*) se diz em vários sentidos (*λέγεται πολλαχῶς*): vimos que havia o ser por acidente, e depois o ser como verdadeiro e o não-ser como falso; além disso, há as figuras de predicação (*τααχήματα τῆς κατηγορίας*), por exemplo, o que (*τί*), qual, quanto, onde, quando e outros termos que significam neste sentido. E, além de todos esses sentidos do ser, há o ser em potência e o ser em ato. (AUBENQUE, 1987, p. 159, tradução nossa)⁵⁰

Elucidar de modo complementar as distintas maneiras de atribuição dos significados do ser e as figuras da predicação (categorias) é necessário para um entendimento inicial da argumentação da Metafísica, posto que ambos são necessários à investigação do ser enquanto ser.

Os múltiplos significados do ser se predicam essencialmente ou acidentalmente da substância, o ser por si (unidade), a qual comporta os contrários. A matéria - estritamente pura potência da perfeição ou atualização da forma - confere a condição básica do ser em potência; o ser por acidente é tudo aquilo que se predica de modo concomitante (como a cor dos olhos ou a altura do ser), ou seja, o que não se predica nos itens do enunciado definitório, o qual diz “o que é”.

Segundo Sales e Guimarães (2017, p. 128):

O termo categoria, traduzido em português também por predicado ou atributo, foi pioneiramente definido por Aristóteles, no século IV a.C., em seu tratado intitulado *Categorias*, primeiro livro que compõe o *Órganon* - obra fundamental que reúne os principais livros de lógica do filósofo. O livro *Categorias* é considerado pelos historiadores da filosofia como uma espécie de tratado, no qual Aristóteles mais se preocupou em dar por conhecidas as categorias do que em explicá-las. A explicação aprofundada das mesmas,

⁵⁰ [...] siguiendo la etimología de *κατηγορεία*, que viene de *κατηγορεῖν*, atribuir - otras tantas maneras de atribuir el predicado (sea esencial o accidental) a un sujeto, es decir, otras tantas significaciones posibles de la cópula ser. Finalmente, si la atribución en general conlleva, como condición de su posibilidad, la distinción entre ser por sí y ser por accidente, entre ser en acto y ser en potencia, la pluralidad de los tipos de atribución nos lleva a una nueva distinción que, a la vez, va a completar y cubrir las distinciones anteriores: la distinción entre las categorías. De este modo se constituye la lista - a la que Aristóteles se refiere con frecuencia como si tratara de una teoría bien conocida, en la que no hace falta insistir - de las significaciones múltiples del ser. La enumeración más completa es la que encontramos en el libro E de la Metafísica. <El ser propriamente dicho (*τὸ ὄν τὸ ἀπλῶς λεγόμενον*) se dice en varios sentidos (*λέγεται πολλαχῶς*): hemos visto que había ser por accidente, y luego el ser como verdadero y el no-ser como falso; además, están las figuras de la predicción (*τααχήματα τῆς κατηγορίας*), por ejemplo, el qué (*τί*), el cuál, el cuánto, el dónde, el cuándo y otros términos que significan en este sentido. Y, además de todos esos sentidos del ser, están el ser en potencia y el ser en acto. (AUBENQUE, 1987, p. 159)

ainda que não a contento geral, viria à tona somente na sua obra *Metafísica*. É como se Aristóteles primeiro criasse seus instrumentos ontológicos para depois desenvolver sua lógica.

As categorias no primeiro livro da obra *Órganon* são apresentadas para sustentar os seguintes argumentos: o conhecimento das coisas é possível e inicia-se pelo ato de nossa percepção (empirismo) da substância, uma unidade fundamental do ser que é substrato pelo qual as demais categorias que nela inerem como seus desdobramentos se predicam, é em ato (*ἐνέργεια*) e é cognoscível por sua essência (*τὸ τί ἦν εἶναι*); o método essencialista aplicado para conhecer as coisas (sujeitos ou objetos do mundo) é fundamentado no *lógos* capaz de identificar e relacionar as notas de inteligibilidade ou as características que compõem a forma do objeto nos predicados em uma oração; a combinação de termos em um enunciado permite conhecer o sentido não contraditório do ser através dos elementos “conceituais” predicativos. A principal diferença das categorias elaboradas pelo Estagirita no *Órganon* e na *Metafísica* é que, na primeira obra, os princípios dos entes não estão presentes enquanto objeto de estudo.⁵¹

[...] o *anthropos* aristotélico – é um gerador de sentido e forma, o único dotado de fala e capaz de exprimir um e só um significado determinado. O signo dessa exclusão essencial é que nenhum animal ou planta “tem a palavra” (*aneu logon* | *alogon pragma*) e informar o mundo é uma possibilidade exclusivamente humana, ou, em outras palavras, a representação do mundo é um privilégio privado do patriarca, o cidadão. Esse gesto de exclusão em Aristóteles (2002, §982b 20-28, p. 10-13⁵²) funda a filosofia como “única ciência livre” já que “única que é em vista de si mesma” e faz do “homem livre” (*anthropos*) seu operador por excelência, o único ser “que o é em vista de si mesmo” (*ho hautoû héneka*). Informar é uma retórica branca colonial de configuração do mundo em vista de si mesmo, conforme os segredos dos seus olhos, a univocidade do seu sentido e a virulência de suas ações. [...] Caso fale multiplicidades, em pura perda, ou não seja dotado de existência discursiva, como um pária ou um marginal, e só lhe “reste” corpo e matéria como mulheres, estrangeiros, escravizados, animais, monstros, sofistas, bárbaros e indígenas, és um ser informe, um não-humano fora do sentido (Cassin, 2017 apud MENEZES, 2021, p. 9) (MENEZES, 2021, p. 9)

⁵¹ Considerando que nosso objeto de estudo nos possibilita localizar a presença dos vínculos categóricos e enquadrá-los na epistemologia da organização do conhecimento enquanto instrumentos de organização e recuperação da informação, não iremos tratar das categorias da *Metafísica* porque não encontramos caminhos para uma contribuição ao campo da Ciência da Informação.

⁵² De modo que, se os homens filosofaram para libertar-se da ignorância, é evidente que buscaram o conhecimento unicamente em vista do saber e não por alguma utilidade prática. E o modo como as coisas se desenvolveram o demonstra: quando já se possuía praticamente tudo o de que se necessitava para a vida e também para o conforto e para o bem-estar, então se começou a buscar essa forma de conhecimento. É evidente, portanto, que não a buscamos por nenhuma vantagem que lhe seja estranha; e, mais ainda, é evidente que, como chamamos livre o homem que é fim para si mesmo e não está submetido a outros, assim só esta ciência, dentre todas as outras, é chamada livre, pois só ela é fim para si mesma. Por isso, também, com razão poder-se-ia pensar que a possa dela não seja própria do homem; de fato, por muitos aspectos a natureza dos homens é escrava [...] (REALE, 2005, §982b 20-28, p. 11-13)

Tendo exposto o que a proposta do método categorial aparentemente neutro pretende, consideramos relevante tecer considerações críticas a respeito das implicações políticas que estão ocultas sob o discurso essencialista do Estagirita.

Ser o detentor da palavra e do discurso na ontologia grega da informação significa cumprir com os seguintes requisitos: i) ter a capacidade de expressar apenas um sentido (o *lógos* que ousa expressar mais de um sentido em seu discurso não é um *lógos* do homem livre - branco, colonizador e epistemicida -, do *anthropos*); e ii) eleger as formas dos seres que foram legadas o poder revestido de cunho político e autoritário de *in*-formar a matéria, forçando-a a abandonar a multiplicidade de sua *epistême* própria (a universalização perversa de selecionar como ciência na Pólis apenas um modo correto de conhecer e comunicar a realidade) ou de seus significados possíveis de comunicar que derivam da subjetividade inerente à percepção do conhecimento, para caber em seus contornos, em um gesto (grotesco) de servidão ancorada nas leis, o que promove a continuidade da desigualdade da distribuição de poder político entre os povos. Destes dois requisitos, podemos concluir que o Estagirita adquiriu em suas experiências de vida subjetivas e sociais graus de patologia psíquica nos quais fundamenta seu método categórico de exclusão dos dessemelhantes, encenando em vida e documentando como ciência o mito do leito de Procusto: o gigante que amarra a vítima em uma cama de ferro, utilizando-a como medida padrão para conformar sua matéria; quando excede esta medida, corta a carne ou, quando é demasiadamente insuficiente, estica a matéria, rasgando-a e, se necessário para o enquadramento perfeito, quebra os ossos com a finalidade - causa final - de subordinar a matéria à forma pois, por natureza, a matéria é (existe no mundo) sempre e em todos os casos considerada como serva “natural” dos moldes da forma, serve exclusivamente para que a forma possa atingir sua perfeição. Esta exclusão essencial legou à posteridade um retorno constante desta ideia excludente, análogo à concepção do *Nachleben* warburgiano: no campo da *Library and Information Science*, a exclusão retorna, manifestada, por exemplo: i) nos problemas ou nas injustiças epistêmicas em alocar fidedignamente via representação a existência do múltiplo, do dessemelhante e do altero, ou, dito de outro modo, dar condições adequadas à expressão do *lógos* das existências discursivas por meio da representação e a recuperação da informação dos saberes dos povos não tradicionais, *informis*, nos diversos sistemas de organização do conhecimento, gerando prejuízos à democracia documentária; ii) na seleção pela comunidade da *Library and Information Science* nas Bibliotecas dos sistemas de organização do conhecimento do Ocidente aristotélicos em detrimento do que cruza com o Oriente, a *Colon Classification*, o sistema de maior expressão até o momento da pragmatização da classificação a partir do *informis* e do *informo* em detrimento da exclusividade do *informo*, uma proposta

revolucionária de Ranganathan nas áreas da filosofia da informação e da organização do conhecimento.

Desse modo, o *anthropos* aristotélico é seletivo e enviesado quanto à exclusão política dos dessemelhantes na humanidade em sua ontologia informacional pautado principalmente no argumento do escravo natural em §982b 20-28, ou seja, o detentor privilegiado do discurso que diz e representa o real pretende justificar a desqualificação e subordinação dos seres em não humanos (mulheres, escravos, estrangeiros, escravizados, etc) e de quaisquer discursos (*lógos*) por estes últimos formulados que pretendam fundar uma ciência outra do mundo. Além do informar restrito ao mundo dos homens, significa desconsiderar também outras formas de linguagem desde o nível micro, como a das flores, árvores e animais - e suas simbologias no que dizem além de si mesmos -, ao nível macro, de todas as manifestações possíveis em “formas outras, *informis*” da sabedoria dos mistérios do universo. Nisto reside a exclusão dos seres dessemelhantes à escolha do sentido na palavra e no discurso, ou seja, no *lógos*: a seleção do sentido unívoco no informar como retórica branca colonial de configuração do mundo em vista de si mesmo oculta que nesse mesmo gesto ocorre uma dupla morte: i) o silenciamento ou a aniquilação dos conteúdos nos acionamentos linguísticos dos seres informes como um ato do presente e; ii) a aniquilação de todos os efeitos que o *lógos* dos seres *informis* poderiam causar no mundo, aniquilando a realidade democrática na qual o múltiplo tem local e as condições de existir linguisticamente e no mundo (fisicamente, intelectualmente, emocionalmente, etc).

Segundo Meireles, Cendón e Almeida (2014, p. 148):⁵³

O conceito de categorias nasceu com Aristóteles, que viveu entre 384 e 322 a. C. 'Categorias' é o primeiro dos cinco tratados que compõem o 'Organon', a obra que apresenta a lógica aristotélica. Assume-se que este é o tratado que introduz o conteúdo de todos os outros quatro, Da Interpretação, Analíticos anteriores, Analíticos Posteriores e Tópicos.

A proposta da lógica de Aristóteles no Organon consiste em um instrumento para o correto raciocínio com base em proposições. O livro *Da Interpretação* busca a construção e identificação de enunciados verdadeiros e falsos com base nas noções de proposição, nome, verbo, sentença, universal, particular, etc; o livro Analíticos Anteriores trata sobre a teoria do silogismo; o livro Analíticos Posteriores trata do conhecimento científico e o livro Tópicos trata sobre a dialética. Juntos, formam o tratado que nos ensina a discursar, argumentar e construir conhecimentos que se dão com base em conhecimentos pré-existentes e que requerem, portanto,

⁵³ The concept of categories was born with Aristotle, who lived between 384 and 322 BC. “Categories” is the first of the five treatises composing the “Organon,” the work that presents the Aristotelian logic. It is assumed that this is the treaty that introduces the content of all the other four, On Interpretation, Prior Analytics, Posterior Analytics and Topics. (MEIRELES; CENDÓN; ALMEIDA, 2014, p. 148)

uma revisão de literatura. Em nosso contexto, a representação, recuperação e o método dialético de construção de conhecimentos são atravessados por procedimentos linguísticos que envolvem a vida social do homem, sendo possível identificar historicamente a importância dos elementos linguísticos no *Organon*, os quais podem ter servido à Ranganathan em sua proposta categorial/classificatória.

Aristóteles aplicou o esquema clássico de categorização em sua abordagem para a classificação dos seres vivos, estabelecendo a base para a taxonomia natural. A visão aristotélica clássica afirma que as categorias são entidades discretas caracterizadas por um conjunto de propriedades que são compartilhadas por seus membros. Estas propriedades estipulam as condições que são necessárias e suficientes para definir a intensão e extensão de uma classe, permitindo assim a categorização de entidades. As categorias são mutuamente exclusivas e coletivamente exaustivas. Qualquer entidade pertence inequivocamente a uma, e apenas a uma, das categorias propostas. (LIMA; RAGHAVAN, 2014, p. 89-90, tradução nossa)⁵⁴

As categorias mutuamente exclusivas, excludentes e exaustivas de Aristóteles estabelecem uma ontologia da informação positivista, pois cada uma oferta, indica ou doa, a partir de seu *lógos*, um sentido (*informo*) expresso no discurso. Possibilitam unificar o sentido em seus modos para a organização do pensamento em conformidade à natureza das coisas e à comunicação humana no que se refere às substâncias e suas propriedades. O que escapa ao sentido, ou seja, o discurso dessemelhante à conformação do modelo categorial e retórico de conhecer e comunicar o conhecimento, caracteriza o limite epistêmico de qualquer proposta de classificação na *Library and Information Science* que tem como fundamento último o molde que exige a conformação ao sentido, desconsiderando as implicações políticas envolvidas nos atos classificatórios que violam a representação da multiplicidade em contextos sócio-culturais em detrimento da unidade. Portanto, avaliar criticamente se os esquemas estão fundamentados na decisão do sentido de cunho aristotélico significa encontrar problemas de injustiça epistêmica na representação e, com isso, pensar em soluções procedimentais e técnicas junto à comunidade da *knowledge organization*.

A Organização do conhecimento tem sido em grande parte (até agora) o território da construção de ferramentas para o armazenamento e recuperação de entidades documentais

⁵⁴ Aristotle applied the classical categorization scheme in his approach to the classification of living beings, establishing the basis for natural taxonomy. The classical Aristotelian view claims that categories are discrete entities characterized by a set of properties which are shared by their members. These properties stipulate the conditions which are both necessary and sufficient to define the intension and extension of a class thus enabling categorization of entities. The categories are mutually exclusive and collectively exhaustive. Any entity belongs unequivocally to one, and only one, of the proposed categories. (LIMA; RAGHAVAN, 2014, p. 89-90)

(SMIRAGLIA, 2002, p. 331, tradução nossa)⁵⁵. A aplicação dessas ferramentas é de fundamental importância na medida que, por meio de seu processamento técnico, têm como produto a substituição dos documentos nos catálogos de biblioteca.

[...] o pressuposto de que existem “cinco e apenas cinco categorias fundamentais no universo do conhecimento” (RANGANATHAN, 1952; 1967 apud MAZZOCCHI, 2013, p. 765) que o levam a acreditar que tais categorias (mutuamente excludentes) estabelecem condições necessárias e suficientes para expressar, em razão de sua combinação, todos os assuntos possíveis. Não apenas o conhecimento existente, mas qualquer conhecimento possível é coberto por elas, incluindo um recém-descoberto. (RANGANATHAN, 1952; 1967 apud MAZZOCCHI, 2013, p. 765). (MAZZOCCHI, 2013, p. 765, tradução nossa)⁵⁶

À luz da pragmática, a combinação das categorias rangathanianas permite a representação de entidades documentais concretas ou abstratas, ou seja, todos os assuntos possíveis documentais. Mazzocchi interpreta, em pleno direito, as categorias rangathanianas à luz dos pressupostos da filosofia essencialista aristotélica ao considerá-las como mutuamente exclusivas e excludentes, mas consideramos que as categorias aristotélicas e rangathanianas são contrárias: em Ranganathan, as categorias do conhecimento multidimensional não delimitam um sentido não contraditório aos objetos, mas, pelo contrário, adquirem diversos, a depender de sua configuração na sintaxe, e justamente pelo acionamento de sentidos múltiplos derivado de sua abertura epistêmica (conceito de limites desfocados - teoria pragmática na classificação vs. conceitos fechados - teoria clássica aristotélica nos sistemas enumerativos hierárquicos), não é coerente afirmar que as categorias rangathanianas são mutuamente exclusivas e excludentes. Estas características das categorias estão atreladas aos esquemas hierárquico-enumerativos.

Eἶδος e *idéa*, como *τύπος* e *μορφή*, geralmente significam forma ou forma sensorial perceptível e são utilizados neste sentido tanto por Platão como por Aristóteles. Estes termos, incluindo em particular *idéa* em Platão e *Eἶδος* em Aristóteles, são interpretados ontologicamente e epistemologicamente. Tanto o significado geral como a aplicação filosófica específica estão subjacentes ao desenvolvimento do significado do conceito de informação. A herança desta origem grega aparece, por exemplo, no conceito de *informatio deorum* de Cícero, que ao mesmo tempo denota as ideias dos deuses ou a sua aparência, bem como a sua essência ou natureza (cf. 3.2.1). Esta origem etimológica e histórico-ideológica do conceito de informação vem à tona quando as

⁵⁵ Knowledge organization, at least as it is practiced inside the domain of library and information science, has been largely (up to now) the province of the construction of tools for the storage and retrieval of documentary entities. (SMIRAGLIA, 2002, p. 331)

⁵⁶ [...] the presumption that there are “five and only five fundamental categories in the universe of knowledge” which lead him to believe that such (mutually exclusive) categories establish necessary and sufficient conditions to express, in reason of their combination, all possible subjects. Not only existing knowledge but any possible knowledge is covered by them, including newly discovered one (MAZZOCCHI, 2013, p. 765)

diferentes influências das interpretações platônicas e aristotélicas destes conceitos se tornam visíveis (cf. 3.2.3). [...] Mas como os objetos extralinguísticos podem ser comunicados linguisticamente sem duvidar fundamentalmente da correção da linguagem é a "crux" do Platonismo. (CAPURRO, 1978, p. 27-36, tradução nossa)⁵⁷

A associação entre a filosofia da informação meneziano-capurriana e a organização do conhecimento em Ranganathan se pauta a partir da identificação dos termos greco-latinos associados ao conceito de informação e que encontram correspondência instrumental-epistêmica na *Colon Classification*. Para esta associação, consideramos relevante evocar o seguinte esclarecimento epistêmico a respeito da Personalidade:

A categoria Personalidade (P precedido por ,) equivale à substância aristotélica, isto é, a primeira das categorias ou atribuições do ser [...] E de acordo com Aristóteles, diz que 'o ser se diz em uma pluralidade de sentidos' (ARISTOTELES, *Metafísica*. 2, 1033 a 3377 apud SAN SEGUNDO MANUEL, 1992, p. 171). Estes sentidos do ser são o que ele chama de categorias. Esta concepção das categorias aristotélicas será retomada, de forma semelhante, por Ranganathan, que estabeleceu cinco categorias principais. A personalidade na *Colon Classification* aparece como a primeira ordem classificatória, ou seja, o objeto de estudo de cada disciplina, corresponde à faceta primária, é a chave das coisas e da ação. Assim, para a astronomia, a personalidade será a terra, a lua, o sol, as estrelas, etc. [...] (SAN SEGUNDO MANUEL, 1992, p. 171-172, tradução nossa)⁵⁸

A seguir aborda-se a questão da doação (*informo*) e privação (*informis*) da forma na filosofia da informação aplicada à pragmática da *Colon Classification* nos objetos que recaem sob a categoria da Personalidade; no exemplo citado, na Astronomia, identifica-se: a Terra, o

⁵⁷ *Eĩdos* und *ĩdĩa* bedeuten, wie *τύπος* und *μορφή*, allgemein Form oder sinnlich wahrnehmbare Gestalt und werden in dieser Bedeutung sowohl von Platon als auch von Aristoteles gebraucht. Diese Begriffe, darunter insbesondere *ĩdĩa* bei Platon und *Eĩdos* bei Aristoteles, werden ontologisch und erkenntnistheoretisch gedeutet. Sowohl die allgemeine Bedeutung als auch die spezielle philosophische Anwendung, liegen der Bedeutungsentwicklung des Informationsbegriffs zugrunde. Das Erbe dieses griechischen Ursprungs kommt z.B. in Ciceros Begriff der *informatio deorum* zum Vorschein, der zugleich die Vorstellungen von den Göttern bzw. deren Aussehen als auch deren Wesen oder Natur bezeichnet (vgl. 3.2.1). In ausgeprägter Form kommt dieser etymologische und ideengeschichtliche Ursprung des Informationsbegriffs vor, wenn der unterschiedliche Einfluß der platonischen bzw. aristotelischen Deutungen dieser Begriffe sichtbar wird (vgl. 3.2.3). [...] Wie aber außersprachliche Gegenstände sprachlich vermittelt werden können, ohne daß man dabei grundsätzlich an der Richtigkeit der Sprache zweifelt, das ist die "crux" des Platonismus. (CAPURRO, 1978, p. 27-36)

⁵⁸ La categoría de la Personalidad (P precedida de,) equivale a la sustancia aristotélica, es decir, la primera de las categorías o atribuciones del ser [...] Y según Aristóteles aduce "el ser se dice en una pluralidad de sentidos", estos sentidos del ser es lo que denomina categorías. Esta concepción de las categorías aristotélicas va a ser recogida, de forma similar, por Ranganathan, quien estableció cinco categorías principales. La personalidad en la clasificación colonada aparece como el primer orden clasificatorio, o sea, el objeto de estudio de cada disciplina, corresponde a la faceta primaria, es la clave de las cosas y de la acción. Así para la Astronomía la personalidad será la tierra, la luna, el sol, las estrellas, etc. [...] (SAN SEGUNDO MANUEL, 1992, p. 171-172)

Sol, a Lua, as Estrelas. Indagar a respeito da doação da forma nestes objetos pressupõe evocar os termos gregos reproduzidos por forma: *idea*, *morphé*, *eidos* e *typos* (CAPURRO, 1978) que compõem o *informo* da informação, assim como os termos latinos que reproduzem a privação da forma a: “*informis(e)*, *informitas*, *informiter*, *informabilis*” (MENEZES, 2018, p. 280) que compõem o *informis* da informação. Estes objetos apresentam uma forma ou uma configuração ou uma estrutura distinta nos documentos que se dá **ocorre** partir da definição e relação das facetas: entre si mesmas em uma sintaxe (*morphé*, a forma externa e *typos*, a impressão de um objeto); entre o universo do conhecimento nas estantes (*idea* platônica); com o usuário particular e sua subjetividade (*informe*); com a sociedade (*eidos* platônico) na qual a variável das raízes culturais inferem na percepção do conhecimento. A relação entre facetas em todos os casos mencionados ocorre no “solo epistêmico” da abertura *informe* do conhecimento - e por extensão dos conceitos isolados em suas articulações, fundamentalmente expressa na noção pragmático transcendental de inefabilidade - é um jogo de linguagem que instaura a ação desses objetos no mundo informacional-documental e que se materializa na representação ora como as “formas simbólicas” (MENEZES; SALDANHA, 2017, p. 1255) desses objetos nos catálogos mantendo o fundamento do “[...] espaçamento dos limites de sentido, para que tal abertura material não seja sufocada pelo sentido único da coisa privada (*res privata*)” (MENEZES; SALDANHA, 2017, p. 1256), ora como possibilidade aberta dos efeitos transformadores dos usos das palavras, ou seja, a transformação do sentido e da realidade bifurcada com a inserção da materialidade das multiplicidades dos sentidos sob o viés da epistemologia social sheriana em seus usos metafóricos pelos sujeitos. Portanto, o *informo* e o *informis* que compõem o conceito de informação em seus significados ontológico, epistemológico e pedagógico (CAPURRO, 1978; MENEZES, 2018) podem ser identificados nos objetos da *Colon Classification* de Ranganathan. Estes termos apropriados por Ranganathan permitem-nos explorar as “[...] conexões entre a ontologia filosófica greco-latina e o entendimento e a prática dos sistemas de organização do conhecimento modernos, e em iluminar ainda mais os fundamentos teóricos do campo da organização do conhecimento.” (DOBRESKI, 2021, p. 9, tradução nossa).⁵⁹

A “[...] classificação facetada [...] adota uma abordagem mais flexível baseada num conjunto mínimo de categorias fundamentais que podem ser combinadas de múltiplos modos

⁵⁹ “[...] connections between philosophical ontology and modern KOS understanding and practice, and in further illuminating the theoretical foundations of the KO field.” (DOBRESKI, 2021, p. 9)

para produzir assuntos compostos [...]” (MAZZOCCHI, 2013, p. 766-767, tradução nossa).⁶⁰ A ação ou a aplicação das categorias nos documentos e na sociedade é responsável pela produção da forma dos assuntos compostos, a qual pressupõe a condicional da ausência da forma dos objetos para que sejam aptos à configurar distintas formas (nos documentos, nas estantes, nos jogos de linguagem sociais, na percepção epistêmico-cultural, etc). Dito de outro modo, as categorias que articulam os objetos são ambos sem forma por permitir a doação da forma aos objetos configurados nos assuntos compostos e por operar “[...] como um terreno estável sobre o qual tudo o mais é construído, e ainda assim oculto e pouco discernível (até que algum empreendimento filosófico ou outro intelectual os torne explícitos)” (MAZZOCCHI, 2013, p. 776, tradução nossa)⁶¹, permitindo ao universo do conhecimento (*arché, ἀρχή*) seu desenvolvimento socialmente construído (*informo*) e re-construído (*informis*) na vivência simbólico-linguística dos assuntos (ou conceitos) pelo homem.

A primeira categoria como recorte classificatório na estrutura da *Colon Classification*, ou seja, a Personalidade, é aberta, o que significa dizer que as características dos objetos do documento são i) identificados em sua correspondência com cada uma das categorias em seus ciclos e níveis (análise) e ii) articulados entre si (síntese - colon) em um ordenamento sistemático. É na relação e não na identificação das categorias que a multiplicidade dos sentidos do documento é representada e recuperada: isto implica que não há “o sentido” categorial aparentemente expresso no termo e na notação isolada no esquema, como os objetos da classe Astronomia, mas, sim, o efeito catalisador que os sentidos documentais possuem de transformar esses objetos na ação dos mesmos no uso que gera efeitos sociais.

A Categorização é um processo que requer pensar o domínio de forma dedutiva, ou seja, determinar as classes de maior abrangência dentro da temática escolhida. Na verdade, aplicar a categorização é analisar o domínio a partir de recortes conceituais que permitem determinar a identidade dos conceitos (categorias) que fazem parte deste domínio. (CAMPOS; GOMES, 2007)

O lugar da pragmática na Categorização da *Colon Classification* como o processo de pensar o domínio de forma dedutiva consiste em considerar não a informação em si mesma representada neste esquema, mas sim “[...] como dimensão das práticas e interações do homem, situado no mundo e junto com outros homens” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002, p. 30).

⁶⁰ “[...] faceted classification [...] adopts a more flexible approach based on a minimal set of fundamental categories which can be combined in multiple ways to produce compound subjects [...]” (MAZZOCCHI, 2013, p. 766-767)

⁶¹ “[...] as a stable ground on which everything else is constructed, and yet hidden and barely discernible (until some philosophical or other intellectual enterprise renders them explicit).” (MAZZOCCHI, 2013, p. 776)

Categorizar na pragmática abarca e transcende o processamento técnico da informação e o próprio campo, pois a recuperação da informação não pode ser separada da comunicação - as trocas epistêmicas compartilhadas em um mundo em comum enquanto práxis e seus efeitos (transdisciplinares) transformadores - afetada pela cultura humana e percepção. Deste modo, categorizar, além de um processo, é transformar a sociedade “[...] na encruzilhada da alteridade como mecanismo de compreensão e vivência compartilhada de mundo” (RUFINO; SIMAS, 2018, p. 79). O domínio, ou as classes básicas (disciplinas) de maior abrangência, é composto de listas de conceitos abertos com ele relacionado. Os conceitos relacionados entre si na sintaxe, nas estantes, na comunicação da sociedade adquirem sentidos distintos do expresso no termo isolado, da “(não) informação em si mesma”. A compreensão dos conceitos não se dá, portanto, com base estritamente na estrutura da *Colon Classification*, mas, também, em vista dos efeitos de sua aplicação - transformação social a que aspira a democracia documentária - na sociedade pela comunicação (leitura silenciosa, rodas de conversa informais, grupos de estudo, etc).

A fórmula de facetas acionada na categorização opera, centralmente, pela significação temática mutável em cada uso via recuperação da informação a respeito do conteúdo temático dos documentos. Isto implica que a dedução, a qual aciona a noção de universalização metafísica colonial excludente que fundamenta os esquemas enumerativos aristotélicos anteriores à Ranganathan, não se aplica à sua proposta de tratamento da informação.

Ranganathan propõe uma epistême e um tratamento *outro* em sua técnica biblioteconômica a partir da qual a configuração formal variante dos objetos na sintaxe (*informo*) deriva da relação primordial da sociedade com o saber, relação esta que é a centralidade da própria noção de classificar ancorada na articulação do isolado, do informe. Esta representação temática outra diz respeito, antes, à relação, à repetição (ciclos e níveis), às possibilidades infinitas de tradução dos objetos em cada uso, ao diferente e não, jamais, em hipótese alguma, à concepção colonizadora e excludente binária, a qual fundamenta a universalidade da dedução com ideologias autoritárias e antidemocráticas.

Pensar o domínio de forma dedutiva é um modo possível do pensar da ciência *mainstream*, o qual Ranganathan buscou romper com muito esforço e energia utilizando de sua parcela de poder que a própria academia impõe para manutenção da desigualdade social e da desigualdade social, as estruturas hierárquicas de poder, para revolucionar democraticamente o campo da *Library and Information Science* e o mundo.

Uma das facetas da tentativa de colonização do pensamento é buscar “fazer caber” epistêmes outras segundo as únicas “lentes” enquadradoras epistêmicas arcaicas e obsoletas dos sistemas (ao mesmo tempo políticos, instrumentais e ideológicos) de organização do

conhecimento. Estes nos condicionam a pensar que a realidade do mundo opera, factualmente, pela exclusão, pela univocidade do sim ou do não na definição terminológica, os quais cercam ou edificam as nossas paredes mentais na concepção e instrumentalização de uma realidade que deve ser sempre e invariavelmente ser compreendida segundo apenas e exclusivamente modelos conceituais universais e dedutivos fechados, metafísicos, colonizadores, colonizados e epistemicidas. Porém, são as nossas ações de informação que dão forma - mutável - ao mundo devido aos efeitos materiais - e sociais - dos rastros que deixamos na construção, reconstrução ou destruição do mundo conforme nossas decisões e discursos (conscientes ou inconscientes, consequentes ou inconsequentes). Convém darmos liberdade, espaço e escuta à sociedade, às propostas culturais, às vozes epistêmicas outras que demandam urgentemente o repensar e o contemplar das possibilidades de representação e disseminação da informação, as quais são inovadoras mas nunca verdadeiras quando descontextualizadas do espaço e tempo, haja visto que a técnica biblioteconômica deve servir com informação de modo ótimo e pragmático, ou seja, ouvirmos e estimularmos a criação de propostas técnicas que demonstrem eficiência, rapidez e que devem ser criteriosamente avaliadas. Isto demonstra gentileza, respeito e mesmo afeto às pessoas e ao campo da *Library and Information Science*.

É preciso buscar exercitar o esvaziamento dos rastros da carga epistêmica *mainstream* em nós para o conhecimento ter espaço para dialogar conosco - o mesmo adentra em nós via relação, via jogo, via trocas - e expandir nosso olhar, descobrindo novos caminhos não vistos por nós porque estávamos muito perto, perto demais... perto demais de nosso objeto de estudo, das teorias do conhecimento autorizadas, perto da sensação de segurança e estabilidade que a confiança cega na ciência dita universal pode causar em nós. Tudo isto edifica uma ilusão, uma fachada epistêmica que não leva a lugar algum, quiçá ao avanço científico e que, por isso, precisa ruir com urgência. A revolução científica do sentido kuhniano em Ranganathan não se aplica porque, nesse caso, a epistemologia outra busca, sim, negar a anterior, a da representação e transferência da informação invariável preconizados na teoria da informação. É uma revolução inovadora em sentidos amplos: no sentido epistemológico do tratamento da informação outro, no sentido metodológico por estar ancorado na cultura hindu que fundamenta a execução pragmática da categorização via alteridade facetada; e também política, na medida que usa da técnica para reverter politicamente as injustiças epistêmicas dos marginalizados sociais e “marginalizados documentais-informacionais”. O afastamento necessário decorre do contato com outras culturas, com a diferença, com o desconforto, com o repensar contínuo, com a dúvida, com o retorno ao olhar infantil que sabe que ainda e sempre precisa aprender muito no trilhar dos caminhos da vida para ser de fato um detentor do saber: conhecimento é luz e,

como luz, precisa das “janelas abertas” e de espaço para entrar, simbolicamente falando. Apenas o mal epistemicida impõe o sentido, quer desviar os caminhos trilhados segundo uma filosofia outra contrária à sua negando o direito à representação temática segundo a metaepistême do autor (as relações - as decisões dos sentidos múltiplos - são os caminhos elegidos pelos autores e que devem ser traduzidos a partir do respeito do Bibliotecário ao caminho escolhido pelo autor na formação - social-documental - do conhecimento na categorização), e que, por isso, busca aniquilar a possibilidade de existência, sempre obriga, sempre enquadra o outro segundo sua concepção de mundo, que é estável. A luz e a luz do conhecimento precisam de convite, de espaço, pois respeitam a liberdade, compreendem o sim e o não, são pacientes e aguardam o momento do outro. Este movimento possível dentre outros - o movimento do trilhar metaepistêmico da autoria e da representação temática seguindo a relação facetada estabelecida pelos autores e não pelo enquadramento epistêmico rígido e obsoleto dos sistemas - relatado por nós é uma das facetas do movimento do próprio universo do conhecimento contínuo, não linear, conturbado, por vezes doloroso, por vezes alegre, repleto de possibilidades - tal como a vida - complexo e multifacetado.

Mas, se seguir o método pragmático, não poderá considerar nenhuma palavra como o encerramento da sua busca. Deve extrair de cada palavra seu valor monetário prático, colocá-lo em ação dentro do fluxo de sua experiência. Parece menos como uma solução, então, do que como um programa para mais trabalho, e mais particularmente como uma indicação das maneiras pelas quais as realidades existentes podem ser mudadas. (JAMES, 2000, n. p., tradução nossa)⁶²

A busca da vivência compartilhada de mundo a respeito de um assunto expresso nos conceitos da *Colon Classification* é um processo aberto, linguístico e simbólico de aplicação ou de ação do mesmo no fluxo do entrecruzamento de experiências construídas socialmente que transforma as pessoas e a sociedade. À parte da vivência social do conceito no “[...] cruzamento dos caminhos, as encruzilhadas [...]” (RUFINO; SIMAS, 2018, p. 91), que é um solo epistêmico propício à ação das palavras com o objetivo de aperfeiçoar ou transformar realidades, o mesmo isoladamente é concebido apenas na fragmentação das facetas isoladas, as quais servem como instrumento para lançá-lo às relações epistêmicas, a finalidade social do tratamento e recuperação da informação.

[A] [...] epistemologia social oferece perspectivas mais plurais ao mundo prático, lugar de ação dos sujeitos informacionais (humanos e

⁶² But if you follow the pragmatic method, you cannot look on any such word as closing your quest. You must bring out of each word its practical cash-value, set it at work within the stream of your experience. It appears less as a solution, then, than as a program for more work, and more particularly as an indication of the ways in which existing realities may be changed. (JAMES, 2000, n. p.)

não humanos) [...] voltamos à visão da epistemologia social e à relevância da esfera simbólica como central nas relações entre linguagem, sociedade e usos informacionais. (SALDANHA; MENEZES, BOZZETTI, 2019, p. 148-149, tradução nossa)⁶³

As categorias rangenathianas funcionam como ferramentas pragmáticas nos dois sentidos da organização do conhecimento: no “[...] sentido restrito [...] sobre [...] [a] classificação” (HJØRLAND, 2008, p. 86, tradução nossa)⁶⁴ e, no “[...] amplo[,] [...] sobre a divisão social do trabalho mental” (HJØRLAND, 2008, p. 86, tradução nossa)⁶⁵. Permitem perspectivas epistêmico-democráticas mais plurais com base na ação retórica dos sujeitos informacionais, a “marcha” (*digvijaya*) do conhecimento ou dos objetos nos conceitos justamente por seu caráter difuso em si mesmo e logo aberto no mundo dos homens via linguagem, estende-se da definição terminológica aos efeitos captados parcialmente no campo da *Library and Information Science* por exemplo, nos estudos socioterminológicos e transdisciplinares.

A classificação usa notação simbólica para ordenar conceitos relacionados em agrupamentos apropriados. O vocabulário controlado é criado para aliviar a variação linguística nos documentos e seus substitutos que poderiam obscurecer relacionamentos entre conceitos. (SMIRAGLIA, 2002, p. 331, tradução nossa)⁶⁶

Na notação simbólica, o relacionamento entre os conceitos em uma ordenação sistemática na ordem de citação e de arquivamento nas estantes ocorre na pragmática e no transcendente, posto que este último relaciona-se com o mundo material através dos efeitos do dizer, do comunicar socialmente os conceitos em sentidos múltiplos transformadores da realidade (o poder das bibliotecas). O vocabulário controlado permite retirar as ambiguidades decorrentes da linguagem natural para delimitar a univocidade na definição dos conceitos. No método facetado, a representação ou a substituição das entidades documentárias - os assuntos - ocorre apenas e exclusivamente a partir da relação entre conceitos (síntese) que depende inicialmente do controle terminológico na identificação das facetas nas classes.

Segundo Lima (2021, p. 229):

⁶³ [...] social epistemology provides more plural perspectives to the practical world, place of action of informational subjects (humans and not-human) [...] we return to the vision of social epistemology and the relevance of the symbolic sphere as central in the relations between language, society and informational uses. (SALDANHA; MENEZES, BOZZETTI, 2019, p. 148-149)

⁶⁴ “[...] narrow meaning [...] about [...] classification [...]” (HJØRLAND, 2008, p. 86)

⁶⁵ “[...] broader meaning [...] about the social division of mental labor [...]” (HJØRLAND, 2008, p. 86)

⁶⁶ Classification uses symbolic notation to order related concepts in appropriate groupings. Controlled vocabulary is created to alleviate linguistic variation in the documents and their surrogates that might otherwise obscure relationships among concepts. (SMIRAGLIA, 2002, p. 331)

[...] a classificação traça a sua história pelas bases categoriais aristotélicas. Começou seu desenvolvimento dicotômico com os estudos de Porfírio, ganhou projeção com o sistema de categorias taxonômica de Carlos Lineu, com a ideia de ‘divisão e denominação’ para classificar os seres em grupos, com a obra *A Origem das espécies* de C. R. Darwin; e, no âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação, com os estudos iniciados pelo bibliotecário E. C. Richards (1860-1939), no Século XIX, influenciando os estudos de autores como W. C. B. Sayers (1881-1960), H. E. Bliss (1870-1955) e S. R. Ranganathan (1892-1972), entre outros. Na área da Biblioteconomia e Ciência da Informação, a classificação tem sido estudada como uma disciplina, um processo de agrupar e ordenar o conhecimento, e como instrumento de representação da informação, contribuindo para a sua organização e recuperação.

A história da classificação no ocidente iniciou-se a partir dos estudos de Platão e de Aristóteles, os quais exercem influência no processo de classificação bibliográfica até os dias de hoje. Platão propôs a divisão da realidade física e metafísica em graus ontológicos distintos e Aristóteles, seu discípulo, rompe com a tradição de seu mestre com a formulação da teoria hilemórfica, na qual tudo que é no mundo físico é um composto de matéria e forma. As bases categoriais aristotélicas como ferramentas de organização do conhecimento podem servir de fundamento aos sistemas de organização do conhecimento em bibliotecas, mas, se este for o caso, são as categorias da realidade física que são apropriadas pela LIS, e não a categoria da substância na Metafísica. Esta é o primeiro motor imóvel que produz em ato o eterno movimento; além disso, é imaterial e eterna.

Segundo Madalli, Balaji e Sarangi (2015, p. 9, tradução nossa)⁶⁷:

A classificação é o processo de agrupar quaisquer entidades ou objetos abstratos e é uma característica intrínseca do ser humano que se desenvolveu desde tempos imemoriais. A teoria clássica das categorias de Aristóteles, baseada em uma abordagem taxonômica, foi o primeiro sistema de representação do conhecimento codificado. Durou milênios e foi somente em meados da década de 1950 que foi desafiado a partir de Wittgenstein e sua teoria dos jogos de linguagem. (WITTGENSTEIN, 1953 apud MADALLI; BALAJI; SARANGI, 2015, p. 9, tradução nossa)

A gênese das categorias aristotélicas enquanto um sistema de representação do conhecimento codificado no argumento essencialista tem como justificativa epistemológica a necessidade de recuperação e organização da informação articulada no logos enquanto etapas associadas à escrita e à retórica, pois ambas se dão através dos enunciados linguísticos

⁶⁷ Classification is the process of grouping any abstract entities or objects and is an intrinsic trait of humans that developed from immemorial times. Aristotle’s classical theory of categories, based on a taxonomical approach, was the first codified knowledge representation system. It lasted for millennia and it was only in the mid-1950s that it was challenged beginning with Wittgenstein and his theory of language games (WITTGENSTEIN, 1953 apud MADALLI; BALAJI; SARANGI, 2015, p. 9)

articulados pelos termos categoriais e que pretendem corresponder enunciados verdadeiros a respeito do estado de coisas do mundo.

Segundo Kwasnik (1999, p. 24, tradução nossa):⁶⁸

[Aristóteles] afirmava que toda a natureza compreendia um todo unificado. O todo poderia ser subdividido [...] em classes 'naturais', e cada classe mais adiante em subclasses, e assim sucessivamente, seguindo um conjunto ordenado e sistemático de regras de associação e distinção. Como sabemos o que é um lugar natural de divisão, e como chegamos às regras de divisão e subdivisão? Segundo Aristóteles, só uma observação exaustiva pode revelar os atributos verdadeiros (essenciais) de cada entidade, e só a filosofia nos pode guiar na determinação dos atributos necessários e suficientes para pertencer a uma determinada classe. De fato, de acordo com a filosofia de Aristóteles, só quando uma entidade é devidamente classificada, e as suas propriedades essenciais identificadas, é que podemos dizer que a conhecemos verdadeiramente. Este é o objectivo da ciência, afirma ele - ou seja, classificar sem ambiguidade todos os fenômenos pelas suas qualidades essenciais (verdadeiras).

A influência de Aristóteles na organização do conhecimento é verificada nos esquemas de classificação enumerativos, como a CDD, os quais apresentam exaustivamente *a priori* as divisões das classes de assuntos com base em características de divisão presentes nas tabelas de classificação e no índice. A *Colon Classification* rompe com a visão Aristotélica de uma taxonomia natural, mas sem com isto abandonar a noção de aplicação das categorias para a organização de domínios do conhecimento com base na articulação dos predicamentos temáticos. Com isto, Aristóteles e Ranganathan com suas categorias classificam objetos do conhecimento por meio da articulação de suas características. Em Ranganathan, os objetos não possuem um valor de verdade identificado na formulação das categorias, tendo em vista a finalidade social do uso dos saberes, ou seja, donde podemos antever uma “pragmática transcendental”, centrada na noção ocidental-oriental de uso conforme a travessia das ideias em Ranganathan.

Segundo Guimarães, Pinho e Ferreira (2012, p. 32)

[...] tem-se, em uma perspectiva histórica, duas dimensões que se interconectam. Por um lado, observa-se a preocupação em organizar sistematicamente o conhecimento humano, a exemplo das categorias

⁶⁸ [Aristotle] posited that all nature comprised a unified whole. The whole could be subdivided [...] into 'natural' classes, and each class further into subclasses, and so on-this process following an orderly and systematic set of rules of association and distinction. How do we know what a natural dividing place is, and how do we arrive at the rules for division and subdivision? According to Aristotle, only exhaustive observation can reveal each entity's true (essential) attributes, and only philosophy can guide us in determining the necessary and sufficient attributes for membership in any given class. In fact, according to Aristotle's philosophy, it is only when an entity is properly classed, and its essential properties identified, that we can say we truly know it. This is the aim of science, he claims-i.e., to unambiguously classify all phenomena by their essential (true) qualities. (KWASNIK, 1999, p. 24)

aristotélicas, do Trivium e do Quadrivium medievais, da divisão das ciências por Bacon, da classificação das espécies de Lineu, dentre outras. Por outro lado [...] vêm à tona os sistemas de organização do conhecimento registrado ou socializado (Barité, 2001 apud Guimarães, Pinho e Ferreira (2012, p. 32); Guimarães, 2001 apud Guimarães, Pinho e Ferreira (2012, p. 32)

A preocupação humana desde tempos antigos em elaborar métodos científicos para organizar e construir o conhecimento culminou na necessidade de criação de um sistema de organização do conhecimento para torná-lo social e, de modo similar, possibilitar sua construção com base em evidências científicas anteriormente descobertas.

Segundo Barité (2000, p. 9, tradução nossa)⁶⁹, Aristóteles havia reconhecido originalmente dez [categorias] (substância, qualidade, quantidade, posição, posse, ação, relações e outras). Ranganathan os reduziu a cinco, conhecidos com a sigla PMEST: personalidade, matéria, energia, espaço e tempo. A diferença no número das categorias em Aristóteles e Ranganathan nada diz sobre as vantagens de representação de domínios obtidas pela aplicação das mesmas.

O esquema que achei mais útil é aquele estabelecido ao longo das linhas das categorias de Aristóteles, através do qual todos os itens de referência podem ser classificados em quatro categorias de forma, cada uma das quais pode ser subdividida em três subcategorias. (DAHLBERG, 1978, p. 144, tradução nossa)⁷⁰

Ingetraut Dahlberg foi uma das principais autoridades da organização do conhecimento e fundadora da *International Society for Knowledge Organization* (ISKO) em 1989. Filósofa e cientista da informação, em sua perspicácia referentes aos estudos de Aristóteles, reconhece a proposta das categorias como um método eficaz de agrupamento e aplica a categorização aristotélica fazendo apropriações condizentes às necessidades particulares da *Library and Information Science* em sua proposta da teoria do conceito. As categorias de forma indicam os referentes do conceito, isto “[...] facilita a identificação dos conteúdos (em termos de características), assim como a estrutura do conceito em questão.” (DAHLBERG, 1978, p. 145, tradução nossa)⁷¹ As características do conceito possuem como base histórica as categorias de

⁶⁹ Aristotle had originally recognized ten (substance, quality, quantity, position, possession, action, relations and others). Ranganathan reduced them to five, known with the acronym PMEST: personality, matter, energy, space and time. (BARITÉ, 2000, p. 9)

⁷⁰ The scheme which I found most helpful is the one established along the lines of Aristotle's categories, through which all items of reference may ultimately be sorted into four form categories, each of which may then be subdivided into three subcategories. (DAHLBERG, 1978, p. 144)

⁷¹ “[...] facilitates the identification of the contents (in terms of characteristics) as well as the structure of the concept in question.” (DAHLBERG, 1978, p. 145)

Aristóteles na medida que estas determinam um conjunto de atributos que dizem respeito à definição de uma entidade documental.

Segundo Davies (1989, p. 289-290, tradução nossa):⁷²

Tentativas de criar novos conhecimentos diretamente através de procedimentos combinatórios ou classificatórios não começaram com bibliotecários e cientistas da informação como Ranganathan e Jolley. [...] A ideia de gerar ideias através da combinação de conceitos pode ser rastreada até Aristóteles que fez um estudo exaustivo das constituições políticas dos estados da sua época e assinalou que os tipos existentes, numerosos como eram, formavam apenas um subconjunto do que era concebível, uma vez que havia tantas constituições possíveis como combinações das formas alternativas dos seus componentes básicos.

Podemos perceber um vínculo entre as propostas de Aristóteles e Ranganathan no que se refere à utilização de subconjuntos como componentes do discurso e as possibilidades combinatórias advindas da retórica e da escrita. A categoria Personalidade, deixada indefinida pelo Ranganathan, foi equiparada à substância aristotélica (BIANCHINI, 2007, n. p., tradução nossa)⁷³. Em Ranganathan, os subconjuntos são os conceitos isolados, os quais podem ser combinados pelo classificacionista para adquirir um sentido, o qual isoladamente não os têm.

A concepção aristotélica, então, se parece muito com a do Timeu: em ambos os casos há três reinos; dois deles não são gerados e são incorruptíveis, o terceiro é o da geração e mudança. Além de pormenores (como a diferença entre o *χώρα* platônico e a *ἔλη* aristotélica), a principal diferença é que em Aristóteles, ao contrário de Platão, os dois reinos em que não há geração também não têm existência independente (exceto no mundo superlunar). A forma e a matéria não são de fato geradas e são incorruptíveis, mas são de todo apenas nas coisas que são geradas e corrompidas. (BORMANN; FRANZEN; KRAPIEC, 1972 apud CAPURRO, 1978, p. 36, tradução nossa). (CAPURRO, 1978, p. 36, tradução nossa)⁷⁴

⁷² Attempts to create new knowledge directly by means of combinatorial or classificatory procedures did not begin with librarians and information scientists like Ranganathan and Jolley. [...] The idea of generating ideas by combining concepts can be traced back as far as Aristotle who made an exhaustive study of the political constitutions of the states of his day and pointed out that the existing types, numerous as they were, formed only a subset of what was conceivable since there were as many possible constitutions as there were combinations of the alternative forms of their basic components. (DAVIES, 1989, p. 289-290)

⁷³ La categoria della Personalità, lasciata non definita da Ranganathan, è stata equiparata alla sostanza aristotelica (BIANCHINI, 2007)

⁷⁴ “Die aristotelische Konzeption steht also derjenigen im Timaios ziemlich nahe: hier wie dort gibt es drei Bereiche; zwei von ihnen sind ungeworden und unvergänglich, der dritte ist derjenige des Werdens und der Veränderung. Abgesehen von Einzelheiten (etwa dem Unterschied zwischen der platonischen *χώρα* und der aristotelischen *ἔλη*) besteht die Hauptdifferenz darin, daß bei Aristoteles im Gegensatz zu Platon die beiden Bereiche, in denen es kein Werden gibt, auch keine selbständige Existenz haben (es sei denn in der superlunaren Welt). Form und Materie sind zwar ungeworden und unvergänglich, aber sie sind überhaupt nur in den Dingen, die entstehen und vergehen.” (BORMANN; FRANZEN; KRAPIEC, 1972 apud CAPURRO, 1978, p. 36)

Considerando que a divisão do universo do conhecimento nas facetas que, a partir de sua conexão com a classe, sinalizam os domínios, é coerente afirmar que a estrutura da *Colon Classification* para a representação dos assuntos é um reino sem existência independente dos usos sociais.

O termo *μορφή* ocupa um lugar central no edifício doutrinário aristotélico na dualidade ontológica: forma (*μορφή* ou *εἶδος*) e matéria (*ὕλη* ou *ὑποκείμενον*). *Μορφή* e *εἶδος* são mais frequentemente confundidos: há duas maneiras, diz Aristóteles, de acordo com as quais a essência (*οὐσία*) é declarada, a saber: a matéria (*ὑποκείμενον*) e forma ou formato (*ἡ μορφή καὶ τὸ εἶδος*) (Metaph.1 apud CAPURRO, 1978, p. 25, tradução nossa). (CAPURRO, 1978, p. 25, tradução nossa)⁷⁵

Em uma leitura estritamente capurriana, os assuntos dos documentos são equivalentes aos singulares conhecidos pela forma, o *eidos*. Para representar a forma entre os conceitos conforme a articulação dos mesmos nos documentos, o mapeamento da estrutura do esquema de Ranganathan dos isolados nas disciplinas não combinados entre si *a priori* configura o pioneirismo da proposta epistêmico-política de representação do conceito de informação *informe*, que “não é da ordem do *eidos* (forma, sentido) [universal], nem do *eidolon* (formato, coisa significativa) – que nele vem se imprimir.” (MENEZES, 2018, p. 283), mas sim da “privação que aponta para um ‘já não... a cada vez’, para o ‘é’ que a cada vez ‘é outro’.” (MENEZES, 2018, p. 283).

A República de Platão. Na *teoria das formas* de Platão, as características que os objetos têm em comum são abstraídas e se relacionam a uma única *forma* ou *ideia* perfeita. Para Platão, o mundo da experiência é relegado ao irreal. O único real é o reino das *formas* ou *ideias* imutáveis e puras. O termo *ideia* vem do latim *ideai* que significa formas. A visão inglesa da *ideia* é algo abstrato, particular e impermanente. No entanto, a visão de Platão da *ideia* era concreta, universal e permanente. O conceito da *teoria das formas* de Platão torna-se uma *teoria de categorização* ou *classificação* relativa à organização do conhecimento. A natureza amplamente universal da teoria de Platão é semelhante à natureza estritamente universal das categorias que emergem e representam uma era. (GLAZIER; GLAZIER, 2003, p. 212, tradução nossa, grifos dos autores)⁷⁶

⁷⁵ Der Begriff *μορφή* nimmt in der ontologischen Zweiheit: Gestalt (*μορφή* bzw. *εἶδος*) und Stoff (*ὕλη* bzw. *ὑποκείμενον*) einem zentralen Platz im aristotelischen Lehrgebäude ein. *Μορφή* und *εἶδος* werden öfter zusammengeführt: es gibt zwei Arten, sagt Aristoteles, nach denen das Wesen (*οὐσία*) ausgesagt wird, nämlich der Stoff (*ὑποκείμενον*) und die Gestalt oder die Form (*ἡ μορφή καὶ τὸ εἶδος*) (Metaph. 1017 b 20 apud CAPURRO, 1978, p. 25).

⁷⁶ Plato's *Republic*. In Plato's *theory of forms* the features that objects have in common are abstracted and relates to a single perfect *form* or *idea*. For Plato, the world of experience is relegated to the unreal. The only real is the realm of changeless and pure *forms* or *ideas*. The term *idea* comes from the latin *ideai* which means forms. The English view of *idea* is something abstract, particular, and impermanent. However, Plato's view of *idea* was concrete, universal, and permanent. The concept of Plato's *theory of forms* becomes a *theory of categorization* or *classification* relative to the organization of knowledge.

Considerando que para Platão a realidade física é uma aparência ou uma cópia (mais ou menos perfeita) da realidade das formas ou dos modelos suprassensíveis, a configuração ou a forma dos objetos que recaem sob a Personalidade na Astronomia (sol, lua, estrelas, etc) modifica quando se relacionam com as *epistêmes* análogas dos documentos no universo do conhecimento nas estantes. “Tanto para Platão como para Aristóteles, os conceitos são definidos por suas essências [...] o estudo de Platão foca nas formas ideais, o que o distanciou da teoria científica sobre conceitos [...]” (LIMA, 2007, p. 160). Esta modificação da forma dos objetos em Ranganathan significa uma ruptura com a teoria científica clássica dos conceitos.

Segundo Saldanha e Crippa (2020, p. 395, tradução nossa)⁷⁷,

[...] o auge de uma variedade da cadeia do ser retórico, e aponta para a criação e o desdobramento progressivo de figuras linguísticas [...] A partir das categorias aristotélicas, pode-se compreender um método para a relação entre significante, significado e referente, e estabelecer as relações de significado entre os termos. [...] A abertura à não conceitualidade, do ponto de vista empírico, representa o reconhecimento de horizontes plurais de sentido. [...] [A] discussão de diferentes distinções ontológicas da linguagem na tradição de pesquisa em organização do conhecimento, bem como as possibilidades de construção crítico-social de uma perspectiva não conceitual. [...] No entanto, mesmo em abordagens como a de Ranganathan (Ranganathan 1967 apud CRIPPA; SALDANHA, 2020, p. 394), pode-se também identificar outra tradição teórica na teoria da classificação preocupada com a construção de uma abordagem não conceitual. (CRIPPA; SALDANHA, 2020, p. 394-396)

A teoria clássica do conceito de Dahlberg deriva de Aristóteles e está ancorada fundamentalmente no método terminológico da decisão do sentido (e nada além do sentido pode ser concebido pelo *lógos* que opera pelo método da articulação entre o significante, o significado e referente a partir da aplicação das categorias do ser ou dos únicos modos de conhecer a realidade). Campos (2001, p. 125) utiliza a teoria do conceito de Dahlberg para discorrer sobre a noção de categoria: “É a Categoria que permite que os conceitos possam estar

The broadly universal nature of Plato's theory is similar to the narrowly universal nature of the categories that emerge and represent an age. (GLAZIER; GLAZIER, 2003, p. 212, grifos dos autores)

⁷⁷ [...] apex of a variety of chain of rhetorical being, and it points to the creation and progressive unfolding of language figures (conceit elements). [...] From the Aristotelian categories, one can understand a method for the relationship between signifier, meaning, and referent, and establish the relationships of meaning between terms. [...] Openness to non-conceptuality, from the empirical point of view, represents the recognition of plural horizons of meaning. [...] the discussion of different ontological distinctions of language in the tradition of research in KO, as well as the possibilities of critical-social construction of a non-conceptual perspective. [...] However, even in such approaches as Ranganathan's (Ranganathan 1967 apud CRIPPA; SALDANHA, 2020, p. 394), one can also identify another theoretical tradition in classification theory concerned with constructing a nonconceptual approach. (CRIPPA; SALDANHA, 2020, p. 398)

reunidos em classes segundo a sua natureza, isto é, propriedade, entidade, processo etc., formando um todo coeso, pois reúne as facetas, suas classes e sub-classes”, mas este fundamento teórico de conceber o sentido do conceito fechado e invariável não encontra correspondência em nossa argumentação que concebe o cruzamento da ontologia classificatória da *Colon Classification* com a filosofia da informação capurro-meneziana a partir da “perspectiva wittgensteiniana [que] anuncia uma mudança das teorias das informações à descrições de práticas documentais.” (FROHMANN, 2004, p. 396).

A possibilidade de conhecer a inteligibilidade da coisa é uma condição ontológica da partilha da forma (*eidos*) [...] Entre o mundo inteligível e o mundo sensível há um mundo obscuro, ilegítimo e de inteligibilidade bastarda (*khóra*), diz-nos Platão (1992, §50c-52b, p. 202-204 apud MENEZES, 2021, p. 8). Entre a ideia (modelo) e as imagens (cópias), há os fantasmas (*phantasmatas*), ou, as ‘más cópias’ – imagens sem semelhança, um puro devir sem medida que escapa da ação da forma. Essas ‘outras aparências’ são classificadas como simulacros malignos, perversos e insinuantes, pois não respeitam nem o fundamento, nem o fundado, são informes, não suportam a prova da cópia, nem a exigência do modelo. O platonismo demarca um gesto de exclusão ontológica na pólis, onde a ontologia informacional é uma juíza cujo critério seletivo entre as boas e as más cópias representa a separação entre os seres que estão habilitados a receber a forma – os seres inteligíveis, também conhecidos como humanos – e aqueles ‘outros seres’, privados da forma e desterrados à condição de não-humanidade dos fantasmas – macrotermo platônico para todos os seres informes, excluídos da República. Este pensamento platônico expressa a vontade ontológica de exorcizar, excluir e reprimir os simulacros da pólis, os dessemelhantes. (MENEZES, 2021, p. 7-8)

À luz da teoria logológica do não conceito, a forma dos objetos *informes* conforme identificada no documento e nas estantes também se modifica (pois *informes*) quando há o cruzamento dos mesmos no horizonte humano, aberto e retórico explorado ou inteligido pelas múltiplas *epistêmes* da sociedade (*eidos* platônico). “*Ídēa* é o modelo (*παράδειγμα*) para o qual se olha (*ἀποβλέπων*) e se consulta (*χρώμενοζ*) para verificação de conformidade da instância particular com a essência.” (PLATÃO, Eutífron, 6d-6e apud MOREIRA, 2019, p. 151).

Esta modificação ou mutação da forma dos objetos de classificação e do próprio universo social e transcendente, justamente por romper com a noção de um *apriori* metafísico imutável, opera no bojo das ações de informação do homem (usos da informação condicionados pela eficácia da representação e recuperação) considerando os ‘contornos epistêmicos’ variantes destes objetos na fala e na escrita como produto empírico-material averiguado, tratado e reconfigurado (mutação/extrapolação do significado original) na produção documental e nos efeitos sofisticos materiais do dizer. Tudo isto deriva da informação socializada considerando o cunho hermenêutico-retórico que abarca a intencionalidade discursivo-ideológica que os

objetos adquirem formalmente - e eternamente - quando de seu lançamento no mundo dos homens e de seus engendramentos persuasivos como possibilidades de recriação de mundo como efeito das relações do ser no mundo. Deste modo, as operações técnicas do Bibliotecário estão situadas no bojo da sociedade para qual serve e sempre envolvem relações entre ética, política e filosofia ou ideologia de fundamentação da técnica que devem ser acionadas e pensadas criticamente à luz dos contextos sociais diversos - as necessidades de informação - nas políticas de informação institucionais para a verificação da adequação da técnica de processamento da informação escolhida face à satisfação do usuário quando do consumo e comunicação da informação. Deste modo, a modificação não é uma intencionalidade discursivo-ideológica orientada pela *Iδέα* platônica, posto que Ranganathan fundamenta-se numa epistemologia outra, democrática, inclusiva, representativa, plural e não epistemicida, como o é a filosofia grega. Visionário, concebe o poder democrático proporcionado pela categorização e recuperação da informação como catalisadores instrumental-biblioteconômicos de modificação ética da realidade social buscando a iluminação (disseminação do conhecimento) a todos os seres (marginalizados ou não, a preocupação centra-se nos direitos democráticos humanos, dentre os quais, no campo da *Library and Information Science*, a democracia documentária como uma revolução política de reconfigurar de modo igualitário as estruturas de poder desiguais vigentes seguindo o modelo (*παράδειγμα*) de Pólis - racista, escravocrata e antidemocrático - milenar, sendo esta reconfiguração (*informis*) um engendramento profissional radical como uma apropriação da cultura hindu adequada e aplicada à operacionalização da informação outra). Com isto, busca-se obter as vantagens éticas de uma sociedade qualificada e instruída intelectualmente pela garantia de acesso às infraestruturas informacionais.

Aristóteles, em sua *Metafísica*, almeja fazer uma ontologia geral cujo fio condutor é a questão do que é ‘ser primeiro’, ou seja, o que é ser em sentido mais fundamental. Esta questão encontra como resposta (parcial) as substâncias naturais do mundo. Assim, os artefatos, ou seja, o que é produzido pela espécie humana, não são ‘substância’ em sentido estrito e próprio, mas apenas em sentido derivado. Tal sentido se explica na medida em que podemos observar uma semelhança entre a estrutura das substâncias e a dos artefatos, pois ambas são compostas de matéria e forma. Tomando como exemplo um livro, observa-se que ele é composto de uma matéria e de uma forma, que lhe permite ser identificado como o que é, tal como ocorre com as substâncias naturais. Aplicando as categorias ao artefato livro, temos o seguinte: ‘o livro é verde’ (“substância” + qualidade); ‘o livro pesa quinhentos gramas e mede vinte e cinco centímetros de altura’ (“substância” + quantidade); ‘o livro verde tem o dobro do peso do livro azul’ (“substâncias” + relação); ‘o livro foi restaurado’ (“substância” + sofrer); ‘o livro está na Biblioteca de Alexandria’ (“substância” + lugar); ‘o livro foi publicado em 2008’ (“substância” + tempo). A categoria da ação não

encontra paralelo entre os artefatos, uma vez que eles não possuem potência para agir, mas apenas para sofrer. (ARANALDE, 2009, p. 93)

Propomos contribuir às “examinações críticas da abordagem [de Ranganathan]” (HJØRLAND, 2008, p. 90) discorrendo sobre a pragmática de sua ontologia informacional pautada na abertura conceitual da multiplicidade do sentido em oposição à seleção do sentido nas essências aristotélicas, “aquilo que era ser” (*to ti ên einai*, *τὸ τί ἦν εἶναι*): “[...] aquilo que seria comum aos conceitos da mesma família, sendo que este ponto invariável é que permite a transição de significado pelos conceitos familiares [...] as palavras estarão sempre abertas para serem ‘linkadas’ e re-significadas, se assim o jogo demandar (GRACIOSO; SALDANHA, 2011, p. 92-93). As possibilidades abertas de articulação de facetas permitem transformar (informe) o próprio mundo dos homens, pois Ranganathan é consciente de sua parcela de responsabilidade ética como um Bibliotecário engajado na luta política de oferecer aos homens um modelo instrumental classificatório-categorial outro mais eficaz do que os enumerativo-epistemicidas à luz do contexto histórico-político indiano, o qual promove o acesso à informação de forma mais pragmática, ou seja, útil para a democracia da sociedade.

Segundo McGarry (1983, p. 107, tradução nossa)⁷⁸:

Por muitos anos, a teoria da classificação foi muito ensinada na tradição da lógica aristotélica. Tal abordagem postulava uma cadeia de classes de conhecimento da qual outras subclasses poderiam ser derivadas pela aplicação estrita de critérios de divisão. O resultado tendia a induzir uma visão do conhecimento humano como uma entidade pré-agrupada e pré-existente, e não como uma construção social. Não é à toa que os expoentes da classificação facetada viam a nova autonomia dada ao classificador como algo semelhante ao efeito de Galileu na astronomia.

A lógica aristotélica foi o fundamento dos sistemas de classificação universais na organização do conhecimento clássica antes de Dahlberg (que inaugurou a organização do conhecimento contemporânea baseada na teoria do conceito) e foi utilizada como método de ensino da disciplina classificação por William Charles Berwick Sayers, um dos professores de Ranganathan. Esta lógica pressupõe o recorte do domínio em classes com base na escolha (excludente e antidemocrática) de uma característica de divisão única e sem flexibilidade de permitir o relacionamento entre as subclasses da cadeia.

⁷⁸ For many years the theory of classification was taught very much in the tradition of Aristotelian logic. Such an approach postulated a chain of classes of knowledge from which further subclasses could be derived by the strict application of criteria of division. The result tended to induce a view of human knowledge as a pre-packaged, pre-existent entity rather than as a social construct. It was no wonder that the exponents of faceted classification saw the new autonomy given to the classifier as something akin to the effect of Galileo on astronomy. (MCGARRY, 1983, p. 107)

Segundo Mazzocchi (2013, p. 777-778, tradução nossa):⁷⁹

Não há dúvida de que o conceito de categorias na LIS não é o mesmo que o filosófico. Na tradição filosófica ocidental, Aristóteles e Kant forneceram dois paradigmas diferentes de pensamento categórico. As categorias de Aristóteles correspondem às determinações definitivas da realidade (sensível), sendo refletidas ao nível lógico para os conceitos mais gerais, e tendo também uma significância linguístico-gramática. [...] à luz de certas abordagens, tais como as de Ranganathan e Dahlberg, os dois aspectos andam de mãos dadas. Extrapolaram a ideia de categoria da filosofia para a organização do conhecimento, postulando que o papel prático de um sistema categórico depende da sua base filosófica (e da realidade ontológica presumida).

De fato, a *Colon Classification* incorpora elementos da visão de mundo hindu, no “[...] sistema categorial Vaisesika [...]” (MAZZOCCHI, 2013, p. 768, tradução nossa)⁸⁰ como a ideia de transitoriedade em relação à incessante transformação do universo [ou seja, pragmata, movimento] e, sobretudo, a inclinação para analisar a existência em categorias fundamentais. (MAZZOCCHI, 2013, p. 763, tradução nossa)⁸¹ A transformação incessante do universo presente na filosofia Hindu em Ranganathan, ostensivamente referenciada em suas obras, corresponde à não verdade das categorias, posto que transitórias como tudo o que existe, em meio às dinâmicas das práticas documentárias propiciadas pela representação dos assuntos.

Segundo Lima (2021, p. 206):

O arcabouço teórico do processo classificatório focaliza-se nas classificações filosóficas com os estudos de Platão. Posteriormente, Aristóteles contribuiu com dois alicerces para o processo classificatório: 1) a divisão dicotômica das coisas, em hierarquias de gênero e espécie, com a aplicação de princípios classificatórios, agrupando os semelhantes e separando os diferentes; 2) desenvolvimento de cinco predicados (relações) existentes em um arranjo lógico: gênero (classe), espécie (tipo), diferença (característica específica), propriedade (atributo) e acidente (qualidade).

⁷⁹ There is no doubt that the LIS concept of categories is not same as the philosophical one. In the Western philosophical tradition, Aristotle and Kant provided two different paradigms of categorial thinking. Aristotle's categories correspond to the ultimate determinations of (sensible) reality, being reflected at the logical level to the most general concepts, and having also a linguistic-grammatical significance. [...] in the light of certain approaches, such as those of Ranganathan and Dahlberg, the two aspects go hand in hand. They extrapolated the idea of category from philosophy to knowledge organization, positing that the practical role of a categorial system depends on its philosophical basis (and presumed ontological reality). (MAZZOCCHI, 2013, p. 777-778)

⁸⁰ “[...] Vaisesika categorial system [...]” (MAZZOCCHI, 2013, p. 768)

⁸¹ Indeed, *Colon Classification* embeds elements of the Hindu worldview, such as the idea of transitoriness in respect to the ceaseless transformation of the universe and above all the inclination to analyze existence into fundamental categories. (MAZZOCCHI, 2013, p. 763)

O processo classificatório passou por transformações ao longo da história, mas suas origens em Platão e Aristóteles deixaram vestígios no modo de classificar dos sistemas de organização do conhecimento. Os cinco predicados configuram a estrutura formal e material dos entes.

Segundo Capurro (2009, p. 127, tradução nossa)⁸², “[...] cada conceito em diferentes línguas e situações históricas tem um contexto, um eco, e uma rede semântica diferente incluindo as teorias científicas e filosóficas nas quais os conceitos estão incorporados.” A *Colon Classification* não utiliza a divisão dicotômica, a qual é superada pela policotomia da multiplicidade, ou seja, não há gesto classificatório excludente das facetas dessemelhantes ao pertencimento de um sentido único e estrito como em Aristóteles.

Dar a forma a algo é nomear, expressar em noêma, ou seja, mediante um signo de reconhecimento, as afecções da alma – escrever a natureza através das inscrições do pensamento. Em outras palavras, informar é apresentar pela via noética da razão e do discurso, o ser. Através da realização do nous, o ser se diz como algo verdadeiro. E por ‘ser’, entende-se o ‘ser humano’ (*anthropos*), pois o *nous* é *idion tou anthropou* – ‘o próprio do homem’. Dar a forma a algo é a abertura de doação de sentido realizada (*energeia*) pelo *nous*, o princípio ativo de origem e comando (*arkheion*) das demonstrações exclusivas dos sujeitos. Portanto, informar é uma ideia noética do um do sentido, um privilégio humano, uma exclusividade do homem livre – ‘fala, se és um homem’ (CASSIN, 2005, p. 97 apud MENEZES, 2020, p. 19). [...] Dar a forma a algo é atribuir à coisa o um do sentido. Informar não é significar uma infinidade de coisas, deste modo não haveria discurso (*ouk an eiê logos*). Não significar uma única coisa é não significar nada absolutamente (*to gar mê hen sêmainein outhen sêmainen estin*), pois não se pode pensar em nada sem pensar em algo único. Se não há uma palavra única para significar ‘algo’, destrói-se a possibilidade de dialogar uns com os outros, visto que não sustenta discurso sobre nada (*ton mêthenos ekhonta logon*), não diz nada (*an de mêthen*). Sem realização do sentido, tal sujeito é semelhante a uma planta (*homois phutôi*), não sustenta nenhum discurso (*mêthena ekhei logon*). Ao falar por falar (*logou kharin legousin*), sem pretensões de significar e dar forma a algo único, o sujeito aristotélico cai no seu impróprio lugar, a animalidade, ou, como é o caso do logos de planta: vegeta. Privado de razão e discurso (*aneu logon*), o sujeito primitiva-se em um não-humano (*alogon pragma*). Sem obra é informe (sem forma – *informis*). Nestes termos, Aristóteles formula uma ontologia informacional da máquina antropológica do Ocidente (MENEZES, 2020, p. 19-20)

A ontologia política da informação de Aristóteles inaugura a noção de categoria e do *logos* como fundamento para qualificar e desqualificar o tipo de homem que está autorizado ao pleno exercício da vida pública e à cidadania na medida que este detém “A multiplicidade de formas vivas do *logos* (por exemplo, as várias formas de persuasão) e não apenas do logos

⁸² [...] every concept in different languages and historical situations has a context, an echo, and a different semantic network including the scientific and philosophic theories in which concepts are embedded. (CAPURRO, 2009, p. 127)

como asserção, foi tratada na Retórica de Aristóteles. (cf. 17 a 5f.) (CAPURRO, 2014, p. 121, tradução nossa)⁸³. A ontologia política da informação de Ranganathan resgata o direito dos cidadãos ao discurso, à inclusão social via acesso à informação na superação de um modelo patriarcal, racista e misógino de realidade social pautado na perpetuação de uma estrutura de poder desigual e mantenedora de grupos sociais privilegiados que desqualificam as epistêmes plurais e diversas dos dessemelhantes, inaugurado na pólis grega.

Propriedade ativa do intelecto (*nous*), o ato de dar a forma a algo é obra da natureza do ser humano. A sua obra é o ser-em-ato da alma segundo o logos (*ergon anthropou psyches energia katà logon*). Informar é uma disposição da alma. Em termos modernos, informar é um trabalho intelectual, uma herança moderna do *formare per intellectum* dos comentadores medievais. Mas isto não é tudo. À diferença do ser humano ontologicamente significativo, cuja obra de dominação e sujeição é formar a mundanidade do humano, existe o seu simetricamente oposto, o humano sem obra (*argos*) ou cuja obra não diz respeito aos caracteres distintivos da humanidade: pensamento, intelecto, sentido ou bem. Este humano outro, em negativo, na estrutura social e política da metafísica da colonialidade é o escravo e seus afins – seres informes (não-seres do ser). Decaído à condição informe, a obra imperfeita do escravo é o ‘uso dos corpos’ (*he tou somatos chresis*). Fora do *nous*, a obra do escravo é não-humana (*ergon doulou*), enquanto a do ser humano livre, reafirma a sua exclusividade senhorial (*ergon anthropou*): informa. (MENEZES, 2020, p. 20-21)

As categorias de Ranganathan buscam articular, duplamente no livro e no homem-leitor - nos quais a dimensão transgramatical ou transcendente da realidade, a relação informe e potencial entre perceptos e ideias que configuram a articulação do sentido na pluralidade (*arcké* do universo do conhecimento - *eidos* platônico) e no singular (os modos subjetivos segundo a diferença de compreensão, assimilação, interpretação como um efeito do dizer devido à potência do *nous* - pensamento - e não ao ato do mesmo) a partir da plasticidade dos elementos constitutivos e da relação (:) entre os assuntos.

[...] o colon para Ranganathan – pensador do intervalo (simbólico) – é o livro; em comunhão com a nossa alteridade gramatical (*gramma, biblion*), o colon é o rastro simbólico e intraduzível capaz de a tudo traduzir, sem a nada derivar, ‘apenas’ conotar [...] O livro para Ranganathan é a ‘energia’ tripartida no intervalo do colon, cuja mirada performativa do seu uso traz em sua angelia a abertura possível da alma e do corpo profanados pelas ‘nuts and bolts’, isto é, pela ‘harmonia’ da gramática – (*ecce liber, ecce homo*):\ [...] (MENEZES, 2017, p. 225)

O sentido plural e singular do conhecimento no *informis* da informação e nas categorias PMEST resgata a dimensão humana da abertura do ser e do saber, representando tematicamente a energia vertical e transcendente que deixa rastro nos assuntos. Esta representação temática ou

⁸³ The multiplicity of living forms of logos (for example, the various forms of persuasion) and not just of logos as assertion, was dealt with in Aristotle's Rhetoric (cf. 17 a 5f.), (CAPURRO, 2014, p. 121)

pragmático transcendental é um uso, uma espécie de humano sem obra que permite ao leitor acessar o universo fenomênico do conhecimento - o qual acessamos pela leitura. Nesta, o rastro nos assuntos a partir do contato com esta energia provoca efeitos de transformação das pessoas e da sociedade: novas percepções ou novos conhecimentos são gerados no mundo material e estes tornam possíveis a ascensão dos indivíduos nas classes sociais, a capacitação profissional contínua e o estímulo ao raciocínio crítico.

Um livro pode, então, ser tomado como uma trindade de alma (=atma), corpo sutil (=sukshma sarira) e corpo bruto (=sthula sarira).] (RANGANATHAN, 1952, p. 20, tradução nossa)⁸⁴. A condição informe da *Colon Classification* consiste na potência do *nous* presente no encontro das almas entre livro e leitor que permite o cruzamento de ideias a partir da qual o sentido dito de muitos modos dos documentos são transformados e expressos pelo *lógos*.

Os “processos temáticos – seja a classificação, a indexação ou a catalogação de assunto – todos principiam a operação com a análise de assunto do documento.” (SOUSA; FUJITA, 2013, p. 809) e envolvem “procedimentos voltados para a identificação e seleção de conceitos para posterior representação e geração de produtos” (GUIMARÃES, 2009, p. 109). Esses processos compõem o contexto macro no qual as categorias permitem agrupar e relacionar classes de conceitos para a representação temática. Contudo, nosso objeto de estudo contempla o processo de classificação.

A categorização aristotélica no desenvolvimento histórico do TTI (SALES, 2012) como instrumento de organização do conhecimento é um legado histórico apropriado por Ranganathan na *Colon Classification*.

Segundo Dahlberg (1974, p. 163-167, tradução nossa):⁸⁵

⁸⁴ ”A book may, then, be taken to be a trinity of soul (=atma), subtle body (=sukshma sarira) and gross body (=sthula sarira)” (RANGANATHAN, 1952, p. 20)

⁸⁵ Zum Verständnis dieser Kategorien: als "Personality" bezeichnet Ranganathan alles, was nicht eindeutig den anderen vier Kategorien zugeschrieben werden kann, was also nicht "Matter" — alles Materielle und seine Eigenschaften, was nicht "Energy" - jede Art von "action" und auch nicht Raum- oder Zeitangabe ist. Letztere beiden Kategorien werden durch Allgemeine Isolate dargestellt, die ersten drei aber durch die jeweils einem der 31 Disziplinen eigenen Begriffsschatz. [...] Die Tafel für die Hauptklasse T "Education" gibt daher als Facettenformel an: T[P] : [E], [2P] ,[2P2]. Im Abschnitt über die Regeln zu T Education finden wir eine Reihe von Klassierungsbeispielen. An folgendem Titel kann daher die Zusammensetzung einer Facettenformel aus diesem Gebiet erklärt werden:

Titel: Audio-visual method of teaching algebra in elementary schools.

Facettenformel für T: T [P] : [E], [2P], [2P2] Notation: T15:3(B2), 1

- Education

15 — Elementary schools

:3 - Teaching

(B2) - Algebra

,1 — Audiovisual method

Para entender estas categorias: Ranganathan refere-se à ‘Personalidade’ como tudo o que não pode ser claramente atribuído às outras quatro categorias, o que não é ‘Matéria’ - qualquer material e suas propriedades, o que não é ‘Energia’ - qualquer tipo de ‘ação’ e que também não seja espaço ou tempo. As duas últimas categorias são representadas pelos isolados gerais, mas as três primeiras são representadas pelos vocabulários conceituais de termos específicos de cada uma das 31 disciplinas. [...] A tabela para a classe principal T ‘Educação’ fornece, portanto, a seguinte fórmula de faceta: T[P] : [E] , [2P] , [2P2]. Na seção T *Education Rules*, encontramos vários exemplos de classificação. A composição de uma fórmula de faceta desta área pode, portanto, ser explicada com o seguinte título:

Título: Método audiovisual de ensino de álgebra no ensino fundamental.

Fórmula da faceta para T: T [P] : [E], [2P], [2P2]

Notação: T15:3(B2), 1

T -- Educação

15 - Escolas primárias

:3 - Ensino

(B2) - álgebra

,1 — Método audiovisual

No início há sempre a notação para a classe básica, neste caso T; que é seguido pela Faceta Personalidade [P], que aqui é ‘escolas primárias’, é representado por 15; Depois disso, a Faceta Energia [E] (indicada por dois pontos), aqui 3 com referência ao assunto [2P], ou seja, Álgebra B2, que é colocado entre parênteses porque ‘Álgebra’ foi trazida aqui de outro lugar na Classificação e, finalmente, o método de ensino [2P2], ‘método audiovisual’, que é mais próximo da determinação de [E] e tem o número 1; é anexado por uma vírgula como um delimitador anexado à personalidade. As várias determinações imediatas das facetas chamadas ‘manifestações’ das cinco categorias fundamentais, Ranganathan tem-as chamado de ‘Ciclos’ e ‘Níveis’. O número de ‘níveis’ refere-se às manifestações nos vários Ciclos. Nos símbolos de faceta ocorrem números adicionais, como [1P] para ‘Ciclo 1 Faceta Personalidade’, [2P] para ‘Ciclo 2 Faceta Personalidade’ etc.; [2P1] significa: ‘Ciclo 2 Nível 1 Faceta Personalidade’, [2M2] significa: ‘Ciclo 2 Nível 2 Faceta Matéria’.

Explicitamos as etapas da classificação facetada, a saber: (i): “[...] cada disciplina é dividida em facetas, considerando apenas uma característica por vez [e (ii):] [...] criação de conceitos compostos por síntese de elementos, ‘focos’, que pertencem a diferentes facetas, de

Zu Anfang steht immer die Notation für die Basic Class, hier also T; es folgt die Personality-Facette [P], die hier "elementary schools" ist, dafür steht 15; danach die Energy-Facette [E] (durch Doppelpunkt angezeigt), hier 3 mit dem Bezug auf das Fachgebiet [2P], nämlich Algebra B2, das in Klammern gesetzt wird, weil "Algebra" von einer anderen Stelle der Klassifikation nach hier geholt wurde und schließlich die Unterrichtsmethode [2P2], "audio-visual method", die eine nähere Bestimmung von [E] ist und die Zahl 1 hat; sie wird durch Komma als Personality Abtrennungszeichen angehängt. Die verschiedenen näheren Bestimmungen der Facetten, die als "Manifestationen" der fünf Fundamentalkategorien bezeichnet werden, nannte Ranganathan bisher

"Rounds" und "Levels". Die Anzahl der "Levels" bezieht sich auf die Manifestationen in den verschiedenen Rounds. In den Facettensymbolen treten dabei zusätzliche Zahlen auf, so [1P] für "Round 1 Personality Facet", [2P] für "Round 2 Personality Facet" etc.; [2P1] bedeutet: "Round 2 Personality Facet Level 1", [2M2] bedeutet: "Round 2 Level 2 Matter Facet". (DAHLBERG, 1974, p. 163-167)

acordo com necessidades particulares. (BIAGETTI, 2009, p. 95, tradução nossa)⁸⁶ A faceta álgebra em T é um “Foci [foco] em [2P] a ser obtido pelo SD [*subject device*] [...]” (RANGANATHAN, 1960, 2.106, tradução nossa)⁸⁷, indo aos *Schedules* do capítulo B - Matemática, a qual possui como divisão canônica a subclasse B2 Álgebra (RANGANATHAN, 1960, 2.31, tradução nossa)⁸⁸, insere-se este número isolado com as aspas conforme a fórmula de facetas da classe T.

Nesta arte de começos que é ler um pensador clássico como Ranganathan, partimos da narração de uma estória contada pelo próprio: o seu encontro insólito com um conjunto de brinquedos Meccano. Aos nossos olhos perspectivos, este fato improvável alterou os rumos do pensamento biblioteconômico e revolucionou a tradição da teoria da classificação. Na aflição do momento que vivia, insatisfeito com a **insuficiência** dos **esquemas classificatórios** de sua época e pessoalmente angustiado pois não conseguia propor um **desenho alternativo** que resolvesse as questões aporéticas, Ranganathan se deparou com a encruzilhada do país dos brinquedos. Sob a máscara daquele espécime **Meccano**, a vida tornou-se jogo e energia. Feito o encontro transformador de Pinóquio com o país dos brinquedos, onde o sonho do boneco de encantar-se e tornar-se criança fez-se presente na dimensão dos jogos, Ranganathan ao deparar-se com o brinquedo percebeu que o problema da predeterminação estrutural que o imobilizava em suas pretensões, como também a Pinóquio, desconcertava-se perante a encruzilhada de possibilidades, de escolhas e composições que aquele brinquedo Meccano proporcionava. Ranganathan fez desta encruzilhada de materiais heterogêneos a metáfora da sua classificação e do colon, o seu brinquedo conceitual. Com isso, poderíamos dizer que a *Colon Classification* é, metaforicamente, uma classificação filosófica do brinquedo. [...] Os dois pontos (*colon*) é uma diferença significativa entre os termos, uma descontinuidade necessária para manter ativo o funcionamento do esquema classificatório. O colon é uma abertura relacional que articula toda e qualquer possível composição temática – não se trata de uma forma (*eidos*), mas de uma força (*energy*) capaz de alterar os mais diversos conjuntos estruturais (*scheme*). [...] O *colon* seria a maneira que Ranganathan encontrou para o seu esquema não estar dirigido à rigidez das identidades dos esquemas enumerativos, nem ser acometido pelo ceticismo classificatório, que frente a multiplicidade de tematizações do mundo, avalia-o como inclassificável e diz “aporética” toda e qualquer pretensão classificatória. Em sua função de porcas e parafusos, o colon visa irmanar o conhecido (*vastu-tantra*) e o conhecedor (*kartru-tantra*), as identidades e as diferenças, as multiplicidades e as repetições, o clássico e o barroco (SALDANHA; SOUZA, 2017 apud MENEZES, 2022, p. 144), sem com isso, estabelecer para si uma forma, pois, a condição mesma do *colon* é informe (MENEZES, 2017 apud MENEZES, 2022, p. 144), estando sempre e a cada vez, não em vista de si, mas em vista de outros agenciamentos. O termo usado por Ranganathan é *assembling*. [...] O *colon* é um dispositivo disposto

⁸⁶ [...] every discipline is divided into facets, considering only one characteristic at a time. [...] creation of composite concepts by synthesis of elements, ‘foci’, which belong to different facets, according to particular needs. (BIAGETTI, 2009, p. 95)

⁸⁷ Foci in [2P] to be got by (SD) [...] (RANGANATHAN, 1960, 2.106)

⁸⁸ CHAPTER B Mathematics Canonical subdivisions B2 Algebra (RANGANATHAN, 1960, 2.106)

a libertar, para as possibilidades dos jogos, os assuntos substancializados e petrificados pela essencialização dos esquemas. [...] O Aristóteles que habita em Ranganathan fala tâmil e sânscrito. A substância que faz morada no pensador hindu é material (*Mulaprakriti*), uma Personalidade “colonada”, em movimento pela força viva da energia da deusa do corpo do mundo, que dança e nutre: *Sakti*. Desta maneira, a *digvijaya* rangathaniana não tem por fundamento a substância e seus substantivos, mas a energia e suas ações, a força do verbo dos Vedas, como recorda Ranganathan (2009, p. 49 apud MENEZES, 2022, p. 157) por meio da fala de *Sri Krishna*: “Teu direito é à ação apenas e jamais aos frutos / Não deixai que os frutos da ação sejam o motivo”, ou seja, à diferença da primazia pela substância e pelos atos realizados do pensamento aristotélico, Ranganathan recorre à potência e ao dinamismo das ações, seguindo os ensinamentos de *Sri Krishna*. (MENEZES, 2022, p. p. 133-157)

Para o bibliotecário conceber a corrente teórica de fundamentação da *Colon Classification* hindu e suas consequências ético-epistêmicas que se colocam no exercício do pensamento crítico a partir das atividades de processamento da informação, é necessário que leve em consideração que toda proposta de desenho de um sistema de organização do conhecimento, ou seja, um modelo possível de organização do conhecimento elegido em detrimento de outras possibilidades de estruturação deste sistema, não possui estatuto ontológico *a priori* (conforme o legado ocidental da teoria sintática da informação) desarticulado de sua função ético-epistêmica em serviço à sociedade na qual está inserido. A proposta de um sistema é a de representar para a recuperação e disseminação da informação ótimas, ou seja, o modelo de estruturação da informação elegido deve permitir uma articulação plena da ponte estabelecida entre uma infraestrutura informacional confiável e criteriosa em sua formulação e a sociedade, ou seja, dito de outro modo, o sistema deve servir informações confiáveis à sociedade.

Tendo isto em consideração, no caso das influências culturais decorrentes da metaepistême social da cosmologia hindu na qual a *Colon Classification* se insere, a problemática inicial identificada por Ranganathan se referia aos limites impostos pelo princípio de divisão lógico-dicotômico aristotélico dos sistemas enumerativos, os quais “servem” à sociedade um modelo de estruturação da informação que impede a representação temática como uma espécie de performance epistêmica na qual as relações entre os perceptos e isolados (e suas repetições nos ciclos com novas categorias e repetição com a mesma categoria no mesmo nível) ocorrem de modo a não excluir ou não silenciar as facetas consideradas como o produto dessemelhante silenciado ou retirado da representação quando da aplicação do critério de divisão dicotômico aristotélico. Esta cultura outra ensinou e ensina ao campo da *Library and Information Science* que as possibilidades abertas de criação do mundo, no geral, e de

formações do conhecimento contextuais, em específico, ocorrem livremente no “palco da vida”, palco este que é um solo que permite livremente a atuação do pensamento na fala e na escrita segundo o padrão de pensamento único do autor - rompimento com a universalidade epistêmica - no qual narrativas epistêmico-documentais são tecidas no tempo e sua performance junto à energia pragmático-transcendental que impulsionou a mesma são representadas nos atos classificatórios, nos quais o silêncio terminológico do informe da informação rangathaniana é um princípio de organização possível (o “aquilo que era ser” na filosofia grega, a busca pelo invariável não apenas é absurda nos estudos culturais e críticos, mas injusta, antiética e serve apenas como instrumento de poder à perpetuação da exclusão do modo metaepistêmico de fazer ciência outro) - a terminologia é variável, é transformada em seu significado a cada uso devido à atuação da energia cristalizada na representação que gera efeitos no mundo, a depender das relações que são estabelecidas na configuração formal variante no conhecimento tecido, a partir do *colon* do mundo complexo e do *colon* da técnica de tratamento da informação. Impulsar o encontro entre as pessoas, a reflexão, a percepção do poder de atuação no mundo dos discursos e da ciência para a remodelação ou transformação das velhas estruturas ditatoriais impostas pelos esquemas enumerativos, a mudança de rota cada vez mais consciente em meio ao turbilhão dos caminhos tortos da vida, tudo isto depende da recuperação da informação, dos discursos documentados para fundamentar os desenhos de pesquisa e fazer uso do poder da palavra para remodelar, à luz da democracia documentária, a distribuição de poder conforme os pressupostos constitucionais.

Esta técnica rangathaniana é um espelho que cristaliza na representação temática um modo performático de concepção e articulação hermenêutica possível (pois feito, efetivado) do mundo - conforme o jogo de linguagem tecido no contexto específico de uma produção epistêmico-documental, e não o contrário. Isto quer dizer que a técnica de processamento da informação rangathaniana não visa ensinar o modo de “ler” passivamente os significados invariáveis dos termos e do mundo metafísico *a priori*, estes significados não têm uma forma invariável em si mesmos, quem dá a forma sintática (o substituto do documento) na representação são os profissionais da informação, e esta deixa de ser ao fim da performance epistêmica do autor, para se tornar outra coisa via recuperação e interpretação. Ao ser lançada nas relações humanas, adquire outra forma, pois outra vivência e outra performance se estabelecem na medida que os contextos sociais de uso da informação implicam na transformação do mundo via jogos de linguagem.

Não há a pretensão que a técnica ensine a sociedade a enquadrar “com seus olhos” epistêmico-culturais e fazer caber nesse modelo a complexidade do mundo. O transcendente se

faz presente como o rastro de energia invisível que “carrega” o *logos*, atua, atravessa e preenche a materialidade do mundo com o implicar ético-epistêmico do exercício do poder libertário das bibliotecas na promoção da transformação do mundo - da sociedade, dos termos, dos atores sociais. A revolução epistêmica via *logos* conta com o auxílio da energia transcendente que atua no mundo material a partir da recuperação da informação e do exercício permanente do pensamento crítico a respeito do poder da palavra e dos atos classificatórios que operam como uma técnica que permite a obtenção dos efeitos da atuação político-democrática dos discursos, ou seja, a técnica de tratamento da informação transcende o campo, pois é complexa, na medida que aborda nuances da Filosofia (surgimento categorial filosófico), do Direito (democracia documentária), da Medicina (o acesso à informação de qualidade implica na saúde coletiva), da Administração (gerenciar pessoas e infraestrutura informacional nas unidades de informação), Filologia (relações terminológicas possíveis entre a filologia da informação no *informo* e no *informis* aplicados nos processos de tratamento da informação, ou seja, a eleição de um modelo de estruturação da informação útil e as implicações ético-epistêmicas decorrentes da adoção do *informo* nos sistemas de informação nos estudos clássicos de organização do conhecimento até Dahlberg), dentre outras áreas a descobrir.

A corrente teórica da *Colon Classification* é identificada na admissibilidade técnica de uma representação pautada na ausência de uma predeterminação rígida (*informis*) dos assuntos analisados a partir de uma forma invariante (*informo*) - os conceitos fechados - e pela abertura dos conceitos colonados, ou seja, a permissão epistêmica para a inclusão das relações conceituais que dão uma forma (sempre mutante, variante) aos assuntos na sintaxe. Ranganathan não concorda com os pressupostos metaepistêmicos ocidentais dos significados terminológicos invariáveis. A proposta da *Colon Classification* consiste em servir à recuperação de modo a incentivar a diversidade epistêmica que se desenvolve nos usos sociais dos termos que transformam seu significado via metáfora, via usos em estudos interdisciplinares e transdisciplinares, via captação cultural variante do leitor, os quais são novos contextos sociais e culturais que legam de modo permanente a descoberta das acepções terminológicas possíveis e modos outros de estruturação da informação - os modos de conceber o mundo - documental ou cosmológico - são redescobertos continuamente.

O engajamento na revolução política rangathaniana reside no fato que este pensador legou ao pensamento biblioteconômico a introdução da participação da metaepisteme cultural do povo indiano como uma proposta de desver o mundo sob a perspectiva ocidental de tratamento da informação. Ranganathan foi um filósofo que fez política dentro e fora do campo da *Library and Information Science* na medida que inovou quanto à proposta de uma

estruturação da informação pautada no informe, na variação dos significados terminológicos dos conceitos isolados nos atos classificatórios, ou seja, a variação se dá *a posteriori* na categorização. A *Colon Classification* não possui uma estrutura formal conforme os pressupostos de organização legados pelo ocidente desde o método científico - a metaepistême aristotélica de classificar o mundo e os seres por segregação epistêmica, a qual é problematizada nos estudos culturais e críticos da organização do conhecimento contemporânea, legando como principal proposta de solução democrática à esta grande injustiça epistêmica na Biblioteconomia clássica a inovação pragmática rangenathiano-wittgensteino-meneziana de não estruturação formal predeterminada estruturada no instante da categorização pautada no *informis* da informação e do conceito.

Ranganathan brincou no tempo arcaico do mundo ao vislumbrar um modelo de organização alternativo, uma estrutura informe (na concepção ocidental, é uma estrutura desestruturada, um solo sem estabilidade alguma, sob o qual toda rigidez é dissolvida no puro devir que a tudo transmuta) que opera como uma energia que aproxima a relação da pragmática (representação e uso social da informação) com o transcendente no processo simbólico-logológico de formação do conhecimento. A *Colon Classification* é um esquema que possui aparatos aptos à performance (os *schedules*) pelos quais a aplicação da fórmula facetada - a categorização - consiste no uso dos termos que remetem aos cruzamentos efetivos de ideias nos documentos e nas estantes e permitem os usos terminológicos possíveis via recuperação, considerando que o significado dos termos-conceitos isolados podem ser transformados metaforicamente quando da mudança de contexto de produção epistêmica ou de formação do conhecimento. A *Colon Classification*, despida dos pressupostos da metaepistême ocidental, não aprendeu a ser (mais uma) estrutura fixa e fechada em si mesma (como são os demais sistemas de organização do conhecimento ancorados no *informo* da informação) - um modelo de estruturação da informação essencializada e supostamente verdadeira. No palco da vida - os termos só “são” quando utilizados pelos povos na interação social da vida cotidiana -, este sistema opera uma técnica de representação outra. Em sua própria operação, o fundamento relacional burla com a perpetuação da ideologia fascista de uma tradição milenar instaurada pelos grandes ações de desumanização (apagamento sistemático da voz e do direito à existência dos negros, das mulheres, dos indígenas, ou seja, das minorias silenciadas desde a concepção da Pólis grega segregadora e barbárica) histórico-epistêmica - a cultura greco-romana que legou à perpetuação “pautada na técnica” pautada na padronização acrítica de todo o conhecimento deve ser organizado conforme os princípios lógicos dos grandes filósofos da Antiguidade - estas questões são cernes nos estudos decoloniais da organização do conhecimento e as contribuições

ranganathianas para os mesmos são diversas, conforme argumentação nossa. Assim, não é incoerente pensarmos uma “personalidade” da *Colon Classification* com rastros infantis que acha graça e zomba a partir de sua eficiência categórica nos jogos de representação da concepção cultural epistêmico-colonial-maquivélica da “gente grande” que sonha saber todas as nuances que regem a formação do conhecimento e qual a sua estrutura - metafisicamente verdadeira e de cunho universalista -, impondo a partir do respaldo de pressupostos antidemocrático-antiéticos os critérios de legitimação da epistême ocidental, a única autorizada institucionalmente à servir de corrente teórica de fundamentação dos sistemas de organização do conhecimento, ou seja, um delírio epistêmico coletivo milenar nos estudos históricos da *Library and Information Science* que implicam na única possibilidade de uma chave de leitura - a “correta” para a estruturação da informação universalmente válida e coerente em todos os contextos de produção epistêmica possíveis - a exclusão legitimada dos dessemelhantes como o legado da lógica aristotélica acrítica nos sistemas de informação a partir da eleição do *informo* da informação fechado em detrimento das possibilidades abertas do *informis* da informação. Ranganathan com sua proposta revolucionária da *Colon Classification* estabelece um rompimento radical com a normalização histórica da imposição ditatorial da validade universal da metaepistême ocidental na área da *Library and Information Science*.

Do mesmo modo que o contato entre as gerações de uma família é uma oportunidade de compartilhamento da memória ancestral e de ensinamentos via as oralidades, toda a complexidade linguístico-filológica do contato com o tamil e o sânscrito perde-se em riqueza no ato de tradução. Não pretendemos, portanto, descortinar todas as facetas da filosofia de Ranganathan, posto nosso silêncio em relação à leitura dos originais a partir do uso de dicionários e enfatizamos que este limite da presente pesquisa implica em nossa recomendação quanto à relevância de estudos interdisciplinares futuros que tratem a respeito do cruzamento do campo da *Library and Information Science* com a Linguística rangathiana aprofundada. Explicitamos que nossa argumentação está orientada pela intencionalidade discursiva que refere-se ao desenho de nossa pesquisa proposto (questões, objetivos, etc).

Ranganathan propõe a *Colon Classification* para tornar viável ou tornar material via jogo de representação todos os ideais de justiça epistêmico-cultural-política como estratégia de contornar as desigualdades sociais decorrentes da colonização inglesa que tanto causou violência física e simbólica em seu povo a partir de sua inserção no próprio campo construído por seus opressores históricos. Fez uma revolução democrática fazendo uso do poder dos instrumentos da ciência lembrando a nós ocidentais que a realidade é modificável a partir do bom uso da técnica biblioteconômica de processamento da informação que demanda um

pensamento crítico-reflexivo essencial à adequação dos critérios adotados na construção e avaliação dos sistemas de organização do conhecimento, os quais devem ser adequados aos contextos, posto que não se concebe “uma verdade” metafísica aos critérios descontextualizados das demandas reais da população servida pelos instrumentos e dos modos subjetivos de produção e interpretação epistêmicos.

Para além das questões regionais e culturais, o *informe* da informação é um lembrete constante a respeito da possibilidade de reconfiguração do mundo, posto que o mesmo não possui nada de permanente, mas cada ação do logos e das atividades técnicas e intelectuais do bibliotecário servem à modificação da realidade informe.

Os seres, a ciência como um todo e as teorias científicas que a constituem são partícipes de um mundo em constante movimento, aperfeiçoamento, e transformação no tempo: tudo aquilo que há no mundo e pode ser dito via *logos* e representado por nossos sistemas de organização do conhecimento são concebidos como objetos informativos cujo sentido nunca está dado inteiramente *a priori*, mas, ao invés, podemos traduzí-los em conceitos relacionados no processo de representação visando a recuperação da informação que diz respeito à um contexto epistêmico específico de produção social do conhecimento documentado. Disto decorre que o sentido de um objeto no esquema de representação temática faz parte do movimento da vida, que é um processo incessante de transformação dos seres, da sociedade e, por extensão, dos termos especializados. Os seres descobrem modos imprevistos de articulação epistêmico-conceitual nos resultados ou evidências científicas, isto configura uma supresa e um encantamento incessante, posto que tudo - o mundo no qual a *Colon Classification* busca ser parte orgânica - está no devir.

Os conceitos são concebidos não como entes autônomos e separados, mesmo que assim possam ser representados, mas na realidade os mesmos são uma abstração fragmentada possibilitada pela capacidade de nossas faculdades intelectivas de separar o que está junto, uma completude de mundo intrinsecamente relacionado - a vida social e espiritual-transcendente do homem e do universo que opera pela relação e transformação a cada instante do que existe: tudo é vivo, tudo emana sentido, tudo nos transforma e a tudo transformamos - os conceitos, a sociedade, o universo. A realidade do mundo não tem forma, somos nós que damos forma ao mundo com nossos pensamentos, nossas atitudes e nossa atuação epistêmico-documental. Somos nós que captamos os sentidos do mundo nos objetos que o constitui - por exemplo, a forma do ser alado, terrestre, aquático, mineral (condensação da energia natural) - tudo tem um sentido não fechado em si e para si, para própria contemplação, deleite, encantamento e compreensão, mas toda a vida espiritual do universo promove o encontro dos seres, dos saberes,

do enfrentamento às velhas crenças - as águas paradas dentro e fora de nós - para uma solução requerida, uma remodelação de uma realidade que se demonstra antiética e inadequada. À respeito do que transcende o campo, a cada relação, a cada instante, na vida, tudo o que há transforma-se em decorrência dos efeitos das trocas estabelecidas pelo *logos* e por modos outros de comunicação. Nas ações de informação no campo da *Library and Information Science*, a técnica biblioteconômica estimula a socialização das epistemes *mainstream* e outras, a transformação que decorre deste contato, e impulsiona a remodelação social. A problematização e uma elaboração de proposta de solução à questão enfrentada, seja na atuação da vida política, seja na elaboração de desenhos de pesquisa, seja na comunicação científica informal - os caminhos possíveis a seguir se tornam mais visíveis quando nos afastamos de nossos pensamentos e vislumbramos os contornos históricos adotados em nosso campo a nível macro possibilitado pelo contato com a memória pessoal e coletiva no acesso à informação, de modo a ser possível escolhermos caminhos de enfrentamos acordados com o maior número de evidências possíveis que dão uma força argumentativa cabível às decisões mais conscientes em nossos atos de fala. Tudo o que podemos nos tornar, todos os frutos que emanam da riqueza da vida espiritual, a alegria de ser, de compartilhar nossa bagagem e de se relacionar com o mundo são atravessados parcialmente pela técnica escolhida de tratamento da informação e esta influencia no exercício pleno da democracia documentária.

O pensamento meneziano informe de mundo bate à nossa porta trazendo uma sabedoria ao mesmo tempo ancestral e infantil, a certeza que não existe um limite predefinido e imposto para concebermos e traduzirmos um mundo dado no mundo metafísico ocidental, posto que o poder político de atuação bibliotecária constrói e reconstrói o mundo a partir da técnica que visa representar de modo fidedigno o movimento, a plasticidade informe do mundo espelhada na plasticidade dos conceitos na *Colon Classification*. O conjunto meccano através do qual Ranganathan concebeu a operacionalização do informe promove os usos sociais do conhecimento e seus efeitos no mundo de transformação do universo. Nesse sentido, o “aquilo que era ser” da filosofia grega concebe a existência factual de um fim para tudo, uma morte, um desaparecimento, um apagamento completo do ser remediado pela escrita que permite realizar o levantamento bibliográfico - o método metaepistêmico aristotélico. Ranganathan rompe com a noção ocidental de morte e promove a noção de transformação do mundo. Nesse sentido, apenas uma morte pode ser concebida: a não leitura, a morte do esquecimento em meio à vida documental e social do homem. As epistêmes são orgânicas e vivem eternamente na vida social do homem - descobertas documentalmente e transpostas à vivência subjetiva e simbólica proporcionada pela atuação das faculdades intelectivas e espirituais dos homens - a

humanização da informação por seres completos em suas facetas. Estas são preservadas pela luz da mãe, pela energia que é o espaço simbólico “entre” os seres, aquilo que nos une, aquilo que não é um ou outro, mas sim o que é apenas o entrelaçamento, apenas o encontro que nos impulsiona à transformação do mundo, dos seres, dos conceitos.

3.4 Uma reflexão epistemológica da formulação teórico-conceitual da Personalidade nos estudos pragmáticos da Ciência da Informação

Esta seção secundária pretende apresentar a *Colon Classification* como uma crítica à rigidez e à fixidez das classificações enumerativas que a antecederam com base na corrente epistemológica da pragmática-transcendental de Ranganathan.

A investigação da Personalidade entre a filosofia da informação e a epistemologia da organização do conhecimento constitui a originalidade da pesquisa.

Esta direção de pesquisa é investigada a partir da noção do *informis* na categoria Personalidade rangathaniana na filosofia da informação (FI) interpretada a partir da fronteira do conceito nos jogos de linguagem, tendo por base a classificação como um *conjunto meccano* que serve à montagem dos assuntos via categorização no contexto da virada pragmático-linguística da informação na CI. Também se discute a analogia entre a aplicação da Personalidade na *Colon Classification* e a multiplicidade de significados *a posteriori* em Wittgenstein na compreensão das razões teórico-metodológicas que levaram à “[...] escolha do método analítico-sintético ou facetado para a construção de classificações gerais e especializadas do conhecimento em bibliotecas [...]” em Ranganathan. (SOUZA, 2016, p. 90)

As classificações facetadas ordenam os conceitos e objetos em classes, mas são multidimensionais, isto é, são ordenadas no interior de cada classe em função de diversos pontos de vista. [...] Este sistema de classificação foi desenvolvido pelo bibliotecário indiano Shiyali Ramanrita Ranganathan, a partir dos trabalhos da *American Bliss*. Ranganathan produziu, em 1933, uma classificação universal, a *Colon Classification* (CC), baseada no princípio das facetas. Nesta classificação as facetas têm cinco categorias fundamentais: personalidade, matéria, energia, lugar e tempo, que aparecem sempre na mesma ordem. (GUINCHAT; MENO, 1994, p. 143)

Os diversos pontos de vista ou os conjuntos de características dos assuntos são identificados nas facetas ou categorias PMEST aplicadas à faceta básica do documento.

Segundo Dahlberg (2006, p. 16, tradução nossa)⁸⁹, “[...] Ranganathan desenvolveu um novo paradigma da teoria da classificação [...] com seu sistema de classificação facetado que permite todas as combinações de conceitos possíveis.” A *Colon Classification* rompe com as classificações enumerativas baseadas na “[...] pré-coordenação temática [...]” (SOUZA, 2016, p. 89) na medida que, segundo Broughton (2015, p. 306, tradução nossa)⁹⁰, o grupo de conceitos que representa o que o assunto trata essencialmente, o objeto de estudo de uma disciplina, é identificado e forma o *main focus*; este tipo de conceito é chamado de Personalidade. Esta revela as classes de conceitos na medida que relaciona o assunto básico com a tabela de conceitos isolados e desta relação co-extensiva resultam as “características essenciais e distintivas do objeto analisado” (MAZZOCCHI; GNOLI, 2006, p. 22, tradução nossa)⁹¹, isto é, a representação atrelada às ações de informação na sociedade.

A noção de categoria é usada para produzir os grandes agrupamentos, combinando princípios gerais de categorização (que remetem às categorias aristotélicas e kantianas) e objetivos de uso (LARA, 2001, p. 8). A aplicação das categorias no esquema de classificação de Ranganathan (1967) para as ações de transferência da informação nos processos de recuperação e tratamento da Informação é de fundamental importância na Ciência da Informação.

A virada pragmático-linguística da informação na Ciência da Informação é um regime fundamentalmente antiessencialista e antimetafísico que ganhou diferentes significantes. (SALDANHA, 2011, p. 1) A seguir serão indicados autores centrais que trabalham com este regime, e que, em suas propostas, utilizam diferentes significantes.

Réndon Rojas (1996, p. 19-27, grifo nosso, tradução nossa) identifica 3 paradigmas centrais do campo: a teoria sintática da informação, desenvolvida com a teoria matemática da informação de Shannon e Weaver (1962 apud RÉNDON ROJAS, 1996, p. 20, tradução nossa)⁹²

⁸⁹ “[...] S.R. Ranganathan, developed a new paradigm of classification theory [...] with his faceted classification system, which allows all concept combinations possible.” (DAHLBERG, 2006, p. 16).

⁹⁰ In each of these disciplines we can easily identify and list the concepts that form the main focus. Ranganathan called concepts of this sort ‘personality’, because they are the essence of the discipline, and he considered them to be the most important group of concepts in the discipline. (BROUGHTON, 2015, p. 306)

⁹¹ “[...] caratteristiche essenziali e distintive dell'oggetto analizzato [...]” (MAZZOCCHI; GNOLI, 2006, p. 22)

⁹² “[...] otros posibles enfoques y utilizarlo como la llave para un nuevo paradigma en Bibliotecología. [...] la teoría sintáctica de la información, ya está desarrollada en la Teoría Matemática de la información de C. E. Shannon y W. Weaver (1962 apud RÉNDON ROJAS, 1996, p. 20) [...] cómo se forman y transforman los signos [...] Teoría Semántica de la Información. R. Carnap y Y. Bar-Hillel crearon dicha

que centra sua atenção em como se formam e transformam os signos; a teoria semântica da informação, desenvolvida por R. Carnap e Y. Bar-Hillel (1970 apud RÉNDON ROJAS, 1996, p. 23) com base no sistema da lógica indutiva de probabilidades proposta por Carnap (1970, p. 18-23 apud RÉNDON ROJAS, 1996, p. 23) e o enfoque pragmático da informação, um caminho para a troca de paradigmas da disciplina que considera a dialética do sujeito com o mundo e a necessidade da ação deste sujeito para a construção do mundo da informação em um contexto sócio-histórico-cultural a partir do conhecimento das regras de estruturação para que os símbolos nos levem ao mundo da informação, para que nos digam algo. O enfoque pragmático da informação como fundamento teórico da CI permite a construção social do mundo da informação, considerando: a multiplicidade de sentidos das proposições abertas linguisticamente, o compartilhamento de um mundo comum pelos usuários de uma comunidade científica e os contextos.

González de Gómez (2002, p. 30-31) denomina virada pragmática a delimitação do campo da Ciência da Informação que teria como pontos de partida a influência da filosofia de tradição fenomenológica e a teoria dos jogos de linguagem de Wittgenstein. Nos estudos informacionais pragmatistas, a delimitação do objeto central de estudo do campo, “o mundo informacional construído pelo homem” (SALDANHA, 2011, p. 7), é uma apropriação fenomenológica heideggeriana: “Esse mundo partilhado é o campo da existência humana ou Dasein” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002, p. 31) das comunidades científicas e propõe uma superação da “[...] oposição ao dualismo [sujeito/objeto] [...]” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002, p. 31) limitador. O ponto de vista da hermenêutica e da retórica de Rafael Capurro (1985; 1992 apud GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002, p. 31) é uma das principais versões com que este modo de olhar a virada pragmática da informação é introduzido no campo da Ciência da Informação (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002, p. 31). A significação das palavras com base no uso dos conceitos abertos na retórica configura o fundamento pragmático rangianathiano.

“Esses campos pragmáticos de possibilidades em aberto são os contextos constitutivos das práticas de informação, também no sentido linguístico de 'com-textos'.” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002, p. 33). Estas práticas de informação conferem novas possibilidades de

teoría en base al sistema de la Lógica inductiva de probabilidades propuesta por Carnap (1970, p. 18-23 apud RÉNDON ROJAS, 1996, p. 20) [...] enfoque pragmatico de la información [...] Si no se conocen las reglas de estructuración para que esos símbolos nos lleven al mundo de la información, el documento puede estar ahí en frente de nosotros, como los hieroglíficos olmecas, y no decir nada. [...] el rol del sujeto para crear y conectarse al mundo de la información [...] dialéctica del sujeto con el mundo de la información.” (RÉNDON ROJAS, 1996, p. 19-27)

significação discursivas que implicam na obtenção de efeitos na realidade de cunho ético-político-epistêmico.

A base etimológica e histórica do conceito de Informação é investigada a partir da dupla direção do *informo* e *informis*, conforme tratado nesta pesquisa. A filosofia da informação capurro-meneziana nos lega uma ruptura epistêmica com os pressupostos Ocidentais da teoria sintática e semântica da informação, assim como a teoria da comunicação Shanon-Weaver. Está ancorada em princípios epistemológicos outros referentes à socialização e democratização dos saberes, como a retórica - a parcela da racionalidade da *Colon Classification* -, mas também à indução, às trocas com a própria realidade transcendente via representação e recuperação da informação nos centros de informação. A empiria (*lógos*, documentos nas estantes e os substitutos de documentos ou a representação dos mesmos) e a relação do homem simbólico e místico (no hinduísmo, o homem está integrado à natureza e suas pluriepistêmes, implica na ruptura com a noção ocidental de separação homem vs. saberes, ou seja, não se admite a relação dos saberes separada da retórica que evoca o simbólico, na medida que a teoria pragmática wittgensteiniana nos estudos informacionais instaura a compreensão da informação lançada ou integrada ao modo do ser retórico e à própria compreensão outra, segundo Gracioso, Almeida e Kawasaki (2022), do conhecimento relacional.

Como dito, em geral, nos apropriamos da figuração da árvore, a partir de seu reconhecimento físico e estrutural, para representar o conhecimento, que se modela então, nos limites dessa compreensão arborescente. Isto muito em função dos modelos de racionalidades ocidentais que se impuseram sobre os modos de pensar, falar e agir, nos países colonizados. Para este estudo exploratório, o desafio que se colocou foi o de olhar para a árvore, a partir de sua perspectiva e representação social, cultural e ancestral e decolonial, e, desta expansão, seguir com o exercício de pensar os limites sobre as formas de representação dos conhecimentos que até então assumimos, para inclusive replicarmos na modelagem de nossos sistemas de informação, físicos, digitais e virtuais, e que são figurados ainda muito em função das reflexões dos processos de colonização do saber, do ser e do pensar a que fomos sujeitas, enquanto pessoas latino americanas, como nos indicam os autores decoloniais. (GRACIOSO; ALMEIDA; KAWASAKI, 2022, p. 87-88)

Ranganathan, ao propor e validar um modelo de representação do conhecimento outro, ao mesmo tempo, rompeu com a perpetuação da modelagem *mainstream* dos sistemas de informação aristotélicos e invalidou um modelo de representação cuja estruturação evoca o modo de pensar decolonial, “purificado” das tentativas dos meios de comunicação de orientar o pensamento seguindo ideologias do capitalismo que implicam na desumanização ou no apagamento/silenciamento sistemático do homem e suas metaepistêmes na medida que o valor

do mesmo perante os outros na contemporaneidade está condicionado à sua função na sociedade e ao poder aquisitivo, pensamento colonial e epistemicida que exclui o direito de ser das epistêmes outras e a representação do conhecimento relacional na modelagem dos sistema de organização do conhecimento, na qual Ranganathan provou seu valor como ser marginalizado na academia e validou cientificamente seu pensamento crítico que promove, segundo Gracioso, Almeida e Kawasaki (2022), a valorização do indivíduo por aquilo que ele sabe, por suas competências, e não por aquilo que ele não sabe, de modo que pudesse dar conta de representar as relações transdisciplinares e transculturais do conhecimento. Ranganathan teve a capacidade de propor uma modelagem de sistema de informação seguindo o modo de pensamento decolonial resistente que não foi “sufocado” para caber nos limites formais (*informo*) validados na cultura ocidental e deu voz à epistême hindu (*informis*) filológica que evoca o conhecimento relacional; propôs um modelo de representação do conhecimento possível e contextual dentre outros possíveis e emergentes; abriu margem à possibilidade de validação epistêmico-metodológica decorrente da abertura epistêmica dos modelos de representação seguindo os pressupostos decoloniais, pluriepistêmes, socialis e ancestrais; elaborou uma proposta de compreensão da noção filológica e instrumental da informação considerando os conceitos abertos e a descoberta incessante de seus significados derivados das práticas discursivas da comunidade de especialidade como local simbólico comum de compartilhamento terminológico negociado a partir da criação lúdica, partilha logológica de um novo mundo contemplado e tornado comum, mutação dos significados dos conceitos na complexidade de mundo - transdisciplinaridade, multidisciplinaridade, interdisciplinaridade, pluridisciplinaridade -, mutação das pessoas e do mundo, que se transformam no trilhar da vida, a qual demanda de modo emergente no campo da *Library and Information science*, segundo Gracioso, Almeida e Kawasaki (2022, p. 86), a “[...] expansão da relação entre sentido e significado, colocada na ideia da comunicação transverbal [...]” que se estende à multiplicidade das facetas simbólicas do homem acionadas em seu viver, em sua doação de ser ao outro descompromissada de interesses pessoais de recompensa, em sua recepção à compreensão dos ensinamentos das partilhas do outro (os modos de ser múltiplos do universo, o sol, a lua, as árvores, o rio, o mar, as pedras, o espírito das águas, a sabedoria das tempestades, o reconhecimento da alteridade da natureza em nossa interioridade, em nossa relação conosco, e, em nossa exterioridade, que ocorre a partir de nossa relação atenta e ética com todos os seres (antiespecismo) e com o universo (metafísica decolonial crítica), em seu lançamento aos mistérios da vida, em geral, e na produção do conhecimento oral e documental, em específico, posto que as facetas simbólicas e misteriosas são acionadas em sua relação no exercício racional

e intuitivo - espiritual - do homem e estão representadas pragmaticamente conforme modelo possível por Ranganathan na *Colon Classification*.

Esta dupla direção da informação complementa o *informo* assinalado por “ [...] Platão e Aristóteles nos significados ontológico, epistemológico e pedagógico [da informação] [...] (CAPURRO, 1978, p. 19, tradução nossa)⁹³ e permite investigar a “[...] face filosófica da informação de Ranganathan [...]” (BENOÎT, 2002, p. 443, tradução nossa)⁹⁴ no conceito de inefabilidade da categoria Personalidade e nas categorias aristotélicas.

A dualidade doação-privação na noção de Informação, esta “[...] re-humanizada” nas redes de agenciamentos linguísticos [...] (MENEZES, 2015), constitui a multiplicidade de sentidos da informação que modifica a realidade dos homens condicionado pela representação documentária na *Colon Classification*. Esta dualidade propõe o jogo de significações possíveis, o qual é fruto das relações internas dos conceitos nos documentos e também das ações de informação pelas comunidades discursivas, garantindo a possibilidade de mudança da realidade social pela democratização do acesso.

Segundo Menezes (2018, p. 282):

A seleção pelo ‘ato de dar a forma a alguma coisa’ como a ação decisiva do informar faz da Ciência da Informação uma disciplina ‘hermenêutico-retórica’ (CAPURRO, 1992 apud MENEZES, 2018, p. 282) e da informação uma dimensão existencial circunscrita na retórica aristotélica, onde para ter sentido ‘deve antes de mais nada ser um *on*, isto é, existir’ (CASSIN, 1993, p. 32 apud MENEZES, 2018, p. 282)

O *informis* da Personalidade, o fora do sentido e o não existente, pressupõe a ruptura de sua identificação com o paradigma hermenêutico-retórico capurriano, posto sua não inteligibilidade transcendental. Contudo, isto não significa que a pragmática na *Colon Classification* tenha um menor rigor e eficácia de aplicação: os postulados para os planos de trabalho da classificação asseguram a hospitalidade dos assuntos e os métodos de formação de assuntos procuram instrumentalizar a construção e disseminação dos saberes.

Considerando que “[...] Rorty abre-se para uma visão que se concentra no caráter relacional da construção da identidade, tanto no nível individual quanto no coletivo [...] [e o]

⁹³ [...] Platon und Aristoteles [...] im ontologischen, erkenntnistheoretischen und pädagogischen inne verwendet [...] (CAPURRO, 1978, p. 19)

⁹⁴ “[...] philosophical face of information - Shiyali Ramamrita Ranganathan's [...]” (BENOÎT, 2002, p. 443)

papel socializador [...] [da] perspectivização da realidade social” (SUNDIN; JOHANNISSON, 2005, p. 30-35, tradução nossa)⁹⁵ na *Colon Classification*, isto implica que esta é uma ferramenta articuladora que promove relações entre a não fronteira entre a individualidade e a coletividade, entre o uso e a produção intelectual resultante dos contextos epistêmicos distintos.

“A desclassificação envolve o pressuposto metacognitivo de uma lógica diferente, plural e não essencialista [...], introduz o pluralismo lógico, mundos possíveis, dúvida e contradição em proposições [...]” (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2011, p. 11, tradução nossa)⁹⁶. A desclassificação rangianathiana não emprega a lógica dicotômica, pautada na divisão de classes mutuamente excludentes, mas sim em tabelas que enumeram conceitos isolados e na categorização que reúne, relaciona e dá a forma sem esgotar as possibilidades de formação intrínsecas no documento, possíveis. A *Colon Classification* “apresenta-se com a multiplicidade na lógica binária, a condição virtual, o múltiplo do dois” (MENEZES, 2018, p. 283); apresenta-se como um modelo lógico da multiplicidade em uma sequência de facetas, identificado nos postulados dos ciclos e níveis, nos quais o reaparecimento das categorias com outros conceitos a aproxima de uma lógica difusa (*fuzzy logic*).

Segundo González de Gómez (1996, p. 49-50, tradução nossa)⁹⁷:

Wittgenstein seguirá o caminho da multiplicidade: os significados comuns não são o espelho do mundo, nem a reprodução de um ‘espírito objetivo’ das essências culturais, nem o resultado de um a priori normativo; palavras e conceitos participam do sentido, mantendo relações complexas entre si e nunca ‘suturados’ em uma figura final de um universo de significados.

Os significados das palavras e dos conceitos têm semelhanças em diferentes jogos de linguagem a depender do contexto no qual o significado é considerado (representação vs. uso), dependem do tipo de jogo de linguagem utilizado que permite uma multiplicidade de formas de manifestação epistêmicas, sempre abertas ao inquérito pelos participantes do jogo. Na

⁹⁵ [...] Rorty opens up to a view which focuses on the relational character of the construction of identity, both on an individual and a collective level [...] socializing role [...] perspectivization of social reality. (SUNDIN; JOHANNISSON, 2005, p. 30-35)

⁹⁶ Declassification [...] involves the metacognitive assumption of a different, plural and nonessentialist logic. [...] introduces logical pluralism, possible worlds, doubt and contradiction in propositions [...] (GARCÍA GUTIÉRREZ, 2011, p. 11)

⁹⁷ Wittgenstein, seguirá el camino de la multiplicidad: los significados comunes no son ni el espejo del mundo, ni la reproducción de un "espíritu objetivo" de esencias culturales, ni el resultado de un a priori normativo; palabras y conceptos participan del sentido, manteniendo entre si relaciones complejas y nunca "suturadas" en una figura final de un universo de significados. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1996, p. 49-50)

linguagem, não é possível indicar um único significado essencial *a priori*, os significados estão relacionados com o modo que usamos as palavras e os conceitos *a posteriori*.

As formas de vida que poderemos vir a compartilhar, os juízos, os consensos a que iremos chegar não são previsíveis em sua totalidade, da mesma maneira que os jogos de linguagem não o são. Em cada época, formas de vida são estabelecidas e outras deixam de ser seguidas, o que ocorre também com os jogos. O significado de uma expressão seria a função do tipo de uso do simbolismo dentro de uma forma de vida (SALDANHA; GRACIOSO, 2014, p. 23-24)

A aplicação das categorias, as quais possibilitam a formação de assuntos na *Colon Classification*, pode ser interpretada a partir da noção de jogos de linguagem wittgensteinianos. Nas duas propostas, os conceitos possuem múltiplos significados atrelados ao contexto e não essencialmente, podendo se relacionar com outros de muitos modos não passíveis de enumeração antes de sua manifestação. Os significados dos objetos documentais nos conceitos apontam para os assuntos “formados” na *Colon Classification*. Estes são construídos: (i) com a notação e ii) com os usuários da comunidade científica em um processo que se dá a partir da relação “:” entre “livro e homem”, fundamentalmente simbólica, via linguagem.

“A facetação, ou a categorização de termos usados como indicadores de assunto, é uma característica de linguagens classificatórias analítico-sintéticas, como a *Colon Classification*, e também de linguagens de indexação modernas, como o PRECIS.” (SVENONIUS, 1978, p. 470, tradução nossa)⁹⁸. A aplicação do método categórico analítico-sintético ou a categorização constitui a instrumentalização do conceito de informação/comunicação para Ranganathan: a doação e a privação da forma e do sentido no esquema nos revela um ponto de encontro entre o primeiro e o segundo Wittgenstein nos estudos da organização do conhecimento.

Segundo Maculan (2011, p 50):

Ao desenvolver seu sistema facetado, Ranganathan adotou o sinal de dois pontos (:) para inserir uma faceta em outra, permitindo, assim, a inter-relação entre conceitos, o que desfez a abordagem, até então adotada, de sistemas hierárquicos. Essa opção se explica pelo fato de que o autor acreditava que o conhecimento não era estático e, sim, dinâmico, podendo gerar novos assuntos, por meio de: a) laminação; b) reunião livre de termos; c) desnudação; d) dissecação; e) interpolação

⁹⁸ “Faceting, or the categorization of terms used as subject indicators, is a feature of analytic-synthetic classificatory languages, such as the Colon Classification, and also of modern string indexing languages, such as PRECIS.” (SVENONIUS, 1978, p. 470).

O sinal de dois pontos permite a inter-relação entre conceitos e também a extra-relação entre conceitos e humanos, ou entre conceitos e conhecimentos complexos na esfera humana da existência na qual os conceitos existem e se desenvolvem. Os métodos de formação (*informo*) de assuntos são compostos pela laminação, reunião livre de termos, desnudação, dissecação e interpolação. Estes são modos de relacionar as facetas isoladas com o assunto básico para que possam significar algo a partir de sua recuperação.

Segundo Anjos (2008, p. 251):

Categoria se inventa (aspecto pragmático) e se constrói, agrupando elementos sob um determinado ponto de vista. É mais livre, autônoma. É um critério de divisão estabelecido a partir de uma proposta classificatória específica, particular, usado para reunir os grupos conforme as suas semelhanças. Estabelecer categorias (grupos de conceitos) de uma área do conhecimento é ter a visão do todo, é levantar o seu sistema conceitual para, a partir daí, por meio de análise por facetas, proceder a uma ordenação sistemática de conceitos (termos). Quando desenvolvidas de acordo com a natureza dos conceitos são denominadas *facetas*. *Categoria* (não aplicada) ou *faceta* (aplicada) é um nível de análise específico e parcial de um objeto. Aristóteles chamou de *categorias* ou *predicamentos* os 10 gêneros supremos (ideias que se tem das coisas). Ranganathan chamou de *categorias* ou *facetas* fundamentais os cinco aspectos da realidade.

As categorias em Aristóteles são formuladas com base em um critério de divisão que fundamentalmente está de acordo com o princípio da identidade que implica na divisão lógico-hierárquica. As categorias em Ranganathan retratam “O espaço multidimensional [do universo do conhecimento que] deve ser mapeado ao longo de um espaço unidimensional – ou seja, uma linha [ou as estantes]” (RANGANATHAN, 1967, p. 382, tradução nossa)⁹⁹. As categorias em Ranganathan nada significam quando dissociadas de sua relação na fórmula facetada.

“Lembremos que os assuntos pertencem a um universo multidimensional. Eles são encontrados dispostos na medida de suas relações mútuas naquele universo multidimensional.” (RANGANATHAN, 1967, p. 382, tradução nossa)¹⁰⁰. Temos como elemento chave do corpus ranganathiano a natureza transcendental e mutável da realidade e isto também é válido quando apresenta a concepção do universo de assuntos como multidimensional e infinito. Em termos pragmáticos, isto implica que a definição dos objetos de estudo das disciplinas nas facetas e

⁹⁹ “The multi-dimensional space should be mapped along a one-dimensional space – that is, a line.” (RANGANATHAN, 1967, p. 382)

¹⁰⁰ “Let us remember that subjects belong to a multi-dimensional universe. They are found arranged in the measure of their mutual relations in that multi-dimensional universe.” (RANGANATHAN, 1967, p. 382)

categorias é um conhecimento parcial que temos ao classificar documentos, pois estes objetos em si mesmos não podem ser conhecidos em sua totalidade no momento presente, estão na eternidade pela qual não temos acesso direto, apenas pela intuição e, mesmo assim, parcialmente, em um processo místico de ascensão espiritual.

“Na tradição indiana, diz-se que essa realização integral, sem tempo e sem espaço, é alcançada por meio de exercícios espirituais ou *tapas*. Fala de 'sentido transcendental' - *divya indriya*” (RANGANATHAN, 1967, p. 550, tradução nossa)¹⁰¹. A percepção epistêmica pelos leitores e classificadores possibilita analisar um objeto pela “[...] intuição, [na qual] não há mediação dos sentidos.” (RANGANATHAN, 1967, p. 550, tradução nossa)¹⁰² e pelos grupos de conceitos relacionados nas fórmulas de facetas que articulam as categorias fundamentais. A intuição humana na categorização funciona junto com a inteligência promovendo o inquérito dos objetos em um “movimento material de mutação das ‘consciências’ no mundo” (SALDANHA, 2016, p. 54) e também da própria realidade (efeitos epistêmicos - o poder das bibliotecas). A pragmática ranganathiana permite o tratamento da informação multidimensional dos objetos que a dispõe de modo a promover não apenas sua recuperação, mas também de sugerir ao leitor sua relação com os assuntos congêneres dos documentos no universo do conhecimento nas estantes (segundo a semelhança de família wittgensteiniana e não segundo a concepção essencialista aristotélica): “a procura pela ‘revelação’, através da linguagem, das práticas materiais [ou seja, das ações de informação linguísticas] dadas no âmbito transcendental” (SALDANHA, 2016, p. 47-48) e transpostas ao mundo material pelo tratamento da informação a partir do qual se tornam cognoscíveis.

Assim, a *informação* não é nem um conceito mentalista nem apenas relacionado à mente, mas *expressa* uma característica de nosso *modo pragmático de ser*. Aponta para a dimensão de compartilhar tematicamente com os outros diferentes possibilidades práticas e/ou teóricas de revelação de mundo. Quando dizemos: 'nós armazenamos, recuperamos, trocamos informações etc.', agimos como se (!) a informação fosse algo *lá fora*'. Mas somos *nós*, pelo contrário, que estamos *lá fora*, partilhando um mundo *comum* e, portanto, somos capazes de *compartilhar explicitamente* com os outros, num processo de revelação parcial, as condições e limites do nosso *entendimento*. Eu considero o termo *informação* neste *significado existencial* como um conceito básico da ciência da informação. (CAPURRO, 1992, n. p., tradução nossa, grifo nosso)¹⁰³

¹⁰¹ In indian tradition, this integral, timefree, space-free realisation is said to be achieved through spiritual exercise or *tapas*. It speaks of 'transcendental sense' - *divya indriya* (RANGANATHAN, 1967, p. 550)

¹⁰² “[...] intuition, there is no mediation by the senses.” (RANGANATHAN, 1967, p. 550)

¹⁰³ Thus, information is neither a mentalistic nor just a mind-related concept but expresses a characteristic of our pragmatic way of being. It points to the dimension of sharing with others thematically different practical and/or theoretical possibilities of world disclosure. When we say: 'we

A existência da informação não em si mesma, mas exclusivamente no âmbito social-retórico, ou seja, como uma dimensão pragmática do ser no mundo com os outros encontra correspondência com o engajamento do projeto político-pedagógico-emancipatório que fundamenta a filosofia da *Colon Classification*. Esta busca lançar a informação que existe na dimensão pragmática, ou seja, no uso e na interpretação que a reconfigura à luz das epistêmes dos indivíduos e gera efeitos de mutação da realidade social (o acesso ao conhecimento como ato político de resistência pacífica e estratégia política para a independência integral em todos os níveis - econômico-simbólico - da Índia colonizada e subjulgada - desumanizada - pelo domínio inglês.

Segundo Roberts (1969, p. 133, tradução nossa)¹⁰⁴:

A qualidade compreensiva de uma classe principal é uma função direta da personalidade; a determinação da ordem do grupo dentro de uma classe está inflexivelmente relacionada à personalidade; a fórmula solicitação-questão da sequência consistente e as idéias implícitas no conceito personalidade não podem ser divorciadas.

Privada de forma e de existência (ὄν) discursiva separada da dimensão pragmática e social do ser, corrobora à categorização a partir da qual o(s) objeto(s) que recaem sob ela adquire(m) existência e reconfiguração formal em contextos práticos da vida humana. A análise facetada interpretada como um jogo de linguagem em movimento, é, em nosso caso, “[...] o modo pelo qual as ações interativas [das trocas informacionais] ocorrem e onde emergem as significações intersubjetivamente [...]” (GRACIOSO; SALDANHA, 2010, p. 67) nos jogos de linguagem sociais.

Segundo Satija (2002, p. 28, tradução nossa)¹⁰⁵:

store, retrieve, exchange etc. information' we act as if (!) information were something out there'. But it is, on the contrary, we who are there, sharing a common world and therefore able to share explicitly with others, in a process of partial disclosure, the conditions and limits of our understanding. I take the term information in this existential meaning as a basic concept of information science. (CAPURRO, 1992, n. p.)

¹⁰⁴ The comprehending quality of a main class is a direct function of personality; the determination of group order within a class is related inflexibly to personality; the question-begging formula of helpful order and the ideas implicit in the concept personality cannot be divorced. (ROBERTS, 1969, p. 133)

¹⁰⁵ Of all the five categories, Personality is the most concrete and most difficult to recognize. Like human personality it is an elusive something. It imparts a distinct personality to the subject; It bestows an identity upon the subject. Without it a subject may be formless - without a visage. (SATIJA, 2002, p. 28)

De todas as cinco categorias, a Personalidade é a mais concreta e a mais difícil de reconhecer. Como a personalidade humana, é algo indescritível. Concede uma personalidade distinta ao assunto; Ela confere uma identidade ao assunto. Sem ela, um assunto pode ser sem forma - sem um rosto.

Sendo a categoria mais concreta, o seu conceito indica os principais aspectos ou tópicos de assunto identificados em um documento. Este conceito isolado adquire significado quando se relaciona com o PMEST.

A personalidade [P] é difícil de definir, mas a mais fácil de compreender; corresponde ao que chamamos de faceta primária e geralmente inclui Coisas, Tipos de coisas ou Tipos de ação. Encontramos como exemplos Pessoas na Sociologia e Psicologia, Cristianismo na Religião, Eletrônicos na Engenharia e Periódicos na Bibliografia. (FOSKETT, 1982, p. 391, tradução nossa)¹⁰⁶

Esta categoria é de fácil compreensão quando de sua análise sob o enfoque metodológico de categorização de assuntos, o qual desconsidera, para fins pragmáticos de representação temática, toda a “carga” epistêmica transcendente, pois esta última é incompatível de intelecção em sua completude mediante a capacidade do *logos*. É, portanto, uma categoria que evoca o limite epistêmico e as limitações das faculdades intelectivas do homem frente à complexidade e à realidade mutável do universo. De modo objetivo, a personalidade é compreendida como a faceta primária dos assuntos e que revela em suas manifestações documental-empíricas uma ou mais centralidades temáticas conforme enumeradas na *Colon Classification* e abordadas no documento, sem a qual não seria possível raciocinar via *logos* a respeito do processamento técnico do acervo de modo objetivo e eficaz à recuperação da informação.

[...] para Ranganathan o contexto parece influir na identificação da própria natureza do conceito. [...] Essa é uma diferença importante que distancia as categorias de Ranganathan daquelas estudadas por Aristóteles na Filosofia, pois Aristóteles se propõe a estudar as coisas que existem no mundo dentro de uma perspectiva onde a categorização dessas coisas não está atrelada a um contexto que pode determinar sua mudança de natureza. (CAMPOS; CAMPOS, 2014, p. 535)

¹⁰⁶ Personality [P] is hard to define, but easier to understand; it corresponds to what we have called the primary facet, and usually includes Things, Kinds of things or Kinds of action. We find as examples Persons in Sociology and Psychology, Christianity in Religion, Electronics in Engineering, and Periodicals in Bibliography. (FOSKETT, 1982, p. 391)

A “natureza” informe do conceito (aberto) na categorização de Ranganathan é expressa pela definição terminológica do termo (objeto) na classe de assunto, ou seja, pelo contexto da definição e relação entre facetas que se articulam no documento, as quais configuram uma forma aos objetos expressa na representação ou no produto da classificação. A relação entre as facetas constitui uma diferença fundamental com as categorias aristotélicas dadas a partir da hierarquia do ser, pois apesar de ambos os autores proporem a definição terminológica, Ranganathan atrela definição à relação (multiplicidade epistêmica) em um contexto e Aristóteles concebe a definição enquanto a seleção de um sentido invariável, absoluto (independente do contexto) e excludente.

Pragmaticamente, segundo Broughton (2006, p. 53, tradução nossa)¹⁰⁷:

Ranganathan chamou a faceta Personalidade, uma vez que representava a essência da disciplina. Os membros da faceta personalidade são muitas vezes (embora não exclusivamente) entidades de algum tipo ou de outro: plantas, animais, compostos químicos, corpos astronômicos, formações geográficas, religiões, objetos manufaturados e assim por diante. A estes foram adicionados o Espaço e o Tempo que ocorrem comumente para dar a famosa fórmula da faceta de Ranganathan, PMEST.

Os objetos da Personalidade são os “blocos de construção” do conhecimento em §812:

812 Surgimento do Conhecimento

Quando o conhecedor e o conhecido entram em contato, o conhecedor conhece o conhecido, e daí surge o conhecimento. O conhecimento é expresso pela linguagem ou outro meio, e o conhecimento expresso é armazenado na memória. O modo mais simples de conhecer consiste em o conhecedor apreender o conhecido com o auxílio de um dos sentidos primários. Pode-se denominar esta ação de percepção primária. Pouco se conhece a respeito da percepção primária; talvez seja comumente experimentada somente pela criança recém-nascida. Logo após o nascimento, ocorreria a associação dos resultados de duas ou mais percepções primárias simultâneas. Cada percepção nova será, de forma instantânea, espontânea e inexorável, associada com o que já está armazenado na memória. No devido tempo, o modo de conhecer vai além da percepção e da associação, incluindo o raciocínio, o qual, progressivamente, participa mais do processo. O raciocínio emprega uma lógica cada vez mais penetrante e mais poderosa. No devido tempo, podem ser reconhecidas duas classes de conhecidos — um externo à memória do conhecedor e outro interno. Pode-se chamar ao conhecido externo de

¹⁰⁷ Ranganathan called the Personality facet since it represented the essence of the discipline. The members of the personality facet are very often (although not exclusively) entities of some sort or another: plants, animals, chemical compounds, astronomical bodies, geographical formations, religions, manufactured objects, and so on. To these were added the commonly occurring Space and Time to give the famous Ranganathan facet formula, PMEST. (BROUGHTON, 2006, p. 53)

conhecido concreto ou objeto. Ao conhecido interno pode-se chamar de conhecido abstrato ou conceito. O primeiro aumenta o conhecimento concreto, e o segundo, o conhecimento abstrato. Ademais, um conceito que possua um objeto como correlato externo pode ser chamado de conceito concreto; e um conceito que não possua este correlato, de conceito abstrato. Podemos falar de graus crescentes de abstração. Concreto e abstrato são apenas termos relativos; possuem significado somente quando usados juntos, quer explícita quer implicitamente. Podemos imaginar uma escala de abstração ou seu oposto, isto é, uma escala de concretude. O termo ‘entidade’ pode ser usado para denotar tanto um objeto quanto um conceito. (RANGANATHAN, 2009, p. 267)

A personalidade refere-se às ideias (correspondência da ideia-termo-notação), aos múltiplos “sentidos” acionados pelos autores e relacionadas duplamente no universo do conhecimento complexo nas estantes e nos documentos via *colon*. Pode ser compreendida como aquilo que, quando acionado em seus muitos sentidos do conhecimento relacional variante, permite a expansão terminológico-conceitual da tradução epistêmica do conceito - consequência do contato do conhecedor e o conhecido - possibilitada pelos sujeitos nos contextos socioculturais e subjetivos do surgimento do conhecimento dependente dos processos biblioteconômicos de representação e recuperação da informação. Conferem os ângulos possíveis e imprevistos em suas articulações epistêmico-formais de abordagem de uma disciplina, ou seja, são as suas centralidades articuladas no PMEST.

A percepção do conteúdo temático de um artefato informacional é constituída como processo influenciado pela subjetividade, ancestralidade e cultura. Como tal, implica em modos diferentes a cada uso ou “jogo” hermenêutico-retórico de descobertas ou de traduções possíveis - múltiplas e infinitas - quando de uma nova articulação formal-linguístico-epistêmico-facetada dos velhos-novos objetos em movimento no *logos*, ou seja, no surgimento do conhecimento a partir do raciocínio, do discurso, da materialização documental e das faculdades racionais e espirituais - mais ou menos aguçadas em razão da seriedade, comprometimento e disciplina - do homem.

É aquilo que diz respeito às possibilidades do ser e do saber, tanto do que se deseja alcançar como o que é ignorado como fruto desta escolha: é em parte visível via *logos* e em parte invisível, transcendente, a virtualidade epistêmica. Por ser uma entidade documental concebida e vivenciada pela experiência simbólica, implica na conscientização da necessidade de disciplina - uma rotina “ritualística” de estudo - para alcançar a agudeza logológica na captação epistêmico-documental quando da recuperação da informação. Por ser algo informe e possível, permite alcançar algo específico, a materialização dos nossos planejamentos ou

projetos epistêmicos de pesquisa, de carreira e de vida (planejamento e execução das etapas metodológicas do desenho do pré projeto e do projeto de pesquisa). Também diz respeito à tudo que é silenciado ou ignorado quando do fruto de uma escolha desejada no desenho de uma pesquisa e também o aniquilamento dos rastros da não relação das facetas silenciadas no mundo. Este silenciamento pode ser revertido quando da escolha de investigação de um objeto “retirado” das águas paradas abissais e “oxigenados” ou reavivados por sua relação com novas questões ético-epistêmico-ideológicas de uma pesquisa. Neste sentido, a personalidade é potencial, mas nunca “morta”, pois humana, epistêmica e transcendente.

Na *Colon Classification*, no entanto, os Números de Classe prontos não são atribuídos a tópicos. Pode dizer-se que o Esquema na Colon Classification consiste em certos esquemas-unidade padrão. Estes esquemas-unidade padrão correspondem às peças padrão de um aparelho Meccano. Até uma criança sabe que, combinando essas peças padrão de diferentes maneiras, muitos objetos diferentes podem ser construídos. Da mesma forma, combinando as classes nos diferentes esquemas-unidade em permutações e combinações atribuídas, os Números de Classe para todos os tópicos possíveis podem ser construídos. Neste esquema, a função dos dois pontos (:) é como a dos parafusos e porcas em um conjunto Meccano. (RANGANATHAN, 1933, xiii, tradução nossa)¹⁰⁸

A função do dígito dois pontos “:” é a de permitir a fragmentação e a relação facetada dos assuntos. A condição informe dos parafusos, porcas e dos esquemas-unidade, ou seja, os conceitos isolados, possibilitam a construção (*informo*) sintática da forma dos objetos expressos pela categorização PMEST em um contexto temático documental. O uso dos conceitos/categorias via colon (:) confere a possibilidade de representação e recuperação epistêmica dos objetos inseridos no universo do conhecimento lançados à relação com os demais itens nas estantes, relação esta interpretada e indagada à luz de novas questões de pesquisa nos usos.

O método de Ranganathan para conceber seu esquema de classificação - a *Colon Classification* - foi o de partir dos assuntos dos livros para identificar as unidades conceituais neles existentes; estas seriam as peças do quebra-cabeças, ou seja, aquelas unidades que, combinadas de diferentes maneiras, poderiam formar qualquer assunto que se desejasse. A estas unidades ele

¹⁰⁸ In the Colon Classification, however, ready-made Class Numbers are not assigned to topics. The Schedule in the Colon Classification may be said to consist of certain standard unit schedules. These standard unit schedules correspond to the standard pieces in a Meccano apparatus. Even a child knows, that, by combining these standard pieces in different ways, many different objects can be constructed. So also, by combining the classes in the different unit schedules in assigned permutations and combinations, the Class Numbers for all possible topics can be constructed. In this scheme, the function of the Colon (:) is like that of the bolts and nuts in a Meccano set. (RANGANATHAN, 1933, xiii)

chamou de focos e isolados; não se pode afirmar que fossem, ainda, conceitos; ele mesmo chamava de idéias, de perceptos. As unidades poderiam ser conceitos, num momento, mas poderiam ser características destes conceitos, no outro. A organização que ele deu a estas unidades já não tinha a ver com os assuntos dos livros, mas buscava refletir uma realidade empírica. Esta organização representou uma das rupturas com a metodologia vigente para elaborar tabelas de classificação. Para Ranganathan, as idéias de uma área de assunto podem ser vistas como um todo e ser sempre reunidas sob 5 Categorias Fundamentais - ou Facetas - que ele denomina Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo. As Facetas têm sua manifestação nas classes mais gerais dentro de uma área do conhecimento (GOMES, 1996, n. p)

As unidades conceituais informes identificadas nos esquemas-unidade padrão correspondem às “[...] facetas das disciplinas” (GNOLI, 2017a, n. p., tradução nossa)¹⁰⁹, que são as peças do quebra-cabeças cuja combinação resulta na representação do assunto do documento. Os perceptos e os conceitos são parte dos “Estágios pré-ideia” (RANGANATHAN, 1967, p. 80, tradução nossa)¹¹⁰ que influenciam na percepção epistêmica cognitiva humana, o foco (*focus* ou *foci* no plural) é “um termo genérico para denotar qualquer isolado ou qualquer assunto e também o número que representa qualquer um deles; e o nome que denota qualquer um deles” (RANGANATHAN, 1967, p. 88, tradução nossa)¹¹¹ ou, dito de outro modo, é um termo cujo “[...] valor particular tomado por uma faceta em uma declaração de assunto específica [...]” (GNOLI, 2017b, p. 249, tradução nossa)¹¹² é listado no esquema das facetas de assunto.

“Ranganathan sugeriu que todos os conceitos (idéias isoladas) que ocorrem dentro de um assunto básico poderiam ser categorizados em uma das cinco categorias fundamentais.” (RAGHAVAN, 2019, n. p., tradução nossa)¹¹³. Todas as ideias isoladas listadas e categorizáveis nas categorias são expressões terminológicas possíveis de ocorrer nos assuntos de um documento. Os leitores como “participantes de um jogo de linguagem, [são] [...] emissores e receptores [...] [ao] utilizar todas as modalidades da produção de sentido” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1999, p. 23) no contexto dos usos informacionais decorrentes da categorização e recuperação da informação.

¹⁰⁹ “[...] facets of disciplines.” (GNOLI, 2017a, n. p.)

¹¹⁰ “Pre-Idea Stages” (RANGANATHAN, 1967, p. 80)

¹¹¹ “A generic term to denote any isolate or any subject and also the number representing any of them; and the name denoting any of them.” (RANGANATHAN, 1967, p. 88)

¹¹² “[...] particular value taken by a facet in a specific subject statement [...]” (GNOLI, 2017b, p. 249)

¹¹³ “Ranganathan suggested that all concepts (isolate ideas) occurring within a basic subject could be categorized into one of the five Fundamental Categories.” (RAGHAVAN, 2019, n. p.)

Segundo Mills (2004, p. 550, tradução nossa)¹¹⁴:

5.3 *Classificação facetada de um campo de assunto*

Embora, curiosamente, Ranganathan nunca tenha se referido explicitamente ao fato, a característica fundamental de sua *Colon Classification* é que ela divide qualquer assunto de acordo com as regras da divisão lógica. [...]

5.4 Os seis passos fundamentais no projeto são

- Divisão do assunto em facetas amplas (categorias);
- Divisão de cada faceta em subfacetas específicas (geralmente chamadas de renques, seguindo Ranganathan);
- Decidir a ordem de citação entre as facetas e entre os renques;
- Decidir a ordem de arquivamento entre as facetas e entre os renques e a ordem das classes dentro de cada renque;
- Adicionar uma notação;
- Adicionar um índice A/Z

As seis etapas são fundamentais no processo de classificação. A primeira etapa é a divisão do assunto básico (disciplina) em facetas. A divisão das facetas em subfacetas específicas, os renques (*arrays*), são “[...] grupos de termos coordenados, derivados pela aplicação de um mesmo princípio de divisão e *mutuamente exclusivos*.” (BARBOSA, 1972, p. 75), nos quais as subdivisões representam a “[...] intensidade do assunto [...]” (BARBOSA, 1972, p. 75) a ser classificado. A decisão da ordem de citação entre as facetas e entre os renques é enunciada pelo PMEST, a ordem de concretude decrescente. A etapa da ordem de arquivamento é inversa à ordem de citação. A primeira consiste em arquivar o documento iniciando pelo assunto mais geral até o específico, isto facilita o acesso à informação nas estantes porque o leitor inicia sua busca pelas classes (disciplinas) de interesse, e encontra, desse modo, todos os assuntos específicos que são correlatos entre si reunidos nas estantes. As duas últimas etapas permitem ao leitor encontrar documentos que possuem temáticas correlatas, poupando seu tempo. A etapa da notação consiste em identificar os códigos alfanuméricos presentes nas facetas (que são manifestações das categorias), nas classes básicas e canônicas identificadas no documento e reuni-las com base nos métodos de formação de assuntos

¹¹⁴ 5.3 *Faceted classification of a subject field*

Although, curiously enough, Ranganathan never referred explicitly to the fact, the fundamental feature of his *Colon Classification* is that it divides any given subject in accordance with the rules of logical division. [...]

5.4 The six fundamental steps in design are

- Division of the subject into broad facets (categories);
- Division of each facet into specific subfacets (usually called arrays, following Ranganathan);
- Deciding the citation order between facets and between arrays;
- Deciding the filing order between facets and between arrays and the order of classes within each array;
- Adding a notation;
- Adding an A/Z index (MILLS, 2004, p. 550)

preconizados por Ranganathan. A etapa de consulta ao índice serve para identificar a localização de termos isolados autorizados no esquema e sua notação correspondente.

Apresentamos a seguir um mapa conceitual como método de visualização de dados referente à nossa proposta argumentativa desta seção. A respeito do detalhamento do recurso visual do mapa conceitual, Friedman e Smiraglia (2013, p. 28) afirmam que os mesmos são:

Mapas conceituais – ilustrações que mostram a relação entre os conceitos em forma gráfica – são frequentemente usados como uma **ferramenta** para aprender o significado dos conceitos, permitindo que o criador do mapa forneça uma **interpretação** visual **específica**. A organização do conhecimento (KO) não é estranha ao mapa conceitual; tais ilustrações particulares são usadas extensivamente em documentos de conferência no domínio. (FRIEDMAN; SMIRAGLIA, 2013, p. 28, tradução nossa, grifo nosso)¹¹⁵

A utilização do mapa conceitual como uma ferramenta pedagógica permite facilitar o processo de comunicação científica que se compõe de modo integrado e complementar da redação discursiva e da forma gráfica, os quais são utilizados para expressar e defender nossa interpretação categorial de modo a fundamentar a compreensão do conteúdo do texto na forma gráfica.

¹¹⁵ Concept maps – illustrations that show the relationship among concepts in graphic form – are often used as a tool for learning the meaning of concepts by allowing the creator of the map to provide a specific visual interpretation. Knowledge organization (KO) is no stranger to the concept map; such particular illustrations are used extensively in conference papers in the domain. (FRIEDMAN; SMIRAGLIA, 2013, p. 28)

4 RESULTADOS

Nesta seção, os resultados da pesquisa, a partir dos métodos anteriormente apresentados, apresentamos os primeiros dados coletados nas seções secundárias. Em 4.1, apresentamos as passagens isoladas nas quais Wittgenstein fala sobre a fronteira do conceito nos jogos de linguagem para que seja possível nossa análise e discussão da pragmática em Ranganathan. Em 4.2, apresentamos as passagens isoladas nas quais Ranganathan define e aplica as categorias fundamentais, define o método dos resíduos e o conceito nas obras *Prolegomena to Library Classification* (1967), *Philosophy of Library Classification* (2006) e *Colon Classification* (1960). Em 4.3, apresentamos as passagens isoladas nas quais Aristóteles define categorias na obra *Órganon* (1978). Em 4.4, apresentamos os vínculos entre Ranganathan e Aristóteles obtidos na etapa da análise qualitativa dos achados da revisão sistemática da literatura.

Foram estabelecidos dois critérios de seleção para os aforismos ranganathanianos, eles são: a definição e a aplicação das categorias. Justificamos os critérios adotados em conformidade com as variáveis específicas de nossa revisão sistemática da literatura de “definição das categorias” e “aplicação das categorias” na etapa de análise qualitativa dos achados à luz da teoria socioterminológica. Os critérios adotados na Revisão Sistemática da Literatura e no corpo da pesquisa permitem comparar a apropriação social do conhecimento referente às categorias com base nas correntes teóricas utilizadas pelos autores e de que modo influenciam na aplicação e interpretação das categorias. Esta subseção se divide no Quadro 6 – Fronteira do conceito nos jogos de linguagem na obra *Philosophical Investigations* de Wittgenstein (2009); Quadro 7 – Personalidade, Método dos Resíduos e conceito na obra *Prolegomena to Library Classification* de Ranganathan (1967); Quadro 8 – Categorias fundamentais na obra *Philosophy of Library Classification* de Ranganathan (2006); Quadro 9 – Categorias fundamentais na obra *Colon Classification* de Ranganathan (1960); Quadro 10 – As categorias na obra *Órganon* de Aristóteles (1978) e Quadro 11 – Vínculos entre Aristóteles e Ranganathan à luz da teoria socioterminológica.

4.1 A fronteira do conceito nos jogos de linguagem wittgensteinianos e a Personalidade ranganathiana

O Quadro 6, apresentado a seguir, representa o resultado do mapeamento de dados qualitativos obtido por meio da extração de dados referentes à noção de fronteira ou limite do

conceito wittgensteiniano na obra *Philosophical Investigations* de Wittgenstein (2009).

Quadro 6 – Fronteira do conceito nos jogos de linguagem na obra *Philosophical Investigations* de Wittgenstein (2009)

1	“Right; so in your view the concept of number is explained as the logical sum of those individual interrelated concepts: cardinal numbers, rational numbers, real numbers, and so forth; and in the same way, the concept of a game as the logical sum of corresponding sub-concepts.” — This need not be so. For I can give the concept of number rigid boundaries [33] in this way, that is, use the word “number” for a rigidly bounded concept; but I can also use it so that the extension of the concept is not closed by a boundary. And this is how we do use the word “game”. For how is the concept of a game bounded? What still counts as a game, and what no longer does? Can you say where the boundaries are? No. You can draw some, for there aren’t any drawn yet. (But this never bothered you before when you used the word “game”). “But then the use of the word is unregulated a the ‘game’ we play with it is unregulated.” — It is not everywhere bounded by rules; but no more are there any rules for how high one may throw the ball in tennis, or how hard, yet tennis is a game for all that, and has rules too. §68
2	How would we explain to someone what a game is? I think that we’d describe games to him, and we might add to the description: “This and similar things are called ‘games’.” And do we know any more ourselves? Is it just that we can’t tell others exactly what a game is? a But this is not ignorance. We don’t know the boundaries because none have been drawn. To repeat, we can draw a boundary a for a special purpose. Does it take this to make the concept usable? Not at all! Except perhaps for that special purpose. No more than it took the definition: 1 pace = 75 cm to make the measure of length ‘one pace’ usable. And if you want to say “But still, before that it wasn’t an exact measure of length”, then I reply: all right, so it was an inexact one. a Though you still owe me a definition of exactness §69
3	“But if the concept ‘game’ is without boundaries in this way, you don’t really know what you mean by a ‘game’.” — When I give the description “The ground was quite covered with plants”, do you want to say that I don’t know what I’m talking about until I can give a definition of a plant? An explanation of what I meant would be, say, a drawing and the words “The ground looked roughly like this”. Perhaps I even say: “It

	looked exactly like this.” a Then were just these blades of grass and these leaves there, arranged just like this? No, that is not what it means. And I wouldn’t accept any picture as the exact one in <i>this</i> sense. Someone says to me, “Show the children a game.” I teach them gambling with dice, and the other says, “I didn’t mean that sort of game”. In that case, must he have had the exclusion of the game with dice before his mind when he gave me the order? p. 33 n. §70
4	One can say that the concept of a game is a concept with blurred edges. a “But is a blurred concept a concept at all?” a Is a photograph that is not sharp a picture of a person at all? Is it even always an advantage to replace a picture that is not sharp by one that is? Isn’t one that isn’t sharp often just what we need? Frege compares a concept to a region, and says that a region without clear boundaries can’t be called a region at all. This presumably means that we can’t do anything with it. a But is it senseless to say “Stay roughly here”? Imagine that I were standing with someone in a city square and said that. As I say it, I do not bother drawing any boundary, but just make a pointing gesture a as if I were indicating a particular spot. And this is just how one might explain what a game is. One gives examples and intends them to be taken in a particular way. a I do not mean by this expression, however, that he is supposed to see in those examples that common feature which I a for some reason a was unable to formulate, but that he is now to employ those examples in a particular way. Here giving examples is not an indirect way of explaining a in default of a better one. For any general explanation may be misunderstood too. This, after all, is how we play the game. (I mean the language-game with the word “game”.) §71
5	If someone were to draw a sharp boundary, I couldn’t acknowledge it as the one that I too always wanted to draw, or had drawn in my mind. For I didn’t want to draw one at all. It can then be said: his concept is not the same as mine, but akin to it. The affinity is that of two pictures, one of which consists of colour patches with blurred boundaries and the other of patches similarly shaped and distributed but with sharp boundaries. The affinity is just as undeniable as the difference. §76

Fonte: Wittgenstein (2009)

4.2 A categoria Personalidade nas obras *Prolegomena to Library Classification* (1967), *Philosophy of Library Classification* (2006) e *Colon Classification* (1960)

O Quadro 7, apresentado a seguir, representa o resultado do mapeamento de dados qualitativos obtido por meio da extração de dados referente às seguintes noções: (i) a categoria Personalidade na *Colon Classification* de Ranganathan; (ii) o Método dos Resíduos utilizado para a identificação das categorias PMEST na *Colon Classification* de Ranganathan; (iii) o conceito, conforme aceção instrumental no tratamento e recuperação da informação na *Colon Classification* de Ranganathan.

Quadro 7 – Personalidade, Método dos Resíduos e conceito na obra *Prolegomena to Library Classification* de Ranganathan (1967)

1	A categoria fundamental Personalidade apresenta a maior dificuldade. É indescritível. É inefável (RANGANATHAN, 1967, p. 401, tradução nossa)
2	Método dos Resíduos. Se uma certa manifestação é facilmente determinada como não sendo "Tempo", "Espaço", "Energia" ou "Matéria", é tido como uma manifestação da categoria fundamental "Personalidade". Esse é o método dos resíduos. Pois, de acordo com o postulado, existem cinco e apenas cinco categorias fundamentais. Sendo assim, qualquer entidade que não seja uma manifestação de "Tempo", ou "Espaço", ou "Energia", ou "Matéria", deve ser uma manifestação da "Personalidade". A aplicação do método dos resíduos pode não ser fácil em certos casos. Mas a experiência vai levar à criação de uma ação de reflexão no reconhecimento dos Chineses, Indianos, Egípcios, Italianos, Franceses, Alemães e Russos. Isso não equivale dizer que não há nenhuma dificuldade. Ainda existem algumas áreas de dúvida na distinção entre manifestações das categorias fundamentais "Energia", "Matéria" e "Personalidade". Estas áreas difíceis não aparecem muitas vezes. Sendo assim, podemos nos virar, apesar desta dificuldade, por enquanto, e resolvê-las oportunamente, conforme o aumento da experiência. Não podemos desistir da vantagem comprovada da classificação guiada por postulados e princípios, e dizer "Devemos começar a usá-los apenas quando todas as dificuldades sobre eles forem finalmente resolvidas." (RANGANATHAN, 1967, p. 401, tradução nossa)
	13 Concept: The formation, deposited in memory, as a result of the association of percepts - pure as well as compound - already deposited in memory. The line of

	demarcation between a compound percept and a concept is not sharp. The former transitions into the latter. 131 Apperception The assimilation of newly received percepts and newly formed concepts with the concepts already present in the memory. 132 Apperception mass: The concepts already present in memory to which newly received percepts and newly formed concepts are to be assimilated. (RANGANATHAN, 1967, p. 81)

Fonte: Ranganathan (1967)

O Quadro 8, apresentado a seguir, representa o resultado do mapeamento de dados qualitativos obtido por meio da extração de dados referente à noção de categorias fundamentais conforme aceção explicitada na obra *Philosophy of Library Classification* de Ranganathan (2006).

Quadro 8 – Categorias fundamentais na obra *Philosophy of Library Classification* de Ranganathan (2006)

1	252 Fundamental categories We come last to a fundamental point bearing on Facet-Analysis. An examination of the facets of different subjects shows that they can all be related to one or other of five fundamental categories: Time, Space, Energy, Matter and" Personality. Any analysis ultimately strikes root in them. A student of advanced classification will, therefore, be helped if he becomes familiar with their existence in the background and gets his ideas clarified in regard to them. (RANGANATHAN, 2006, p 56)
2	2521 Time Let us begin with time. It is perhaps the most abstract of all the five. The Chronological Facets in the main classes Geography, History, Economics and Sociology and the only Facet of Stratigraphy are instances in which the fundamental category Time figures directly and to represent itself. We shall see later that it may also occur to represent the category Personality. (RANGANATHAN, 2006, p 56)
3	2522 Space Space is perhaps more concrete than Time but not as much as the other categories. This fundamental category figures directly and to represent itself in the following Facets: (1) The Space Facet in Geometry; (2) The Geographical Facets in the main classes Geography, Economics and Sociology; and

	(3) The differential Geographical Facets following the divisions ‘Publications in a geographical area’ of the Bibliographical Facet in Bibliography. We shall see later (Section 25252) that it may also occur to represent the category Personality. (RANGANATHAN, 2006, p 56)
4	2523 Energy The category Energy is much more ubiquitous than any other. There is hardly any class which does not have a Facet to correspond with it. The classes Engineering, Agriculture, Medicine, Animal Husbandary, and Sociology have even two Facets to correspond with it. A Facet in which Energy figures directly and to represent itself is generally called Problem Facet. It is so in Library Science, the several canonical classes of Mathematics, Physics, Geology, Useful Arts and Philosophy, the main classes Chemistry, Technology, Biology, Botany, Zoology, Medicine, Mysticism, Linguistics, Religion, Psychology, Education, Geography, History, Political Science, Sociology and Law. In Sociology, the second Facet corresponding with energy is called Secondary Problem Facet. In other classes the Facet corresponding with energy is called by other names: Bibliographical Facet in the class Bibliography. Work and Secondary Work Facets in Engineering. Farming, Operation, etc. Facets in Agriculture. Handling etc. Facets in Medicine. Veterinary and Handling Facets in Animal Husbandary. Economic Facet in Economics. (RANGANATHAN, 2006, p. 56-57)
5	2S24 Matter We meet with comparatively little of abstraction and a good deal of concreteness in the category Matter. We may recognise different grades of concreteness in describing matter by the terms Matter, Substance and Commodity. In the last mentioned, it is worth recognising two sub-grades; Intermediate Commodity and Ultimate Commodity. All the visible things in our room belong to the category Matter. The ‘Matterness’ is common to all of them; it distinguishes them from Time, Space, and forms of Energy like Heat and Light. In regard to ‘Matterness’ all the visible things are alike and undifferentiable. In this undifferentiated, abstract form Matter figures only in the State of Matter Facet of Physics.

	We can readily distinguish the different things in the room by the substance of which they are made “ say Wood, Iron, the stuff of our own Body, and so on. These are matter differentiated into Substances. They are a more concrete form of matter. Substance Iron for example figures in the window gratings, the paper weight, the iron safe and so on. In regard to ‘Ironness’ these are alike and undifferentiable. In this undifferentiated form of substance, matter figures in most of the divisions of the Substance Facet of Chemistry. The differentiated Commodity form — intermediate and some ultimate ones — figures in the Substance Facet of Technology. The rest of the Ultimate Commodity forms of matter figure in Useful Arts. In the Ultimate Commodity which is the most concrete form of Matter, the ‘individuating particularities’ are so many that it is more appropriate, to group it with the category ‘Personality’, if we can, for want of suitable terminology, force this word to represent not only Human Personality but everything — Human. Animal, Vegetable or Inorganic or other categories like Languages and Religion — which have an individuality and aroma of their own. (RANGANATHAN, 2006, p. 57-58)
6	2525 Personality The fifth fundamental category Personality, which has to be used in a very generalised sense as stated above, is unanalysable. We have to treat it gently and as a whole. It is the most concrete category. 25251 Figuring Directly In the Educand Facet of Education and the Entity Facet of Psychology, the names of the facets use terms suggestive of human personality. In the Group Facet of Sociology, the name of the facet uses a term suggestive of Social Personality. In the Organ Facet of Medicine the name of the Facet uses a term suggestive of the physical aspect of human personality. In the Natural Group Facets of Botany and Zoology and the Crop and Animal Facets of Agriculture and Animal Husbandry, the names of the facets use terms suggestive of the physical aspect of the personality of living organisms, other than man. The Language Facet of Linguistics is concerned with the subtler personality of Language. So it is with the Religion Facet of the main class Religion. In all the above cases, the foci in the facets are enumerated <i>ad hoc</i>.

	We shall now give examples of the foci of personality facets being the same as those enumerated in facets of other categories. (RANGANATHAN, 2006, p. 58)
7	25252 Figuring Through Space In History, the Personality of the national group studied is individualised, not by special or ad hoc numbers, but by Geographical Numbers, with the result that the Facet itself is called Geographical Facet. It must be remembered, however, that the category Space figures in this Facet not to represent itself but to represent one form of the category Personality. We may also say that Personality figures in this facet indirectly through the category Space. It figures in a similar indirect way in most of the divisions of the Community Facet of Law. (RANGANATHAN, 2006, p 59)
8	25253 Figuring Through Space and Time The category Personality needs the joint services of Time and Space to get individualised in certain cases. When the Personality is that of an Institution, a Conference or a Commission, it figures indirectly through the combined categories of Space and Time in the Geographical and Chronological Facets of the common subdivisions h, p and t. The subtler form of Personality called style in Fine Arts similarly figures indirectly in the combination of the Geographical and the Chronological Facets of that subject. (RANGANATHAN, 2006, p. 59)
9	25254 Furthest Reach of Concreteness Lastly we come to the main class Literature. Here the highly evolved, fully differentiated, unique Personality of an author figures indirectly through the combined categories of Personality of another kind. Energy and Time represented in the Language, Form and Chronological Facets respectively. The even subtler Personality of a literary piece needs the services of all these three and to their combination, another Facet called Work Facet with ad hoc foci, has to be added to get it fully expressed. We get the furthest reach of concreteness here. (RANGANATHAN, 2006, p. 59)
10	2526 Order of Arrangement of Categories Several of these five fundamental categories may figure with Facets of their own in many classes. The question of the order in which the facets are best arranged is a delicate one. The Colon and the Decimal Classifications often arrange them in the same order. Occasionally, they differ as in regard to Style in Fine Arts and to Legislature,

	Executive, etc., of different countries. It would be a good exercise for the more ambitious students to list the cases in which they agree and those in which they differ and discover the fundamental principles, if any, which lie behind their respective practices. Such an exercise will give them practice in recognising different degrees of concreteness and abstraction. Though experience thus gained will not be quite necessary for elementary classification, it will be of help in advanced work both as classifier in dealing with multi-phased and many-faceted specific subjects and as classificationist in meeting fundamental difficulties that may be mobilised against him by the new subjects that get created from time to time. (RANGANATHAN, 2006, p. 59-60)

Fonte: Ranganathan (2006)

O Quadro 9, apresentado a seguir, representa o resultado do mapeamento de dados qualitativos obtido por meio da extração de dados referente à noção de categorias fundamentais conforme aceção explicitada na obra *Colon Classification* de Ranganathan (1960).

Quadro 9 – Categorias fundamentais na obra *Colon Classification* de Ranganathan (1960)

1	055 Fundamental Categories 0550 Each facet of any subject as well as each focus in it is regarded as a manifestation os one of five Fundamental Categories (FC). (RANGANATHAN, 1060, 1.25)																		
2	05501 The five fundamental categories are given below in the increasing sequence of concreteness with their respective Connective Symbols (CS) <table><tr><td>Fundamental Category (FC)</td><td>Connecting Symbol (CS)</td><td>Symbol for the Facet</td></tr><tr><td>Time</td><td>` . (Dot)</td><td>[T]</td></tr><tr><td>Space</td><td>. (Dot)</td><td>[S]</td></tr><tr><td>Energy</td><td>: (Colon)</td><td>[E]</td></tr><tr><td>Matter</td><td>; (Semicolon)</td><td>[M]</td></tr><tr><td>Personality</td><td>, (Comma)</td><td>[P]</td></tr></table> (RANGANATHAN, 1060, 1.25)	Fundamental Category (FC)	Connecting Symbol (CS)	Symbol for the Facet	Time	` . (Dot)	[T]	Space	. (Dot)	[S]	Energy	: (Colon)	[E]	Matter	; (Semicolon)	[M]	Personality	, (Comma)	[P]
Fundamental Category (FC)	Connecting Symbol (CS)	Symbol for the Facet																	
Time	` . (Dot)	[T]																	
Space	. (Dot)	[S]																	
Energy	: (Colon)	[E]																	
Matter	; (Semicolon)	[M]																	
Personality	, (Comma)	[P]																	
3	05502 Each (IN) in a (CdCN) should be preceded by its prescribed (CS) unless its omission is indicated by the Facet Formula or by Rule. (RANGANATHAN, 1060,																		

	1.26)
4	05503 Unless an Amplifying Facet precedes it, the first Personality (IN) of any (BC) need not be preceded by a comma. (RANGANATHAN, 1060, 1.26)
5	Examples 015,2D40,3 Sakuntala of Kalidasa. In this, the first [P] (IN) is 15. It is not preceded by a comma. The third [P] (IN) is D40. It is not preceded by a comma as its omission is indicated by the facet formula at the head of chapter O of the Schedules. X62:8.44.N5 Management of banks in India brought upto 1950's. In this, the first [P] (IN) is 62. It is not preceded by a comma. XM,62:8.44.N5 Management of co-operative banks in India brought up to 1950's. In this, M is focus in (SmF). This is an Amplifying Facet. Therefore, the first [P] (IN) 62 is preceded by a comma. (RANGANATHAN, 1060, 1.26)
6	05504 If both (SmF) and (SpF) occur in a Class Number, these two facets should be separated by a comma. Examples LL,9C,185 Children's ophthalmology according to Homoeopathy. Here the second L is the focus in (SmF); 9C is the focus in (SpF); and 185 is the first [P] (IN). (RANGANATHAN, 1060, 1.26)
7	0551 The facet formula of a class which is a Local Description or History of any subject will have [S] and [T] at the end. (RANGANATHAN, 1060, 1.26)
8	05511 This is equivalent to saying that the class number of a Local Description or History will end with [S] and [T] (IN), in other words, with [S] and [T]. (RANGANATHAN, 1060, 1.26)
9	Examples X.44.N5 Economic condition of India brought up to 1950's. X:9.44.N5. Labour in India brought upto 1950's. T2.44.N5 Secondary education in India brought upto 1950's. (RANGANATHAN, 1060, 1.26)
10	0552 It may be emphasized here that when Time or Space is not a manifestation of Time or Space <i>qua</i> Time or Space, but is a manifestation of Energy, Matter or Personality whose number is constructed by Chronological or Geographical Device, the (CS) should be the one appropriate to the fundamental category of which it is a

	manifestation. (RANGANATHAN, 1060, 1.26)
11	0553 [E] usually consists of problem, action, etc. (RANGANATHAN, 1060, 1.26)
12	05531 It is not yet possible to give an exact criterion to recognise the manifestation of Energy as a Facet or a Focus. However, the difficulty is got over provisionally by actual enumeration in the various schedules. What is enumerated will prove sufficient for ordinary library collections. It is hoped that when dufficient experience is gained a more precise definition of the manifestation of Energy will be possible. Generally speaking, Energy manifests itself either as action, inter-action, or mutual action of some kind or as one of the isolates postulated to be energy - such as those donoted by the terms Morphology, Physiology, Disease, Ecology, Phylogeny, Ontogeny, and their equivalents in other class-contexts. (RANGANATHAN, 1060, 1.26-1.27)
13	05532 Generally speaking, [E] (IN)s are characterised by seminal mnemonics (See rule 05861 and also Prolegomena, section 261, for definition of seminal mnemonics). (RANGANATHAN, 1060, 1.27)
14	05533 In Geography what looks like Energy Category - the Geography Facet - is regarded as a manifestation of Personality. (RANGANATHAN, 1060, 1.27)
15	0554 [M] usually consists of materials used for construction, consumption, etc. (RANGANATHAN, 1060, 1.27)
16	05541 Standard schedules of [M] will have to be constructed to meet the needs of diverse subjects. These will be given in version 2. The few given in this volume will be sufficient for classifying books in a general library. (RANGANATHAN, 1060, 1.27)
17	05542 When more experience is gained in documentation and depth classification, it is hoped to provide further Matter Schedules needed for that kind of work. These schedules will be characterized by scheduled mnemonics to a large extent and perhaps also by seminal mnemonics to some extent. (RANGANATHAN, 1060, 1.27)
18	05543 In some subjects ranging from C Physics to M Useful Arts, it will be seen that Matter manifests itself as Personality. (RANGANATHAN, 1060, 1.27)
19	0555 From what has been already stated, the isolate in a [P] may be got by enumeration or by (CD) or by (GD) or may be indicated by terms which look like Energy terms or Matter terms. The same material will have to be taken as manifestation of the (FC) Matter in some class-contexts and as manifestation of the (FC) Personality in others. For example, 'Timber' is [M] in Carpentry but [P] in Forestry. Steel is [M] in Machine

	Building but is [P] in Metalurgy. Reference Book is [P] in Bibliography and [M] in Library Science. (RANGANATHAN, 1060, 1.27)
20	0556 It is not yet possible to give strict criteria in this matter. It is hoped that greater experience in documentation and depth classification will lead to the formulation of strict criteria. (RANGANATHAN, 1060, 1.27)

Fonte: Ranganathan (1960)

4.3 As categorias na obra *Órganon* de Aristóteles (1978)

O Quadro 10, apresentado a seguir, representa o resultado do mapeamento de dados qualitativos obtido por meio da extração de dados referente à noção de categorias fundamentais conforme aceção explicitada na obra *Órganon* de Aristóteles (1978).

Quadro 10 – As categorias na obra *Órganon* de Aristóteles (1978)

1	Quando uma coisa é predicada de outra, tudo o que é predicável do predicado será predicável também do sujeito. Assim, 'homem' é predicado do homem individual; mas 'animal' é predicado de 'homem'; Este será, portanto, predicado do homem individual também: pois o homem individual é tanto 'animal' como 'homem'. (ARISTÓTELES, Categorias, 3, 1b10-15, p. 5, tradução nossa)
2	Expressões que não são de forma alguma combinadas significam substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, estado, ação ou afeto. Para esboçar meu significado aproximadamente, exemplos de substâncias são 'homem' ou 'o cavalo', de quantidade, termos como 'dois côvados de comprimento' ou 'três côvados de comprimento', de qualidade, atributos como 'branco', 'gramatical'. 'Duplo', 'metade', 'maior' se enquadram na categoria de relação; 'No mercado', 'no Liceu', na categoria de lugar; 'Ontem', 'ano passado', na categoria de tempo. 'Mentir', 'sentar', são termos que indicam posição, 'calçado', 'armado', estado; "Lançar", "cauterizar", ação; 'ser lançado', 'ser cauterizado', afeição. (ARISTÓTELES, Categorias, 4, 1b25-2a, p. 5-6, tradução nossa)
3	Substância, no sentido mais verdadeiro, primário e mais definitivo da palavra, é aquilo que não é predicável de um sujeito nem presente em um sujeito; por exemplo, o homem ou cavalo individual. Mas, em um sentido secundário, essas coisas são chamadas de

	substâncias nas quais, como espécie, as substâncias primárias estão incluídas; também aquelas que, como gêneros, incluem as espécies. Por exemplo, o homem individual é incluído na espécie "homem" e o gênero ao qual a espécie pertence é "animal"; estes, portanto - ou seja, a espécie 'homem' e o gênero 'animal' - são denominados substâncias secundárias. (ARISTÓTELES, 1978, 5, 2a15, p. 6, tradução nossa)
4	Fica claro pelo que foi dito que tanto o nome quanto a definição do predicado devem ser predicáveis do sujeito. Por exemplo, "homem" é predicado pelo homem individual. Agora, neste caso, o nome da espécie 'homem' é aplicado ao indivíduo, pois usamos o termo 'homem' na descrição do indivíduo; e a definição de "homem" também será predicada do homem individual, o homem individual é homem e animal. Assim, tanto o nome quanto a definição das espécies são predicáveis do indivíduo. (ARISTÓTELES, 1978, 5, 2a20-25, p. 6, tradução nossa)
5	Das substâncias secundárias, a espécie é mais verdadeiramente substância do que o gênero, estando mais aproximadamente relacionada à substância primária. Pois, se alguém deve prestar contas sobre o que é uma substância primária, prestaria uma conta mais instrutiva e mais adequada ao sujeito, declarando a espécie do que declarando o gênero, pois a descrição anterior é peculiar ao indivíduo em maior grau, enquanto o último é geral demais. Novamente, o homem que presta conta da natureza de uma árvore individual prestará uma conta mais informativa ao mencionar a espécie 'árvore' do que ao gênero 'planta'. (ARISTÓTELES, 1978, 5, 2b10, p. 6, tradução nossa)
6	É, então, com boa razão que de tudo o que resta, quando excluimos as substâncias primárias, concedemos às espécies e os gêneros sozinhos o nome 'substância secundária', pois somente esses predicados transmitem um conhecimento da substância primária. Pois é afirmando a espécie ou o gênero que nós definimos apropriadamente qualquer homem individual; e tornaremos nossa definição mais exata, declarando o primeiro do que declarando o último. Todas as outras coisas que afirmamos, como ele é branco, que ele corre e assim por diante são irrelevantes para a definição. Assim, é justo que apenas essas substâncias, além da substância primária, sejam chamadas substâncias. (ARISTÓTELES, 1978, 5, 2b30-35, p. 7, tradução nossa)
7	É uma característica comum de toda substância que ela nunca esteja presente em um sujeito. Pois a substância primária não está presente em um sujeito nem é predicada de um sujeito; embora, no que diz respeito à substância secundária, fique claro pelos argumentos a seguir (além de outros) que elas não estão presentes em um sujeito. Pois

	'homem' é predicado pelo homem individual, mas não está presente em nenhum sujeito: pois a humanidade não está presente no homem individual. Da mesma forma, 'animal' também é predicado do homem individual, mas não está presente nele. Novamente, quando algo está presente em um sujeito, embora o nome possa muito bem ser aplicado àquele em que está presente, a definição não pode ser aplicada. No entanto, de substâncias secundárias, não apenas o nome, mas também a definição, se aplicam ao sujeito: devemos usar tanto a definição da espécie quanto a do gênero com referência ao homem individual. Assim, a substância não pode estar presente em um sujeito. (ARISTÓTELES, 1978, 5, 3a10-20, p. 7, tradução nossa)
8	Toda substância parece significar aquilo que é individual. No caso da substância primária, isso é indiscutivelmente verdadeiro, pois a coisa é uma unidade. No caso de substâncias secundárias, quando falamos, por exemplo, de "homem" ou "animal", nossa forma de falar dá a impressão de que estamos aqui também indicando o que é individual, mas a impressão não é estritamente verdadeira; pois uma substância secundária não é um indivíduo, mas uma classe com uma certa qualificação; pois não é refinada e única como uma substância primária; as palavras "homem", "animal" são predicáveis de mais de um sujeito. No entanto, espécies e gêneros não indicam apenas qualidade, como o termo "branco"; "Branco" indica qualidade e nada mais, mas espécies e gêneros determinam a qualidade com referência a uma substância: eles significam diferenciação qualitativa da substância. A qualificação determinada cobre um campo maior no caso do gênero que no da espécie: quem usa a palavra 'animal' está aqui usando uma palavra de extensão mais ampla do que aquele que usa a palavra 'homem'. (ARISTÓTELES, 1978, 5, 3b10-20, p. 7-8, tradução nossa)
9	A marca mais distintiva da substância parece ser que, embora permaneça numericamente una e a mesma, é capaz de admitir qualidades contrárias. Entre outras coisas [categorias] além da substância, deveríamos nos encontrar incapazes de apresentar qualquer outra que possuísse essa marca. (ARISTÓTELES, 1978, 5, 4a10, p. 8, tradução nossa)
10	É por uma mudança nelas mesmas que as substâncias admitem qualidades contrárias. É assim que o que é quente se torna frio, pois entrou em um estado diferente. Da mesma forma, o que era branco se torna escuro, e o que era mau, bom, por um processo de mudança; e da mesma maneira em todos os outros casos, é mudando que as substâncias são capazes de admitir qualidades contrárias. (ARISTÓTELES, 1978, 5, 4a30, p. 8,

	tradução nossa)
11	A quantidade é discreta ou contínua. [...] Instâncias de quantidades discretas são o número e o discurso; de contínua, linhas, superfícies, sólidos e, além destes, tempo e lugar. (ARISTÓTELES, 1978, 6, 5b20, p. 9, tradução nossa)
12	O espaço e o tempo também pertencem a essa classe de quantidades [contínuas]. Tempo, passado, presente e futuro formam um todo contínuo. O espaço, da mesma forma, é uma quantidade contínua; pois as partes de um sólido ocupam um certo espaço, e estas têm um limite comum; Daqui resulta que as partes do espaço, que são ocupadas pelas partes do sólido, têm o mesmo limite comum que as partes do sólido. Assim, não apenas o tempo, mas também o espaço, são quantidades contínuas, pois suas partes têm um limite comum. (ARISTÓTELES, 1978, 5 a5-10, p. 9, tradução nossa)
13	Essas coisas são chamadas relativas, que, sendo ou de outra coisa ou relacionado a outra coisa, são explicadas por referência a essa outra coisa. [...] Existem, existem destes, outros relativos, por exemplo, o hábito, a disposição, a percepção, o conhecimento e a atitude. O significado de todos esses é explicado por uma referência a outra coisa e de nenhuma outra maneira. Assim, um hábito é um hábito de alguma coisa, conhecimento é conhecimento de alguma coisa, atitude é a atitude de alguma coisa. (ARISTÓTELES, 1978, 7 6b5, p. 11, tradução nossa)
14	É possível que relativos tenham contrários. Assim, a virtude tem um contrário, vício, esses dois relativos; o conhecimento também tem um contrário, a ignorância. (ARISTÓTELES, 1978, 7 6b15, p. 11, tradução nossa)
15	Por qualidade, quero dizer aquilo em virtude da qual se diz que as pessoas são tais e tais. Os vários tipos de conhecimento e virtude são hábitos, pois o conhecimento, mesmo quando adquirido apenas em um grau moderado, é, concorda-se, permanece em grau moderado, permanece em seu caráter e é difícil de deslocar, a menos que ocorra uma grande agitação mental, por meio de doença ou qualquer outra causa. Qualidade é um termo usado em muitos sentidos. Um tipo de qualidade vamos chamar de "hábito" ou "disposição". O hábito difere da disposição por ser mais duradouro e mais firmemente estabelecido. Os vários tipos de conhecimento e da virtude são hábitos, pois o conhecimento, mesmo quando adquirido apenas em um grau moderado, é, concorda-se, permanece em seu caráter e é difícil de ser deslocado [do espírito], a menos que ocorra uma grande perturbação mental, por meio de doença ou qualquer

	outra causa. As virtudes, também, como justiça, automoderação e assim por diante, não são facilmente desalojadas ou descartadas, de modo a dar lugar ao vício. Por uma disposição, por outro lado, queremos dizer uma condição que é facilmente alterada e rapidamente dá lugar ao seu oposto. Desse modo, calor, frio, doença, saúde e assim por diante, são disposições. (ARISTÓTELES, 1978, 8 8b25-35, p. 13-14, tradução nossa)
16	Ação e paixão admitem contrários e também variação de grau. O aquecimento é o contrário do resfriamento, o ser aquecido o é do ser aquecido, ser agrado o é de ser irritado. Assim, a ação e a paixão também admitem variação de grau: também o ser aquecido em um grau maior ou menor. Assim, a ação e paixão também admitem variação de grau. (ARISTÓTELES, 1978, 9 11b5, p. 16, tradução nossa)

Fonte: Aristotle (1978).

4.4 Vínculos entre Aristóteles e Ranganathan à luz da teoria socioterminológica

O Quadro 11 abaixo representa o resultado da extração de dados e sua síntese analítica entre os vínculos identificados na obra de Aristóteles e na obra de Ranganathan.

Quadro 11 – Vínculos entre Aristóteles e Ranganathan à luz da teoria socioterminológica

Vínculos	Natureza dos vínculos	Intensidade do vínculo	Extração de dados dos vínculos
Influência o pensamento aristotélico; Correspondência categorial; forma de operacionalização categorial	Pragmático	- Forte quanto à correspondência direta nas cinco categorias de Ranganathan (1931) e com a forma de operacionalizá-las; - Forte quanto à influência que recebeu do pensamento aristotélico.	Um subconjunto dessas categorias [de Aristóteles], compreendendo substância, estado, ação, lugar e tempo vão encontrar correspondência direta nas cinco categorias de Ranganathan (1931) e com a forma de operacionalizá-las . Em seus escritos, observa-se que não são citadas muitas fontes, mas, ao expor seu pensamento e eleger suas cinco categorias, que denominou de categorias fundamentais ou categorias essenciais, fica patente a influência que recebeu do pensamento aristotélico . Em que pese o estabelecimento da quantidade de categorias, o próprio Ranganathan menciona que se alguém perguntar o porquê de as categorias fundamentais se apresentarem em número de cinco e não de três ou de seis, admite o fato de ser isto perfeitamente, possível e que qualquer pessoa pode explorar tal possibilidade. (COSTA, 2010. p. 174, grifo nosso)
Vínculos	Natureza dos vínculos	Intensidade do vínculo	Extração de dados dos vínculos
Embasamento categorial para a proposição das facetas fundamentais	Hipotético	Forte quanto ao embasamento hipotético nas categorias fundamentais de Aristóteles para a	O que configura o realismo moderado nas classificações da BCI é a proposta da classificação analítico-sintética de Ranganathan, representada pela Colon

		proposição das facetas fundamentais rangathanianas	Classification (Classificação dos Dois Pontos, em português). Ranganathan a intitula como livremente facetada, e neste ponto do trabalho cabe enunciar que se acredita que Ranganathan tenha se baseado nas categorias fundamentais de Aristóteles para a proposição das facetas fundamentais que usa nesta classificação. (SILVA, 2010, p. 53, grifo nosso)
Interseção categorial	Conceituais	Forte quanto às interseções categoriais	[...] interseções entre as categorias de Aristóteles, com aquelas propostas por Ranganathan. (SILVA, 2010, p. 81-82, grifo nosso)
Influência aristotélica	Epistemológicos	Forte quanto à influência da lógica aristotélica	[...] a influência mais perceptível nos escritos de Ranganathan é a da lógica aristotélica. (SILVA, 2010, p. 88, grifo nosso)
Propósitos distintos dos autores	Pragmáticos	Fraco quanto aos objetivos	Aristóteles propunha [distintamente] uma análise ontológica, voltada aos seres, já Ranganathan debruçou-se nos registros do conhecimento – as chamadas categorias do classificar (SILVA, 2010, p. 89, grifo nosso)
Vínculos	Natureza dos vínculos	Intensidade do vínculo	Extração de dados dos vínculos
Formação acadêmica de corrente aristotélica	Acadêmicos	- Fraco quanto ao respaldo teórico-conceitual-documental; - Forte quanto à competência crítica de apropriação do conhecimento aristotélico nos estudos da classificação clássica e contemporânea, os quais são retomados como referencial teórico - para concordar ou discordar - quando se pretende discutir a aplicação das categorias na <i>Colon Classification</i>	Ranganathan não referencia a Aristóteles explicitamente em suas obras, o que leva a dúvidas sobre a consciência das bases aristotélicas de seus estudos. Dúvida esta pouco consistente, já que Aristóteles é notório na ciência ocidental e, apesar de Ranganathan ter origens orientais, realizou estudos em Londres e obteve formação em áreas influenciadas pelos estudos aristotélicos (como a matemática e a filosofia). (SILVA, 2010, p. 89, grifo nosso)
Citação direta; Citação sem aplicação na formulação da Colon Classification	Evidência científica	- Forte quanto ao conhecimento da filosofia aristotélica; - Fraco quanto aos esclarecimentos teórico-metodológicos a respeito das categorias, característica própria quanto ao estilo de redação científica do corpus rangathaniano	Ranganathan cita Aristóteles nos Prolegomena to Library Classification, contudo o faz de maneira genérica , não aborda as categorias do estagirita e nem menciona o embasamento das categorias fundamentais naquelas propostas por Aristóteles. (SILVA, 2010, p. 89, grifo nosso)
Vínculos	Natureza dos vínculos	Intensidade do vínculo	Extração de dados dos vínculos
Resgate aristotélico nos elementos da Colon Classification	Filosóficos (encontro da Filosofia aristotélica na Filosofia da <i>Colon Classification</i>)	- Forte quanto ao resgate da lógica aristotélica no plano das ideias para a categorização na <i>Colon Classification</i>; - Forte quanto aos cânones da divisão em cadeia e da sequência de filiação	Assim, o plano das ideias de Ranganathan (como mencionado fundamento das categorias deste estudioso), resgata , e muito, os elementos presentes na lógica aristotélica . Além disso, apresenta elementos que possibilitam o reconhecimento cognitivo da

			organização planejada. Vejam-se, por exemplo, os cânones da divisão em cadeias e da sequência de filiação, que apresentam um entendimento claro e confortável da proposta categorial, sem permitir a desorientação por parte de quem a observa. (SILVA, 2010, p. 93, grifo nosso)
Releitura categorial; Instrumentos lógicos de análise	Operacionais	• Forte quanto ao caráter instrumental das categorias; • Fraco quanto às motivações e propósitos	A noção categorial de Ranganathan pode ser vista como uma releitura das categorias aristotélicas . [...] Sabe-se que as categorias propostas pelos estudiosos surgiram por motivações e propósitos distintos – Aristóteles as propôs com relação aos seres e Ranganathan ao universo de registros do conhecimento, mas, ainda assim, sabe-se que ambas as propostas se constituem como instrumentos lógicos de análise . (SILVA, 2010, p. 98, grifo nosso)
Vínculos	Natureza dos vínculos	Intensidade do vínculo	Extração de dados dos vínculos
Derivação categórica; Repetição categorial de Lugar e tempo	Repetição categorial	• Forte quanto à derivação categorial; • Forte quanto à identificação de lugar e tempo; • Forte quanto à equivalência da substância com a Personalidade no sentido lógico; • Fraco quanto à equivalência da Personalidade com a matéria no sentido metafísico	Moss (1964 apud SILVA, 2010, p. 98, grifo nosso) deixa explícita a derivação das categorias aristotélicas nas ranganathanianas e afirma que algumas categorias de Ranganathan são idênticas às de Aristóteles, a saber: as categorias de lugar e tempo comungam do mesmo entendimento em ambos os estudiosos; a categoria ação corresponde à energia; a posição é vista por Moss (1964 apud SILVA, 2010, p. 98) como supérflua, já que é uma duplicação da categoria espaço; e a substância seria, no sentido lógico, equivalente à personalidade de Ranganathan e, no sentido metafísico, equivalente à categoria da matéria.
Vínculos	Natureza dos vínculos	Intensidade do vínculo	Extração de dados dos vínculos
Diferenciação categorial	Terminológico e metodológico	• Fraco quanto à proposta teórico-conceitual-metodológica ranganathaniana de conceituação e método de identificação da Personalidade	O tratamento dado à substância diferencia-se em Aristóteles e Ranganathan , basicamente, sob dois aspectos: a terminologia usada e a proposta para a compreensão dessas categorias que cada um dos estudiosos determinou. Ranganathan, ao considerar as categorias como fundamentais e indefiníveis, se resguardou, sobretudo, de definir o que venha a ser a personalidade. Foi talvez mais além ao propor, para a delimitação desta, o método de resíduos. (SILVA, 2010, p. 100-101, grifo nosso)
Acepção divina categorial	Místicos	• Forte quanto à inclusão de uma realidade divina na compreensão integral do esquema de organização do conhecimento; • Fraco quanto percurso	E mesmo com vários séculos de distância e em regiões geográficas não próximas, assiste-se, em Ranganathan, à acepção quase divina sobre a personalidade , ainda que por um caminho oposto ao de Aristóteles. (SILVA, 2010, p. 101,

		metodológico de redação científica dos autores	grifo nosso)
Vínculos	Natureza dos vínculos	Intensidade do vínculo	Extração de dados dos vínculos
Universo de aplicação categorial	Filosóficos e pragmáticos	• Fraco quanto ao universo de aplicação categorial (seres e registros dos saberes); • Forte quanto à analogia entre o sínolo da substância em seu elemento material e a Personalidade de Ranganathan, pois por ser uma visão direcionada, pode ter vieses argumentativos	Quando Aristóteles propõe o par forma/matéria à substância, acredita-se que este esteja associado à sua base platônica e à sua curiosidade pragmática. Assim, observar-se a matéria ranganathiana como análoga à personalidade de Aristóteles [sic] [Ranganathan] é uma visão bastante direcionada, já que o universo de aplicação proposto é distinto . (SILVA, 2010, p. 101, grifo nosso)
Derivação aristotélica	Evidências científicas	• Forte quanto aos interesses acadêmico-científicos de transformação da estrutura do esquema de classificação da <i>Colon Classification</i>; • Forte quanto a presença do pensamento aristotélico na implementação dessa estrutura, com adaptações próprias.	Acredita-se que Ranganathan, ao propor as categorias fundamentais , teve como principal objetivo dar uma estrutura formal e flexível aos estudos teóricos da classificação que, até então, haviam sido realizados, em especial, com base nos esquemas bibliográficos que o precederam (tais como CDD, CDU, LCC). A derivação aristotélica não pode ser negada, pois o tratado Categorias (apesar das mutilações sofridas pelas traduções que teve) é um dos mais conhecidos de Aristóteles no âmbito dos estudos lógicos. (SILVA, 2010, p. 101-102, grifo nosso)
Vínculos	Natureza dos vínculos	Intensidade do vínculo	Extração de dados dos vínculos
Pensamento congruente	Congruência filosófica na redação científica	• Forte quanto à estrutura PMEST e os fundamentos categóricos de Aristóteles	[...] sobre o que realmente subjaz aos princípios categoriais de Ranganathan, acredita-se que há linhas de pensamento congruentes entre seus escritos e os escritos de Aristóteles. A literatura consultada ratifica essa derivação, sobretudo quanto à estrutura PMEST , a qual, pelo que se viu, retoma os fundamentos das categorias do estagirita [...] (SILVA, 2010, p. 167, grifo nosso)
Vínculos	Natureza dos vínculos	Intensidade do vínculo	Extração de dados dos vínculos
Direção oposta na construção categorial	Conceituais e metodológicos	• Fraco quanto à complexidade no reconhecimento da Personalidade na representação dos conteúdos documentais	Aristóteles é tido por parcela dos estudiosos como o filósofo realista, aquele que compreende o ser na condição de ser que existe, daí a noção de substância como algo primeiro na estruturação ontológica das coisas. Já Ranganathan constrói suas categorias em direção oposta , apesar de se valer das categorias aristotélicas, tudo aquilo que não é, é personalidade, ou seja, apesar de ser constituinte do conteúdo dos registros do conhecimento (recordando que estes são os seres que Ranganathan retrata, não são categorias ontológicas), a personalidade adquire um papel de maior complexidade no reconhecimento destes. O método de resíduos representa a importância e o

			caráter inefável que norteiam o que consiste a personalidade para a BCI. (SILVA, 2010, p. 167, grifo nosso)
Vínculos	Natureza dos vínculos	Intensidade do vínculo	Extração de dados dos vínculos
Distanciamento dos princípios de Ranganathan com a teoria clássica das categorias	Teóricos e interpretativos	• Intermediário quanto aos princípios de Ranganathan relacionados à teoria clássica das categorias; • Fraco quanto à corrente cognitiva contemporânea de proposta classificatória	[Sobre a relação com a abordagem cognitiva contemporânea], Os princípios de Ranganathan , que em tanto coincidem com a teoria clássica de categorias, por vezes demonstram se distanciar dela. Ainda no plano teórico, esses princípios usufruem de uma dinamicidade que não pode ser delineada apenas como uma proposta classificatória rígida, estando além, permitindo uma visão flexível do universo em expansão dos registros do conhecimento. (SILVA, 2010, p. 168-169, grifo nosso)
Embasamento categorial	Pressuposto histórico	• Forte quanto aos indícios de embasamento categorial	[...] foi indicado como pressuposto elucidativo a crença de que na BCI predomina o modelo categorial de Ranganathan e de que há indícios de que este modelo tenha se embasado nos escritos de Aristóteles [...] (SILVA, 2010, p. 175, grifo nosso)
Vínculos	Natureza dos vínculos	Intensidade do vínculo	Extração de dados dos vínculos
Similitude da estrutura PMEST e as categorias de Aristóteles	Comparativos	• Forte quanto à similitude da estrutura PMEST e as categorias de Aristóteles; • Fraco quanto ao propósito de criação das propostas categoriais	Ao se dissertar sobre a derivação dos princípios categoriais de Ranganathan daqueles de Aristóteles, deve-se recordar a similitude percebida entre estes princípios na análise teórica realizada, em especial, quanto à estrutura PMEST e às categorias fundamentais do estagirita . Ainda que o propósito de criação destas propostas categoriais seja distinto, já que Aristóteles trabalhou com os seres e Ranganathan com os registros do conhecimento, a percepção do que constitui a estrutura ranganathiana é visivelmente inspirada nas categorias aristotélicas. (SILVA, 2010, p. 175, grifo nosso)
Associação da Personalidade e substância	Metodológicos e instrumentais	• Forte quanto à associação da Personalidade e substância; • Fraco quanto à metodologia de constituição categorial; • Fraco quanto aos métodos filosóficos usados para a identificação da Personalidade e substância	Quanto à categoria personalidade , observa-se associação com a substância na concepção formativa e na relevância que lhes são dadas, apesar de nos questitos metodológicos assistir-se a uma oposição entre o que cada uma delas constitua. A personalidade é descoberta pelo método de resíduos – tudo o que não é, é personalidade, já a substância segue o caminho inverso: é o ser por si, a priori, a essência. (SILVA, 2010, p. 176, grifo nosso)
Dissociação metodológica	Intepretativos e metodológicos	• Fraco quanto ao método negativo dos resíduos; • Fraco quanto ao método positivo de identificação da substância	[o método de resíduos] [...] é, como exposto por Aranalde (2009 apud SILVA, 2010, p. 101, grifo nosso), um ponto dissociante entre as perspectivas dos dois filósofos, já que Aristóteles vai em direção oposta

Estrutura categorial para a comparação categórica	Ontológicos, filosóficos comparativos e	• Fraco quanto à ambiguidade na identificação categorial rangathaniana; • Fraco quanto à dúvida que se faz presente na comparação entre Personalidade e substância que resgata elementos de ordem metafísica e cunho ontológico; • Fraco quanto aos limites confusos entre matéria e personalidade rangathaniana	No delineamento da personalidade, assiste-se à sua ambiguidade quanto aos limites com relação a outras categorias, sobretudo a matéria e a energia. Não se pode precisar ao certo o que distingue a personalidade da matéria em Ranganathan. Se a personalidade for observada em comparação com a substância aristotélica, essa dúvida se instaura na própria configuração da última, que, como afirmado, é composta por uma matéria de ordem metafísica e por uma forma de cunho ontológico. Acredita-se que tanto a matéria quanto a forma aristotélica reflitam no que seja a personalidade , já que os limites entre esta e a matéria se mostraram confusos tanto teórica quanto empiricamente. (SILVA, 2010, p. 167-168, grifo nosso)
Vínculos	Natureza dos vínculos	Intensidade do vínculo	Extração de dados dos vínculos
Plano ideacional foge ao realismo aristotélico	Filosóficos interpretativos e	• Fraco quanto à proposta metodológica do plano ideacional que foge ao realismo aristotélico; • Fraco quanto à aproximação do plano ideacional de Ranganathan com as noções idealistas de Platão	Aliado a isso, Ranganathan propôs um plano ideacional que foge ao realismo aristotélico , em parte, pois implica que há um nível de existência das coisas que antecede aquilo que forma explicitamente o plano verbal. O plano ideacional mais se aproxima das noções idealistas de Platão do que da verdade ontológica que Aristóteles busca retratar. Com isso, não se afirma um dualismo entre Platão e Aristóteles, uma vez que o estagirita foi discípulo do primeiro, mas sabe-se que os estudos de Aristóteles adquiriram maturidade e desenho próprios que ora se distanciam dos de Platão. (SILVA, 2010, p. 167-168, grifo nosso)
Vínculos	Natureza dos vínculos	Intensidade do vínculo	Extração de dados dos vínculos
Enfraquecimento da derivação categorial no gesto empírico	Empíricos	• Fraco quanto ao gesto categorial dos sujeitos no pré-teste e entrevista semi-estruturada; • Fraco quanto ao embasamento lógico-cognitivo corporificado pela teoria clássica e abordagem cognitiva contemporânea	Com relação ao gesto categorial dos sujeitos, pode-se afirmar que a derivação observada teoricamente entre a estrutura PMEST e as categorias de Aristóteles sofra no gesto empírico um enfraquecimento considerável . [...] Dessa forma, pode-se afirmar que o embasamento lógico-cognitivo representado pela estrutura PMEST não se corporifica somente pelos indícios da teoria clássica, mas também pela abordagem cognitiva contemporânea [...] (SILVA, 2010, p. 168, grifo nosso)
Vínculos	Natureza dos vínculos	Intensidade do vínculo	Extração de dados dos vínculos
Semelhança entre o PMEST e as categorias aristotélicas	Comparativos	• Forte quanto à semelhança das categorias	As cinco categorias, nas quais Ranganathan baseou seu sistema de classificação têm sido representadas pela sigla em inglês PMEST : personality, matter, energy, space e time. Atente-se para a semelhança das categorias aristotélicas: substância, qualidade, quantidade, relação, espaço, tempo, ação, paixão,

			estado e hábito (ANJOS, 2008, p. 15, grifo nosso).
Importância categorial para a estruturação da informação	Pragmáticos	• Forte quanto ao nascimento e apropriação categorial para a estruturação da informação; • Fraco quanto requisitos terminológico-metodológicos necessários aos estudos que buscam investigar a apropriação categorial em filosofias específicas, devido às diferenças conceituais	Para a Ciência da Informação, a noção de categoria, nascida na Filosofia e introduzida na Biblioteconomia por Ranganathan, é de importância fundamental para a estruturação da informação . As doutrinas ou teorias sobre as categorias nos sistemas filosóficos constituem [um] campo que permanece ainda pouco explorado. Além disso, a sua análise vê-se dificultada pelas diferenças de aceção dos termos entre os filósofos. (ANJOS, 2008, p. 18, grifo nosso)
Vínculos	Natureza dos vínculos	Intensidade do vínculo	Extração de dados dos vínculos
Influência categorial	Filosóficos e comparativos	• Forte quanto à influência categorial	A influência da classificação aristotélica dos seres, no âmbito das classificações bibliográficas clássicas, faz-se notar de modo mais incisivo na classificação de Ranganathan que, em seu sistema, incluiu categorias segundo o modelo aristotélico [...] (ANJOS, 2008, p. 96, grifo nosso).
Sentido categórico atrelado às doutrinas e escolas filosóficas específicas	Filosóficos	• Forte quanto ao passado léxico filosófico universal de categoria; • Fraco quanto à influência das escolas filosóficas específicas que formulam as categorias, pois isto significa que os vínculos entre escolas filosóficas distintas será sempre desigual e diferente em maior ou menor grau	O resgate histórico das classificações filosóficas dos saberes e dos seres permitiu constatar que os conceitos de classe e categoria têm passado ao léxico filosófico universal, mas os seus sentidos não podem ser compreendidos a partir de uma interpretação comum dos termos, senão em conexão com doutrinas e escolas filosóficas específicas . (ANJOS, 2008, p. 130, grifo nosso)
Vínculos	Natureza dos vínculos	Intensidade do vínculo	Extração de dados dos vínculos
Aparecimento das aceções categoriais filosóficas na CI	Transdisciplinares	• Forte quanto às aceções categoriais de classe mais geral ou princípio de divisão na Filosofia e na Ciência da Informação	[...] as duas aceções de categoria provenientes da Filosofia (classe mais geral ou princípio de divisão) aparecem igualmente na [Filosofia e na] Ciência da Informação . (ANJOS, 2008, p. 140, grifo nosso).
Coincidência da Filosofia e CI nas categorias	Filosóficos, históricos e interpretativos	• Forte quanto à coincidência da Filosofia e CI na aceção de categoria; • Forte quanto às possibilidades abertas de investigação desta proximidade; • Forte quanto à metodologia de partir dos usos conceituais filosóficos apropriados pela CI para pensar quais correntes filosóficas atravessam as práticas de organização do conhecimento e consequências implícitas	[...] as duas áreas Filosofia (teoria das categorias) e Biblioteconomia (Teoria da Classificação) coincidem na aceção de categoria. Ao constatar essa proximidade , salienta-se que essa proximidade não é assumida , afirmada ou explorada pela Teoria da Classificação, que no entanto, utiliza conceitos oriundos da Filosofia. (ANJOS, 2008, p. 140, grifo nosso).

		das ferramentas de gestão do conhecimento	
Vínculos	Natureza dos vínculos	Intensidade do vínculo	Extração de dados dos vínculos
Formação acadêmica com suporte da lógica aristotélica	Históricos; influências teórico-metodológicas	• Forte quanto às influências da lógica aristotélica nas obras fundacionais de Sayers, professor de Ranganathan; • Forte quanto às evidências no corpus ranganathiano de conhecimento das obras de Sayers e, portanto, do conhecimento ranganathiano a respeito do emprego metodológico da corrente teórica e ideológica aristotélica de base nos sistemas enumerativos; • Fraco quanto ao rompimento radical com a metodologia e ideologia da lógica aristotélica na proposta de revolução na construção de esquemas classificatórios com base na análise por facetas	[História da Classificação dos Dois Pontos] A <i>Colon Classification</i> (CC), ou Classificação dos Dois Pontos, elaborada por Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892-1972) quando retorna à Índia depois do período de estudos com Berwick Sayers, na Inglaterra, estudos fundamentados na Teoria da Classificação , que tinha por suporte a lógica aristotélica , constitui o primeiro sistema de classificação bibliográfica geral embasado no princípio analítico-sintético (esquema facetado ou de análise por facetas), o que significou uma revolução na construção de esquemas classificatórios, tornando-se um marco histórico na Teoria da Classificação. (ANJOS, 2008, p. 196, grifo nosso)
Vínculos	Natureza dos vínculos	Intensidade do vínculo	Extração de dados dos vínculos
Equivalência da Personalidade e substância aristotélica	Filosóficos; epistemológicos; místico-metodológicos	• Forte quanto à equivalência da Personalidade e substância aristotélica; • Fraco quanto à diversidade de escolas filosóficas adotadas por Ranganathan para a fórmula de facetas que permite agrupar itens do conhecimento através das categorias fundamentais	A categoria personalidade é equivalente à substância aristotélica , ou seja, a primeira atribuição do ser. Para Aristóteles o ser se diz em uma pluralidade de sentidos e esses sentidos do ser é que são denominados categorias. Ranganathan recorre à concepção aristotélica e à tradição das antigas escolas Mimansa e Prabhakara para extrair daí a fórmula que permite agrupar itens do conhecimento (categorias fundamentais). (ANJOS, 2008, p. 202-203, grifo nosso)
Categoria é um nível de análise específico e parcial de um objeto segundo uma proposta classificatória específica, ou seja, uma corrente filosófica	Históricos e metodológicos de natureza de ordenação sistemática do objeto-alvo da aplicação categórica	• Forte quanto nível de análise específico e parcial de um objeto e sua descrição; • Forte quanto à compreensão categórica de um critério de divisão a partir de uma proposta classificatória específica, qualquer que seja	Categoria não faz parte de uma construção rígida e consagrada que segue padrões pré-estabelecidos. Ela é aplicada a uma coleção de assuntos isolados. É pragmática e mais operacional; reúne, mas não explica, apenas descreve. É um critério compreensivo ou descritivo das coisas. Designa uma propriedade em estado puro, não-aplicada. Nomeia agrupamentos de termos elaborados de acordo com um ponto de vista. Categoria se inventa (aspecto pragmático) e se constrói, agrupando elementos sob um determinado ponto de vista. É mais livre, autônoma. É um critério de divisão estabelecido a partir de uma proposta classificatória específica , particular, usado para reunir os grupos conforme

			as suas semelhanças. Estabelecer categorias (grupos de conceitos) de uma área do conhecimento é ter a visão do todo, é levantar o seu sistema conceitual para, a partir daí, por meio de análises por facetas proceder a uma ordenação sistemática de conceitos (termos). Quando desenvolvidas de acordo com a natureza dos conceitos são denominadas facetas. Categoria (não-aplicada) ou faceta (aplicada) é um nível de análise específico e parcial de um objeto . Aristóteles chamou de categorias ou predicamentos os 10 gêneros supremos (idéias que se tem das coisas). Ranganathan chamou de categorias ou facetas fundamentais os cinco aspectos da realidade. (ANJOS, 2008, p. 251, grifo nosso)
Vínculos	Natureza dos vínculos	Intensidade do vínculo	Extração de dados dos vínculos
Explicitação categorial	Éticos	- Forte quanto à necessidade ética de transparência quanto aos critérios utilizados para agrupar ou dividir determinados conceitos para avaliar o produto classificatório e a própria construção de um sistema de organização do conhecimento; - Forte quanto à transparência dos critérios utilizados, as categorias, em Aristóteles e Ranganathan; - Forte quanto ao fundamento categorial aristotélico-ranganathiano para a análise crítica do profissional da informação que aplica os conhecimentos aprendidos, os quais fundamentam sua prática profissional	Deve-se acrescentar ainda um ponto positivo, em contraponto à pouca consistência terminológica que está presente em muitos projetos de organização da informação: a do ganho que se tem quando se explicitam os critérios utilizados para agrupar ou dividir determinados conceitos , ou seja, a explicitação das categorias . A explicitação de critérios ressalta a relatividade de qualquer organização da informação, mas, ao mesmo tempo, confere ao usuário condições para entender porque a informação foi organizada de uma maneira e não de outra. Assim como a relatividade do produto da classificação deve ser assumida, esse fato representa um ganho para o usuário, que passa a ter condições para avaliar o produto , isto é, a informação organizada, já que os critérios utilizados lhe foram comunicados. (ANJOS, 2008, p. 259, grifo nosso)
Vínculos	Natureza dos vínculos	Intensidade do vínculo	Extração de dados dos vínculos
Semelhança entre as categorias de Ranganathan e Aristóteles	Vínculo descoberto na revisão de literatura	Forte quanto à semelhança entre as categorias de Ranganathan e Aristóteles	Outros autores destacaram a semelhança (ou uma possível derivação do anterior ao posterior) entre as categorias de Ranganathan e Aristóteles (MOSS, 1964; GLAZIER; GLAZIER, 2003 apud MAZZOCCHI, 2013, p. 768, tradução nossa, grifo nosso)
Conceito de categoria varia na LIS e na Filosofia	Conceituais e filosóficos	Fracamente quanto à diferença entre as categorias atreladas à <i>Library and Information Science</i> e à Filosofia	Não há dúvida de que o conceito de categorias na LIS não é o mesmo que o filosófico . (MAZZOCCHI, 2013, p. 771, tradução nossa, grifo nosso)
Vínculos	Natureza dos vínculos	Intensidade do vínculo	Extração de dados dos vínculos
Elementos conceituais de	Culturais e conceituais	Fracamente quanto às influências culturais	A análise do pensamento de Ranganathan não pode ser

Ranganathan alheios à tradição ocidental.		presentes nos elementos conceituais de Ranganathan alheios à tradição ocidental que enfraquecem este vínculo	restringida dentro dos limites [...] do debate [racionalista-empirista] porque envolve elementos conceituais que são alheios à tradição ocidental . (MAZZOCCHI, 2013, p. 773, tradução nossa, grifo nosso)
Fundamentação rangathaniana com base na superação dos inconvenientes da lógica aristotélica	Históricos metodológicos e	• Fraco quanto à fundamentação da teoria facetada para o processo classificatório com base em diversos tipos de relacionamentos entre os conceitos além do inclusivo (gênero-espécie)	É urgente o reconhecimento de que ambos (classificações e tesouros) constituem linguagens de indexação e que a indexação é fundamentalmente um processo classificatório. É mister, portanto, a partir das intuições de Ranganathan , e procurando fundamentá-las com maior rigor científico, encontrar uma teoria satisfatória do processo classificatório, tendo como pontos básicos as recentes conquistas da Lingüística e da Lógica . [...] a lógica aristotélica — que constituiu até pouco tempo a espinha dorsal das classificações bibliográficas [...] encontrou repercussão bastante decisiva nos organizadores dos velhos sistemas. Cingiram-se, quase sempre, a um tipo de relacionamento entre os conceitos. E como a relação mais acentuada na lógica aristotélica é a de inclusão (gênero-espécie) foi sobre este único tipo de relacionamento que foram elaborados os sistemas tradicionais de classificação bibliográfica. A consequência foi a emergência de sistemas rigorosamente enumerativos com os inconvenientes que todos conhecem. (CAMPOS, 1978, p. 1-2, grifo nosso)
Vínculos	Natureza dos vínculos	Intensidade do vínculo	Extração de dados dos vínculos
Semelhança entre as categorias de Ranganathan e Aristóteles	Históricos e críticos	• Forte quanto à semelhança entre as categorias de Ranganathan e Aristóteles	Recusar validade às categorias de Ranganathan unicamente porque, assemelhando-se às categorias de Aristóteles , teriam sido de antemão criticadas por Bertrand Russel - numa argumentação, aliás, de sabor jornalístico e de escasso conteúdo filosófico - é simplesmente expor-se à zombaria de quem quer que não se sinta disposto a aceitar como dogma todas as afirmativas de um filósofo, mesmo que seja Bertrand Russell. (CAMPOS, 1978, p. 5, grifo nosso)
Comparações entre as categorias aristotélicas com as categorias de Ranganathan	Vínculo descoberto na revisão de literatura	• Forte quanto às evidências científicas na literatura das comparações categoriais	Na literatura de classificação, as comparações das categorias aristotélicas com as categorias de Ranganathan são de longa data . (DOBRESKI, 2021, p. 3, tradução nossa, grifo nosso)
Categorias e as conexões do estudo e a prática dos sistemas de organização do conhecimento	Filosóficos metodológicos e	• Forte quanto às possibilidades gerais de uso das categorias nos sistemas de organização do conhecimento, seja o sistemas de organização do conhecimento	O presente modelo ontológico do estudo é oferecido não como uma solução para as Categorias , mas como uma ilustração das conexões entre a ontologia filosófica e o estudo e a prática dos sistemas de organização do conhecimento .

		ontologia ou outro	(DOBRESKI, 2021, p. 8, tradução nossa, grifo nosso)
Vínculos	Natureza dos vínculos	Intensidade do vínculo	Extração de dados dos vínculos
Debate ontológico/linguístico das Categorias na prática dos sistemas de organização do conhecimento	Filosófico e metodológico	Forte quanto às possibilidades de fundamentação teórica para analisar as práticas dos sistemas de organização do conhecimento	O debate ontológico/linguístico em torno das Categorias , bem como de questões maiores sobre a relação entre linguagem e realidade, também oferecem uma visão mais prática dos sistemas de organização do conhecimento . (DOBRESKI, 2021, p. 8, tradução nossa, grifo nosso)
Caráter instrumental das categorias para descobrir regularidades dos objetos	Filosóficos e pragmáticos	- Forte quanto ao caráter instrumental das categorias em Aristóteles, Ranganathan e Kant; - Forte quanto ao uso das categorias como ferramentas para descobrir certas regularidades dos objetos	Há uma característica implícita também, seguindo o pensamento aristotélico, que se refere ao caráter instrumental das categorias. Efetivamente, as categorias são usadas como ferramentas para descobrir certas regularidades do mundo material, assim, todos os objetos – pelo menos todos aqueles pertencentes ao mundo material – têm certas propriedades. Como resultado, propriedades é uma categoria possível para analisar o mundo material. (BARITÉ, 2000, p. 5, tradução nossa, grifo nosso)
Vínculos	Natureza dos vínculos	Intensidade do vínculo	Extração de dados dos vínculos
Redução do número das categorias	Apropriação da proposta do número das categorias	Fracos quanto ao número proposto das categorias nos autores	Aristóteles tinha originalmente reconhecido dez categorias (substância, qualidade, quantidade, posição, posse, ação, relações e outros). Ranganathan os reduziu a cinco, conhecido com a sigla PMEST: personalidade, matéria, energia, espaço e tempo. (BARITÉ, 2000, p. 9, tradução nossa, grifo nosso)
Valor discutível das estruturas classificatórias aristotélicas nas linguagens documentárias (LDs)	Críticos	Fracos quanto à identificação das estruturas classificatórias aristotélicas nas linguagens documentárias (LDs)	O valor das estruturas classificatórias aristotélicas encontradas nas LDs e em outras ferramentas de informação é discutível . (ARTÊNCIO, 2007, p. 17, grifo nosso)
Vínculos	Natureza dos vínculos	Intensidade do vínculo	Extração de dados dos vínculos
As atividades de classificação e de categorização sempre se remetem às categorias filosóficas	Filosóficos e pragmáticos	Forte quanto à sobrevivência da origem do conceito de categoria na Filosofia que influencia todas as atividades de classificação e de categorização das informações, seja com base explícita nas categorias filosóficas ou não	A questão da categorização se rebete nas atividades de classificação e de categorização das informações e, baseadas ou não nas categorias filosóficas, sempre se remetem a ela . Eis que não é possível falar em categorização na área de CI sem nos reportarmos às origens do conceito de categoria na filosofia. (ARTÊNCIO, 2007, p. 21, grifo nosso)
Identificação da Personalidade substância	Vínculo descoberto na revisão de literatura	Forte quanto às evidências científicas na literatura	Conforme Vickery, citado por Grolier, pode-se identificar a categoria Personalidade à idéia de substância aristotélica. (ARTÊNCIO, 2007, p. 79, grifo nosso)
Inversão na estratégia de Ranganathan	Históricos, filosóficos e metodológicos	Fracos quanto à estratégia invertida de Aristóteles	É importante ressaltar que Ranganathan inverte a estratégia de Aristóteles : enquanto o estagirita

Aristóteles na identificação categorial		Ranganathan; Fraco quanto à contraposição de Ranganathan no método dos resíduos	entendia que as demais categorias são derivadas e fazem referência à categoria da Substância , que é autoevidente , o indiano estabelece a categoria Personalidade como “ indefinível ”. Para o primeiro, como vimos, o que não é por si, ou seja, substância, é não por si, isto é, acidente e, portanto, incluído em alguma das demais categorias, segundo suas notas características. Ranganathan, em contraposição ao filósofo grego, concebe [...] a utilização do método residual [...] (ARANALDE, 2009, p. 103, grifo nosso)
Vínculos	Natureza dos vínculos	Intensidade do vínculo	Extração de dados dos vínculos
Diferenças dos SOCs quantos aos objetivos e finalidades dos autores	Históricos e metodológicos	Fraco quanto às diferenças referentes aos objetivos e finalidades dos autores	Os três sistemas de organização do conhecimento elegem as categorias como elementos imprescindíveis e primordiais. As diferenças dizem respeito principalmente aos objetivos de cada sistema, ou seja, a formulação e o uso das categorias estão condicionados aos objetivos e finalidades de cada concepção intelectual. Entretanto, as categorias são colocadas sempre como princípios básicos que possibilitam identificar, classificar e organizar o conhecimento humano. (ARANALDE, 2009, p. 103, grifo nosso)
Categorias idênticas de espaço e tempo nos autores para avaliação de objetos	Filosóficos e pragmáticos	Forte no resgate às noções de espaço e de tempo para avaliar os objetos segundo suas características básicas que o delimitam e suas relações fundamentais, sem as quais não podemos identificar estes objetos	Ranganathan, por seu turno, resgata as noções de espaço e de tempo para as formas categoriais, pois seu objetivo, assim como o do célebre estagirita, também é avaliar os objetos , segundo as características básicas deles – isto é, o que faz eles serem o que são – e suas relações fundamentais, como estar, permanecer, relacionar-se com outros ou mudar. (ARANALDE, 2009, p. 104, grifo nosso)
Categorias ontológicas para identificação de objetos ou assuntos nos documentos	Filosóficos e pragmáticos	Forte quanto à perspectiva ontológica para identificação dos objetos e assuntos a partir da determinação imprescindível do espaço e do tempo	As categorias de Aristóteles e de Ranganathan são declaradamente ontológicas , [...] A perspectiva ontológica e a abordagem dos diversos aspectos que envolvem o ser exigem as noções de tempo e de espaço como fundamentais tanto para identificar objetos em geral quanto para a identificação dos assuntos que compõem um documento. Nos dois casos, a determinação espaço-temporal é tão comum quanto imprescindível. (ARANALDE, 2009, p. 105, grifo nosso)
Vínculos	Natureza dos vínculos	Intensidade do vínculo	Extração de dados dos vínculos

Produto da aplicação dos princípios primeiros	Filosóficos e pragmáticos	• Forte quanto às propostas de organização do conhecimento com base no uso das categorias; • Forte quanto à criação de novas classes a <i>posteriori</i> reveladas com base na aplicação categórica nos autores	Ranganathan e Aristóteles procuram organizar o conhecimento do mundo partindo da própria realidade, buscando as classes mais gerais nas quais ele pode ser inicialmente classificado. Estas classes dão origem a novas classes que são, necessariamente, a posteriori , pois se revelam como produto da aplicação dos princípios primeiros às entidades analisadas. (ARANALDE, 2009, p. 105, grifo nosso)
Categorias postuladas para orientar o pensamento	Filosóficos , pragmáticos e epistemológicos	• Forte quanto à concepção das categorias como postulados que originam novos conceitos; • Forte quanto à concepção de postulados para orientar o pensamento do filósofo ou do classificacionista/analista de assuntos em confronto com a multiplicidade que se lhe apresenta dos objetos e assuntos do mundo;	As categorias de Aristóteles e de Ranganathan funcionam como postulados que exercem a função de orientar o pensamento em confronto com a multiplicidade que se lhe apresenta, seja de objetos do mundo, como no caso do primeiro, seja de assuntos contidos em documentos, como é o caso do segundo. Portanto, são conceitos de alta generalidade e que originam novos conceitos. (ARANALDE, 2009, p. 105, grifo nosso)
Objetivos distintos de afastamento entre os autores	Filosóficos e interpretativos	• Fraco quanto aos objetivos propostos;	O objetivo primordial [de Ranganathan] [...] é a organização e a classificação do conhecimento registrado. Entretanto, a determinação desse objetivo também o afasta de Aristóteles, que pretende identificar e avaliar os objetos do mundo de maneira geral. (ARANALDE, 2009, p. 105, grifo nosso)
Vínculos	Natureza dos vínculos	Intensidade do vínculo	Extração de dados dos vínculos
Influência filosófica oriental na teoria de Ranganathan; influência das categorias do hinduísmo e do budismo	Filosóficos	• Fraco quanto à influência do pensamento oriental na concepção de conhecimento de Ranganathan; • Fraco quanto à influência das categorias do hinduísmo e do budismo para o desvelamento da realidade	As categorias de Ranganathan se constituem a partir da realidade, da observação e da experiência. Portanto, elas são categorias empíricas. Importante ressaltar que, mesmo relacionadas às categorias filosóficas ocidentais , o mestre indiano sofreu grande influência do pensamento oriental na sua concepção de conhecimento. O próprio hinduísmo e o budismo, filosofias de vida predominantes na Índia, apresentam categorias próprias para o desvelamento da realidade. (ARANALDE, 2009, p. 105, grifo nosso)
Operação das categorias para ordenação da experiência	Filosóficos e epistemológicos	• Forte quanto à operação categórica para ordenação da experiência	Aristóteles e Ranganathan formulam categorias que entram em operação a partir do confronto do pensamento com a experiência , buscando ordená-la [...] (ARANALDE, 2009, p. 106, grifo nosso)

Fonte: Adaptado do corpus documental da revisão sistemática (2022)

5 LEITURA CRÍTICO-FILOLÓGICA DA INFORMAÇÃO A PARTIR DE SUA ACEPÇÃO EPISTÊMICO-IDEOLÓGICA NA NOÇÃO DO INSTRUMENTO CATEGORIAL ARISTOTÉLICO-RANGANATHIANO

Nesta seção tratamos criticamente a respeito dos conjuntos de aforismos selecionados à luz das questões que envolvem nosso objeto. A seguir analisamos as relações possíveis entre o Quadro 6 – Fronteira do conceito nos jogos de linguagem na obra *Philosophical Investigations* de Wittgenstein (2009) da subseção 4.1 A fronteira do conceito nos jogos de linguagem wittgensteinianos e a Personalidade rangathaniana, e os seguintes quadros: Quadro 7 – Personalidade, Método dos Resíduos e conceito na obra *Prolegomena to Library Classification* de Ranganathan (1967) da subseção 4.2 A categoria Personalidade nas obras *Prolegomena to Library Classification* (1967), *Philosophy of Library Classification* (2006) e *Colon Classification* (1960); Quadro 8 – Categorias fundamentais na obra *Philosophy of Library Classification* de Ranganathan (2006); Quadro 9 – Categorias fundamentais na obra *Colon Classification* de Ranganathan (1960); Quadro 10 – As categorias na obra *Órganon* de Aristóteles (1978) da subseção 4.3 As categorias na obra *Órganon* de Aristóteles (1978) e Quadro 11 – Vínculos entre Aristóteles e Ranganathan à luz da teoria socioterminológica.

No que diz respeito às relações entre o Quadro 6, à luz da teoria pragmática wittgensteiniana nos estudos informacionais, e o Quadro 7, à luz da teoria da classificação e da teoria das categorias na Filosofia, Biblioteconomia e Ciência da Informação e da filosofia da informação capurro-meneziana, a intensão e a extensão do conceito (presença da face informe da informação na filosofia da informação rangathaniana) não possui um limite predefinido (*boundary*) em si mesmo ou isoladamente. Isto porque, tanto o conceito aberto e difuso wittgensteiniano, tanto as categorias e a informação, existem apenas para o outro ou no meio social e estão carregados de poder de transformação da realidade coletiva (ética da informação). Isto ocorre porque possibilitam, no movimento do uso linguístico, a partir da recuperação e disseminação da informação, que a natureza dos jogos a partir da variação linguística (mutação dos significados das palavras conforme articulação linguística) seja efetuada nos contextos sociais diversos nos atos de fala e na redação científica documental como um empreendimento construído e comunicado socialmente. A adequação do tratamento da informação frente às demandas sociais - dentre estas, eventualmente, a própria necessidade, descoberta a partir dos estudos de usuários e comunidades ou com outra metodologia possível, da necessidade de participação social neste tratamento considerada como frutífera ao tratamento ótimo em um

contexto particular. Isto porque, conforme argumentação, os conceitos são traduzidos de modos infinitos nos contextos imprevistos do surgimento do conhecimento. Neste sentido, a sociedade pode fornecer ao Bibliotecário novas características dos conceitos que digam respeito, por exemplo, à completude do domínio no qual o conceito se insere, conferindo ao mesmo características referentes à epistême ancestral silenciada e aniquilada em seus sentidos por um sistema de organização do conhecimento.

Idealmente, o tratamento da informação deveria ocorrer com a infabilidade do auxílio de verbas destinadas à educação pelo Estado. Apesar das ideias do cientista serem, de fato e por direito de uma autoria particular, não é possível desvincular a influência exercida pelos ~~que os~~ instrumentos de tratamento da informação e pela cultura - social, ancestral, familiar, todos modos distintos de “jogo”, na percepção do conhecimento variante, ou seja, segundo a diferença e não a identidade. Esta última é uma das facetas do pensamento colonial que se perpetua, espera-se que cada vez menos, no campo da *Library and Information Science* com base na defesa da noção de uma pseudo “neutralidade” técnica da profissão que deve ser direcionada e combatida implacavelmente pelos estudos críticos e decoloniais. Estes últimos podem contribuir no exame das nuances explicitadas e omitidas pela escolha ético-político-ideológica de estruturação (*informo* e *informis*) que direciona a eleição de um modo possível de tratamento da informação nos sistemas de organização do conhecimento que silencia outros, os quais devem ser reportados persistentemente nestes sistemas para verificação empírico-científica de não adequação. Este processo ocorre por meio da aplicação de uma metodologia coerente com a investigação do objeto de estudo em investigação, não definida *a priori*, ou seja, não é possível concebê-la desarticulada de um desenho de pesquisa proposto, e a mesma implica em evidências científicas ou os resultados baseados em evidências que confirmam a não pertinência de um modo outro de estruturação e tratamento da informação em função dos interesses e direitos da sociedade justificada cientificamente. Ranganathan adentrou nas nuances ético-político-epistêmicas implícitas dos sistemas de organização do conhecimento e revolucionou a estruturação e tratamento da informação com base na contribuição explícita da filosofia hindu e de modo implícito da filologia da informação (*informo* e *informis*). É um dever ético o reportar deste percurso metodológico rangathaniano para verificarmos nos contextos reais e emergentes a adequação social dos sistemas de organização do conhecimento existentes para a identificação das contribuições possíveis outras dos estudos culturais, filosóficos, tradicionais, filológicos, computacionais, dentre outros, inclusive as vertentes dos mesmos. Ranganathan optou pelas contribuições da filosofia hindu, mas existem outras vertentes filosóficas ou escolas de pensamento que podem contribuir à avaliação e proposta de modificação da estruturação e do

tratamento da informação destes sistemas, mas, como a avaliação sempre ocorre em contextos específicos, nossa intencionalidade discursiva diz respeito às nuances possíveis que atravessam “a humanidade” servida pela técnica. Estas nuances devem ser reportadas porque podem dizer respeito à violência simbólica na inadequação da representação ou da democracia documentária na implementação ou execução técnica biblioteconômica dos direitos humanos da dignidade e do acesso à informação que deixam rastro no bom juízo, na construção e reconstrução de mundo reformado por sujeitos conscientes e engajados politicamente nas tomadas de decisão tanto na vida pessoal quanto nas profissões.

Deste modo, não é suficiente a avaliação dos sistemas de organização do conhecimento segundo critérios pré-determinados e “metafísicos”, mas o exame ético dos rastros logológicos materiais, benéficos quando da recuperação eficaz segundo a representatividade das múltiplas metaepistêmes ou maléficos quando da identificação de vieses ideológicos e antidemocráticos nas técnicas biblioteconômicas destes sistemas, na sociedade, deve ser contemplado para o repensar a respeito das contribuições dos estudos filosóficos, filológicos (multidisciplinaridade do conhecimento) , críticos, pluriépistêmicos e decoloniais no planejamento de revisão crítica para a “oxigenação” destes critérios.

Os instrumentos de tratamento da informação, dentre os quais as categorias, estão atrelados à necessidade ética de avaliação da adequação teórico-metodológica dos mesmos buscando a representatividade e recuperação ótimas para o suprimento das necessidades e metaepistêmes dos grupos sociais marginalizados.

A cultura, também, influencia na percepção do conhecimento variante ou na percepção do mundo que se mostra como um enquadramento ideológico da educação formal institucional (predominância de determinadas correntes filosóficas em detrimento de outras nos currículos) e das práticas sociais de informação dos sistemas de organização do conhecimento, como um jogo incessante no mundo da vida. Os mesmos implicam no condicionamento de um hábito, de uma rotina do pesquisador em sua formação e atuação profissional. São construídos histórico-epistemicamente por nossos antepassados, em relação às regras consensuais do jogo autorizado dos sistemas de organização do conhecimento, o tratamento da informação *mainstream* ou outro, inaugurado por Ranganathan. Este caminho é ostensivamente trilhado por nossos corpos ainda simbolicamente escravizados pela desigualdade social e cultura que são perpetuadoras da dívida histórica do racismo estrutural velado ou explícito, no engajamento da luta coletiva por direitos, implica que enquanto um for escravizado, não existe paz para ninguém. Do mesmo modo, este caminho também é trilhado por nossas mentes nos jogos de linguagem das práticas informativas, ou seja, por nossas sinapses. Estas naturalizam um modo convencional de

negociação terminológica autorizada a cada uso da informação e que podem edificar, simbolicamente, um muro que é uma consequência antidemocrática da transposição da classificação binária aristotélica dos sistemas enumerativos e da cultura ocidental à classificação pessoal, coletiva e institucional velada, pois inconstitucional, da não abertura epistêmica, da não recepção democrática aos discursos que pretendem organizar, avaliar e discutir a realidade com base em pressupostos teórico-metodológicos outros, alheios à ideologia *mainstream* que pretende eleger uma infraestrutura informacional única e “metafísica”.

A cultura fundamenta o enquadramento do olhar dos sujeitos configurado à luz de uma ou mais correntes filosóficas. É curioso percebermos que até mesmo um pensamento anarquista está carregado de teoria filosófica que gera efeitos nos modos distintos de aceção das metaepistêmes subjetivas outras no contexto do uso da informação.

A cultura exerce influência no enquadramento ou na configuração variante do modo de aceção ou percepção dos objetos no mundo. Tem um quê de próprio do humano particular e subjetivo, um quê de filosofia institucional de sua formação acadêmica, um quê de hábito - benéfico ou maléfico - decorrente do histórico temporal de familiaridade da escolha metodológica do cientista para a análise dos objetos de pesquisa. A percepção dos objetos, ou seja, a condição epistemológica da tradução infinita dos conceitos nos contextos sociais dos usos da informação, ocorre mediante um padrão de pensamento orientado por uma ou mais metodologias, e um algo a mais do que a soma de todas estas nuances. Um algo que não é passível de expressão pela palavra e que interfere na materialidade documental e no mundo (trindade cósmica rangathaniana pragmático-transcendental dos livros). Também exerce influência no método metaepistêmico de cada sujeito informacional (autores e usuários da informação na sociedade). Esse inefável **logológico** expresso parcialmente - os rastros coletados com zelo pela personalidade que “capta” formalmente a “dança” estabelecida na relação entre facetas no desdobramento das faces do *informo* e do *informis* da informação “o” algo a mais das epistêmes e de suas possibilidades de marcha dos saberes pelo mundo. Nos documentos, os rastros do inefável são passíveis de tratamento, recuperação, uso e reuso. Esta evidência em nosso corpus, a saber, o vínculo que se estabelece entre o limite difuso do conceito wittgensteiniano ou a retirada dos limites precisos do conceito encontra correspondência direta na definição e aplicação da Personalidade e da própria noção de conceito rangathaniano no quadro 7. O conceito se forma na memória e se comunica sempre de modo parcial e incompleto linguisticamente, pois contextual, sendo ele mesmo informe, o que configura justamente o fortalecimento da corrente teórica pragmática na *Colon Classification* enquanto herança wittgensteiniana nos estudos de classificação em Ranganathan e, por sua vez, reforça a

autenticidade deste corrente para analisar a categorização rangathaniana.

O papel do *informis* da Personalidade na montagem de ideias isoladas nos conceitos presentes no número de classe coextensivo (por coextensivo, em nosso contexto, compreende-se o assunto complexo do documento pertencente ao universo do conhecimento que adquire uma determinada configuração formal por meio da “teia epistêmico-linguística” explicitada pela relação fundamental colonada entre conceitos isolados e classe básica traduzida para a linguagem artificial da Colon Classification com base na articulação do plano ideal, plano verbal e plano notacional, ou seja, a noção de coextensivo no tratamento da informação são análogas às formas de vida wittgensteinianas) como um jogo de linguagem wittgensteiniano nos provoca a perspectivar o método dos resíduos como um marco teórico que evoca o resgate aos pressupostos da filosofia transcendente Hindu, à filosofia Aristotélica e à corrente pragmática em relação ao limite do conceito nos usos da linguagem que promove a criação planejada no Universo de ideias de múltiplos significados no mundo material/social.

Os conceitos assumem significados contextuais *a posteriori* na montagem do número de classe co-extensivo determinados pela ordem de citação como função da Personalidade, mas guardam a potência negativa para sua recombinação de infinitos modos, em diferentes usos tecidos pela Humanidade, o que leva à noção de fronteiras ofuscadas e de intraduzibilidade das coisas em si separadas dos jogos de linguagem ou usos/ações de informação no mundo e seus desdobramentos. Os conceitos na *Colon Classification* agrupados pela Personalidade desempenham uma pluralidade de significados contextuais engendrados pelo uso. A formação do conceito e sua inter-relação com os perceptos do mundo material indica que estes não podem ser conhecidos em sua verdade, em si.

A relação entre os jogos de linguagem e a aplicação categórica consiste em considerar uma vantagem compreender o limite do conceito nas ações de informação (usos das palavras nos discursos) desvinculadas das notas constitutivas da essência dos saberes no rompimento da *Colon Classification* com os esquemas enumerativos. Este limite permite o rompimento com a noção de essência invariável das verdades *a priori* das coisas, assim como as semelhanças de família dos significados nos jogos significam que são contextuais, ou seja, com propósitos específicos. Esta vantagem na relação rangathan-wittgensteiniana é verificada na arquitetura da *Colon Classification*: a disposição dos elementos constituintes (conceitos) permite a formação dos conceitos no universo do conhecimento (análise em facetas) agrupados em categorias e desta atividade resultam saberes reagrupáveis com outros perceptos, cujos significados potenciais são análogos às semelhanças de família nos jogos. A reconexão das ideias nos conceitos dos assuntos com novos agrupamentos é a dinâmica própria do universo

do conhecimento transcendente, o qual a Personalidade permite trazer ao mundo material suas dinâmicas e efeitos.

No que diz respeito às relações entre os Quadros 6, Quadro 8, Quadro 9 e Quadro 10, é possível estabelecer um diálogo entre Wittgenstein e Ranganathan fundamentado na noção oriunda da filosofia da linguagem de aplicação conceitual (via linguagem ou via categorização, que é um modelo não verdadeiro essencialmente fundamentado no significado invariável das palavras derivado da lógica aristotélica, mas pragmático - que serve ao tratamento e recuperação da informação - a representação temática dos discursos nos documentos) identificada nos aforismos extraídos que dizem respeito à aplicação categorial ou categorização enquanto modelo metaepistêmico de organização do conhecimento. No quadro 8, a análise facetada dos assuntos enquanto manifestação categórica de uma classe principal ou canônica considera a tematicidade de uma classe principal, ou seja, uma disciplina, para que o classificador tenha condições de identificar nesta classe o que se entende comumente por cada manifestação categórica do PMEST. A evidência no corpus que atesta para a convergência da pragmática entre Wittgenstein e Ranganathan é a síntese temática do Quadro 6, que nos revela que o conceito sem limites predeterminados é condição necessária à criação dos significados com base na relação fundamental entre os termos da linguagem que em sua complexão ou associação possibilitam a revelação no mundo material de que evocam não a natureza metafísica da verdade dos objetos do mundo, mas evocam a função pragmático-material das palavras em uso no mundo em configurações formais variantes e seus efeitos sofísticos decorrentes desta aplicação conceitual via linguagem. Esta possibilidade de articulação via *lógos* das palavras ou de vocabulários controlados (articulação via análise facetada no processamento da informação) que proporciona as condições epistêmicas necessárias à modificação da realidade social via linguagem (*informis* da informação) na democracia documentária verifica-se na síntese dos Quadros 7, 8 e 9, os quais nos apresentam não apenas o método dos resíduos para a identificação da personalidade, a enumeração da personalidade nos artifícios cronológicos e geográficos (*chronological device* e *geographical device*), a enumeração e a identificação das facetas PMEST e focos (subdivisões das facetas conforme expresso no quadro 9) nos esquemas-unidade padrão das facetas isoladas nas disciplinas (os quais são os parafusos e as porcas a serem aplicados na fórmula de facetas mencionadas em cada disciplina da *Colon Classification*) que nos legam uma proposta inovadora a respeito da filosofia da informação no processo (categorização) e no produto (construção do número de classe *a posteriori*) da classificação bibliográfica que consiste na expansão da noção da personalidade além do escopo das humanidades conforme explicitado no Quadro 8, ou seja, a personalidade permite designar as

centralidades temáticas do universo do conhecimento ramificado nas disciplinas e, por sua vez, expressa nas facetas para fins pragmáticos de arranjo sistemático os assuntos dos documentos no número de classe construído via categorização na análise facetada. Nos exemplos práticos de aplicação categórica nos quadros 8 e 9, observamos que a categorização (a identificação de cada categoria PMEST) está relacionada diretamente ao contexto da classe que determina a “natureza” de cada manifestação categórica e obedece à formula facetada mencionada em cada disciplina ou classe básica, sendo uma proposta de organização do conhecimento pautada não na enumeração dos números de classe predeterminados conforme divisão dicotômica dos assuntos derivada da teoria da predicação de Aristóteles expressa no Quadro 10, mas sim na ordenação sistemática dos conceitos abertos e difusos derivados de Wittgenstein nos quais não há a escolha do sentido invariável e universal, mas, ao invés, o conceito aberto opera pela significação via relação (:) dos termos-conceitos na qual há a configuração dos sentidos múltiplos e não excludentes entre si (variantes conforme cada uso linguístico - os contextos linguísticos dos atos de fala, da produção bibliográfico-documental e dos usos via recuperação), especificamente, na *Colon Classification*, os conceitos abertos são as enumerações das facetas e dos focos relacionadas entre si a posteriori na categorização, os esquemas-unidade padrão que compõem o *informis* da informação nas disciplinas e que permitem a articulação do *informo* da informação nas fórmulas de facetas.

No que diz respeito às relações específicas entre o Quadro 6 e Quadro 10, a utilidade dos conceitos na Ciência da Informação não é fundamentada segundo o argumento epistemológico positivista presente no primeiro wittgenstein de um valor de verdade semântico *a priori* assegurado pela definição terminológica invariável comunicada linguisticamente (argumento científico historicamente derivado da lógica aristotélica - a definição das substâncias a partir da elucidação do gênero), mas sim pela multiplicidade dos significados dos termos que adquirem no movimento do uso linguístico na pragmática wittgensteiniana-ranganathiana. Esta modificação na concepção de aceção terminológica antimetafísica da pragmática wittgensteiniana configura um marco de implementação de um sistema de significado distinto da semântica clássica formal, em nossa perspectiva de pesquisa (binário vs. múltiplo – vínculos aristotélico-ranganathianos), no contexto do fenômeno dos processos de informação rangenathianos fundamentados numa epistême “imprecisa” ou “difusa” outra que as dominantes da sintática e semântica dos sistemas fechados de transmissão do significado invariável predeterminado nos sistemas enumerativos e até mesmo pertencente ao reino metafísico da independência do sentido – e general arbitrário da escolha do sentido em Aristóteles. O mesmo escolhe/segrega um aspecto fundamental de conceber e representar os

entes em detrimento de outros múltiplos possíveis, a exclusão ou o desterro epistêmico dos dessemelhantes – implicando erroneamente nesta acepção legada de Aristóteles nos sistemas de classificação que a natureza da linguagem está desvinculada da ética da informação no processo histórico de implementação do metaepistemologia da *Colon Classification*. Esta está fundamentada na justiça epistêmica na qual há a oferta dos sentidos múltiplos isolados do real (o tratamento da informação ancorado no universo do conhecimento e na tematicidade dos documentos) como uma inovação e uma oposição radical de ruptura com um sistema de significado epistemicida aristotélico. Este veicula em sua utilização, quando na ausência do exercício permanente de um pensamento reflexivo de inferir que as práticas informacionais, por estarem fortemente vinculadas à ética, deixam rastro de efeitos no real e estes configuram originalmente e continuamente o contexto social macro no qual, dentre outros efeitos, estruturas de poder advindas da colonização são mantidas não devido à uma verdade metafísica da ciência, mas sim de uma proposta outra de representação. Esta possibilita aos cidadãos tanto: (i) adentrar em realidades sociais possíveis ou ocupar espaços e cargos legados às minorias privilegiadas como decorrência dos gestos informacionais de uso, compartilhamento; (ii) recuo epistêmico-reflexivo a respeito das informações, das relações entre as informações e suas implicações ético-democrático-epistêmicas num mundo comum adentrado pelo ser, o qual configura-se socialmente não como algo permanente, mas sim como algo mutável ou informe; (iii) tornar viável uma configuração compreendida, antes, como consequência dos atos de fala e das decisões políticas oriundas das estruturas de poder vigentes - e que podem ser modificadas a partir do exercício da cidadania a partir do acesso à informação; (iv) garantia ética da possibilidade de tomada de decisão mais consciente no âmbito individual, o uso do livre arbítrio para o desenvolvimento intelectual necessário ao cumprimentos das metas de vida de cada um e a consciência da necessidade de *feedback* ao profissional da informação a respeito da facilidade ou da dificuldade identificada por este sujeito nas tentativas de encontrabilidade da informação nos centros de informação físicos e digitais; (v) garantia ética da possibilidade de tomada de decisão mais consciente no âmbito coletivo, o uso das informações para o desenvolvimento de políticas públicas em todos os setores da sociedade para o fortalecimento da cidadania; (vi) compreender via reflexão que a possibilidade de utilização da informação permite a representatividade das metaepistêmes cidadãs e a preservação da memória ancestral.

A instrumentalização de um esquema de classificação cuja corrente teórica de fundamentação concebe uma liberdade genuína de representar cada documento segundo a diferença, a alteridade, significa uma renovação político-epistêmica da necessidade ética de uma escuta atenta do Bibliotecário, um maior cuidado e sutileza para com o reconhecimento do

sagrado, do transcendente. Este fornece aos homens o contato com a energia criadora de realidades múltiplas - dentre as quais as epistêmicas - presente nos artefatos informacionais e em tudo que existe. Neste último caso, a energia não é uma entidade metafísica que atua na matéria, ou seja, nos seres, energizando-a por vontade própria, mas, ao invés, é preciso o uso do livre arbítrio do homem para a busca da iluminação pessoal e coletiva, em um processo espiritual de ascensão, a partir das tentativas de contato esta energia presente nos artefatos informacionais e na natureza como um todo, o “organismo” em crescimento fundamentalmente vivo materialmente em cada um de nós. Deste modo, o conhecimento relacional demanda uma representação, também, de cunho relacional, pois os modelos aristotélicos de representação nada ofertam à sociedade que não a exclusão e o aprisionamento epistêmico-ontológico-ideológico do ser e do saber.

Esta instrumentalização demanda o ouvir do Bibliotecário da epistême documental própria - diferente - outra e o pensar de que modo a formação do conhecimento no mesmo deixa rastros materiais. Estes são as consequências, os impactos sociais do *logos* no suporte documental. Estes rastros, por estarem além da semântica formal, não podem ser indagados a partir do pressuposto epistemológico arcaico da “chave de leitura” dos conceitos fechados aristotélicos, mas, antes, demandam um modelo de representação que conceba “o real” como, de fato, apenas uma proposta de modelo possível associado à reflexão ética que culmina na consciência crítica da necessidade de fazer uso do poder do esquema de classificação - e portanto, também, do livro e da biblioteca - para que a prática profissional bibliotecária possa estar em movimento - social e crítico - junto com o avanço da sociedade. Afinal, todos os esquemas operam por atores sociais: ambos estão no tempo e, por isto, possuem plenas condições de desenvolvimento, de aperfeiçoamento, “nós podemos tudo, nós podemos mais/vamos lá fazer o que será”.

Os efeitos sociais dos cruzamentos que o movimento da linguagem “encena” requerem olhos para conceber intelectualmente, captar instrumentalmente ou representar e para que seja possível recuperar propriamente. É o classificador o especialista que executa e implementa um instrumento que promova à realidade construída linguisticamente as condições possíveis para pôr em movimento as palavras e que esta epistême contada pelo livro possa ser vivenciada e atuada não mais apenas pelos dominantes e suas intenções ocultas, mas também pelo povo e sua reivindicação de existir, ou seja, de se ter local para desdobrar-se na sucessão do tempo e na implementação de uma continuidade do pensamento e da realidade plástica ou mutável numa mescla difusa de uma multiplicidade mutável tanto da epistême e sua construção quanto pelo próprio homem – de mudança de natureza, a perda de ser somente si para tornar-se a partir da

vivência de cruzamento também um pouco do outro, de vivenciar os rastros epistêmicos dos documentos na modificação de quem somos em direção ao que desejamos tornar-nos – aonde queremos ir e quem desejamos tornar-nos (a materialização dos sonhos a partir da labuta de cada dia) – nuances éticas, políticas, filosóficas do conceito de informação conforme modelo facetado de processamento da informação que implementa o aprendizado continuado para fins de especialização ou de mera curiosidade epistêmica – a biblioteca e o seu papel na educação social – que depende diretamente, para a utilização social-epistêmica das múltiplas epistêmes, da recuperação da informação.

No que diz respeito às relações específicas entre o Quadro 6 e Quadro 9, os fenômenos informacionais do conceito de informação nos jogos de linguagem da *Colon Classification* são movimentos do jogo – a categorização e o uso social da informação: por uso social da informação, compreendemos a aplicação ou a instrumentalização do conceito clássico de informação voltados para cumprimento de objetivos desejados dos cidadãos. O método facetado está fundamentado na teoria do não conceito, na qual não há um limite do conceito separado de seus rastros decorrentes de sua aplicação linguística na sociedade a partir da representação temática que depende dos contextos para a identificação de cada categoria (as categorias são, nesse sentido, conceitos abertos wittgensteinianos conforme o Quadro 6), pois são estes que determinam a resolução da personificação categórica - *impersonation*, como exemplo, a categoria matéria pode manifestar-se como a personalidade, conforme explicitado no Quadro 9. Isto é uma evidência da face formal e informal da informação na filosofia da informação em Ranganathan, que tanto apresenta uma configuração formal dos objetos como também promove o tornar-se de uma nova configuração formal (um rosto, uma performance) dos mesmos (na superação da separação entre objeto e sujeito na hermenêutica da informação) como rastro da interação dos cruzamentos - os contextos sociais dos usos na marcha dos saberes. Reconhece e honra a luz, a vida e a existência dos objetos informacionais/documentais continuados – da vida do tornar-se; da luz da mãe na trindade cósmica que aperfeiçoa a natureza imperfeita; e da existência no mundo dos homens da resistência de luta pela sobrevivência da memória e das epistêmes múltiplas vivenciadas no decurso do tempo por meio do exercício da cidadania na recuperação da informação.

No que diz respeito às relações específicas entre o Quadro 6, Quadro 7, Quadro 8, Quadro 9 e Quadro 10, o limite difuso dos conceitos wittgensteinianos supera a semiótica formal de Frege devido à intencionalidade pragmática do conceito de informação nos processos de tratamento temático da informação na *Colon Classification* a partir das aplicações da Personalidade (categorização). A apropriação na categorização rangathaniana à questão do

limite do conceito nos jogos de linguagem wittgensteinianos consiste na proposta do modelo facetado pautado não na listagem exhaustiva de termos combinados, mas da listagem de conceitos abertos e difusos, os quais são desdobramentos possíveis para a representação não mais das essências aristotélicas presentes nas definições epistemicidas dos gêneros, mas, ao invés, da listagem informe (*informis* da informação) que preenche de conteúdo temático as novas configurações possíveis ou a transformação do sentido dos objetos nos rastros possíveis nos documentos (estes últimos são as novas formas dos objetos) nos contextos de produção e uso da informação que evocam intencionalidades pragmáticas do conceito de informação numa epistemologia social dos sentidos atrelados às ações de informação que dependem de um esquema de classificação adequado ao processamento da informação como atividade da metaepistême do conhecimento complexo - um ouvir e um representar segundo a narrativa performática contada ou encenada pelo próprio documento nas relações facetadas.

Ainda a respeito das relações entre os quadros mencionados, partindo das mesmas em direção ao exercício reflexivo a respeito de nosso objeto, apresentamos uma interpretação, com as devidas ressalvas da proposta epistemológica outra, uma aproximação rangathaniana com um aspecto da filosofia grega presente no *mysterion* do *mythos* no universo do conhecimento transcendente (e na personalidade) a partir da a “carga” epistêmica transcendente da Personalidade ininteligível. A tentativa de expressão do *mythos* via *lógos*, ou seja, uma mensagem transcendente transmitida oralmente via *lógos* em uma comunicação vertical e horizontal entre os homens de cunho simbólico que mantém no conteúdo das mensagens o *mysterion*) está presente no universo do conhecimento artificialmente dividido nas facetas que o configuram - as quais expressam via *lógos* algo de *mysterion* nos contextos temáticos dos assuntos nos documentos expressos na fórmula de facetas das disciplinas conforme a síntese do Quadro 7, Quadro 8 e Quadro 9. A Personalidade e o universo do conhecimento existem apenas para o outro, ou seja, a sua realidade não é natural, universal, metafísica e invariável, como em Aristóteles no Quadro 10, mas fundamentalmente social e linguística. Logo, o universo do conhecimento transcendente adquire expressão e existência no meio social via *lógos*, e nada além do que pode ser dito (*lógos*) existe materialmente nos documentos ou nos discursos, ou seja, tanto na categorização dos assuntos quanto nos efeitos sofísticos do dizer - a transformação da realidade humana.

Busca-se solucionar o problema da inefabilidade presente no universo do conhecimento em Ranganathan a partir da artificialidade instrumental da divisão do mesmo nas facetas que o configuram para que seja possível expressar via *lógos* uma realidade transcendente e documental da qual não há palavra ou discurso que possa remeter “em si mesmo” separado das

relações que se apresentam entre as facetas nos documentos (superação da lógica aristotélica pautada na relação do signo, significado e referente que apresenta de modo inequívoco a decisão do sentido a respeito de algo que se deseja comunicar a outrem no Quadro 10).

A listagem fragmentada (informe) dos esquemas-unidade busca refletir a dinâmica epistêmica da complexidade do universo do conhecimento antes de sua empiria ou de sua impressão ao modo de sua configuração nos assuntos dos documentos (resultante da combinação ou da relação entre as unidades - que são multiplicidades não excludentes - categóricas nas facetas). O método rangathaniano de categorização identificado no Quadro 7, Quadro 8 e Quadro 9 que abarca o método dos resíduos para a aplicação da categoria personalidade é uma proposta de inovação e revolução do modo padrão de elaboração das tabelas de classificação enumerativas baseadas na lógica aristotélica (a seleção de uma e apenas uma característica de divisão) que consiste na possibilidade de enumeração e articulação de facetas (potencialmente infinitas) múltiplas, não excludentes, ou seja, Ranganathan concebe não um sentido para a representação temática, mas diversos sentidos em sua relação conforme identificado pelo classificador no documento.

No que diz respeito às relações específicas entre o Quadro 6, Quadro 7, Quadro 8, Quadro 9, Quadro 10 e Quadro 11, identificamos uma discrepância a respeito da interpretação das categorias em sua definição conceitual presente no corpus documental ou conceitual dos quadros 7 a 10 e no levantamento bibliográfico e conceitual da produção bibliográfica a respeito das categorias na Ciência da Informação na revisão sistemática da literatura utilizada para compor o referencial teórico de nossa pesquisa: o vínculo forte quanto à correspondência direta nas cinco categorias de Ranganathan (1931) e com a forma de operacionalizá-las em Costa (2010, p. 174); o vínculo forte quanto ao embasamento nas categorias fundamentais de Aristóteles para a proposição das facetas fundamentais (SILVA, 2010, p. 53); o vínculo forte quanto às interseções categoriais aristotélico-ranganathanianas (SILVA, 2010, p. 81-82); o vínculo forte quanto à influência da lógica aristotélica em Ranganathan (SILVA, 2010, p. 88); o vínculo forte quanto ao resgate da lógica aristotélica no plano das ideias para a categorização (SILVA, 2010, p. 93); o vínculo forte quanto aos cânones da divisão em cadeia e da sequência de filiação (SILVA, 2010, p. 93); o vínculo forte quanto à releitura rangathaniana das categorias aristotélicas (SILVA, 2010, p. 98); o vínculo forte quanto à derivação das categorias aristotélicas nas rangathanianas (MOSS, 1964 apud SILVA, 2010, p. 98); o vínculo forte quanto à identificação de lugar e tempo (SILVA, 2010, p. 98); o vínculo forte quanto à equivalência da substância com a Personalidade no sentido lógico (SILVA, 2010, p. 98); o vínculo forte quanto à derivação aristotélica nas categorias fundamentais de Ranganathan (SILVA, 2010, p.

101-102); o vínculo forte quanto à presença dos fundamentos das categorias do estagirita na estrutura PMEST (SILVA, 2010, p. 167); o vínculo forte quanto aos princípios de Ranganathan que coincidem parcialmente com a teoria clássica de categorias (SILVA, 2010, p. 168-169); o vínculo forte quanto aos indícios de embasamento categorial de Aristóteles em Ranganathan (SILVA, 2010, p. 175); o vínculo forte quanto à similitude entre os princípios de derivação dos princípios categoriais de Ranganathan daqueles de Aristóteles (SILVA, 2010, p. 175); o vínculo forte quanto à associação da Personalidade com a substância (SILVA, 2010, p. 176); o vínculo forte quanto à reflexão do que seja a personalidade a partir da matéria e da forma aristotélica (SILVA, 2010, p. 167-168); o vínculo forte quanto ao embasamento lógico-cognitivo das categorias rangathaniana pela teoria clássica aristotélica (SILVA, 2010, p. 168); o vínculo forte quanto à semelhança do PMEST com as categorias aristotélicas substância, qualidade, quantidade, relação, espaço, tempo, ação, paixão, estado e hábito (ANJOS, 2008, p. 15); o vínculo forte quanto às categorias rangathanianas seguindo o modelo aristotélico [...] (ANJOS, 2008, p. 96); o vínculo forte quanto à equivalência da personalidade à substância aristotélica (ANJOS, 2008, p. 202-203); o vínculo forte quanto à semelhança entre as categorias de Ranganathan e Aristóteles (GLAZIER; GLAZIER, 2003 apud MAZZOCCHI, 2013, p. 768, tradução nossa); o vínculo forte quanto à semelhança entre as categorias de Ranganathan e Aristóteles (CAMPOS, 1978, p. 5); o vínculo forte quanto às evidências científicas na literatura das comparações categoriais (DOBRESKI, 2021, p. 3); o vínculo forte quanto à alusão nas atividades de classificação e de categorização às categorias filosóficas (ARTÊNCIO, 2007, p. 21) e o vínculo forte quanto à identificação da Personalidade à idéia de substância aristotélica segundo Vickery citado por Grolier (ARTÊNCIO, 2007, p. 79) não corresponde com as evidências das sínteses do Quadro 7, Quadro 8, Quadro 9, Quadro 10 referentes à necessidade de considerar os contextos temáticos dos documentos e a aplicação do método dos resíduos para a identificação da categoria personalidade (método este fundamentalmente oposto à filosofia aristotélica pautada na seleção - positiva - de um e apenas um sentido elegido como essencial e fundamental) como condição de aplicação categorial, ou seja, a negação de um sentido autônomo categorial por si ou uma “natureza autônoma” categorial descontextualizada de um contexto específico identificado no assunto do documento. Isto é uma evidência em nosso corpus documental a respeito da ruptura da categorização rangathaniana em relação ao pressuposto metafísico da verdade dos entes e de sua definição universal e natural (*physis*) na teoria da predicação aristotélica identificada no quadro 10 à luz, em nossa pesquisa a partir de nossos objetivos e questões, da teoria pragmática wittgensteiniana.

Consideramos importante lembrarmos ao leitor a respeito de nossa opção metodológica na escolha da teoria pragmática da informação wittgensteiniana para tratar a respeito dos vínculos categoriais aristotélico-ranganathianos na categorização: nenhuma autoria de nossa revisão utilizou esta teoria. Isto implica que: (i) a verdade a respeito dos vínculos não é de validade universal descontextualizada da corrente teórica adotada por opção do pesquisador, a qual é justificada com base na coerência de articulação do objeto com o campo e fundamentação metodológica a respeito das contribuições teóricas que fundamentam e orientam a prática biblioteconômico-informacional do processamento técnico da informação; (ii) a socioterminologia é um método que permite considerar os contextos sociais das variações terminológicas atreladas aos contextos sociais dos produtores do discurso - contextos estes que abarcam as teorias de fundamentação, sendo o mesmo um método frutífero à investigação de nosso objeto (os vínculos categoriais) justamente devido à esta característica do método. Deste modo, nossa análise do diálogo entre a revisão sistemática da literatura e a produção bibliográfica a respeito das categorias está pautada nos alicerces da pragmática da informação wittgensteiniana que dizem respeito à noção de não verdade das coisas e das categorias quando desconectadas dos usos linguísticos, posto que parte-se fundamentalmente da concepção epistêmica da antimetafísica que rompe com a lógica aristotélica. Dito de outro modo, à luz desta teoria, é verdadeiro afirmar que há uma ruptura conceitual das categorias aristotélico-ranganathianas, do mesmo modo que são verdadeiras as afirmações nos achados dos autores da revisão sistemática da literatura que nos legam vínculos fortes mencionados no parágrafo anterior, pois estes autores encontram respaldo em teorias clássicas da organização do conhecimento apresentadas no Quadro de apresentação das teorias empregadas pelos autores da revisão sistemática da literatura no Apêndice N – Metassíntese qualitativa dos achados.

Busca-se, a seguir, explicar os resultados retomando os métodos. O **Quadro 6** – Fronteira do conceito nos jogos de linguagem na obra *Philosophical Investigations* de Wittgenstein (2009) desempenha um papel fundamental quando da investigação do conceito de categoria no **Quadro 7** – Personalidade, Método dos Resíduos e conceito na obra *Prolegomena to Library Classification* de Ranganathan (1967), **Quadro 8** – Categorias fundamentais na obra *Philosophy of Library Classification* de Ranganathan (2006), **Quadro 9** – Categorias fundamentais na obra *Colon Classification* de Ranganathan (1960), **Quadro 10** – As categorias na obra *Órganon* de Aristóteles (1978) a partir de sua relação com o conceito informação enquanto *informis* e *informo* levando em consideração os vínculos categoriais aristotélico-ranganathianos descobertos na aplicação dos métodos de coleta e análise dos dados

(respectivamente, revisão sistemática da literatura e socioterminologia) sumarizados no **Quadro 11** – Vínculos entre Aristóteles e Ranganathan à luz da teoria socioterminológica. Os métodos socioterminológico e a revisão sistemática da literatura permitem: (i) realizar averiguações empírico-discursivas a respeito do estado da arte dos vínculos categoriais; (ii) apresentar os vínculos categoriais descobertos no *corpus* da revisão sistemática da literatura no **Quadro 11** – Vínculos entre Aristóteles e Ranganathan à luz da teoria socioterminológica; (iii) partir destas averiguações identificadas no *corpus* como evidência documental que cofirmou a relação entre as categorias e o conceito de informação; (iv) contribuir epistêmico-discursivamente ao campo da Ciência da Informação com o aprofundamento desta relação e quais as consequências ético-político-epistêmicas envolvidas na categorização na presente pesquisa que buscou integrar os estudos críticos e decoloniais da organização do conhecimento.

6 DESDOBRAMENTOS ÉTICO-EPISTÊMICOS DO CRUZAMENTO DA CATEGORIZAÇÃO ARISTOTÉLICO-RANGANATHIANA A PARTIR DE UMA EPISTEMOLOGIA CRÍTICO-FILOLÓGICA DA ORGANIZAÇÃO DO CONHECIMENTO NA PRAGMÁTICA DOS ESTUDOS INFORMACIONAIS RANGANATHIANO-WITTGENSTEINIANOS

Discutir a relação rangathan-wittgensteiniana significa abordar questões como: a discussão do limite do conceito nos jogos (Wittgenstein (2009), análogo à formação dos conceitos (KOBASHI; FRANCELIN, 2011) como a essência (BROUGHTON, 2015; MAZZOCCHI; GNOLI, 2006) dos objetos expressos pela Personalidade “inteira” (FOSKETT, 1986) atrelada “à qualidade compreensiva de uma classe principal” (ROBERTS, 1969), aos contextos e sua cognoscibilidade parcial nos usos sociais; o seu papel na análise facetada para a criação do “universo de significados” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1996) ilimitados dos saberes estabelecidos pela relação (:) interna, que “permite todas as combinações de conceitos possíveis” (DAHLBERG, 2006) nos jogos, análogos à montagem do número de classe, e externa, que se consolida nos “‘jogos de linguagem’, [que designam] a junção indissociável dos usos da linguagem em ações sociais, [...] no contexto de uma forma de vida” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2020). A formação/transformação via linguagem da realidade socialmente construída nos jogos é uma relação interna e externa na *Colon Classification* estabelecida pela Personalidade: a “percepção contínua” das ideias documentadas atravessam a “relação entre homem e mundo, [que é] [...] social, [...], pragmática” e “pragmático-transcendental (*vastu-tantra*)” na formação do conhecimento. As “etapas ‘mentais’ de perceptos do mundo físico” (KOBASHI; FRANCELIN, 2011) são atravessadas pelos jogos de linguagem e a relação homem/mundo, de onde a “multiplicidade” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1996) de significados emergem *a posteriori*. A Personalidade permite os agenciamentos das “unidades conceituais” (GOMES, 1996), atrelada à “construção situada de práticas de informação.” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 1996, p. 46). Isto resulta que os significados costurados pela função e aplicação da Personalidade no “Universo ideal de conteúdos inteligíveis” permite os “resultados previstos” (FOSKETT, 1986) do que tem ação e se movimenta no mundo material, os “*pragmatas*, as coisas” (CASSIN, 2005; GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002). Estes resultados se desdobram das modalidades de produção de sentido sustentadas pelos limites desfocados dos conceitos nos jogos de linguagem efetuados nas práticas de informação sociais.

A relação rangathan-wittgensteiniana nos provoca a perspectivar: a formação (por associação de perceptos) do “grupo de conceitos que representa o que o assunto trata essencialmente, [...] chamado de Personalidade” (BROUGHTON, 2015) conferem uma “personalidade distinta ao assunto” (SATIJA, 2002) na *Colon Classification*; o limite da compreensão do conceito em sua intensão e extensão (BARITÉ, 1997) nos usos das palavras ou nas ações de informação rompem com a essência invariável “da definição *a priori* de verdades.” (SALDANHA, 2011) na busca da “legitimação [...] a partir do tecido coletivo dos discursos” (SALDANHA, 2011), 'com-textos'. (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002) A Personalidade permite o diálogo e a significação de conceitos construídos e apropriados nos “possibilidades em aberto” (GONZÁLEZ DE GÓMEZ, 2002): o diálogo e a significação de conceitos construídos e apropriados nas práticas sociais.

Discutimos a seguir a respeito da aplicação da categoria Personalidade de Ranganathan no Quadro 7, Quadro 8 e Quadro 9 na classificação facetada sob o olhar da virada pragmático-linguística da informação em relação ao conceito aberto no Quadro 6 em uma interpretação crítico-filológica da relação entre a fundamentação teórico-empírica da teoria da classificação consolidada histórico-epistemologicamente pela filosofia da informação considerando a discrepância a respeito da interpretação das categorias em sua definição conceitual presente no corpus documental ou conceitual dos quadros 7 a 10 e no levantamento bibliográfico e conceitual da produção bibliográfica a respeito das categorias na Ciência da Informação na revisão sistemática da literatura identificada em nossa análise dos dados. Consideramos importante esclarecer e relembrar ao leitor que identificamos o motivo desta discrepância, a saber: as teorias empregadas pelos autores para tratar a respeito dos vínculos categoriais aristotélico-ranganathianos pertencem à organização do conhecimento clássica que se estende historicamente até Dahlberg, nosso objeto enquadra-se nos estudos de cunho social, crítico e contemporâneo com base na teoria pragmática da informação. Permanecendo na coerência com fins de cumprimento de nossos objetivos e questões, explicitamos que nossa argumentação apresenta uma interpretação relacional entre os elos entre a filosofia clássica de Aristóteles no âmbito da classificação filosófica dos seres e o pensamento classificacionista de Ranganathan que evoca um “grito” epistêmico revolucionário pautado na técnica e no rigor metodológico em estilo próprio de redação científica pragmático-transcendental em seu próprio direito. O Quadro 11 nos lega vínculos fortes quanto à conexão da função similar identificada na aplicação categorial ou na categorização dos seres e saberes em Costa (2010, p. 174); Silva (2010, p. 53); Silva (2010, p. 81-82); Silva (2010, p. 88); Silva (2010, p. 93); Silva (2010, p. 93); Silva (2010, p. 98); Moss (1964 apud Silva, 2010, p. 98); Silva (2010, p. 98); Silva (2010, p. 98); Silva

(2010, p. 101-102); Silva (2010, p. 167); Silva (2010, p. 168-169); Silva (2010, p. 175); Silva (2010, p. 175); Silva (2010, p. 176); Silva (2010, p. 167-168); Silva (2010, p. 168); Anjos (2008, p. 15); Anjos (2008, p. 96); Anjos (2008, p. 202-203); (Glazier; Glazier, 2003 apud Mazzocchi, 2013, p. 768); Campos (1978, p. 5); Dobreski (2021, p. 3); Artêncio (2007, p. 21); Artêncio (2007, p. 79), conforme anteriormente explicitado em nossa análise. Contudo, à luz dos fundamentos da pragmática wittgensteiniana, considerando que os conceitos abertos identificam manifestações categóricas, estas últimas possibilitam relacionar (*colon*) um sentido a um objeto de classificação, e no PMEST, o relacionamento entre os sentidos no número de classe servem à sociedade porque os agenciamentos linguísticos a partir da recuperação e uso da informação permitem o cumprimento dos objetivos de materialização ético-epistêmica dos efeitos sofísticos para fins de ruptura com o epistemicídio legado pela filosofia grega aristotélica da decisão do sentido no Quadro 10 que silencia a multiplicidade dos modos de manifestação de metaepistêmes outras à luz dos contextos no Quadro 7, Quadro 8 e Quadro 9, conforme argumentação crítica meneziana. Desconectar o pensamento classificacionista de Ranganathan dos fundamentos filosóficos de engajamento político para disseminar o conhecimento aos povos ou instaurar o acesso à informação para a educação ao longo da vida com a justificativa epistemológica que o emprego das teorias clássicas da organização do conhecimento aristotélicas consideram em seu próprio direito exclusivamente a técnica separada do contexto social macro, ou seja, a desconexão epistêmica do processamento da informação ancorado na proposta universalista de estruturação dos sistemas de organização do conhecimento em detrimento da implementação de modelos de representação outros que propõem ouvir e representar epistêmes segundo o modo metaepistêmico próprio das autorias referente à relação entre facetas tecida pelas autorias, captadas e performadas pelo classificacionista no uso da *Colon Classification*, significa: (i) alienar-se da configuração de mundo pautada na contradição legislativa da Constituição fundada pela filosofia grega da decisão do sentido que exclui os dessemelhantes, de subjulgação dos homens e da justificativa da escravidão com base em um argumento “natural” da existência da natureza do corpo do escravo e do corpo do homem livre, somente este último um cidadão com direito à voz e à atuação política; (ii) neste cenário, ao tratar a categorização estritamente como um processo e uma atividade técnica desconsiderando a realidade social na qual se instaura, o bibliotecário opera como um instrumento de manutenção desta configuração antidemocrática, haja visto que a proposta da ciência é a descoberta de evidências científicas para a transformação social, seguindo a ética do profissional bibliotecário. A teoria da classificação foi consolidada histórico-epistemologicamente pela filosofia da informação ocidental que legou por milênios

apenas a doação da forma em detrimento da privação da forma como modelo padrão de estruturação da informação. O grande marco histórico-filológico-filosófico a respeito do conceito de informação foram os estudos menezianos de descoberta da evidência científica de articulação não excludente mas simultânea da doação e a da privação da forma da informação e de que forma esta articulação possibilita pensar criticamente acerca da intencionalidade democrática ou antidemocrática implementada pela configuração de mundo pautada na eleição da doação da forma e no silenciamento da face informe da realidade, ou seja, do âmbito mutável da informação “lançada” no meio social, ou, dito de outro modo, do âmbito mutável da própria realidade a partir da linguagem que apresenta e modifica o mundo com propostas constitucionais fundamentalmente conectadas na classificação bibliotecômico-informacional.

Discute-se a seguir a respeito de nossa primeira hipótese de pesquisa considerando as evidências do Quadro 11, sendo a mesma mencionada a seguir: a identificação dos vínculos categoriais aristotélico-ranganathianos enquanto resultado da aplicação das metodologias revisão sistemática da literatura e socioterminologia e posterior discussão com a literatura revelam ser indissociáveis a teoria da classificação e o conceito de informação. No Quadro 11, identificamos apenas em Anjos (2008, p. 18) um vínculo categorial que associa a teoria da classificação e o conceito de informação: o vínculo forte quanto à noção de categoria, nascida na Filosofia e introduzida na Biblioteconomia por Ranganathan, que é de **importância** fundamental para a **estruturação da informação**. Portanto, a primeira hipótese foi confirmada com base nesta evidência do corpus. Consideramos importante explicitar que Anjos (2008, p. 18) não menciona se a estruturação da informação em Ranganathan está fundamentada na direção da doação, da privação ou da dupla direção da doação e da privação da forma. Defendemos que a estruturação da informação rangenathiana abarca o movimento do universo do conhecimento (pois este último é concebido como mutável - uma influência do pensamento místico classificaionista rangenathiano) a partir da dupla direção da doação (*informo* na construção do número de classe e na relação entre documentos no universo do conhecimento nas estantes) e da privação (*informis* nos esquemas-unidade padrão das facetas e na percepção subjetiva do leitor nos usos) da forma. As evidências do Quadro 6, Quadro 7, Quadro 8, Quadro 9 e Quadro 10 se referem à conceituação e aplicação categorial, ou seja, por não tratarem a respeito dos vínculos, não podem nos auxiliar quando considerados isoladamente na obtenção de respostas acerca de nossa primeira hipótese. O Quadro 11 nos revela vínculos fortes, fracos e intermediários, mas, conforme argumentado no parágrafo anterior, a recente discussão do informe da informação em Menezes inaugurou perspectivas frutíferas possíveis de relacionar a filologia da informação greco-latina com as implicações ético-epistêmicas da escolha de um

determinado sistema de organização do conhecimento formal, que, em nossa pesquisa, é a *Colon Classification*, um modelo de estruturação da informação outro no encontro da filosofia oriental e ocidental pautado na relação facetada para a representação temática, rompendo com a representação das essências universais autônomas e metafísicas expressas na predicação seguindo a lógica aristotélica.

Ainda em nossa discussão a respeito de nossa primeira hipótese de pesquisa considerando a evidência do corpus em Anjos (2008, p. 18) que atesta para a relação entre a noção de categoria na Filosofia e na Biblioteconomia e o conceito de informação, de modo geral, e para a estruturação da informação, de modo específico, isso nos leva à discussão sobre a intercambialidade dos desdobramentos do conceito de informação clássico quando considerado na aplicação categorial de um sistema de organização do conhecimento em uma filosofia específica, ou seja, tendo por base a evidência do corpus referente ao vínculo fraco quanto requisitos terminológico-metodológicos necessários aos estudos que buscam investigar a apropriação categorial em filosofias específicas, devido às diferenças conceituais, identificado em Anjos (2008, p. 18), buscamos considerar esta evidência que nos leva à interpretação e discussão do conceito de informação quando no contexto da categorização ranganathiana e de que modo esta última nos permite indagar, a partir de sua conexão com o conceito de informação, os vínculos a respeito da categorização aristotélico-ranganathiana.

As categorias nos autores permitem a combinação-formação de grupos de conceitos (abertos em Ranganathan e fechados em Aristóteles) em uma estrutura artificialmente ordenada para a representação dos assuntos ou da realidade natural dos entes. Em Ranganathan, as possibilidades de representação via relação facetada são infinitas (o limite do conceito aberto - as facetas isoladas nos esquemas-unidade padrão - ocorre na aplicação da categorização com base na fórmula de facetas das disciplinas), e, em Aristóteles, são finitas (o limite bem demarcado do conceito fechado é instaurado na predicação linguística que expressa a definição universal da essência, os atributos dos entes). Aqui encontramos uma diferença fundamental quando relacionamos as categorias nos autores com o conceito de informação resgatando a formação filológica do conceito de informação que desdobra-se etimologicamente na articulação da doação e da privação da forma.

Em nossa leitura capurriano-meneziana e pragmático-transcendental, Ranganathan utiliza a Personalidade para expressar a informação duplamente na doação e na privação da forma na *Colon Classification*: os assuntos dos documentos são artificialmente postos à ordem e à forma com vistas à representação na sintaxe, que ontologicamente não as possuem em si mesmos, posto que a direção *informe* desses assuntos é, retomando a proposta meneziana (2018,

p. 283), a privação que aponta para um `já não... a cada vez`, para o `é` que a cada vez `é outro`, ou seja, os assuntos são lançados ao cruzamento de ideias na relação entre facetas devido à representação necessária à recuperação da informação. Estes últimos são carregados de poder transformador da sociedade a partir da reconfiguração formal a cada instante a partir da atuação das pluriépistêmes sociais e do transcendente - Ranganathan concebe a sociedade e o universo como algo mutável como um efeito sofístico de aperfeiçoamento da realidade material sempre aperfeiçoável por meio de tapas decorrente da intervenção do transcendente na trindade cósmica documental.

Em Aristóteles, o reino eterno da substância e da forma que se realiza materialmente nas coisas que são geradas e corrompidas não pode ser comparado à proposta pragmática da *Colon Classification* do modo como foi projetada por Ranganathan. Suporte ou receptáculo (*χώρα* platônico e *ύλη* aristotélica) dos objetos *informes*, adquirem uma forma e sentidos possíveis na relação entre facetas expressa na representação que permite sua recuperação e uso informacional. A filosofia grega, fundamentalmente moralista, socialmente excludente, machista, racista e antidemocrática, é justamente o oposto da filosofia rangathaniana, cujos fundamentos ético-epistêmicos visam à educação, à igualdade de direitos constitucionais e à implementação da democracia documentária. Por isto, conceber a categorização em Aristóteles e Ranganathan desconsiderando as nuances ético-epistêmicas da intencionalidade dos discursos técnico-instrumentais desconectados de um contexto social pautado na tentativa de solucionar a pobreza decorrente da colonização inglesa significa não perceber que Ranganathan formula sua proposta de aplicação categorial como uma proposta de resistência política à representatividade das pluriépistêmes e à justiça epistêmica, posto que o papel da educação no auxílio à reconstrução, ou seja, à mutação da realidade dos homens individuais e da estrutura da sociedade é a implementação material do “movimento dos moinhos” (“os ventos do norte não movem moinhos”).

A *morphé* (forma externa), o *eidos* (forma universal) e a matéria (*hylé* ou *hypokemeinon*) em Aristóteles configuram os princípios do ser no discurso essencialista oposto à pragmática rangathaniana. Contudo, a identificação dos termos que reproduzem a forma na *Colon Classification* ocorre porque a mesma articula duplamente a doação e a privação da forma, mas com a presença da influência da corrente pragmática de organização de bibliotecas, ou seja, os termos citados que reproduzem o conceito de informação têm o objetivo de tornar ação as epistêmes no mundo visando à obtenção dos efeitos sofísticos, de recuperar a informação para disseminá-la a quem dela necessita e às ações de informação efetuadas pelos usuários da informação no mundo mutável. Considerando a evidência do Quadro 11 em

Aranalde (2009, p. 2009, p. 103, grifo nosso) referente ao vínculo fraco quanto às diferenças referentes aos objetivos de cada sistema e finalidades dos autores, ou seja, a formulação e o uso das categorias que estão condicionados aos **objetivos e finalidades de cada concepção** intelectual, essa comprovação da diferença entre propostas categoriais também pode ser observada em Silva (2010, p. 89, grifo nosso) ao afirmar que Aristóteles **propunha [distintamente]** uma análise ontológica, voltada aos seres, já Ranganathan debruçou-se nos registros do conhecimento – as chamadas **categorias do classificar**. Podemos inferir que a proposta distinta dos objetivos de Aristóteles e Ranganathan - a intencionalidade do discurso a respeito da proposta de um modelo de estruturação da informação em um sistema de organização e significação de uma realidade (documental-transcendente em Ranganathan - não há uma separação clara entre o universo do conhecimento transcendente e a materialidade da informação documental, posto que é a relação ou a configuração epistêmica da intercambialidade dos sentidos na articulação entre as facetas captados numa representação que fornece as condições necessárias ou as “armas” epistêmicas de resistência política para movimentar e transformar a realidade fundamentada na intencionalidade dos discursos pautados em Ranganathan na igualdade de direitos e na democracia documentária, indo em caminho oposto ao “permanecer no caminho” inaugurado na filosofia grega e desdobrado nas colonizações que gera efeitos de epistemicídio a cada passo trilhado - seja de forma alienada ou não - esta situação epistêmica no campo da *Library and Information Science* identifica-se na longa duração, muitas vezes acrítica, da fundamentação aristotélica dos sistemas de organização do conhecimento epistemicidas anteriores à proposta revolucionária de Ranganathan, é uma evidência do nosso corpus que reforça a indissolubilidade do conceito de informação (especificamente, na proposta rangathaniana de instrumentalização da informação “lançada” na sociedade obtendo vantagens de configuração mutável da mesma - *informo* e *informis* da informação socializada e humanizada a partir da implementação da técnica ou do processamento técnico) com a teoria da classificação que fornece os fundamentos teóricos que servem à aplicação do instrumento categorial.

Deste modo, muda-se o objetivo: Aristóteles busca encontrar o sentido do ser dito de muitos modos (a seleção da “soberania” da forma como única possibilidade metaepistêmica em relação à matéria “inferior”, sempre subordinada à forma, o leva a excluir os dessemelhantes - um ato político-epistemicida), enquanto Ranganathan busca uma metaepistemologia fundamentada na representação da multiplicidade de sentidos para que os mesmos adquiram local nas estantes e na sociedade a partir dos usos e tenham ação sobre o mundo dos homens na retórica, e justamente nas relações hermenêutico-retóricas entre a “informação” configurada

como o substituto ou a impressão dos sentidos relacionados nos documentos em uma representação temática (a construção do número de classe é o produto da classificação como a impressão da forma variante dos objetos conforme captado pelo classificador nos documentos na fórmula facetada) nos documentos e nas estantes, é percebida pela sociedade e gera efeitos justamente de transformação incessante do universo contínuo infinito - uma ruptura com a “identidade aristotélica”, conforme prerrogativa máxima do hinduísmo. Todos os efeitos sofisticos do dizer decorrentes dos múltiplos sentidos documentais que são, estes últimos, representados e recuperados para que possam ser espalhados pelo mundo sinalizam o *informe* da informação em Ranganathan. Mas porque operam conjuntamente com a forma bibliográfica variante dos assuntos, ocorre o entrecruzamento da filosofia da informação greco-latina do *informo* e *informe* na *Colon Classification*.

A extrapolação do conceito de categoria em Dahlberg e Ranganathan gerou um novo significado a respeito do mesmo na epistemologia da organização do conhecimento e na *Library and Information Science*. A teoria do conceito de Dahlberg deriva das categorias aristotélicas. Em sua proposta do triângulo conceitual, o referente, as características e o termo compõem a univocidade conceitual, eliminando as ambiguidades da linguagem natural nas linguagens documentárias. À diferença de Dahlberg, Ranganathan concebe a divisão dos assuntos em facetas abertas (articuláveis - *colon*) e não a partir da definição terminológica fechada do referente seguindo a lógica aristotélica.

Retomando a teoria logológica do não conceito em Saldanha e Crippa (2020, p. 395) na superação do método para a relação entre significante, significado e referente das categorias aristotélicas, no cruzamento da teoria da classificação com o conceito de informação em Ranganathan - nossa primeira hipótese -, a possibilidade de modificação (pois *informes*) da forma dos objetos conforme identificada no documento e nas estantes a partir da recuperação promove o cruzamento dos mesmos no horizonte humano, aberto e retórico explorado ou inteligido pelas múltiplas *epistêmes* da sociedade (*eidos* platônico), isto é o que permite que a pragmatização da categorização, tendo em vista que esta apenas é aplicada em documentos nos quais os assuntos apresentam uma relação ou uma articulação entre as facetas e esta sinaliza como o objeto (*informis*) foi concebido epistemologicamente pelos sujeitos (*informis*) - os autores, promova a abertura humana de horizontes plurais ou múltiplos de sentidos nas figuras linguísticas que ultrapassam o sentido aristotélico conforme articulado no *lógos* das categorias que promove a relação entre significante, significado e referente de um conceito fechado e representado segundo os fundamentos da teoria sintática e semântica da informação. Neste sentido, quanto mais os objetos são projetados à discussão na sociedade, maior é a possibilidade

de atingir o auge de sua inteligibilidade - o reconhecimento de horizontes plurais de sentido dos objetos em novas relações epistêmicas a partir da criação e do desdobramento progressivo de figuras linguísticas legado pela teoria logológica do não conceito. Quanto maior o desdobramento progressivo dos significados desses objetos via retórica ou quanto mais os objetos são projetados à discussão na sociedade, maior é a possibilidade metaepistêmica de atingir o auge de sua inteligibilidade (e também de representá-la em novas formas documentais, recuperá-la, dando continuidade material-documental ao desenvolvimento do universo do conhecimento).

Nossa argumentação referente à história da classificação dos dois pontos vai de encontro ao vínculo fraco quanto à apropriação da lógica aristotélica na proposta de revolução na construção de esquemas classificatórios em Ranganathan em Anjos (2008, p. 196, grifo nosso):

A Colon Classification (CC), ou Classificação dos Dois Pontos, elaborada por Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892-1972) quando retorna à Índia depois do período de estudos com Berwick Sayers, na Inglaterra, estudos fundamentados na **Teoria da Classificação**, que tinha por **suporte a lógica aristotélica**, constitui o primeiro sistema de classificação bibliográfica geral embasado no princípio analítico-sintético (esquema facetado ou de análise por facetas), o que significou uma revolução na construção de esquemas classificatórios, tornando-se um **marco histórico** na Teoria da Classificação. (ANJOS, 2008, p. 196, grifo nosso)

Os objetos da *Colon Classification* não são “desterrados” à condição de não-humanidade dos fantasmas por possuírem um local apropriado nas estantes a partir da qual a categorização articula a configuração desses objetos no devir através dos usos, conforme os mesmos se apresentam materialmente-documentalmente. Deste modo, a categorização permite o lançamento dos objetos à condição da humanidade via recuperação da informação e nesta ação revolucionária de Ranganathan identifica-se a proposta do marco histórico que promove o rompimento com o gesto de exclusão ontológica aristotélico-platônica sinalizada por Menezes (2021). A ontologia informacional rangathaniana não é uma juíza que seleciona “o” sentido apto à recepção da forma, mas, pelo contrário, a *Colon Classification*, à luz da teoria logológica não conceitual, tem como estrutura a listagem apenas de objetos isolados e informes nos esquemas-unidade padrão unidade nas classes, os quais - quando recebem uma configuração formal na representação temática e são utilizados pela sociedade - ascendem à condição de poder (humano ou o poder das bibliotecas que significa a possibilidade de conferir poder ao usuário sobre sua própria vida e sobre a sua atuação política no mundo condicionada ao acesso à informação - à diferença da possibilidade de atuação única na Pólis por uma minoria - os homens) de reverter o desterro político-epistêmico-ontológico da desumanização histórico-

filosófico-etimológica do informar dentro e fora do campo da *Library and Information Science*. Ainda à luz da teoria logológica do não conceito (*informis*) em Ranganathan, as múltiplas configurações dos objetos relacionados no universo do conhecimento nas estantes (*ιδέα*) acionam diversos significados derivados dos mesmos a partir da recuperação e usos que promovem o entrecruzamento das epistêmes e o desdobramento material-social dos efeitos que isto causa ou reverbera materialmente no mundo - a marcha dos saberes com uma “força” de intervenção do transcendente possibilitada pelos usos.

Parte-se da associação da *ιδέα* platônica com as estantes para que esta seja criticada considerando o cunho político da categorização rangathaniana. As estantes expressam maior grau de realidade (modelo) dos objetos (quando comparado à sua cópia no reino físico), assim como os objetos da *Colon Classification* (concebidos no horizonte de compreensão aberto heideggeriano - e principalmente humano - crítico) *informes*, quando manifestados bibliograficamente na relação facetada enquanto produto da intervenção do transcendente como um projeto incessante para a promoção do desdobramento epistêmico destes objetos nas figuras de linguagem, ou seja, um projeto que abarca o transcendente nas categorias e na categorização para o maior cruzamento epistêmico material-linguístico nos usos possível dos objetos. Esta discussão encontra respaldo no vínculo forte quanto à inclusão de uma realidade divina na compreensão integral do esquema de organização do conhecimento em Aristóteles e Ranganathan na evidência de nosso corpus, a concepção de que existe uma **acepção quase divina** sobre a **personalidade**, ainda que por um caminho oposto ao de Aristóteles, em Silva (2010, p. 101, grifo nosso) no Quadro 11.

Estes objetos são mais reais em sua organicidade quanto mais intenso é o entrecruzamento de ideias nos usos. A concepção estritamente platônica (e epistemicida) do objeto como “cópia” documental de uma essência que se constitui formalmente a partir da definição e relação facetada na representação sintática em direção à perfeição da forma desses objetos nas estantes, o modelo do objeto, desconsidera que a inteligibilidade do objeto não está associada à forma, mas ao informe, segundo leitura meneziana.

Apenas o entrecruzamento de ideias entre os objetos e a sociedade torna possível aos primeiros aproximar-se de seu auge planejado, a “marcha” dos mesmos a partir da criação e do desdobramento progressivo das figuras linguísticas e eles associadas. Um objeto concebido por Ranganathan tem um caminho no mundo, um caminho a ser percorrido de modo a entrecruzar com o dos homens (pois, de modo separado, o objeto não existe - as facetas isoladas são uma representação artificial-instrumental do conhecimento complexo). Dito de outro modo, os saberes estão condicionados a existir (*onto*) na esfera das relações humanas via retórica, “aqui

embaixo”, estes promovem a obtenção dos “efeitos sofisticos” de aprimoramento dos seres-saberes (estes não podem ser dissociados na realidade, exceto artificialmente na estrutura informe da *Colon Classification*). Tudo isto se fundamenta a partir do fundamento hindu de transformação do universo (transformação dos seres-saberes) análoga mas não exata à perfeição da *ιδέα* platônica.

Retomando Mazzocchi (2013, p. 777-778) buscando discutir a conexão da teoria da classificação ou da categorização com o conceito de informação nos vínculos categoriais em nosso objeto, o significado do conceito de categoria depende: do domínio do conhecimento o qual pertence, Filosofia ou Ciência da Informação; das influências da corrente filosófica adotada pelo autor que o propôs, pragmática transcendental em Ranganathan e empirismo em Aristóteles; da cultura na qual foi concebido, o sistema categorial *Vaisesika* Hindu em Ranganathan e a tradição escravocrata e misógina da Pólis constituída de membros privilegiados detentores do poder do *lógos* e da *epistême*, de um lado (homens brancos), e mulheres, escravos, ciganos, homossexuais, etc, do outro (seres desumanizados, sem obra, “incapazes” *per se* de ter *lógos* e *epistême*, reduzidos apenas ao corpo, à condição do ser informe), em Aristóteles; e dos interesses econômico-político-estratégicos, em Ranganathan e Aristóteles, respectivamente: democráticos ou antidemocráticos, antirracistas ou racistas, libertadores ou dominadores - aos quais a aplicação das categorias permite cumprir. O poder de classificar foi utilizado na Pólis para subjugar, humilhar, violentar e dizimar os seres dessemelhantes; em Ranganathan, para a inclusão social ou rehumanização dos seres, para o acesso à informação e para a libertação do ser pela “iluminação” do saber. Estas nuances são relevantes à discussão dos estudos críticos da organização do conhecimento, as quais envolvem e afastam o significado dado por Aristóteles e Ranganathan às categorias. Este afastamento quanto à proposta categorial aristotélico-ranganathiana é uma evidência identificada em nosso corpus no vínculo fraco quanto aos objetivos propostos por Aristóteles e Ranganathan: “O objetivo primordial [de Ranganathan] [...] é a organização e a classificação do conhecimento registrado.

Entretanto, a **determinação** desse **objetivo** também o **afasta** de Aristóteles, que pretende identificar e avaliar os objetos do mundo de maneira geral.” (ARANALDE, 2009, p. 105, grifo nosso) no Quadro 11. Os objetivos de Ranganathan e Aristóteles apresentados por Aranalde (2009, p. 105, grifo nosso), respectivamente, de organização e classificação do conhecimento registrado e da identificação e avaliação global dos objetos do mundo, são complementadas pelas nuances que envolvem o conceito de categoria em propostas específicas apontadas por Mazzocchi (2013, p. 777-778), as quais foram identificadas e discutidas neste

parágrafo. Estas configuram parcialmente não apenas as respostas à hipótese aqui discutida, como também configuram os limites das evidências de nosso corpus que nos possibilitam corroborar e complementar com a explicitação das nuances que se relacionam com a relação entre as categorias aristotélico-ranganathianas e com o conceito de informação na estruturação da mesma.

Com base na evidência a respeito do vínculo fraco quanto à metodologia de constituição categorial aristotélico-ranganathiana em Silva (2010, p. 176, grifo nosso) “[...] nos **quesitos metodológicos** assistir-se a uma **oposição** entre o que cada uma delas [as categorias] constitua. A personalidade é descoberta pelo método de resíduos – tudo o que não é, é personalidade, já a substância segue o caminho inverso: é o ser por si, a priori, a essência.”, isto nos leva à discussão a respeito do contexto histórico-político agambeniano no qual as categorias são formuladas e aplicadas em Aristóteles e Ranganathan. Discorrer acerca deste tópico significa abordar a ontologia política do ser e do saber. Nesta, a metafísica da colonialidade inaugurada pela Pólis grega articula o *informo* (doação da forma) da informação com o *lógos* enquanto condição para ser homem, produzindo e justificando a existência do escravo e sua posição “natural” na estrutura social na medida que estes sujeitos sem obra, sem discurso e sem *lógos*, na teoria aristotélica, são humanos desprovidos das qualidades próprias do homem e da condição de humanidade: seus corpos são instrumentos que naturalmente servem para o uso como uma extensão do corpo do senhor.

A ontologia política de Aristóteles epistemologicamente fundamentada em sua proposta categorial implica na naturalização e na perpetuação do epistemicídio, subjugação dos indivíduos em escravos e da violação dos direitos humanos com implicações éticas na *Library and Information Science* fortelmente identificadas na construção e avaliação dos sistemas de organização do conhecimento contemporâneos que utilizam a lógica aristotélica.

O ato de informar como a comunicação do sentido invariável derivada de Aristóteles e presente na teoria sintática da informação nega a existência da multiplicidade dos sentidos possíveis articulados lançados ao movimento e à indagação pelos usos, a dialética epistemológica entre *informo* e *informis*, conforme concebe Ranganathan em sua teoria da classificação. No que refere à relação dos campos da organização do conhecimento e da filosofia da informação, as implicações ético-epistêmicas na contemporaneidade decorrentes das consequências da filosofia grega aristotélica, a qual fundamenta a unicidade da seleção do sentido e elege o *informo* da informação como única possibilidade epistemológica para o discurso e para a representação dos assuntos, são identificadas na teoria da classificação ocidental que não a *Colon Classification* e nas redes semânticas do conceito de categoria, as

quais concebem as categorias estritamente na dimensão instrumental (de cunho positivista) de fundamentação dos sistemas de organização do conhecimento, sem que haja conexões referentes à fundamentação teórica na qual as categorias estão embasadas e cuja aplicação promove, conforme observado anteriormente em nossa discussão em Anjos (2008, p. 18), a apropriação categorial em filosofias específicas que promovem diferenças conceituais implicam na proposta de uma estruturação da informação específica. Ora, esta estruturação da informação é um modelo possível de organização do conhecimento que está condicionado aos pressupostos teórico-metodológicos que conferem a intencionalidade na própria identificação das categorias e esta intencionalidade é um fator de intervenção: (i) na configuração intencional das estruturas de poder - iguais ou desiguais - na sociedade; (ii) na possibilidade de manutenção destas estruturas de poder com base na adequação dos direitos constitucionais com a realidade social com base nos indicadores descobertos nas políticas públicas pelo Estado; (iii) no planejamento de um modelo categorial útil à mutação ou à reconfiguração, com base em uma proposta de modelo de estruturação da informação em um sistema de organização do conhecimento que promova uma maior facilidade na arquitetura da informação voltada à encontrabilidade da informação ancorada em evidências científicas, fruto da pesquisa de campo, que ateste para a ineficácia de uma fundamentação da corrente teórica no sistema de organização do conhecimento, assim como no esforço intelectual de profissionais da informação, preferencialmente composta por profissionais com qualificação interdisciplinar, com o objetivo comum de promover um novo modelo categorial de estruturação da informação que seja eficiente, ou seja, que promova faturalmente a recuperação da informação. Esta nuance argumentativa do vínculo categorial metodológico e terminológico referente a um modelo não verdadeiro mas útil à sociedade encontra respaldo no vínculo fraco quanto à proposta teórico-conceitual-metodológica rangathaniana de conceituação e método de identificação da Personalidade em Silva (2010, p. 100-101, grifo nosso) no Quadro 11:

O tratamento dado à **substância diferencia-se** em **Aristóteles** e **Ranganathan**, basicamente, sob dois aspectos: a terminologia usada e a proposta para a compreensão dessas categorias que cada um dos estudiosos determinou. Ranganathan, ao considerar as categorias como fundamentais e indefiníveis, se resguardou, sobretudo, de definir o que venha a ser a personalidade. Foi talvez mais além ao propor, para a delimitação desta, o método de resíduos. (SILVA, 2010, p. 100-101, grifo nosso)

Com base nesta evidência do corpus confirmada também em Anjos (2008, p. 130, grifo nosso) acerca do vínculo fraco quanto à influência das escolas filosóficas específicas que formulam as categorias:

O resgate histórico das classificações filosóficas dos saberes e dos seres permitiu constatar que os conceitos de **classe** e **categoria** têm passado ao léxico filosófico universal, mas os seus **sentidos** não podem ser compreendidos a partir de uma interpretação comum dos termos, senão em

conexão com **doutrinas e escolas filosóficas específicas.**

Aristóteles e Ranganathan utilizam métodos distintos para identificação e aplicação das categorias, as quais promovem um modelo específico de estruturação da informação. É interessante atestarmos que, quando o vínculo metodológico em Anjos (2008, p. 130, grifo nosso) citado é analisado de modo alheio ao contexto social-político de produção do discurso categorial nos autores, não é possível conceber as consequências ético-epistêmico-legais e, com isso, o próprio questionamento acerca da eficácia dos instrumentos de tratamento e recuperação nas bibliotecas torna-se prejudicado porque estes últimos podem tornar-se obsoletos face às mudanças de reivindicação social dos direitos constitucionais das minorias, no contexto da Ciência da Informação, estes direitos dizem respeito à representatividade e ao direito da preservação da memória documental destas epistêmes. Deste modo, há de se ter cautela e até mesmo uma maior sensibilidade, “ter olhos” para ver a humanidade que está ao redor ou que atravessa e que é idealmente representada e servida pelos instrumentos de tratamento e recuperação da informação: a própria missão da biblioteca à serviço dos povos no período histórico da contemporaneidade é fruto da recente democratização legislativa do acesso à informação enquanto uma ruptura e um avanço em relação à lógica antidemocrática de fundamentação da ontologia política da informação greco-latina, do Bibliotecário da Antiguidade e da Idade Média preocupado em preservar o conhecimento destinado às minorias em detrimento da preocupação com o acesso à informação voltado à promoção da democracia documentária, um “general” e não um profissional da informação ético que tenha em seu íntimo uma filosofia de vida que o orienta ao cumprimento das atividades profissionais que instauram materialmente - uma ação linguística no mundo, a categorização - tentativas profissionais diárias de promoção à igualdade e à paz pelo *lógos* - o qual é um caminho possível para despertar as consciências na busca do bem próprio e comum, ou seja, do despertar acerca da possibilidade de construção, reconstrução-promoção ou destruição via *lógos* de determinadas estruturas de poder reproduzidas nos sistemas de organização do conhecimento. Um método viável que recomendamos para a descoberta da adequação de uma proposta categorial face à mudança dos cenários político-sociais é o estudo de caso. Nossas considerações encontram respaldo no vínculo forte quanto à necessidade de transparência quanto aos critérios utilizados para agrupar ou dividir determinados conceitos para avaliar o produto classificado e a própria construção de um sistema de organização do conhecimento, ou seja, a **explicitação das categorias** em Anjos (2008, p. 259, grifo nosso) no Quadro 11.

Com o foco na discussão da interseção da filosofia da informação rangathaniana com o conceito de informação no campo da organização do conhecimento, retomamos a trindade do livro rangathaniana no universo do conhecimento nas estantes que se expressa pela relação

entre ideias (fragmentos de significação sintática - os isolados que compõem os *schedules* e são articulados via *colon* nos agrupamentos de grupos de conceitos - as categorias) que configura a abertura epistêmica do conhecimento a qual se mescla com a abertura do ser, posto que o conceito de informação é fundamentalmente social e humano, com foco na recuperação pela posteridade humana ou pela sucessão de gerações - a eternidade do universo do conhecimento mutável. A *Colon Classification* é uma reprodução, uma máquina que performa, conforme visão meneziana, a abertura da alma dos produtores - autorias bibliográficas - e usuários - leitores - dos discursos especializados produzidos no bojo dos contornos de uma configuração institucional ancorada pela filosofia da produtividade intelectual pelas agências de fomento (contexto macro no qual ocorre a captação intuitiva e racional das epistêmes do mundo documentadas, inteligindo-as segundo sua própria metaepistême subjetiva e comunicável via o poder do *lógos* que relaciona e mescla as epistêmes com um mundo comum na hermenêutica da informação via concepção capurriana - mundo comum este configurado a cada vez ou a cada ato linguístico-retórico, segundo a diferença de uso dos conceitos articulados nos termos proposicionais pelo *lógos* - o encadeamento discursivo com uma determinada intencionalidade na promoção de efeitos materiais reverberados - o quinto mantra) e do corpo (funções materiais do corpo acionadas nas atividades intelectuais da leitura e da escrita - o *lógos* e a retórica como instrumentos de revelação parcial das faculdades intelectivas da alma aguçadas por *tapas* em Ranganathan) em um cruzamento epistêmico que se desdobra em novos saberes e na reconfiguração de um mundo comum que depende de insumos, os quais são justamente as “velhas” ideias documentadas. Esta transformação do sentido é instrumentalizada em Ranganathan pelo *informe* da informação: todos os saberes são gerados pela relação entre as ideias no meio social-bibliográfico e nada no mundo material permanece o mesmo a não ser a abertura ontológica do ser e a abertura epistêmica do saber como condição para o desenvolvimento da espiral dos assuntos. O *informe* em Ranganathan é político, pois busca cumprir nas instituições de memória o resgate ao patrimônio documental enquanto performance pessoal e coletiva que permite a instanciação (trazer ao instante presente) de uma vivência subjetiva e cultural de uma mensagem transmitida no livro produzida pelo *lógos* (visível na oração) e cujo arranjo (relação de ideias no livro) foi delineado de acordo com a intensidade da luz do espírito do autor. Nossa argumentação referente ao cunho político do *informe* da informação rangathaniana é confirmada com base na evidência de nosso corpus na última passagem citada em Anjos (2008, p. 259, grifo nosso) no Quadro 11, posto que a avaliação de um produto classificado em um sistema de organização do conhecimento é uma atividade de cunho epistêmico-democrático-político. A percepção das ideias dos livros pelos leitores não permite o método exclusivo da dedução nos usos: suponha-se que uma parcela de indivíduos interpretou este conhecimento documentado em um padrão de relação de ideias similar, logo,

todos os indivíduos terão a percepção destas ideias segundo este mesmo padrão). Esta dedução não pode ser correta, pois toda percepção ou uso do conhecimento é subjetivo e reside no íntimo, no âmago do ser, no qual os métodos lógicos de análise dos objetos não possuem eficácia integral, apenas parcial. No *informis*, não há ideia que resida estritamente no reino transcendente porque o conhecimento é do espírito e este ocupa temporariamente o reino material, seja na matéria do livro ou na matéria do corpo: o *informis* em Ranganathan é místico-material ou pragmático-transcendental, ou, dito de outro modo, as epistêmes via *lógos* nos discursos e na redação científica - a produção bibliográfica - é uma revelação de mundo, retomando Saldanha (2016), nas práticas documentais de uma realidade transcendental manifestada, em conformidade com um projeto biblioteconômico-informacional via *lógos* na política de informação institucional, de promoção à intervenção de uma realidade transcendente identificada na concepção da personalidade com o objetivo das categorias performaram “efeitos catalisadores” próprios do universo do conhecimento cujo rastro material ocorre no movimento material de mutação das consciências do mundo e, por extensão, da própria realidade social de um comum decorrente de uma abertura sempre informe apta à remodelação de uma dada configuração formal variante dos objetos epistêmicos que compõem aquilo que chamamos de realidade - e que pode ser organizada segundo uma variedade de modelos epistemológicos possíveis de representação documental - o problema filosófico da verdade (*alethéia* - descobrimento) e da utilidade na pragmática wittgensteiniana pode ser reportado nesta discussão. O informe é epistêmico, pois, na recuperação da informação, a informação é captada quando de sua conexão com as facetas em - um conhecimento complexo - segundo metaepistême subjetiva e cultural através da abertura ontológico-epistêmica de todos os indivíduos (mulheres, escravos, deficientes físicos e mentais, etc), aos quais são oferecidos a oportunidade de aquisição e desenvolvimento bibliográficos a respeito dos velhos-novos saberes, fortalecendo e reconstruindo em seu espírito aqueles intencionalmente apagados por regimes ditatoriais e escravocratas desde a antiguidade. Este desenvolvimento do universo do conhecimento fundamentalmente flexível e informe, atrelado às ações de informação institucionais, é corroborado pelo vínculo intermediário quanto aos princípios de Ranganathan relacionados à teoria clássica das categorias em Silva (2010, p. 168-169, grifo nosso):

Os **princípios** de Ranganathan, que em tanto **coincidem** com a **teoria clássica** de categorias, por vezes demonstram se **distanciar** dela. Ainda no plano teórico, esses princípios usufruem de uma dinamicidade que não pode ser delineada apenas como uma proposta classificatória rígida, estando além, permitindo uma visão flexível do universo em expansão dos registros do conhecimento.

O *informis* é uma proposta democrática de relatar e fixar fidedignamente o conhecimento conforme apresentado ou performado estritamente em uma posição do tempo

nos documentos, dando margem na recuperação da informação à relação da abertura deste saber inteligido, compreendido e interpretado pela diferença, que são os modos epistêmicos dos seres únicos que assim o são porque possuem algo de próprio, o qual não há palavra para expressar ou não se poder ter ciência: a inefabilidade no rastro das mensagens em Ranganathan é o entusiasmo epistêmico da pura possibilidade de descoberta pela palavra, é a conexão rasa ou profunda de ideias sintonizadas no tempo, é o poder da intuição de captar o simbólico no livro e, o mais importante, o conhecimento adquirido pelo espírito é um poder transformador do e para o povo.

A categorização ranganathiana permite simultaneamente organizar e representar os conhecimentos nas estantes e no universo do conhecimento por meio da relação entre os componentes dos assuntos, de modo a prover o acesso à produção intelectual da humanidade e agir como um instrumento para a sociedade que dá subsídios à formação de novos conhecimentos.

As categorias PMEST são uma metalinguagem de representação do conhecimento que fazem parte de uma proposta filosófica outra de organização do conhecimento identificada plenamente, como qualquer filosofia, em sua aplicação na categorização de assuntos. Os postulados dos ciclos e níveis demarcam uma epistême da vertente pragmático-transcendental que supera a lógica aristotélica fundamentada na decisão do sentido, um gesto categorial que exclui os dessemelhantes que não recaem sob o critério de divisão categorial elegido. Esta superação é corroborada pelo vínculo intermediário quanto aos princípios de Ranganathan relacionados à teoria clássica das categorias em Silva (2010, p. 168-169, grifo nosso), anteriormente mencionado em nossa discussão.

As possibilidades em aberto de significação a partir dos usos dos textos evidencia a base etimológica da informação na filosofia da informação informe de Ranganathan: os conceitos combinados nas tabelas de classificação possuem significação mutável - do conhecimento em via de mão dupla do que transforma o social e é pelo social transformado - e que adquire uma infinidade de combinações e formas “com-textos”. “Com-textos” lemos o mundo, “com-textos” reagrupamos ideias que em nossa concepção ético-epistêmica estão mal formadas nos documentos e enraizadas nas crenças no meio social socialmente por meio da contribuição intelectual na produção bibliográfico-documental, meio este no qual atuamos e, no atuar, existimos. As tabelas da *Colon Classification* e seus conceitos que podem ser agrupados e significar uma diversidade de ideias, mas “em si” nada significam, nada “carregam” positivamente, nada são e nada dizem.

Argumentamos que a dimensão existencial da informação na hermenêutica da informação capurriana na *Colon Classification* é um fenômeno de cunho fundamentalmente humano e social.

A estruturação da informação na *Colon Classification* abarca, retomando novamente a evidência de nosso corpus referente à “visão flexível do universo em expansão dos registros do conhecimento.” em Silva (2010, p. 168-169) no Quadro 11, que nos leva à discussão acerca da acepção rangathaniana do conceito de informação sob a égide da demarcação conceitual filológico-clássica capurriana, acrescida das contribuições epistêmicas menezianas na filosofia da informação rangathaniana, para tecermos nossa discussão referente aos vínculos categoriais aristotélico-rangathanianos no encontro da organização do conhecimento com a filosofia da informação. A listagem dos esquemas-unidade padrão nas facetas e *foci* que indicam as manifestações categóricas na categorização são a fragmentação das unidades de informação, as quais, em si mesmas, isoladamente, não são consideradas suficientes para expressar o sentido a respeito da tematicidade (*aboutness*) documental ao modo dos esquemas enumerativos aristotélicos. A noção de informação rangathaniana não pode ser considerada como separada do conhecimento em estado complexo concebido necessariamente a partir da tessitura dos encontros a partir da relação entre facetas que se estente: (i) à complexidade do universo do conhecimento nas estantes; (ii) à percepção subjetiva do leitor acerca deste universo; (iii) aos desdobramentos documentais da produção intelectual resultante dos encontros entre epistêmes documentais mescladas com as vivências sociais decorrentes da recuperação e do uso da informação - o conhecimento é um *continuum* orgânico, flexível e informe. A informação encontra-se principalmente mas não exclusivamente no plano da ideia, no qual a presença do transcendente estabelece o limite do *lógos* que possibilita a captação epistêmica da tematicidade documental sempre atrelada ao contexto temático documental, este como uma evidência expressa nos Quadros 8 e 9 de nosso corpus, no qual a representação temática no processo e na atividade do classificador/classificacionista pode ser efetuada. A informação é representada pragmaticamente como um certo isto nos esquemas-unidade padrão, mas considerando que nossos objetivos e questões de pesquisa apontam caminhos para desenvolvermos a discussão desta à luz da teoria pragmática wittgsteiniana, e não da teoria sintática e semântica da Ciência da Informação.

Os objetos centrais/conceitos das disciplinas na *Colon Classification* são ordenados nos enunciados linguísticos e terminológicos na construção do número de classe - a categorização - que são os jogos de linguagem que articulam as facetas isoladas (*informis* da informação) configuradas formalmente (*informo* da informação) segundo as fórmulas das disciplinas que

têm como o produto de classificação uma estrutura formalizada dos objetos nos contextos de produção do conhecimento na representação temática. Estes objetos adquirem existência na sociedade quando o contexto de produção dos discursos nos Quadro 8 e Quadro 9 é lançado ao movimento no uso linguístico pela percepção e apropriação dos usuários da informação e, neste movimento retórico, o contexto influencia na transformação ou na configuração formal da própria realidade social - esta última, em Ranganathan, faz parte do universo mutável.

A privação e a doação da forma identificadas na *Colon Classification* através das categorias nos apresenta uma aparente ambiguidade: os processos de tratamento e recuperação da informação são pragmaticamente executados, mas sem que com isto a ideia de significados *a priori* esteja presente em sua gênese, posto as possibilidades abertas e infinitas dos modos de relação entre os conceitos possibilitados pela recuperação e usos para que os significados sigam seu destino de desenvolvimento na sociedade identificados nos novos registros documentários e nas ações de informação.

A “não-forma” original (*informis*) da *Colon Classification* não expressa nada além de elementos terminológicos dos esquemas de termos-conceitos sem significado em si mesmo em nossa leitura capurriano-meneziana. O conceito de informação (*informatio*) é o vazio (*informis*) que permite promover a formação e relação de ideias na representação temática da *Colon Classification* e na sociedade.

Consideramos importante esclarecer pontos fundamentais do nosso olhar referente à apropriação do conceito de categoria à luz dos nossos objetivos e questões a partir da evidência em nosso corpus do vínculo forte quanto à compreensão categórica de um critério de divisão a partir de uma proposta classificatória específica, qualquer que seja, em Anjos (2008, p. 251, grifo nosso):

Categoria não faz parte de uma construção rígida e consagrada que segue padrões pré-estabelecidos. Ela é aplicada a uma coleção de assuntos isolados. É pragmática e mais operacional; reúne, mas não explica, apenas descreve. É um critério compreensivo ou descritivo das coisas. Designa uma propriedade em estado puro, não-aplicada. Nomeia agrupamentos de termos elaborados de acordo com um ponto de vista. **Categoria** se inventa (aspecto pragmático) e se constrói, agrupando elementos sob um determinado ponto de vista. É mais livre, autônoma. É um critério de divisão estabelecido a partir de uma **proposta classificatória específica**, particular, usado para reunir os grupos conforme as suas semelhanças. Estabelecer categorias (grupos de conceitos) de uma área do conhecimento é ter a visão do todo, é levantar o seu sistema conceitual para, a partir daí, por meio de análises por facetas proceder a uma ordenação sistemática de conceitos (termos). Quando desenvolvidas de acordo com a natureza dos conceitos são denominadas facetas. Categoria (não-aplicada) ou faceta (aplicada) é um **nível de análise específico e parcial** de um **objeto**. Aristóteles chamou de categorias ou predicamentos os 10 gêneros supremos (idéias que se tem das coisas). Ranganathan chamou de categorias

ou facetas fundamentais os cinco aspectos da realidade.

Pode-se afirmar que categoria se inventa em qualquer proposta filosófica ou biblioteconômica porque elas não são, elas mesmas, a realidade última das coisas, mas sim um recorte arbitrário que pretende definir determinados elementos de interesse intencionalmente elegidos à configurar na representação enquanto um modelo que busca substituir uma dada realidade de mundo em Aristóteles ou um estado complexo do conhecimento conforme um contexto específico identificado em um documento em Ranganathan. Esta intencionalidade visa à legitimidade de fundamentação epistêmica do formalismo do sistema informacional inerente à quaisquer propostas categoriais possíveis que são invariavelmente enviesadas pelas influências culturais em uma proposta da classificação, tenha isto sido reconhecido pelos criadores do esquema (classificacionistas) ou não.

Ainda a respeito desta intencionalidade categorial, cabe indagar se há explicitamente o reconhecimento dos limites (benefícios e malefícios) para o desenvolvimento da reflexão a respeito da adequação do sistema de organização do conhecimento em relação à garantia literária e cultural a partir dos novos contextos sociais descobertos nas evidências científicas da pesquisa de campo em relação à representação das mesmas na proposta de formalização de um sistema de informação cuja fundamentação teórico-cultural orientou a sua construção formal. A partir da intencionalidade ideológico-epistêmica de toda proposta categorial (que sempre deve ser trazida à luz e problematizada), a adequação da mesma em relação aos deveres éticos do Bibliotecário ocorre na correspondência direta das epistemologias documentais e sociais descobertas, as quais devem ser alocadas no sistema de organização do conhecimento para que seja possível garantir a sua representação e recuperação. Esta descoberta epistemológica é uma evidência científica, um resultado enquanto produto documental que resulta da avaliação dos sistemas a partir de um modelo de avaliação adotado. A representação temática é uma operação inacabada por não ser verdadeira, mas adequada contextualment à recuperação da informação para a sociedade, e é, portanto, e por isto, *sub judice*.

Não existe uma classificação mais eficiente, posto que a missão, os objetivos, o contexto econômico institucional na qual a classificação se insere e o perfil dos usuários são fatores determinantes da escolha do tipo de classificação a ser utilizado na biblioteca. Não propomos, portanto, defender nesta pesquisa as vantagens da *Colon Classification* em face às demais classificações ou, num âmbito mais geral, aos demais sistemas de organização do conhecimento. Também não propomos a defesa da categorização em Aristóteles ou em Ranganathan elegendo uma como melhor em si mesma. Nossa proposta é mais singela: consiste apenas em apresentar de modo geral a epistemologia dos autores e o papel das categorias como

instrumentos de organização do conhecimento em ambas as propostas, relacionando em nossa argumentação de que modo as categorias expressam o conceito clássico de informação e de que modo podemos estudá-las à luz da categorização rangathaniana.

As categorias e facetas dos objetos são parciais como níveis de análise de um objeto porque, em si mesmas considerados isoladamente (*informis*), não têm forma e não transmitem significados mutuamente excludentes, como ocorre no método categórico aristotélico. A transmissão dos significados dos objetos na representação temática (*informo*) é efetuada com base na relação das facetas que revelam os objetos no estado complexo e flexível do conhecimento.

Além disso, estes objetos são parciais porque a relação entre as facetas no documento é tratada (representada e recuperada) mas não esgota as possibilidades da relação dos signos com a sociedade na multiplicidade linguística do ser retórico nos jogos de linguagem das ações de informação nas quais os objetos adquirem diferentes formas e sentidos linguísticos.

O limite do conhecimento via intelecção (vs. intuição) não é um obstáculo à instrumentalização das categorias em Ranganathan. Pelo contrário, o pai da Biblioteconomia demonstra e reconhece em suas ações, na redação científica ou na escrita de seu corpus, a humildade intelectual e a confiança no método categórico proposto que é um projeto biblioteconômico que busca proporcionar a sobrevivência das ideias humanas que ultrapassam e “vencem” o tempo, vendo com otimismo as influências positivas que apenas a passagem do tempo proporciona à sociedade a partir da comunicação da informação e a eterna descoberta de ideias “velhas-novas”, re-descobertas e lançadas ao movimento no mundo do ser retórico, pois, tal como o homem, a informação existe apenas na retórica.

Com vistas à instrumentalização da revelação da informação no mundo material do ser, a doação da forma, que é a articulação da informação no documento na relação entre as facetas, e a privação da forma e do sentido, que é a estrutura “não estruturada” composta de termos isolados da *Colon Classification* a partir da qual os assuntos são representados com base na captação epistêmica pelo classificador e impressão (*typos*) dos objetos em uma configuração formal destes objetos que resulta da tessitura epistêmica captada na relação entre facetas segundo a fórmula de facetas que orienta o alcance epistêmico dos limites de conformação na articulação dos conceitos abertos conforme a relação se estabelece no documento, no qual o rastro da personalidade é uma evidência material da articulação do contato do entre o mundo material e transcendental, interpretação esta confirmada na evidência do corpus em Silva (2010, p. 101, grifo nosso) já citada anteriormente em nossa discussão acerca da **acepção quase divina** sobre a **personalidade**.

Discute-se a seguir a respeito de nossa segunda hipótese de pesquisa considerando as evidências do Quadro 11, sendo a mesma mencionada a seguir: à luz dos estudos pragmáticos da informação e da metodologia da pragmática transcendental em Ranganathan, é possível investigar a categoria personalidade em sua formulação teórico-aplicada na categorização dos assuntos a partir da analogia entre esta e o limite dos conceitos nos jogos de linguagem de Wittgenstein. Não existem evidências no Quadro 11 que apontem para um vínculo categorial aristotélico-ranganthiano que associe a formulação teórico-aplicada da categoria personalidade na categorização a partir da analogia entre esta e o limite dos conceitos nos jogos de linguagem de Wittgenstein. Contudo, a não evidência no corpus a respeito da confirmação desta analogia não implica que a segunda hipótese seja refutada porque, conforme explicitado, nenhuma autoria de nossa revisão sistemática da literatura utilizou a teoria pragmática da informação para abordar a categorização aristotélico-ranganathiana. A discussão a respeito desta segunda hipótese não está ancorada, portanto, estritamente com o que apresentamos de evidências no corpus nos resultados da pesquisa, mas principalmente no que foi posto em diálogo com as autorias que utilizam a teoria pragmática da informação no desenvolvimento de nosso referencial teórico, mas as mesmas, exceto Saldanha (2016) e Menezes (2017), não discutem a analogia de nossa segunda hipótese, mas tratam estritamente a respeito da pragmática separada da categorização ranganathiana: nossa pesquisa demonstra evidências argumentativas ancoradas nas considerações pragmáticas wittgensteiniano-ranganathianas das autorias citadas a respeito da confirmação desta analogia e desta hipótese, a qual é uma frente de pesquisa frutífera às futuras investigações possíveis dos estudos primários.

Com base nas evidências de nosso corpus que dizem respeito à necessidade de identificação do contexto (classe básica) para a categorização (esta última aplica-se em relação ao primeiro) no Quadro 8 e no Quadro 9, isto nos leva à discussão sobre o pensamento pragmático de Ranganathan - desenvolvido também nos estudos na *School of Librarianship* de Londres, os quais aguçaram sua percepção epistêmica “enviesada” pelas técnicas de tratamento da informação pragmático-ocidentais que propunham dar conta do excesso de volume na produção bibliográfica decorrente da especialização epistêmica no contexto anglófono no séc. XX -, interpenetrado em sua proposta revolucionária de categorização, uma técnica biblioteconômica outra de processamento da informação ancorada no pensamento místico hindu fortemente identificado no método dos resíduos no Quadro 7, e os jogos de linguagem de Wittgenstein - análogos à categorização ranganathiana - tecidos a partir dos conceitos abertos, este último identificado nos esquemas-unidade padrão das disciplinas, como um vínculo categorial aristotélico-ranganthiano fraco quanto à oposição fundamental nestes autores quanto:

à proposta metodológica de operação ou de categorização, a qual está atrelada aos contextos em Ranganathan e é universalista e essencialista em Aristóteles; à identificação categórica, que ocorre por meio do método dos resíduos em Ranganathan, método negativo hindu, e pelo método para a relação entre significante, significado e referente das categorias aristotélicas; à corrente teórica de fundamentação das categorias, corrente empirista em Aristóteles e corrente pragmático-transcendental em Ranganathan; ao “universo de aplicação” em (SILVA, 2010, p. 101, grifo nosso) da categorização como uma evidência do Quadro 11, universo do conhecimento conforme conformação tecida na relação facetada que identifica determinados contextos bibliográfico-documentais em Ranganathan, e a cadeia natural dos seres.

Iniciamos nossa argumentação esclarecendo que os jogos de linguagem de Wittgenstein rompem com o argumento essencialista aristotélico na organização do conhecimento, posto que em sua pragmática, o foco desloca-se da busca pela enunciação do sentido unívoco das palavras para o movimento material das ações sociais das informações enunciadas na multiplicidade linguística e os efeitos na configuração *informe* de mundo (este não está dado à parte, metafisicamente, mas é o resultado linguístico do “método retórico vivo” de apresentação (trazer à existência o que antes não havia, descobrir via *lógos* a relação entre os termos que de modo vivo caracteriza a ação do impulso vindo do âmago do ser retórico que se desdobra no poder de pôr em movimento o mundo - o problema filosófico da verdade em *alethéia*, descobrimento) e compartilhamento de um mundo linguisticamente possibilitado tornar comum a outrem. A evidência em nosso corpus no Quadro 6 acerca do limite do conceito em Wittgenstein no Quadro 6 em relação à apropriação ranganathiana do colon (relação facetada) pelos parafusos e porcas (*nuts and bolts*), uma espécie de “máquina” de montagem performática que reproduz a formação (articulação entre conceitos abertos) do universo do conhecimento não segundo uma mensagem ao modo das teorias clássicas ocidentais gregas de transmissão do significado universalista, mas do conhecimento formado no “solo” primordial e simbólico do encontro das metaepistêmes férteis que impulsionam esta formação epistêmica segundo a diferença da percepção subjetiva do seres em sua abertura do ser, sua visão, ou seja, o encontro que supera os limites do tempo que se dá, em termos pragmáticos, pela oportunidade do encontro da abertura do ser dos autores dos livros e da abertura dos seres dos leitores, encontro este que está suscetível de intervenção da “energia [...] [transcendente] tripartida [materialmente] no intervalo do colon [...]”, retomando Menezes (2017, p. 225).

Os atributos essenciais de uma entidade constituem o todo unificado da realidade ou da substância em Aristóteles, conforme as evidências do Quadro 10. Em Ranganathan, os conceitos isolados pragmáticos e abertos apenas “são” quando lançados à sua vivência material

compartilhada no cruzamento retórico de ideias, seja nas articulações materialmente expressas nas tessituras epistêmicas das facetas do documento, nas tessituras epistêmicas do universo do conhecimento nas estantes, no movimento do ser retórico que pensa este universo e o aplica na tentativa de transformação da sociedade e, por fim, segundo a percepção subjetiva dos encontros. Em cada um dos casos, o conceito isolado ranganathiano-wittgensteiniano segue a “marcha” epistêmica do quinto mantra ou o caminho previsto dos desdobramentos materiais via ações de informação linguísticas - a categorização e a multiplicidade dos significados recuperados dos documentos desdobrados na vida social compartilhada do ser retórico -, os “frutos” da democracia documentária nas ações de informação. Isto é uma estratégia política ranganathiana de resistência para remediar as desigualdades sociais decorrentes da metafísica da escravidão e da colonização, de retornar à humanidade ou de rehumanizar os indivíduos ao mesmo tempo que, via categorização como um processo de tratamento e recuperação da informação, rehumaniza a informação.

A partir dos entrecruzamentos informacionais, os homens se tornam mais partícipes da vida pública, da vivência do mundo comum, o que configura uma oportunidade para tornarem-se mais conscientes dos problemas sociais e das ações ético-informacionais possíveis dos seus poderes para revertê-los. Desta vivência subjetiva, o homem aprende, melhora e transforma a si mesmo na medida que o pressuposto teórico hindu tem como prerrogativa a transformação do homem, da sociedade e do universo em sua completude, seja este especificamente do conhecimento ou, de modo mais amplo, referente à totalidade inefável e misteriosa da realidade que transcende a matriz documental espaço-tempo e o próprio campo da Ciência da Informação.

A realidade não é simples conforme a proposta de visualização da listagem de ramificação epistêmica nas facetas isoladas, mas, justamente pela relação fundamental colonada e simbólica da complexidade da configuração variante dos objetos que “protegem” os efeitos sofisticos desdobrados da energia do livro como uma força de origem transcendental que influencia materialmente via recuperação da informação o movimento ou a catalização de um “impulso” na promoção da reconfiguração formal dos objetos conforme expressão verbal na multiplicidade das figuras de linguagem nos atos informacionais do ser retórico de modo a promover o aprendizado decorrente do contato e dos efeitos deste contato com outras epistêmes captadas e vivenciadas por meio da recuperação da informação. É interessante observarmos que Ranganathan conquista sua autoridade como o pai da Biblioteconomia porque é um membro de destaque na comunidade discursiva da *Library and Information Science* anglófona e utiliza desta posição não para o enriquecimento material em seu próprio benefício, mas, ao invés disto, sua posição o permite evocar os pressupostos da epistême mística do hinduísmo para

revolucionar a metaepistemologia da configuração formal dos sistemas de organização do conhecimento em sua proposta da estrutura não estruturada da *Colon Classification* que utiliza os fundamentos teóricos da privação da informação esquecida pela cultura ocidental. Isto significa que Ranganathan é o primeiro intelectual a introduzir a face informe da informação na filosofia da *Colon Classification* com vistas à obter a inclusão da participação popular-social da tradição hindu desdobrada da aceção da variação cultural da informação, que é um engendramento sistemático da configuração variante dos objetos documentais presente na produção e percepção do conhecimento na representação do conhecimento outro. Considerando que o *informe* não foi abordado ou implementado nos estudos da *Library and Information Science* no período histórico em que Ranganathan viveu (1892-1972), sua proposta de pragmatização da categorização, um jogo de linguagem wittgensteiniano, é um projeto biblioteconômico-informacional do reaparecimento, uma “vida póstuma” warburgiana na qual uma determinada “face” esquecida (encoberta) não permanece desaparecida do mundo, “morta” para sempre, apenas por ter estado escondida por mais de 2.000 anos, mas esta face reaparece em uma cultura distinta (no caso, o hinduísmo mesclado com a pragmática), sem qualquer rastreamento possível entre as civilizações que evocam uma epistême sob seus próprios olhares, parcialmente inexprimíveis - místicos. Deste modo, a face da informação reaparecida em Ranganathan é o informe sinalizado na filologia da informação nos estudos da filosofia da informação que é instrumentalizado na categorização não isoladamente, mas na “dança” do *informe* com o *informo* na construção do número de classe. É interessante que Ranganathan tenha apresentado sua proposta da *Colon Classification* sem ter explicitado em seu corpus ter conhecimento a respeito da filologia da informação.

Ranganathan extrapolou a divisão lógica de classificação e propôs a classificação dos assuntos por facetas, o que significa que a demarcação dos mesmos não possui correspondência nos números de classes como entidades pré-existentes litadas no esquema, mas cabe ao classificador a tarefa de construí-los através da fórmula facetada na qual a ordenação sistemática da e para a relação entre os conceitos ocorre à luz do contexto indicado no Quadro 8 e no Quadro 9 no qual ocorre a categorização aplicada às classes principais e canônicas. Assim como em Wittgenstein, o método confere a condição de verdade, no âmbito do uso da linguagem, do conceito aberto (*informis*), que, em sua articulação colonada nas fórmulas facetadas (*informo*) a partir do *lógos* do classificador, possibilita a recuperação da informação a partir do número de classe construído na categorização - o *informo* se expressa na sintaxe da representação temática, no universo do conhecimento nas estantes e nas possibilidades decorrentes do encontro da abertura do ser retórico com o “meio” simbólico de reprodução ou

de performance da formação do conhecimento conforme um instante específico no tempo “impresso” no documento.

A eterna descoberta de conhecimentos é um objetivo tangível e pragmático que decorre do fluxo da informação. A finalidade última dos sistemas de informação nas bibliotecas compõe os jogos de linguagem que envolvem representação, uso e apropriação dos saberes em um contexto particular de significação.

Retomando Sundin e Johannisson (2005), o papel socializador da *Colon Classification* promove a superação da injustiça epistêmica da divisão dicotômica aristotélica no Quadro 10 transposta ao universo de assuntos identificada nos sistemas enumerativos anteriores à Ranganathan em direção à existência da multidimensionalidade epistêmica na sociedade como uma inovação tecnológica do aprimoramento do instrumento categórico nos sistemas anteriores ancorados nos fundamentos filosóficos da pragmática transcendental que dizem respeito à democracia, à ética e à política. Isto mostra que a pragmática rangathaniana procura tornar o esquema útil à sociedade, democrático à representatividade temática, pois é fidedigno à quaisquer conformações temáticas documentais dos assuntos complexos, sendo, neste sentido, a biblioteca uma instituição que atua no combate à desigualdade social através do acesso informacional na promoção da educação continuada.

O significado atrelado à sintaxe e à semântica do primeiro Wittgenstein se encontra presente em Ranganathan na sintaxe presente na montagem do número de classe análoga ao conceito wittgensteiniano no Quadro 6, cujo trabalho do classificacionista requer conhecimento técnico do “saber fazer”, ou seja, da ordenação sistemática nas quais as relações epistêmicas tecidas nos documentos no e do universo do conhecimento são representadas à luz dos princípios e postulados no corpus rangathaniano, tendo como produto de classificação a representação temática ou o substituto (*surrogate*) do documento o número de classe. Por outro lado, o significado atrelado ao uso na pragmática do segundo Wittgenstein não constitui um paradigma no sentido dado a este termo por Thomas Kuhn em *Estruturas das Revoluções Científicas* publicado em 1962 porque a natureza das ciências humanas e sociais se constitui de pares que consolidam socialmente correntes teórico-metodológicas que são vertentes primárias de pesquisa adequadas à determinados objetos de pesquisa, mas que a evidência científica da descoberta de novas correntes não significa a invalidação de correntes “antigas”, ou seja, os novos conhecimentos não anulam ou superam os anteriores. Isto justifica nossa argumentação de “harmonia” entre os discursos teórico-conceituais dos dois Wittgensteins identificados na *Colon Classification*, sendo a Personalidade no Quadro 7, Quadro 8 e Quadro 9 um conceito fundamental de reunião e articulação da multiplicidade dos sentidos nas facetas isoladas em um

“jogo” místico-instrumental-categórico entre a privação e a doação da forma (o sentido é fundamentalmente plástico e mutável), entre o significado como a união da técnica de processamento da informação advindo das teorias sintática e semântica da informação (presentes no modelo de câmara cerebral e da formação de ideias simples e complexas com base na noção de conceito no Quadro 7 a partir do modo de pensar próprio de um matemático de formação) unido à corrente pragmática de organização de bibliotecas estudada por Ranganathan quando em sua travessia à *School of Librarianship* em Londres de vertente norte-americana tecnicista cujas influências históricas da organização de bibliotecas no séc. XIX decorrente da necessidade de organização das gigantescas coleções das bibliotecas públicas e da crescente especialização dos saberes, é um fator de influência na técnica inglesa em vigor neste contexto histórico aprendido por Ranganathan.

A relação rangathan-wittgensteiniana no Quadro 6, Quadro 7, Quadro 8 e Quadro 9 nos permite discutir a aplicação categórica à luz dos aportes pragmatistas da Ciência da Informação. Esta aplicação é instrumentalizada pelas unidades conceituais, os focos e isolados das classes principais que são as peças do quebra-cabeças na formação dos assuntos, os quais consideramos análogos aos jogos de linguagem a partir do limite dos conceitos com limites desfocados (*fuzzy*). Consideramos a fronteira conceitual wittgensteiniana um ponto de encontro com a pragmática de Ranganathan no papel exercido pela Personalidade no tratamento e recuperação da informação na *Colon Classification*, o que possibilita emergir pelo uso os sentidos contextuais de significações intersubjetivas que tanto são mutáveis quanto impulsionam a transformação de tudo o que “tocam” que entram em contato. Os exemplos fornecidos a respeito da Personalidade compreendem um conceito que expressa o que ou sobre o que se trata a temática central do documento a partir de um contexto específico. Contudo, estes conceitos não são fechados em sua significação, de modo definitivo, mas estão necessariamente atrelados ao contexto social, institucional e cultural de sua produção documental ou ação de informação - que são os condicionantes, o “ponto de partida” do direcionamento, do olhar, do rosto pelo qual os objetos da Personalidade são abordados, o seu ângulo que varia nos usos, os quais vertem novos modos de compreender e articular estes objetos reconfigurados com outros possíveis pressupostos epistêmico-culturais-críticos. Logo, estes objetos não são verdadeiros ou falsos em si mesmos a partir do método rangathaniano de categorização (e neste sentido, a noção de objeto rompe com o pressuposto do ser como verdadeiro e como falso em Aristóteles) porque sua significação é de cunho linguístico, ou seja, sempre inserida na sistematização linguística da complexidade do universo do conhecimento expresso nas estantes, nas trocas epistêmicas sociais, na interpretação silenciosa do leitor - na

reconfiguração ou no lançamento do objeto na sociedade a partir de novos pressupostos e intencionalidades. A pragmática rangathaniana não propõe a negação da definição terminológica do termo que expressa a Personalidade, mas sim que a utilização desta definição sófica está atrelada ao contexto documental e visa à obtenção dos efeitos sofisticados materiais quando este contexto no Quadro 8 e Quadro 9 é inserido nos debates sociais. Nisto consiste a fundamentação epistemológica do direito à cidadania (documentária) participativa. Sem o acesso pelo usuário via recuperação da informação de como a configuração destes objetos ocorre no universo do conhecimento até o momento presente, ou seja, enquanto houver o apagamento (intencional ou não) e sistemático da memória por deficiências ético-epistêmico-instrumentais não identificadas nos processos de tratamento da informação, não é possível assegurar um ponto de partida social justo do ser no mundo *comum* com os outros, ou seja, da educação como ato de resistência e tentativa de superação das desigualdades sociais e injustiças epistêmicas. Neste sentido, a noção de informação exerce papel fundamental no modo pragmático-social do ser retórico, tendo em vista que a garantia da igualdade de direitos (dentre os quais, o da informação), mesmo sendo um dever do Estado, demanda a cada indivíduo um processo continuado de formação intelectual, ou seja, em termos pragmáticos, demanda: (i) uma cultura da leitura, incentivando a curiosidade epistêmica dos usuários; (ii) a divulgação de produtos e serviços da biblioteca, qualquer que seja sua tipologia; (iii) o estímulo e a conscientização da intencionalidade dos produtos e serviços da biblioteca explicitados nas políticas de informação da instituição e que devem ser de acesso público à comunidade usuária, ou seja, devem ser divulgados de modo mais eficiente, exemplos possíveis são: panfletagem, mídias sociais, dentre outros. Estes objetos epistêmicos “lançados” à humanidade na recuperação da informação via ferramenta categorial conferem as condições de possibilidade para a atuação do ser retórico que, tendo sua episteme sido aguçada pelo exame empírico do universo fenomênico do conhecimento, o permitem a exercer materialmente o seu poder de transformação pessoal e coletiva ancorada em decisões mais conscientes. Dito isto, os objetos da *Colon Classification* são “unidades que são Unidade/Totalidade” (SEPÚLVEDA, 1998) na categorização (aqui, esta é discutida à luz da pragmática englobando tanto o processamento da informação quanto a sua recuperação e reflexão epistêmico-social que se desdobra, por sua vez, na produção documental, ou seja, a totalidade do fluxo da informação na inserção da biblioteca na sociedade), pois a não fronteira dos conceitos abertos wittgensteiniano-ranganathanianos no Quadro 6 e no Quadro 7 e a noção de individualidade/sociabilidade é difusa: o homem exerce verdadeiramente sua individualidade quando encontra meios de expressá-la na sociedade, tornando comum o que era fechado, oculto, velado, não cognoscível, sem que com isto todo o

mistério do ser e do saber seja revelado totalmente, há sempre no símbolo a presença de algo que não há palavra ou sentido ou existência meramente linguística que seja capaz de expressar o que é que o constitui de modo independente ou metafisicamente conforme concepção da teoria do ser aristotélica que propõe resolver o problema da significação nas definições dos entes no Quadro 10, ou seja, a pragmática transcendental ranganathiana contempla o simbólico a partir do misticismo hindu e a evidência em nosso corpus que comprova isto está expressa no Quadro 7 e no Quadro 8 na noção de inefabilidade. Este processo de comunicação é também um processo de autoeducação (e estético), pois o desdobrar das múltiplas epistêmes concebendo, interpretando, inteligindo e atuando pragmaticamente no meio social com vistas a deixar marcas no mundo de transformação pessoal e coletiva é de cunho político-democrático e também belo. Contudo, as conquistas sociais obtidas são democraticamente frágeis à luz dos contextos de ameaças à Constituição e ao ressurgimento global do fascismo, ou seja, as mesmas não são permanentes, precisam ser veladas e, nesse sentido, o trabalho do Bibliotecário ganha maior relevância política enquanto método de divulgação do conhecimento para a resistência política via educação continuada.

Retomando González de Gómez (1999), o uso pelo ser retórico de todas as modalidades da produção de sentido na pragmática wittgensteiniana em Ranganathan a partir do tratamento e recuperação da informação permitem ultrapassar a noção de representação dos assuntos na teoria da informação em direção às possibilidades abertas e informes decorrentes da abertura do ser que “brinca” de construir e reconstruir, ou seja, o movimento via uso da linguagem na articulação dos conceitos que se desdobra nos efeitos sofisticos materiais de transformação das consciências, conforme enunciado em Saldanha (2016), ou a transformação via noção hindu de si mesmo e, por extensão, conforme evidência no Quadro 7 da personalidade concebida como uma totalidade, (o contexto temático da classe na qual a categorização opera unido ao estado de complexidade do universo do conhecimento no âmbito transcendental manifestado empiricamente pelo *lógos* nos documentos, nos discursos e na estruturação político-epistêmica da sociedade - o campo da organização do conhecimento no sentido restrito e amplo) a transformação da própria estrutura (informe, plástica, mesmo que não pareça ser à primeira vista) do mundo a partir do poder da linguagem e das bibliotecas que consiste no uso dos conceitos articulados em todas as figuras de linguagem possíveis. Portanto, estas modalidades não negam as técnicas da Biblioteconomia, mas as concebem à luz de suas possibilidades - estritamente humanas - de atuação e intervenção social), ou seja, partindo do jogo linguístico representado nos documentos e abrindo, com isso, infinitas possibilidades de atuação linguística nos novos jogos com base na relação estabelecida no uso dos conceitos (signos) para

reconfigurar a realidade. A plasticidade informe da *Colon Classification*, expressão técnica e máxima do universo do conhecimento, é também um reflexo do mundo informe conforme concepção hindu, pois mutável, via linguagem.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentamos a seguir autoquestionamentos referentes à coerência de articulação das seções que compõem as grandes estruturas da pesquisa, a saber: objeto, questões e objetivos gerais e específicos da pesquisa de dissertação, assim como o percurso metodológico que nos orientou no recorte de nosso corpus e resultados, ambos manifestos no objeto, questões e objetivos e como este possibilitou a obtenção das respostas que atendem às questões.

Retomamos o objeto de pesquisa explicitado a seguir: o conceito Personalidade nas obras *Prolegomena to Library Classification* (1967), *Philosophy of Library Classification* (2006) e *Colon Classification* (1960) e substância de Aristóteles na obra *Categorias* (1978). A configuração epistêmica de nosso objeto resulta da formação acadêmica no Bacharelado em Biblioteconomia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) entre os anos 2014 e 2019. A travessia da discente iniciou-se no cumprimento das atividades pedagógicas relacionadas ao conteúdo e à aplicação da Lógica atendendo às turmas dos cursos de Biblioteconomia e de Filosofia entre os anos 2015 e 2016, as quais proporcionaram adquirir aprendizados extraídos da experiência pedagógica no atendimento às dúvidas dos discentes e na correção parcial das avaliações, ambos assistidos pelo docente Prof. Dr. Rodolfo Petrônio da Costa Araújo. Em seguida à esta experiência, a discente iniciou a iniciação científica sem bolsa do projeto de pesquisa Filosofia e Ontologia da natureza, cuja responsabilidade é do Prof. Dr. Rodolfo Petrônio da Costa Araújo, de outubro de 2016 a fevereiro de 2017 e foi bolsista de iniciação científica de março de 2017 a julho de 2017. Nesta investigação científica, o presente objeto de pesquisa de dissertação adquiriu os contornos iniciais. A curiosidade epistêmica da discente direcionou-a a optar por permanecer investigando este objeto no trabalho de conclusão de curso em 2019 sob a orientação do Prof. Dr. Gustavo Silva Saldanha e no curso de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT) em convênio entre a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Tendo em vista que nosso objeto indica um olhar filosófico a respeito dos fundamentos epistemológicos da organização do conhecimento, o método da revisão sistemática da literatura foi utilizado principalmente para a construção da seção do referencial teórico e, de modo secundário, na construção parcial dos resultados. O referencial teórico propôs apresentar o estado da arte da produção bibliográfica a respeito dos vínculos categoriais aristotélico-ranganathanianos na Ciência da Informação. O método da socioterminologia foi elegido como o

método de análise dos *corpora* da revisão sistemática da literatura. Este possibilitou a descoberta dos usos ou dinâmicas sociais bibliográficas do conceito de categoria na terminologia especializada atrelado aos contextos sociais distintos dos produtores do discurso, os quais utilizam uma multiplicidade de variações terminológicas atreladas a estes contextos particulares, em comparação à definição terminológica nas obras de referência especializadas da Ciência da Informação e da Filosofia.

O método da revisão sistemática da literatura está alocado na seção secundária na medida que o mesmo desdobra-se na seção terciária do referencial teórico, ou seja, o método nos orientou no recorte de nosso corpus e em uma parcela dos resultados referente aos vínculos categoriais aristotélico-ranganathanianos descobertos na aplicação do método. Por esta razão, é coerente que esteja alocado antes do referencial teórico e não depois, como comumente ocorre nas pesquisas de dissertação e das teses em Ciência da Informação.

Nossas questões, objetivos gerais e objetivos específicos propuseram orientar a investigação de nosso objeto com a liberdade e a abertura epistêmico-institucional de um espaço discursivo receptivo ao nosso estilo de redação científica conformado segundo os caminhos epistêmicos na etapa de planejamento explicitada no pré projeto de pesquisa submetido ao PPGCI IBICT-UFRJ nas etapas formais de seleção do mestrado no PPGCI IBICT-UFRJ no ano de 2020. Nossos critérios de seleção do corpus que compõem os resultados da pesquisa foram elaborados de modo a manter uma coerência discursivo-epistêmica entre a natureza do objeto, a aplicação dos métodos, a discussão epistemológica a respeito dos vínculos categoriais e as considerações finais. Consideramos que as questões e objetivos de pesquisa foram respondidos. Ambos foram devidamente dialogados e desenvolvidos com base na conformação entre a atribuição das evidências do nosso corpus nos resultados como ponto de partida para o aprofundamento epistêmico de nossa discussão em nosso percurso metodológico-crítico.

A seguir explicitamos nossas considerações finais a respeito das questões e dos objetivos gerais e específicos da pesquisa.

As inovações democrático-ético-políticas estão alicerçadas na proposta filosófica inovadora de Ranganathan na pragmática transcendental, a qual propõe a implementação de inovações a respeito de uma oposição aos modelos de organização do conhecimento tradicionais aristotélicos no campo da organização do conhecimento no período clássico até Dahlberg. Estas inovações consistem em: (i) assegurar a possibilidade epistêmica do tratamento temático da informação fundamentado no princípio multifacetado, o qual concebe o significado atrelado às ações de informação (tratamento, recuperação e usos da informação); (ii) utilizar um modelo de organização do conhecimento como a aplicação ou a empiria (considerando que é na

aplicação da teoria que esta última de fato adquire robustez e predominância em um campo informacional) os fundamentos teóricos não exclusivamente mas também “servem” à aplicação da teoria da não conceitualidade e da teoria dos jogos de linguagem de Wittgenstein.

Com base nas aplicações da Personalidade na categorização temática, Ranganathan instrumentaliza o conceito clássico de informação em seu modelo de organização do conhecimento aberto sob o viés do oriente-ocidente que concebe e confere as condições necessárias para a articulação dos cruzamentos epistêmicos *a posteriori* nos objetos classificados nos documentos na dupla direção do informo - doação da forma da informação -, que consiste na atividade da categorização, que é a construção do número de classificação, assim como o arranjo documental nas estantes ou no universo do conhecimento, a partir do qual os objetos classificados possuem formas variantes resultantes das relações temáticas estabelecidas entre os documentos; e do informe - a privação da forma da informação -, que consiste na própria estrutura da listagem exaustiva dos termos-conceitos isolados da *Colon Classification*, os parafusos e as porcas, que permitem a categorização, ou seja, permitem estabelecer o cruzamento entre as facetas isoladas dos assuntos em fórmulas preestabelecidas nas disciplinas como condição prévia e necessária à captação da forma variante dos objetos conforme materialmente expressa em um período do tempo nos documentos (a forma dos objetos é contínua, como o desenvolvimento orgânico dos seres - e saberes, com a ressalva deste último ser orgânico e mutável - pensamento oriental-místico-hindu - ou de possibilitar representar uma “mudança de natureza” dos objetos retraduzidos - posto que estes últimos não são de modo autônomo conforme concebido na materialidade e imaterialidade da informação nos documentos, mas, em oposição ao discurso da autonomia das entidades documentárias, adquirem existência no mundo comum compartilhado socialmente a partir da linguagem no fluxo da informação que se inicia com o tratamento e recuperação da informação, a noção de informação “em si mesma” da teoria sintática e semântica da informação é substituída pela informação rehumanizada nos agenciamentos linguísticos, conforme discurso pragmático da informação meneziano): o informe é a abertura epistêmica no tempo simbólico do universo necessária à performance de formação do conhecimento - tradução, interpretação, reflexão e ação a respeito da informação - que evoca a necessidade de listagem de facetas - como o sistema alfabeto - que possibilita captar intelectualmente e instrumentalmente as conexões entre epistêmes outras - todas as possibilidades de cruzamentos epistêmicos nos objetos classificados nos documentos - segundo a metaepistême fundamentada na relação, no cruzamento, pelos autores das obras e não pelo sistema de organização do conhecimento enumerativo, nos quais tudo o que não se conforma à escolha do sentido - os dessemelhantes da divisão binária - são

destituídos de epistême e de representação, o que implica no apagamento sistemático ou no silenciamento das epistêmes dos povos e na perpetuação do epistemicídio de modo consciente ou inconsciente pelos profissionais da informação que utilizam sistemas de organização do conhecimento pautados na exclusão dos dessemelhantes. Esta nuance ético-político-epistêmica da informação presente na categorização implica que o corpus rangianathiano é frutífero para as discussões decoloniais e epistemológicas críticas como frentes de investigações primárias futuras e frutíferas no campo da organização do conhecimento.

A classificação é o processo do tratamento temático da informação preconizado em nosso objeto de estudo. As apropriações na categorização rangianathiana à questão do limite do conceito nos jogos de linguagem wittgensteinianos estão relacionadas à operacionalização pragmático-transcendental da teoria do não conceito ou da definição terminológica aberta das categorias na análise dos objetos e seus reaparecimentos com formas variantes de mudança de natureza nos ciclos e níveis enquanto a oposição radical de uma metaepistême inovadora de organização de domínios de especialidade à predominância histórica e acrítica nos estudos informacionais da proposta da definição do conceito fechado originado segundo a lógica aristotélica que pressupõe a existência de significados invariáveis ou metafísicos transmitidos via *lógos* e que desvincula as seguintes nuances ético-epistêmicas do tratamento da informação no processamento técnico das bibliotecas: a questão da representação da informação seguindo o fundamento relacional (colon) implica no modo outro na ponte oriente-ocidente de conceber, captar, registrar e recuperar informações e que consiste em uma proposta pragmática categorial enquanto modelo de organização do conhecimento que visa representar a epistême dos povos, de sua memória pessoal e coletiva representada fidedignamente no sistema de organização do conhecimento formal *Colon Classification*.

As aplicações da Personalidade na categorização possibilitaram uma interpretação crítico-filológica da relação entre a fundamentação teórico-empírica da teoria da classificação consolidada histórico-epistemologicamente pela filosofia da informação de modo não explícito nos estudos informacionais rangianathianos considerando as seguintes noções centrais presentes no estilo de redação científica no corpus rangianathiano: (i) a fundamentação da corrente de pensamento da pragmática transcendental na *Colon Classification* que promulga a transformação ou a mutação dos significados categóricos no universo do conhecimento a partir da recuperação e usos da informação; (ii) a operacionalização do conceito de informação resgatando de modo não explícito a filologia grega deste conceito na dupla direção da articulação ou da “dança” do informo e do informe na categorização, respectivamente, da doação e da privação da forma da informação com base na teoria pragmática da informação

wittgensteiniana que ocorre, respectivamente, na estrutura (que é fundamentalmente uma estrutura não estruturada de termos isolados nas disciplinas) e na variação da forma dos objetos nos documentos, nas estantes e nas trocas linguísticas na sociedade por especialistas e não especialistas, em todos os casos, as raízes culturais compõem a percepção e a metaepistême de indivíduos e da coletividade, dado que a dimensão simbólica do tempo arcaico do universo manifesta-se parcialmente no método científico - que vai da percepção subjetiva do conhecimento à descoberta de novos conhecimentos - o que implica que não se propõe na *Colon Classification* a transmissão de significados invariáveis via recuperação da informação, mas sim em representar determinadas formas variantes dos objetos conforme o estado atual do conhecimento no tempo, as quais estão em movimento e não possuem valor de verdade separadas da captação epistêmico-crítico-ética pela sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AGAMBEM, G. **O uso dos corpos**. Tradução Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2017.
- ALMEIDA, B. M. B. M. de; PINHO, K. R. O. de. Uma Reflexão acerca do Crátilo, de Platão. **Revista Porto das Letras**, Tocantins, v. 2, n. 2, p. 234- 252, 2016.
- ALENCAR, M. S. de M; OLIVEIRA, E. da C. P de. A internacionalização das coleções da SciELO Citation Index na área de Ciência da Informação e Biblioteconomia. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 23, p. 142-158, 2017.
- ALMEIDA, C. C. de; GRÁCIO, M. C. C. Produção científica brasileira sobre o indicador “Fator de Impacto”: um estudo nas bases SciELO, Scopus e Web of Science. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, [s. l.], v. 24, n. 54, p. 62-77, 2019.
- ANDO, T. The tradition of the concept of metaphysics. *In: Metaphysics: a critical survey of its meaning*. Dordrecht: Springer, 1974.
- ANGIONI, L. **A noção aristotélica de ousia**. 2000. 688f. Tese (Doutorado em Filosofia) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- ANGIONI, L. **Introdução à teoria da predicação em Aristóteles**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.
- ANGIONI, L. **Metafísica de Aristóteles**: Livro V, 1-8. Translation of chapters 1-8 of Aristotle’s *Metaphysics Delta*, with a little of philological observations and philosophical remarks in the notes. Campinas: Phaos, 2003.
- ANJOS, L. dos. **Sistemas de classificação do conhecimento na Filosofia e Biblioteconomia**: uma visão histórico-conceitual crítica cm enfoque nos conceitos de classe, de categoria e de faceta. São Paulo, 2008. 290f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- ARANALDE, M. M. Reflexões sobre os sistemas categoriais de Aristóteles, Kant e Ranganathan. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n. 1, p. 86-108, 2009.
- ARAÚJO, V. M. A. P. de A. **Sistemas de recuperação da informação e linguagens documentárias**: contribuições dos estudos da linguagem. 2013. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

ARISTOTLE. **The works of Aristotle**. Chicago: Encliclopaedia Britannica, 1978. v. 1.

AUBENQUE, P. **El problema del ser en Aristóteles**. Versión castellana de Vidal Peña. Madrid: Taurus, 1987.

AUROUX, S; JACOB, A. **Encyclopédie philosophique universelle**: Les notions philosophiques Dictionnaire, Tome 1. Paris: Presses Universitaires de Frances, 1998. v. 2

BARBOSA, A. P. Classificações facetadas. **Ciência da Informação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 73-81, 1972.

BARITÉ, M., *et al.* **Diccionario de Organización del Conocimiento**: Clasificación, Indización, Terminología. 6.a ed. corregida y aumentada. Montevideo: CSIC, 2015.

BARITÉ, M G. **Glosario sobre organización y representación del conocimiento**: clasificación, indización, terminología. Montevideo: CSIC; Indice, 1997.

BARITÉ, G. M. Las categorías: aportes para una revisión conceptual y metodologica. **Cadernos da F.F.C.**, Marília, v. 7, n. 1/2, p. 77-96, 1998.

BARITÉ, M. G. The notion of 'category': its implications in subject analysis and in the construction and evaluation of indexing languages. **Knowledge Organization**, [s. l.], v. 27, n. 1/2, p. 4-10, 2000.

BENVENISTE, E. Categorias do pensamento e categorias da língua. *In*: **Problemas de linguística geral I**. Tradução Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri, Revisão do Prof. Isaac Nicolau Salum. 3a ed. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1991. p. 68-80.

BENOÎT, G. Toward a Critical Theoretic Perspective in Information Systems. **Library Quarterly**, [s., l.], v. 72, n. 4, p. 441-471, 2002.

BIAGETTI, M. T. Philosophy in Bibliographic Classification Systems. **Knowledge Organization**, [s., l.], v. 36, n. 2/3, p. 92-102, 2009.

BIANCHINI, C. Colon Classification di Ranganathan. *In*: GUERRINI, M. **Biblioteconomia**: guida classificata. Milano: Editrice Bibliografica, 2007. p. 621-625.

BIREME. **Scientific Electronic Library Online**. 2022. Disponível em: <https://scielosp.org/about/about-scielo>. Acesso em: 14 jun. 2022.

BINWAL, J. C. Ranganathan and the universe of knowledge. **International Classification**, Frankfurt, v. 19, n. 4, p. 195-200, 1992.

BOOTH; PAPAIOANNOU; SUTTON. Synthesising included studies. *In: Systematic Approaches to a successful literature review*. London: SAGE Publications Ltd, 2012. p. 125-169.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 30 jun. 2022.

BROUGHTON, V. Faceted classification. *In: Essential Classification*. [S. l.]: Facet. 2015. p. 299-326.

BROUGHTON, V. The need for a faceted classification as the basis of all methods of information retrieval. **Aslib Proceedings**, [s. l.], v. 58 , n. 1/2, p. 49-72, 2006.

BUFREM, L. S. *et al.* Modelizando práticas para a socialização de informações: a construção de saberes no ensino superior. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 15, n. 2, 2010.

CAMPOS, M. L. de A. **Linguagens documentárias: teorias que fundamentam sua elaboração**. Niterói: UDUFF, 2001.

CAMPOS, M. L. de A. Modelização de domínios do conhecimento: uma investigação de princípios fundamentais. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 33, n. 1, p. 22-32, 2004.

CAMPOS, L. M.; CAMPOS, M. L. A. Personalidade e matéria na classificação facetada: a questão do contexto e pressupostos teóricos e metodológicos. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 15., 2014, Belo Horizonte. **Anais [...]**. Belo Horizonte: UFMG, 2014. p. 528-548.

CAMPOS, M. L. de A. C.; GOMES, H. E. Taxonomia e Classificação: princípios teóricos e metodológicos. **DataGramaZero**, [s. l.] v. 9, n. 4, 2008.

CAPURRO, R. Apud Arabes: notes on Greek, Latin, Arabic, Persian, and Hebrew roots of the concept of information. [s.n.], [s. l.]. Disponível em: capurro.de/iran.html. Acesso em: 19 jun. 2022.

CAPURRO, R. Der Griechische Ursprung *In: CAPURRO, R. Information: Ein Beitrag zur etymologischen und ideengeschichtlichen Begründung des Informationsbegriffs*. 1978. Tese (Doutorado em Filosofia) – Institut für Philosophie, Universität Düsseldorf, Munich, 1978. f. 16-49.

CAPURRO, R. Epistemology and Information Science. *In: SCHWARZ, S. (Ed.). Report trita-LIB-6023*, Stockholm, 1985.

CAPURRO, R. Past, present, and future of the concept of information. **tripleC**, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 125-141, 2009.

CAPURRO, R. What is Information Science for? a philosophical reflection *In: INTERNATIONAL CONFERENCE FOR THE CELEBRATION OF 20TH ANNIVERSARY OF THE DEPARTMENT OF INFORMATION STUDIES*, Finland, 1991. **Proceedings** [...]. London, Los Angeles: Taylor Graham, 1992. p. 82-96.

CASSIN, B. **Aristóteles e o logos**: contos da fenomenologia comum. Tradução Luis Paulo Rouanet. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

CASSIN, B. **O efeito sofístico**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Maria Cristina Franco Ferraz e Paulo Pinheiro. São Paulo: Ed. 34, 2005.

CERRAO, N. G.; CASTRO, F. F. de; JESUS, A. F. de. O método de revisão sistemática da literatura (RS) na área da Ciência da Informação no Brasil: análise de dados de pesquisa. **Informação & Tecnologia (ITEC)**, Marília/João Pessoa, v. 5, n. 1, p. 105-116, 2018.

CLARKE, R. I. Color by Numbers: An Exploration of the Use of Color as Classification Notation. **Art Documentation: Journal of the Art Libraries Society of North America**, [s. l.], v. 32, n. 2, p. 222-238, 2013.

DAHLBERG, I. A referent-oriented, analytical concept theory for INTERCONCEPT". **International Classification**, [s. l.], v. 5, n. 3, p. 143-151, 1978.

DAHLBERG, I. **Grundlagen universaler Wissensordnung**: probleme und möglichkeiten eines universalen klassifikationssystems. München: Verlag Dokumentation, 1974.

DAHLBERG, I. Classification theory, yesterday and today. **International Classification**, v. 3, n. 2, p. 85-90, 1976.

DAHLBERG, I. Knowledge organization: a new science? **Knowledge Organization**, Frankfurt, v. 33, n. 1, p. 11-19, 2006.

DAHLBERG, I. Teoria da classificação, ontem e hoje. *In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA*, Rio de Janeiro, 1976. **Anais** [...]. Brasília: IBICT/ABDF, 1979, p. 352-370. v. 1.

DAL'EVEDOVE, P. R.; FUJITA, M. S. L. Estudo sociocultural da comunidade discursiva do tratamento temático da informação em bibliotecas universitárias. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, [s. l.], v. 18, n. 36, p. 23-50, 2013.

DAVIES, R. The creation of new knowledge by information retrieval and classification. **Journal of Documentation**, [s. l.], v. 45, n. 4, p. 273-301, 1989.

DELAVIGNE, V. Term usage and socioterminological variation. In: DROUIN, P. *et al.* (Eds.). **Multiple perspectives on terminological variation**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. p. 31-56.

DIALLO, S. Socioterminología: orígenes, objeto y aplicaciones. **Informatio: Revista Del Instituto De Información De La Facultad De Información Y Comunicación**, [s. l.], v. 25, n. 2, p. 22-40, 2020.

DIALNET. 2022. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/documentos>. Acesso em: 14 jun. 2022.

DOBRESKI, B. Re-examining Aristotle's Categories as a Knowledge Organization System. NORTH AMERICAN SYMPOSIUM ON KNOWLEDGE ORGANIZATION, 8., 2021, Washington. **Proceedings** [...]. Washington: University of Washington, 2021. p. 1-10.

DUBOIS, J. *et al.* **Le dictionnaire de linguistique et des sciences du langage**. Paris: Larousse 1994.

DUTTA, B. Ranganathan's elucidation of subject in the light of 'Infinity (∞)'. **Annals of Library and Information Studies**, [s. l.], v. 62, n.4, p. 255-264, 2015.

DUTTA, B.; MAJUMDER, K.; SEN, B. K. In search of dimensions of subject from the standpoint of Ranganathan. **Annals of Library and Information Studies**, [s. l.], v. 60, n. 1, p. 51-55, 2013.

ESBCO. **Computers and Applied Sciences Complete** (EBSCO). 2022c. Disponível em: <https://www.ebsco.com/pt/produtos/bases-de-dados/computers-applied-sciences-complete>. Acesso em: 14 jun. 2022.

ESBCO. **Information Science & Technology Abstracts with Full Text**. 2022b. Disponível em:

ESBCO. **Library, Information Science & Technology Abstracts with Full Text**. 2022a. Disponível em: <https://www.ebsco.com/products/research-databases/library-information-science-technology-abstracts-full-text>. Acesso em: 14 jun. 2022.

EMERALD PUBLISHING. 2022. Disponível em: <https://www.emerald.com/insight/>. Acesso em: 14 jun. 2022.

FERRATER MORA, J. **Diccionario de Filosofía**, Tomo I (A-D). Barcelona: Editorial Ariel, 1994.

FOSKETT, A. C. **The Subject Approach to Information**. 4. ed. London: Clive Bingley, 1982.

FOSKETT, D. J. "The "Personality" of the Personality Facet". In: RAJAGOPALAN, T. S. (Ed.). **Ranganathan's Philosophy: Assessment, Impact and Relevance**. New Delhi: Vikas Publishing House, 1986. p. 143-152.

FRANCELIN, M. M. **Ordem dos conceitos na Organização da Informação e do Conhecimento**. 2010. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

FRIEDMAN, A.; SMIRAGLIA, R. P. Nodes and arcs: concept map, semiotics, and knowledge organization. **Journal of Documentation**, [s. l.], v. 69, n. 1, p. 27–48, 2013.

FRIIS-HANSEN, J. B. Ranganathan's Philosophy: Assessment, Impact and Relevance Report on the International Conference in New Delhi 11—14 November 1985. **Libri**, [s. l.], v. 36, n. 1, p. 313–319, 1986.

FROHMANN, B. Documentation Redux: Prolegomenon to (Another) Philosophy of Information. **Library Trends**, [s. l.], v. 52, n. 3, p. 387-407, 2004.

GARCÍA GUTIÉRREZ, A. Desclassification in knowledge organization: a post-epistemological essay. *Transinformação*, [s. l.], v. 23, n. 1, p. 5-14, 2011.

GLAZIER, J. D.; GLAZIER, R. R. Cultural roots of modern classification. In: CONGRESO DEL CAPÍTULO ESPAÑOL DE ISKO, 6., 2003; COLOQUIO INTERNACIONAL DE CIENCIAS DE LA DOCUMENTACIÓN, 4., 2003, Salamanca. **Proceedings** [...]. Salamanca: Universidad de Salamanca. p. 211-215.

GNOLI, C. "Classifying Phenomena, Part 3: Facets." In: SMIRAGLIA, R.; HUR-LI, L. (Eds.). **Dimensions of Knowledge: Facets for Knowledge Organization**. Würzburg: Ergon, 2017a. n. p.

GNOLI, C. Syntax of facets and sources of foci: a review of alternatives. In: INTERNATIONAL UDC SEMINAR, 6., 2017b, London. **Proceedings** [...]. Würzburg: Ergon, 2017b. p. 243-256.

GOMES, H. E. **Classificação, tesauro e terminologia: fundamentos comuns**. Rio de Janeiro, 1996. Palestra preparada para as Tertúlias do Departamento de Biblioteconomia da UNIRIO, apresentada em julho de 1996. Disponível em: <http://www.conexaorio.com/bit/tertulia/tertulia.htm>. Acesso em:

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. As ações de informação e seus contextos: aportes da pragmática ao campo investigativo da ciência da informação. **Informação & Sociedade: Estudos**, [s. l.], v. 30, n. 4, p. 1-20, 2020.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Comentários ao artigo "Hacia un nuevo paradigma en Bibliotecología". **Transinformação**, Campinas, v. 8, n. 3, p. 44-56, 1996.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Dos Estudos Sociais da Informação aos Estudos do Social desde o ponto de vista da informação. In: AQUINO, M. de A. (org.). **O Campo da Ciência da Informação: Gênese, conexões e especificidades**. João Pessoa: Editora UFPB., 2002. p. 25-47.

GRACIOSO, L. S. ; SALDANHA, G. S. **Ciência da Informação e Filosofia da Linguagem: da pragmática informacional à web pragmática**. Rio de Janeiro: Ed. do Autor, 2010. 149p .

GROLIER, E. de. **A Study of general categories applicated to classification and coding in documentation**. Paris, Unesco, 1962. 246 p.

GUIMARÃES, J. A. C. A dimensão teórica do tratamento temático da informação e suas interlocuções com o universo científico da International Society for Knowledge Organization (ISKO). *Revista Ibero-americana de Ciência da Informação (RICI)*, [s. l.], v.1, n.1, p.77-99, 2008.

GUIMARÃES, J. A. C. Abordagens teóricas de tratamento temático da informação: catalogação de assunto, indexação e análise documental. **Ibersid: Revista De Sistemas De información Y documentación**, [s. l.], v. 3, p. 105-117, 2009.

GUIMARÃES, J. A C.; PINHO, F. A.; FERREIRA, G. M. Relações teóricas da organização do conhecimento com as abordagens de catalogação de assunto, indexação e análise documental. **Scire**, [s. l.], v. 18, n. 2, p. 31-41, 2012.

GUINCHAT, C.; MENOUE, M. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação**. 2. ed. rev. e amp. Brasília: IBICT, 1994.

HJØRLAND, B. Empiricism, rationalism and positivism in library and information science. **Journal of Documentation**, London, v. 61, n. 1, p. 130-152, 2005.

HJØRLAND, B. What is Knowledge Organization (KO)?. **Knowledge Organization**, [s. l.], v. 35, n. 2/3, p. 86-101, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE INFORMAÇÃO EM CIÊNCIA E TECNOLOGIA (IBICT). Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). 2022. Disponível em: <http://bdttd.ibict.br/vufind/>. Acesso em: 14 jun. 2022.

ISO 1087. **Terminology work and terminology science — Vocabulary**. Geneva: ISO, 2019.

JAMES, W. What Pragmatism Means. In: JAMES, W. **Pragmatism and Other Writings**. [S. l.]: Penguin Classics, 2000. n.p

JAPIASSÚ, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

JESSON, J.K.; MATHESON, L.; LACEY, F.M. **Doing Your Literature Review: traditional and systematic techniques**. London: SAGE Publications Ltd, 2011

KOBASHI, N. Y.; FRANCELIN, M. M. Conceitos, Categorias e Organização do Conhecimento. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 16 n. 3, p. 1-24, 2011.

KOUFOGIANNAKIS, D. The state of systematic reviews in library and information Studies. **Evidence Based Library and Information Practice**, [s. l.], v. 7, n. 2, p. 91-95, 2012.

KWASNIK, B. The Role of Classification in Knowledge Representation and Discovery. **Library Trends**, [s. l.], v. 48, n. 1, p. 22-47, 1999.

LALANDE, A. **Vocabulaire technique et critique de La philosophie**. 4 ed. Paris: Félix. Alcan, 1932.

LALANDE, A. **Vocabulaire technique et critique de La philosophie**. 4 ed. Paris: Félix. Alcan, 1938.

LARA, M. L. G. Dos sistemas de classificação bibliográfica às search engines (II). **Ensaio da APB**, São Paulo, n. 91, p. 1-13, 2001.

LARA, M. L. G. **Linguística Documentária**: seleção de conceitos. 2009. Tese (Livre Docência apresentada ao Depto de Biblioteconomia e Documentação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

LASSERSON, T. J.; THOMAS, J.; HIGGINS, J. P. T. Starting a review. In: HIGGINS, J. P. T. *et al.* (Eds). **Cochrane Handbook for Systematic Reviews of Interventions**. 2. ed. Chichester: John Wiley & Sons, 2019: p. 3–12.

LIMA, G. Â. B. L. Categorização como um processo cognitivo. **Ciências & Cognição**, [s. l.], v. 11, p. 156-167, 2007.

LIMA, G. A. B.; RAGHAVAN, K, S. Categories in Knowledge Organization. In: INTERNATIONAL ISKO CONFERENCE, 13., 2014, Kraków. **Proceedings [...]**. Würzburg: Ergon Verlag, 2014. p. 88-95.

LIMA, G. N. B. O. Gênese da classificação: uma análise de conteúdo a partir da definição. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [s. l.], v. 26, n. 1, p. 197-237, 2021.

MACULAN, B. C. M. dos S. **Taxonomia facetada navegacional**: construção a partir de uma matriz categorial para trabalhos acadêmicos. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Minas Gerais, 2011.

MADALLI, D. P.; BALAJI, B. P.; SARANGI, A. K. Faceted Ontological Representation for a Music Domain. **Knowledge Organization**, [s. l.], v. 42, n. 1, p. 8-24, 2015.

MAZZOCCHI, F. Ranganathan's universe of knowledge and categorial thinking. **SRELS Journal of Information Management**, [s. l.], v. 50, n. 6, p. 763-778, 2013.

MAZZOCCHI, F.; GNOLI, C. Il Vaisesika e le categorie di Ranganathan. **AIDA informazioni**, [s. l.], v. 24, n. 3-4, p. 17-28, 2006.

MCGARRY, K. Education for Librarianship and Information Science: a retrospect and a revaluation. **Journal of Documentation**, [s. l.], v. 39, n. 2, p. 95-122, 1983.

MCKENZIE, J. E. *et al.* Defining the criteria for including studies and how they will be grouped for the synthesis. In: HIGGINS, J. P. T. *et al.* (Eds.). **Cochrane Handbook for Systematic Reviews of Interventions**. 2. ed. Chichester: John Wiley & Sons, 2019. p. 33-65.

MCKENZIE, J. E. *et al.* Summarizing study characteristics and preparing for synthesis. In: HIGGINS, J. P. T. *et al.* (Eds.). **Cochrane Handbook for Systematic Reviews of Interventions**. 2. ed. Chichester: John Wiley & Sons, 2019. p. 229-240.

MEIHY, J. C. S. B. HOLANDA, F. **História Oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2015.

MEIRELES, M. R. G.; CENDÓN, B. V.; ALMEIDA, P. E. M. Bibliometric Knowledge Organization. **Knowledge Organization**, [s. l.], v. 41, n. 2, p. 145-159, 2014.

MENEZES, V. S. de. A informação e o epistemicídio do sentido (tautologia desnecessária). In: SALDANHA, G. **Ciência da Informação**: crítica epistemológica e historiográfica. Rio de Janeiro: IBICT, 2020. p. 18-25.

MENEZES, V. S. de. A mulher como informe: uma maculatura desclassificada na tipografia do informar. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 136-151, 2018.

MENEZES, V. S. de. Balbúrdia, o tropel dos seres informes. **LOGEION: Filosofia da informação**, Rio de Janeiro, v. 6 n. 1, p. 209-233, 2020.

MENEZES, V. S. de. Da representação à perspectivação de(s)colonial do conhecimento: a ontologia informacional sob a tez ameríndia. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 1-25, 2021.

MENEZES, V. S. Informação, um excuro crítico-filológico. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [s. l.], v. 20, n. 1, p. 3-18, 2015.

MENEZES, V. S. O sertão da palavra informação: o informe em língua de brincar. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 19., 2018, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: Escola de Ciência da Informação da UEL, 2018. p. 272-292.

MENEZES, V. S. **Rasum tabulae**: um limiar metafórico-escritural dos estudos da informação, ou, Le Livre. 306 f. 2017. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2017.

MENEZES, V. S. ; SALDANHA, G. S. Da matéria informe: Um halo histórico dos estudos filosófico-informacionais. *In*: ENCONTRO IBÉRICO EDICIC, 8., 2017, Coimbra. **Anais [...]**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2017. p. 1253-1261.

MENN, S. Aristotle on the Many Senses of Being. *In*: PRINCETON CLASSICAL PHILOSOPHY COLLOQUIUM, 2008. **Proceedings [...]**. Princenton: [s. n.], 2008. p. 1-40.

MILLS, J. Faceted Classification and Logical Division in Information Retrieval. **Library Trends**, [s. l.], v. 52, n. 3, p. 541–570, 2004.

MINAYO, M. C. de S. (org.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

MOHER, D. *et al.* Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analyses: The PRISMA Statement. **PLoS Medicine**, [s. l.], v. 6, n. 7, p. 1-6, 2009.

MOREIRA, J. C. **Εἶδος e ἰδέα**: das origens da literatura grega aos primeiros diálogos de Platão. 2019. Tese (Doutorado em Filosofia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2019.

MOSS, W. R. Categories and Relations: Origins of Two Classification Theories. **American Documentation**, Maryland, v. 15, n. 4, p. 296-301, 1964.

NEELAMEGHAN, A. Absolute syntax and structure of an indexing and switching language. *In*: INTERNATIONAL STUDY CONFERENCE ON CLASSIFICATION RESEARCH, 3., 1975, Bombay. **Proceedings [...]**. Bangalore: FID/CR; Sarada Ranganthan Endowment for Library Science, 1975. p. 165-176.

NETWORKED DIGITAL LIBRARY OF THESES AND DISSERTATIONS. 2022. Disponível em: <https://ndltd.org/>. Acesso em: 14 jun. 2022.

NUNES, L.; TÁLAMO, M. de F. G. M. Da filosofia da classificação à classificação bibliográfica. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 7, n. 1, p. 30-48, 2009.

OLIVEIRA, E. F. de. **A Metáfora Viva no discurso filosófico hermenêutico de Paul Ricoeur**. 2012. Dissertação (Mestrado em Filosofia Moderna e Contemporânea) – Universidade do Minho, Braga, 2012.

PALMER, B. I. The contribution of Ranganathan. *In: **Itself an education**: six lectures on classification*. Second edition containing a continuation by Derek Austin entitled “Two steps forward...”. London: Library Association: 1971. p. 46-57.

PALMER, B. I.; WELLS, A. J. **The fundamentals of library classification**. London: George Allen & Unwin, 1951.

PEREIRA, I. **Dicionário grego - português e português – grego**. 5. ed. Porto: Apostolado da Imprensa, 1976.

PETTICREW, M.; ROBERTS, H. Refining the question and defining the boundaries. *In: **Systematic Reviews in the Social Sciences – A Practical Guide***. Malden: Blackwell Publishing, 2006.

PIEDADE, M. A. R. **Introdução à teoria da classificação**. 2. ed. rev. e amp.. Rio de Janeiro: Interciência, 1983.

POPE, C.; MAYS, N.; POPAY, J. **Synthesizing qualitative and quantitative health evidence**: a guide to methods. Berkshire: Open University Press, 2007.

RAGHAVAN, K. S. Shiyali Ramamrita Ranganathan. *In: HJØRLAND, B.; GNOLI, C. (Eds.). **ISKO Encyclopedia of Knowledge Organization***. [S. l.]: [s. n.], 2019.

RANGANATHAN, S. R. **As cinco leis da Biblioteconomia**. Tradução Tarcisio Zandonade. Brasília: Briquet de Lemos, 2009.

RANGANATHAN, S. R. **Colon Classification**: Basic Classification. London: Edward Goldston, 1933.

RANGANATHAN, S. R. Library Classification as a discipline. *In: INTERNATIONAL STUDY CONFERENCE ON CLASSIFICATION FOR INFORMATION RETRIEVAL*, 1., 1957, Dorking. **Proceedings** [...]. London: ASLIB; New York: Pergamon Press, 1957. p. 3-12.

RANGANATHAN, S. R. **Philosophy of Library Classification**. Bangalore: Ess Ess Publications for Sarada Ranganathan Endowment for Library Science, 2006.

RANGANATHAN, S. R. **Physical bibliography for librarians**. Bombay: Asia Publishing House, 1952.

RANGANATHAN, S. R. **Prolegomena to Library Classification**. 3rd. ed. Bombay: Asia Publ. House, 1967. 640 p.

RANGANATHAN, S. R. **Reference Service**. Bangalore: Sarada Ranganathan Endowment For Library Science, 1940.

RANGANATHAN, S. R. **Social bibliography or physical bibliography for librarians**. Bombay: Asia Publishing House, 1952.

RANGANATHAN, S. R. **The Five Laws of Library Science**. With a foreword by Sir P. S. Sivaswami Aiyer and an introduction by W. C. Berwick Sayers. Bangalore: Ess Publications for Sarada Ranganathan Endowment for Library Science, 2006.

REALE, G. **Historia da filosofia antiga**. 9. ed. São Paulo: Loyola, 1993. v. 2.

RÉNDON ROJAS, M. A. Hacia um nuevo paradigma en bibliotecologia. **Transinformação**, Campinas, v. 8, n. 3, p. 17-31, 1996.

RICHARDSON, E. C. **Classification**: theoretical and practical. New York: Charles Scribner's sons, 1901.

RICOEUR, P. **La métaphore vive**. Paris: Seuil, 1975.

ROBERTS, N. An Examination of the Personality Concept and its relevance to the Colon Classification Scheme. **Journal of Librarianship and Information Science**, [s. l.], v. 1, n. 3, p. 131-148, 1969.

ROSA, M. V. Classificação Facetada: Histórico e Filosofia. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA, 1976. **Anais** [...]. Rio de Janeiro: IBICT; Brasília: ABDF, 1979. v.1

ROSA, M. V. O papel da classificação na recuperação da informação: classificação facetada. *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, Brasília, v. 1, n. 2, p. 207-210, 1973.

ROSATI, L.; GNOLI, C.; LAI, M. E. Faceted classification for community services using crg standard categories. In: CONGRESO ISKO CAPÍTULO ESPAÑOL, 7, 2005, Barcelona. **Anais** [...]. Barcelona: Universidade de Barcelona, 2012.

SALDANHA, G. **Ciência da Informação**: crítica epistemológica e historiográfica. Rio de Janeiro: IBICT, 2020a.

SALDANHA, G. S. Democracia documentária e Teoria da Não-conceitualidade: filosofia e prática. **Informação & Sociedade: Estudos**, v. 30, n. 4, p. 1-20, 2020b.

SALDANHA, G. S. Ipásia e a Ciência da Informação no território das Humanidades: a virada linguística informacional em um diálogo entre Rorty e Habermas.

Datagramazero, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 1-12, 2011.

SALDANHA, G. S. Vastu-tantra: sobre a pragmática transcendental em Ranganathan.

In: LUCAS, E. R. O.; CORRÊA, E. C. D.; EGGERT-STEINDEL, G. (Org.). **As contribuições de Ranganathan para a Biblioteconomia**: reflexões e desafios. São Paulo: FEBAB, 2016. p. 43-56.

SALDANHA, G. S.; CRIPPA, G. Concept Theory and Conceit Theory Ontology and Logology Between Conceptuality and Non-Conceptuality in Knowledge Organization. In: INTERNATIONAL ISKO CONFERENCE, 16., 2020, Aalborg. **Proceedings** [...]. Würzburg: Ergon-Verlag, 2020. p. 394-401.

SALDANHA, G. S.; GRACIOSO, L. S. Filosofia da linguagem e Ciência da Informação na América Latina: apontamentos sobre pragmática e linguagem ordinária. In: RENDÓN ROJAS, M. Á. (Org.). **El problema del lenguaje en la bibliotecología / ciencia de la información / documentación**. Un acercamiento filosófico-teórico. Cidade do México: UNAM, 2014, v. 1, p. 1-32.

SALDANHA, G. S.; MENEZES, V. S. de; BOZZETTI, R. P. The Philosophy of Information as an Ethical Application of Social Epistemology: Informational Ontogenesis and Philosophical-Symbolic Dilemmas. In: DODIG-CRNKOVIC, G.; BURGIN, M. (Eds.). **Philosophy and Methodology of Information**: the study of information in transdisciplinary perspective. New Jersey: World Scientific, 2019. p. 147-168.

SALES, R. de. **A presença de Kaiser no Quadro Teórico do Tratamento Temático da Informação (TTI)**. 2012. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2012.

SALES, R. de; GUIMARÃES, J. A. C. O método analítico-sintético de Julius Kaiser: um pioneirismo para o tratamento temático da informação. **Transinformação**, [s. l.], v. 29, n. 2, p. 125-139, 2017.

SAN SEGUNDO MANUEL, R. **Teoría e historia da la clasificación bibliotecaria en España**: siglos XIX y XX. Tesis (Doctorado en Ciencias de la Información) - Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 1992.

SATIJA, M. P. **A Manual of Practical Colon Classification**. 4. ed. New Delhi: Concept Publishing Company, 2002.

SCIELO. **Scientific Electronic Library Online**. Disponível em:

http://wokinfo.com/products_tools/multidisciplinary/scielo/. Acesso em: 14 jun. 2022.

SCHREINER, H. B. Considerações históricas acerca do valor das classificações bibliográficas. In: CONFERÊNCIA BRASILEIRA DE CLASSIFICAÇÃO BIBLIOGRÁFICA, 1976. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: IBICT; Brasília: ABDF, 1979. v.1

SCOPUS. 2022. Disponível em: <https://www.elsevier.com/solutions/scopus>. Acesso em: 13 jun. 2022.

SEPÚLVEDA, F. A. M. **A gênese do pensar de Ranganathan: um olhar sobre as culturas que o influenciaram**. 1998. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) — Instituto Brasileiro de Informação e Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 1998.

SHAMSEER, L. *et al.* Preferred reporting items for systematic review and meta-analysis protocols (PRISMA-P) 2015: elaboration and explanation. **The BMJ**, [s. l.], v. 350, n. 7989, p. 1-25, 2015.

SHERA, J. Pattern, structure and conceptualization in classification. In: INTERNATIONAL STUDY CONFERENCE ON CLASSIFICATION FOR INFORMATION RETRIEVAL, 1., 1957, Dorking. **Proceedings [...]**. London: Aslib; New York: Pergamon Press, 1957. p. 15-27.

SILVA, A. R. da. **Estudo dos princípios de categorização na Biblioteconomia e Ciência da Informação: Ranganathan - entre a teoria clássica e a abordagem cognitiva**. 2010. 193 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

SILVA, M. B. da; MIRANDA, Z. D. de. Panorama teórico-analítico-sintético sobre a adoção de facetas no contexto da organização do conhecimento. In: CONGRESO ISKO ESPAÑA Y PORTUGAL, 4., 2019, Barcelona. **Proceedings [...]**. Zaragoza: Sociedad Internacional para la Organización del Conocimiento (ISKO) - Capítulo Ibérico, 2019. p. 382-390.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SMIRAGLIA, R. The progress of theory in knowledge organization. **Library Trends**, [s. l.], v. 50, n. 3, p. 330-349, 2002.

SOUSA, B. P. de; FUJITA, M. S. L. A classificação bibliográfica no contexto do tratamento temático da informação: um estudo com o protocolo verbal individual em bibliotecas do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IF's). **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, v. 18, n. 1, p. 796-813, 2013.

SOUZA, J. B. **O papel do(a) Bibliotecário(a) no processo de preservação da memória da Comunidade Quilombola do Matão**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal da Paraíba, Paraíba, 2018.

SOUZA, F. de S. Ranganathan e a classificação de dois pontos *In*: LUCAS, E. R. O.; CORRÊA, E. C. D.; EGGERT-STEINDEL, G. (Orgs.). **As contribuições de Ranganathan para a Biblioteconomia**: reflexões e desafios. São Paulo: FEBAB, 2016. p. 84-95.

STEIN, E. Essentia (Ousia, Wesen)—Substance—Form and Matter. *In*: **Finite and eternal being**: an attempt at an ascend to the meaning of being. Tradução Kurt F. Reinhardt. Washington: ICS Publications, 2002. p. 121-275.

SUAREZ, F. **Disputaciones Metafisicas**: I-VI. Edición y traducción de Sergio Rábade Romeo, Salvador Caballero Sánchez y Antonio Puigcerver Zanón. Madrid: Gredos, 1960. v. 1.

SUNDIN, O.; JOHANNISSON, J. Pragmatism, neo-pragmatism and sociocultural theory. **Journal of Documentation**, [s. l.], v. 61, n. 1, p. 23-43, 2005.
SVENONIUS, E. Facet definition: a case study. **International Classification**, [s. l.], v. 5, n. 3, p. 134-141, 1978.

TRIVELATO, R.; MOURA, M. A. Formação discursiva, sistemas de classificação e o discurso estrangulado de Charlie Hebdo: impactos, desdobramentos e implicações na representação da informação da ciência da religião no século XXI. *In*: CONGRESO ISKO, 12.; CONGRESO ISKO España-Portugal, 2015, Murcia. **Anais** [...]. Murcia: Universidad de Murcia, 2015.

VERAS, P. O ser como substância em Aristóteles. **Sapere aude**, Belo Horizonte, v. 12, n. 23, p. 275-284, 2021.

WEB OF SCIENCE CLARIVATE ANALYTICS. 2022. Disponível em: <https://clarivate.com/webofsciencegroup/solutions/web-of-science/>. Acesso em: 12 jun. 2022.

WITTGENSTEIN, L. **Philosophical Investigations**. The german text, with an English translation by G. E. M. Anscombe, P. M. S. Hacker and Joachim Schulte. 4. ed. Chichester: Wiley Blackwell, 2009.

ZINGANO, M. **Platão e Aristóteles**: o fascínio da filosofia. 2. ed. São Paulo: Odysseus Editora, 2005.

APÊNDICE A – Cronograma de desenvolvimento da pesquisa

Abaixo se encontra o cronograma.



Fonte: A autora (2022)

Legenda:

Início: rosa

Meio: azul

Fim: amarelo

APÊNDICE B – Etapa da revisão sistemática da literatura de busca e recuperação nas bases de dados

Apresentamos, a seguir, a busca e a recuperação nas bases de dados.

WOS SciELO Citation Index (Web of Science)

Reúne desde 1997 até o presente literatura acadêmica em ciências, ciências sociais, artes e humanidades publicada nos principais periódicos de acesso aberto da América Latina, Portugal, Espanha e África do Sul.

Por meio desta base é possível visualizar e analisar conteúdo regional que possui impacto internacional e compreender influências e direcionamentos da pesquisa regional. Aproximadamente 650 títulos de periódicos, mais de 4 milhões de referências citadas e acesso aberto a ao texto completo estão disponíveis por meio da base que está acessível via plataforma Web of Science da Thomson Reuters. (PORTAL CAPES, 2022)

Busca 1: a sintaxe utilizada em 13/01/2022 foi:

```
ALL(((((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*)
AND (categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR
"colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information
organization" OR "Library science research" OR "Library research" OR "knowledge
management" OR aboutness) AND (ranganathan OR aristot*) AND (categ* OR personality
OR substance)))))))))
```

Foi utilizado o filtro categorias da Web of Science: Information Science Library Science e foram recuperados 121 documentos.

Busca 2: a sintaxe utilizada em 13/01/2022 foi:

```
ALL(((((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*)
AND (categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR
"colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information
organization" OR "Library science research" OR "Library research" OR "knowledge
management" OR aboutness) AND (ranganathan AND aristot*) AND (categ* OR personality
OR substance)))))))))
```


Foi utilizado o filtro categorias da Web of Science: Information Science Library Science e foram recuperados 4 documentos.

Busca 3: a sintaxe utilizada em 13/01/2022 foi:

```
ALL=(((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*)
AND (categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR
"colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information
organization" OR "Library science research" OR "Library research" OR "knowledge
management" OR aboutness) AND (ranganathan OR aristot*) AND philosoph*))))
```

Foi utilizado o filtro categorias da Web of Science: Information Science Library Science e foram recuperados 49 documentos.

Busca 4: a sintaxe utilizada em 13/01/2022 foi:

```
((((((((((((((((((((((ALL=((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR pmest
OR compar*)) AND TS=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR
"classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph*
OR "information organization" OR "Library science research" OR "Library research" OR
"knowledge management" OR aboutness))) OR KP=(categ* OR "faceted classification" OR
classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge
organization" OR philosoph*))) OR KP=(categ* OR "faceted classification" OR PMEST OR
classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge
organization" OR philosoph*))) AND TS=(categ*))) AND TS=("faceted classification" OR
"colon classification" OR ranganathan) OR AK=("faceted classification" OR "colon
classification" OR ranganathan)))))) OR KP=("faceted classification" OR "colon classification"
OR Ranganathan))))))))))
```

Foi utilizado o filtro categorias da Web of Science: Information Science Library Science e foram recuperados 62 documentos.

Busca 5: a sintaxe utilizada em 13/01/2022 foi:

```
((((((((((((((((((((((ALL=((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR pmest
OR compar*)) AND TS=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR
```

"classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization" OR "Library science research" OR "Library research" OR "knowledge management" OR aboutness))) OR KP=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph*))) OR KP=(categ* OR "faceted classification" OR PMEST OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph*))) AND TS=(categ* AND aristot*))) AND TS=("faceted classification" OR "colon classification" OR rangathan) OR AK=("faceted classification" OR "colon classification" OR rangathan)))))) OR KP=("faceted classification" OR "colon classification" OR rangathan)))))))))

Foi utilizado o filtro categorias da Web of Science: Information Science Library Science e foram recuperados 42 documentos.

Quadro 12 – Seriação das buscas por base

Base	Seriação das buscas	Data	Total de documentos recuperados nas buscas
Web of Science SciELO Citation Index	Busca 1	13/01/2022	278
Web of Science SciELO Citation Index	Busca 2	13/01/2022	278
Web of Science SciELO Citation Index	Busca 3	13/01/2022	278
Web of Science SciELO Citation Index	Busca 4	13/01/2022	278
Web of Science SciELO Citation	Busca 5	13/01/2022	278

Index			

Fonte: A autora (2022)

Quadro 13 – Sintaxes por base

Base	Sintaxe
Web of Science SciELO Citation Index	ALL((((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization" OR "Library science research" OR "Library research" OR "knowledge management" OR aboutness) AND (ranganathan OR aristot*) AND (categ* OR personality OR substance))))))
Web of Science SciELO Citation Index	ALL((((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization" OR "Library science research" OR "Library research" OR "knowledge management" OR aboutness) AND (ranganathan AND aristot*) AND (categ* OR personality OR substance))))))
Web of Science SciELO Citation Index	ALL((((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization" OR "Library science research" OR "Library research" OR "knowledge management" OR aboutness) AND (ranganathan OR aristot*) AND philosoph*))))
Web of Science SciELO Citation Index	((((((((((((((((((((((ALL=((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR pmet OR compar*)) AND TS=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization" OR "Library science research" OR "Library research" OR "knowledge management" OR aboutness)))

	OR KP=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph*)) OR KP=(categ* OR "faceted classification" OR PMEST OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph*)) AND TS=(categ*)) AND TS=("faceted classification" OR "colon classification" OR rangathan) OR AK=("faceted classification" OR "colon classification" OR rangathan)))) OR KP=("faceted classification" OR "colon classification" OR Rangathan)))))))))
Web of Science SciELO Citation Index	((((((((((((((((((((((ALL=((rangathan OR aristot* OR substance OR personality OR pmet OR compar*)) AND TS=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization" OR "Library science research" OR "Library research" OR "knowledge management" OR aboutness))) OR KP=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph*)) OR KP=(categ* OR "faceted classification" OR PMEST OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph*)) AND TS=(categ* AND aristot*)) AND TS=("faceted classification" OR "colon classification" OR rangathan) OR AK=("faceted classification" OR "colon classification" OR rangathan)))) OR KP=("faceted classification" OR "colon classification" OR rangathan)))))))))

Fonte: A autora (2022)

- **Networked Digital Library of Theses and Dissertations (NDLTD)**
(<http://search.ndltd.org/>)

Busca 1: a sintaxe utilizada em 08/01/2022 foi:

((((rangathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*)) AND (subject:categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR

"colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization") AND (categ* AND rangathan))

Foram recuperados 8 documentos.

Busca 2: a sintaxe utilizada em 11/01/2022 foi:

(((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND ("faceted classification" OR "colon classification" OR "pmet facets" OR "classification" OR "classification of books" OR "information organization" OR "library science research" OR "library research" OR "knowledge management" OR "aboutness (library science)" OR "information organization") AND (ranganathan AND aristot*) AND (categ* OR personality) AND (substance))))))

Não foram recuperados documentos.

Após a realização das buscas, não foi possível a transferência dos artigos recuperados na base para o Zotero, devido a um erro interno do software, conforme imagem abaixo (assinalado em vermelho).



Buscamos solucionar este problema através do download dos documentos recuperados em outras bases de dados para que esses documentos sejam analisados nas etapas posteriores da revisão sistemática.

Quadro 14 – Seriação das buscas por base

Base	Seriação das buscas	Data	Total de documentos

			recuperados nas buscas
Networked Digital Library of Theses and Dissertations (NDLTD)	Busca 1	08/01/2022	7
Networked Digital Library of Theses and Dissertations (NDLTD)	Busca 2	11/01/2022	7

Fonte: A autora (2022)

Quadro 15 – Sintaxes por base

Base	Sintaxe
Networked Digital Library of Theses and Dissertations (NDLTD)	((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (subject:categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization") AND (categ* AND rangathan))))
Networked Digital Library of Theses and Dissertations (NDLTD)	(((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND ("faceted classification" OR "colon classification" OR "pmet facets" OR "classification" OR "classification of books" OR "information organization" OR "library science research" OR "library research" OR "knowledge management" OR "aboutness (library science)" OR "information organization") AND (ranganathan AND aristot*) AND (categ* OR personality) AND (substance))))))

Fonte: A autora (2022)

▪ **Web of Science - Coleção Principal (Clarivate Analytics)**

Base multidisciplinar que indexa somente os periódicos mais citados em suas respectivas áreas. É também um índice de citações, informando, para cada artigo, os documentos por ele citados e os documentos que o citaram. Possui hoje mais de 9.000 periódicos indexados. É composta por:

Science Citation Index Expanded (SCI-EXPANDED): 1945 até o presente

Social Sciences Citation Index: 1956 até o presente;

Arts and Humanities Citation Index: 1975 até o presente.

A partir de 2012 o conteúdo foi ampliado com a inclusão do Conference Proceedings Citation Index- Science (CPCI-S); Conference Proceedings Citation Index- Social Science & Humanities (CPCI-SSH). (PORTAL CAPES, 2022)

Busca 1: a sintaxe utilizada em 12/01/2022 foi:

```
((((((((((((((ALL=((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR pmest OR compar*)) AND TS=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization") OR KP=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph*))) OR AK=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph*)))) AND TS=(categ*) AND TS=(classification) AND TS=(ranganathan OR aristotle OR personality OR substance))))))))))
```

Utilizamos o filtro Áreas de pesquisa Information Science Library Science. Foram recuperados 28 documentos.

Busca 2: a sintaxe utilizada em 12/01/2022 foi:

```
((((((((((((((ALL=(ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*)) AND AK=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization") OR KP=(categ* OR "faceted classification" OR PMEST OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph*))) AND TS=(categ*))) AND TS=("faceted classification" OR "colon classification" OR Ranganathan) OR AK=("faceted classification" OR "colon classification" OR Ranganathan)))))) OR KP=("faceted classification" OR "colon classification" OR Ranganathan))))))
```

Utilizamos o filtro Áreas de pesquisa Information Science Library Science. Foram recuperados 44 documentos.

Busca 3: a sintaxe utilizada em 12/01/2022 foi:

```
((((((((((((((((((((((ALL=((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR pmest OR compar*)) AND TS=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization" OR "Library science research" OR "Library research" OR "knowledge management" OR aboutness))) OR KP=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph*))) OR KP=(categ* OR "faceted classification" OR PMEST OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph*))) AND TS=(categ*))) AND TS=("faceted classification" OR "colon classification" OR Ranganathan) OR AK=("faceted classification" OR "colon classification" OR Ranganathan)))))) OR KP=("faceted classification" OR "colon classification" OR Ranganathan)))))))))
```

Utilizamos o filtro Áreas de pesquisa Information Science Library Science. Foram recuperados 62 documentos.

Busca 4: a sintaxe utilizada em 19/01/2022 foi:

```
((((((((((((((((((ALL=((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR pmest OR compar*)) AND ALL=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization" OR "s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972" OR "ranganathan, s. r." OR "pmest facets" OR "classification of books" OR "aboutness (library science)" OR "library science research" OR "library research" OR aboutness) OR KP=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph*))) OR AK=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge
```


organization" OR philosoph*)))) AND ALL=(categ* OR personality OR classification) AND ALL=(ranganathan)))))))))

Utilizamos o filtro Áreas de pesquisa Information Science Library Science. Foram recuperados 156 documentos.

Busca 5: a sintaxe utilizada em 19/01/2022 foi:

((((((((((((((ALL=((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR pmest OR compar*)) AND ALL=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization" OR "s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972" OR "ranganathan, s. r." OR "pmest facets" OR "classification of books" OR "aboutness (library science)" OR "library science research" OR "library research" OR aboutness) OR KP=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph*))) OR AK=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph*)))) AND ALL=(ranganathan)))))))))

Utilizamos o filtro Áreas de pesquisa Information Science Library Science. Foram recuperados 176 documentos.

Quadro 16 – Seriação das buscas por base

Base	Seriação das buscas	Data	Total de documentos recuperados nas buscas
Web of Science - Coleção Principal (Clarivate Analytics)	Busca 1	12/01/2022	466
Web of Science - Coleção Principal (Clarivate Analytics)	Busca 2	12/01/2022	466
Web of Science -	Busca 3	12/01/2022	466

Coleção Principal (Clarivate Analytics)			
Web of Science - Coleção Principal (Clarivate Analytics)	Busca 4	19/01/2022	466
Web of Science - Coleção Principal (Clarivate Analytics)	Busca 5	19/01/2022	466

Fonte: A autora (2022)

Tabela 2: Sintaxes por base

Base	Sintaxe
Web of Science - Coleção Principal (Clarivate Analytics)	((((((((((((((ALL=((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR pmest OR compar*)) AND TS=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization") OR KP=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph*))) OR AK=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph*)))) AND TS=(categ*) AND TS=(classification) AND TS=(ranganathan OR aristotle OR personality OR substance))))))))))
Web of Science - Coleção Principal (Clarivate Analytics)	((((((((((((((ALL=((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*)) AND AK=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization") OR KP=(categ* OR "faceted classification" OR PMEST OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR

	philosoph*))) AND TS=(categ*))) AND TS=("faceted classification" OR "colon classification" OR Ranganathan) OR AK=("faceted classification" OR "colon classification" OR Ranganathan)))) OR KP=("faceted classification" OR "colon classification" OR Ranganathan))))))
Web of Science - Coleção Principal (Clarivate Analytics)	((((((((((((((((((ALL=((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR pmest OR compar*)) AND TS=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization" OR "Library science research" OR "Library research" OR "knowledge management" OR aboutness))) OR KP=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph*)) OR KP=(categ* OR "faceted classification" OR PMEST OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph*)) AND TS=(categ*))) AND TS=("faceted classification" OR "colon classification" OR Ranganathan) OR AK=("faceted classification" OR "colon classification" OR Ranganathan)))) OR KP=("faceted classification" OR "colon classification" OR Ranganathan))))))
Web of Science - Coleção Principal (Clarivate Analytics)	((((((((((((((((((ALL=((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR pmest OR compar*)) AND ALL=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization" OR "s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972" OR "ranganathan, s. r." OR "pmest facets" OR "classification of books" OR "aboutness (library science)" OR "library science research" OR "library research" OR aboutness) OR KP=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph*)) OR AK=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph*)) AND ALL=(categ* OR personality OR classification) AND ALL=(ranganathan))))))

Web of Science - Coleção Principal (Clarivate Analytics)	<pre> ((((((((((((ALL=((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR pmest OR compar*)) AND ALL=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization" OR "s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972" OR "ranganathan, s. r." OR "pmest facets" OR "classification of books" OR "aboutness (library science)" OR "library science research" OR "library research" OR aboutness) OR KP=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph*)))) OR AK=(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph*)))) AND ALL=(ranganathan)))))))))) </pre>

Fonte: A autora (2022)

□ SCOPUS

Scopus is a comprehensive scientific, medical, technical and social science database containing all relevant literature. (PORTAL CAPES, 2022)

Busca 1: a sintaxe utilizada em 12/01/2022 foi:

```

ALL(ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND
(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon
classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization"
OR "pmest facets" OR "classification of books" OR "library science research" OR "library
research" OR "knowledge management" OR aboutness) AND ALL(categ*) AND (ranganathan
AND aristot*) AND ( LIMIT-TO ( SUBJAREA,"SOCI" ) )

```

Foram recuperados 40 documentos.

Busca 2: a sintaxe utilizada em 12/01/2022 foi:

```

ALL(ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND
(categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon
classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization"

```

OR "pmest facets" OR "classification of books" OR "library science research" OR "library research" OR "knowledge management" OR aboutness) AND ALL(categ*) AND (ranganathan AND aristot*) AND (personality AND substance) AND (LIMIT-TO (SUBJAREA,"SOCI"))

Não foram recuperados documentos.

Busca 3: a sintaxe utilizada em 12/01/2022 foi:

ALL(ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization" OR "pmest facets" OR "classification of books" OR "library science research" OR "library research" OR "knowledge management" OR aboutness) AND (categ* AND rangathan) AND (personality AND substance) AND (LIMIT-TO (SUBJAREA,"SOCI"))

Foram recuperados 9 documentos.

Busca 4: a sintaxe utilizada em 12/01/2022 foi:

ALL(ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization" OR "pmest facets" OR "classification of books" OR "Library science research" OR "Library research" OR "knowledge management" OR aboutness) AND ALL(categ*) AND ALL(personality AND substance) OR (classification OR "colon classification" OR "faceted classification") AND ALL(ranganathan AND aristot*) AND (LIMIT-TO (SUBJAREA,"SOCI"))

Foram recuperados 36 documentos.

Busca 5: a sintaxe utilizada em 12/01/2022 foi:

ALL(ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization") AND TITLE-ABS-KEY(categ*) AND TITLE-ABS-KEY(ranganathan OR aristot* OR

"knowledge organization") AND TITLE-ABS-KEY(classification OR "classification theory" OR PMEST OR Ranganathan OR "faceted classification" OR "colon classification") AND (LIMIT-TO (SUBJAREA,"SOCI"))

Foram recuperados 72 documentos.

Busca 6: a sintaxe utilizada em 19/01/2022 foi:

ALL(ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization") AND TITLE-ABS-KEY(categ*) AND TITLE-ABS-KEY(ranganathan OR aristot* OR "knowledge organization") AND TITLE-ABS-KEY(classification OR ranganathan) AND (LIMIT-TO (SUBJAREA,"SOCI"))

Foram recuperados 104 documentos.

Busca 7: a sintaxe utilizada em 19/01/2022 foi:

ALL(ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization" OR "s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972" OR "ranganathan, s. r." OR "pmest facets" OR "classification of books" OR "knowledge management" OR "aboutness (library science)" OR "library science research" OR "library research") AND ALL(categ*) AND ALL(ranganathan AND classification) AND (LIMIT-TO (SUBJAREA,"SOCI"))

Foram recuperados 327 documentos.

Quadro 17 – Seriação das buscas por base

Base	Seriação das buscas	Data	Total de documentos recuperados nas buscas
SCOPUS	Busca 1	12/01/2022	588
SCOPUS	Busca 2	12/01/2022	588
SCOPUS	Busca 3	12/01/2022	588

SCOPUS	Busca 4	12/01/2022	588
SCOPUS	Busca 5	12/01/2022	588
SCOPUS	Busca 6	19/01/2022	588
SCOPUS	Busca 7	19/01/2022	588

Fonte: A autora (2022)

Quadro 18 – Sintaxes por base

Base	Sintaxe
SCOPUS	ALL(ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization" OR "pmest facets" OR "classification of books" OR "library science research" OR "library research" OR "knowledge management" OR aboutness) AND ALL(categ*) AND (ranganathan AND aristot*) AND (LIMIT-TO (SUBJAREA,"SOCI"))
SCOPUS	ALL(ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization" OR "pmest facets" OR "classification of books" OR "library science research" OR "library research" OR "knowledge management" OR aboutness) AND ALL(categ*) AND (ranganathan AND aristot*) AND (personality AND substance) AND (LIMIT-TO (SUBJAREA,"SOCI"))
SCOPUS	ALL(ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization" OR "pmest facets" OR "classification of books" OR "library science research" OR "library research" OR "knowledge

	management" OR aboutness) AND (categ* AND ranganathan) AND (personality AND substance) AND (LIMIT-TO (SUBJAREA,"SOCI"))
SCOPUS	ALL(ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization" OR “pmest facets” OR "classification of books" OR "Library science research" OR "Library research" OR "knowledge management" OR aboutness) AND ALL(categ*) AND ALL(personality AND substance) OR (classification OR "colon classification" OR "faceted classification") AND ALL(ranganathan AND aristot*) AND (LIMIT-TO (SUBJAREA,"SOCI"))
SCOPUS	ALL(ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR “information organization”) AND TITLE-ABS-KEY(categ*) AND TITLE-ABS-KEY(ranganathan OR aristot* OR "knowledge organization") AND TITLE-ABS-KEY(classification OR "classification theory" OR PMEST OR Ranganathan OR "faceted classification" OR "colon classification") AND (LIMIT-TO (SUBJAREA,"SOCI"))
SCOPUS	ALL(ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR “information organization”) AND TITLE-ABS-KEY(categ*) AND TITLE-ABS-KEY(ranganathan OR aristot* OR "knowledge organization") AND TITLE-ABS-KEY(classification OR ranganathan) AND (LIMIT-TO (SUBJAREA,"SOCI"))
SCOPUS	ALL(ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory"

	OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization" OR "s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972" OR "ranganathan, s. r." OR "pmest facets" OR "classification of books" OR "knowledge management" OR "aboutness (library science)" OR "library science research" OR "library research") AND ALL(categ*) AND ALL(ranganathan AND classification) AND (LIMIT-TO (SUBJAREA,"SOCI"))

Fonte: A autora (2022)

▪ **Scientific Electronic Library Online (SciELO.org)**

Busca integrada de artigos dos periódicos da rede Scielo: Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, Espanha, Portugal, Venezuela, Saúde Pública, Social Sciences.

A *Scientific Electronic Library Online* - SciELO é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos.

A SciELO é o resultado de um projeto de pesquisa da FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, em parceria com a BIREME - Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. (PORTAL CAPES, 2022)

Busca 1: a sintaxe utilizada em 13/01/2022 foi:

Todos os índices:

((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR pmest OR compar*) AND (categ* OR faceted classification OR classification OR classification theory OR colon classification OR knowledge organization OR philosoph* OR information organization))

Aplicamos o filtros WoS Áreas Temáticas: Library) e recuperamos 51 documentos.

Busca 2: a sintaxe utilizada em 13/01/2022 foi:

Todos os índices:

((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR pmest OR compar*) AND (categ* OR faceted classification OR classification OR classification theory OR colon classification OR knowledge organization OR philosoph* OR information organization OR research OR aboutness) AND (categ*)))

Aplicamos o filtros WoS Áreas Temáticas: Library) e recuperamos 31 documentos.

Busca 3: a sintaxe utilizada em 13/01/2022 foi:

Todos os índices:

((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR pmest OR compar*) AND (categ* OR faceted classification OR classification OR classification theory OR colon classification OR knowledge organization OR philosoph* OR information organization OR research OR aboutness) AND (ranganathan OR aristot*)))

Aplicamos o filtros WoS Áreas Temáticas: Library) e recuperamos 12 documentos.

Quadro 19 – Seriação das buscas por base

Base	Seriação das buscas	Data	Total de documentos recuperados nas buscas
Scientific Electronic Library Online (SciELO.org)	Busca 1	13/01/2022	94
Scientific Electronic Library Online (SciELO.org)	Busca 2	13/01/2022	94
Scientific Electronic Library Online (SciELO.org)	Busca 3	13/01/2022	94

Fonte: A autora (2022)

Quadro 20 – Sintaxes por base

Base	Sintaxe
Scientific Electronic Library Online (SciELO.org)	((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR pmest OR compar*) AND (categ* OR faceted classification OR classification OR classification theory OR colon classification OR knowledge organization OR philosoph* OR information organization))
Scientific Electronic Library	((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality

Online (SciELO.org)	OR pmest OR compar*) AND (categ* OR faceted classification OR classification OR classification theory OR colon classification OR knowledge organization OR philosoph* OR information organization OR research OR aboutness) AND (categ*))
Scientific Electronic Library Online (SciELO.org)	((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR pmest OR compar*) AND (categ* OR faceted classification OR classification OR classification theory OR colon classification OR knowledge organization OR philosoph* OR information organization OR research OR aboutness) AND (ranganathan OR aristot*))

Fonte: A autora (2022)

□ **BENANCIB**

Busca 1. O escopo da busca foi “Tudo sobre o DSpace”.

A sintaxe utilizada em 13/12/2021 foi:

((categ* OR PMEST) AND (keyword:("classificação facetada" OR classificação OR "teoria da classificação" OR "classificação dos dois pontos" OR "organização do conhecimento") OR (ranganathan OR aristóteles OR substância OR personalidade OR filosofia))) recuperou 118 documentos.

A busca 2 buscou maior precisão, também feita no DSpace.

A sintaxe utilizada em 18/12/2021 foi:

((((categ* OR PMEST OR filosofia) AND palavra-chave ("classificação facetada" OR "teoria da classificação facetada" OR classificação OR "teoria da classificação" OR "classificação dos dois pontos" OR "organização do conhecimento" OR "organização de domínios de conhecimento") AND Texto completo (ranganathan AND aristóteles AND substância AND personalidade OR filosofia) AND ("classificação facetada" OR classificação OR "teoria da classificação" OR "classificação dos dois pontos" OR "organização do conhecimento" OR "teoria da classificação facetada"))))

Recuperou 1 documento relevante.

O site esteve fora do ar em nossas tentativas de acesso de janeiro até fevereiro de 2022, durante todo o período de aplicação do método seguindo as etapas do planejamento. Por este motivo, não pudemos fazer uma nova busca com o termo *compar** e não exportamos os documentos para o Zotero, utilizados por nós a partir de janeiro.

Quadro 21 – Seriação das buscas por base

Base	Seriação das buscas	Data	Total de documentos recuperados nas buscas
BENANCIB	Busca 1	13/12/2021	119
BENANCIB	Busca 2	18/12/2021	119

Fonte: A autora (2022)

Quadro 22 – Sintaxes por base

Base	Sintaxe
BENANCIB	((((categor* OR PMEST) AND (keyword:("classificação facetada" OR classificação OR "teoria da classificação" OR "classificação dos dois pontos" OR "organização do conhecimento"))) OR ((ranganathan OR aristóteles OR substância OR personalidade OR filosofia))))
BENANCIB	(((((categor* OR PMEST OR filosofia) AND palavra-chave ("classificação facetada" OR "teoria da classificação facetada" OR classificação OR "teoria da classificação" OR "classificação dos dois pontos" OR "organização do conhecimento" OR "organização de domínios de conhecimento") AND Texto completo (ranganathan AND aristóteles AND substância AND personalidade OR filosofia) AND ("classificação facetada" OR classificação OR "teoria da classificação" OR "classificação dos dois pontos" OR "organização do conhecimento" OR "teoria da classificação facetada")))))

Fonte: A autora (2022)

□ ISTA

A base *Information Science & Technology Abstracts* (ISTA) indexa artigos de mais de 450 publicações na área de Ciência da Informação e Tecnologia da Informação, além de livros, relatórios de pesquisa e anais de conferências e patentes, com cobertura abrangente e contínua dos periódicos mais importantes nessa área. As datas de cobertura remontam a meados da década de 1970. (PORTAL CAPES, 2022)

Esta base de dados possui controle de vocabulário. Utilizamos os termos de assunto: “faceted classification”, “colon classification”, “ranganathan, s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972”, “ranganathan, s. r.” e “pmest facets”, “classification”, “classification of books”, “information organization”, “knowledge management”, aboutness (library science), "library science research" e "library research".

Busca 1: a sintaxe utilizada em 12/01/2022 foi:

TX (((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU (“faceted classification” OR “colon classification” OR ranganathan OR “s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972” OR “ranganathan, s. r.” OR “pmest facets” OR classification OR “classification of books” OR “information organization” OR “knowledge management” OR “aboutness (library science)” OR "library science research" OR "library research") AND TX ((ranganathan AND categ* AND classification))))

Foram recuperados 19 documentos.

Busca 2: a sintaxe utilizada em 12/01/2022 foi:

TX ((((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU (“faceted classification” OR “colon classification” OR ranganathan OR “s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972” OR “ranganathan, s. r.” OR “pmest facets” OR classification OR “classification of books” OR “information organization” OR “knowledge management” OR “aboutness (library science)” OR "library science research" OR "library research") AND TX (categ* OR personality) AND TX (substance AND classification) AND TX (ranganathan AND aristot*)))))

Na recuperação, mostrou-se a seguinte observação: sua consulta de busca inicial não rendeu resultados. No entanto, usando a busca SmartText, os resultados foram encontrados com base em suas palavras-chave.

Foram recuperados 6 documentos.

Busca 3: a sintaxe utilizada em 12/01/2022 foi:

TX ((((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU (“faceted classification” OR “colon classification” OR rangathan OR “s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972” OR “ranganathan, s. r.” OR “pmest facets” OR classification OR “classification of books” OR “information organization” OR “knowledge management” OR “aboutness (library science)” OR "library science research" OR "library research") AND TX (ranganathan) AND (categ* OR personality))))))

Foram recuperados 23 documentos.

Busca 4: a sintaxe utilizada em 12/01/2022 foi:

TX ((((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU (“faceted classification” OR “colon classification” OR rangathan OR “s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972” OR “ranganathan, s. r.” OR “pmest facets” OR classification OR “classification of books” OR “information organization” OR “knowledge management” OR “aboutness (library science)” OR "library science research" OR "library research") AND TX (ranganathan AND categ*) AND (substance OR personality))))))

Foram recuperados 3 documentos.

Busca 5: a sintaxe utilizada em 12/01/2022 foi:

TX ((((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU (“faceted classification” OR “colon classification” OR rangathan OR “s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972” OR “ranganathan, s. r.” OR “pmest facets” OR classification OR “classification of books” OR “information organization” OR “knowledge management” OR “aboutness (library science)” OR "library science research" OR "library research") AND TX (ranganathan AND categ*) OR (substance AND personality))))))

Foram recuperados 25 documentos.

Busca 6: a sintaxe utilizada em 18/01/2022 foi:

TX (((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU (“faceted classification” OR “colon classification” OR rangathan OR “s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972” OR “ranganathan, s. r.” OR “pmest facets” OR classification OR “classification of books” OR “information organization” OR “knowledge management” OR “aboutness (library science)” OR "library science research" OR "library research") AND TX ((ranganathan AND classification))))

Foram recuperados 90 documentos.

Busca 7: a sintaxe utilizada em 18/01/2022 foi:

TX (((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU (“faceted classification” OR “colon classification” OR rangathan OR “s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972” OR “ranganathan, s. r.” OR “pmest facets” OR classification OR “classification of books” OR “information organization” OR “knowledge management” OR “aboutness (library science)” OR "library science research" OR "library research") AND TX ((ranganathan))))

Foram recuperados 132 documentos.

Quadro 23 – Seriação das buscas por base

Base	Seriação das buscas	Data	Total de documentos recuperados nas buscas
ISTA	Busca 1	12/01/2022	388
ISTA	Busca 2	12/01/2022	388
ISTA	Busca 3	12/01/2022	388
ISTA	Busca 4	12/01/2022	388
ISTA	Busca 5	12/01/2022	388
ISTA	Busca 6	18/01/2022	388

ISTA	Busca 7	18/01/2022	388

Fonte: A autora (2022)

Quadro 24 – Sintaxes por base

Base	Sintaxe
ISTA	TX (((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU (“faceted classification” OR “colon classification” OR rangathan OR “s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972” OR “ranganathan, s. r.” OR “pmest facets” OR classification OR “classification of books” OR “information organization” OR “knowledge management” OR “aboutness (library science)” OR "library science research" OR "library research") AND TX ((ranganathan AND categ* AND classification))))
ISTA	TX ((((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU (“faceted classification” OR “colon classification” OR rangathan OR “s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972” OR “ranganathan, s. r.” OR “pmest facets” OR classification OR “classification of books” OR “information organization” OR “knowledge management” OR “aboutness (library science)” OR "library science research" OR "library research") AND TX (categ* OR personality) AND TX (substance AND classification) AND TX (ranganathan AND aristot*)))))
ISTA	TX ((((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU (“faceted classification” OR “colon classification” OR rangathan OR “s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972” OR “ranganathan, s. r.” OR “pmest facets” OR classification OR “classification of books” OR “information organization” OR “knowledge management” OR “aboutness (library science)” OR "library science research" OR "library research") AND TX (ranganathan) AND (categ* OR personality))))))
ISTA	TX (((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU (“faceted classification” OR “colon classification” OR rangathan

	OR “s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972” OR “ranganathan, s. r.” OR “pmest facets” OR classification OR “classification of books” OR “information organization” OR “knowledge management” OR “aboutness (library science)” OR "library science research" OR "library research") AND TX (ranganathan AND categ*) AND (substance OR personality))))
ISTA	TX (((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU (“faceted classification” OR “colon classification” OR rangathan OR “s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972” OR “ranganathan, s. r.” OR “pmest facets” OR classification OR “classification of books” OR “information organization” OR “knowledge management” OR “aboutness (library science)” OR "library science research" OR "library research") AND TX (ranganathan AND categ*) OR (substance AND personality))))
ISTA	TX (((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU (“faceted classification” OR “colon classification” OR rangathan OR “s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972” OR “ranganathan, s. r.” OR “pmest facets” OR classification OR “classification of books” OR “information organization” OR “knowledge management” OR “aboutness (library science)” OR "library science research" OR "library research") AND TX ((ranganathan AND classification))))
ISTA	TX (((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU (“faceted classification” OR “colon classification” OR rangathan OR “s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972” OR “ranganathan, s. r.” OR “pmest facets” OR classification OR “classification of books” OR “information organization” OR “knowledge management” OR “aboutness (library science)” OR "library science research" OR "library research") AND TX ((ranganathan))))

Fonte: A autora (2022)

□ Dialnet

Busca 1: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((categ* AND rangathan) AND ("faceted classification" OR classification OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR "information organization"))

Foram recuperados 3 documentos.

Busca 2: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((ranganathan OR aristot*) AND ("faceted classification" OR "colon classification" OR "knowledge organization"))

Foram recuperados 12 documentos.

Busca 3: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((ranganathan OR aristot* OR compar*) AND (categ*) AND (ranganathan AND "colon classification"))

Não foram recuperados documentos.

Busca 4: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((ranganathan OR aristot* OR PMEST) AND (categ*) AND (ranganathan AND "colon classification"))

Não foram recuperados documentos.

Busca 5: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((ranganathan OR aristot* OR personality) AND (categ*) AND (ranganathan AND "colon classification"))

Não foram recuperados documentos.

Busca 6: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((ranganathan OR aristot* OR personality) AND (categ* OR rangathan) AND ("colon classification"))

Foi recuperado 1 documento.

Busca 7: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((ranganathan OR aristot* OR personality) AND (categ* OR rangathan) AND ("faceted classification"))

Foram recuperados 6 documentos.

Busca 8: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((((ranganathan OR aristot* OR personality) AND (categ* OR rangathan) AND ("information organization"))))

Foi recuperado 1 documento.

Busca 9: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((((ranganathan OR aristot*) AND (categ* OR rangathan) AND (classification AND substance AND personality))))

Não foram recuperados documentos.

Busca 10: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((((ranganathan OR aristot*) AND (categ* OR rangathan) AND (classification AND substance AND pmet))))

Não foram recuperados documentos.

Busca 11: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((ranganathan AND aristot*) AND ("faceted classification" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR "information organization"))

Não foram recuperados documentos.

Busca 12: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((ranganathan AND personality) AND ("faceted classification" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR "information organization"))

Foi recuperado 1 documento.

Busca 13: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((((ranganathan AND categ*) AND ("faceted classification" OR "knowledge organization") AND (aristot*))))

Não foram recuperados documentos

Busca 14: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((ranganathan AND categ*) AND ("faceted classification" OR "information organization" OR PMEST))

Não foram recuperados documentos.

Busca 15: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND ("faceted classification"))

Foram recuperados 10 documentos.

Busca 16: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND ("colon classification"))

Foi recuperado 1 documento.

Busca 17: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* AND "knowledge organization"))

Foram recuperados 9 documentos.

Busca 18: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* AND "information organization"))

Foram recuperados 4 documentos.

Busca 19: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* OR philosoph*) AND ("colon classification"))))

Não foram recuperados documentos.

Busca 20: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* OR philosoph*) AND ("faceted classification"))))

Foram recuperados 2 documentos.

Busca 21: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((((ranganathan OR aristot* OR substância OR personalidade OR PMEST OR comparar*) AND (categ*) AND ("classificação facetada" OR "organização do conhecimento"))))

Foram recuperados 6 documentos.

Busca 22: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((((ranganathan OR aristot* OR substância OR personalidade OR PMEST) AND (categ*) AND ("classificação dos dois pontos" OR "organização da informação"))))

Foram recuperados 2 documentos.

Busca 23: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((((ranganathan OR aristot* OR substância OR personalidade OR PMEST OR comparar*) AND (categ* OR filosofia) AND ("classificação dos dois pontos"))))

Não foram recuperados documentos.

Busca 24: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((((ranganathan OR aristot* OR substância OR personalidade OR PMEST OR comparar*) AND (categ* OR filosofia) AND ("organização do conhecimento"))))

Foram recuperados 7 documentos.

Busca 25: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((ranganathan OR aristot* OR substância OR personalidade OR PMEST OR comparar*) AND (categ* AND ranganathan))

Foram recuperados 7 documentos.

Busca 26: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((ranganathan OR aristot* OR substância OR personalidade OR PMEST OR comparar*) AND (categ* AND "colon classification"))

Não foram recuperados documentos.

Busca 27: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((ranganathan OR aristóteles OR substância OR personalidade OR PMEST OR comparar*) AND (categ* AND "colon classification"))

Não foram recuperados documentos.

Quadro 26 – Seriação das buscas por base

Base	Seriação das buscas	Data	Total de documentos recuperados nas buscas

Dialnet	Busca 1	17/01/2022	72
Dialnet	Busca 2	17/01/2022	72
Dialnet	Busca 3	17/01/2022	72
Dialnet	Busca 4	17/01/2022	72
Dialnet	Busca 5	17/01/2022	72
Dialnet	Busca 6	17/01/2022	72
Dialnet	Busca 7	17/01/2022	72
Dialnet	Busca 8	17/01/2022	72
Dialnet	Busca 9	17/01/2022	72
Dialnet	Busca 10	17/01/2022	72
Dialnet	Busca 11	17/01/2022	72
Dialnet	Busca 12	17/01/2022	72
Dialnet	Busca 13	17/01/2022	72
Dialnet	Busca 14	17/01/2022	72
Dialnet	Busca 15	17/01/2022	72
Dialnet	Busca 16	17/01/2022	72
Dialnet	Busca 17	17/01/2022	72
Dialnet	Busca 18	17/01/2022	72
Dialnet	Busca 19	17/01/2022	72
Dialnet	Busca 20	17/01/2022	72
Dialnet	Busca 21	17/01/2022	72
Dialnet	Busca 22	17/01/2022	72
Dialnet	Busca 23	17/01/2022	72
Dialnet	Busca 24	17/01/2022	72
Dialnet	Busca 25	17/01/2022	72

Dialnet	Busca 26	17/01/2022	72
Dialnet	Busca 27	17/01/2022	72

Fonte: A autora (2022)

Quadro 27 – Sintaxes por base

Dialnet	((categ* AND rangathan) AND ("faceted classification" OR classification OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR "information organization"))
Dialnet	((rangathan OR aristot*) AND ("faceted classification" OR "colon classification" OR "knowledge organization"))
Dialnet	((rangathan OR aristot* OR compar*) AND (categ* AND (rangathan AND "colon classification")))
Dialnet	((rangathan OR aristot* OR PMEST) AND (categ* AND (rangathan AND "colon classification")))
Dialnet	((rangathan OR aristot* OR personality) AND (categ* AND (rangathan AND "colon classification")))
Dialnet	((rangathan OR aristot* OR personality) AND (categ* OR rangathan) AND ("colon classification"))
Dialnet	((rangathan OR aristot* OR personality) AND (categ* OR rangathan) AND ("faceted classification"))
Dialnet	((rangathan OR aristot* OR personality) AND (categ* OR rangathan) AND ("information organization"))
Dialnet	((rangathan OR aristot*) AND (categ* OR rangathan) AND (classification AND substance AND personality))
Dialnet	((rangathan OR aristot*) AND (categ* OR rangathan) AND (classification AND substance AND pmest))
Dialnet	((rangathan AND aristot*) AND ("faceted classification" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR "information organization"))
Dialnet	((rangathan AND personality) AND ("faceted classification" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR "information organization"))

	organization" OR "information organization"))
Dialnet	((((ranganathan AND categ*) AND ("faceted classification" OR "knowledge organization") AND (aristot*)))
Dialnet	((ranganathan AND categ*) AND ("faceted classification" OR "information organization" OR PMEST))
Dialnet	((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND ("faceted classification"))
Dialnet	((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND ("colon classification"))
Dialnet	((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* AND "knowledge organization"))
Dialnet	((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* AND "information organization"))
Dialnet	((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* OR philosoph*) AND ("colon classification"))
Dialnet	((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* OR philosoph*) AND ("faceted classification"))
Dialnet	((((ranganathan OR aristot* OR substância OR personalidade OR PMEST OR comparar*) AND (categ*) AND ("classificação facetada" OR "organização do conhecimento"))
Dialnet	((((ranganathan OR aristot* OR substância OR personalidade OR PMEST) AND (categ*) AND ("classificação dos dois pontos" OR "organização da informação"))
Dialnet	((((ranganathan OR aristot* OR substância OR personalidade OR PMEST OR comparar*) AND (categ* OR filosofia) AND ("classificação dos dois pontos"))
Dialnet	((((ranganathan OR aristot* OR substância OR personalidade OR PMEST OR comparar*) AND (categ* OR filosofia)

	AND ("organização do conhecimento"))
Dialnet	((ranganathan OR aristot* OR substância OR personalidade OR PMEST OR comparar*) AND (categ* AND ranganathan))
Dialnet	((ranganathan OR aristot* OR substância OR personalidade OR PMEST OR comparar*) AND (categ* AND "colon classification"))
Dialnet	((ranganathan OR aristóteles OR substância OR personalidade OR PMEST OR comparar*) AND (categ* AND "colon classification"))

Fonte: A autora (2022)

□ LISTA

A base Library, Information Science & Technology Abstracts with Full Text indexa mais de 500 periódicos científicos, além de livros e relatórios de pesquisas. Esta base de dados também inclui o texto completo de mais de 240 periódicos científicos. A cobertura de assuntos inclui biblioteconomia, classificação, catalogação, bibliometria, recuperação de informações on-line, gestão de informações e mais. A cobertura da base de dados remonta a meados dos anos 1960. (PORTAL CAPES, 2022)

Esta base de dados possui controle de vocabulário. Utilizamos os termos de assunto: “faceted classification”, “colon classification” e “pmest facets”, “classification”, “classification of books”, “information organization”, “library science research” e “library research”, “knowledge management” e “aboutness (Library science)”.

Busca 1: a sintaxe utilizada em 09/01/2022 foi:

TX (((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU ("faceted classification" OR "colon classification" OR “pmest facets” OR “classification” OR "classification of books" OR "information organization" OR "library science research" OR "library research" OR "knowledge management" OR “aboutness (library science)”) AND TX (ranganathan AND categ* AND classification) AND TX (aristot* OR philosoph*))))

Foram recuperados 110 documentos.

Busca 2: a sintaxe utilizada em 09/01/2022 foi:

TX (((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU ("faceted classification" OR "colon classification" OR “pmest facets” OR “classification” OR "classification of books" OR "information organization" OR "library science research" OR "library research" OR "knowledge management" OR “aboutness (library science)”) AND TX (ranganathan AND aristot*))))))

Foram recuperados 40 documentos.

Busca 3: a sintaxe utilizada em 10/01/2022 foi:

TX ((((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU ("faceted classification" OR "colon classification" OR “pmest facets” OR “classification” OR "classification of books" OR "information organization" OR "library science research" OR "library research" OR "knowledge management" OR “aboutness (library science)”) AND TX (ranganathan AND aristot*) AND (categ* OR personality))))))

Foram recuperados 37 documentos.

Busca 4: a sintaxe utilizada em 11/01/2022 foi:

TX (((((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU ("faceted classification" OR "colon classification" OR “pmest facets” OR “classification” OR "classification of books" OR "information organization" OR "library science research" OR "library research" OR "knowledge management" OR “aboutness (library science)”) AND TX (ranganathan AND aristot*) AND (categ* OR personality) AND (substance))))))

Foram recuperados 12 documentos.

Busca 5: a sintaxe utilizada em 18/01/2022 foi:

TX (((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU (“faceted classification” OR “colon classification” OR rangathan OR “s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972” OR “ranganathan, s. r.” OR “pmest facets” OR classification OR “classification of books” OR “information organization” OR “knowledge management” OR “aboutness (library science)” OR "library science research" OR "library research") AND TX ((ranganathan AND classification))))

Foram recuperados 308 documentos.

Busca 6: a sintaxe utilizada em 18/01/2022 foi:

TX (((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU (“faceted classification” OR “colon classification” OR ranganathan OR “s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972” OR “ranganathan, s. r.” OR “pmest facets” OR classification OR “classification of books” OR “information organization” OR “knowledge management” OR “aboutness (library science)” OR "library science research" OR "library research") AND TX ((ranganathan)))

Foram recuperados 418 documentos.

Posteriormente à finalização da revisão sistemática e da pesquisa finalizada, constatamos que, por falha nossa, exportamos duas vezes os resultados da busca 5 para o Zotero, os quais somaram-se ao total de 925 documentos das buscas 1 a 6 relatadas. Deste modo, o total de documentos recuperados nas buscas, acrescidos da falha de duplicação da busca 5, foi de 1.233 documentos. Deste modo, houve uma falha técnica na exportação dos documentos recuperados ao gerenciador de referências Zotero nesta base, o qual não prejudicou a consecução da revisão sistemática, posto que a mesma não foi relativa a uma falha de conteúdo, mas resultou no excesso documental duplicado e indevido que fez parte da eliminação das duplicatas final da soma quantitativa dos documentos recuperados de todas as bases utilizadas.

Quadro 28 – Seriação das buscas por base

Base	Seriação das buscas	Data	Total de documentos recuperados nas buscas
LISTA	Busca 1	09/01/2022	1.233
LISTA	Busca 2	09/01/2022	1.233
LISTA	Busca 3	10/01/2022	1.233

LISTA	Busca 4	10/01/2022	1.233
LISTA	Busca 5	18/01/2022	1.233
LISTA	Busca 6	18/01/2022	1.233

Fonte: A autora (2022)

Quadro 29 – Sintaxes por base

Base	Sintaxe
LISTA	TX (((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU ("faceted classification" OR "colon classification" OR “pmest facets” OR “classification” OR "classification of books" OR "information organization" OR "library science research" OR "library research" OR "knowledge management" OR “aboutness (library science)”) AND TX (ranganathan AND categ* AND classification) AND TX (aristot* OR philosoph*))))))
LISTA	TX (((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU ("faceted classification" OR "colon classification" OR “pmest facets” OR “classification” OR "classification of books" OR "information organization" OR "library science research" OR "library research" OR "knowledge management" OR “aboutness (library science)”) AND TX (ranganathan AND aristot*))))))
LISTA	TX ((((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU ("faceted classification" OR "colon classification" OR “pmest facets” OR “classification” OR "classification of books" OR "information organization" OR "library science research" OR "library research" OR "knowledge management" OR “aboutness (library science)”) AND TX (ranganathan AND aristot*) AND (categ* OR personality))))))
LISTA	TX (((((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU ("faceted

	classification" OR "colon classification" OR “pmest facets” OR “classification” OR "classification of books" OR "information organization" OR "library science research" OR "library research" OR "knowledge management" OR “aboutness (library science)” AND TX (ranganathan AND aristot*) AND (categ* OR personality) AND (substance))))
LISTA	TX (((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU (“faceted classification” OR “colon classification” OR rangathan OR “s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972” OR “rangathan, s. r.” OR “pmest facets” OR classification OR “classification of books” OR “information organization” OR “knowledge management” OR “aboutness (library science)” OR "library science research" OR "library research") AND TX ((ranganathan AND classification))))
LISTA	TX (((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU (“faceted classification” OR “colon classification” OR rangathan OR “s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972” OR “rangathan, s. r.” OR “pmest facets” OR classification OR “classification of books” OR “information organization” OR “knowledge management” OR “aboutness (library science)” OR "library science research" OR "library research") AND TX ((ranganathan))))

Fonte: A autora (2022)

□ **BDTD**

Busca 1: a sintaxe utilizada em 12/01/2022 foi:

A busca foi feita por todos os campos e todos os termos.

"(Todos os campos:(ranganathan OR aristot* OR substância OR personalidade OR filosofia)
E Todos os campos:(categ* OR "Teoria da Classificação Facetada de Ranganathan" OR "Teoria da classificação facetada" OR "classificação facetada" OR PMEST OR Ranganathan OR classificação OR "teoria da classificação" OR "colon classification" OR "classificação dos dois pontos" OR "organização do conhecimento" OR "organização da informação"))"

Utilizamos no filtros “Programa”:

Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, que recuperou 19 documentos.

Ciência da Informação, que recuperou 7 documentos.

Busca 2: a sintaxe utilizada em 12/01/2022 foi:

Busca: (Todos os campos:(ranganathan OR aristot* OR substância OR personalidade OR PMEST OR comparar*) E Todos os campos:(categ* OR "classificação facetada" OR "classificação" OR "teoria da classificação" OR "teoria da classificação facetada" OR "classificação dos dois pontos" OR "organização do conhecimento" OR filosof* OR "organização da informação") E Todos os campos:("representação documentária"))

Foi recuperado 1 documento.

Quadro 30 – Seriação das buscas por base

Base	Seriação das buscas	Data	Total de documentos recuperados
BDTD	Busca 1	12/01/2022	27
BDTD	Busca 2	12/01/2022	27

Fonte: A autora (2022)

Quadro 31 – Sintaxes por base

Base	Sintaxe
BDTD	"(Todos os campos:(ranganathan OR aristot* OR substância OR personalidade OR filosofia) E Todos os campos:(categ* OR "Teoria da Classificação Facetada de Ranganathan" OR "Teoria da classificação facetada" OR "classificação facetada" OR PMEST OR Ranganathan OR classificação OR "teoria da classificação" OR "colon classification" OR "classificação dos dois pontos" OR "organização do conhecimento" OR "organização da informação"))"
BDTD	"(Todos os campos:(ranganathan OR aristot* OR substância OR personalidade OR PMEST OR comparar*) E Todos os

	campos:(categ* OR "classificação facetada" OR "classificação" OR "teoria da classificação" OR "teoria da classificação facetada" OR "classificação dos dois pontos" OR "organização do conhecimento" OR filosof* OR "organização da informação") E Todos os campos:"representação documentária")"

Fonte: A autora (2022)

- **Emerald insight** (<https://www.emerald.com/insight/>)

Busca 1: a sintaxe utilizada em 08/01/2022 foi:

((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization") AND (aristot* AND ranganathan)))

Foram recuperados 36 documentos.

Busca 2: a sintaxe utilizada em 10/01/2022 foi:

(((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization") AND (personality AND substance) AND ("colon classification" OR "faceted classification")))))

Foram recuperados 24 documentos.

Busca 3: a sintaxe utilizada em 10/01/2022 foi:

((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND ("faceted classification" OR "colon classification" OR "pmest facets" OR classification OR "classification of books" OR "information organization" OR "Library science research" OR "Library research" OR "knowledge management" OR aboutness) AND (ranganathan AND aristot*)))

Foram recuperados 15 documentos.

Busca 4: a sintaxe utilizada em 10/01/2022 foi:

(((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization" OR "pmet facets" OR "classification of books" OR "Library science research" OR "Library research" OR "knowledge management" OR aboutness) AND (personality AND substance) AND (classification) AND (ranganathan AND aristot*))))))

Foram recuperados 7 documentos.

Quadro 32 – Seriação das buscas por base

Base	Seriação das buscas	Data	Total de documentos recuperados
Emerald insight	Busca 1	08/01/2022	82
Emerald insight	Busca 2	08/01/2022	82
Emerald insight	Busca 3	10/01/2022	82

Fonte: A autora (2022)

Quadro 33 – Sintaxes por base

Base	Sintaxe
Emerald insight	(((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization") AND (aristot* AND ranganathan))))
Emerald insight	(((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization") AND (personality AND substance) AND ("colon classification" OR "faceted classification"))))

Emerald insight	((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND ("faceted classification" OR "colon classification" OR "pmet facets" OR classification OR "classification of books" OR "information organization" OR "Library science research" OR "Library research" OR "knowledge management" OR aboutness) AND (ranganathan AND aristot*)))
Emerald insight	(((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph* OR "information organization" OR "pmet facets" OR "classification of books" OR "Library science research" OR "Library research" OR "knowledge management" OR aboutness) AND (personality AND substance) AND (classification) AND (ranganathan AND aristot*))))))

Fonte: A autora (2022)

□ **BRAPCI**

Busca 1: a sintaxe utilizada em 08/01/2022 foi:

Texto completo

ranganathan* AND aristot* AND "colon classification" AND categ*

Foram recuperados 19 documentos.

Busca 2: a sintaxe utilizada em 09/01/2022 foi:

Texto completo

ranganathan AND aristot* AND "ranganathan theory" AND categ*

Foi recuperado 1 documento.

Busca 3: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((ranganathan OR aristot* OR substância OR personalidade OR PMEST OR comparar*) AND (categ* OR "classificação facetada" OR "classificação" OR "teoria da classificação" OR "teoria da classificação facetada" OR "classificação dos dois pontos" OR "organização do conhecimento" OR "filosof* OR "organização da informação"))

Foram recuperados 10.000 documentos.

Busca 4: a sintaxe utilizada em 17/01/2022 foi:

((ranganathan OR aristot* OR substância OR personalidade OR PMEST OR comparar*) AND (categ* OR "classificação dos dois pontos" OR "organização do conhecimento"))

Foram recuperados 10.000 documentos.

Quadro 34 – Seriação das buscas por base

Base	Seriação das buscas	Data	Total de documentos recuperados
BRAPCI	Busca 1	08/01/2022	93
BRAPCI	Busca 2	09/01/2022	93
BRAPCI	Busca 3	17/01/2022	93
BRAPCI	Busca 4	17/01/2022	93

Fonte: A autora (2022)

Quadro 35 – Sintaxes por base

Base	Sintaxe
BRAPCI	ranganathan* AND aristot* AND "colon classification" AND categ*
BRAPCI	ranganathan AND aristot* AND "ranganathan theory" AND categ*
BRAPCI	((ranganathan OR aristot* OR substância OR personalidade OR PMEST OR comparar*) AND (categ* OR "classificação facetada" OR "classificação" OR "teoria da classificação" OR "teoria da classificação facetada" OR "classificação dos dois pontos" OR "organização do conhecimento" OR "filosof*" OR "organização da informação"))
BRAPCI	((ranganathan OR aristot* OR substância OR personalidade OR PMEST OR comparar*) AND (categ* OR "classificação dos dois pontos" OR "organização do conhecimento"))

Fonte: A autora (2022)

Notamos que a base não processa uma sintaxe com equilíbrio entre precisão e revocação, por erro interno de funcionamento. Por este motivo, não consideramos as buscas 3 e 4, as quais retornam muitos documentos não relevantes. Devido à dificuldade de recuperação de documentos com equilíbrio entre a revocação e a precisão, a discente optou pela busca no índice das palavra-chave em 17/12/2022.

Classification Theory - inclui 4 documentos

Teoria Da Classificação Facetada De Ranganathan - inclui 1 documento

Teoria da Categoria - inclui 1 documento

Teoria da Classificação - inclui 11 documentos

Teoria da Classificação Facetada - inclui 11 documentos

Teoria Analítico-sintética Facetada - inclui 1 documento

Teoria da Classificacao - inclui 1 documento

Teoria Da Classificação Facetada De Ranganathan - inclui 1 documento

Categorização - inclui 14 documentos

Categoria - inclui 5 documentos

Categoria Bibliográfica - inclui 1 documento

Categoria Classificatória - inclui 1 documento

Categorização Conceitual - inclui 1 documento

Colon Classification - inclui 2 documentos

Categorização de Conteúdo - inclui 1 documento

Category Analysis - inclui 1 documento

Categorias - inclui 2 documentos

Categoria Fundamental - inclui 2 documentos

Categoria Fundamentale - inclui 1 documento

Facet Analysis - inclui 2 documentos

Faceted Classification - inclui 8 documentos

Facetada - inclui 1 documento

Faceted Classification Theory - inclui 2 documentos

Faceted Analysis - inclui 2 documentos

□ **Computers and Applied Sciences Complete (EBSCO)**

A base Computers & Applied Sciences Complete (CASC) indexa documentos que tratam de pesquisa e desenvolvimento da tecnologia da informação e disciplinas de ciências aplicadas. A CASC fornece indexação e resumos de diversos periódicos científicos, publicações profissionais, relatórios, entre outros tipos de documentos. O texto completo também está disponível para mais de 500 periódicos correntes revisados por pares. As áreas abordadas incluem as muitas disciplinas das engenharias, teorias de tecnologia da informação e sistemas, novas tecnologias, e contexto social e profissional. (PORTAL CAPES, 2022)

Esta base de dados possui controle de vocabulário. Utilizamos os termos de assunto: “faceted classification”, “colon classification” e “pmest facets”, “classification”, “classification of books”, “information organization”, “Library science research” e “Library research”, “knowledge management”, “aboutness (library science)” e “information organization”.

Busca 1: a sintaxe utilizada em 11/01/2022 foi:

TX (((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU ("faceted classification" OR "colon classification" OR “pmest facets” OR “classification” OR "classification of books" OR "information organization" OR "library science research" OR "library research" OR "knowledge management" OR “aboutness (library science)” OR “information organization”) AND TX (ranganathan AND categ* AND classification) AND TX (aristot* OR philosoph*))))))

Foram recuperados 68 documentos.

Busca 2: a sintaxe utilizada em 11/01/2022 foi:

TX (((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU ("faceted classification" OR "colon classification" OR “pmest facets” OR “classification” OR "classification of books" OR "information organization" OR "library science research" OR "library research" OR "knowledge management" OR “aboutness (library science)” OR “information organization”) AND TX (ranganathan AND aristot*))))))

Foram recuperados 22 documentos.

Busca 3: a sintaxe utilizada em 11/01/2022 foi:

TX ((((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU ("faceted classification" OR "colon classification" OR "pmest facets" OR "classification" OR "classification of books" OR "information organization" OR "library science research" OR "library research" OR "knowledge management" OR "aboutness (library science)" OR "information organization") AND TX (ranganathan AND aristot*) AND (categ* OR personality))))))

Foram recuperados 22 documentos.

Busca 4: a sintaxe utilizada em 11/01/2022 foi:

TX ((((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU ("faceted classification" OR "colon classification" OR "pmest facets" OR "classification" OR "classification of books" OR "information organization" OR "library science research" OR "library research" OR "knowledge management" OR "aboutness (library science)" OR "information organization") AND TX (ranganathan AND aristot*) AND (categ* OR personality) AND (substance))))))

Foram recuperados 9 documentos.

Busca 5: a sintaxe utilizada em 18/01/2022 foi:

TX (((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU ("faceted classification" OR "colon classification" OR ranganathan OR "s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972" OR "ranganathan, s. r." OR "pmest facets" OR classification OR "classification of books" OR "information organization" OR "knowledge management" OR "aboutness (library science)" OR "library science research" OR "library research") AND TX ((ranganathan AND classification))))

Foram recuperados 144 documentos.

Busca 6: a sintaxe utilizada em 18/01/2022 foi:

TX (((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU ("faceted classification" OR "colon classification" OR ranganathan OR "s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972" OR "ranganathan, s. r." OR "pmest facets" OR classification OR

“classification of books” OR “information organization” OR “knowledge management” OR “aboutness (library science)” OR "library science research" OR "library research") AND TX ((ranganathan)))

Foram recuperados 204 documentos.

Quadro 36 – Seriação das buscas por base

Base	Seriação das buscas	Data	Total de documentos recuperados
Computers and Applied Sciences Complete (EBSCO)	Busca 1	11/01/2022	469
Computers and Applied Sciences Complete (EBSCO)	Busca 2	11/01/2022	469
Computers and Applied Sciences Complete (EBSCO)	Busca 3	11/01/2022	469
Computers and Applied Sciences Complete (EBSCO)	Busca 4	11/01/2022	469
Computers and Applied Sciences Complete (EBSCO)	Busca 5	18/01/2022	469
Computers and Applied Sciences Complete (EBSCO)	Busca 6	18/01/2022	469

Quadro 37 – Sintaxes por base

Base	Sintaxe
Computers and Applied Sciences Complete (EBSCO)	TX (((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU ("faceted classification" OR "colon classification" OR “pmest facets” OR “classification” OR "classification of books" OR "information organization" OR "library science research" OR "library research" OR "knowledge management" OR “aboutness (library science)” OR “information organization”) AND TX (ranganathan AND categ* AND classification) AND TX (aristot* OR philosoph*))))))
Computers and Applied Sciences Complete (EBSCO)	TX (((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU ("faceted classification" OR "colon classification" OR “pmest facets” OR “classification” OR "classification of books" OR "information organization" OR "library science research" OR "library research" OR "knowledge management" OR “aboutness (library science)” OR “information organization”) AND TX (ranganathan AND aristot*))))))
Computers and Applied Sciences Complete (EBSCO)	TX ((((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU ("faceted classification" OR "colon classification" OR “pmest facets” OR “classification” OR "classification of books" OR "information organization" OR "library science research" OR "library research" OR "knowledge management" OR “aboutness (library science)” OR “information organization”) AND TX (ranganathan AND aristot*) AND (categ* OR personality))))))
Computers and Applied Sciences Complete (EBSCO)	TX ((((((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU ("faceted classification" OR "colon classification" OR “pmest facets” OR “classification” OR "classification of books" OR "information organization" OR "library science research" OR "library research" OR "knowledge management" OR “aboutness (library science)” OR “information organization”) AND TX (ranganathan AND aristot*) AND (categ* OR personality) AND (substance))))))
Computers and Applied Sciences	TX (((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU (“faceted classification” OR “colon

Complete (EBSCO)	classification" OR rangathan OR "s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972" OR "rangathan, s. r." OR "pmest facets" OR classification OR "classification of books" OR "information organization" OR "knowledge management" OR "aboutness (library science)" OR "library science research" OR "library research") AND TX ((rangathan AND classification)))
Computers and Applied Sciences Complete (EBSCO)	TX (((rangathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND SU ("faceted classification" OR "colon classification" OR rangathan OR "s. r. (shiyali ramamrita), 1892-1972" OR "rangathan, s. r." OR "pmest facets" OR classification OR "classification of books" OR "information organization" OR "knowledge management" OR "aboutness (library science)" OR "library science research" OR "library research") AND TX ((rangathan)))

Fonte: A autora (2022)

APÊNDICE C – Protocolo de revisão sistemática da literatura

Utilizaremos o modelo de protocolo PRISMA-P desenvolvido pela Cochrane (<http://prisma-statement.org/documents/PRISMA-P-checklist.pdf>).

Quadro 38 – Protocolo PRISMA-P da Cochrane para a revisão sistemática da literatura

ADMINISTRATIVE INFORMATION

Section and topic	Item No	Checklist item
Title:		A categoria Personalidade na teoria da classificação de Ranganathan: discussões epistemológicas a partir de Aristóteles
Identification	1a	Protocolo de revisão sistemática
Update	1b	Não é atualização de revisão sistemática
Registration	2	Não possui número de registro
Authors: Contact: Stella Mello e Barros, institutional address Contributions:	3a 3b	Stella Mello e Barros, PPGCI-IBICT/UFRJ. stella.mello1994@gmail.com Buscamos identificar os vínculos entre as categorias Personalidade de Ranganathan e substância de Aristóteles, com isso, contribuir ao campo, indicando as frentes de pesquisa primárias em determinadas direções em razão da lacuna no conhecimento identificada.
Amendments:	4	o protocolo não representa uma alteração a um protocolo previamente publicado.
Support: ** Sources: ** Sponsor: ** Role of sponsor or funder: **	5a 5b 5c	IBICT/MCTIC/P9 Pesquisa Avançada em Ciência da Informação (PACINF): inovação em pesquisa e ensino em informação (bolsista)

INTRODUCTION

Section and topic	Item No	Checklist item
Rationale	6	A razão da revisão consiste em descobrir através de fontes de informação confiáveis as evidências científicas referentes aos vínculos entre as categorias Personalidade de Ranganathan e substância de Aristóteles; Analisar e sintetizar os dados extraídos dos materiais bibliográficos elegíveis.
Objectives	7	Questão da revisão: quais os vínculos entre as categorias Personalidade de Ranganathan e

		substância de Aristóteles na classificação?; Realizar a análise e a síntese qualitativa dos achados à luz da teoria socioterminológica.

METHODS

Eligibility criteria	8	Tipos de estudo bibliográfico; teórico-conceitual; documental. Tipos de população: Ranganathan, Aristóteles e categoria; Tipos de processo: comparação; Contexto: organização do conhecimento e organização da informação; Resultado: categorização. Idiomas: português, inglês e espanhol. Recorte temporal: não houve Status da publicação: disponibilidade.
Information sources	9	As bases de dados utilizadas foram: BDTD, BRAPCI, <i>Computers and Applied Sciences</i>, Dialnet, Emerald, ISTA, LISTA, NDLTD, SciELO.org, Scopus, <i>Web of Science Clarivate Analytics</i>, <i>Web of Science Citation Index</i>. Enviamos email aos autores dos estudos elegíveis que os disponibilizam para a análise e síntese, com exceção de autor falecido e COMUT. Registramos os dados relativos às buscas nas bases. (Trial registers) A literatura cinzenta consultada não recuperou documentos relevantes na etapa de testes de busca e recuperação. Nosso critério de elegibilidade das fontes foi a recuperação de documentos relevantes à questão. A estratégia de busca não limitou a data de publicação nas bases.
Search strategy	10	((ranganathan OR aristot* OR substance OR personality OR PMEST OR compar*) AND (categ* OR "faceted classification" OR classification OR "classification theory" OR "colon classification" OR "knowledge organization" OR philosoph*)) Os limites planejados foram identificar todos os termos utilizados para representação dos conceitos PICO
Study records Data management	11a	Utilizamos o gerenciador de referências Zotero
Selection process	11b	Os critérios de inclusão são: estudos que tratam sobre a classificação facetada de Ranganathan na Ciência da Informação; estudos que abordam os vínculos entre as

		categorias aristotélicas e rangathanianas na subárea classificação; tipos de produto científico: artigos, dissertações, teses originais, anais de eventos, livros; pesquisa primária; disponibilidade: estudos disponíveis para download. Os critérios de exclusão são: estudos que tratam exclusivamente de um único autor (Ranganathan ou Aristóteles); estudos que tratam de outras classificações que não a classificação facetada de Ranganathan e a classificação de Aristóteles; estudos que tratam sobre outras áreas do conhecimento; estudos biográficos. Não tivemos mais de um revisor.
Data collection process	11c	Método: tabela de extração de dados Duplicatas: 2.531 Processo de obtenção de dados: envio de email ao pesquisador.
Data items	12	Variáveis gerais: Fenômeno estudado Problema Questão/objetivos Revisão de literatura Perspectiva teórica Processo de coleta de dados Natureza dos dados Validação dos dados Processo de coleta de dados Achados Processo de interpretação dos dados Interpretação dos achados Cuidados éticos Implementação dos estudos Formato de apresentação das informações Limitações dos estudos Variáveis específicas: Método(s) de coleta e análise Apresentação das categorias com respaldo teórico Aplicação das categorias Aristóteles Ranganathan Vínculos entre as categorias
Outcomes and prioritization	13	O emprego da categorização nas linguagens documentárias da CI está relacionada às categorias aristotélicas como sua origem na Filosofia. Elencamos como prioridade nos estudos futuros que tenham a mesma população e contexto a utilização do processo comparação, pois este mostrou-se útil.
Risk of bias in individual studies	14	Informações não baseadas em fatos e

		evidências científicas
Data synthesis	15a 15b 15c 15d	As variáveis são: Autoria, Ano Tema Conceito Teórico Relações Conceituais no Artigo Síntese Conceitual Afirmativas dos Achados no Artigo Semelhanças Intra-Artigo Diferenças Intra-Artigo Semelhanças Inter-Artigo Diferenças Inter-Artigo Semelhanças Teoria-Artigo Diferenças Teoria-Artigo Relação Temporal Faremos a síntese através de um resumo crítico referente às variáveis do corpus
Meta-bias(es)	16	Avaliação de viés de publicação entre estudos (tendência em publicações científicas de conter apenas evidências positivas)
Confidence in cumulative evidence	17	A abordagem de GRADE para avaliar a qualidade da evidência Risco de viés -1 Sério -2 Muito sério Inconsistência -1 Sério -2 Muito sério Indireto -1 Sério -2 Muito sério Imprecisão -1 Sério -2 Muito sério Viés de Publicação -1 Provável -2 Muito provável Fonte: https://www.jclinepi.com/article/S0895-4356(10)00332-X/fulltext

APÊNDICE D – Extração de dados do artigo 1 da revisão sistemática da literatura

SILVA, A. R. da. **Estudo dos princípios de categorização na Biblioteconomia e Ciência da Informação**: Ranganathan - entre a teoria clássica e a abordagem cognitiva. 2010. 193 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

Fenômeno estudado

Não contempla. Sugere que seja a categorização na Biblioteconomia e Ciência da Informação sob o enfoque cognitivo contemporâneo

Problema

[...] o que está subjacente aos princípios categoriais propostos por Ranganathan, o que os presidem? De qual embasamento teórico-cognitivo este bibliotecário se valeu ao elaborar a estrutura PMEST? (SILVA, 2010, p. 190)

Questão/objetivos

Questão

As questões são expressas no problema de pesquisa.

Objetivos

Objetivo geral: investigar a relação entre as teorias de categorização (clássica e cognitiva contemporânea) com os princípios categoriais de Ranganathan, observando a categorização enquanto um processo cognitivo, bem como compreender de que forma se dá o gesto categorial nas diferentes instâncias de categorização na BCI (classificador e classificacionista) pautado nos escritos de Ranganathan. (SILVA, 2010, p. 190)

Objetivos específicos:

- Colaborar com o estudo dos elementos cognitivos da teoria clássica de categorias, como também aqueles presentes na abordagem cognitiva contemporânea de categorização;
- Contribuir para a identificação, na BCI, dos princípios de categorização propostos por Ranganathan;
- Identificar os indícios cognitivos presentes no gesto categorial do classificador e classificacionista;
- Colaborar para possíveis interlocuções entre as diferentes abordagens de categorização e os princípios categoriais da BCI (SILVA, 2010, p. 19)

Revisão de literatura

O que se observa é a análise teórica de estudiosos da BCI (MOSS, 1964; SEPÚLVEDA, 1996; ALVARENGA, 2001a; CAMPOS, 2001b; LIMA, 2004; ARANALDE, 2009, entre outros 341 SILVA, 2010, p. 18) relacionando-os à teoria clássica, mas sem uma apreciação experimental sobre o assunto.

Como mencionado por Guido Barite (1998 apud SILVA, 2010, p. 18), as categorias precisam ser revisitadas na BCI, tanto em sua definição como em sua justificação e aplicação.

Hjørland (2002 apud SILVA, 2010, p. 33) propõe que a abordagem epistemológica sociocognitiva pode ser utilizada para métodos de organização do conhecimento, inclusive para a análise facetada proposta por Ranganathan, os quais Hjørland intitula como métodos racionalistas.

Estes [os conceitos] eram tidos como aquilo que define ou determina a natureza de uma entidade, sua essência, ou, na visão realista aristotélica, a substância (MORA, 2004, p. 518 apud SILVA, 2010, p. 36).

Para Aristóteles, as categorias são o “predicado da proposição; daí que ele chame de *categorias do ser* e, [...] *categorias* às diferentes classes do ser ou às diferentes classes de predicados que se podem afirmar de um sujeito” (LALANDE, 1999, p. 142, grifos no original apud SILVA, 2010, p. 55).

Guido Barite (1998 apud SILVA, 2010, p. 58), ao dissertar sobre o nível de abstração presente nas categorias, aponta que estas não são componentes dos objetos do mundo como alguns filósofos afirmaram, estão fora do mundo real.

A abstração caracteriza-se como uma derivação do pensamento aristotélico aplicado às categorias, já que, por meio dela, podem-se reconhecer certas regularidades nos objetos (GUIDO BARITE, 2000b apud SILVA, 2010, p. 58)

[a] estrutura categorial [...] [é] vista como permanente e estável pelo professor Guido Barite [...] (SILVA, 2010, p. 58)

García Morente (1967 apud SILVA, 2010, p. 74) ressalta dois pontos que Aristóteles conserva do platonismo e elementares à lógica proposta pelo estagirita. O primeiro se refere à noção de que o ser das coisas sensíveis é problemático; para tanto, Aristóteles se dedica a determinar o que é o sensível, utilizando o mesmo caminho de Platão e Parmênides: “que os sentidos, o espetáculo heterogêneo do

mundo com seus variados matizes não é o verdadeiro ser, mas antes é um ser posto em interrogação, é um ser problemático que necessita de explicação” (GARCÍA MORENTE, 1967, p. 95 apud SILVA, 2010, p. 74). O segundo ponto, referente à explicação da problemática do sensível, se dá mediante a descoberta da essência deste, dos aspectos intemporais e eternos.

Para Aristóteles, “as categorias exprimem diferentes sentidos do ser” (ARISTÓTELES, 2001, p. 83 apud SILVA, 2010, p. 75).

[As categorias aristotélicas consistem em] Classes gerais em que, segundo ele [Aristóteles], [pode-se] situar, ordenadamente, as *idéias que temos das coisas* e que constituem os dez gêneros supremos, as dez essências mais gerais [...] as categorias são fatos que constatamos nas coisas, quando as examinamos. São as principais entidades envolvidas na estrutura da realidade, modos de ser a serem reconhecidos, formas de existência, que compõe a existência de todas as coisas. (PIEDEDE, 1977, p. 10-11, grifos no original apud SILVA, 2010, p. 75)

Para Aristóteles, as categorias eram termos, e qualquer um deles sempre pertencia a um determinado assunto. Eram os tipos principais de entidades envolvidas na estrutura da realidade, os tipos de seres a serem verificados, as formas da existência imaginadas na vida real de todas as coisas quaisquer que sejam. (VICKERY, 1980, p. 235 apud SILVA, 2010, p. 75)

O estagirita afirma que “o ser tem muitos significados, dos quais *a substância não só é o principal, mas até mesmo o fundamento de todos os outros*” (ARISTÓTELES, 2001, p. 42, grifos do original apud SILVA, 2010, p. 77).

A substância é a primeira categoria que êle [Aristóteles] enumera na lista: é o ponto de vista no qual nos situamos para dizer que algo “é”: este é homem, este é cavalo, este é peixe. Quando dizemos que algo é isto ou aquilo, aquilo que é, então consideramos este algo como uma substância e o que dele dizemos isto é ele. (GARCÍA MORENTE, 1967, p. 104 apud SILVA, 2010, p. 77)

A substância é para Aristóteles aquilo que existe, porém não somente aquilo que existe, mas aquilo que existe em unidade indissolúvel com o que é, com sua essência, não somente com sua essência, mas com seus acidentes (GARCÍA MORENTE, 1967, p. 106 apud SILVA, 2010, p. 80).

Reale (tradutor e comentador de ARISTÓTELES, 2001, p. 98 apud SILVA, 2010, p. 81) expõe cinco características definidoras da substância: 1) o fato de ser substrato de inerência e de predicação dos outros modos do ser; 2) ser um ente capaz de subsistir separadamente do resto, de modo autônomo; 3) a necessidade de ser algo determinado; 4) a característica intrínseca da unidade: não pode ser substância

um agregado de partes; e 5) o ato e a atualidade: só será substância o que é ato ou implica essencialmente ato, e não o que é mera potencialidade.

[...] proposição das categorias fundamentais, como salienta Moss (1964 apud SILVA, 2010, p. 88), possui origens longínquas, especificamente na Grécia Antiga, dada a semelhança dos estudos de Ranganathan com as categorias originais propostas por Aristóteles.

Piedade (1977 apud SILVA, 2010, p. 88) corrobora desse entendimento e menciona que a classificação facetada ou analítico-sintética proposta por Ranganathan absorve as categorias aristotélicas no âmbito das variadas relações que permite entre os assuntos, desencontrando-se das propostas até então existentes no âmbito da BCI, que expunham a dicotomia da árvore de Porfírio.

Dahlberg (1978a apud SILVA, 2010, p. 90), a classificação facetada pode ser visualizada como um sistema de conceitos, já que as facetas e seus elementos se refletem nas categorias.

[o plano das ideias] é invisível, tal como Deus (RANGANATHAN, 1967, p. 335 apud SILVA, 2010, p. 91).

[o método de resíduos] [...] é, como exposto por Aranalde (2009 apud SILVA, 2010, p. 101), um **ponto dissociante** entre as perspectivas dos dois filósofos, já que Aristóteles vai em direção oposta (variável vínculos)

Perspectiva teórica

No âmbito teórico, a lógica categorial que se acredita ter influenciado a BCI e ter sido a matriz, por quase dois mil anos, para trabalhos em diversas áreas do conhecimento, é a teoria clássica de categorização, idealizada pelo filósofo grego Aristóteles. Alguns estudiosos da BCI a visualizam em consonância com os trabalhos realizados pelo bibliotecário indiano Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892-1972), em especial as categorias fundamentais por ele propostas, expressas por meio do acrônimo PMEST (personality, matter, energy, space, time – em português: personalidade, matéria, energia, espaço e tempo). (SILVA, 2010, p. 18)

Ranganathan elencou critérios metodológicos para a categorização na BCI, o que o faz ser visto como um dos nomes mais expoentes, no século XX, na teoria da classificação. Após a divulgação de seus trabalhos, ocorreu uma reestruturação nas pesquisas da área e vários estudiosos e grupos se debruçaram sobre o que constitui os princípios categoriais ranganathanianos. Contudo, Ranganathan não formalizou explicitamente em nenhum de seus textos a derivação dos princípios categoriais que propôs. (SILVA, 2010, p. 18)

Verifica-se que não há uma reflexão crítica de como se deu a apropriação da teoria de categorização aristotélica por Ranganathan (e se realmente isto aconteceu), qual foi o caminho rumo ao delineamento dos princípios categoriais que a BCI utiliza e, sobretudo, como esse ato se dá na instância dos profissionais da área. (SILVA, 2010, p. 18)

Trata-se de um tema [as categorias] que necessita de estudos, inclusive interdisciplinares, que forneçam novas visões sobre a prática da categorização. (SILVA, 2010, p. 18)

Em conformidade com esta necessidade e em atendimento à própria configuração epistemológica da BCI, percebe-se, a partir da década de 1970, a emergência de estudos sob o enfoque cognitivo. (SILVA, 2010, p. 18)

o aprofundamento [...] [na] vertente [da categorização na BCI] poderia elucidar enunciados determinantes à compreensão deste tema e delinear um posicionamento histórico sobre o mesmo. (SILVA, 2010, p. 21)

[...] a palavra episteme (conhecimento), está intrinsecamente relacionada à teoria da classificação. (SILVA, 2010, p. 21)

Aplicados à BCI, os estudos cognitivos têm ascensão na década de 1970 [...] (SILVA, 2010, p. 21)

Trabalhos como os de Bertram C. Brookes e Nicholas Belkin inauguram uma nova posição epistemológica na BCI por privilegiarem os aspectos psicológicos e o mundo interior dos indivíduos. As análises cognitivas foram aplicadas, especialmente, nos estudos de usuários, dando a estes 344 dimensão distinta nos SRI, a partir da noção do sujeito cognoscente em contraponto ao que até então se enfatizava. (SILVA, 2010, p. 32)

Apesar da inovação apregoada e do rompimento com uma base meramente física da informação, o ponto de vista cognitivo não contempla, em sua formação inicial, as dimensões históricas, sociais, culturais e contextuais dos indivíduos [...] (SILVA, 2010, p. 32)

No âmbito filosófico, o conceito remonta aos escritos de Platão e Aristóteles, a partir da noção de ‘universais’. (SILVA, 2010, p. 36)

A virada na ordem conceitual na BCI é dada pela pesquisadora alemã Ingetraut Dahlberg, da Universidade Mainz de Frankfurt (Alemanha), que apresenta a teoria do conceito (TC) em fins da década de 1970. Esta teoria atribui aos conceitos um grau maior de realidade, alterando a proposta de ‘unidades de pensamento’ da TGT para ‘unidades de conhecimento’, o que confere aos conceitos um caráter mais concreto e os torna inteligíveis aos profissionais da BCI. (SILVA, 2010, p. 37)

[...] as bases teóricas do processo classificatório na BCI possuem amparo na teoria clássica aristotélica [...] (SILVA, 2010, p. 47)

a categorização sob o enfoque cognitivo contemporâneo (SILVA, 2010, p. 47)

Relacionada à organização do conhecimento, a **classificação** remonta à Grécia Antiga, com a *Physica* aristotélica, a partir da qual se percebe a derivação de vários **sistemas de classificação do conhecimento**, em especial daquele **sistematizado**. Aristóteles foi o responsável pela proposição de um esquema que perdurou por quase dois mil anos. Em sua estruturação, os conhecimentos se dividiam em práticos, teóricos e produtivos, classes essas que se subdividiam em outras disciplinas mais específicas. Esse modelo classificatório é orientado por atributos das próprias entidades, e não por elucubrações mentais. (variável Aristóteles) (SILVA, 2010, p. 50)

O que configura o realismo moderado nas classificações da BCI é a proposta da classificação analítico-sintética de Ranganathan, representada pela Colon Classification (Classificação dos Dois Pontos, em português). Ranganathan a intitula como livremente facetada, e neste ponto do trabalho cabe enunciar que se acredita que **Ranganathan** tenha se **baseado** nas **categorias** fundamentais de **Aristóteles** para a **proposição** das **facetas fundamentais** que usa nesta classificação. (variável vínculos) (SILVA, 2010, p. 53)

Os esquemas tradicionais de classificação valorizam a estruturação em classes, e não em categorias, salvo o de Ranganathan. (SILVA, 2010, p. 54) 345

[...] analisá-las [as categorias] sob as óticas filosófica, cognitiva e também pela teoria da classificação. (SILVA, 2010, p. 55)

O sentido de categoria é diverso, conforme a abordagem considerada. (SILVA, 2010, p. 55)

No âmbito filosófico, em especial na lógica e na epistemologia, as **categorias** adquirem um **sentido mais claro** com os estudos de **Aristóteles** (e mesmo antes, com Platão). (variável Aristóteles) (SILVA, 2010, p. 55)

Na BCI, as categorias estão intrinsecamente relacionadas à teoria da classificação. (SILVA, 2010, p. 56)

Considera-se que a definição de categoria deva relacionar o aspecto filosófico, determinante à teoria da classificação, com a compreensão cognitiva, que permeia o próprio situar do sujeito no mundo. (SILVA, 2010, p. 57)

[...] devem-se destacar as concepções abstratas, a estrutura categorial e também a perspectiva das categorias enquanto instrumentos de análise. (SILVA, 2010, p. 57)

São formas eleitas, externas e autônomas – até mesmo arbitrárias, já que não são integrantes dos objetos –, para servir de instrumentos de análise. (SILVA, 2010, p. 58)

[...] a vinculação [da estrutura categorial] a determinado contexto e sob certa finalidade a faz transgredir seu caráter estático e ser dotada de uma estrutura dinâmica. (SILVA, 2010, p. 58)

Logo, as categorias, enquanto instrumentos de análise, são primordiais ao exercício da teoria da classificação, já que se instauram na própria compreensão de mundo dos sujeitos e transpostas ao universo dos registros do conhecimento tendem a reconhecê-los mais amiúde. Para tanto, é imprescindível que se compreenda que uma categoria, de modo isolado, possui um alcance fragmentário e incompleto, isso porque sua configuração é setorial, representa um recorte no universo, além de permitir variados níveis de análise de um objeto – subcategorias. (SILVA, 2010, p. 58)

Acredita-se que, enquanto instrumentos de análise, as categorias requerem um trabalho sistêmico, relacionado, para que possam potencializar o aspecto semântico dos objetos que comportam, levando à compreensão integrada destes. Sob essa perspectiva, instaura-se a dúvida sobre o fato se um conjunto de categorias eleitas possa propiciar um alcance total do objeto estudado, ou se existe uma categoria que comporte a dimensão do todo (tal como a substância aristotélica, que se verá adiante). (SILVA, 2010, p. 58-59)

Em acréscimo, existe a discussão acerca do nível de generalização das categorias. A princípio, elege-se uma lista de categorias que possam ser aplicadas a todos os seres, tal como fizeram Aristóteles e Kant, ou a todos os assuntos, conforme Ranganathan, mas será isso possível? Seres, objetos, coisas podem ser analisados sob uma mesma ótica? Todos os registros do conhecimento podem ser analisados com um mesmo olhar? (SILVA, 2010, p. 59)

[...] o que se intitula como abordagem cognitiva contemporânea de categorização, neste trabalho, parte dos estudos posteriores aos anos de 1960 e procura apropriar-se, de maneira geral, dos elementos sem

adentrar nos modelos específicos da psicologia cognitiva, como o probabilístico, o protótipo e o exemplar. (SILVA, 2010, p. 59)

[...] define-se a categorização, para este trabalho, e com o olhar da BCI, como um processo sociocognitivo de ordenação e relacionamento dos conceitos em um dado contexto, que se faz presente em vários momentos do tratamento da informação dos registros do conhecimento. (SILVA, 2010, p. 72)

A **teoria clássica de categorização** foi a que teve maior **influência** no **Ocidente**, em quase dois mil anos. Suas origens remontam à Grécia Antiga, nos escritos de Aristóteles (ca. 384/383 – 322 a.C.), filósofo nascido em Estagira, na Macedônia. Discípulo de Platão, em Atenas, por cerca de vinte anos, Aristóteles escreveu sobre várias áreas do saber, como a metafísica, a filosofia, a política, a ética, a psicologia, a zoologia, a botânica, as artes, entre outras. (variável Aristóteles) (SILVA, 2010, p. 74)

Aristóteles também contesta alguns pontos dos escritos de Platão, como a dualidade do mundo em sensível e inteligível. Propõe a **união** do mundo em coisas reais de nossa **experiência sensível** através do **‘hipojéimenos’** (variável Aristóteles) (SILVA, 2010, p. 74)

As **categorias aristotélicas** constituem as dez unidades ditas pelo autor como aquelas que estão **fora** de toda a **combinação**; refletem a reunião das expressões sem ligação e, por si só, não podem ser tidas como verdadeiras ou falsas. (variável Aristóteles) (SILVA, 2010, p. 75)

Sem a **substância**, não é possível existir a qualidade, a maneira de ser, a ação ou qualquer outro atributo. Dos fatos constatados nas coisas, a substância é o **ser que existe**. (variável Aristóteles) (SILVA, 2010, p. 77)

347

[...] a **substância** se configura como a **soma** dos **atributos** essenciais e daqueles acidentais que constituem o **ser**. Aqui, a substância recebe a designação individual [...] (variável Aristóteles) (SILVA, 2010, p. 81)

[...] um par de conceitos [...] configura a **substância aristotélica**, a saber: a matéria e a forma. A matéria, em Aristóteles, corresponde àquilo de que algo é constituído. Essa afirmação não se restringe ao caráter material, mas a **quaisquer coisas** que venham a **constituir** um **ser**. [...] Já a forma recebe duas acepções: uma voltada à noção geométrica do termo, como a figura dos corpos, entendimento este mais vulgar; e a outra, como aquilo que faz com que a coisa seja o que é, tanto no âmbito material, quanto no imaterial. [...] Na forma, encontra-se o **telos do ser**, ou seja, a finalidade a que se destina. A matéria e a forma constituem um conjunto harmônico e indivisível [...] A matéria e a forma estabelecem uma relação

estática, contemplada desde a eternidade metafísica dos seres. (variável Aristóteles) (SILVA, 2010, p. 81)

A noção aristotélica de substância acaba por desembocar em uma **problemática teológica**, pois ao afirmar que a substância é a essência e, ainda, ao questionar o tipo de substância existente (sensível? suprassensível?), Aristóteles resgata a noção de que há **algo** que **subjaz à substância**, um Deus que confere inteligibilidade às substâncias presentes no mundo. (variável Aristóteles) (SILVA, 2010, p. 81-82)

[...] **interseções** entre as categorias de Aristóteles, com aquelas propostas por Ranganathan. (variável vínculos) (SILVA, 2010, p. 81-82)

[...] a **influência** mais perceptível nos escritos de Ranganathan é a da lógica aristotélica. (variável vínculos) (SILVA, 2010, p. 88)

Aristóteles **propunha** [**distintamente**] uma análise ontológica, voltada aos seres, já Ranganathan debruçou-se nos registros do conhecimento – as chamadas **categorias do classificar** (variável vínculos) (SILVA, 2010, p. 89)

Ranganathan não referencia a Aristóteles explicitamente em suas obras, o que leva a dúvidas sobre a consciência das bases aristotélicas de seus estudos. Dúvida esta pouco consistente, já que Aristóteles é notório na ciência ocidental e, apesar de Ranganathan ter origens orientais, realizou estudos em Londres e obteve **formação** em **áreas influenciadas pelos estudos aristotélicos** (como a matemática e a filosofia). (variável vínculos) (SILVA, 2010, p. 89)

Ranganathan **cita** Aristóteles nos Prolegomena to Library Classification, contudo o faz de **maneira genérica**, não aborda as categorias do estagirita e nem menciona o embasamento das categorias fundamentais naquelas propostas por Aristóteles. (variável vínculos) (SILVA, 2010, p. 89)

Ranganathan rompe com a visão dominante da árvore dicotômica de Porfírio e apresenta a noção da **policotomia ilimitada de conhecimento**, representada pela **árvore baniana** (variável Ranganathan) (SILVA, 2010, p. 89)

A **árvore baniana** representa uma metáfora da possibilidade infinita de relacionamentos entre os assuntos e o crescimento contínuo destes, em que a **evolução** de um **assunto** serve de **estímulo** a outro, em uma **espiral** infinita. (variável Ranganathan) (SILVA, 2010, p. 89-90)

Esta classificação propõe, mediante o método hipotético-dedutivo, que entre dois pontos há um número infinito de assuntos e que esses devam ser combinados pelo bibliotecário quando preciso, ou seja, através da entrada de um item em um catálogo. Para Ranganathan a análise facetada é um processo analítico-sintético que envolve **fatorar assuntos compostos** em facetas, para, em seguida, fazer uma **síntese** formada da **recombinação das partes** encontradas na análise, visando-se indexar ou arranjar documentos em sistemas de recuperação de informações, segundo seus assuntos, por meio de uma **notação**. (variável Ranganathan) (SILVA, 2010, p. 90)

Esta ideia se **contrapõe** ao que determinavam as classificações bibliográficas até então existentes, pois estas implicavam em um **sistema** tradicional especialmente **enumerativo**. (variável Ranganathan) (SILVA, 2010, p. 90)

Um dos grandes pontos da Colon Classification é a proposição de **três planos** de trabalho para a **classificação** [...] O primeiro, o plano das **ideias**, é tido como superior por Ranganathan, já que se relaciona com o trabalho da mente e possui uma noção até mesmo exotérica [...] É um plano a priori, em que os conceitos são percebidos antes de quaisquer contatos com os planos **verbal** e **notacional**. (variável Ranganathan) (SILVA, 2010, p. 91)

Os **cânones** [...] [do Plano das Ideias de Ranganathan] aplicam-se à **formação** de classes (ou melhor, de **categorias**) em um **universo do conhecimento**. Se observados amiúde, recordam vários dos elementos apresentados na teoria clássica de categorização. Para ilustrar essa afirmação, indicam-se alguns pontos convergentes nestes princípios: 1) Os cânones relativos às características explicitam a necessidade de um conjunto de características rígidas e necessárias à formação de uma categoria. No âmbito da verificabilidade, estas características estão explícitas; 2) o cânone da exclusividade manifesta os limites rígidos entre as categorias anunciadas na teoria clássica, já que uma entidade só poderá pertencer a uma categoria (em um dado universo); 3) o cânone da extensão decrescente resgata a ³⁴⁹ de extensão e intensão da teoria clássica, isto é, dado que as categorias superiores usufruem de menos características divisórias, estas terão um número maior de objetos, enquanto aquelas mais específicas, por solicitarem muitas características das entidades, serão mais intensas; 4) A modulação está intrinsecamente relacionada à estrutura hierárquica da teoria clássica mediante a herança que deve ser expressa na formação de categorias. (variável Ranganathan) (SILVA, 2010, p. 92-93)

Assim, o **plano das ideias** de Ranganathan (como mencionado fundamento das categorias deste estudioso), **resgata**, e muito, os elementos presentes na **lógica aristotélica**. Além disso, apresenta elementos que possibilitam o reconhecimento cognitivo da organização planejada. Vejam-se, por exemplo, os cânones da divisão em cadeias e da sequência de filiação, que apresentam um entendimento claro e confortável da proposta categorial, sem permitir a desorientação por parte de quem a observa. (variável vínculos) (SILVA, 2010, p. 93)

Ranganathan **restringe** o uso dessas **categorias** ao **universo classificatório**, às facetas dos assuntos dos registros do conhecimento, resguardando-se de quaisquer análises dessas nos quesitos da filosofia (metafísica ou física). Informa ainda que o significado de “categorias fundamentais”, em um dicionário, não remete ao que elas realmente possam ser. A definição dessas categorias só pode se dar por enumeração. (variável Ranganathan) (SILVA, 2010, p. 93)

A categoria fundamental, apresentada por Ranganathan como a de mais difícil identificação, é a **personalidade**. O estudioso chega a designá-la como inefável. A delineação que se vê de personalidade, na literatura da BCI, é a de que corresponde a **entidades**, seus **tipos**, suas **espécies**, **partes** e/ou **órgãos**. Aquilo que se demonstra como básico e fundamental à compreensão de determinado assunto. [...] Normalmente, o reconhecimento da categoria personalidade só se dá por eliminação. Dessa forma, Ranganathan propôs a aplicação do método de resíduos [...] (variável Ranganathan) (SILVA, 2010, p. 95-96)

Acredita-se que Ranganathan, ao propor as **categorias fundamentais**, teve como principal objetivo dar uma estrutura formal e flexível aos estudos teóricos da classificação que, até então, haviam sido realizados, em especial, com base nos esquemas bibliográficos que o precederam (tais como CDD, CDU, LCC). A **derivação aristotélica** não pode ser negada, pois o tratado Categorias (apesar das mutilações sofridas pelas traduções que teve) é um dos mais conhecidos de Aristóteles no âmbito dos estudos lógicos. (variável vínculos) (SILVA, 2010, p. 101-102)

[...] foi indicado como pressuposto elucidativo a crença de que na BCI predomina o **modelo categorial** de **Ranganathan** e de que há indícios de que este modelo tenha se **embasado** nos escritos de **Aristóteles** [...] (variável vínculos) (SILVA, 2010, p. 175)

Processo de coleta de dados

A coleta de dados ocorreu entre os meses de abril e junho de 2010 (salvo o pré-teste, realizado no mês de março), nas cidades de Belo Horizonte/MG e do Rio de Janeiro/RJ. Os procedimentos foram realizados em horário e local de conveniência dos sujeitos entrevistados. Assim, a maioria dos encontros ocorreu no ambiente de trabalho desses (somente um encontro se deu em local independente). (SILVA, 2010, p. 120)

O pré-teste do procedimento de coleta de dados foi realizado no mês de março de 2010, com um profissional experiente da BCI. A este se solicitou que relacionasse as categorias do TFCPB com as categorias de Ranganathan e àquelas de Aristóteles, no intuito de se averiguar como o sujeito realizava a associação entre as diferentes propostas. Destaca-se que se pressupôs inicialmente que a base lógico-categorial dos estudos de Ranganathan fosse oriunda da teoria clássica de categorias, mas esta é uma

condição teórica, até mesmo por Ranganathan ser um estudioso da BCI, e Aristóteles não ser obrigatoriamente estudado pelos profissionais que na área atuam. (SILVA, 2010, p. 121)

[...] o profissional do pré-teste assumiu não estar apto a fazer o relacionamento com as categorias de Aristóteles. Logo, optou-se por remodelar a tarefa de maneira que aos sujeitos da pesquisa fosse solicitado que relacionassem as categorias do TFCPB somente com as de Ranganathan e que o percurso aristotélico ficasse restrito à pesquisadora no momento da análise dos dados mediante os indícios verbalizados pelos sujeitos. (SILVA, 2010, p. 121)

Sujeitos da pesquisa: classificacionista e o classificador

Porquanto o gesto categorial na BCI pode se dar em esferas distintas, valeu-se da designação de Ranganathan (1967) ao se eleger para observação a categorização realizada pelos profissionais responsáveis pela criação/elaboração do TFCPB designados como o Grupo 1 - Classificacionistas, e, ainda, por aqueles que fazem a leitura da categorização deste tipo de IRI, o Grupo 2 - Classificadores. (SILVA, 2010, p. 121)

O Grupo 1 – Classificacionistas corresponde à parcela dos indivíduos responsáveis pela elaboração do TFCPB. A delimitação destes se deu por acreditar-se que são indivíduos que legitimam formas de representação, conforme determinada noção lógico-categorial, para aqueles que utilizam o tesouro e dentro da própria estruturação dos princípios categoriais na BCI. (SILVA, 2010, p. 121)

A seleção dos profissionais pertencentes ao Grupo 1 se fez de acordo com a equipe de bibliotecários responsáveis pela criação/elaboração do TFCPB. Em complemento, enviou-se aos mesmos o questionário informativo (APÊNDICE B), a fim de se conhecerem os dados relacionados à exper 351 dos sujeitos e ratificar o conhecimento das categorias de Ranganathan. (SILVA, 2010, p. 121)

[...] foram entrevistados individualmente três profissionais: a bibliotecária (e professora na área de BCI com larga experiência em processos categoriais, graduada em biblioteconomia em 1985) que prestou consultoria na elaboração do TFCPB; a bibliotecária da instituição responsável pelo projeto (graduada há mais de quinze anos e com larga experiência na área em análise), e o profissional da área que foi bolsista do projeto de pesquisa (estudante de biblioteconomia na época e hoje bibliotecário com experiência de mais de cinco anos, mestrado na área da BCI e professor nesta área há cerca de um ano). (SILVA, 2010, p. 123)

Solicitou-se aos sujeitos que associassem as categorias principais (baseadas na estrutura sistemática) do TFCPB com a estrutura PMEST proposta por Ranganathan [...]. Foi entregue, inicialmente, a cada participante, uma folha com as instruções básicas do instrumento de coleta de dados a ser utilizado e da tarefa a ser realizada (APÊNDICE C). Em seguida, foi pedido aos mesmos que lessem uma folha com a apresentação da estrutura PMEST de Ranganathan. Esta possuía tão somente o nome das categorias

fundamentais e uma breve indicação do que abordam com base nos estudos do próprio Ranganathan e de outros pesquisadores da BCI, que fossem fiéis à análise deste. Não se percebe esta exposição como a indução dos sujeitos no que viessem a verificar como o conteúdo das categorias, mas apenas uma recordação do que lhes foi apresentado teoricamente na graduação em biblioteconomia. (SILVA, 2010, p. 125-126)

Após a leitura desse material, foi solicitado aos sujeitos que navegassem na estrutura sistemática (e na alfabética, conforme os sujeitos considerassem conveniente) on-line do TFCPB e visualizassem os termos pertencentes às categorias, os termos específicos, as notas de escopo ou quaisquer outras informações necessárias ao entendimento da categoria, já que, para se conceber um conceito, é necessário algum referente sobre o mesmo. (SILVA, 2010, p. 126)

Ressalta-se que os sujeitos puderam atribuir mais de uma categoria de Ranganathan ou não indicar nenhuma àquelas do TFCPB. Durante todo o processo, os informantes foram motivados a ‘pensar alto’, verbalizando o que os fazia associar tal categoria do TFCPB a determinada categoria de Ranganathan. (SILVA, 2010, p. 126)

na entrevista semiestruturada, foi perguntado aos sujeitos se eles estudaram as categorias propostas pelo filósofo Aristóteles e, em caso afirmativo, solicitou-se que relatassem um pouco sobre as mesmas. Tanto no Grupo 1 quanto no Grupo 2, a resposta prevalente é que as categorias de Aristóteles não foram estudadas, ou, se o foram, isto ocorreu de maneira superficial, de modo que os sujeitos sequer se lembravam do que elas abordam. (SILVA, 2010, p. 171)

Natureza dos dados

Conceituais, filosóficos, narrativas e verbalizações dos sujeitos durante o emprego do protocolo verbal e da entrevista semiestruturada.

Validação dos dados

Avaliação por pares

Processo de coleta de achados

Não contempla.

Achados

QUADRO 4 – As categorias fundamentais de Aristóteles (SILVA, 2010, p. 76)

QUADRO 6 – Mapeamento dos cânones do Plano das Ideias de Ranganathan (SILVA, 2010, p. 91)

QUADRO 13 – Análise do gesto categorial do Grupo 1 - Classificacionistas (SILVA, 2010, p. 133-136)

QUADRO 14 – Análise do gesto categorial do Grupo 2 - Classificadores (SILVA, 2010, p. 144-148)

Processo de Interpretação dos achados

Não contempla. Sugere que seja:

[...] um questionamento se faz premente: Aristóteles está formalmente inscrito nos estudos categoriais dos profissionais da BCI? Com esta indagação, pretende-se identificar como se dá a inserção de Aristóteles no âmbito teórico da BCI, já que Ranganathan é habitualmente estudado. (SILVA, 2010, p. 171)

Interpretação dos achados

A **noção categorial** de **Ranganathan** pode ser vista como uma **releitura** das **categorias aristotélicas**. [...] Sabe-se que as categorias propostas pelos estudiosos surgiram por motivações e propósitos distintos – Aristóteles as propôs com relação aos seres e Ranganathan ao universo de registros do conhecimento, mas, ainda assim, sabe-se que ambas as propostas se constituem como **instrumentos lógicos de análise**. (variável vínculos) (SILVA, 2010, p. 98)

O tratamento dado à **substância diferencia-se** em **Aristóteles** e **Ranganathan**, basicamente, sob dois aspectos: a terminologia usada e a proposta para a compreensão dessas categorias que cada um dos estudiosos determinou. Ranganathan, ao considerar as categorias como fundamentais e indefiníveis, se resguardou, sobretudo, de definir o que venha a ser a personalidade. Foi talvez mais além ao propor, para a delimitação desta, o método de resíduos. (variável vínculos) (SILVA, 2010, p. 100-101)

Aristóteles opta por elencar o que seja a **substância** em nível primordial, para, então, o que dela surgir ser considerado como acidente, isto é, as demais categorias. Isso dá à substância uma existência distinta que talvez não a caracterize como uma categoria, e sim como o objeto em si. [...] É interessante observar que a noção da substância aristotélica como essência corresponde àquilo que transcende o mundo das ideias de Platão, estando sincrônica com a realidade, pois, por não se dar *a priori*, remete ao **entendimento teológico** que Aristóteles possuía. Por isso, dá-se à substância um verdadeiro caráter inexorável e **supremo**, pelas próprias apreensões teológicas de que Aristóteles comungava. (variável Aristóteles) (SILVA, 2010, p. 101)

Ranganathan, ao vê-la como indizível, como o produto após todas as indagações, como aquilo que está sobrejacente a quaisquer coisas, deixa explícita sua **base religiosa** com relação à proposta da **personalidade**, isto é, um elemento que se julga existente, mas que não é passível de definição. (variável Ranganathan) (SILVA, 2010, p. 101)

Quando Aristóteles propõe o par forma/matéria à substância, acredita-se que este esteja associado à sua base platônica e à sua curiosidade pragmática. Assim, observar-se a matéria ranganathiana como análoga à personalidade de Aristóteles [sic] [Ranganathan] é uma visão bastante direcionada, já que o **universo de aplicação** proposto é **distinto**. (variável vínculos) (SILVA, 2010, p. 101)

Interpretação do quadro 13

[...] recorda-se a associação feita teoricamente [...] entre a personalidade de Ranganathan e a substância aristotélica. Uma vez que esta última se compõe da matéria e da forma, e que a matéria corresponde àquilo, amplo senso, que constitui algo, a delimitação entre a personalidade e a matéria em Ranganathan se torna de difícil diferenciação. Em especial, se for considerado que a matéria de Ranganathan mescla não só os elementos evidentes desta categoria como aqueles que se aplicam em âmbito filosófico (por exemplo, de que é feita a cultura popular? De expressões, de literatura, de atividades rituais, assim, elas podem ser vistas como matéria para a constituição dessa temática). (SILVA, 2010, p. 140)

Logo, a intensão da categoria personalidade encontra áreas convergentes com as da matéria, o que acarreta semelhanças entre os conceitos destas, sem a determinação rígida à qual categoria estes pertençam. Isso leva a crer que não se podem delimitar rigorosamente linhas de separação, sob 354 em categorias mais complexas. (SILVA, 2010, p. 140)

[...] infere-se que as categorias mais concretas, conforme a designação de Ranganathan (1967), representada pela FIG. 7 (cap. 4), reproduzida de Aranalde (2009), tendem a ser mais complexas e, conseqüentemente, a apresentar limites mais confusos se comparadas a outras menos concretas – relação esta perceptível, por exemplo, nas falas relacionadas à categoria matéria, à categoria tempo e, sobretudo, à categoria personalidade vista por Ranganathan como a mais concreta e ao mesmo tempo inefável. A concretude, sob este enfoque, deve ser visualizada como um conjunto de elementos que corporificam a manifestação de um objeto no mundo, de maneira que, quanto mais concreto um objeto, mais complexo tende a ser (isto é, mais elementos indicam sua existência no mundo). Ao se examinar os critérios para atribuição dos conceitos nas categorias, observa-se que eles, em alguns casos, podem relacionar-se tanto ao que configura a essência da categoria quanto a seus acidentes. (SILVA, 2010, p. 141)

[Interpretação dos princípios categoriais de Ranganathan que transitam entre a abordagem clássica e a abordagem cognitiva contemporânea de categorização:]

[...] sobre o que realmente subjaz aos princípios categoriais de Ranganathan, acredita-se que há **linhas de pensamento congruentes** entre seus escritos e os escritos de Aristóteles. A literatura consultada ratifica essa derivação, sobretudo quanto à estrutura **PMEST**, a qual, pelo que se viu, retoma os **fundamentos** das categorias do **estagirita** [...] (variável vínculos) (SILVA, 2010, p. 167)

Aristóteles é tido por parcela dos estudiosos como o filósofo realista, aquele que compreende o ser na condição de ser que existe, daí a noção de substância como algo primeiro na estruturação ontológica das coisas. Já Ranganathan **constrói** suas **categorias** em **direção oposta**, apesar de se valer das categorias aristotélicas, tudo aquilo que não é, é personalidade, ou seja, apesar de ser constituinte do conteúdo dos registros do conhecimento (recordando que estes são os seres que Ranganathan retrata, não são categorias ontológicas), a personalidade adquire um papel de maior complexidade no reconhecimento destes. O método de resíduos representa a importância e o caráter inefável que norteiam o que consiste a personalidade para a BCI. (variável vínculos) (SILVA, 2010, p. 167)

No delineamento da personalidade, assiste-se à sua ambiguidade quanto aos limites com relação a outras categorias, sobretudo a matéria e a energia. Não se pode precisar ao certo o que distingue a personalidade da matéria em Ranganathan. Se a **personalidade** for observada em **comparação** com a **substância** aristotélica, essa dúvida se instaura na própria configuração da última, que, como afirmado, é composta por uma matéria de ordem metafísica e por uma forma de cunho ontológico. Acredita-se que tanto a **matéria** quanto a **forma aristotélica reflitam** no que seja a **personalidade**, já que os limites entre esta e a matéria se mostraram confusos tanto teórica quanto empiricamente. (variável vínculos) (SILVA, 2010, p. 167-168)

Aliado a isso, Ranganathan propôs um **plano ideacional** que **foge** ao **realismo aristotélico**, em parte, pois implica que há um nível de existência das coisas que antecede aquilo que forma explicitamente o plano verbal. O plano ideacional mais se aproxima das noções idealistas de Platão do que da verdade ontológica que Aristóteles busca retratar. Com isso, não se afirma um dualismo entre Platão e Aristóteles, uma vez que o estagirita foi discípulo do primeiro, mas sabe-se que os estudos de Aristóteles adquiriram maturidade e desenho próprios que ora se distanciam dos de Platão. (variável vínculos) (SILVA, 2010, p. 167-168)

E é desse **plano anterior**, desse plano que antecede todos os outros, que as **categorias** fundamentais de **Ranganathan** emergem. São elas um modelo de mundo que Ranganathan cria para reproduzir o universo documental, e que, apesar de este estudioso afirmar que poderiam existir outras categorias sem ser as cinco, mas que quem as propusesse deveria ter o respaldo da pesquisa na literatura, elas refletem um modelo de mundo imposto por ele. Representam uma noção ideacional de quem as propõe e, por mais que se façam válidas e notórias na teoria da classificação na BCI, são construtos de um universo

ideal, já que, como observado, até categorias menos complexas, como o lugar, tendem a apresentar algum tipo de subjetividade. (variável Ranganathan) (SILVA, 2010, p. 167-168)

Com relação ao gesto categorial dos sujeitos, pode-se afirmar que a derivação observada teoricamente entre a estrutura **PMEST** e as **categorias** de **Aristóteles** sofre no **gesto empírico** um **enfraquecimento considerável**. [...] Dessa forma, pode-se afirmar que o embasamento lógico-cognitivo representado pela estrutura PMEST não se corporifica somente pelos indícios da teoria clássica, mas também pela abordagem cognitiva contemporânea [...] (variável vínculos) (SILVA, 2010, p. 168)

[Sobre a relação com a abordagem cognitiva contemporânea], Os **princípios** de **Ranganathan**, que em tanto **coincidem** com a **teoria clássica** de categorias, por vezes demonstram se **distanciar** dela. Ainda no plano teórico, esses princípios usufruem de uma dinamicidade que não pode ser delineada apenas como uma proposta classificatória rígida, estando além, permitindo uma visão flexível do universo em expansão dos registros do conhecimento. (variável vínculos) (SILVA, 2010, p. 168-169)

[...] não se pode afirmar que Ranganathan tenha partido somente de indícios da teoria clássica. Avançado para sua época, **Ranganathan valeu-se** também de **indícios** do que mais adiante viria a se configurar a **abordagem cognitiva contemporânea de categorização**. Esses indícios podem ser visualizados em alguns elementos dos estudos de Ranganathan [...] (variável Ranganathan) (SILVA, 2010, p. 169)

[...] Na própria **configuração** da estrutura **PMEST**, em que se assiste à sobreposição de categorias – como na personalidade, matéria, energia e mesmo no lugar – em especial, quando manifestada
356
facetas em determinado domínio do conhecimento (conforme se assistiu no TFCPB); (v
Ranganathan) (SILVA, 2010, p. 169)

[...] Mediante a observação do **percurso empírico** seguido, pois, no **gesto categorial** dos sujeitos, a percepção das categorias se dá, por vezes, de maneira bastante suspensa, o que, como mencionado, vai de **encontro** à **postura clássica**. Obviamente, a estrutura ranganathiana não é tão maleável quanto a abordagem cognitiva contemporânea de categorização que se associa sobremaneira aos processos mentais, mas ao permitir a análise dos objetos a partir de vários aspectos aliada a noção de um universo crescente de conhecimentos, remete ao entendimento da semelhança e das noções contextuais existentes na abordagem contemporânea de categorização. (variável Ranganathan) (SILVA, 2010, p. 169)

[...] o estudo de **Aristóteles** está, em especial, **relacionado à epistemologia da organização dos registros do conhecimento** e não ao seu emprego empírico. (variável Aristóteles) (SILVA, 2010, p. 172)

Ao se dissertar sobre a derivação dos princípios categoriais de Ranganathan daqueles de Aristóteles, deve-se recordar a **similitude** percebida entre estes princípios na análise teórica realizada, em especial, quanto à **estrutura PMEST** e às **categorias** fundamentais do **estagirita**. Ainda que o propósito de criação destas propostas categoriais seja distinto, já que Aristóteles trabalhou com os seres e Ranganathan com os registros do conhecimento, a percepção do que constitui a estrutura ranganathiana é visivelmente inspirada nas categorias aristotélicas. (variável vínculos) (SILVA, 2010, p. 175)

Quanto à categoria **personalidade**, observa-se **associação** com a **substância** na concepção formativa e na relevância que lhes são dadas, apesar de nos **quesitos metodológicos** assistir-se a uma **oposição** entre o que cada uma delas constitua. A personalidade é descoberta pelo método de resíduos – tudo o que não é, é personalidade, já a substância segue o caminho inverso: é o ser por si, a priori, a essência. (variável vínculos) (SILVA, 2010, p. 176)

Cuidados éticos

Não contempla por ser pesquisa documental em Ciência da Informação.

Implementações dos estudos

Acredita-se que, pela importância dos escritos de Aristóteles e pela relação das categorias de Ranganathan com estes, o estudo, ainda que introdutório, do estagirita na graduação de biblioteconomia possa auxiliar na compreensão histórica da categorização e na sua evolução.

No requerimento da já mencionada filosofia própria da organização dos registros do conhecimento na BCI, o estudo de clássicos como Aristóteles e a percepção destes clássicos no delineamento da área tendem a fornecer releituras e a auxiliar na compreensão de práticas categorias que se exercem 357 contemporaneidade. (SILVA, 2010, p. 172)

[...] destaca-se a necessidade de se aprofundar nas apropriações filosóficas presentes nos princípios categoriais de Ranganathan, já que a extensão da obra deste estudioso provoca uma análise mais profunda e detalhada. Além disso, o enfoque dado neste trabalho não abordou as propostas categoriais em ambientes digitais, carência esta que se faz como um importante complemento da pesquisa, dada a sua relevância na contemporaneidade. (SILVA, 2010, p. 177)

Menciona-se a possibilidade de estender esta análise, enfocando-se o perfil sociológico dos sujeitos que categorizam na BCI: quais os interesses de estudo desses sujeitos? Quais leituras realizam? Como interagem com o universo informativo ao seu redor? Também relacionado a estes sujeitos, acredita-se que um estudo que busque emergir na forma como tem sido retratado o ensino de categorização na configuração curricular do curso de biblioteconomia possa trazer apontamentos relevantes ao dimensionamento dessa prática na área. (SILVA, 2010, p. 177-178)

Finaliza-se este estudo com a expectativa de que a ‘meia verdade’ aqui expressa tenha auxiliado na retomada dos princípios categoriais na BCI e com a certeza de que estes mesmos princípios são fundamentais à proposição e à consolidação de uma filosofia própria da organização dos registros do conhecimento na área. (SILVA, 2010, p. 178)

Formato de apresentação das informações

Textual, quadros e figuras

Limitações dos estudos

[...] apesar da flexibilidade e do potencial teórico da *Colon Classification*, sua aplicação está basicamente restrita à Índia. (SILVA, 2010, p. 91)

[...] a impossibilidade de trazer definições precisas às categorias, já que o próprio Ranganathan não o fez em seus estudos. (SILVA, 2010, p. 91)

[...] mediante a miopia da autora sobre a categorização, minimizada pelo percurso seguido, mas ainda assim existente [...] (SILVA, 2010, p. 174)

Finaliza-se este estudo com a expectativa de que a ‘meia verdade’ aqui expressa tenha auxiliado na retomada dos princípios categoriais na BCI e com a certeza de que estes mesmos princípios são fundamentais à proposição e à consolidação de uma filosofia própria da organização dos registros do conhecimento na área. (SILVA, 2010, p. 178)

Compreedemos que a escolha metodológica de optar pela não inclusão da pergunta do questionário referente à relação das categorias do TFCPB com as de Ranganathan e Aristóteles na entrevista semiestruturada tornou a amostra da pesquisa muito restrita porque não foi verificado empiricamente se os profissionais que realizaram o gesto categorial de fato tinham conhecimento tácito sobre esta relação e devido à ausência da pergunta, este conhecimento não teve a oportunidade de se tornar explícito. Mesmo que todos os profissionais do gesto categorial não soubessem relacionar as categorias, esta informação teria sido verificada e discutida. Mesmo que a pergunta sobre as categorias de Aristóteles estivessem presente na entrevista semi-estruturada, não foi solicitado fazer a conexão entre as categorias nos autores. Contudo, compreendemos que fazer esta relação não foi um objetivo da autora.

Método (coleta e análise)

Métodos de coleta: levantamento bibliográfico; protocolo verbal e entrevista semiestruturada (trinagulação de métodos)

Método de análise: análise de conteúdo de Bardin

Os procedimentos de análise de dados empregados tiveram como insumo as verbalizações dos sujeitos durante o emprego do protocolo verbal e na entrevista semiestruturada. Buscou-se, em ambos os momentos, valer-se das técnicas da análise de conteúdo para o estudo do material. (SILVA, 2010, p. 128)

Apresentação das categorias com respaldo teórico

Sim

Aplicação das categorias

[...] o teste foi realizado com um professor-doutor da linha de Tratamento da Informação [...] A este se solicitou que relacionasse as categorias do TFCPB com as categorias de Ranganathan e àquelas de Aristóteles, no intuito de se averiguar como o sujeito realizava a associação entre as diferentes propostas. [...] o profissional do pré-teste assumiu não estar apto a fazer o relacionamento com as categorias de Aristóteles. Logo, optou-se por remodelar a tarefa de maneira que aos sujeitos da pesquisa fosse solicitado que relacionassem as categorias do TFCPB somente com as de Ranganathan e que o percurso aristotélico ficasse restrito à pesquisadora no momento da análise dos dados mediante os indícios verbalizados pelos sujeitos. (SILVA, 2010, p. 121-122)

[...] na entrevista semiestruturada, foi perguntado aos sujeitos se eles estudaram as categorias propostas pelo filósofo Aristóteles e, em caso afirmativo, solicitou-se que relatassem um pouco sobre as mesmas. (SILVA, 2010, p. 171)

Aristóteles

Relacionada à organização do conhecimento, a **classificação** remonta à Grécia Antiga, com a *Physica* aristotélica, a partir da qual se percebe a derivação de vários **sistemas de classificação do conhecimento**, em especial daquele **sistematizado**. Aristóteles foi o responsável pela proposição de um esquema que perdurou por quase dois mil anos. Em sua estruturação, os conhecimentos se dividiam em práticos, teóricos e produtivos, classes essas que se subdividiam em outras disciplinas mais específicas. Esse modelo classificatório é orientado por atributos das próprias entidades, e não por elucubrações mentais. (SILVA, 2010, p. 50)

No âmbito filosófico, em especial na lógica e na epistemologia, as **categorias** adquirem um **sentido mais claro** com os estudos de **Aristóteles** (e mesmo antes, com Platão). (SILVA, 2010, p. 55)

A **teoria clássica de categorização** foi a que teve maior **influência** no **Ocidente**, em quase dois mil anos. Suas origens remontam à Grécia Antiga, nos escritos de Aristóteles (ca. 384/383 – 322 a.C.), filósofo nascido em Estagira, na Macedônia. Discípulo de Platão, em Atenas, por cerca de vinte anos, Aristóteles escreveu sobre várias áreas do saber, como a metafísica, a filosofia, a política, a ética, a psicologia, a zoologia, a botânica, as artes, entre outras. (SILVA, 2010, p. 74)

Aristóteles também contesta alguns pontos dos escritos de Platão, como a dualidade do mundo em sensível e inteligível. Propõe a **união** do mundo em coisas reais de nossa **experiência sensível** através do ‘**hipojéimenos**’ (SILVA, 2010, p. 74)

As **categorias aristotélicas** constituem as dez unidades ditas pelo autor como aquelas que estão **fora** de toda a **combinação**; refletem a reunião das expressões sem ligação e, por si só, não podem ser tidas como verdadeiras ou falsas. (SILVA, 2010, p. 75)

Sem a **substância**, não é possível existir a qualidade, a maneira de ser, a ação ou qualquer outro atributo. Dos fatos constatados nas coisas, a substância é o **ser que existe**. (SILVA, 2010, p. 77)

[...] a **substância** se configura como a **soma** dos **atributos** essenciais e daqueles acidentais que constituem o **ser**. Aqui, a substância recebe a designação individual [...] (variável Aristó 360 (SILVA, 2010, p. 81)

[...] um par de conceitos [...] configura a **substância aristotélica**, a saber: a matéria e a forma. A matéria, em Aristóteles, corresponde àquilo de que algo é constituído. Essa afirmação não se restringe ao caráter material, mas a **quaisquer coisas** que venham a **constituir** um **ser**. [...] Já a forma recebe duas acepções: uma voltada à noção geométrica do termo, como a figura dos corpos, entendimento este mais vulgar; e a outra, como aquilo que faz com que a coisa seja o que é, tanto no âmbito material, quanto no imaterial. [...] Na forma, encontra-se o **telos do ser**, ou seja, a finalidade a que se destina. A matéria e a forma constituem um conjunto harmônico e indivisível [...] A matéria e a forma estabelecem uma relação estática, contemplada desde a eternidade metafísica dos seres. (variável Aristóteles) (SILVA, 2010, p. 81)

A noção aristotélica de substância acaba por desembocar em uma **problemática teológica**, pois ao afirmar que a substância é a essência e, ainda, ao questionar o tipo de substância existente (sensível?

suprassensível?), Aristóteles resgata a noção de que há **algo** que **subjaz à substância**, um Deus que confere inteligibilidade às substâncias presentes no mundo. (variável Aristóteles) (SILVA, 2010, p. 81-82)

Aristóteles opta por elencar o que seja a **substância** em nível primordial, para, então, o que dela surgir ser considerado como acidente, isto é, as demais categorias. Isso dá à substância uma existência distinta que talvez não a caracterize como uma categoria, e sim como o objeto em si. [...] É interessante observar que a noção da substância aristotélica como essência corresponde àquilo que transcende o mundo das ideias de Platão, estando sincrônica com a realidade, pois, por não se dar *a priori*, remete ao **entendimento teológico** que Aristóteles possuía. Por isso, dá-se à substância um verdadeiro caráter inexorável e **supremo**, pelas próprias apreensões teológicas de que Aristóteles comungava. (SILVA, 2010, p. 101)

[...] o estudo de **Aristóteles** está, em especial, **relacionado à epistemologia da organização dos registros do conhecimento** e não ao seu emprego empírico. (variável Aristóteles) (SILVA, 2010, p. 172)

Ranganathan

Ranganathan rompe com a visão dominante da árvore dicotômica de Porfírio e apresenta a noção da **policotomia ilimitada de conhecimento**, representada pela **árvore baniana** (SILVA, 2010, p. 89)

A **árvore baniana** representa uma metáfora da possibilidade infinita de relacionamentos ^{entre} os assuntos e o crescimento contínuo destes, em que a **evolução** de um **assunto** ser ³⁶⁰ **estímulo** a outro, em uma **espiral** infinita. (SILVA, 2010, p. 89-90)

Esta classificação propõe, mediante o método hipotético-dedutivo, que entre dois pontos há um número infinito de assuntos e que esses devam ser combinados pelo bibliotecário quando preciso, ou seja, através da entrada de um item em um catálogo. Para Ranganathan a análise facetada é um processo analítico-sintético que envolve **fatorar assuntos compostos** em facetas, para, em seguida, fazer uma **síntese** formada da **recombinação das partes** encontradas na análise, visando-se indexar ou arranjar documentos em sistemas de recuperação de informações, segundo seus assuntos, por meio de uma **notação**. (SILVA, 2010, p. 90)

Esta ideia se **contrapôs** ao que determinavam as classificações bibliográficas até então existentes, pois estas implicavam em um **sistema** tradicional especialmente **enumerativo**. (SILVA, 2010, p. 90)

Um dos grandes pontos da Colon Classification é a proposição de **três planos** de trabalho para a **classificação** [...] O primeiro, o plano das **ideias**, é tido como superior por Ranganathan, já que se relaciona com o trabalho da mente e possui uma noção até mesmo exotérica [...] É um plano a priori, em que os conceitos são percebidos antes de quaisquer contatos com os planos **verbal** e **notacional**. (SILVA, 2010, p. 91)

Os **cânones** [...] [do Plano das Ideias de Ranganathan] aplicam-se à **formação** de classes (ou melhor, de **categorias**) em um **universo do conhecimento**. Se observados amiúde, recordam vários dos elementos apresentados na teoria clássica de categorização. Para ilustrar essa afirmação, indicam-se alguns pontos convergentes nestes princípios: 1) Os cânones relativos às características explicitam a necessidade de um conjunto de características rígidas e necessárias à formação de uma categoria. No âmbito da verificabilidade, estas características estão explícitas; 2) o cânone da exclusividade manifesta os limites rígidos entre as categorias anunciadas na teoria clássica, já que uma entidade só poderá pertencer a uma categoria (em um dado universo); 3) o cânone da extensão decrescente resgata a noção de extensão e intensão da teoria clássica, isto é, dado que as categorias superiores usufruem de menos características divisórias, estas terão um número maior de objetos, enquanto aquelas mais específicas, por solicitarem muitas características das entidades, serão mais intensas; 4) A modulação está intrinsecamente relacionada à estrutura hierárquica da teoria clássica mediante a herança que deve ser expressa na formação de categorias. (SILVA, 2010, p. 92-93)

Ranganathan **restringe o uso** dessas **categorias** ao **universo classificatório**, às facetas dos assuntos dos registros do conhecimento, resguardando-se de quaisquer análises dessas nos quesitos da filosofia (metafísica ou física). Informa ainda que o significado de “categorias fundamentais”, em um dicionário, não remete ao que elas realmente possam ser. A definição dessas categorias só pode se dar 361 enumeração. (SILVA, 2010, p. 93)

A categoria fundamental, apresentada por Ranganathan como a de mais difícil identificação, é a **personalidade**. O estudioso chega a designá-la como inefável. A delineação que se vê de personalidade, na literatura da BCI, é a de que corresponde a **entidades**, seus **tipos**, suas **espécies**, **partes** e/ou **órgãos**. Aquilo que se demonstra como básico e fundamental à compreensão de determinado assunto. [...] Normalmente, o reconhecimento da categoria personalidade só se dá por eliminação. Dessa forma, Ranganathan propôs a aplicação do método de resíduos [...] (SILVA, 2010, p. 95-96)

Ranganathan, ao vê-la como indizível, como o produto após todas as indagações, como aquilo que está sobrejacente a quaisquer coisas, deixa explícita sua **base religiosa** com relação à proposta da **personalidade**, isto é, um elemento que se julga existente, mas que não é passível de definição. (SILVA, 2010, p. 101)

E é desse **plano anterior**, desse plano que antecede todos os outros, que as **categorias** fundamentais de **Ranganathan** emergem. São elas um modelo de mundo que Ranganathan cria para reproduzir o universo documental, e que, apesar de este estudioso afirmar que poderiam existir outras categorias sem ser as cinco, mas que quem as propusesse deveria ter o respaldo da pesquisa na literatura, elas refletem um modelo de mundo imposto por ele. Representam uma noção ideacional de quem as propõe e, por mais que se façam válidas e notórias na teoria da classificação na BCI, são construtos de um universo ideal, já que, como observado, até categorias menos complexas, como o lugar, tendem a apresentar algum tipo de subjetividade. (SILVA, 2010, p. 167-168)

[...] não se pode afirmar que Ranganathan tenha partido somente de indícios da teoria clássica. Avançado para sua época, **Ranganathan valeu-se** também de **indícios** do que mais adiante viria a se configurar a **abordagem cognitiva contemporânea de categorização**. Esses indícios podem ser visualizados em alguns elementos dos estudos de Ranganathan [...] (SILVA, 2010, p. 169)

[...] Na própria **configuração** da estrutura **PMEST**, em que se assiste à sobreposição de categorias – como na personalidade, matéria, energia e mesmo no lugar – em especial, quando manifestadas pelas facetas em determinado domínio do conhecimento (conforme se assistiu no TFCPB); (SILVA, 2010, p. 169)

[...] Mediante a observação do **percurso empírico** seguido, pois, no **gesto categorial** dos sujeitos, a percepção das categorias se dá, por vezes, de maneira bastante suspensa, o que, como mencionado, vai de **encontro à postura clássica**. Obviamente, a estrutura ranganathiana não é tão maleável quanto a abordagem cognitiva contemporânea de categorização que se associa sobremaneira aos processos mentais, mas ao permitir a análise dos objetos a partir de vários aspectos aliada a noção de um universo crescente de conhecimentos, remete ao entendimento da semelhança e das noções contextuais existentes na abordagem contemporânea de categorização. (SILVA, 2010, p. 169)

Vínculos

O que configura o realismo moderado nas classificações da BCI é a proposta da classificação analítico-sintética de Ranganathan, representada pela Colon Classification (Classificação dos Dois Pontos, em português). Ranganathan a intitula como livremente facetada, e neste ponto do trabalho cabe enunciar que se acredita que **Ranganathan** tenha se **baseado** nas **categorias** fundamentais de **Aristóteles** para a **proposição** das **facetas fundamentais** que usa nesta classificação. (SILVA, 2010, p. 53)

[...] **interseções** entre as categorias de Aristóteles, com aquelas propostas por Ranganathan. (SILVA, 2010, p. 81-82)

[...] a **influência** mais perceptível nos escritos de Ranganathan é a da lógica aristotélica. (SILVA, 2010, p. 88)

Aristóteles **propunha [distintamente]** uma análise ontológica, voltada aos seres, já Ranganathan debruçou-se nos registros do conhecimento – as chamadas **categorias do classificar** (SILVA, 2010, p. 89)

Ranganathan não referencia a Aristóteles explicitamente em suas obras, o que leva a dúvidas sobre a consciência das bases aristotélicas de seus estudos. Dúvida esta pouco consistente, já que Aristóteles é notório na ciência ocidental e, apesar de Ranganathan ter origens orientais, realizou estudos em Londres e obteve **formação em áreas influenciadas pelos estudos aristotélicos** (como a matemática e a filosofia). (SILVA, 2010, p. 89)

Ranganathan **cita** Aristóteles nos Prolegomena to Library Classification, contudo o faz de **maneira genérica**, não aborda as categorias do estagirita e nem menciona o embasamento das categorias fundamentais naquelas propostas por Aristóteles. (SILVA, 2010, p. 89)

Assim, o **plano das ideias** de Ranganathan (como mencionado fundamento das categorias deste estudioso), **resgata**, e muito, os elementos presentes na **lógica aristotélica**. Além disso, apresenta elementos que possibilitam o reconhecimento cognitivo da organização planejada. Vejam-se, por exemplo, os cânones da divisão em cadeias e da sequência de filiação, que apresentam um entendimento claro e confortável da proposta categorial, sem permitir a desorientação por parte de quem a observa. (SILVA, 2010, p. 93)

A **noção categorial** de **Ranganathan** pode ser vista como uma **releitura** das **categorias aristotélicas**. [...] Sabe-se que as categorias propostas pelos estudiosos surgiram por motivações e propósitos distintos – Aristóteles as propôs com relação aos seres e Ranganathan ao universo de registros do conhecimento, mas, ainda assim, sabe-se que ambas as propostas se constituem como **instrumentos lógicos de análise**. (SILVA, 2010, p. 98)

Moss (1964 apud SILVA, 2010, p. 98) deixa explícita a **derivação** das **categorias aristotélicas** nas **ranganathianas** e afirma que algumas **categorias** de Ranganathan são **idênticas** às de Aristóteles, a saber: as categorias de **lugar e tempo** comungam do mesmo entendimento em ambos os estudiosos; a categoria ação corresponde à energia; a posição é vista por Moss (1964 apud SILVA, 2010, p. 98) como supérflua, já que é uma duplicação da categoria espaço; e a substância seria, no sentido lógico, equivalente à personalidade de Ranganathan e, no sentido metafísico, equivalente à categoria da matéria.

O tratamento dado à **substância diferencia-se** em **Aristóteles e Ranganathan**, basicamente, sob dois aspectos: a terminologia usada e a proposta para a compreensão dessas categorias que cada um dos

estudiosos determinou. Ranganathan, ao considerar as categorias como fundamentais e indefiníveis, se resguardou, sobretudo, de definir o que venha a ser a personalidade. Foi talvez mais além ao propor, para a delimitação desta, o método de resíduos. (SILVA, 2010, p. 100-101)

E mesmo com vários séculos de distância e em regiões geográficas não próximas, assiste-se, em Ranganathan, à **acepção quase divina** sobre a **personalidade**, ainda que por um caminho oposto ao de Aristóteles. (SILVA, 2010, p. 101)

Quando Aristóteles propõe o par forma/matéria à substância, acredita-se que este esteja associado à sua base platônica e à sua curiosidade pragmática. Assim, observar-se a matéria ranganathiana como análoga à personalidade de Aristóteles [sic] [Ranganathan] é uma visão bastante direcionada, já que o **universo de aplicação** proposto é **distinto**. (SILVA, 2010, p. 101)

Acredita-se que Ranganathan, ao propor as **categorias fundamentais**, teve como principal objetivo dar uma estrutura formal e flexível aos estudos teóricos da classificação que, até então, haviam sido realizados, em especial, com base nos esquemas bibliográficos que o precederam (tais como CDD, CDU, LCC). A **derivação aristotélica** não pode ser negada, pois o tratado Categorias (apesar das mutilações sofridas pelas traduções que teve) é um dos mais conhecidos de Aristóteles no âmbito dos estudos lógicos. (SILVA, 2010, p. 101-102)

[...] sobre o que realmente subjaz aos princípios categoriais de Ranganathan, acredita-se que há **linhas de pensamento congruentes** entre seus escritos e os escritos de Aristóteles. A literatura consultada ratifica essa derivação, sobretudo quanto à estrutura **PMEST**, a qual, pelo que se viu, retoma os **fundamentos** das categorias do **estagirita** [...] (SILVA, 2010, p. 167)

Aristóteles é tido por parcela dos estudiosos como o filósofo realista, aquele que compreende o ser na condição de ser que existe, daí a noção de substância como algo primeiro na estruturação ontológica das coisas. Já Ranganathan **constrói** suas **categorias** em **direção oposta**, apesar de se valer das categorias aristotélicas, tudo aquilo que não é, é personalidade, ou seja, apesar de ser constituinte do conteúdo dos registros do conhecimento (recordando que estes são os seres que Ranganathan retrata, não são categorias ontológicas), a personalidade adquire um papel de maior complexidade no reconhecimento destes. O método de resíduos representa a importância e o caráter inefável que norteiam o que consiste a personalidade para a BCI. (SILVA, 2010, p. 167)

[Sobre a relação com a abordagem cognitiva contemporânea], Os **princípios** de **Ranganathan**, que em tanto **coincidem** com a **teoria clássica** de categorias, por vezes demonstram se **distanciar** dela. Ainda no plano teórico, esses princípios usufruem de uma dinamicidade que não pode ser delineada apenas como uma proposta classificatória rígida, estando além, permitindo uma visão flexível do universo em expansão dos registros do conhecimento. (SILVA, 2010, p. 168-169)

[...] foi indicado como pressuposto elucidativo a crença de que na BCI predomina o **modelo categorial de Ranganathan** e de que há indícios de que este modelo tenha se **embasado** nos escritos de **Aristóteles** [...] (SILVA, 2010, p. 175)

Ao se dissertar sobre a derivação dos princípios categoriais de Ranganathan daqueles de Aristóteles, deve-se recordar a **similitude** percebida entre estes princípios na análise teórica realizada, em especial, quanto à **estrutura PMEST** e às **categorias** fundamentais do **estagirita**. Ainda que o propósito de criação destas propostas categoriais seja distinto, já que Aristóteles trabalhou com os seres e Ranganathan com os registros do conhecimento, a percepção do que constitui a estrutura ranganathiana é visivelmente inspirada nas categorias aristotélicas. (SILVA, 2010, p. 175)

Quanto à categoria **personalidade**, observa-se **associação** com a **substância** na concepção formativa e na relevância que lhes são dadas, apesar de nos **quesitos metodológicos** assistir-se a uma **oposição** entre o que cada uma delas constitua. A personalidade é descoberta pelo método de resíduos – tudo o que não é, é personalidade, já a substância segue o caminho inverso: é o ser por si, a priori, a essência. (variável vínculos) (SILVA, 2010, p. 176)

[o método de resíduos] [...] é, como exposto por Aranalde (2009 apud SILVA, 2010, p. 101), um **ponto dissociante** entre as perspectivas dos dois filósofos, já que Aristóteles vai em direção oposta

No delineamento da personalidade, assiste-se à sua ambiguidade quanto aos limites com relação a outras categorias, sobretudo a matéria e a energia. Não se pode precisar ao certo o que distingue a personalidade da matéria em Ranganathan. Se a **personalidade** for observada em **comparação** com a **substância** aristotélica, essa dúvida se instaura na própria configuração da última, que, como afirmado, é composta por uma matéria de ordem metafísica e por uma forma de cunho ontológico. Acredita-se que tanto a **matéria** quanto a **forma aristotélica reflitam** no que seja a **personalidade**, já que os limites entre esta e a matéria se mostraram confusos tanto teórica quanto empiricamente. (SILVA, 2010, p. 167-168)

Aliado a isso, Ranganathan propôs um **plano ideacional** que **foge** ao **realismo aristotélico**, em parte, pois implica que há um nível de existência das coisas que antecede aquilo que forma explicitamente o plano verbal. O plano ideacional mais se aproxima das noções idealistas de Platão do que da verdade ontológica que Aristóteles busca retratar. Com isso, não se afirma um dualismo entre Platão e Aristóteles, uma vez que o estagirita foi discípulo do primeiro, mas sabe-se que os estudos de Aristóteles adquiriram maturidade e desenho próprios que ora se distanciam dos de Platão. (SILVA, 2010, p. 167-168)

Com relação ao gesto categorial dos sujeitos, pode-se afirmar que a derivação observada teoricamente entre a estrutura **PMEST** e as **categorias** de **Aristóteles** sofre no **gesto empírico** um **enfraquecimento considerável**. [...] Dessa forma, pode-se afirmar que o embasamento lógico-cognitivo representado pela estrutura PMEST não se corporifica somente pelos indícios da teoria clássica, mas também pela abordagem cognitiva contemporânea [...] (SILVA, 2010, p. 168)

APÊNDICE E – Extração de dados do artigo 2 da revisão sistemática da literatura

MAZZOCCHI, F. Ranganathan's Universe of Knowledge and Categorical Thinking. **SRELS Journal of Information Management**, [s. l.], v. 50, n. 6, p. 763-778, 2013.

Fenômeno estudado

Não contempla. Sugere que seja o sistema ou a teoria da classificação e categorias básicas culturalmente construídas de Ranganathiana compreendidos como parte de uma estrutura sócio-cultural e filosófica específica, a saber: a tradição filosófica indiana.

Problema

Não contempla. Sugere que seja o problema de investigar o universo do conhecimento representado como um espaço multidimensional, complexo e dinâmico à luz da tradição filosófica das categorias indianas e sua relação com o PMEST.

Questão/objetivos

Questão

Não contempla. Sugere que seja: como ocorreu a influência da tradição filosófica indiana das categorias em relação à formulação do PMEST no universo do conhecimento de Ranganathan além do debate racionalismo-empirismo ocidental?

Objetivos

Não contempla. Sugere que sejam: contextualizar a abordagem de Ranganathan à luz da tradição filosófica indiana; considerar a influência do pensamento hindu nas teorias de Ranganathan; discutir as semelhanças entre os sistemas categoriais PMEST e Vaisesika

Revisão de leitura

Em sua *Introdução à Classificação de Bibliotecas* (1918), W. C. Berwick Sayers delineou a abordagem da classificação facetada, enfatizando a necessidade de classificação de bibliotecas ter uma base racional em termos de uma lógica de base, e avançou uma metodologia em termos de cânones e axiomas. (MAZZOCCHI, 2013, p. 766, tradução nossa)

Miksa (1998, p. 64 apud MAZZOCCHI, 2013, p. 766, tradução nossa) diz que em relacionar a classificação facetada à lógica, Sayers quis dizer com esta última a lógica clássica seguindo as ideias filosóficas de Aristóteles (e abordagem para categorização)

“A essência da análise de facetas é o agrupamento de termos em um determinado campo de conhecimento em termos homogêneos, facetas mutuamente exclusivas, cada uma derivada do universo superior (*parent universe*) por uma única característica de divisão. Podemos olhar para essas facetas como grupos de termos derivados tomando cada termo e definindo-o, *per genus et differentiam*, com respeito à sua classe superior” (VICKERY, 1960, p. 12) (MAZZOCCHI, 2013, p. 767, tradução nossa)

A classificação é social e culturalmente enviesada (OLSON, 2002; MAZZOCCHI, 2013 apud MAZZOCCHI, 2013, p. 764) [e] mesmo dentro da mesma tradição cultural, o valor social e a ordem espacial dos assuntos podem mudar através do tempo (SATIJA; SINGH, 2010 apud MAZZOCCHI, 2013, p. 764, tradução nossa)

A classificação facetada segue em parte os mesmos princípios de divisão lógica em que se basearam as classificações tradicionais (VICKERY, 1960 apud MAZZOCCHI, 2013, p. 766-767, tradução nossa)

Outros autores destacaram a **semelhança** (ou uma possível derivação do anterior ao posterior) entre as **categorias** de **Ranganathan e Aristóteles** (MOSS, 1964; GLAZIER; GLAZIER, 2003 apud MAZZOCCHI, 2013, p. 768, tradução nossa, grifo nosso) (variável vínculos)

Kwan (1995) destaca como, uma vez integrado a uma linguagem, um sistema categorial, como aquele estamos falando, torna-se parte central de uma tradição cultural particular. As suposições e valores inerentes a tal sistema são incorporados no subconsciente coletivo dos membros dessa comunidade linguística. (MAZZOCCHI, 2013, p. 775, tradução nossa)

Perspectiva teórica

O PMEST é visto no contexto da tradição filosófica indiana, comparando-o com os sistemas categoriais Vaisesika (MAZZOCCHI, 2013, p. 763, tradução nossa)

As ideias de Shiyali Ramamrita Ranganathan sobre classificação à luz da tradição filosófica indiana. (MAZZOCCHI, 2013, p. 776, tradução nossa)

Ranganathan pensou que uma teoria da classificação geral deve ser baseada em alguns princípios normativos gerais ou axiomas [...] (MAZZOCCHI, 2013, p. 766, tradução nossa)

[As classificações tradicionais] são construídas principalmente em termos da relação gênero-espécie [...]. [A classificação facetada] difere significativamente destas na medida em que adota uma abordagem mais flexível baseada em um conjunto mínimo de categorias fundamentais que podem ser combinadas de várias maneiras para produzir assuntos compostos. (MAZZOCCHI, 2013, p. 766, tradução nossa)

Processo de coleta de dados

Não contempla. Sugere que seja a leitura de Dahlberg (1978), Adikhary e Nandi (2003) e Nakamura (1992) tendo como critério de seleção a conceituação das categorias em escolas filosóficas do pensamento indiano e clássicas em Aristóteles.

Natureza dos dados

Conceituais e filosóficos

Validação dos dados

Revisão por pares

Processo de coleta de achados

Não contempla.

Achados

Tabela 2: mapeamento entre as categorias originais do Vaisesikasutra e o PMEST de Ranganathan. (MAZZOCCHI, 2013, p. 770, tradução nossa)

Tabela 3: mapeamento entre as categorias PMEST e Vaisesika por Adhikary e Nandi (2003). Dika e kala no sistema Vaisesika são subtipos de dravy (MAZZOCCHI, 2013, p. 771, tradução nossa)

Não há dúvida de que o conceito de **categorias** na **LIS não** é o mesmo que o **filosófico**. (variável vínculos) (MAZZOCCHI, 2013, p. 771, tradução nossa, grifo nosso)

Tabela 4: As dez categorias de Aristóteles ordenadas por quatro supercategorias (ou Ur-categorias) na visão de Dahlberg (1978): a categoria da substância ou Ousia é dividida em Princípios, Objetos materiais e objetos imateriais. (MAZZOCCHI, 2013, p. 774, tradução nossa)

As **categorias** de Aristóteles correspondem às **determinações** últimas da realidade (sensível), refletindo-se no nível lógico aos conceitos mais **gerais**, tendo também um significado linguístico-gramatical. (variável Aristóteles) (MAZZOCCHI, 2013, p. 771, tradução nossa, grifo nosso)

[...] **Ranganathan** e Dahlberg **extrapolaram** a ideia de **categoria** da filosofia para a organização do conhecimento em categorias classificatórias, postulando que o **papel prático** de um sistema categórico depende de sua **base filosófica** (e realidade presumida). (variável ranganathan) (MAZZOCCHI, 2013, p. 771, tradução nossa, grifo nosso)

Processo de Interpretação dos achados

Não contempla. Sugere que seja: a questão se tais categorias básicas [das tabelas 4 e 5] possuem uma base psicológica e se algumas funções cognitivas podem ser atribuídas a elas, talvez restringindo o campo ao mundo indo-europeu e à família linguística; entender o papel dos sistemas categoriais genuínos à luz de dois aspectos diferentes (e complementares), que devem ser levados em consideração: i) sua origem e ii) sua função (cognitiva); interpretar o pensamento de Ranganathan em relação à tradição de seu próprio país através da comparação o sistema categorial Vaisesika e o PMEST de Ranganathan

Interpretação dos achados

A análise do pensamento de **Ranganathan** não pode ser restringida dentro dos limites [...] do debate [racionalista-empirista] porque **envolve elementos conceituais** que são **alheios à tradição ocidental**. (MAZZOCCHI, 2013, p. 773, tradução nossa, grifo nosso) (variáveis ranganathan e vínculos)

Em muitas culturas elas [as categorias] têm desempenhado um papel essencial, pois refletem o tipo de “interface” para a interação entre o mundo (externo) e as estruturas mentais (internas) que uma determinada sociedade tem desenvolvido. Seu valor de significado é o mais básico e geral. Por esta razão, elas são capazes de conectar o membro de uma comunidade compartilhando um certo 'jogo de linguagem' [wittgensteiniano]. (MAZZOCCHI, 2013, p. 775, tradução nossa)

Por um lado, as categorias se originam empiricamente em um contexto cultural e historicamente enviesado; isso apóia a tese do pluralismo categorial (não há um único sistema categórico legítimo). Por outro lado, eles operam como *a priori* (cultural-histórico), estabelecendo a distinção entre sentido e não-sentido e as pré-condições para selecionar a experiência e torná-la ‘possível’. Isso implica que a forma como um sistema cultural ou de conhecimento está predisposto a investigar o mundo depende das categorias que ele emprega. Por tal razão, a influência deste último [sistema de organização do conhecimento] é profunda e de longo alcance. (MAZZOCCHI, 2013, p. 775, tradução nossa)

A necessidade de um fundamento, como um sistema categorial, pode residir em como nossa “forma de vida” [wittgensteiniana] funciona no nível cognitivo. Nenhuma prova de sua “realidade ontológica” é dada. No entanto, para exercer seu papel, qualquer fundamento precisa ser assumido como se fosse ‘real’ e ‘verdadeiro’, e colocado antes mesmo da distinção entre lógica e empíria. (MAZZOCCHI, 2013, p. 775, tradução nossa)

Os sistemas das categorias atuam como itens fundamentais que exercem tacitamente uma influência duradoura através dos tempos. (MAZZOCCHI, 2013, p. 775, tradução nossa)

As categorias operam como um terreno estável sobre o qual tudo o mais é construído, e, no entanto, são ocultas e pouco discerníveis (até que algum empreendimento filosófico ou intelectual os torna explícitos). (MAZZOCCHI, 2013, p. 776, tradução nossa)

Em diferentes ambientes culturais, sistemas categoriais alternativos foram desenvolvidos. (MAZZOCCHI, 2013, p. 776)

Qualquer comunidade humana tem de se adaptar ao seu mundo. A forma como a experiência é estruturada deve garantir o sucesso em tal tarefa. Os sistemas categoriais desempenham um papel fundamental nisso e a sua multiplicidade reflete a diversidade dos caminhos cognitivos que os humanos experimentaram: diferentes representações ‘adequadas’ da realidade e as maneiras de classificá-las que são possíveis. (MAZZOCCHI, 2013, p. 776, tradução nossa)

Os sistemas categoriais [qualquer sistema, incluindo os de Aristóteles, Ranganathan e indianos] poderiam funcionar como ferramentas cognitivas. Considerando que a análise se limita à linguística e cultura Indo-Européia, a necessidade de uma “base fundacional” como um sistema categorial que pode ser inscrito na organização cognitiva da forma de vida humana. (MAZZOCCHI, 2013, p. 776, tradução nossa)

Cuidados éticos

Não contempla por ser pesquisa documental em Ciência da Informação.

Implementações dos estudos

Não contempla. Sugere que seja uma recomendação aos estudos futuros que tenham como objeto de estudo qualquer elemento da abordagem de Ranganathan de contextualizar a mesma à luz da tradição filosófica indiana que dela não pode ser dissociada, independentemente da escolha de uma corrente teórico-epistemológica da CI adotada pelo pesquisador para analisar a perspectiva ranganathiana de organização do conhecimento.

Formato de apresentação das informações

Textual e tabelas

Limitações dos estudos

Não contempla. As limitações são tecidas pela pesquisa da discente que possui outros objetivos e questões que norteiam nossas considerações a seguir. O autor cita mas não aprofunda os jogos de linguagem de wittgenstein na interpretação dos achados.

Método (coleta e análise)

Não contempla.

Apresentação das categorias com respaldo teórico

Sim

Aplicação das categorias

Não contempla.

Aristóteles

As **categorias** de Aristóteles correspondem às **determinações** últimas da realidade (sensível), refletindo-se no nível lógico aos conceitos mais **gerais**, tendo também um significado linguístico-gramatical. (MAZZOCCHI, 2013, p. 771, tradução nossa, grifo nosso)

Ranganathan

[...] **Ranganathan** e Dahlberg **extrapolaram** a ideia de **categoria** da filosofia para a organização do conhecimento em categorias classificatórias, postulando que o **papel prático** de um sistema categórico depende de sua **base filosófica** (e realidade presumida). (MAZZOCCHI, 2013, p. 771, tradução nossa, grifo nosso)

A análise do pensamento de **Ranganathan** não pode ser restringida dentro dos limites [...] do debate [racionalista-empirista] porque **envolve elementos conceituais** que são **alheios à tradição ocidental**. (MAZZOCCHI, 2013, p. 773, tradução nossa, grifo nosso)

Vínculos

Outros autores destacaram a **semelhança** (ou uma possível derivação do anterior ao posterior) entre as **categorias** de **Ranganathan e Aristóteles** (MOSS, 1964; GLAZIER; GLAZIER, 2003 apud MAZZOCCHI, 2013, p. 768, tradução nossa, grifo nosso)

Não há dúvida de que o conceito de **categorias** na **LIS não** é o mesmo que o **filosófico**. (MAZZOCCHI, 2013, p. 771, tradução nossa, grifo nosso)

A análise do pensamento de **Ranganathan** não pode ser restringida dentro dos limites [...] do debate [racionalista-empirista] porque **envolve elementos conceituais** que são **alheios à tradição ocidental**. (MAZZOCCHI, 2013, p. 773, tradução nossa, grifo nosso)

APÊNDICE F – Extração de dados do artigo 3 da revisão sistemática da literatura

DOBRESKI, B. Re-examining Aristotle's Categories as a Knowledge Organization System. NORTH AMERICAN SYMPOSIUM ON KNOWLEDGE ORGANIZATION, 8., 2021, Washington. **Proceedings** [...]. Washington: University of Washington, 2021. p. 1-10.

Fenômeno estudado

Não contempla. Sugere que seja as categorias de Aristóteles como um sistema de organização do conhecimento

Problema

Não contempla. Sugere que seja o problema das conexões profundas das categorias de Aristóteles com perspectivas de organização do conhecimento nos sistemas de organização do conhecimento e modelagem ontológica, que estão faltando.

Questão/objetivos

Questão

Não contempla.

Sugere implicitamente que as questões a seguir foram consideradas: quais as possibilidades de reinterpretação das categorias de Aristóteles com as ontologias enquanto manifestações de um conjunto de classes, instâncias, propriedades, relacionamentos e valores?

Objetivos

Explorar as semelhanças do propósito e da estrutura presentes nas categorias de Aristóteles e no sistema de organização do conhecimento da ontologia, oferecendo um reexame das Categorias como um sistema de organização do conhecimento, particularmente através das lentes do campo do entendimento de ontologia no campo da organização do conhecimento. (DOBRESKI, 2021, p. 2, tradução nossa)

[...] [a] reinterpretação das próprias categorias de Aristóteles como manifestações de um conjunto de classes, instâncias, propriedades, relacionamentos e valores. O reexame resultante é oferecer uma nova interpretação centrada nos sistemas de organização do conhecimento das categorias, ao mesmo tempo em que desenha novas conexões entre perspectivas passadas e presentes na organização do conhecimento e contribuindo ainda mais para a fundamentação teórica da pesquisa e da prática contemporâneas de sistemas de organização do conhecimento. (DOBRESKI, 2021, p. 2, tradução nossa)

Revisão de leitura

[Os] exames das Categorias de Aristóteles trouxeram à luz conexões profundas com tópicos em organização do conhecimento como categorização, análise de assunto e teoria da classificação (Barité, 2000 apud DOBRESKI, 2021, p. 1, tradução nossa).

Aristóteles define quais questões podem ser feitas sobre algo que existe e que formas as respostas a essas perguntas podem assumir (Ackrill 1963 apud DOBRESKI, 2021, p. 2-3, tradução nossa).

Suas categorias dizem respeito às coisas que essas palavras e nomes significam; são categorias de coisas, não de linguagem (Almeida 2013 apud DOBRESKI, 2021, p. 3, tradução nossa).

La Barre (2010 apud DOBRESKI, 2021, p. 3, tradução nossa) aponta a obra de Aristóteles como frequentemente invocada e debatida em discussões de teoria e análise de facetas.

Na tentativa de refutar a suposta modernidade do sistema de Ranganathan, Moss (1964 apud DOBRESKI, 2021, p. 3, tradução nossa) examinou as semelhanças entre as Categorias e o trabalho de Ranganathan, notando a persistente influência de Aristóteles.

Aranalde (2009 apud DOBRESKI, 2021, p. 3, tradução nossa) também comparou esses dois sistemas de categorias, reconhecendo que, embora tenham sido criadas para propósitos diferentes, compartilham uma natureza ontológica subjacente e uma epistemologia empírica.

Ao examinar as contribuições da filosofia para a organização do conhecimento, Dahlberg (1992) mapeou as dez categorias para um sistema de entidades, propriedades, atividades e dimensões, aproximando-se de uma interpretação ontológica

Perspectiva teórica

[...] a influência das Categorias é sentida em muitos domínios, particularmente na organização do conhecimento (KO). Aqui, as categorias de Aristóteles têm conexões profundas e duradouras com obras que examinam a categorização, a análise de assunto e a teoria da classificação. (DOBRESKI, 2021, p. 1, tradução nossa)

As **Categorias** é uma das obras mais conhecidas e amplamente discutidas de Aristóteles. Formando uma parte do Organon maior, uma coleção de obras dedicadas à lógica e ao procedimento lógico, as

Categorias podem ser vistas como um dos primeiros exemplos de ontologia. Nas Categorias, Aristóteles procura **proposições** para detalhar os **tipos de ser** que existem, juntamente com o que pode ser entendido e predicado das coisas que existem [...] (variável Aristóteles) (DOBRESKI, 2021, p. 1, tradução nossa, grifo nosso)

Mais notavelmente dentro deste trabalho [Categorias], Aristóteles avança um conjunto de dez categorias de **nível superior** que podem ser usadas para classificar todos os **tipos de ser**: substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, estado, ação e paixão. (variável Aristóteles) (DOBRESKI, 2021, p. 1, tradução nossa, grifo nosso)

A influência das categorias é também sentida em muitos outros domínios, particularmente na organização do conhecimento (KO). (DOBRESKI, 2021, p. 1, tradução nossa)

Embora a relação [das categorias] com a ontologia como entendida dentro da organização do conhecimento possa parecer óbvia, conexões com perspectivas da organização do conhecimento em sistemas de organização do conhecimento (KOSs) e a modelagem ontológica, curiosamente estão faltando. (DOBRESKI, 2021, p. 1, tradução nossa)

Este tipo de sistema de organização do conhecimento [**ontologia**] usa classes, relacionamentos e propriedades para oferecer uma **representação** altamente estruturada e funcional do que existe e **do que pode ser conhecido**. Como tal, suporta semelhanças com o propósito e a estrutura das dez categorias de Aristóteles. (variável Aristóteles) (DOBRESKI, 2021, p. 1-2, tradução nossa, grifo nosso)

[...] tomaremos a ontologia filosófica para nos referirmos ao estudo do ser, enquanto a ontologia (usada sem qualificação adicional) se referirá à perspectiva da organização do conhecimento sobre ontologia (ou seja, uma espécie de sistema de organização do conhecimento formal). (DOBRESKI, 2021, p. 2, tradução nossa)

Ao explorar os tipos de seres que compõem a realidade, as **Categorias** podem ser vistas como uma obra clássica de **ontologia filosófica**. Embora muitos trabalhos tenham examinado, interpretado, extraído e refutado as Categorias, é importante notar que persistem questões sobre a abrangência pretendida do sistema de Aristóteles. (variável Aristóteles) (DOBRESKI, 2021, p. 2, tradução nossa, grifo nosso)

[...] outra área de debate sobre as categorias que devem ser mantidas em mente, nomeadamente, interpretações ontológicas versus linguísticas. As interpretações ontológicas veem as Categorias diretamente como uma trabalho de ontologia filosófica. [...] Aristóteles se baseia em certas pistas

linguísticas, suas categorias dizem respeito às coisas que essas palavras e nomes significam (DOBRESKI, 2021, p. 3, tradução nossa)

[...] o reexame oferecido aqui assumirá a interpretação ontológica [das categorias] (DOBRESKI, 2021, p. 3, tradução nossa)

No início das **Categorias**, na chamada *Pré-Predicamenta*, Aristóteles nos apresenta duas **dimensões** ao longo das quais todos os tipos de ser podem variar: dito de e presente em. No primeiro, algo que é predicável de outra coisa é dito de. Por exemplo, na proposição “Aristóteles é humano”, o conceito de “humano” é predicado de um ser humano individual. Aristóteles, sendo predicado de mais nada, é portanto, não dito. A herança lógica também está presente aqui: humanos são animais, e como humano, Aristóteles é, portanto, também um tipo de animal. Dentro dos **sistemas de organização do conhecimento**, esse tipo de relação pode ser vista como do tipo hierárquico genérico, estabelecendo entre os conceitos um relacionamento classe-subclasse ou classe-instância. Por esse motivo, qualquer coisa **dita de** seria uma **classe**, enquanto qualquer coisa **não dita** seria uma **instância**. (variável Aristóteles) (DOBRESKI, 2021, p. 3, tradução nossa, grifo nosso)

Na segunda dimensão, algo está presente em quando é incapaz de existir fora de um sujeito, enquanto aqueles que não estão presentes em podem existir independentemente. Por exemplo, o conhecimento existe na mente humana e, portanto, está presente em um indivíduo. Em contraste, o cavalo é dito-de de um cavalo individual, mas nunca está presente-em em uma substância como está o conhecimento. Conforme explicado abaixo, a categoria da **substância** possui uma posição especial na obra de Aristóteles, e pode ser os únicos conceitos capazes de existência **independente** (ou seja, **não presente em**). Todos os **outros tipos de ser** devem estar **presentes em** e portanto, dependentes das substâncias para sua existência. (variável Aristóteles) (DOBRESKI, 2021, p. 3, tradução nossa, grifo nosso)

A classificação e a teoria das facetas não são as únicas conexões significativas a serem traçadas entre as categorias e o trabalho em organização do conhecimento. (DOBRESKI, 2021, p. 3, tradução nossa)

Na literatura de classificação, as **comparações** das categorias aristotélicas com as categorias de Ranganathan são **de longa data**. (variável vínculos) (DOBRESKI, 2021, p. 3, tradução nossa, grifo nosso)

Processo de coleta de dados

Não contempla. Sugere que seja revisão de literatura.

Natureza dos dados

Conceituais e filosóficos

Validação dos dados

Revisão por pares

Processo de coleta de achados

Não contempla. Sugere que seja coletar a correspondência entre as características das categorias aristotélicas e o sistema de organização do conhecimento ontologia.

Achados

Tabela 1. matriz dito-de/presente-em (DOBRESKI, 2021, p. 5, tradução nossa)

Tabela 2. As dez categorias [no *Predicamenta*] (DOBRESKI, 2021, p. 5, tradução nossa)

Figura 1. As categorias como componentes da ontologia (DOBRESKI, 2021, p. 7, tradução nossa)

Processo de Interpretação dos achados

O reexame resultante busca oferecer uma nova interpretação centrada nos sistemas de organização do conhecimento das categorias, ao mesmo tempo em que desenha novas conexões entre perspectivas passadas e presentes da organização do conhecimento e contribuindo ainda mais para a fundamentação teórica da pesquisa e da prática contemporânea dos sistemas de organização do conhecimento. A reinterpretação das categorias de Aristóteles no artigo são consideradas como manifestações de um conjunto de classes, instâncias, propriedades, relacionamentos e valores. (DOBRESKI, 2021, p. 2, tradução nossa)

Interpretação dos achados

Curiosamente, Aristóteles apresenta as categorias como ostensivamente disjuntas, e sem categoria de nível superior (*top-level*) que os une. Como uma **classe** de nível **superior** é exigida de uma **ontologia**, uma pode, por conveniência, assumir “**ser**” como a classe de nível superior implícita aqui [...] (variável Aristóteles) (DOBRESKI, 2021, p. 5, tradução nossa, grifo nosso)

As substâncias, sendo a única categoria de coisas que podem existir independentemente, possuem uma posição importante dentro do modelo de Aristóteles, e são ainda divididas em substâncias primárias e secundárias. As **substâncias primárias** são os **indivíduos** que podemos apreender diretamente, como Aristóteles ou um carvalho específico. As **substâncias secundárias** são as espécies a que pertencem as

substâncias primárias, isto é, os **grupos abstratos** de pessoas ou árvores. Assim, é bastante fácil ver as substâncias secundárias como classes, e substâncias primárias como instâncias dessas classes. (variável Aristóteles) (DOBRESKI, 2021, p. 5, tradução nossa, grifo nosso)

Muitas das **características** dos **sistemas de organização do conhecimento** descritos por Zeng (2008) podem ser encontradas dentro das **Categorias**. Embora possa de fato ser processada como uma ontologia, o processo é mais desafiador e os resultados menos elegantes do que se poderia esperar. Em particular, na verdade mapear as próprias dez categorias para componentes de ontologia é muito mais difícil do que enquadrar a matriz inicial dito-de/presente-em em termos ontológicos. Ainda assim, os resultados [do artigo] [...] oferecem um exemplo de como um trabalho de ontologia filosófica clássica pode ser interpretada através de uma lente moderna dos sistemas de organização do conhecimento. (DOBRESKI, 2021, p. 5, tradução nossa, grifo nosso)

O processo de reexaminar as categorias revelou conexões inegáveis com as perspectivas e práticas dos sistemas de organização do conhecimento. Relacionamentos hierárquicos, herança lógica e relacionamentos associativos podem ser facilmente encontrados dentro das Categorias. (DOBRESKI, 2021, p. 8, tradução nossa)

Embora os resultados da modelagem ontológica aqui possam não ser perfeitos, o próprio processo fornece mais *insights* e levanta importantes considerações sobre a prática dos sistemas de organização do conhecimento. (DOBRESKI, 2021, p. 8, tradução nossa)

O presente modelo ontológico do estudo é oferecido não como uma solução para as **Categorias**, mas como uma ilustração das **conexões** entre a **ontologia filosófica** e o **estudo e a prática dos sistemas de organização do conhecimento**. (variável vínculos) (DOBRESKI, 2021, p. 8, tradução nossa, grifo nosso)

O **debate ontológico/linguístico** em torno das **Categorias**, bem como de questões maiores sobre a relação entre linguagem e realidade, também oferecem uma visão mais **prática dos sistemas de organização do conhecimento**. (variável vínculos) (DOBRESKI, 2021, p. 8, tradução nossa, grifo nosso)

Assim como Aristóteles usa a linguagem como evidência para a realidade, também nos voltamos para a linguagem como evidência na construção e manutenção dos sistemas de organização do conhecimento. (DOBRESKI, 2021, p. 8, tradução nossa)

O reexame aqui apresentado mostra que as Categorias podem ser interpretadas como uma ontologia dentro da estrutura da classificação de Zeng (2008) dos sistemas de organização do conhecimento (DOBRESKI, 2021, p. 9, tradução nossa)

Cuidados éticos

Não contempla por ser pesquisa documental em Ciência da Informação.

Implementações dos estudos

Sugerindo como as críticas da ontologia filosófica podem ser empregadas em exames de ontologias e outros sistemas de organização do conhecimento, este estudo também abre novas áreas de avaliação para esses sistemas. Avançando, há oportunidades para novos exames e prática de sistemas de organização do conhecimento empregando essas críticas, bem como análises adicionais de obras de ontologia filosófica através das lentes dos sistemas de organização do conhecimento. (DOBRESKI, 2021, p. 9, tradução nossa)

Formato de apresentação das informações

Textual, tabela e figura

Limitações dos estudos

Por simplicidade, a consideração dos escritos ontológicos adicionais de Aristóteles, como na Física e Metafísica também serão omitidos. (DOBRESKI, 2021, p. 3, tradução nossa)

Os desafios encontrados no presente estudo mostram algumas das limitações de tomar as Categorias como um sistema ontológico independente. Certas categorias recebem relativamente pouca consideração dentro do texto, enquanto as presunções da metafísica de Aristóteles seriam articuladas em outros lugares em seus escritos, inclusive em sua Física, Metafísica e Anatómicos Anteriores. Mesmo o Pós-Predicamenta das Categorias contém material adicional que poderia ter sido útil aqui [...] (DOBRESKI, 2021, p. 8, tradução nossa)

Consideramos que a justificativa referente à escolha do corpus, sendo arbitrária, deveria estar baseada em critérios epistemológicos e não exclusivamente na simplicidade.

Método (coleta e análise)

Método de coleta

Não contempla. Sugere que seja revisão de literatura.

Método de análise

Não contempla.

Apresentação das categorias com respaldo teórico

Sim

Aplicação das categorias

Não contempla.

Aristóteles

As **Categorias** é uma das obras mais conhecidas e amplamente discutidas de Aristóteles. Formando uma parte do Organon maior, uma coleção de obras dedicadas à lógica e ao procedimento lógico, as Categorias podem ser vistas como um dos primeiros exemplos de ontologia. Nas Categorias, Aristóteles procura **proposições** para detalhar os **tipos de ser** que existem, juntamente com o que pode ser entendido e predicado das coisas que existem [...] (DOBRESKI, 2021, p. 1, tradução nossa, grifo nosso)

Mais notavelmente dentro deste trabalho [Categorias], Aristóteles avança um conjunto de dez categorias de **nível superior** que podem ser usadas para classificar todos os **tipos de ser**: substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, estado, ação e paixão. (variável Aristóteles) (DOBRESKI, 2021, p. 1, tradução nossa, grifo nosso)

Este tipo de sistema de organização do conhecimento [**ontologia**] usa classes, relacionamentos e propriedades para oferecer uma **representação** altamente estruturada e funcional do que existe e **do que pode ser conhecido**. Como tal, suporta semelhanças com o propósito e a estrutura das dez categorias de Aristóteles. (DOBRESKI, 2021, p. 1-2, tradução nossa, grifo nosso)

Ao explorar os tipos de seres que compõem a realidade, as **Categorias** podem ser vistas como uma obra clássica de **ontologia filosófica**. Embora muitos trabalhos tenham examinado, interpretado, extraído e refutado as Categorias, é importante notar que persistem questões sobre a abrangência pretendida do sistema de Aristóteles. (variável Aristóteles) (DOBRESKI, 2021, p. 2, tradução nossa, grifo nosso)

No início das **Categorias**, na chamada *Pré-Predicamenta*, Aristóteles nos apresenta duas **dimensões** ao longo das quais todos os tipos de ser podem variar: dito de e presente em. No primeiro, algo que é predicável de outra coisa é dito de. Por exemplo, na proposição “Aristóteles é humano”, o conceito de “humano” é predicado de um ser humano individual. Aristóteles, sendo predicado de mais nada, é portanto, não dito. A herança lógica também está presente aqui: humanos são animais, e como humano, Aristóteles é, portanto, também um tipo de animal. Dentro dos **sistemas de organização do conhecimento**, esse tipo de relação pode ser vista como do tipo hierárquico genérico, estabelecendo entre os conceitos um relacionamento classe-subclasse ou classe-instância. Por esse motivo, qualquer

coisa **dita de** seria uma **classe**, enquanto qualquer coisa **não dita** seria uma **instância**. (variável Aristóteles) (DOBRESKI, 2021, p. 3, tradução nossa, grifo nosso)

Na segunda dimensão, algo está presente em quando é incapaz de existir fora de um sujeito, enquanto aqueles que não estão presentes em podem existir independentemente. Por exemplo, o conhecimento existe na mente humana e, portanto, está presente em um indivíduo. Em contraste, o cavalo é dito-de de um cavalo individual, mas nunca está presente-em em uma substância como está o conhecimento. Conforme explicado abaixo, a categoria da **substância** possui uma posição especial na obra de Aristóteles, e pode ser os únicos conceitos capazes de existência **independente** (ou seja, **não presente em**). Todos os **outros tipos de ser** devem estar **presentes em** e portanto, dependentes das substâncias para sua existência. (variável Aristóteles) (DOBRESKI, 2021, p. 3, tradução nossa, grifo nosso)

Curiosamente, Aristóteles apresenta as categorias como ostensivamente disjuntas, e sem categoria de nível superior (*top-level*) que os une. Como uma **classe** de nível **superior** é exigida de uma **ontologia**, uma pode, por conveniência, assumir “**ser**” como a classe de nível superior implícita aqui [...] (variável Aristóteles) (DOBRESKI, 2021, p. 5, tradução nossa, grifo nosso)

As substâncias, sendo a única categoria de coisas que podem existir independentemente, possuem uma posição importante dentro do modelo de Aristóteles, e são ainda divididas em substâncias primárias e secundárias. As **substâncias primárias** são os **indivíduos** que podemos apreender diretamente, como Aristóteles ou um carvalho específico. As **substâncias secundárias** são as espécies a que pertencem as substâncias primárias, isto é, os **grupos abstratos** de pessoas ou árvores. Assim, é bastante fácil ver as substâncias secundárias como classes, e substâncias primárias como instâncias dessas classes. (variável Aristóteles) (DOBRESKI, 2021, p. 5, tradução nossa, grifo nosso)

Muitas das **características** dos **sistemas de organização do conhecimento** descritos por Zeng (2008) podem ser encontradas dentro das **Categorias**. Embora possa de fato ser processada como uma ontologia, o processo é mais desafiador e os resultados menos elegantes do que se poderia esperar. Em particular, na verdade mapear as próprias dez categorias para componentes de ontologia é muito mais difícil do que enquadrar a matriz inicial dito-de/presente-em em termos ontológicos. Ainda assim, os resultados [do artigo] [...] oferecem um exemplo de como um trabalho de ontologia filosófica clássica pode ser interpretada através de uma lente moderna dos sistemas de organização do conhecimento. (DOBRESKI, 2021, p. 5, tradução nossa, grifo nosso)

Ranganathan

Não contempla.

Vínculos

Na literatura de classificação, as **comparações** das categorias aristotélicas com as categorias de Ranganathan são **de longa data**. (DOBRESKI, 2021, p. 3, tradução nossa, grifo nosso)

O presente modelo ontológico do estudo é oferecido não como uma solução para as **Categorias**, mas como uma ilustração das **conexões** entre a **ontologia filosófica** e o **estudo e a prática dos sistemas de organização do conhecimento**. (DOBRESKI, 2021, p. 8, tradução nossa, grifo nosso)

O **debate ontológico/linguístico** em torno das **Categorias**, bem como de questões maiores sobre a relação entre linguagem e realidade, também oferecem uma visão mais **prática dos sistemas de organização do conhecimento**. (DOBRESKI, 2021, p. 8, tradução nossa, grifo nosso)

APÊNDICE G – Extração de dados do artigo 4 da revisão sistemática da literatura

BARITÉ, M. G. The notion of 'category': its implications in subject analysis and in the construction and evaluation of indexing languages. **Knowledge Organization**, [s. l.], v. 27, n. 1/2, p. 4-10, 2000.

Fenômeno estudado

Não contempla. Sugere que seja as implicações da noção de categoria na construção e avaliação de linguagens de indexação.

Problema

Não contempla. Sugere que seja compreender as diversas conceituações histórica do conceito de categoria e sua extrapolação para a classificação do conhecimento

Questão/objetivos

Questão

Indica quatro questões, sugerindo que estas nortearam o artigo. Estas são: o que designamos quando fazemos referência às categorias? (BARITÉ, 2000, p. 4, tradução nossa); sabemos com certeza a aplicabilidade de tal noção abstrata das categorias feita na organização do conhecimento? (BARITÉ, 2000, p. 5, tradução nossa); conseguimos caracterizar, com extrema precisão, as declarações de tal conceitualização? (BARITÉ, 2000, p. 5, tradução nossa); conseguimos estabelecer, clara e distintamente, por que e para quê as categorias são úteis em nosso campo disciplinar? (BARITÉ, 2000, p. 5, tradução nossa)

Objetivos

Não contempla. Sugere que seja provar que as categorias são necessariamente o fundamento, nem sempre visível, de qualquer sistema de organização do conhecimento.

Revisão de literatura

Não há definição estabelecida das categorias (GROLIER, 1962 apud BARITÉ, 2000, p. 4)

Labor (1990 apud BARITÉ, 2000, p. 4) define categoria como “qualquer uma das características ou temperamentos mais gerais aplicados como um todo a todos os seres e às outras maneiras ou modalidades exibidas por eles”.

Mills (1964 apud BARITÉ, 2000, p. 8, tradução nossa) “[...] conceitos de alta generalização e grande aplicação [...]”

Langridge (1977 apud BARITÉ, 2000, p. 8, tradução nossa) “... as classes mais gerais de fenômenos”,

Wersig & Neveling (1976 apud BARITÉ, 2000, p. 8, tradução nossa) “[...] uma classe de generalidade muito alta” ou “uma faceta geral que se aplica a muitos campos de assunto”

Perspectiva teórica

Historicamente, a noção de **categoria** teve **diversas conceituações**, desde os tempos de [...] **Aristóteles** (variável aristóteles) (BARITÉ, 2000, p. 4, tradução nossa)

O fato de que em nossa literatura as noções de categoria, característica ou classe são algumas vezes usadas indistintamente mesmo embora sejam tão diferentes, não ajuda a sua caracterização também. (BARITÉ, 2000, p. 5, tradução nossa)

[...] não é possível caracterizar categorias na Teoria da Classificação, tomando emprestado as definições fornecidas pela Filosofia, Ontologia ou Metafísica. (BARITÉ, 2000, p. 4, tradução nossa)

Elas [as categorias] são meras e simples pontos de partida conceituais para organizar nosso discurso científico específico. Uma primeira e útil aproximação nos diz que as categorias são expressões abstratas extremamente gerais, de modo que podem ser percebidas em qualquer entidade, elemento ou objeto. (BARITÉ, 2000, p. 5, tradução nossa)

Há uma característica implícita também, seguindo o pensamento aristotélico, que se refere ao **caráter instrumental** das categorias. Efetivamente, as **categorias** são usadas como ferramentas para **descobrir**

certas **regularidades** do mundo material, assim, todos os **objetos** – pelo menos todos aqueles pertencentes ao mundo material – têm certas propriedades. Como resultado, propriedades é uma categoria possível para analisar o mundo material. (variável vínculos) (BARITÉ, 2000, p. 5, tradução nossa)

Instituída sua natureza abstrata, deve-se acrescentar que as categorias são, em sua natureza básica, noções extremamente simples – as mais simplificadas que podemos obter para analisar qualquer fenômeno e colocá-lo em determinada posição em relação a um objeto. (BARITÉ, 2000, p. 5, tradução nossa)

Da mesma forma, como as categorias expressam regularidades, por força elas também constituem estruturas conceituais com certa permanência e estabilidade (embora o **resultado** de sua **aplicação** a diferentes objetos **possa ser variável**), capaz de ter expressões em qualquer objeto, entidade ou ser real ou ideal. (variável aplicação das categorias) (BARITÉ, 2000, p. 5, tradução nossa)

Como núcleo central de nossa concepção, definimos categorias como abstrações simplificadas que, com a força de instrumentos intelectuais, são usados por classificacionistas para investigar regularidades de objetos do mundo físico e ideal e para representar noções. (BARITÉ, 2000, p. 5, tradução nossa)

Esta análise e representação é realizada com vista a um sistemas de conceitos logicamente organizados, suficientes para a organização do conhecimento em termos gerais, e análise de assunto ou classificação de documentos em termos específicos. (BARITÉ, 2000, p. 5, tradução nossa)

Dentro da Teoria da Classificação, então, as categorias só são relevantes como instrumentos de análise e organização de objetos, fenômenos e conhecimentos. Embora mantenham sua essência ontológica, em nossa disciplina, as categorias são de interesse não como elementos de especulação metafísica, mas como níveis ou dimensões de análise aplicada à estruturação interior do conhecimento humano e suas abstrações mais representativas: os conceitos. (BARITÉ, 2000, p. 5, tradução nossa)

Estritamente falando, não é possível isolar a noção de *categoria* daquelas de *objeto* e *analista*. O analista é aquele que estabelece as bases para a análise, e realiza uma nivelção subjetiva, para ter acesso a uma realidade específica do objeto. (BARITÉ, 2000, p. 5, grifos do autor, tradução nossa)

O objeto ou referente pode ser qualquer objeto ou entidade, ser ou fenômeno, que admite a análise como algo autônomo. (BARITÉ, 2000, p. 5, tradução nossa)

Todo objeto dá origem a infinitos aspectos para sua análise, dada a sua complexidade intrínseca. (BARITÉ, 2000, p. 5, tradução nossa)

A enorme complexidade de qualquer objeto impede sua análise global, integral e completa. (BARITÉ, 2000, p. 5, tradução nossa)

Existem [...] atributos do objeto que condicionam seu estudo: a) Qualquer objeto é naturalmente dinâmico e mutável [...] b) O objeto pode ser real ou ideal. c) Alguns objetos apresentam problemas de delimitação d) Grande parte dos objetos pertence ou ocorre em uma fase do continuum tempo-espço, ou melhor, fluem ao longo de uma seção desse contínuo. (BARITÉ, 2000, p. 6-7, tradução nossa)

Processo de coleta de dados

Não contempla. Sugere que seja revisão de literatura.

Natureza dos dados

Conceituais e filosóficos

Validação dos dados

Revisão por pares

Processo de coleta de achados

Não contempla. Sugere que seja coletar os princípios, afirmações e inferências sobre as categorias.

Achados

Toda categoria faz uma divisão em uma globalidade. Como resultado, o conjunto de categorias selecionadas por um analista deve fornecer uma representação completa do objeto. Mas, para conseguir isso, seria necessário que o conjunto de categorias selecionadas englobasse a soma total dos níveis possíveis de análise. (BARITÉ, 2000, p. 7, tradução nossa)

Características das categorias:

a) Cada categoria é setorial [...]; b) Cada categoria implica um nível específico de análise [...]; c) As categorias são níveis de análise externos ao objeto [...]; d) As categorias são mutuamente excludentes [...]; e) Cada categoria é altamente generalizável [...]; f) Cada categoria pode admitir, com referência a um objeto, níveis variáveis de subdivisão [...]; g) Não houve acordo quanto a uma coleção limitada de categorias [...]; (BARITÉ, 2000, p. 7-9, tradução nossa)

Se partirmos da filosofia aristotélica [...] **categoria** – por natureza e definição – deve ser **aplicada** indiscriminadamente a **qualquer objeto**. (variável aristóteles) (BARITÉ, 2000, p. 8, tradução nossa)

Cada nível de **subdivisão** [das **categorias**] é tecnicamente conhecido como característica, faceta, ou atributo, através do qual um **conceito** ou objeto é **subdividido**; um conjunto homogêneo de focos sendo obtido dessa forma. (variável Ranganathan) (BARITÉ, 2000, p. 8, tradução nossa)

A criação de uma faceta, quando uma característica é aplicada consistentemente, pode ocorrer no quadro de uma categoria e apenas uma categoria. Significativas são as dúvidas que Ranganathan tinha, para **atribuir** ambas as formulações da PERSONALIDADE, ou a formulação da ENERGIA para determinadas facetas, recorrendo à designação simultânea de duas categorias, {E} e {2P}, e deixando o classificador livre para determinar a **aplicação da categoria no contexto do documento**. (variável Ranganathan) (BARITÉ, 2000, p. 9, tradução nossa)

Aristóteles tinha originalmente reconhecido dez categorias (substância, qualidade, quantidade, posição, posse, ação, relações e outros). Ranganathan os **reduziu** a cinco, conhecido com a sigla PMEST:

personalidade, matéria, energia, espaço e tempo. (variável vínculos) (BARITÉ, 2000, p. 9, tradução nossa)

Interpretação dos achados

Ranganathan desenvolveu uma coleção de cinco categorias [...]: **MATÉRIA** refere-se em sua concepção aos aspectos de análise de um objeto; **ENERGIA** corresponde ao estudo dinâmico do objeto; **TEMPO** e **ESPAÇO** referem-se à posição do objeto ao longo dessas duas coordenadas; por último, [a] **PERSONALIDADE** pode incluir ambos os tipos e partes das coisas e funciona como uma categoria residual que **absorve** aqueles elementos **não contemplados** pelas outras categorias. (variável Ranganathan) (BARITÉ, 2000, p. 7, tradução nossa)

Por ter caráter instrumental, cada categoria é funcional e dado a seu grau de abstração absoluto, está fora do mundo real. (BARITÉ, 2000, p. 7, tradução nossa)

Em razão de seu caráter funcional, a seleção de uma categoria sempre persegue um objetivo analítico, mas apenas a partir de uma determinada abordagem, ponto de vista ou nível de estudo (BARITÉ, 2000, p. 7, tradução nossa)

Acreditamos que a **suposição** de que as **categorias** são constituídas por elementos ou **componentes do objeto** se espalhou erroneamente, suas raízes provavelmente voltando à Aristóteles. (variável Aristóteles) (BARITÉ, 2000, p. 7, tradução nossa)

Não obstante, em nossa linha de pensamento, quando estabelecemos como postulado que toda categoria é um nível de análise aplicado sobre o objeto, naturalmente chegamos à conclusão de que tais categorias são elementos autônomos e externos em relação ao objeto que está sendo estudado. (BARITÉ, 2000, p. 7, tradução nossa)

Existem áreas do conhecimento onde a aplicação de certas categorias não tem qualquer utilidade. Cada disciplina tem sua própria estrutura conceitual que pré-forma as categorias que serão usadas para sua organização interna. A **Colon Classification** é expressiva nesse sentido, uma vez que a fórmula facetada

raramente forma a sequência completa PMEST e não corresponde classe a classe. (variável Ranganathan) (BARITÉ, 2000, p. 8, tradução nossa)

O fato é que sua própria natureza instrumental torna as categorias semelhantes a equipamentos de laboratório usados por qualquer cientista em sua área específica. (BARITÉ, 2000, p. 7-8, tradução nossa)

Se aceitarmos que uma categoria fornece informações fragmentárias da realidade de um objeto, [...] cada categoria envolve aquele setor exclusivo [...], excluindo qualquer possibilidade de intersecção entre o nível de análise de uma categoria com o nível de análise de outra categoria. (BARITÉ, 2000, p. 8, tradução nossa)

[...] quando o conceito é transferido para a Teoria da Classificação, parece claro que as categorias são instrumentos de alta generalização, embora não absolutas. Concebivelmente, as categorias de maior generalização podem ser ESPAÇO e TEMPO, e por esta razão as facetas reconhecidas como intrínsecas geralmente aparecem nas linguagens de indexação como auxiliares ou nas tabelas adicionais. (BARITÉ, 2000, p. 8, tradução nossa)

A literatura não dá uma definição muito precisa do vínculo que une e distingue os conceitos de característica e categoria. São termos frequentemente usados indistintamente como sinônimos. Mas não são sinônimos. Embora seja verdade que a característica também sugere um certo nível de análise de um objeto, o seu espaço está sempre envolvido em uma esfera mais compreensível, a de uma categoria. (BARITÉ, 2000, p. 8, tradução nossa)

[...] o número de categorias que um classificacionista é capaz de estabelecer para seu trabalho aumentará inversamente ao grau de generalidade de aplicação visado em cada categoria. Assim, a eleição de ENERGIA projetará um campo de uso relativo a todos os aspectos dinâmicos do objeto. Mas, se inversamente, a pesquisa [consiste em] [...] especificar certos aspectos dinâmicos em categorias “menores”, isso levará a ENERGIA a se decompor em PROCESSOS, OPERAÇÕES e PROBLEMAS. Não há alternativa melhor, apenas uma decisão ligada à utilidade que transmite para a análise de objetos. (BARITÉ, 2000, p. 9, tradução nossa)

Processo de Interpretação dos achados

Não contempla. Sugere que seja interpretar os princípios, afirmações e inferências sobre as categorias como fundamento implícito ou explícito dos sistemas de organização do conhecimento.

Cuidados éticos

Não contempla por ser pesquisa documental em Ciência da Informação

Implementações dos estudos

É possível que a revisão conceitual e metodológica que tentamos sobre a noção de categoria demanda aplicações mais específicas em linguagens de indexação, para corroborar sua adequação e relevância. Também entendemos que uma contribuição para o estudo das categorias a partir de uma perspectiva funcional-instrumental pode ajudar a reconsiderar nossos sistemas de ideias e procedimentos relativos à construção e avaliação de linguagens de indexação e classificação habitual de documentos. (BARITÉ, 2000, p. 9, tradução nossa)

Propomos uma maior atenção a este tema, pois envolve aspectos teórico-práticos essenciais para o domínio razoável da teoria do conceito por especialistas, bem como por docentes das respectivas disciplinas do programa de nossa disciplina. (BARITÉ, 2000, p. 9, tradução nossa)

Formato de apresentação das informações

Textual

Limitações dos estudos

É possível que a revisão conceitual e metodológica que tentamos sobre a noção de categoria demande aplicações mais específicas em linguagens de indexação, para corroborar sua adequação e relevância. (BARITÉ, 2000, p. 9, tradução nossa)

Uma limitação do estudo identificada é a ausência de aplicação categorial para fortalecer os aspectos teórico-práticos das categorias.

Método (coleta e análise)

Não contempla.

Apresentação das categorias com respaldo teórico

Sim

Aplicação das categorias

Da mesma forma, como as categorias expressam regularidades, por força elas também constituem estruturas conceituais com certa permanência e estabilidade (embora o **resultado** de sua **aplicação** a diferentes objetos **possa ser variável**), capaz de ter expressões em qualquer objeto, entidade ou ser real ou ideal. (BARITÉ, 2000, p. 5, tradução nossa)

Aristóteles

Historicamente, a noção de **categoria** teve **diversas conceituações**, desde os tempos de [...] **Aristóteles** (BARITÉ, 2000, p. 4, tradução nossa)

Acreditamos que a **suposição** de que as **categorias** são constituídas por elementos ou **componentes de objeto** ou componentes se espalhou erroneamente, suas raízes provavelmente voltando à Aristóteles. (BARITÉ, 2000, p. 7, tradução nossa)

Se partirmos da filosofia aristotélica [...] **categoria** – por natureza e definição – deve ser **aplicada** indiscriminadamente a **qualquer objeto**. (BARITÉ, 2000, p. 8, tradução nossa)

Ranganathan

Ranganathan desenvolveu uma coleção de cinco categorias [...]: MATÉRIA refere-se em sua concepção aos aspectos de análise de um objeto; ENERGIA corresponde ao estudo dinâmico do objeto; TEMPO e ESPAÇO referem-se à posição do objeto ao longo dessas duas coordenadas; por último, [a]

PERSONALIDADE pode incluir ambos os tipos e partes das coisas e funciona como uma categoria residual que **absorve** aqueles elementos **não contemplados** pelas outras categorias. (BARITÉ, 2000, p. 7, tradução nossa)

Existem áreas do conhecimento onde a aplicação de certas categorias não tem qualquer utilidade. Cada disciplina tem sua própria estrutura conceitual que pré-forma as categorias que serão usadas para sua organização interna. A **Colon Classification** é expressiva nesse sentido, uma vez que a fórmula facetada **raramente forma a sequência completa PMEST** e não corresponde classe a classe. (BARITÉ, 2000, p. 8, tradução nossa)

Cada nível de **subdivisão** [das **categorias**] é tecnicamente conhecido como característica, faceta, ou atributo, através do qual um **conceito** ou objeto é **subdividido**; um conjunto homogêneo de focos sendo obtido dessa forma. (BARITÉ, 2000, p. 8, tradução nossa)

A criação de uma faceta, quando uma característica é aplicada consistentemente, pode ocorrer no quadro de uma categoria e apenas uma categoria. Significativos são as dúvidas que Ranganathan tinha, para **atribuir** ambas as formulações da **PERSONALIDADE**, ou a formulação da **ENERGIA** para determinadas facetas, recorrendo à designação simultânea de duas categorias, {E} e {2P}, e deixando o classificador livre para determinar a **aplicação da categoria no contexto do documento**. (BARITÉ, 2000, p. 9, tradução nossa)

Vínculos

Há uma característica implícita também, seguindo o pensamento aristotélico, que se refere ao **caráter instrumental** das categorias. Efetivamente, as **categorias** são usadas como ferramentas para **descobrir** certas **regularidades** do mundo material, assim, todos os **objetos** – pelo menos todos aqueles pertencentes ao mundo material – têm certas propriedades. Como resultado, propriedades é uma categoria possível para analisar o mundo material. (BARITÉ, 2000, p. 5, tradução nossa)

Aristóteles tinha originalmente reconhecido dez categorias (substância, qualidade, quantidade, posição, posse, ação, relações e outros). Ranganathan os **reduziu** a cinco, conhecido com a sigla PMEST: personalidade, matéria, energia, espaço e tempo. (BARITÉ, 2000, p. 9, tradução nossa)

APÊNDICE H – Extração de dados do artigo 5 da revisão sistemática da literatura

COSTA, L. S. F. Aproximações teórico-conceitual entre as categorias de rangathan, o discurso retórico e a narrativa literária. **Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação**, v. 3, n. 1, 2010.

Fenômeno estudado

Não contempla. Sugere que seja as aproximações teórico-conceituais entre as categorias de rangathan, o discurso retórico e a narrativa literária

Problema

Não contempla. Sugere que seja o estabelecimento das relações entre memória, conhecimento e informação no âmbito da análise e da representação de conteúdo de documentos de natureza artística (COSTA, 2010, p. 170)

Questão/objetivos

Objetivo

identificar, reunir e articular alguns fundamentos teóricos que permitissem, além de dar sustentação, acolher a obra-de-arte, em geral, e a cartazística, em particular, como documento de natureza informativa e, portanto, objeto de estudo e de intervenção da CI. (COSTA, 2010, p. 170)

Questão

Do ponto de vista da CI, a questão que se coloca é que, se a linguagem natural for usada como chave para recuperação da informação, o processo de análise e de geração de conteúdos deve se pautar em método consistente. (COSTA, 2010, p. 170)

Revisão de literatura

Aristóteles, segundo Vickery (1980), foi um dos pioneiros a trilhar o caminho da categorização dos aspectos ou facetas do conhecimento ao propor 10 tipos de categorias. (COSTA, 2010, p. 173)

Para Campos e Gomes (2003 apud COSTA, 2010, p. 174), o termo categoria fundamental é usado por Ranganathan para representar idéias fundamentais que permitem recortar um universo de conhecimento e enquadrá-lo em classes bastante abrangentes. (COSTA, 2010, p. 174)

Essas categorias [de Ranganathan] são capazes de acolher todos os objetos independentemente de sua natureza, até então conhecidos, inclusive, de classificá-los de acordo com sua natureza conceitual. (CAMPOS; GOMES, 2003 apud COSTA, 2010, p. 174)

Perspectiva teórica

[...] instituições como bibliotecas, arquivos, museus, centros de informação especializados e centros de memória são lugares de organização e de gestão de informações e conhecimentos oriundos das ciências, das artes e do senso comum. (COSTA, 2010, p. 174)

[...] uma informação só tem sentido e significado quando combinada com um espectro de outras informações e outros conhecimentos gerados pelas práticas cotidianas e pelo *locus* cultural de seu uso. (COSTA, 2010, p. 170)

as categorias servem de guia tanto para orientar o processo de leitura e de análise de conteúdo de um documento, como podem ser empregadas para representá-lo e gerar produtos documentais. (COSTA, 2010, p. 174)

A necessidade de categorização dos aspectos ou facetas do conhecimento acompanha a humanidade desde tempos remotos. [...] A primeira delas [das categorias] é a **substância**, que representa o **sujeito**. As outras nove são: quantidade, qualidade, relação, espaço, tempo, posição, posse, ação e paixão, possíveis de se apresentarem como predicados de uma dada substância. Observa-se que as **10** grandes **classes** implicam dimensões ou formas sob as quais se apresenta um determinado “**ser**”. Na visão aristotélica, existe uma substância e nove acidentes, características ou propriedades a ela relacionadas. A retomada a Aristóteles serve somente para mostrar as origens de um sistema de categorização e, portanto, o número de categorias é menos importante do que a diferença que se estabelece entre a primeira substância e as demais. (variável Aristóteles) (COSTA, 2010, p. 173, grifo nosso)

O postulado das categorias ampliadas poderia ser aceito se produzisse resultados satisfatórios nos arranjos dos assuntos, podendo, inclusive, produzir diferentes idéias, pois as **categorias** se expressam de forma que **não podem ser definidas a priori**, mas, sim, no contexto das relações que se estabelecem entre elas. (variável Ranganathan) (COSTA, 2010, p. 174, grifo nosso)

As pesquisas realizadas por Ranganathan (1967) sobre as cinco **categorias** – personalidade, matéria, energia, espaço e tempo – **aplicáveis** a todo o universo de assuntos de modo diferenciado das classificações hierárquicas e rígidas refletem uma visão mais **filosófica** do que pragmática. (variável Ranganathan) (COSTA, 2010, p. 174, grifo nosso)

Ranganathan argumenta que a decisão de adotar **categorias** pode ser flexível, porém, é preciso chegar a um nível produtivo que funcione para fins de **organização da informação**. Lembra que não convém afirmar que as categorias são verdadeiras ou falsas, e, sim, mostrar que são úteis e, portanto, vale a pena postular sobre elas, trabalhar com elas e estudar como se **comportam**. Alerta, ainda, que não é recomendável adotá-las ou fazer uso delas de forma arbitrária e sem reflexão. É preciso iniciar com uma idéia com a qual se concorda, ainda que seja vaga, e com o uso, ela vai se clareando e até mesmo sendo modificada até chegar a ser satisfatória. Esse autor demonstrou que, na prática, a identificação de assunto não deve se iniciar com uma idéia predeterminada acerca da seqüência das facetas ou das categorias, mas, sim, deixar que os assuntos se encadeiem numa seqüência útil, visando ao entendimento melhor daquilo que se quer informar, conduzindo a resultado mais consistente, favorecido pela liberdade de se dar seguimento aos assuntos. (variável Ranganathan) (COSTA, 2010, p. 174, grifo nosso)

A contribuição da retórica está na capacidade de auxiliar a geração de sentido da análise, por meio da explicitação do processo de construção do discurso [...] (COSTA, 2010, p. 174)

A mutação semântica nada mais é do que evolução ou modificação do sentido de algo. As mudanças de sentido das palavras ou tropos têm sido uma das preocupações dos estudiosos e constitui parte da retórica. Os tropos, na qualidade de “figuras de palavras” ou de linguagem auxiliam na construção do pensamento, na criação de recursos de estilística e consistem valores expressivos da fala ou do texto escrito. (COSTA, 2010, p. 176)

A narrativa resulta do ato de narrar ou contar uma história ou um acontecimento do mundo real ou imaginário. Para tanto, lança mão das mais diferentes formas de comunicação: oral, gestual, gráfica, imagética e escritural. A idéia de fazer uso de categorizações, como em Cícero, Aristóteles e Ranganathan, também está presente na teoria da narrativa. (COSTA, 2010, p. 177)

[...] A categoria **personalidade** apresenta grande dificuldade de **identificação**. Ranganathan propõe o **método do resíduo** para identificar sua manifestação, da seguinte forma: se não é tempo, não é espaço, não é energia ou matéria, pode ser considerada uma manifestação da categoria personalidade. (variável Ranganathan) (COSTA, 2010, p. 180, grifo nosso)

Processo de coleta de dados

A busca por procedimentos metodológicos teve como ponto de partida a realização de um “cingimento” teórico, que permitisse fazer conexão, encadear e combinar aspectos conceituais, por meio de aproximação entre as matrizes categóricas. Nesse movimento dialógico, buscou-se a possibilidade de constituir classes que servissem, num primeiro momento, de apoio à leitura e às análises de textos literários, constituídos por romances, para explorar a linguagem e a terminologia identificada como correspondentes às categorias eleitas. (COSTA, 2010, p. 171)

[...] visualizou-se, no método proposto por Ranganathan, possível abertura teórica para estabelecer procedimentos metodológicos para análise de conteúdo de documento iconográfico. Esta flexibilização é fornecida pelas noções das categorias essenciais, que as torna facilmente associáveis a outras teorias, servindo de ponto de partida para reflexão teórica sobre possível prática de análise de conteúdo, organização e recuperação da informação iconográfica ou imagética. (COSTA, 2010, p. 172)

Natureza dos dados

Conceituais, históricos e filosóficos

Validação dos dados

Revisão por pares

Processo de coleta de achados

Os resultados do entendimento do uso de categorias permitiram fazer uso da linguagem natural, construída por meio de expressões tanto conotativas como denotativas que servirão como uma espécie de âncora, que estrutura o discurso. A intenção de estabelecer um alinhamento entre as categorias – rangathanianas, narrativas e retóricas – se apresentou, desde o princípio, como possibilidade de expansão conceitual, permitindo maior flexibilidade e plasticidade na geração de produto documental, derivado da obra-de-arte. A flexibilidade resulta, principalmente, da linguagem empregada. (COSTA, 2010, p. 179)

Achados

Quadro 1 – Comparação entre categorias.

As relações de equivalência estabelecidas entre a categorização rangathaniana, denominadas de essências, com os elementos estruturais da narrativa e, ainda, a equivalência destas com as questões básicas da didática retórica [Colunas: categorias essências, categorias narrativas e indagações retóricas] (COSTA, 2010, p. 180)

A categoria rangathaniana personalidade, que pode ser entendida como entidade, personagem, ator, gente ou sujeito da ação ou como narrador, na teoria da narrativa, é uma expressão onomástica, isto é, o nome de alguém, seres, coisas ou fenômenos que praticam uma ação e, portanto, deve responder à questão da retórica: “quem fez”? Um indivíduo ou ser relacionado à criação ou à realização de uma obra, expressão artística ou conhecimento. (COSTA, 2010, p. 180)

Processo de Interpretação dos achados

Não contempla. Sugere que seja estabelecer um alinhamento entre as categorias – rangathanianas, narrativas e retóricas – se apresentou, desde o princípio, como possibilidade de expansão conceitual, permitindo maior flexibilidade e plasticidade na geração de produto documental, derivado da obra-de-arte. (COSTA, 2010, p. 179)

Interpretação dos achados

Um subconjunto dessas **categorias** [de **Aristóteles**], compreendendo substância, estado, ação, lugar e tempo vão encontrar **correspondência direta** nas cinco categorias de **Ranganathan** (1931) e com a **forma de operacionalizá-las**. Em seus escritos, observa-se que não são citadas muitas fontes, mas, ao expor seu pensamento e eleger suas cinco categorias, que denominou de categorias fundamentais ou categorias essenciais, fica patente a **influência** que recebeu do **pensamento aristotélico**. Em que pese o estabelecimento da quantidade de categorias, o próprio Ranganathan menciona que se alguém perguntar o porquê de as categorias fundamentais se apresentarem em número de cinco e não de três ou de seis, admite o fato de ser isto perfeitamente, possível e que qualquer pessoa pode explorar tal possibilidade. (variável vínculos e variável Ranganathan) (COSTA, 2010. p. 174, grifo nosso)

Ranganathan (1967 apud COSTA, 2010, p. 174-175) ressalta que os termos de que se valeu para denotar cada uma das categorias foram tomados apenas como aceitos e não como inteiramente definidos ou definitivos. Isto significa que sugere uma **abertura** no **uso** das referidas **categorias**. (variável Ranganathan) (COSTA, 2010, p. 174-175, grifo nosso)

Cuidados éticos

Não contempla por ser pesquisa documental em Ciência da Informação.

Implementações dos estudos

Não contempla.

Formato de apresentação das informações

Textual e quadro

Limitações dos estudos

Não contempla. Sugere que seja o possível viés na análise de conteúdo.

A análise de conteúdo ou de assunto envolve um tipo de leitura documental que implica domínio da linguagem em que cada conteúdo se expressa. Em geral, essa leitura é chamada de leitura técnica, por requerer a predeterminação dos objetivos ao se extrair o conteúdo temático do documento. Para tanto, a tentativa é cercar-se de estratégias metodológicas que possam minimizar as possíveis distorções

ocasionadas pela inferência ocorrida no momento da análise e, conseqüentemente, na apresentação documental

Método (coleta e análise)

Método de coleta:

Não contempla. Sugere que seja revisão de literatura.

Método de análise: análise de conteúdo e elaboração de sínteses ou resumos

Num segundo momento dos procedimentos metodológicos, fez-se uso das categorias eleitas para apoiar a leitura, a análise de conteúdo e a produção textual sobre cartazes históricos, veiculados entre a segunda metade do século XIX e a primeira do século XX. (COSTA, 2010, p. 171)

Ao se cotejar as semelhanças conceituais das categorizações rangathanianas, retóricas e narrativas, foi possível estabelecer termos de comparação entre elas. Este exercício possibilitou perceber que as categorias da narrativa permitem um alargamento conceitual no emprego das categorias personalidade, matéria, energia, espaço e tempo, propostas por Ranganathan. Da mesma forma que as indagações propostas pelo discurso retórico possibilitaram fixar parâmetros para se operacionalizar a análise de conteúdo. Estes parâmetros foram utilizados como procedimentos de análise e elaboração textual, em forma de resumo, de cartazes e percebe-se que existe um potencial para sua aplicação na análise de documento iconográfico, em geral. (COSTA, 2010, p. 181)

Apresentação das categorias com respaldo teórico

Sim.

Aplicação das categorias

Não contempla.

Aristóteles

A necessidade de categorização dos aspectos ou facetas do conhecimento acompanha a humanidade desde tempos remotos. [...] A primeira delas é a **substância**, que representa o **sujeito**. As outras nove são: quantidade, qualidade, relação, espaço, tempo, posição, posse, ação e paixão, possíveis de se apresentarem como predicados de uma dada substância. Observa-se que as **10** grandes **classes** implicam dimensões ou formas sob as quais se apresenta um determinado “**ser**”. Na visão aristotélica, existe uma substância e nove acidentes, características ou propriedades a ela relacionadas. A retomada a Aristóteles serve somente para mostrar as origens de um sistema de categorização e, portanto, o número de categorias é menos importante do que a diferença que se estabelece entre a primeira substância e as demais. (COSTA, 2010, p. 173, grifo nosso)

Ranganathan

Um subconjunto dessas **categorias** [de **Aristóteles**], compreendendo substância, estado, ação, lugar e tempo vão encontrar **correspondência direta** nas cinco categorias de **Ranganathan** (1931) e com a **forma de operacionalizá-las**. Em seus escritos, observa-se que não são citadas muitas fontes, mas, ao expor seu pensamento e eleger suas cinco categorias, que denominou de categorias fundamentais ou categorias essenciais, fica patente a **influência** que recebeu do **pensamento aristotélico**. Em que pese o estabelecimento da quantidade de categorias, o próprio Ranganathan menciona que se alguém perguntar o porquê de as categorias fundamentais se apresentarem em número de cinco e não de três ou de seis, admite o fato de ser isto perfeitamente, possível e que qualquer pessoa pode explorar tal possibilidade. (COSTA, 2010, p. 174, grifo nosso)

O postulado das categorias ampliadas poderia ser aceito se produzisse resultados satisfatórios nos arranjos dos assuntos, podendo, inclusive, produzir diferentes idéias, pois as **categorias** se expressam de forma que **não podem ser definidas a priori**, mas, sim, no contexto das relações que se estabelecem entre elas. (variável Ranganathan) (COSTA, 2010, p. 174, grifo nosso)

As pesquisas realizadas por Ranganathan (1967) sobre as cinco **categorias** – personalidade, matéria, energia, espaço e tempo – **aplicáveis** a todo o universo de assuntos de modo diferenciado das classificações hierárquicas e rígidas refletem uma visão mais **filosófica** do que pragmática. (COSTA, 2010, p. 174, grifo nosso)

Ranganathan (1967 apud COSTA, 2010, p. 174-175) ressalta que os termos de que se valeu para denotar cada uma das categorias foram tomados apenas como aceitos e não como inteiramente definidos ou definitivos. Isto significa que sugere uma **abertura no uso** das referidas **categorias**. (COSTA, 2010, p. 174-175, grifo nosso)

Ranganathan argumenta que a decisão de adotar **categorias** pode ser flexível, porém, é preciso chegar a um nível produtivo que funcione para fins de **organização da informação**. Lembra que não convém afirmar que as categorias são verdadeiras ou falsas, e, sim, mostrar que são úteis e, portanto, vale a pena postular sobre elas, trabalhar com elas e estudar como se **comportam**. Alerta, ainda, que não é recomendável adotá-las ou fazer uso delas de forma arbitrária e sem reflexão. É preciso iniciar com uma idéia com a qual se concorda, ainda que seja vaga, e com o uso, ela vai se clareando e até mesmo sendo modificada até chegar a ser satisfatória. Esse autor demonstrou que, na prática, a identificação de assunto não deve se iniciar com uma idéia predeterminada acerca da seqüência das facetas ou das categorias, mas, sim, deixar que os assuntos se encadeiem numa seqüência útil, visando ao entendimento melhor daquilo que se quer informar, conduzindo a resultado mais consistente, favorecido pela liberdade de se dar seguimento aos assuntos. (COSTA, 2010, p. 174, grifo nosso)

[...] A categoria **personalidade** apresenta grande dificuldade de **identificação**. Ranganathan propõe o **método do resíduo** para identificar sua manifestação, da seguinte forma: se não é tempo, não é espaço, não é energia ou matéria, pode ser considerada uma manifestação da categoria personalidade. (COSTA, 2010, p. 180, grifo nosso)

Vínculos

Um subconjunto dessas **categorias** [de **Aristóteles**], compreendendo substância, estado, ação, lugar e tempo vão encontrar **correspondência direta** nas cinco categorias de **Ranganathan** (1931) e com a **forma de operacionalizá-las**. Em seus escritos, observa-se que não são citadas muitas fontes, mas, ao expor seu pensamento e eleger suas cinco categorias, que denominou de categorias fundamentais ou categorias essenciais, fica patente a **influência** que recebeu do **pensamento aristotélico**. Em que pese o estabelecimento da quantidade de categorias, o próprio Ranganathan menciona que se alguém perguntar o porquê de as categorias fundamentais se apresentarem em número de cinco e não de três ou de seis, admite o fato de ser isto perfeitamente, possível e que qualquer pessoa pode explorar tal possibilidade. (COSTA, 2010. p. 174, grifo nosso)

APÊNDICE I – Extração de dados do artigo 6 da revisão sistemática da literatura

CAMPOS, A. T. O processo classificatório como fundamento das linguagens de indexação. **Revista de Biblioteconomia de Brasília**, Brasília, v. 6, n. 1, 1978.

Fenômeno estudado

O processo classificatório como fundamento das linguagens de indexação

Problema

Não contempla. Sugere que seja o problema da rigidez dos esquemas lógicos em que tais sistemas tradicionais de classificação bibliográfica se basearam, em conflito com a fluidez, e até turbulência, da moderna documentação.

Questão/objetivos

Questão

Existe já um corpo de doutrina suficientemente desenvolvido e organizado que mereça o nome de teoria científica da classificação bibliográfica?

Objetivos

Não contempla. Sugere que seja compreender de que modo a lógica aristotélica, que constituiu até pouco tempo a espinha dorsal das classificações bibliográficas, teve como consequência a emergência de sistemas rigorosamente enumerativos com os inconvenientes que todos conhecem

Revisão de leitura

Assim nasceram as classificações, filhas mais ou menos legítimas, mais ou menos bastardas, das classificações do conhecimento (GROLIER, 1976 apud CAMPOS, 1978, p. 3)

Ingetraut Dahlberg, por exemplo, deixa claramente a entender que, com Ranganathan, a teoria da classificação bibliográfica encontrou finalmente o seu verdadeiro caminho (DAHLBERG, 1977 apud CAMPOS, 1978, p. 4)

Moss (1964 apud CAMPOS, 1978, p. 5) e Jones (1973 apud CAMPOS, 1978, p. 5) reagem contra a utilização de categorias na documentação ou pretendem que nas linguagens de indexação sejam empregadas as mesmas categorias da Física Nuclear

muitas dessas teorias da classificação bibliográfica, inclusive a do próprio Ranganathan, não passam de racionalizações *a posteriori* de uma prática já existente (GROLIER, 1974 apud CAMPOS, 1978, p. 5)

Norman Roberts (apud CAMPOS, 1978, p. 5) analisa a imprecisão com que foi apresentado por Ranganathan o conceito de Personality.

A abordagem de Hutchins (1975 apud CAMPOS, 1978, p. 6) apresenta a grande vantagem de alargar a teoria das classificações documentárias unificando-as com a dos métodos de indexação alfabética.

[...] com Ranganathan a classificação bibliográfica encontrou o verdadeiro caminho. (DAHLBERG, 1977 apud CAMPOS, 1978, p. 5)

Perspectiva teórica

É urgente o reconhecimento de que ambos (classificações e tesouros) constituem linguagens de indexação e que a indexação é fundamentalmente um processo classificatório. É mister, portanto, a partir das intuições de **Ranganathan**, e procurando fundamentá-las com maior rigor científico, encontrar uma teoria satisfatória do processo classificatório, tendo como **pontos básicos** as recentes **conquistas da Lingüística e da Lógica**. [...] a **lógica aristotélica** — que constituiu até pouco tempo a **espinha dorsal** das **classificações bibliográficas** [...] encontrou repercussão bastante decisiva nos organizadores dos velhos sistemas. Cingiram-se, quase sempre, a um tipo de relacionamento entre os conceitos. E como a relação mais acentuada na lógica aristotélica é a de inclusão (gênero-espécie) foi sobre este único tipo de relacionamento que foram elaborados os sistemas tradicionais de classificação bibliográfica. A consequência foi a emergência de sistemas rigorosamente enumerativos com os inconvenientes que todos conhecem. (variáveis Aristóteles e vínculos) (CAMPOS, 1978, p. 1-2, grifo nosso)

Cedo ou tarde deveria aparecer a tendência a alijar os velhos sistemas substituindo-os por processos que pareciam mais adaptados às necessidades do momento. Convém salientar que a introdução dos computadores, assim como de toda a aparelhagem para cartões perfurados, apenas apressou um movimento que se vinha desenvolvendo fazia já algum tempo. Há que repetir, aqui, com insistência: houve tomada de consciência das falhas dos sistemas, antes mesmo que o computador marcasse a sua presença na recuperação da informação. Essas falhas existem e não há por que escondê-las. (CAMPOS, 1978, p. 2)

Dos sistemas de classificação bibliográfica esperam-se, em geral, as seguintes contribuições: servir de instrumento para a distribuição útil dos livros ou documentos nas estantes, organização dos instrumentos de recuperação da informação (catálogos, bibliografias, linguagens de indexação para o computador, etc.) e análise da informação. (CAMPOS, 1978, p. 2)

À medida que juntou à memória interna também a memória externa (que são os documentos, os bancos de dados, etc.) o homem projetou nas coleções de informações registradas as sistematizações que existiam no seu espírito. (CAMPOS, 1978, p. 3)

Processo de coleta de dados

Não contempla. Sugere que seja revisão de literatura.

Natureza dos dados

Conceituais

Validação dos dados

Revisão por pares

Processo de coleta de achados

Não contempla. Sugere que seja buscar em que nos baseamos, além da experiência histórica e empírica, para afirmar que o aspecto estrutural constitui o elemento básico e fundamental do conhecimento e, por conseguinte, também das linguagens de indexação que o devem expressar.

Achados

No que concerne a **Ranganathan** não há dúvida de que o famoso livro **Prolegomena** - em que expõe com maior amplitude e profundidade a sua doutrina - foi publicado quatro anos após a primeira edição da Colon Classification, a qual foi desenvolvida a partir de intuições. Há que notar ainda que as famosas "leis", "regras", "**princípios**" e "**postulados**" não encontram mais, como justamente acentua Grolier, a **aceitação** que se podia esperar. (variável ranganathan) (CAMPOS, 1978, p. 5, grifo nosso)

Nesta mesma linha de idéias, não será fora de propósito recordar algumas das críticas feitas a Ranganathan nalguns pontos deixados por ele em certa obscuridade ou, em parte, obscurecidos pela má fé de seus adversários. (CAMPOS, 1978, p. 5)

No que concerne à **obra** do grande indiano, parece que o trabalho a ser realizado hoje é o de uma **fundamentação teórica** daquilo que algumas vezes permaneceu no terreno das intuições. (variável Ranganathan) (CAMPOS, 1978, p. 5)

É incompreensível que a Personalidade, conceito de tal importância dentro do sistema, tenha sido deixado ao sabor de intuições mais ou menos imprecisas. (CAMPOS, 1978, p. 5)

Processo de Interpretação dos achados

Não contempla. Sugere que seja interpretar o aspecto estrutural que constitui ambos o elemento básico e fundamental do conhecimento e as linguagens de indexação que o devem expressar.

Interpretação dos achados

Mas as observações de Moss (1964 apud CAMPOS, 1978, p. 5) e Jones (1973 apud CAMPOS, 1978, p. 5) quando reagem contra a utilização de categorias na documentação ou pretendem que nas linguagens de indexação sejam empregadas as mesmas categorias da Física Nuclear são simplesmente ridículas.

Recusar validade às **categorias de Ranganathan** unicamente porque, **assemelhando-se às categorias de Aristóteles**, teriam sido de antemão criticadas por Bertrand Russel - numa argumentação, aliás, de sabor jornalístico e de escasso conteúdo filosófico - é simplesmente expor-se à zombaria de quem quer que não se sinta disposto a aceitar como dogma todas as afirmativas de um filósofo, mesmo que seja Bertrand Russell. (variável vínculos) (CAMPOS, 1978, p. 5)

Por outro lado, querer aplicar às linguagens documentárias as mesmas categorias da Física Nuclear é apegar-se a um reducionismo insuportável. Em síntese, mesmo reconhecendo a validade de algumas críticas a Ranganathan não podemos deixar de subscrever a afirmativa de Ingetraut Dahlberg: Com Ranganathan a teoria da classificação encontrou o seu verdadeiro caminho. Mas exatamente por reconhecer a validade dessas críticas é que, a partir das idéias básicas do mesmo Ranganathan, será feita tentativa de, com base nas pesquisas de Ingetraut Dahlberg e numa aproximação com a Lingüística na linha em parte seguida por Hutchins, no seu livro *Languages of Indexing and Classification*, obter uma fundamentação do processo classificatório, base comum dos sistemas de classificação e da indexação alfabética (tesauros). (CAMPOS, 1978, p. 5-6)

[...] a classificação bibliográfica é essencialmente um processo de indexação, dando, obviamente, a esta palavra um sentido amplo. Nesta linha se encontra o modelo apresentado por Gardin para a descrição dos léxicos documentários (GARDIN, 1966 apud CAMPOS, 1978, p. 6)

Cuidados éticos

Não contempla por ser pesquisa documental em Ciência da Informação.

Implementações dos estudos

Não contempla. Sugere que seja: reconhecer que tanto a classificação quanto os tesauros constituem linguagens de indexação e essa indexação é basicamente um processo classificatório; encontrar uma teoria satisfatória para o processo classificatório baseado nos recentes avanços da Lógica Lingüística e tomando em conta as intuições de Ranganathan que devem ser tratadas com maior rigor científico;

Formato de apresentação das informações

Textual

Limitações dos estudos

Não contempla

Método (coleta e análise)

Método de coleta: Não contempla. Sugere que seja revisão de literatura

Método de análise: Não contempla.

Apresentação das categorias com respaldo teórico

Sim

Aplicação das categorias

Não contempla.

Aristóteles

É urgente o reconhecimento de que ambos (classificações e tesauros) constituem linguagens de indexação e que a indexação é fundamentalmente um processo classificatório. É mister, portanto, a partir das intuições de **Ranganathan**, e procurando fundamentá-las com maior rigor científico, encontrar uma teoria satisfatória do processo classificatório, tendo como **pontos básicos** as recentes **conquistas da Lingüística e da Lógica**. [...] a **lógica aristotélica** — que constituiu até pouco tempo a **espinha dorsal** das **classificações bibliográficas** [...] encontrou repercussão bastante decisiva nos organizadores dos velhos sistemas. Cingiram-se, quase sempre, a um tipo de relacionamento entre os conceitos. E como a relação mais acentuada na lógica aristotélica é a de inclusão (gênero-espécie) foi sobre este único tipo de relacionamento que foram elaborados os sistemas tradicionais de classificação

bibliográfica. A consequência foi a emergência de sistemas rigorosamente enumerativos com os inconvenientes que todos conhecem. (CAMPOS, 1978, p. 1-2, grifo nosso)

Ranganathan

No que concerne a **Ranganathan** não há dúvida de que o famoso livro **Prolegomena** - em que expõe com maior amplitude e profundidade a sua doutrina - foi publicado quatro anos após a primeira edição da Colon Classification, a qual foi desenvolvida a partir de intuições. Há que notar ainda que as famosas "leis", "regras", "**princípios**" e "**postulados**" não encontram mais, como justamente acentua Grolier, a **aceitação** que se podia esperar. (CAMPOS, 1978, p. 5, grifo nosso)

No que concerne à **obra** do grande indiano, parece que o trabalho a ser realizado hoje é o de uma **fundamentação teórica** daquilo que algumas vezes permaneceu no terreno das intuições. (CAMPOS, 1978, p. 5)

Vínculos

É urgente o reconhecimento de que ambos (classificações e tesouros) constituem linguagens de indexação e que a indexação é fundamentalmente um processo classificatório. É mister, portanto, a partir das intuições de **Ranganathan**, e procurando fundamentá-las com maior rigor científico, encontrar uma teoria satisfatória do processo classificatório, tendo como **pontos básicos** as recentes **conquistas da Lingüística e da Lógica**. [...] a **lógica aristotélica** — que constituiu até pouco tempo a **espinha dorsal** das **classificações bibliográficas** [...] encontrou repercussão bastante decisiva nos organizadores dos velhos sistemas. Cingiram-se, quase sempre, a um tipo de relacionamento entre os conceitos. E como a relação mais acentuada na lógica aristotélica é a de inclusão (gênero-espécie) foi sobre este único tipo de relacionamento que foram elaborados os sistemas tradicionais de classificação bibliográfica. A consequência foi a emergência de sistemas rigorosamente enumerativos com os inconvenientes que todos conhecem. (CAMPOS, 1978, p. 1-2, grifo nosso)

Recusar validade às **categorias de Ranganathan** unicamente porque, **assemelhando-se** às **categorias de Aristóteles**, teriam sido de antemão criticadas por Bertrand Russel - numa argumentação, aliás, de sabor jornalístico e de escasso conteúdo filosófico - é simplesmente expor-se à zombaria de quem quer que não se sinta disposto a aceitar como dogma todas as afirmativas de um filósofo, mesmo que seja Bertrand Russell. (CAMPOS, 1978, p. 5)

APÊNDICE J – Extração de dados do artigo 7 da revisão sistemática da literatura

ANJOS, L. dos. **Sistemas de classificação do conhecimento na Filosofia e Biblioteconomia**: uma visão histórico-conceitual crítica cm enfoque nos conceitos de classe, de categoria e de faceta. São Paulo, 2008. 290f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Fenômeno estudado

Não contempla. Sugere que seja os sistemas de classificação do conhecimento na Filosofia e na Biblioteconomia a partir de uma visão histórico-conceitual crítica com enfoque nos conceitos de classe, de categoria e de faceta.

Problema

Não contempla.

Questão/objetivos

Objetivo geral: analisar criticamente os principais sistemas de classificação do conhecimento selecionados da Filosofia e da Biblioteconomia numa visão histórico-conceitual com enfoque nos conceitos de classe, de categoria e de faceta. (ANJOS, 2008, p. 17)

Objetivos específicos: acompanhar e delinear a trajetória das classificações dos saberes (classes) e das classificações dos seres (categorias) à luz da Filosofia; averiguar as possíveis influências que as classificações filosóficas historicamente exerceram sobre as classificações bibliográficas tradicionais; verificar de que modo os conceitos de categoria, de classe e de faceta têm sido definidos no âmbito das classificações biblioteconômicas tradicionais.

Revisão de leitura

Iyer (1995, p. 12), com base em estudos relativos à formação de conceitos de Dahlberg, observa que categorias são “unidades de conhecimento” que compreendem afirmações necessárias e verificáveis (características) sobre um referente, representadas por uma designação (expressão verbal). (ANJOS, 2008, p. 138)

Mills (1960, p. 13-14) [a categoria é um] conceito geral que vai do mais concreto ao mais abstrato, de aplicação universal, que pode ser empregado para reunir outros conceitos (ANJOS, 2008, p. 140)

Langridge (1977, p. 36) [as categoria são] as classes mais gerais dos fenômenos (ANJOS, 2008, p. 140)

Wersig e Neveling (1976, p. 123-124) [a categoria é] uma classe de generalidade muito alta (ANJOS, 2008, p. 140)

Buonocore (1976) [a categoria é] uma faceta geral aplicada a muitos dos campos de assunto (ANJOS, 2008, p. 140)

Piedade (1983, p. 19) “categorias são as maiores classes de fenômenos, as classes mais gerais que podem ser formadas” (ANJOS, 2008, p. 140)

Barité (2000, p. 8) toda categoria é altamente generalista. (ANJOS, 2008, p. 140)

Barité (2000, p. 5), acredita na impossibilidade de caracterizar categorias na Teoria da Classificação, tomando por empréstimo definições provenientes da Filosofia, Ontologia ou Metafísica. (ANJOS, 2008, p. 140)

A diferença básica entre uma classificação facetada e uma meramente enumerativa é que na facetada os termos são enumerados, listados, detalhados, especificados, catalogados como termos elementares e não são combinados, formando termos complexos para inserção nas listas do esquema (FOSKETT, A. C., 1972) (ANJOS, 2008, p. 197)

Sayers (1955a, p. 206) descreveu as tabelas da CC como partes de um “conjunto mecânico que pelo uso de porcas e parafusos podia ser usado para muitas construções diferentes”. (ANJOS, 2008, p. 219)

Perspectiva teórica

Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892-1972), matemático e bibliotecário indiano, pensador influente no campo da classificação biblioteconômica (ao partir de uma abordagem analítica de facetas), desenvolveu na década de 1930 a **Teoria da Classificação Facetada**, também chamada de Teoria Dinâmica da Classificação ou Moderna Teoria da Classificação [...] (variável Ranganathan) (ANJOS, 2008, p. 15, grifo nosso)

As cinco categorias, nas quais Ranganathan baseou seu sistema de classificação têm sido representadas pela sigla em inglês **PMEST**: personality, matter, energy, space e time. Atente-se para a **semelhança** das categorias aristotélicas: substância, qualidade, quantidade, relação, espaço, tempo, ação, paixão, estado e hábito. (variável vínculos) (ANJOS, 2008, p. 15, grifo nosso)

Em **Teoria da Classificação** utilizam-se os termos **classe**, **categoria** e **faceta**, situando-os na base de toda organização lógica do conhecimento e da construção de linguagens de indexação. (variável Ranganathan) (ANJOS, 2008, p. 15, grifo nosso)

As categorias podem ser consideradas como fundamento, nem sempre visível, de qualquer sistema organizacional do conhecimento. (ANJOS, 2008, p. 15)

Para a Ciência da Informação, a noção de categoria, nascida na Filosofia e introduzida na Biblioteconomia por Ranganathan, é de **importância** fundamental para a **estruturação da informação**. As doutrinas ou teorias sobre as categorias nos sistemas filosóficos constituem [um] campo que permanece ainda pouco explorado. Além disso, a sua análise vê-se dificultada pelas diferenças de aceção dos termos entre os filósofos. (variável vínculos) (ANJOS, 2008, p. 18)

O interesse pelas categorias, isto é, a tentativa de organizar o “determinado”, nasce com a primeira maneira de saber humano [...] Estabelecer certas distinções é algo que se impõe a todo pensamento que tenta sistematizar a variedade encontrada no mundo. [...] . (ANJOS, 2008, p. 87)

O termo **categoria** utilizado normalmente para significar caráter, espécie ou natureza, tem origem remota no termo grego *kategoría* (*Κατηγορία* que passou para o latim *Categoriae*) e pertence à família, tendo a mesma raiz, do verbo grego “*kategorein*”, que significava, originalmente, “acusar”, “atribuir”, “censurar”, “falar contra alguém”, no sentido de responsabilizar algo ou alguém em oposição ao vocábulo “defesa” ou “louvor” e, com o tempo, sofreu diferentes interpretações: “atribuir”, “enunciar”, “expressar”, “declarar”, “denominar”, “revelar”, “manifestar”, “hierarquizar”, “caracterizar”, “classificar”, “mostrar”, “expressar”, “precisar”, “afirmar”, “declarar”, “predicar” entre outros. Como observado, historicamente, o **sentido do vocábulo**, desde os tempos de Platão, **sempre variou** de acordo com a época e o autor, como qualquer vocábulo. (variável Aristóteles) (ANJOS, 2008, p. 87, grifo nosso)

Aristóteles foi o primeiro a usar o termo **kategoría** em sentido **técnico**, no seu tratado *Categorias*. (variável Aristóteles) (ANJOS, 2008, p. 87, grifo nosso)

Aristóteles (século IV a.C.) “traz as idéias do céu à terra”: rejeita o mundo separado das idéias platônicas e **funde o mundo sensível e o inteligível** no conceito da **substância**. (variável Aristóteles) (ANJOS, 2008, p. 90, grifo nosso)

A estrutura do ser em geral foi um problema que sempre preocupou Aristóteles. Predicados ou atributos, coisas ou expressões, a palavra **categoria** (*κατηγορία* significa justamente predicado) parece cobrir, de maneira razoável, os termos relacionados no capítulo IV do tratado das *Categorias* (*Praedicamenta*) e, pelo menos, os nove últimos (quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, ação, paixão, estado e hábito) **funcionam** como **predicados** ou **atributos** da **substância**, que também podem ser entendidos como uma lista de diferentes tipos de coisas ou expressões que podem ser afirmadas a respeito do **ser**. (variável Aristóteles) (ANJOS, 2008, p. 90-91, grifo nosso)

Na doutrina de Aristóteles, a uma **interpretação semântica**, na qual categorias são os tipos de enunciados que indicam os diversos modos de dizer (designar uma coisa) soma-se uma **interpretação ontológica**, em que as categorias são os modos de atribuição de um predicado a um sujeito. (variável Aristóteles) (ANJOS, 2008, p. 91, grifo nosso).

Categorias não são, portanto, para Aristóteles, espécies do gênero ser, mas gêneros supremos ou **primeiras divisões do ser**. [...] designam os diferentes pontos de vista possíveis sob os quais uma coisa pode ser considerada. [...] são grupos de termos de **alta generalização**, uma vez que elas ainda não se encontram ‘aplicadas’, e que o conhecimento das categorias deve resultar em uma maior capacidade de **análise dos elementos e argumentos do discurso**. (variável Aristóteles) (ANJOS, 2008, p. 91, grifo nosso).

A **influência** da classificação aristotélica dos seres, no âmbito das classificações bibliográficas clássicas, faz-se notar de modo mais incisivo na classificação de Ranganathan que, em seu sistema, incluiu categorias **seguindo o modelo aristotélico** [...] (variável vínculos) (ANJOS, 2008, p. 96, grifo nosso).

[Quadro 25 - Princípios das classificações filosóficas dos seres - coluna princípios de Aristóteles]

Aristóteles defende o princípio que todo conhecimento provém das sensações. As categorias são obtidas por uma espécie de percepção intelectual. Nada há no entendimento que antes não tenha estado nos sentidos. A alma, para ele, era uma tabula rasa em que nada está escrito. A **substância** é o ser por excelência, é o indivíduo que se apresenta como **síntese de todas as determinações**. Essas determinações essenciais da realidade formam as suas dez categorias. Aristóteles buscava nas essências (universais) a razão das coisas e dos fatos, supondo-as no interior das coisas: une as idéias e as coisas e defende o princípio da correspondência entre a realidade e o discurso por meio das proposições categoriais. “Expressões sem enlace” ou “coisas ditas sem complexão”, para Aristóteles, “categorias”, são palavras **simples**, “sem ligação”, **não combinadas** com outras, presentes no pensamento e na linguagem, e que **indicam o que uma coisa é**, está ou faz, **quando aplicada**. O que esse conceito, bem diferente, tem em comum com os anteriores é implicar, ele também, um princípio de organização. Pode-se dizer que Aristóteles deduziu as categorias sob o ponto de vista lógico-gramatical. (variável Aristóteles) (ANJOS, 2008, p. 123, grifo nosso).

Classe é, [...] o conceito que permite classificar, ordenar e distribuir os objetos de acordo com a sua extensão e a sua compreensão. [...] **engloba** ou compreende um **conjunto** ou coleção **de objetos** que apresentam, ao menos, um elemento comum. (variável Aristóteles) (ANJOS, 2008, p. 128, grifo nosso).

O termo **categoria**, derivado do verbo grego *catagorein* (enunciar), expressa os diversos modos de enunciação, uma vez que sempre, de alguma maneira, **enunciam o ser** e os distintos modos de ser. O mesmo significado encontra-se no termo **predicamento**, derivado do latim *praedicare* (predicar, enunciar). (variável Aristóteles) (ANJOS, 2008, p. 128, grifo nosso).

[...] categoria é um termo com diversos significados, dependendo do conceito de realidade que cada doutrina filosófica assume em seu início. A explicação do termo mostra também que as categorias estão intimamente ligadas ao juízo no qual se dá a predicação (é no juízo que se encontram abundantes modos de predicar e de ser) [...] (ANJOS, 2008, p. 129)

Ranganathan acreditava no conhecimento intuitivo, em classificadores intuitivos e na noção de que a **idéia** era separada da palavra na linguagem natural e, algumas vezes, poderia **não ser expressa** [...] escreveu sobre simbolismo indiano [...] possuía a visão de que a linguagem classificatória que ele tinha desenvolvido era capaz de **articular idéias** que não poderiam ser denotadas em linguagem natural. (variável Ranganathan) (ANJOS, 2008, p. 133)

[...] na Teoria da Classificação, o objetivo metafísico é classificar o universo do conhecimento para localizar depois, ou seja, a essência é pragmática: acesso e recuperação de documentos e informações [...] (ANJOS, 2008, p. 138)

[...] os princípios de subdivisão (categorias) estabelecidos, embora expressem regularidades, são relativos e determinados historicamente e por necessidades pragmáticas. (ANJOS, 2008, p. 140)

[...] as duas **acepções** de categoria provenientes da Filosofia (classe mais geral ou princípio de divisão) **aparecem** igualmente na [Filosofia e na] **Ciência da Informação**. (variável vínculos) (ANJOS, 2008, p. 140)

[...] há diferentes conceituações de categoria em curso [...] As definições de categoria mencionadas são importantes como ponto de partida conceitual para organizar discursos científicos específicos. Pois,

quando o termo é conceituado na Teoria da Classificação, fica claro que os autores citados têm uma concepção puramente instrumental da noção de categoria, ainda que não cheguem a especificar o fato de que categorias são noções extremamente simples (sem complexão como diria Aristóteles), expressões de natureza abstrata oriundas de critérios de divisão e, portanto, de caráter instrumental. (ANJOS, 2008, p. 140-141)

[...] as duas áreas **Filosofia** (teoria das categorias) e **Biblioteconomia** (Teoria da Classificação) **coincidem** na aceção de categoria. Ao constatar essa **proximidade**, salienta-se que essa proximidade **não é assumida**, afirmada ou explorada pela Teoria da Classificação, que no entanto, utiliza conceitos oriundos da Filosofia. (variável vínculos) (ANJOS, 2008, p. 140)

Dentro da Teoria da Classificação, **categorias** são apenas relevantes como **instrumentos de análise** e organização de objetos, fenômenos e conhecimentos. Embora guardem as suas essências ontológicas, é nas classificações bibliográficas que as categorias são de interesse não como elementos de especulação metafísica, o que é óbvio, mas como **níveis** de análises **aplicados** para **estruturar** o conhecimento humano como também para estruturar as suas maiores abstrações representativas - os **conceitos**. (variável Ranganathan) (ANJOS, 2008, p. 141)

A **categorização** pressupõe a **divisão**/distribuição **de conceitos** em categorias por meio da análise de facetas.(variável Ranganathan) (ANJOS, 2008, p. 141)

[...] *categoria fundamental (fundamental category)* é cada **faceta isolada** considerada como sendo a **manifestação** de uma das cinco categorias ou **idéias fundamentais**: *personalidade, matéria, energia, espaço e tempo*, conhecidas pela sigla PMEST. Nesse sentido, categorias são um conjunto de noções a partir das quais conceitos são classificados por intermédio de análise por facetas, *focos* são os *isolados* comuns depois de serem agrupados em facetas e *análise por facetas* é a técnica de separar os vários elementos de um assunto complexo em relação a um conjunto de conceitos fundamentais abstratos. (variável Ranganathan) (ANJOS, 2008, p. 147, grifo nosso)

[...] pode-se considerar *análise por facetas* como procedimento lógico de **análise** e **organização** de campos conceituais (**assuntos**) para determinar quais características são mais apropriadas para **dividir**

assuntos, relacionando-os às cinco categorias ou facetas fundamentais pelas quais uma classe principal pode ser dividida. (variável Ranganathan) (ANJOS, 2008, p. 148, grifo nosso)

[...] a Teoria da Classificação hoje, reconhece o conceito como elemento material dos sistemas de classificação e a categoria como elemento essencial para correta alocação dos termos. (ANJOS, 2008, p. 161)

[História da Classificação dos Dois Pontos] A *Colon Classification* (CC), ou Classificação dos Dois Pontos, elaborada por Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892-1972) quando retorna à Índia depois do período de estudos com Berwick Sayers, na Inglaterra, estudos fundamentados na **Teoria da Classificação**, que tinha por **suporte a lógica aristotélica**, constitui o primeiro sistema de classificação bibliográfica geral embasado no princípio analítico-sintético (esquema facetado ou de análise por facetas), o que significou uma revolução na construção de esquemas classificatórios, tornando-se um **marco histórico** na Teoria da Classificação. (variáveis Ranganathan e vínculos) (ANJOS, 2008, p. 196, grifo nosso)

A **CC** não era um esquema derivado hierarquicamente, mas um conjunto de **tabelas independentes**, que podiam ser usadas em combinação para **subdividir** os assuntos. (variável Ranganathan) (ANJOS, 2008, p. 196, grifo nosso)

A fim de encontrar uma **base teórica** para a escolha e sequência de facetas no esquema, Ranganathan encontrou a solução ao relacionar o termo *facetas* a um conjunto de noções abstratas fundamentais que chamou de categorias: *time, space, energy, matter e personality* (PMEST). Cada **faceta** de uma classe básica é considerada como uma **manifestação concreta** de uma dessas categorias. (variável Ranganathan) (ANJOS, 2008, p. 197, grifo nosso)

A **CC** [*Colon Classification*] é uma **classificação universal**, como a CDD. Mas nela, a **unidade semântica de base** não é mais o assunto, é o **conceito** (chamado de “isolado” dentro da linguagem da CC). As **tabelas** dessa classificação são então **listas de conceitos**. Os termos das listas são hierarquizados, e cada conceito é expresso por um termo linguístico e por um índice alfanumérico. Isso constitui uma primeira classificação, aquela dos termos-conceitos, que é do tipo tradicional e integrado

ao sistema (às tabelas das facetas por domínio). Essa classificação dos assuntos constitui a verdadeira classificação em facetas da CC, do tipo analítico-sintética. Para Ranganathan, essa expressão significa que os documentos são, desde o início, analisados em facetas segundo as categorias da sigla PMEST, pois os **assuntos** são **sintetizados** graças à sintaxe e à notação. (variável Ranganathan) (ANJOS, 2008, p. 197, grifo nosso)

A CC é publicada em um volume contendo listas de **isolados comuns**, **classes principais** e suas subdivisões (**subclasses**) e um **índice**. A sua ordem de citação inicia pela faceta mais concreta (a faceta que é citada primeiro determinará o lugar do livro na estante) e é controlada pela fórmula PMEST (Personalidade + Matéria + Energia + Espaço + Tempo). (variável Ranganathan) (ANJOS, 2008, p. 200, grifo nosso)

A faceta **Personalidade** é sempre **precedida** da **indicação** de um **domínio** ou de uma disciplina destinada a situar o contexto do documento e que trás o nome de faceta principal. Grosso modo, em outros termos, encontram-se aqui novamente os elementos principais de uma **proposição gramatical**: sujeito ou objeto (Personalidade), verbo (Energia), complemento determinante (Matéria), complementos de tempo e de lugar (Espaço e Tempo). (variável Ranganathan) (ANJOS, 2008, p. 200, grifo nosso)

A categoria **personalidade** é **equivalente** à **substância aristotélica**, ou seja, a primeira atribuição do ser. Para Aristóteles o ser se diz em uma pluralidade de sentidos e esses sentidos do ser é que são denominados categorias. Ranganathan recorre à concepção aristotélica e à tradição das antigas escolas Mimansa e Prabhakara para **extrair** daí a **fórmula** que permite **agrupar** itens do **conhecimento** (categorias fundamentais). (variável vínculos) (ANJOS, 2008, p. 202-203, grifo nosso)

A abordagem rangathaniana da classificação era completamente diferente de todas as anteriores. A intuição genial de Ranganathan foi conceber uma alternativa ao modelo hierárquico rígido das grandes classificações bibliográficas [...] ele **não usava** classes pré- estabelecidas e prontas às quais os títulos tinham de ser relacionados, mas **criava** classes de assuntos somente no **instante** em que um livro era **analisado** segundo os elementos conceituais do seu assunto e **sintetizado** de acordo com fórmulas de facetas aplicadas às disciplinas. (variável Ranganathan) (ANJOS, 2008, p. 205, grifo nosso)

A teoria da classificação facetada de Ranganathan baseia-se no argumento de que, em vez de tentar listar todos os assuntos em detalhes, uma classificação deveria primeiramente identificar **classes principais** ou disciplinas, da mesma maneira como os esquemas enumerativos. Então, no interior de cada classe principal ou disciplina seria necessário enumerar ou **listar** somente **conceitos básicos**. Os assuntos, em sua grande maioria, são compostos, o que significa que são formados de duas ou mais facetas. Essas facetas ou elementos de um assunto podem ser específicas para aquele assunto ou comuns para todos os assuntos. (variável Ranganathan) (ANJOS, 2008, p. 218, grifo nosso)

Um esquema de classificação facetada não lista assuntos em detalhes como um esquema enumerativo, em vez disso, ele providencia uma caixa de **ferramentas** a partir da qual uma notação para qualquer assunto pode ser **construída**. (variável Ranganathan) (ANJOS, 2008, p. 218-219, grifo nosso)

[...] qualquer interpretação dada às categorias deve levar em conta a evolução do pensamento de Aristóteles a respeito (ANJOS, 2008, p. 257)

Processo de coleta de dados

Não contempla. Sugere que seja revisão de literatura

Natureza dos dados

Conceituais e filosóficos

Validação dos dados

Avaliação por pares

Processo de coleta de achados

Não contempla.

Achados

[Quadro 25 - Princípios das classificações filosóficas dos seres - coluna princípios de Aristóteles]

Aristóteles defende o princípio que todo conhecimento provém das sensações. As categorias são obtidas por uma espécie de percepção intelectual. Nada há no entendimento que antes não tenha estado nos sentidos. A alma, para ele, era uma tabula rasa em que nada está escrito. A **substância** é o ser por excelência, é o indivíduo que se apresenta como **síntese de todas as determinações**. Essas determinações essenciais da realidade formam as suas dez categorias. Aristóteles buscava nas essências (universais) a razão das coisas e dos fatos, supondo-as no interior das coisas: une as idéias e as coisas e defende o princípio da correspondência entre a realidade e o discurso por meio das proposições categoriais. “Expressões sem enlace” ou “coisas ditas sem complexão”, para Aristóteles, “categorias”, são palavras **simples**, “sem ligação”, **não combinadas** com outras, presentes no pensamento e na linguagem, e que **indicam o que uma coisa é**, está ou faz, **quando aplicada**. O que esse conceito, bem diferente, tem em comum com os anteriores é implicar, ele também, um princípio de organização. Pode-se dizer que Aristóteles deduziu as categorias sob o ponto de vista lógico-gramatical. (ANJOS, 2008, p. 123, grifo nosso).

Processo de Interpretação dos achados

Não contempla.

Interpretação dos achados

O resgate histórico das classificações filosóficas dos saberes e dos seres permitiu constatar que os conceitos de **classe** e **categoria** têm passado ao léxico filosófico universal, mas os seus **sentidos** não podem ser compreendidos a partir de uma interpretação comum dos termos, senão em conexão com **doutrinas e escolas filosóficas específicas**. (ANJOS, 2008, p. 130)

Deve-se acrescentar ainda um ponto positivo, em contraponto à pouca consistência terminológica que está presente em muitos projetos de organização da informação: a do **ganho** que se tem quando **se explicitam os critérios utilizados para agrupar ou dividir determinados conceitos**, ou seja, a **explicitação das categorias**. A explicitação de critérios ressalta a relatividade de qualquer organização da informação, mas, ao mesmo tempo, confere ao usuário condições para entender porque a informação foi organizada de uma maneira e não de outra. Assim como a relatividade do produto da classificação deve ser assumida, esse fato representa um ganho para o usuário, que passa a ter condições para **avaliar**

o produto, isto é, a informação organizada, já que os critérios utilizados lhe foram comunicados. (variável vínculos) (ANJOS, 2008, p. 259, grifo nosso)

Categoria é hipótese de organização e expressão, uma vez que não se encontra aplicada; é critério de divisão que resultará em grupos, dentro dos quais os termos são ordenados por meio de análise por facetas. **Faceta** é um grupo de termos contidos em um campo de assunto produzido por um critério de divisão, ou seja, pela aplicação de uma categoria. (ANJOS, 2008, p. 259, grifos do autor)

[...] os esquemas categoriais nas classificações bibliográficas não têm valor neutro, já que favorecem uma concepção de mundo e são construídos com objetivos pragmáticos; portanto, a elaboração de classificações (classe, categoria, faceta) deve ser encarada com rigor, pois afeta a maneira como se processam as informações. (ANJOS, 2008, p. 259)

Escolhas sobre ordem, sobre que assuntos privilegiar e que assuntos ignorar são sempre escolhas ideológicas, produtos de uma visão de mundo particular e também representam um jogo de poder, que é exercido em e por meio de relações mediadas por informação. (ANJOS, 2008, p. 259)

Categoria não faz parte de uma construção rígida e consagrada que segue padrões pré-estabelecidos. Ela é aplicada a uma coleção de assuntos isolados. É pragmática e mais operacional; reúne, mas não explica, apenas descreve. É um critério compreensivo ou descritivo das coisas. Designa uma propriedade em estado puro, não-aplicada. Nomeia agrupamentos de termos elaborados de acordo com um ponto de vista. **Categoria** se inventa (aspecto pragmático) e se constrói, agrupando elementos sob um determinado ponto de vista. É mais livre, autônoma. É um critério de divisão estabelecido a partir de uma **proposta classificatória específica**, particular, usado para reunir os grupos conforme as suas semelhanças. Estabelecer categorias (grupos de conceitos) de uma área do conhecimento é ter a visão do todo, é levantar o seu sistema conceitual para, a partir daí, por meio de análises por facetas proceder a uma ordenação sistemática de conceitos (termos). Quando desenvolvidas de acordo com a natureza dos conceitos são denominadas facetas. Categoria (não-aplicada) ou faceta (aplicada) é um **nível de análise específico e parcial** de um **objeto**. Aristóteles chamou de categorias ou predicamentos os 10 gêneros supremos (idéias que se tem das coisas). Ranganathan chamou de categorias ou facetas fundamentais os cinco aspectos da realidade. (variável vínculos) (ANJOS, 2008, p. 251)

Cuidados éticos

[Cuidados referentes à avaliação de produtos de classificação, especificamente, e podemos inferir, também, critérios para avaliação de qualquer sistema de organização do conhecimento, globalmente. A corrente teórica de fundamentação de um sistema de organização do conhecimento também influencia no uso, sempre parcial e ideológico, das categorias]

Deve-se acrescentar ainda um ponto positivo, em contraponto à pouca consistência terminológica que está presente em muitos projetos de organização da informação: a do **ganho** que se tem quando **se explicitam os critérios utilizados para agrupar ou dividir determinados conceitos**, ou seja, a **explicitação das categorias**. A explicitação de critérios ressalta a relatividade de qualquer organização da informação, mas, ao mesmo tempo, confere ao usuário condições para entender porque a informação foi organizada de uma maneira e não de outra. Assim como a relatividade do produto da classificação deve ser assumida, esse fato representa um ganho para o usuário, que passa a ter condições para **avaliar o produto**, isto é, a informação organizada, já que os critérios utilizados lhe foram comunicados. (variável vínculos) (ANJOS, 2008, p. 259, grifo nosso)

Implementações dos estudos

Não contempla.

Formato de apresentação das informações

Quadros e textual

Limitações dos estudos

Não contempla.

Método (coleta e análise)

Método de coleta: revisão de literatura

Método de análise: não contempla

Apresentação das categorias com respaldo teórico

Sim

Aplicação das categorias

Não contempla.

Aristóteles

O termo **categoria** utilizado normalmente para significar caráter, espécie ou natureza, tem origem remota no termo grego *kategoría* (*Κατηγορία* que passou para o latim *Categoriae*) e pertence à família, tendo a mesma raiz, do verbo grego “*kategorein*”, que significava, originalmente, “acusar”, “atribuir”, “censurar”, “falar contra alguém”, no sentido de responsabilizar algo ou alguém em oposição ao vocábulo “defesa” ou “louvor” e, com o tempo, sofreu diferentes interpretações: “atribuir”, “enunciar”, “expressar”, “declarar”, “denominar”, “revelar”, “manifestar”, “hierarquizar”, “caracterizar”, “classificar”, “mostrar”, “expressar”, “precisar”, “afirmar”, “declarar”, “predicar” entre outros. Como observado, historicamente, o **sentido do vocábulo**, desde os tempos de Platão, **sempre variou** de acordo com a época e o autor, como qualquer vocábulo. (variável Aristóteles) (ANJOS, 2008, p. 87, grifo nosso)

Aristóteles foi o primeiro a usar o termo **kategoría** em sentido **técnico**, no seu tratado Categorias. (ANJOS, 2008, p. 87, grifo nosso)

Aristóteles (século IV a.C.) “traz as idéias do céu à terra”: rejeita o mundo separado das idéias platônicas e **funde o mundo sensível e o inteligível** no conceito da **substância**. (ANJOS, 2008, p. 90, grifo nosso)

A estrutura do ser em geral foi um problema que sempre preocupou Aristóteles. Predicados ou atributos, coisas ou expressões, a palavra **categoria** (*κατηγορία* significa justamente predicado) parece cobrir, de maneira razoável, os termos relacionados no capítulo IV do tratado das Categorias (*Praedicamenta*) e, pelo menos, os nove últimos (quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, ação, paixão, estado e hábito) **funcionam** como **predicados** ou **atributos** da **substância**, que também podem ser entendidos como uma lista de

diferentes tipos de coisas ou expressões que podem ser afirmadas a respeito do **ser**. (ANJOS, 2008, p. 90-91, grifo nosso)

Na doutrina de Aristóteles, a uma **interpretação semântica**, na qual categorias são os tipos de enunciados que indicam os diversos modos de dizer (designar uma coisa) soma-se uma **interpretação ontológica**, em que as categorias são os modos de atribuição de um predicado a um sujeito. (ANJOS, 2008, p. 91, grifo nosso).

Categorias não são, portanto, para Aristóteles, espécies do gênero ser, mas gêneros supremos ou **primeiras divisões do ser**. [...] designam os diferentes pontos de vista possíveis sob os quais uma coisa pode ser considerada. [...] são grupos de termos de **alta generalização**, uma vez que elas ainda não se encontram ‘aplicadas’, e que o conhecimento das categorias deve resultar em uma maior capacidade de **análise dos elementos e argumentos do discurso**. (variável Aristóteles) (ANJOS, 2008, p. 91, grifo nosso).

Classe é, [...] o conceito que permite classificar, ordenar e distribuir os objetos de acordo com a sua extensão e a sua compreensão. [...] **engloba** ou compreende um **conjunto** ou coleção **de objetos** que apresentam, ao menos, um elemento comum. (ANJOS, 2008, p. 128, grifo nosso).

O termo **categoria**, derivado do verbo grego *catagorein* (enunciar), expressa os diversos modos de enunciação, uma vez que sempre, de alguma maneira, **enunciam o ser** e os distintos modos de ser. O mesmo significado encontra-se no termo **predicamento**, derivado do latim *praedicare* (predicar, enunciar) (ANJOS, 2008, p. 128, grifo nosso).

Ranganathan

Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892-1972), matemático e bibliotecário indiano, pensador influente no campo da classificação biblioteconômica (ao partir de uma abordagem analítica de facetas), **desenvolveu** na década de 1930 a **Teoria da Classificação Facetada**, também chamada de **Teoria Dinâmica da Classificação** ou **Moderna Teoria da Classificação** [...] (ANJOS, 2008, p. 15, grifo nosso)

Em **Teoria da Classificação** utilizam-se os termos **classe**, **categoria** e **faceta**, situando-os na base de toda organização lógica do conhecimento e da construção de linguagens de indexação. (ANJOS, 2008, p. 15, grifo nosso)

Ranganathan acreditava no conhecimento intuitivo, em classificadores intuitivos e na noção de que a **idéia** era separada da palavra na linguagem natural e, algumas vezes, poderia **não ser expressa** [...] escreveu sobre simbolismo indiano [...] possuía a visão de que a linguagem classificatória que ele tinha desenvolvido era capaz de **articular idéias** que não poderiam ser denotadas em linguagem natural. (ANJOS, 2008, p. 133)

Dentro da Teoria da Classificação, **categorias** são apenas relevantes como **instrumentos de análise** e organização de objetos, fenômenos e conhecimentos. Embora guardem as suas essências ontológicas, é nas classificações bibliográficas que as categorias são de interesse não como elementos de especulação metafísica, o que é óbvio, mas como **níveis** de análises **aplicados** para **estruturar** o conhecimento humano como também para estruturar as suas maiores abstrações representativas - os **conceitos**. (ANJOS, 2008, p. 141)

A **categorização** pressupõe a **divisão**/distribuição **de conceitos** em categorias por meio da análise de facetas. (ANJOS, 2008, p. 141)

[...] *categoria fundamental (fundamental category)* é cada **faceta isolada** considerada como sendo a **manifestação** de uma das cinco categorias ou **idéias fundamentais**: *personalidade, matéria, energia, espaço e tempo*, conhecidas pela sigla PMEST. Nesse sentido, categorias são um conjunto de noções a partir das quais conceitos são classificados por intermédio de análise por facetas, *focos* são os **isolados** comuns depois de serem agrupados em facetas e *análise por facetas* é a técnica de separar os vários elementos de um assunto complexo em relação a um conjunto de conceitos fundamentais abstratos. (ANJOS, 2008, p. 147, grifo nosso).

[...] pode-se considerar *análise por facetas* como procedimento lógico de **análise** e **organização** de campos conceituais (**assuntos**) para determinar quais características são mais apropriadas para **dividir**

assuntos, relacionando-os às cinco categorias ou facetas fundamentais pelas quais uma classe principal pode ser dividida. (ANJOS, 2008, p. 148, grifo nosso)

[História da Classificação dos Dois Pontos] A *Colon Classification* (CC), ou Classificação dos Dois Pontos, elaborada por Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892-1972) quando retorna à Índia depois do período de estudos com Berwick Sayers, na Inglaterra, estudos fundamentados na **Teoria da Classificação**, que tinha por **suporte a lógica aristotélica**, constitui o primeiro sistema de classificação bibliográfica geral embasado no princípio analítico-sintético (esquema facetado ou de análise por facetas), o que significou uma revolução na construção de esquemas classificatórios, tornando-se um **marco histórico** na Teoria da Classificação. (ANJOS, 2008, p. 196, grifo nosso)

A CC não era um esquema derivado hierarquicamente, mas um conjunto de **tabelas independentes**, que podiam ser usadas em combinação para **subdividir** os assuntos. (ANJOS, 2008, p. 196, grifo nosso).

A fim de encontrar uma **base teórica** para a escolha e sequência de facetas no esquema, Ranganathan encontrou a solução ao relacionar o termo *facetas* a um conjunto de noções abstratas fundamentais que chamou de categorias: *time, space, energy, matter* e *personality* (PMEST). Cada **faceta** de uma classe básica é considerada como uma **manifestação concreta** de uma dessas categorias. (ANJOS, 2008, p. 197, grifo nosso).

A CC [*Colon Classification*] é uma **classificação universal**, como a CDD. Mas nela, a **unidade semântica de base** não é mais o assunto, é o **conceito** (chamado de “isolado” dentro da linguagem da CC). As **tabelas** dessa classificação são então **listas de conceitos**. Os termos das listas são hierarquizados, e cada conceito é expresso por um termo linguístico e por um índice alfanumérico. Isso constitui uma primeira classificação, aquela dos termos-conceitos, que é do tipo tradicional e integrado ao sistema (às tabelas das facetas por domínio). Essa classificação dos assuntos constitui a verdadeira classificação em facetas da CC, do tipo analítico-sintética. Para Ranganathan, essa expressão significa que os documentos são, desde o início, analisados em facetas segundo as categorias da sigla PMEST, pois os **assuntos** são **sintetizados** graças à sintaxe e à notação. (ANJOS, 2008, p. 197, grifo nosso)

A CC é publicada em um volume contendo listas de **isolados comuns**, **classes principais** e suas subdivisões (**subclasses**) e um **índice**. A sua ordem de citação inicia pela faceta mais concreta (a faceta que é citada primeiro determinará o lugar do livro na estante) e é controlada pela fórmula PMEST (Personalidade + Matéria + Energia + Espaço + Tempo). (ANJOS, 2008, p. 200, grifo nosso)

A faceta **Personalidade** é sempre **precedida** da **indicação** de um **domínio** ou de uma disciplina destinada a situar o contexto do documento e que trás o nome de faceta principal. Grosso modo, em outros termos, encontram-se aqui novamente os elementos principais de uma **proposição gramatical**: sujeito ou objeto (Personalidade), verbo (Energia), complemento determinante (Matéria), complementos de tempo e de lugar (Espaço e Tempo). (ANJOS, 2008, p. 200, grifo nosso)

A abordagem rangathaniana da classificação era completamente diferente de todas as anteriores. A intuição genial de Ranganathan foi conceber uma alternativa ao modelo hierárquico rígido das grandes classificações bibliográficas [...] ele **não usava** classes pré- estabelecidas e prontas às quais os títulos tinham de ser relacionados, mas **criava** classes de assuntos somente no **instante** em que um livro era **analisado** segundo os elementos conceituais do seu assunto e **sintetizado** de acordo com fórmulas de facetas aplicadas às disciplinas. (ANJOS, 2008, p. 205, grifo nosso)

A teoria da classificação facetada de Ranganathan baseia-se no argumento de que, em vez de tentar listar todos os assuntos em detalhes, uma classificação deveria primeiramente identificar **classes principais** ou disciplinas, da mesma maneira como os esquemas enumerativos. Então, no interior de cada classe principal ou disciplina seria necessário enumerar ou **listar** somente **conceitos básicos**. Os assuntos, em sua grande maioria, são compostos, o que significa que são formados de duas ou mais facetas. Essas facetas ou elementos de um assunto podem ser específicas para aquele assunto ou comuns para todos os assuntos. (ANJOS, 2008, p. 218, grifo nosso)

Um esquema de classificação facetada não lista assuntos em detalhes como um esquema enumerativo, em vez disso, ele providencia uma caixa de **ferramentas** a partir da qual uma notação para qualquer assunto pode ser **construída**. (ANJOS, 2008, p. 218-219, grifo nosso)

Vínculos

As cinco categorias, nas quais Ranganathan baseou seu sistema de classificação têm sido representadas pela sigla em inglês **PMEST**: personality, matter, energy, space e time. Atente-se para a **semelhança** das categorias aristotélicas: substância, qualidade, quantidade, relação, espaço, tempo, ação, paixão, estado e hábito (ANJOS, 2008, p. 15, grifo nosso).

Para a Ciência da Informação, a noção de categoria, nascida na Filosofia e introduzida na Biblioteconomia por Ranganathan, é de **importância** fundamental para a **estruturação da informação**. As doutrinas ou teorias sobre as categorias nos sistemas filosóficos constituem [um] campo que permanece ainda pouco explorado. Além disso, a sua análise vê-se dificultada pelas diferenças de aceção dos termos entre os filósofos. (ANJOS, 2008, p. 18)

A **influência** da classificação aristotélica dos seres, no âmbito das classificações bibliográficas clássicas, faz-se notar de modo mais incisivo na classificação de Ranganathan que, em seu sistema, incluiu categorias **seguindo o modelo aristotélico** [...] (ANJOS, 2008, p. 96, grifo nosso).

O resgate histórico das classificações filosóficas dos saberes e dos seres permitiu constatar que os conceitos de **classe** e **categoria** têm passado ao léxico filosófico universal, mas os seus **sentidos** não podem ser compreendidos a partir de uma interpretação comum dos termos, senão em conexão com **doutrinas e escolas filosóficas específicas**. (ANJOS, 2008, p. 130)

[...] as duas **acepções** de categoria provenientes da Filosofia (classe mais geral ou princípio de divisão) **aparecem** igualmente na [**Filosofia** e na] **Ciência da Informação**. (ANJOS, 2008, p. 140, grifo nosso).

[...] as duas áreas **Filosofia** (teoria das categorias) e **Biblioteconomia** (Teoria da Classificação) **coincidem** na aceção de categoria. Ao constatar essa **proximidade**, salienta-se que essa proximidade **não é assumida**, afirmada ou explorada pela Teoria da Classificação, que no entanto, utiliza conceitos oriundos da Filosofia. (ANJOS, 2008, p. 140, grifo nosso).

[História da Classificação dos Dois Pontos] A *Colon Classification* (CC), ou Classificação dos Dois Pontos, elaborada por Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892-1972) quando retorna à Índia depois do

período de estudos com Berwick Sayers, na Inglaterra, estudos fundamentados na **Teoria da Classificação**, que tinha por **suporte a lógica aristotélica**, constitui o primeiro sistema de classificação bibliográfica geral embasado no princípio analítico-sintético (esquema facetado ou de análise por facetas), o que significou uma revolução na construção de esquemas classificatórios, tornando-se um **marco histórico** na Teoria da Classificação. (ANJOS, 2008, p. 196, grifo nosso)

A categoria **personalidade é equivalente à substância aristotélica**, ou seja, a primeira atribuição do ser. Para Aristóteles o ser se diz em uma pluralidade de sentidos e esses sentidos do ser é que são denominados categorias. Ranganathan recorre à concepção aristotélica e à tradição das antigas escolas Mimansa e Prabhakara para **extrair** daí a **fórmula** que permite **agrupar** itens do **conhecimento** (categorias fundamentais). (ANJOS, 2008, p. 202-203, grifo nosso)

Categoria não faz parte de uma construção rígida e consagrada que segue padrões pré-estabelecidos. Ela é aplicada a uma coleção de assuntos isolados. É pragmática e mais operacional; reúne, mas não explica, apenas descreve. É um critério compreensivo ou descritivo das coisas. Designa uma propriedade em estado puro, não-aplicada. Nomeia agrupamentos de termos elaborados de acordo com um ponto de vista. **Categoria** se inventa (aspecto pragmático) e se constrói, agrupando elementos sob um determinado ponto de vista. É mais livre, autônoma. É um critério de divisão estabelecido a partir de uma **proposta classificatória específica**, particular, usado para reunir os grupos conforme as suas semelhanças. Estabelecer categorias (grupos de conceitos) de uma área do conhecimento é ter a visão do todo, é levantar o seu sistema conceitual para, a partir daí, por meio de análises por facetas proceder a uma ordenação sistemática de conceitos (termos). Quando desenvolvidas de acordo com a natureza dos conceitos são denominadas facetas. Categoria (não-aplicada) ou faceta (aplicada) é um **nível de análise específico e parcial** de um **objeto**. Aristóteles chamou de categorias ou predicamentos os 10 gêneros supremos (idéias que se tem das coisas). Ranganathan chamou de categorias ou facetas fundamentais os cinco aspectos da realidade. (ANJOS, 2008, p. 251)

Deve-se acrescentar ainda um ponto positivo, em contraponto à pouca consistência terminológica que está presente em muitos projetos de organização da informação: a do **ganho** que se tem quando **se explicitam os critérios utilizados para agrupar ou dividir determinados conceitos**, ou seja, a **explicitação das categorias**. A explicitação de critérios ressalta a relatividade de qualquer organização

da informação, mas, ao mesmo tempo, confere ao usuário condições para entender porque a informação foi organizada de uma maneira e não de outra. Assim como a relatividade do produto da classificação deve ser assumida, esse fato representa um ganho para o usuário, que passa a ter condições para **avaliar o produto**, isto é, a informação organizada, já que os critérios utilizados lhe foram comunicados. (ANJOS, 2008, p. 259, grifo nosso)

APÊNDICE K – Extração de dados do artigo 8 da revisão sistemática da literatura

ARTÊNCIO, L. M. **Princípios de categorização nas linguagens documentárias**. São Paulo, 2007. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo.

Fenômeno estudado

Não contempla. Sugere que seja os princípios de categorização nas linguagens documentárias

Ranganathan partiu para a construção da Colon Classification baseando-se num “universo” de entidades (seres concretos e conceituais), no qual cada entidade possuía muitos atributos, que por sua vez poderiam servir como características para a divisão do universo em grupos ou classes. (ARTÊNCIO, 2007, p. 68-69)

Problema

Não contempla.

Questão/objetivos

Questão

Não contempla.

Objetivo(s)

[...] levantar aspectos que nos parecem significativos para promover a discussão dos principais fundamentos contemporâneos ou não, sobre a categorização no domínio do processo documentário, aliando tais princípios às formas sociais de organização da informação; aproximarmos as origens do conceito de categorização na filosofia às questões documentárias; compreender o funcionamento da categorização e verificar como a noção foi explorada na elaboração de linguagens documentárias em diversos momentos.

Revisão de literatura

Na doutrina de Aristóteles, termo ou categoria é “aquilo que serve para designar uma coisa”, ou seja, palavras não combinadas com outras e que aparecem em tudo quanto pensamos e dizemos (CHAUÍ, 1995 apud ARTÊNCIO, 2007, p. 26).

[...] as “categorias são as grandes classes, os grandes tipos de fenômenos presentes no conhecimento em geral ou numa de suas partes” (PIEIDADE, 1977, p. 12 apud ARTÊNCIO, 2007, p. 60).

[...] a **ciência da classificação aristotélica** em **gêneros, espécies e sub-espécies** [...] constitui a doutrina de Predicação e da Substância Primária, responsável pelos conceitos da conjunção de tributos e disjunção de substâncias primárias. (variável Aristóteles) (SHERA, 1957 apud ARTÊNCIO, 2007, p. 17, grifo nosso)

Segundo Dahlberg (1972 apud ARTÊNCIO, 2007, p. 67-68), Ranganathan mudou o sentido de sistemas de classificação que, de apresentação sistemática de classe, passam a focar os conceitos relativos a objetos (coisas, fenômenos, processos, acontecimentos, atributos, etc.).

Para Dahlberg (1979 apud ARTÊNCIO, 2007, p. 69), a metodologia de Ranganathan foi fortemente influenciada por sua formação matemática e pelas crenças no misticismo, marca da cultura hindu.

Para Dahlberg (1979 apud ARTÊNCIO, 2007, p. 69) a primeira contribuição importante para a nova Teoria da Classificação foi a identificação de três planos distintos com os quais se trabalha num processo de classificação: o “plano da idéia”, no qual ocorre a formação dos conceitos, o “plano verbal” relacionado com a expressão verbal dos conceitos, e o “plano notacional” compreendido pela utilização de sinais, letras e números para a fixação dos conceitos.

[Para Dahlberg (1979 apud ARTÊNCIO, 2007, p. 69)] A segunda contribuição de Ranganathan compreende o uso de “facetas” (categorias desenvolvidas de acordo com a natureza dos conceitos) para realizar a representação do assunto de acordo com a LD adotada.

Conforme Vickery, citado por Grolier, pode-se **identificar** a categoria **Personalidade** à idéia de **substância** aristotélica. (variável vínculos) (ARTÊNCIO, 2007, p. 79, grifo nosso)

Para Grolier, no entanto, em **Personalidade** são tratados os **objetos de estudo** de uma disciplina determinada, tal como eles servem comumente de base à **divisão** tradicional dessa **disciplina** ou como a CC considera como mais prática. Segundo seu ponto de vista, a personalidade não é, assim, considerada, como tendo um valor teórico, mas como constituindo uma simples **etiqueta** colocada sobre as **características das coisas**, de modo mais ou menos arbitrário, para constituir as divisões hierárquicas de primeiro nível numa classificação que procura exprimir diferentes pontos de vista, mas que admite

como indispensável a existência de uma ordem fixa e imutável entre os seus elementos. (variável Ranganathan) (ARTÊNCIO, 2007, p. 79, grifo nosso)

Segundo Grolier, as divisões sob Personalidade nas diversas classes principais da CC mostram que se trata apenas de uma **racionalização a posteriori** de um **método absolutamente prático** (GROLIER, 1962, p. 49 apud ARTÊNCIO, 2007, p. 79, grifo nosso). (variável Ranganathan)

Perspectiva teórica

[...] a categorização é um processo essencial para a organização do conhecimento, da informação e de sua representação. As categorias são conceitos de alta generalização [...] (ARTÊNCIO, 2007, p. 13)

[...] nas LD as categorias são agrupamentos pragmáticos que manifestam particularidades em relação às áreas do conhecimento ou de atividade não havendo normalmente a adequação aos princípios da verificabilidade. De fato, as categorias usadas na Documentação não são universais, mas servem a propósitos institucionais ou pontos de vista. (ARTÊNCIO, 2007, p. 13)

[...] a categorização se reveste de aspectos sócio-cognitivos que as diferenças culturais lhe imprimem, um dos motivos que nos estimularam a investigar sobre o tema, levando-nos a observar os critérios utilizados para definir as categorias pelas correntes de pensamento contemporâneas mais significativas que trabalham a questão (ARTÊNCIO, 2007, p. 14)

O **valor** das **estruturas classificatórias aristotélicas** encontradas nas **LDs** e em outras ferramentas de informação é **discutível**. (variáveis Aristóteles e vínculos) (ARTÊNCIO, 2007, p. 17, grifo nosso)

A questão da categorização se rebate nas **atividades de classificação** e de **categorização** das informações e, **baseadas ou não** nas **categorias filosóficas**, **sempre se remetem a ela**. Eis que não é possível falar em categorização na área de CI sem nos reportarmos às origens do conceito de categoria na filosofia. (variável vínculos) (ARTÊNCIO, 2007, p. 21, grifo nosso)

É exatamente na atividade filosófica que a discussão sobre categorias ocorre de modo privilegiado [...] (ARTÊNCIO, 2007, p. 23)

[...] Aristóteles é apontado como aquele que se aprofundou sobre a questão das **categorias** para propor a **primeira classificação geral** do conhecimento ou das ciências. [...] Aristóteles elaborou os preceitos da Lógica que empregava princípios de categorização na busca por uma classificação que compreendesse **todas as áreas do conhecimento**. (variável Aristóteles) (ARTÊNCIO, 2007, p. 23, grifo nosso)

Como fundador da **Lógica**, Aristóteles não a considerava uma ciência teórica, nem prática ou produtiva, mas sim um **instrumento para as ciências**, o que explica por que o conjunto das obras lógicas aristotélicas recebeu o nome de **Órganon**, palavra grega que significa ‘instrumento’. (variável Aristóteles) (ARTÊNCIO, 2007, p. 24, grifo nosso)

[...] o **objeto de estudo** da lógica são os **elementos** que constituem uma **proposição** (as categorias). (variável Aristóteles) (ARTÊNCIO, 2007, p. 24, grifo nosso)

Para o Estagirita, as **categorias** ou termos são **empregados** para **indicar o que** uma coisa **é** ou **faz**, expressando o que nossa percepção e nosso pensamento **captam** imediata e diretamente numa **coisa**. (variável Aristóteles) (ARTÊNCIO, 2007, p. 26, grifo nosso)

Vejamos [...] a contribuição que a Ciência Cognitiva oferece sobre a questão das categorias (ARTÊNCIO, 2007, p. 42)

[...] em vez de considerar as categorias como estruturas estáveis e claramente definidas como faz a teoria clássica, a teoria dos protótipos as concebe como estruturas de atributos (traços) graduáveis e com limites difusos. (ARTÊNCIO, 2007, p. 45)

A classificação divide o universo de entidades num sistema de classes arbitrário e desigual cujo arranjo dentro do contexto conceitual é definido por um conjunto de princípios estabelecidos. O fato é que nem o contexto e nem a composição dessas classes alteram as bases para a estabilidade de referência dada por um sistema de classificação. Em comparação, a categorização divide o mundo da experiência em grupos ou categorias cujos membros sustentam algumas semelhanças imediatas dentro de um dado contexto. (ARTÊNCIO, 2007, p. 57)

Na perspectiva que preferimos adotar, a classificação é um processo que pressupõe a distribuição de elementos segundo características tomadas como padrão; a categorização é um procedimento focado nas propriedades atribuídas a um termo que se refere a um objeto ou fenômeno. (ARTÊNCIO, 2007, p. 57)

A **possibilidade** de **ampliar** as **combinações de assuntos** e de buscar consistência para uma classificação bibliográfica foi o que motivou Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892-1972) a **elaborar** a Colon Classification [...] (variável Ranganathan) (ARTÊNCIO, 2007, p. 67, grifo nosso)

O investimento de Dahlberg, que certamente se deve, também, às reflexões de Ranganathan, culmina numa proposta própria que é bastante significativa no âmbito da Teoria da Classificação e, de modo derivado, fundamental para os estudos sobre categorização. Partindo da constatação de que um sistema de classificação denota ordenação, que tanto pode ser relativa a elementos naturais (de documentos) quanto a conceitos, Dahlberg formula as bases da teoria do conceito. Em inúmeros trabalhos, a autora se dedica a apresentar sua teoria, cuja particularidade é colocar, não mais o 'assunto' como elemento central da classificação, mas o 'conceito', ou 'conceitos', que o compõem. Por meio da proposta, é possível se aproximar mais da idéia de categoria, até então embrionariamente colocada. (ARTÊNCIO, 2007, p. 71)

A categoria **Energia** trata geralmente de **problemas e ações**, diferentemente manifestadas conforme as **classes de assunto** onde **ocorrem**: por exemplo, em mecânica, diz respeito ao movimento, ao equilíbrio, à vibração; já em astronomia, cronologia, geodésia, astronomia esférica, física, teórica, cosmogonia. Em física, diz respeito a problemas, como por exemplo, radiação, propagação, dispersão etc. (variável Ranganathan) (ARTÊNCIO, 2007, p. 79-80)

A terceira categoria geral é **Matéria**, e diz respeito aos **materiais de construção, constituição**, como por exemplo, a matéria de que são feitas as esculturas, em Artes, ou os instrumentos, na Música, por exemplo. (variável Ranganathan) (ARTÊNCIO, 2007, p. 80)

As categorias **Tempo e Espaço** tratam, respectivamente, de **divisões temporais e geográficas**, tanto distribuídas pelas classes de assunto como fazendo parte de uma tabela em separado. (variável Ranganathan) (ARTÊNCIO, 2007, p. 80)

Processo de coleta de dados

Não contempla

Natureza dos dados

Conceituais e filosóficos

Validação dos dados

Avaliação por pares

Processo de coleta de achados

Não contempla

Achados

[...] as **categorias** são **grupos de termos de alta generalização**, uma vez que ainda **não** se encontram “**aplicadas**”. (variável Aristóteles) (ARTÊNCIO, 2007, p. 27, grifo nosso)

Mudar radicalmente o conceito de categoria significa não somente alterar o conceito da estrutura e de compreender o modo de funcionamento da mente, mas implica repensar nossa compreensão sobre o mundo. (ARTÊNCIO, 2007, p. 47)

[...] a contribuição de Ranganathan foi fundamental para **caracterizar o conceito único** e sua capacidade de **combinação** para **representar o conhecimento** que o homem tem do mundo, como objeto da ciência da classificação. (variável Ranganathan) (ARTÊNCIO, 2007, p. 69)

A **utilidade** reconhecida pelo emprego das **categorias** garante a consistência do sistema de conceitos em determinada disciplina e tem como **finalidade a representação dos assuntos** e a **ordenação dos conceitos** de uma disciplina em **classes** formais. (variável Ranganathan) (ARTÊNCIO, 2007, p. 70)

Processo de Interpretação dos achados

Não contempla.

Interpretação dos achados

As discussões sobre classificação se dão, também, em torno de propostas específicas, como a formulada por Ranganathan, que acabou inaugurando uma nova fase na história da Teoria da Classificação. [...] Observa-se que, com a *Colon Classification*, de Ranganathan, passa-se a observar melhor a possibilidade da **combinação** de **aspectos** de um assunto, ou de **conceitos simples** para a **formação** de **conceitos complexos**, o que certamente terá **influências** no conceito de **categorização** do ponto de vista **pragmático**. (variável Ranganathan) (ARTÊNCIO, 2007, p. 66-67, grifo nosso)

Cuidados éticos

Não contempla por ser pesquisa documental em Ciência da Informação

Implementações dos estudos

Não contempla.

Formato de apresentação das informações

Textual e figuras

Limitações dos estudos

Não contempla.

Método (coleta e análise)

Método de coleta: Não contempla. Sugere que seja revisão de literatura

Método de análise: Não contempla.

Apresentação das categorias com respaldo teórico

Sim

Aplicação das categorias

Não contempla.

Aristóteles

[...] a **ciência da classificação aristotélica** em **gêneros, espécies e sub-espécies** [...] constitui a doutrina de Predicação e da Substância Primária, responsável pelos conceitos da conjunção de tributos e disjunção de substâncias primárias. (ARTÊNCIO, 2007, p. 17, grifo nosso)

O **valor** das **estruturas classificatórias aristotélicas** encontradas nas **LDs** e em outras ferramentas de informação é **discutível**. (ARTÊNCIO, 2007, p. 17, grifo nosso)

[...] Aristóteles é apontado como aquele que se aprofundou sobre a questão das **categorias** para propor a **primeira classificação geral** do conhecimento ou das ciências. [...] Aristóteles elaborou os preceitos da Lógica que empregava princípios de categorização na busca por uma classificação que compreendesse **todas as áreas do conhecimento**. (ARTÊNCIO, 2007, p. 23, grifo nosso)

Como fundador da **Lógica**, Aristóteles não a considerava uma ciência teórica, nem prática ou produtiva, mas sim um **instrumento para as ciências**, o que explica por que o conjunto das obras lógicas aristotélicas recebeu o nome de **Órganon**, palavra grega que significa ‘instrumento’. (ARTÊNCIO, 2007, p. 24, grifo nosso)

[...] o **objeto de estudo** da lógica são os **elementos** que constituem uma **proposição** (as categorias). (ARTÊNCIO, 2007, p. 24, grifo nosso)

Para o Estagirita, as **categorias** ou termos são **empregados** para **indicar o que** uma coisa **é** ou **faz**, expressando o que nossa percepção e nosso pensamento **captam** imediata e diretamente numa **coisa**. (ARTÊNCIO, 2007, p. 26, grifo nosso)

[...] as **categorias** são **grupos de termos de alta generalização**, uma vez que ainda **não** se encontram “**aplicadas**”. (ARTÊNCIO, 2007, p. 27, grifo nosso)

Ranganathan

As discussões sobre classificação se dão, também, em torno de propostas específicas, como a formulada por Ranganathan, que acabou inaugurando uma nova fase na história da Teoria da Classificação. [...] Observa-se que, com a *Colon Classification*, de Ranganathan, passa-se a observar melhor a possibilidade da **combinação** de **aspectos** de um assunto, ou de **conceitos simples** para a **formação** de **conceitos complexos**, o que certamente terá **influências** no conceito de **categorização** do ponto de vista **pragmático**. (ARTÊNCIO, 2007, p. 66-67, grifo nosso)

A **possibilidade** de **ampliar** as **combinações de assuntos** e de buscar consistência para uma classificação bibliográfica foi o que motivou Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892-1972) a **elaborar** a Colon Classification [...] (ARTÊNCIO, 2007, p. 67, grifo nosso)

[...] a contribuição de Ranganathan foi fundamental para **caracterizar** o **conceito único** e sua capacidade de **combinação** para **representar o conhecimento** que o homem tem do mundo, como objeto da ciência da classificação. (ARTÊNCIO, 2007, p. 69)

A **utilidade** reconhecida pelo emprego das **categorias** garante a consistência do sistema de conceitos em determinada disciplina e tem como **finalidade** a **representação dos assuntos** e a **ordenação dos conceitos** de uma disciplina em **classes** formais. (ARTÊNCIO, 2007, p. 70)

A categoria **Energia** trata geralmente de **problemas** e **ações**, diferentemente manifestadas conforme as **classes de assunto** onde **ocorrem**: por exemplo, em mecânica, diz respeito ao movimento, ao equilíbrio, à vibração; já em astronomia, cronologia, geodésia, astronomia esférica, física, teórica, cosmogonia. Em física, diz respeito a problemas, como por exemplo, radiação, propagação, dispersão etc. (ARTÊNCIO, 2007, p. 79-80)

A terceira categoria geral é **Matéria**, e diz respeito aos **materiais de construção, constituição**, como por exemplo, a matéria de que são feitas as esculturas, em Artes, ou os instrumentos, na Música, por exemplo. (ARTÊNCIO, 2007, p. 80)

As categorias **Tempo** e **Espaço** tratam, respectivamente, de **divisões temporais** e **geográficas**, tanto distribuídas pelas classes de assunto como fazendo parte de uma tabela em separado. (variável Ranganathan) (ARTÊNCIO, 2007, p. 80)

Para Grolier, no entanto, em **Personalidade** são tratados os **objetos de estudo** de uma disciplina determinada, tal como eles servem comumente de base à **divisão** tradicional dessa **disciplina** ou como

a CC considera como mais prática. Segundo seu ponto de vista, a personalidade não é, assim, considerada, como tendo um valor teórico, mas como constituindo uma simples **etiqueta** colocada sobre as **características das coisas**, de modo mais ou menos arbitrário, para constituir as divisões hierárquicas de primeiro nível numa classificação que procura exprimir diferentes pontos de vista, mas que admite como indispensável a existência de uma ordem fixa e imutável entre os seus elementos. (ARTÊNCIO, 2007, p. 79, grifo nosso)

Segundo Grolier, as divisões sob Personalidade nas diversas classes principais da CC mostram que se trata apenas de uma **racionalização a posteriori** de um **método absolutamente prático** (GROLIER, 1962, p. 49 apud ARTÊNCIO, 2007, p. 79, grifo nosso).

Vínculos

O **valor** das **estruturas classificatórias aristotélicas** encontradas nas **LDs** e em outras ferramentas de informação é **discutível**. (ARTÊNCIO, 2007, p. 17, grifo nosso)

A questão da categorização se rebate nas **atividades de classificação** e de **categorização** das informações e, **baseadas ou não** nas **categorias filosóficas**, **sempre se remetem a ela**. Eis que não é possível falar em categorização na área de CI sem nos reportarmos às origens do conceito de categoria na filosofia. (ARTÊNCIO, 2007, p. 21, grifo nosso)

Conforme Vickery, citado por Grolier, pode-se **identificar** a categoria **Personanalidade** à idéia de **substância** aristotélica. (ARTÊNCIO, 2007, p. 79, grifo nosso)

APÊNDICE L – Extração de dados do artigo 9 da revisão sistemática da literatura

ARANALDE, M. M. Reflexões sobre os sistemas categoriais de Aristóteles, Kant e Ranganathan. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 38, n. 1, p. 86-108, 2009.

Fenômeno estudado

Não contempla. Sugere que sejam os sistemas categoriais de Aristóteles, Kant e Ranganathan

Problema

Não contempla. Sugere que seja o problema da classificação e organização do saber registrado em seus mais variados tipos de suportes na gestão de informações.

Questão/objetivos

Questão

Não contempla. Sugere que seja de que modo as categorias se apresentam como instrumentos imprescindíveis para orientar as ações dos profissionais que trabalham com a organização da informação?

Objetivos

O objetivo deste trabalho [...] [é] apresentar as categorias e analisá-las segundo cada um dos autores escolhidos.

Não contempla mais objetivos, mas sugere que sejam:

- contribuir para uma reflexão sobre o processo de organização das informações tendo o foco direcionado para as categorias caracterizadas como os princípios classificatórios que possibilitam a consecução desta tarefa;
- estabelecer relações entre as categorias apresentadas em dois sistemas filosóficos de classificação – o aristotélico e o kantiano –, juntamente com as categorias formuladas pelo

bibliotecário indiano Shiyali Ramamrita
Ranganathan para orientar a identificação,
classificação e organização do conhecimento registrado;

- apresentar a concepção dos pensadores sobre as categorias;
- constituir uma reflexão e uma tentativa de identificar problemas, soluções e perspectivas envolvidas na classificação e na organização do conhecimento.

Revisão de literatura

As reflexões de Ranganathan se cristalizam, como bem salienta Vickery (1980 apud ARANALDE, 2009, p. 89), nos maiores desenvolvimentos teóricos apresentados para a teoria da classificação do século 20.

As categorias são apresentadas neste trabalho segundo a definição oferecida por Caygill (2000a, p. 50 – grifos do autor apud ARANALDE, 2009, p. 90) como “as formas de acordo com as quais os objetos de experiência são estruturados e ordenados. O termo grego clássico *Kategorein* significava ‘acusar’, ‘dizer de’ ou ‘julgar’ [...]”

Esclarece Souza (1998 apud ARANALDE, 2009, p. 90) que o objetivo específico e justificadamente pragmático das categorias rangathanianas é oferecer bases para certo tipo de organização do conhecimento.

Salienta Vickery (1980, p. 188 apud ARANALDE, 2009, p. 91) que o sistema de classificação elaborado pelo filósofo Aristóteles “[...] foi a estrutura do conhecimento por aproximadamente dois mil anos [...]”, servindo de modelo para muitos sistemas de classificação e sendo adaptado conforme os pressupostos básicos e objetivos de cada um dos novos sistemas desenvolvidos desde então.

Driscoll (2005 apud ARANALDE, 2009, p. 91), por sua vez, acredita na autenticidade do Tratado das Categorias, mas concede que é uma obra da juventude do pensador, enquanto a Metafísica é uma obra indubitavelmente madura do filósofo grego.

Aristóteles anuncia que “[...] o ser se diz de muitos modos [...]” (1998, p. 151 – tradução nossa apud ARANALDE, 2009, p. 92).

[...] em quantos são os modos em que se diz, tantos são os significados do ser [...] quanto aos predicados, uns significam essências, outros qualidade, outros quantidade, outros relação, outros agir ou padecer, outros lugar e outros tempo, o ser significa o mesmo que cada um destes (ARISTÓTELES, 1998, p. 245 – tradução nossa apud ARANALDE, 2009, p. 92).

[...] o termo ‘substância’ [s de Aristóteles] é atribuído [...] a uma categoria de coisas, distinguida no seio do próprio real. Ele separa nos seres aquilo que é substância daquilo que não é por meio de uma definição que fixa os caracteres próprios dela (MANSION, 2005, p. 75 apud ARANALDE, 2009, p. 93).

As categorias de Aristóteles, retomadas com ligeiras alterações por Ranganathan e que propiciam a análise dos conceitos em ângulos diversos de abordagem, as facetas, têm sido consideradas por muitos como uma alternativa para a organização semântica (ALVARENGA, 2006, p. 97 apud ARANALDE, 2009, p. 105)

Xiao (1994 apud ARANALDE, 2009, p. 99) considera que os classificacionistas anteriores [à Ranganathan] construíram esquemas tendo por base sistemas de áreas especializadas.

Campos (2001, p. 32 apud ARANALDE, 2009, p. 99) “[os sistemas anteriores ao de Ranganathan só permitiam representar o conhecimento já estabelecido], pois neles “[...] não ocorre a ligação entre o conhecimento e as classificações, mas entre os assuntos dos documentos e as classificações”.

O caminho para se chegar aos princípios últimos de uma classificação que abarcasse o desenvolvimento do próprio conhecimento e sua projeção em novas áreas aponta para cinco direções apresentadas em *Prolegomena* (1967, p. 351-358 apud ARANALDE, 2009, p. 100), que são, respectivamente:

- a) dissecação: resulta em classes coordenadas ou em ordem de classes;
- b) laminação: resulta em classes compostas;

- c) desnudação: resulta em classes subordinadas ou em cadeias de classes;
- d) montagem flexível;
- e) superposição: que resulta em combinação de classes através de reunião e agregação.

Ranganathan (1967 apud ARANALDE, 2009, p. 100) afirma que qualquer pessoa tem total liberdade para formular o número de categorias que quiser, desde que elas sejam empiricamente testadas

Com isto, Ranganathan (1967, p. 399 – tradução nossa apud ARANALDE, 2009, p. 101) apresenta o seu postulado das categorias fundamentais: “Há cinco e somente cinco categorias fundamentais: Tempo, Espaço, Energia, Matéria e Personalidade”.

“não podemos saber o que as ‘Categorias Fundamentais’ são.” (RANGANATHAN, 1967, p. 398 – tradução nossa apud ARANALDE, 2009, p. 101).

[...] é difícil definir **Personalidade**, mas é fácil compreender o que ela é; ela corresponde àquilo que chamamos de **faceta primária** e normalmente **inclui coisas**. (variável Ranganathan) (FOSKETT, 1973, p. 266 apud ARANALDE, 2009, p. 102, grifo nosso).

Vickery (1980 apud ARANALDE, 2009, p. 102), por sua vez, salienta que, além da falta de uma definição mais palpável, a teoria se ressentia da carência de uma análise mais apurada de suas relações com as demais categorias. Em termos gerais, no entanto, considera-as instrumentos úteis e satisfatórios para uma análise adequada dos assuntos de um documento, pois, como princípios elementares, servem de orientação para que a análise possa ser iniciada.

[...] a manifestação da categoria fundamental ‘Personalidade’ é facilmente determinável por não ser de ‘Tempo’, de ‘Espaço’, de ‘Energia’ ou ‘Matéria’ [...] este é o método dos resíduos (RANGANATHAN, 1967, p. 401 – tradução nossa apud ARANALDE, 2009, p. 103).

Perspectiva teórica

A gestão de informações se caracteriza, entre outras atividades igualmente importantes, pela reflexão sobre formas de ordenar o conhecimento. Assim, um dos seus focos de atenção recai exatamente sobre o problema da classificação e organização do saber registrado em seus mais variados tipos de suportes, pois é necessário identificar, selecionar e disponibilizar o patrimônio intelectual da humanidade de modo organizado e preciso. (ARANALDE, 2009, p. 87)

[...] classificar significa identificar entidades, reunindo as semelhantes, separando as diferentes e, por meio deste processo, organizá-las. Esta organização, é claro, não ocorre espontaneamente, mas vem primeiro através do pensamento, tendo sua consecução na forma de uma ação racional. Nesse processo intelectual, as categorias são concebidas como elementos possibilitadores de sua plena efetivação. (ARANALDE, 2009, p. 87)

As categorias são identificadas como conceitos elementares, isto é, como princípios que permitem identificar as notas essenciais que caracterizam um objeto do conhecimento. A partir desta operação mental de identificação, é possível formular conceitos empíricos, ou seja, buscar uma equivalência entre como o objeto se apresenta e a representação mental que se faz dele e de suas relações com outros objetos. As categorias são concebidas como metaconceitos que permitem a efetiva conceitualização de objetos passíveis de serem conhecidos, organizados e classificados. Portanto, elas são elementos intermediários entre os conceitos e a realidade cognoscível. (ARANALDE, 2009, p. 87)

Formular representações do conhecimento é uma capacidade de que o pensamento humano dispõe para organizar e classificar a realidade. Este processo inicia pelo uso de categorias, as quais são expressões lógico-linguísticas de determinada junção da realidade; o uso de tais expressões possibilita ordenar as informações referentes aos diversos modos como a compreendemos. Com isto, as categorias se apresentam como instrumentos imprescindíveis para orientar as ações dos profissionais que trabalham com a organização da informação. (ARANALDE, 2009, p. 87)

A escolha dos autores abordados neste artigo se pautou por dois motivos básicos. O primeiro diz respeito ao fato de os três pensadores estarem envolvidos com práticas biblioteconômicas. O segundo motivo está relacionado à constatação de que os autores elaboraram formulações teóricas reconhecidamente relevantes que indicam as categorias como princípios básicos e essenciais para a organização do conhecimento. (ARANALDE, 2009, p. 87)

Pioneiro na apresentação de um **sistema categorial**, **Aristóteles** nasceu no primeiro ano da 99ª olimpíada (384a.C) em Estagira, situada na costa oriental da Macedônia, à época colônia setentrional da Grécia. (variável Aristóteles) (ARANALDE, 2009, p. 88, grifo nosso)

Shiyali Ramamrita Ranganathan nasceu em 1892, na pequena aldeia de Shialy, na Índia meridional. Foi acima de tudo um estudioso: bacharel e mestre em matemática pelo Madras Christian College, diplomou-se ainda como **professor de língua inglesa**, lecionando em diversos colégios de Madras. Chamado para exercer as funções de **bibliotecário** da *Madras University*, foi submetido ao que hoje chamaríamos de uma **especialização em biblioteconomia** em prestigiada universidade inglesa. (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 88-89, grifo nosso)

Os períodos de **estudos** na **Inglaterra** e a própria **prática profissional** lhe permitiram refletir sobre os **problemas** enfrentados pelos bibliotecários na tarefa de **organizar o conhecimento** registrado. (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 89, grifo nosso)

[...] as categorias, como objeto de estudo deste artigo, são concebidas como conceitos mais elementares a partir dos quais se podem formar outros conceitos. (ARANALDE, 2009, p. 89)

As categorias se constituem como condição de possibilidade para certos juízos básicos que emitimos sobre o mundo na tentativa de interpretá-lo e compreendê-lo. Elas permitem descrever o mundo e as coisas que o compõem. Partindo de tal perspectiva, podem ser compreendidas como unidades cognitivas que guiam a apreensão da multiplicidade, pois é sob tais unidades que distinguimos e classificamos os vários modos em que o ser se apresenta, operando a separação, a conjunção e a classificação do variegado de seres que preenche o mundo. (ARANALDE, 2009, p. 89)

[...] se classificar pressupõe categorizar, as categorias enquanto elementos imprescindíveis para a classificação são as maneiras como se pode identificar e falar das coisas, possibilitando a elaboração de classes mais gerais em que são ordenados os seus predicados. A formação destas classes gerais pressupõe a delimitação das notas características das coisas, isto é, de traços fixos, mediante os quais elas podem ser reconhecidas como semelhantes ou dessemelhantes, coincidentes ou não coincidentes, possibilitando reuni-las em uma classe similar, separando as distintas e as distribuindo em outras classes. É exatamente isto que as categorias permitem: dizer o que é e o que não é. (ARANALDE, 2009, p. 90)

[...] as categorias são caracterizadas como recortes que o pensamento humano faz da realidade, sendo um produto lógico, isto é, um produto do pensamento e de sua expressão: a linguagem. Como unidades cognitivas, elas são, portanto, princípios fundamentais para os processos intelectuais de identificar, entender e organizar as coisas do mundo. (ARANALDE, 2009, p. 90)

O primeiro trabalho sistemático de **elaboração** e de abordagem de **categorias** para a **organização do conhecimento** nos foi oferecido por Aristóteles [...] (variável Aristóteles) (ARANALDE, 2009, p. 90, grifo nosso)

O bibliotecário indiano Ranganathan, por seu turno, concebe e elabora as **categorias** em **sentido** bastante **restrito**, mas não menos importante: no âmbito de **identificação, classificação e organização** dos **registros** produzidos pelos seres humanos em suas atividades teóricas e práticas. (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 90, grifo nosso)

Ranganathan concebe que apenas uma **classificação dos registros humanos** pode e deve ser feita para **atender a todos os propósitos**. Para efetuar esta tarefa, indica que **qualquer assunto** a ser classificado será **sempre a manifestação** de **cinco categorias** básicas ou fundamentais, caracterizadas como conceitos de alta generalidade e larga aplicação, os quais servem de estrutura a um esquema de classificação, pois sob eles se podem reunir outros conceitos. (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 90, grifo nosso)

Após a importante identificação das categorias como instrumentos para conhecimento do mundo, esta concepção caiu gradualmente em desuso. Muito disto se deve à tentativa dos pensadores medievais, profundos conhecedores da filosofia grega, de tentar adequar e reconciliar a terminologia aristotélica à escolástica. É bem verdade que diversos estudiosos medievais interpretaram e reformularam as categorias aristotélicas, concebendo-as como ‘gêneros supremos’ e oferecendo importantes subsídios para a reflexão filosófica. (ARANALDE, 2009, p. 90)

Por causa das características anteriormente abordadas, as categorias fundamentais podem ser aplicadas à classificação do conhecimento existente. Além disto, possibilitam a criação de ferramentas destinadas a resolver os problemas enfrentados nos processos de produção, representação e organização do conhecimento, como os tesouros e sistemas de classificação documentária. (ARANALDE, 2009, p. 91)

O sistema aristotélico de classificação surgiu pela necessidade de abarcar e expressar a realidade de modo organizado e preciso. Para isto, tal sistema buscou a identificação e o estabelecimento de **conceitos básicos** que orientassem os **agrupamentos** e as **partições** do real operado pelo pensamento humano, ou seja, de categorias primordiais. Esse trabalho do filósofo grego, no que se refere à função das categorias na organização e na **classificação do conhecimento** existente, mostra-se, ainda hoje, como importante objeto de estudo para fundamentar e compreender a teoria da classificação. (variável Aristóteles) (ARANALDE, 2009, p. 91, grifo nosso)

A classificação embasada pelas **categorias** elaboradas por **Aristóteles** busca responder à questão sobre **o que há no mundo**. Entretanto, não se trata simplesmente de inventariar as coisas que estão ao redor [...] (variável Aristóteles) (ARANALDE, 2009, p. 91, grifo nosso)

No sistema aristotélico, as **categorias** servem de **fundamento ao conhecimento das coisas**. Elas são os princípios básicos que tornam o conhecimento possível, partindo de uma perspectiva que concebe o mundo como um todo integrado de causas e efeitos, em que as coisas e as suas propriedades essenciais, seus estados, processos e relações podem e devem ser reveladas pelo trabalho intelectual. (variável Aristóteles) (ARANALDE, 2009, p. 91, grifo nosso)

Desta perspectiva, **utilizar** as **categorias** é identificar unidades básicas de sentido. Essas unidades permitem **apreender** conceitualmente os **objetos** e **dar definições** deles. Assim, Aristóteles estabelece unidades conceituais capazes de dar conta da diversidade e da multiplicidade que o mundo apresenta. O ser não segue um só registro, mas se cinde em diferentes tipos de ‘gêneros supremos’, ou seja, em categorias. A categoria primordial é a da ‘substância’, à qual as demais fazem referência. (variável Aristóteles) (ARANALDE, 2009, p. 91, grifo nosso)

No tocante à **apresentação aristotélica**, será **utilizada** principalmente a **Metafísica** (1998), pois, apesar de as categorias serem apresentadas também na obra denominada *Categorias* (1995) – Tratado das Categorias, a última é motivo de disputa entre os especialistas na área. (variável Aristóteles) (ARANALDE, 2009, p. 91, grifo nosso)

O fato é que Aristóteles apresenta as **categorias** em número de oito na **Física** e na **Metafísica**, ao passo que, no Tratado das Categorias, apresenta em número de dez. (variável Aristóteles) (ARANALDE, 2009, p. 91, grifo nosso)

[Os] **modos [do ser de Aristóteles]** são os seguintes: segundo **ato** e **potência**, segundo o **acidente**, segundo o **verdadeiro** e o **falso** e segundo cada uma das **categorias [...]** (variável Aristóteles) (ARANALDE, 2009, p. 92, grifo nosso)

Sem entrar diretamente na disputa [do número das categorias aristotélicas na Física e na Metafísica], **optou-se** pela **apresentação** feita na **Metafísica**. (variável Aristóteles) (ARANALDE, 2009, p. 91, grifo nosso)

As **figuras da predicação** [de Aristóteles] são as formas como se pode **falar do ser [...]** (variável Aristóteles) (ARANALDE, 2009, p. 92, grifo nosso)

no que concerne às formas categoriais, o **ser se diz** de **oito modos interrelacionados**:

a) substância: que é o modo principal do ser, e que serve de fundamento a todos os outros modos, a saber:

- b) qualidade;
- c) quantidade;
- d) relação;
- e) agir;
- f) sofrer ;
- g) lugar;
- h) tempo.

(variável Aristóteles) (ARANALDE, 2009, p. 92)

A categoria da **substância** é a **principal dentre as categorias** e à qual todas as outras fazem referência (variável Aristóteles) (ARANALDE, 2009, p. 93, grifo nosso)

A **substância** é o **ser no sentido primeiro e fundamental** e, por esta razão, figura no topo da lista das categorias. As oito **categorias** são **recortes** que o pensamento humano faz da **realidade**, sendo elas um produto lógico, isto é, um produto do pensamento e de sua expressão, a linguagem, fidelíssimo às junturas existentes na própria realidade. Isto é possível, pois, aos olhos de Aristóteles, a linguagem está perfeitamente colada ao mundo, sendo, assim, capaz de revelá-lo. (variável Aristóteles) (ARANALDE, 2009, p. 93, grifo nosso)

O **uso da linguagem**, seja através da escrita ou da fala, é efetivado basicamente por **proposições**. Tais proposições são constituídas minimamente pelo que Aristóteles chama de um nome e um verbo, ou no linguajar mais recente, de um sujeito e um predicado. Quando se diz que “Sócrates é branco”, ‘Sócrates’ figura como sujeito e ‘é branco’ como predicado. Falar de **Sócrates** desse modo é identificá-lo como **substância** e ‘branco’ como uma **qualidade pertencente** a ela. Por sua vez, a ‘brancura’ desta substância não pode subsistir por si só, sendo **inteiramente dependente da substância**. (variável Aristóteles) (ARANALDE, 2009, p. 93, grifo nosso)

O mesmo que ocorre com a brancura se dá com as **demais categorias** que designam **seres** cuja **existência** é sempre **parasitária** à existência da substância: por exemplo, o peso e a estatura (categoria da quantidade) de Sócrates dependem de Sócrates para existirem. O tipo de existência das coisas

pertencentes à categoria da relação, tais como “ser mais alto que”, “ser maior que”, “ser o dobro de”, depende da existência de pelo menos duas coisas que existem por si, ou seja, de duas substâncias. Assim, quando uma proposição afirma que Sócrates é mais alto que Xantipa, a relação ‘mais alto que’ depende tanto da existência de Sócrates quanto da de Xantipa, pois o termo relacional, a altura, como já fora dito, não pode existir independentemente do ser de Sócrates e do ser de Xantipa. (variável Aristóteles) (ARANALDE, 2009, p. 93, grifo nosso)

As coisas que recaem sob a categoria da ação dependem igualmente, para existirem, de algo que existe como substância. A **ação de podar** ou de queimar uma árvore, por exemplo, **depende** de um **sujeito substancial**: um homem que opere a poda ou ateie o fogo. Se considerarmos a mesma situação do ponto de vista daquilo que sofre a ação de ser podado ou queimado, a mesma dependência, em relação à categoria da substância, torna-se clara para a categoria do ‘sofrer’, pois o fato de uma árvore ser podada ou queimada, por exemplo, depende da existência da árvore, a qual é uma substância. (variável Aristóteles) (ARANALDE, 2009, p. 93, grifo nosso)

Idêntica **relação parasitária** se dá entre as categorias do **lugar** e do **tempo** em relação à categoria da substância. Os predicados que designam ocupação de lugar no espaço **dependem**, evidentemente, de um sujeito substancial ou, pelo menos, de um sujeito que faça as vezes de uma substância, mesmo que, a rigor, não o seja, como é o caso de todos os artefatos, por exemplo. Esse **sujeito substancial** está sempre em algum lugar, tal como quando se diz que Aristóteles está no Liceu e que Sócrates está na praça. (variável Aristóteles) (ARANALDE, 2009, p. 93, grifo nosso)

Do mesmo modo, todos os predicados pertencentes à categoria do tempo remetem, em última instância, a algo que pertence à categoria da substância. Tendo tudo isto em vista, para poder ser um espelho da realidade, a linguagem precisa estabelecer um comportamento distinto entre a categoria da substância e as demais, visto que a primeira é ser em sentido primordial, ‘**o ser por si**’, pois é dela que depende a existência de todos os outros seres categoriais, ‘**os seres não por si**’. É por esta razão que o representado por ela funcionará como sujeito das proposições e os acidentes como predicados. Deste modo, pode-se observar que as **categorias** revelam a **condição ontológica da realidade** sobre a qual se pensa e se fala por meio delas. (variável Aristóteles) (ARANALDE, 2009, p. 94, grifo nosso)

As **categorias aristotélicas** se mostram, portanto, como **unidades cognitivas** que guiam a **apreensão da multiplicidade**, pois é sob tais unidades que distinguimos e classificamos os vários modos em que o ser se apresenta. Por exemplo, os conceitos que nós temos de homem, de cavalo, de árvore podem ser subsumidos sob um conceito mais geral: a categoria da substância e assim sucessivamente com as demais categorias. Nota-se, então, que para Aristóteles as categorias operam a separação e a classificação do variegado de seres que preenche o mundo. (variável Aristóteles) (ARANALDE, 2009, p. 94, grifo nosso)

É exatamente como **alternativa** a esta **concepção rígida e carente de fundamentos científicos** que Ranganathan desenvolve um trabalho que busca **compatibilizar** uma **classificação flexível**, expansiva e prática com **bases** reconhecidamente **científicas**, sem tornar o sistema inconsistente ou inviável. A compatibilização destes elementos permitirá uma única classificação capaz de atender a todos os propósitos. Nela, os esquemas e as características utilizadas como base para a elaboração de facetas são sempre manifestações de cinco categorias básicas. (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 99, grifo nosso)

Por ‘**categoria**’, a perspectiva ranganathiana compreende um **conceito de alta generalidade** e de **larga aplicação** que serve de **estrutura a um esquema de classificação**, pois sob este esquema se pode **reunir outros conceitos**. Devido a tais características, **categorias** fundamentais podem ser **aplicáveis** a grande parte do conhecimento existente. (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 99, grifo nosso)

‘**Faceta**’, por sua vez, é a **manifestação das categorias em classes distintas**. As facetas pertencem aos assuntos dos documentos, sendo o resultado da aplicação de características que formam um conjunto cujo nome é o termo mais geral. Sob uma faceta recaem **componentes subordinados**, mas com **características particulares**. (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 99, grifo nosso)

As bases formuladas para o estabelecimento da classificação objetivada por Ranganathan incluem princípios que envolvem **três planos de trabalho**: o das **ideias**, o **verbal** e o **notacional**. A este trabalho interessa mais o primeiro nível, no qual se encontra a estratégia de classificação cristalizada na

elaboração das categorias fundamentais, conhecidas pelo acrônimo PMEST – Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo. (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 99, grifo nosso)

Cada **letra** se refere à **inicial de uma das cinco categorias**, conforme a denominação da língua inglesa, idioma em que Ranganathan escreveu suas obras. (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 100, grifo nosso)

A **aplicação** das **categorias** está direcionada para uma **análise estrutural da organização documentária** como resposta às questões sobre como os assuntos são formados. Inicialmente foram definidos conjuntos de conceitos que permitissem identificar os assuntos e classificá-los com coerência e consistência. Os conjuntos foram denominados ‘universos originais’, cada qual contendo uma série de características reveladoras de uma faceta do universo do conhecimento que, por sua vez, serão sempre manifestações das categorias fundamentais PMEST. (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 100, grifo nosso)

[Ranganathan] sugere que se classifiquem alguns milhares de artigos: se os resultados forem satisfatórios, o novo postulado pode ser aceito. Ou seja, ressalta o **critério da utilidade**, pois é este o **fundamento das categorias ranganathanianas**: que sejam úteis ao processo classificatório, até porque é preciso começar de algum ponto e esse ponto é indicado como a necessidade de submissão do potencialmente infinito universo de assuntos a termos mais gerais que lhes dêem sentido e enquadramento dentro da perspectiva de classificação do conhecimento registrado. (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 100, grifo nosso)

[Ranganathan] ressalta ainda que seu contexto se restringe à classificação bibliográfica, na qual o **significado** dessas **categorias indica** somente as **facetras de um assunto**, estando, portanto, **longe** da aplicação em disciplinas como a **metafísica e a física**, objetos das categorias formuladas por Aristóteles e Kant, como vimos. (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 101, grifo nosso)

O objetivo primordial das categorias de Ranganathan é exatamente permitir a **subsunção de particulares a uma classe mais geral** para **conhecê-los e organizá-los**. Imagine-se, portanto, um documento impresso na forma de livro e que trate da arte de catalogar, publicado em Porto Alegre, em

2008. A Personalidade incluiria a ‘Biblioteconomia’; a Matéria, ‘Livro’; a Energia, ‘Catalogação’; o Espaço seria Porto Alegre e, para finalizar, o Tempo seria o ano de 2008. (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 101, grifo nosso)

Portanto, elas [as categorias fundamentais] são a **base** para que se possa efetuar uma **análise de qualquer material** a ser **classificado** no âmbito da documentação, independentemente da sua forma e do seu suporte. (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 102, grifo nosso)

Analisando os exemplos oferecidos anteriormente, pode-se facilmente constatar que as **categorias** elaboradas por Ranganathan buscam **responder** às questões fundamentais do ‘**por quê**’, ‘**o quê**’, ‘**como**’, ‘**onde**’ e ‘**quando**’. Dessa perspectiva, a **concretividade** proposta pelo bibliotecário indiano **ganha sentido**. A **causa** – isto é, o ‘por quê’ – é necessariamente **mais concreta** que o seu **efeito**, ou seja, o ‘o quê’. Assim, o ramo do conhecimento de que surge uma nova entidade é mais concreto do que a própria entidade, por ser a causa dela. (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 102, grifo nosso)

Processo de coleta de dados

Extraídos de Aristóteles, Kant e Ranganathan

Natureza dos dados

Conceituais e filosóficos

Validação dos dados

Revisão por pares

Processo de coleta de achados

Não contempla. Sugere que seja a noção de categoria e sua função nos sistemas destes pensadores. (ARANALDE, 2009, p. 106)

Achados

Figura 1 As categorias aristotélicas (ARANALDE, 2009, p. 92)

Figura 2 As categorias kantianas (ARANALDE, 2009, p. 98)

Figura 3 As categorias rangathanianas (ARANALDE, 2009, p. 102)

Processo de Interpretação dos achados

A apresentação das categorias à luz de três teorias distintas e a sua consequente interpretação buscou salientar a importância dos princípios fundamentais para a organização do conhecimento. Para tanto, foram abordados os trabalhos desenvolvidos por Aristóteles, Kant e Ranganathan no que se referem à noção de categoria e à função que desempenham em cada um dos sistemas destes pensadores. (ARANALDE, 2009, p. 106)

Aristóteles concebe as categorias como ‘modos do ser’ [...] Já Ranganathan as elabora como ‘modos de classificar’. A explicitação e a interpretação destes diferentes modos funcionais buscando justificar a hipótese inicial que salienta a importância das categorias como unidades cognitivas instrumentais essenciais para organização e classificação do conhecimento. (ARANALDE, 2009, p. 106)

Interpretação dos achados.

As **categorias** são indivisíveis e, portanto, fundamentais. Elas são definidas somente pela enumeração. O essencial é que elas podem e devem **originar novas categorias**. Entretanto, as últimas são sempre *a posteriori*, isto é, resultado da aplicação dos princípios primeiros às entidades. Portanto, elas **precisam da observação e da experiência**. Por meio disto, **todos os assuntos poderiam ser subsumidos às categorias fundamentais ‘PMEST’**, as quais são apresentadas na sequência com breve tentativa de explicação, apesar da dificuldade de definições indicada pelo seu autor: (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 101, grifo nosso)

a) P (**personalidade**): é constituída de **entidades**, seus **tipos** ou **espécies** e respectivas **partes** ou **órgãos**. Por este motivo, pode-se identificar os conceitos de **entidade**, **coisa**, **todo**, **produto final**, **tipos** ou **espécies**, **partes** ou **órgãos** com essa categoria fundamental. Ela é considerada por Ranganathan como indefinível; (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 101, grifo nosso)

b) M (**matéria**): compreende o **material de que são feitas as coisas** e as suas respectivas **propriedades**. Engloba os **elementos constitutivos, estrutura, forma, matéria e propriedades**. Inclui tanto propriedades materiais quanto abstratas. Por exemplo: madeira que constitui uma mesa, assim como sua forma e cor; (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 101, grifo nosso)

c) E (**energia**): indica tanto qualquer **tipo de ação** como também **reações, processos, operações e problemas**; (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 101, grifo nosso)

d) S (**espaço**): traduz o **aspecto espacial geográfico** dos **assuntos** analisados que recaem sob essa categoria. Inclui **divisões geográficas de continente, de país** etc; (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 101, grifo nosso)

e) T (**tempo**): refere-se ao **aspecto cronológico** dos **assuntos** e à **limitação de períodos, séculos, décadas** etc. (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 101, grifo nosso)

É importante ressaltar que **Ranganathan inverte a estratégia de Aristóteles**: enquanto o estagirita entendia que as demais categorias são derivadas e fazem referência à categoria da **Substância**, que é **autoevidente**, o indiano estabelece a categoria **Personalidade** como “**indefinível**”. Para o primeiro, como vimos, o que não é por si, ou seja, substância, é não por si, isto é, acidente e, portanto, incluído em alguma das demais categorias, segundo suas notas características. Ranganathan, em contraposição ao filósofo grego, concebe [...] a utilização do método residual [...] (variável vínculos) (ARANALDE, 2009, p. 103, grifo nosso)

A identificação de **conexões** entre as concepções de **categoria** dos **três pensadores** estudados busca destacar a importância dos **processos de organização e classificação do conhecimento** e indicar as dificuldades inerentes desta tarefa. Em outras palavras, a plena realização dessa tarefa passa longe de ser algo trivial e corriqueiro, dependendo de critérios bem fundamentados, racionais e de um imenso trabalho intelectual. Foi exatamente para ilustrar essas afirmações que os sistemas categoriais foram apresentados e analisados. Tudo isso tendo em vista indicar a necessidade de valorizar o trabalho dos profissionais da informação envolvidos nas práticas de organizar e classificar o conhecimento. (variável vínculos) (ARANALDE, 2009, p. 103, grifo nosso)

Os **três sistemas de organização do conhecimento** elegem as **categorias** como elementos imprescindíveis e primordiais. As **diferenças** dizem respeito principalmente aos objetivos de cada sistema, ou seja, a formulação e o uso das categorias estão condicionados aos **objetivos** e **finalidades** de **cada concepção** intelectual. Entretanto, as categorias são colocadas sempre como princípios básicos que possibilitam identificar, classificar e organizar o conhecimento humano. (variável vínculos) (ARANALDE, 2009, p. 103, grifo nosso)

A apresentação dos sistemas categoriais indica que **Aristóteles extrai** suas **categorias** da própria **realidade**, da qual são a expressão mais geral [...] (variável Aristóteles) (ARANALDE, 2009, p. 103, grifo nosso)

O profissional da informação está envolvido com conhecimentos multidisciplinares em crescimento constante. Para suprir os novos desafios é essencial identificar aspectos de afinidades que as partes constituintes do conhecimento mantêm entre si. A estratégia do uso de categorias mostra-se capaz de suprir essa necessidade, conforme apresentado anteriormente. (ARANALDE, 2009, p. 103)

As **categorias aristotélicas** também constituem princípios lógicos, mas são produto do pensamento em sua conjunção com a experiência. Assim, são **preenchidas** com **atributos do ser**. (variável Aristóteles) (ARANALDE, 2009, p. 104, grifo nosso)

[...] para Aristóteles as **categorias** estão relacionadas aos **juízos**, isto é, às formas como se fala das coisas. [...] para Aristóteles a descoberta [das categorias] se faz a partir da própria realidade, já que a linguagem é expressão fidelíssima dela, sendo as categorias operadas a partir do confronto com a realidade. (variável Aristóteles) (ARANALDE, 2009, p. 104, grifo nosso)

Ranganathan, por seu turno, resgata as noções de **espaço** e de **tempo** para as formas categoriais, pois seu objetivo, assim como o do célebre estagirita, também é **avaliar os objetos**, segundo as características básicas deles – isto é, o que faz eles serem o que são – e suas relações fundamentais, como estar, permanecer, relacionar-se com outros ou mudar (variável vínculos) (ARANALDE, 2009, p. 104, grifo nosso)

As **categorias** de Aristóteles e de Ranganathan são declaradamente **ontológicas**, [...] A perspectiva ontológica e a abordagem dos diversos aspectos que envolvem o ser exigem as noções de **tempo** e de **espaço** como fundamentais tanto para **identificar objetos** em geral quanto para a **identificação dos assuntos** que compõem um documento. Nos dois casos, a determinação espaço-temporal é tão comum quanto imprescindível. (variável vínculos) (ARANALDE, 2009, p. 105, grifo nosso)

Ranganathan e Aristóteles procuram organizar o conhecimento do mundo partindo da própria realidade, buscando as classes mais gerais nas quais ele pode ser inicialmente classificado. Estas classes dão origem a **novas classes** que são, necessariamente, **a posteriori**, pois se revelam como **produto da aplicação dos princípios primeiros** às entidades analisadas. (variável vínculos) (ARANALDE, 2009, p. 105, grifo nosso)

As **categorias** de **Ranganathan** se constituem a partir da realidade, da observação e da experiência. Portanto, elas são categorias empíricas. Importante ressaltar que, mesmo **relacionadas** às **categorias filosóficas ocidentais**, o mestre indiano sofreu grande **influência** do pensamento **oriental** na sua concepção de conhecimento. O próprio hinduísmo e o budismo, filosofias de vida predominantes na Índia, apresentam categorias próprias para o desvelamento da realidade. (variável vínculos) (ARANALDE, 2009, p. 105, grifo nosso)

As **categorias** de Aristóteles e de Ranganathan funcionam como **postulados** que exercem a função de **orientar o pensamento** em confronto com a **multiplicidade** que se lhe apresenta, seja de objetos do mundo, como no caso do primeiro, seja de assuntos contidos em documentos, como é o caso do segundo. Portanto, são conceitos de alta generalidade e que originam novos conceitos. (variável vínculos) (ARANALDE, 2009, p. 105, grifo nosso)

O objetivo primordial [de Ranganathan] [...] é a organização e a classificação do conhecimento registrado. Entretanto, a **determinação** desse **objetivo** também o **afasta** de Aristóteles, que pretende identificar e avaliar os objetos do mundo de maneira geral. (variável vínculos) (ARANALDE, 2009, p. 105, grifo nosso)

Ranganathan direciona o foco da sua investigação para os **assuntos dos documentos** e os métodos válidos para sua classificação e expressão linguística. A questão é que para disponibilizar informações organizadas não há outro caminho a não ser **classificar o conteúdo** do que se quer transmitir dentro de uma classe determinada que contenha um certo grupo de entidades. Este procedimento exige, necessariamente, uma **generalização** que se reflete nas formas categoriais, a partir das quais se podem identificar as particularidades de cada entidade analisada ao subsumi-la àqueles **conceitos de larga aplicação**. (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 105, grifo nosso)

As **categorias ranganathianas** buscam apreender as diversas **perspectivas** possíveis do **conhecimento registrado** por meio de ideias mais gerais, elementares e essenciais de que são constituídas. Para isto, partindo da categoria ‘Personalidade’, pode-se chegar a novas categorias que permitam identificar os diferentes aspectos e particularidades dos documentos, estruturando seus conteúdos e indo de conceitos fundamentais mais gerais para os mais específicos: desse modo, aumenta-se gradualmente a complexidade dos assuntos. (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 105, grifo nosso)

Para cada um destes autores, as categorias foram identificadas como essenciais para a elaboração dos respectivos sistemas e para a elucidação de questões relativas ao conhecimento humano, seja de uma perspectiva que pretenda abarcar a totalidade da realidade, as condições da cognição humana ou mesmo o saber registrado em suas mais diferentes formas. (ARANALDE, 2009, p. 106)

Aristóteles apresenta um estudo dos entes mais gerais da realidade, expresso na **formulação de categorias** através das quais podemos **compreender as coisas** que compõem o mundo. (variável Aristóteles) (ARANALDE, 2009, p. 106, grifo nosso)

Ranganathan [...] elabora [as **categorias**] com a **função** específica de permitir a **identificação**, a **classificação** e a **organização** dos **registros** produzidos pelos seres humanos. (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 106, grifo nosso)

Aristóteles e Ranganathan formulam **categorias** que entram em **operação** a partir do confronto do pensamento com a **experiência**, buscando **ordená-la** [...] (variável vínculos) (ARANALDE, 2009, p. 106, grifo nosso)

As **categorias** de Aristóteles e de Ranganathan funcionam como **postulados** que exercem a função de orientar o pensamento em confronto com a multiplicidade que se lhe apresenta, seja de objetos do mundo, como no caso do primeiro, seja de assuntos contidos em documentos, como é o caso do segundo. Portanto, são conceitos de alta generalidade e que **originam novos conceitos**. (variável vínculos) (ARANALDE, 2009, p. 107, grifo nosso)

Ao indicar que classificar e organizar pressupõe unidades mínimas de sentido, o trabalho ressaltou que o reconhecimento da importância de uma teoria das categorias se mostra, ainda hoje, capaz de lançar luz sobre problemas enfrentados pelos profissionais da informação. (ARANALDE, 2009, p. 107)

Cuidados éticos

Não contempla por ser pesquisa documental em Ciência da Informação.

Implementações dos estudos

Fica aqui a indicação dessas outras influências [indicadas por (NAVES, 2006, p. 41 apud ARANALDE, 2009, p. 107)], no que diz respeito às categorias, para outros trabalhos relacionados ao tema que tenham em vista a perspectiva de concebê-las como fundamentos para a organização do conhecimento.

A reflexão sobre o levantamento de problemas filosóficos referentes às formas de se falar das coisas do mundo e às soluções propostas pelo filósofo grego pode ser de grande valia para o classificador que pretenda aprofundar conhecimentos e, conseqüentemente, melhorar suas práticas. (ARANALDE, 2009, p. 107)

Formato de apresentação das informações

Textual e figuras

Limitações dos estudos

Não contempla. Consideramos uma pesquisa de alta qualidade que atende aos objetivos propostos.

Apresentamos uma limitação: na redação científica do artigo, não apresenta a estrutura da Colon Classification e um exemplo prático de aplicação das categorias rangathanianas para a interpretação dos achados. Ressaltamos que esta limitação foi formulada à luz de nossa pesquisa, com outras questões, hipóteses e objetivos.

Método (coleta e análise)

Não contempla

Apresentação das categorias com respaldo teórico

Sim

Aplicação das categorias

O objetivo primordial das categorias de Ranganathan é exatamente permitir a **subsunção de particulares a uma classe mais geral** para **conhecê-los** e **organizá-los**. Imagine-se, portanto, um documento impresso na forma de livro e que trate da arte de catalogar, publicado em Porto Alegre, em 2008. A Personalidade incluiria a ‘Biblioteconomia’; a Matéria, ‘Livro’; a Energia, ‘Catalogação’; o Espaço seria Porto Alegre e, para finalizar, o Tempo seria o ano de 2008. (variáveis perspectivas teóricas, aplicação das categorias e Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 101, grifo nosso)

Apresentação das categorias com respaldo teórico

Sim

Aristóteles

Pioneiro na apresentação de um **sistema categorial**, **Aristóteles** nasceu no primeiro ano da 99ª olimpíada (384a.C) em Estagira, situada na costa oriental da Macedônia, à época colônia setentrional da Grécia. (ARANALDE, 2009, p. 88, grifo nosso)

O primeiro trabalho sistemático de **elaboração** e de abordagem de **categorias** para a **organização do conhecimento** nos foi oferecido por Aristóteles [...] (ARANALDE, 2009, p. 90, grifo nosso)

O sistema aristotélico de classificação surgiu pela necessidade de abarcar e expressar a realidade de modo organizado e preciso. Para isto, tal sistema buscou a identificação e o estabelecimento de **conceitos básicos** que orientassem os **agrupamentos** e as **partições** do real operado pelo pensamento humano, ou seja, de categorias primordiais. Esse trabalho do filósofo grego, no que se refere à função das categorias na organização e na **classificação do conhecimento** existente, mostra-se, ainda hoje, como importante objeto de estudo para fundamentar e compreender a teoria da classificação. (ARANALDE, 2009, p. 91, grifo nosso)

A classificação embasada pelas **categorias** elaboradas por **Aristóteles** busca responder à questão sobre **o que há no mundo**. Entretanto, não se trata simplesmente de inventariar as coisas que estão ao redor [...] (ARANALDE, 2009, p. 91, grifo nosso)

No sistema aristotélico, as **categorias** servem de **fundamento ao conhecimento das coisas**. Elas são os princípios básicos que tornam o conhecimento possível, partindo de uma perspectiva que concebe o mundo como um todo integrado de causas e efeitos, em que as coisas e as suas propriedades essenciais, seus estados, processos e relações podem e devem ser reveladas pelo trabalho intelectual. (ARANALDE, 2009, p. 91, grifo nosso)

As **figuras da predicação** [de Aristóteles] são as formas como se pode **falar do ser** [...] (ARANALDE, 2009, p. 92, grifo nosso)

Desta perspectiva, **utilizar** as **categorias** é identificar unidades básicas de sentido. Essas unidades permitem **apreender** conceitualmente os **objetos** e **dar definições** deles. Assim, Aristóteles estabelece

unidades conceituais capazes de dar conta da diversidade e da multiplicidade que o mundo apresenta. O ser não segue um só registro, mas se cinde em diferentes tipos de ‘gêneros supremos’, ou seja, em categorias. A categoria primordial é a da ‘substância’, à qual as demais fazem referência. (ARANALDE, 2009, p. 91, grifo nosso)

No tocante à **apresentação aristotélica**, será **utilizada** principalmente a **Metafísica** (1998), pois, apesar de as categorias serem apresentadas também na obra denominada *Categories* (1995) – Tratado das Categorias, a última é motivo de disputa entre os especialistas na área. (ARANALDE, 2009, p. 91, grifo nosso)

O fato é que Aristóteles apresenta as **categorias** em número de oito na **Física** e na **Metafísica**, ao passo que, no Tratado das Categorias, apresenta em número de dez. (ARANALDE, 2009, p. 91, grifo nosso)

Sem entrar diretamente na disputa [do número das categorias aristotélicas na Física e na Metafísica], **optou-se** pela **apresentação** feita na **Metafísica**. (ARANALDE, 2009, p. 91, grifo nosso)

[Os] **modos** [do ser de Aristóteles] são os seguintes: segundo **ato** e **potência**, segundo o **acidente**, segundo o **verdadeiro** e o **falso** e segundo cada uma das **categorias** [...] (ARANALDE, 2009, p. 92, grifo nosso)

no que concerne às formas categoriais, o **ser se diz** de **oito modos interrelacionados**:

a) substância: que é o modo principal do ser, e que serve de fundamento a todos os outros modos, a saber:

b) qualidade;

c) quantidade;

d) relação;

e) agir;

f) sofrer ;

g) lugar;

h) tempo.

(ARANALDE, 2009, p. 92, grifo nosso)

A categoria da substância é a principal dentre as categorias e à qual todas as outras fazem referência (ARANALDE, 2009, p. 93, grifo nosso)

A **substância** é o **ser no sentido primeiro e fundamental** e, por esta razão, figura no topo da lista das categorias. As oito **categorias** são **recortes** que o pensamento humano faz da **realidade**, sendo elas um produto lógico, isto é, um produto do pensamento e de sua expressão, a linguagem, fidelíssimo às junturas existentes na própria realidade. Isto é possível, pois, aos olhos de Aristóteles, a linguagem está perfeitamente colada ao mundo, sendo, assim, capaz de revelá-lo. (ARANALDE, 2009, p. 93, grifo nosso)

O **uso da linguagem**, seja através da escrita ou da fala, é efetivado basicamente por **proposições**. Tais proposições são constituídas minimamente pelo que Aristóteles chama de um nome e um verbo, ou no linguajar mais recente, de um sujeito e um predicado. Quando se diz que “Sócrates é branco”, ‘Sócrates’ figura como sujeito e ‘é branco’ como predicado. Falar de **Sócrates** desse modo é identificá-lo como **substância** e ‘branco’ como uma **qualidade pertencente** a ela. Por sua vez, a ‘brancura’ desta substância não pode subsistir por si só, sendo **inteiramente dependente da substância**. (ARANALDE, 2009, p. 93, grifo nosso)

O mesmo que ocorre com a brancura se dá com as **demais categorias** que designam **seres** cuja **existência** é sempre **parasitária** à existência da substância: por exemplo, o peso e a estatura (categoria da quantidade) de Sócrates dependem de Sócrates para existirem. O tipo de existência das coisas pertencentes à categoria da relação, tais como “ser mais alto que”, “ser maior que”, “ser o dobro de”, depende da existência de pelo menos duas coisas que existem por si, ou seja, de duas substâncias. Assim, quando uma proposição afirma que Sócrates é mais alto que Xantipa, a relação ‘mais alto que’ depende tanto da existência de Sócrates quanto da de Xantipa, pois o termo relacional, a altura, como já fora

dito, não pode existir independentemente do ser de Sócrates e do ser de Xantipa. (ARANALDE, 2009, p. 93, grifo nosso)

As coisas que recaem sob a categoria da ação dependem igualmente, para existirem, de algo que existe como substância. A **ação de podar** ou de queimar uma árvore, por exemplo, **depende** de um **sujeito substancial**: um homem que opere a poda ou ateie o fogo. Se considerarmos a mesma situação do ponto de vista daquilo que sofre a ação de ser podado ou queimado, a mesma dependência, em relação à categoria da substância, torna-se clara para a categoria do ‘sofrer’, pois o fato de uma árvore ser podada ou queimada, por exemplo, depende da existência da árvore, a qual é uma substância. (ARANALDE, 2009, p. 93, grifo nosso)

Idêntica **relação parasitária** se dá entre as categorias do **lugar** e do **tempo** em relação à categoria da substância. Os predicados que designam ocupação de lugar no espaço **dependem**, evidentemente, de um sujeito substancial ou, pelo menos, de um sujeito que faça as vezes de uma substância, mesmo que, a rigor, não o seja, como é o caso de todos os artefatos, por exemplo. Esse **sujeito substancial** está sempre em algum lugar, tal como quando se diz que Aristóteles está no Liceu e que Sócrates está na praça. (ARANALDE, 2009, p. 93, grifo nosso)

Do mesmo modo, todos os predicados pertencentes à categoria do tempo remetem, em última instância, a algo que pertence à categoria da substância. Tendo tudo isto em vista, para poder ser um espelho da realidade, a linguagem precisa estabelecer um comportamento distinto entre a categoria da substância e as demais, visto que a primeira é ser em sentido primordial, **‘o ser por si’**, pois é dela que depende a existência de todos os outros seres categoriais, **‘os seres não por si’**. É por esta razão que o representado por ela funcionará como sujeito das proposições e os acidentes como predicados. Deste modo, pode-se observar que as **categorias** revelam a **condição ontológica da realidade** sobre a qual se pensa e se fala por meio delas. (ARANALDE, 2009, p. 94, grifo nosso)

As **categorias aristotélicas** se mostram, portanto, como **unidades cognitivas** que guiam a **apreensão da multiplicidade**, pois é sob tais unidades que distinguimos e classificamos os vários modos em que o ser se apresenta. Por exemplo, os conceitos que nós temos de homem, de cavalo, de árvore podem ser subsumidos sob um conceito mais geral: a categoria da substância e assim sucessivamente com as

demais categorias. Nota-se, então, que para Aristóteles as categorias operam a separação e a classificação do variegado de seres que preenche o mundo. (ARANALDE, 2009, p. 94, grifo nosso)

As **categorias aristotélicas** também constituem princípios lógicos, mas são produto do pensamento em sua conjunção com a experiência. Assim, são **preenchidas com atributos do ser**. (variável Aristóteles) (ARANALDE, 2009, p. 104, grifo nosso)

[...] para Aristóteles as **categorias** estão relacionadas aos **juízos**, isto é, às formas como se fala das coisas. [...] para Aristóteles a descoberta [das categorias] se faz a partir da própria realidade, já que a linguagem é expressão fidelíssima dela, sendo as categorias operadas a partir do confronto com a realidade. (ARANALDE, 2009, p. 104, grifo nosso)

Aristóteles apresenta um estudo dos entes mais gerais da realidade, expresso na **formulação de categorias** através das quais podemos **compreender as coisas** que compõem o mundo. (ARANALDE, 2009, p. 106, grifo nosso)

Ranganathan

[Ranganathan] sugere que se classifiquem alguns milhares de artigos: se os resultados forem satisfatórios, o novo postulado pode ser aceito. Ou seja, ressalta o **critério da utilidade**, pois é este o **fundamento das categorias ranganathanianas**: que sejam úteis ao processo classificatório, até porque é preciso começar de algum ponto e esse ponto é indicado como a necessidade de submissão do potencialmente infinito universo de assuntos a termos mais gerais que lhes dêem sentido e enquadramento dentro da perspectiva de classificação do conhecimento registrado. (ARANALDE, 2009, p. 100, grifo nosso)

[...] é difícil definir **Personalidade**, mas é fácil compreender o que ela é; ela corresponde àquilo que chamamos de **faceta primária** e normalmente **inclui coisas**. (variável Ranganathan) (FOSKETT, 1973, p. 266 apud ARANALDE, 2009, p. 102, grifo nosso).

[...] é difícil definir **Personalidade**, mas é fácil compreender o que ela é; ela corresponde àquilo que chamamos de **faceta primária** e normalmente **inclui coisas** (FOSKETT, 1973, p. 266 apud ARANALDE, 2009, p. 102, grifo nosso).

Shiyali Ramamrita Ranganathan nasceu em 1892, na pequena aldeia de Shialy, na Índia meridional. Foi acima de tudo um estudioso: bacharel e mestre em matemática pelo Madras Christian College, diplomou-se ainda como **professor de língua inglesa**, lecionando em diversos colégios de Madras. Chamado para exercer as funções de **bibliotecário** da *Madras University*, foi submetido ao que hoje chamaríamos de uma **especialização em biblioteconomia** em prestigiada universidade inglesa. (ARANALDE, 2009, p. 88-89, grifo nosso)

Os períodos de **estudos** na **Inglaterra** e a própria **prática profissional** lhe permitiram refletir sobre os **problemas** enfrentados pelos bibliotecários na tarefa de **organizar o conhecimento** registrado. (ARANALDE, 2009, p. 89, grifo nosso)

O bibliotecário indiano Ranganathan, por seu turno, concebe e elabora as **categorias** em **sentido** bastante **restrito**, mas não menos importante: no âmbito de **identificação, classificação e organização** dos **registros** produzidos pelos seres humanos em suas atividades teóricas e práticas. (ARANALDE, 2009, p. 90, grifo nosso)

Ranganathan concebe que apenas uma **classificação dos registros humanos** pode e deve ser feita para **atender a todos os propósitos**. Para efetuar esta tarefa, indica que **qualquer assunto** a ser classificado será **sempre a manifestação** de **cinco categorias** básicas ou fundamentais, caracterizadas como conceitos de alta generalidade e larga aplicação, os quais servem de estrutura a um esquema de classificação, pois sob eles se podem reunir outros conceitos. (ARANALDE, 2009, p. 90, grifo nosso)

É exatamente como **alternativa** a esta **concepção rígida** e **carente de fundamentos científicos** que Ranganathan desenvolve um trabalho que busca **compatibilizar** uma **classificação flexível**, expansiva e prática com **bases** reconhecidamente **científicas**, sem tornar o sistema inconsistente ou inviável. A compatibilização destes elementos permitirá uma única classificação capaz de atender a todos os

propósitos. Nela, os esquemas e as características utilizadas como base para a elaboração de facetas são sempre manifestações de cinco categorias básicas. (ARANALDE, 2009, p. 99, grifo nosso)

Por ‘**categoria**’, a perspectiva rangathaniana compreende um **conceito de alta generalidade** e de **larga aplicação** que serve de **estrutura a um esquema de classificação**, pois sob este esquema se pode **reunir outros conceitos**. Devido a tais características, **categorias** fundamentais podem ser **aplicáveis** a grande parte do conhecimento existente. (ARANALDE, 2009, p. 99, grifo nosso)

‘**Faceta**’, por sua vez, é a **manifestação das categorias em classes distintas**. As facetas pertencem aos assuntos dos documentos, sendo o resultado da aplicação de características que formam um conjunto cujo nome é o termo mais geral. Sob uma faceta recaem **componentes subordinados**, mas com **características particulares**. (ARANALDE, 2009, p. 99, grifo nosso)

As bases formuladas para o estabelecimento da classificação objetivada por Ranganathan incluem princípios que envolvem **três planos de trabalho**: o das **ideias**, o **verbal** e o **notacional**. A este trabalho interessa mais o primeiro nível, no qual se encontra a estratégia de classificação cristalizada na elaboração das categorias fundamentais, conhecidas pelo acrônimo PMEST – Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo. (ARANALDE, 2009, p. 99, grifo nosso)

Cada **letra** se refere à **inicial de uma das cinco categorias**, conforme a denominação da língua inglesa, idioma em que Ranganathan escreveu suas obras. (ARANALDE, 2009, p. 100, grifo nosso)

A **aplicação** das **categorias** está direcionada para uma **análise estrutural da organização documentária** como resposta às questões sobre como os assuntos são formados. Inicialmente foram definidos conjuntos de conceitos que permitissem identificar os assuntos e classificá-los com coerência e consistência. Os conjuntos foram denominados ‘universos originais’, cada qual contendo uma série de características reveladoras de uma faceta do universo do conhecimento que, por sua vez, serão sempre manifestações das categorias fundamentais PMEST. (ARANALDE, 2009, p. 100, grifo nosso)

[Ranganathan] ressalta ainda que seu contexto se restringe à classificação bibliográfica, na qual o **significado** dessas **categorias indica** somente as **facetras de um assunto**, estando, portanto, **longe** da aplicação em disciplinas como a **metafísica e a física**, objetos das categorias formuladas por Aristóteles e Kant, como vimos. (ARANALDE, 2009, p. 101, grifo nosso)

As **categorias** são indivisíveis e, portanto, fundamentais. Elas são definidas somente pela enumeração. O essencial é que elas podem e devem **originar novas categorias**. Entretanto, as últimas são sempre *a posteriori*, isto é, resultado da aplicação dos princípios primeiros às entidades. Portanto, elas **precisam da observação e da experiência**. Por meio disto, **todos os assuntos poderiam ser subsumidos às categorias fundamentais ‘PMEST’**, as quais são apresentadas na sequência com breve tentativa de explicação, apesar da dificuldade de definições indicada pelo seu autor: (ARANALDE, 2009, p. 101, grifo nosso)

a) P (**personalidade**): é constituída de **entidades**, seus **tipos** ou **espécies** e respectivas **partes** ou **órgãos**. Por este motivo, pode-se identificar os conceitos de **entidade, coisa, todo, produto final, tipos** ou **espécies, partes** ou **órgãos** com essa categoria fundamental. Ela é considerada por Ranganathan como indefinível; (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 101, grifo nosso)

b) M (**matéria**): compreende o **material de que são feitas as coisas** e as suas respectivas **propriedades**. Engloba os **elementos constitutivos, estrutura, forma, matéria** e **propriedades**. Inclui tanto propriedades materiais quanto abstratas. Por exemplo: madeira que constitui uma mesa, assim como sua forma e cor; (ARANALDE, 2009, p. 101, grifo nosso)

c) E (**energia**): indica tanto qualquer **tipo de ação** como também **reações, processos, operações e problemas**; (ARANALDE, 2009, p. 101, grifo nosso)

d) S (**espaço**): traduz o **aspecto espacial geográfico** dos **assuntos** analisados que recaem sob essa categoria. Inclui **divisões geográficas de continente, de país** etc; (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 101, grifo nosso)

e) T (**tempo**): refere-se ao **aspecto cronológico** dos **assuntos** e à **limitação** de **períodos**, **séculos**, **décadas** etc. (ARANALDE, 2009, p. 101, grifo nosso)

O objetivo primordial das categorias de Ranganathan é exatamente permitir a **subsunção de particulares a uma classe mais geral** para **conhecê-los** e **organizá-los**. Imagine-se, portanto, um documento impresso na forma de livro e que trate da arte de catalogar, publicado em Porto Alegre, em 2008. A Personalidade incluiria a ‘Biblioteconomia’; a Matéria, ‘Livro’; a Energia, ‘Catalogação’; o Espaço seria Porto Alegre e, para finalizar, o Tempo seria o ano de 2008. (ARANALDE, 2009, p. 101, grifo nosso)

Portanto, elas [as categorias fundamentais] são a **base** para que se possa efetuar uma **análise de qualquer material** a ser **classificado** no âmbito da documentação, independentemente da sua forma e do seu suporte. (ARANALDE, 2009, p. 102, grifo nosso)

Analisando os exemplos oferecidos anteriormente, pode-se facilmente constatar que as **categorias** elaboradas por Ranganathan buscam **responder** às questões fundamentais do ‘**por quê**’, ‘**o quê**’, ‘**como**’, ‘**onde**’ e ‘**quando**’. Dessa perspectiva, a **concretividade** proposta pelo bibliotecário indiano **ganha sentido**. A **causa** – isto é, o ‘por quê’ – é necessariamente **mais concreta** que o seu **efeito**, ou seja, o ‘o quê’. Assim, o ramo do conhecimento de que surge uma nova entidade é mais concreto do que a própria entidade, por ser a causa dela. (ARANALDE, 2009, p. 102, grifo nosso)

Ranganathan direciona o foco da sua investigação para os **assuntos dos documentos** e os métodos válidos para sua classificação e expressão linguística. A questão é que para disponibilizar informações organizadas não há outro caminho a não ser **classificar o conteúdo** do que se quer transmitir dentro de uma classe determinada que contenha um certo grupo de entidades. Este procedimento exige, necessariamente, uma **generalização** que se reflete nas formas categoriais, a partir das quais se podem identificar as particularidades de cada entidade analisada ao subsumi-la àqueles **conceitos de larga aplicação**. (ARANALDE, 2009, p. 105, grifo nosso)

As **categorias ranganathanianas** buscam apreender as diversas **perspectivas** possíveis do **conhecimento registrado** por meio de ideias mais gerais,

elementares e essenciais de que são constituídas. Para isto, partindo da categoria ‘Personalidade’, pode-se chegar a novas categorias que permitam identificar os diferentes aspectos e particularidades dos documentos, estruturando seus conteúdos e indo de conceitos fundamentais mais gerais para os mais específicos: desse modo, aumenta-se gradualmente a complexidade dos assuntos. (ARANALDE, 2009, p. 105, grifo nosso)

Ranganathan [...] elabora [as **categorias**] com a **função** específica de permitir a **identificação**, a **classificação** e a **organização** dos **registros** produzidos pelos seres humanos. (ARANALDE, 2009, p. 106, grifo nosso)

Vínculos

É importante ressaltar que **Ranganathan inverte a estratégia de Aristóteles**: enquanto o estagirita entendia que as demais categorias são derivadas e fazem referência à categoria da **Substância**, que é **autoevidente**, o indiano estabelece a categoria **Personalidade** como “**indefinível**”. Para o primeiro, como vimos, o que não é por si, ou seja, substância, é não por si, isto é, acidente e, portanto, incluído em alguma das demais categorias, segundo suas notas características. Ranganathan, em contraposição ao filósofo grego, concebe [...] a utilização do método residual [...] (ARANALDE, 2009, p. 103, grifo nosso)

Os **três sistemas de organização do conhecimento** elegem as **categorias** como elementos imprescindíveis e primordiais. As **diferenças** dizem respeito principalmente aos objetivos de cada sistema, ou seja, a formulação e o uso das categorias estão condicionados aos **objetivos** e **finalidades** de **cada concepção** intelectual. Entretanto, as categorias são colocadas sempre como princípios básicos que possibilitam identificar, classificar e organizar o conhecimento humano. (ARANALDE, 2009, p. 103, grifo nosso)

Ranganathan, por seu turno, resgata as noções de **espaço** e de **tempo** para as formas categoriais, pois seu objetivo, assim como o do célebre estagirita, também é **avaliar os objetos**, segundo as características básicas deles – isto é, o que faz eles serem o que são – e suas relações fundamentais, como estar, permanecer, relacionar-se com outros ou mudar. (ARANALDE, 2009, p. 104, grifo nosso)

As **categorias** de Aristóteles e de Ranganathan são declaradamente **ontológicas**, [...] A perspectiva ontológica e a abordagem dos diversos aspectos que envolvem o ser exigem as noções de **tempo** e de **espaço** como fundamentais tanto para **identificar objetos** em geral quanto para a **identificação dos assuntos** que compõem um documento. Nos dois casos, a determinação espaço-temporal é tão comum quanto imprescindível. (ARANALDE, 2009, p. 105, grifo nosso)

Ranganathan e Aristóteles procuram organizar o conhecimento do mundo partindo da própria realidade, buscando as classes mais gerais nas quais ele pode ser inicialmente classificado. Estas classes dão origem a **novas classes** que são, necessariamente, *a posteriori*, pois se revelam como **produto da aplicação dos princípios primeiros** às entidades analisadas. (ARANALDE, 2009, p. 105, grifo nosso)

As **categorias** de Aristóteles e de Ranganathan funcionam como **postulados** que exercem a função de **orientar o pensamento** em confronto com a **multiplicidade** que se lhe apresenta, seja de objetos do mundo, como no caso do primeiro, seja de assuntos contidos em documentos, como é o caso do segundo. Portanto, são conceitos de alta generalidade e que originam novos conceitos. (ARANALDE, 2009, p. 105, grifo nosso)

O objetivo primordial [de Ranganathan] [...] é a organização e a classificação do conhecimento registrado. Entretanto, a **determinação** desse **objetivo** também o **afasta** de Aristóteles, que pretende identificar e avaliar os objetos do mundo de maneira geral. (ARANALDE, 2009, p. 105, grifo nosso)

As **categorias** de **Ranganathan** se constituem a partir da realidade, da observação e da experiência. Portanto, elas são categorias empíricas. Importante ressaltar que, mesmo **relacionadas** às **categorias filosóficas ocidentais**, o mestre indiano sofreu grande **influência** do pensamento **oriental** na sua concepção de conhecimento. O próprio hinduísmo e o budismo, filosofias de vida predominantes na Índia, apresentam categorias próprias para o desvelamento da realidade. (variável vínculos) (ARANALDE, 2009, p. 105, grifo nosso)

Aristóteles e Ranganathan formulam **categorias** que entram em **operação** a partir do confronto do pensamento com a **experiência**, buscando **ordená-la** [...] (ARANALDE, 2009, p. 106, grifo nosso)

As **categorias** de Aristóteles e de Ranganathan funcionam como **postulados** que exercem a função de orientar o pensamento em confronto com a multiplicidade que se lhe apresenta, seja de objetos do mundo, como no caso do primeiro, seja de assuntos contidos em documentos, como é o caso do segundo. Portanto, são conceitos de alta generalidade e que **originam novos conceitos**. (ARANALDE, 2009, p. 107, grifo nosso)

APÊNDICE M – Análise qualitativa dos achados

A primeira etapa da análise qualitativa dos achados consiste na extração dos dados. Estes foram apresentados no formato textual em nove apêndices.

A segunda etapa da análise qualitativa dos achados consiste na aplicação da teoria socioterminológica para a comparação entre as variáveis gerais e específicas adotadas na extração dos dados.

Foi realizada a análise qualitativa dos achados em dois níveis: intra e inter (as duas etapas da análise). A dimensão intra aborda o estudo do corpus pelo corpus e, a inter, o contraste do corpus com a aplicação da teoria socioterminológica para a comparação entre as variáveis gerais e específicas adotadas na extração dos dados à luz da apresentação conceitual das categorias em Aristóteles e Ranganathan em definições provenientes de obras de referência e os resultados da dissertação nos quadros: Quadro 6 – Fronteira do conceito nos jogos de linguagem na obra *Philosophical Investigations* de Wittgenstein (2009); Quadro 7 – Personalidade, Método dos Resíduos e conceito na obra *Prolegomena to Library Classification* de Ranganathan (1967); Quadro 8 – Categorias fundamentais na obra *Philosophy of Library Classification* de Ranganathan (2006); Quadro 9 – Categorias fundamentais na obra *Colon Classification* de Ranganathan (1960); Quadro 10 – As categorias na obra *Órganon* de Aristóteles (1978).

Abaixo apresentamos a análise intra referente aos artigos do corpus da revisão sistemática da literatura de Silva (2010) e Barité (2000).

Estes quadros apresentam a definição e a aplicação, se existente, das categorias em Ranganathan e Aristóteles em um corpus selecionado arbitrariamente em conformidade às discussões epistemológicas da organização do conhecimento.

Para a análise intra, enfatizamos as variáveis gerais revisão de literatura, perspectiva teórica, achados e interpretação dos achados para a formação de nossos achados à luz das variáveis específicas método (coleta e análise), apresentação das categorias com respaldo teórico, aplicação das categorias, Aristóteles, Ranganathan e vínculos entre os autores e entre as categorias (cerne de nossa questão de pesquisa da revisão sistemática da literatura). Para

cada uma das variáveis mencionadas, relataremos o que foi encontrado em nosso corpus, em seguida faremos comentários e interpretações.

A seguir faremos a análise intra do artigo de Silva (2010).

A revisão de literatura feita por Silva enfatiza:

- a categoria da substância na Filosofia;
- a categoria Personalidade;
- as categorias fundamentais PMEST na Ciência da Informação;
- a teoria do conceito de Dahlberg;
- a absorção das categorias aristotélicas na classificação facetada;
- a classificação facetada como um sistema de conceitos;
- o nível de abstração presente nas categorias;
- a abordagem epistemológica sociocognitiva utilizada para métodos de organização do conhecimento e para a análise facetada de Ranganathan

Esta revisão de literatura fundamentou o estudo do fenômeno categorização sob o enfoque cognitivo contemporâneo e para responder à questão “qual o embasamento teórico-cognitivo que Ranganathan se valeu ao elaborar a estrutura PMEST?”. Consideramos uma revisão coerente quanto aos objetivos, robusta teoricamente e de enorme importância para os pesquisadores que buscam compreender as categorias na Filosofia e na CI.

A perspectiva teórica feita por Silva enfatiza:

- a teoria clássica de categorização de Aristóteles;
- a ascensão na década de 1970 dos estudos cognitivos aplicados nos SRI, a partir de Bertram C. Brookes e Nicholas Belkin;
- limites da formação inicial dos estudos cognitivos da não contemplação das dimensões históricas, sociais, culturais e contextuais dos indivíduos;

- as origens da teoria do conceito de Dahlberg remontam aos universais em Platão e Aristóteles;
- alteração da proposta do conceito de Dahlberg como ‘unidades de conhecimento’, ao invés de ‘unidades de pensamento’ da TGT;
- análise do sentido de categoria sob as abordagens filosófica, cognitiva e teoria da classificação;
- categoria como instrumento de análise;
- a abordagem cognitiva contemporânea de categorização;
- o sentido de categoria é diverso, conforme a abordagem considerada

A seguir comentamos a perspectiva teórica feita por Silva. A importância dos estudos cognitivos aplicados nos SRI na década de 1970 compreende que o usuário e suas necessidades de informação devem ser a finalidade dos processos de organização e tratamento da informação, desde o planejamento de um sistema de informação até a escolha das categorias utilizadas nos SOC, as quais devem representar a informação como aquilo que diminui a incerteza do usuário. A abordagem epistemológica sociocognitiva abarca a dimensão social para a construção e implementação dos instrumentos (categorias) e sistemas de organização do conhecimento, mas mantendo com a teoria clássica cognitiva a visão da categorização como um processo cognitivo do homem. A teoria do conceito de Dahlberg é uma concepção moderna de organização do conhecimento, a qual não é compreendida como um paradigma no sentido dado a este termo por Thomas Kuhn, ou seja, não anula a teoria sintática e semântica da informação que constituem a teoria clássica de organização do conhecimento antes de Dahlberg. O sentido de categoria à luz do referencial teórico apresentado abarca a teoria clássica de categorização aristotélica, a abordagem cognitiva contemporânea de categorização e a teoria do conceito.

Podemos interpretar que as categorias analisadas à luz destas correntes teóricas permitem analisar o gesto categorial dos sujeitos na entrevista semiestruturada e o grau de conhecimento que os mesmos possuem acerca das categorias aristotélicas. É coerente a escolha destas correntes para pensar as categorias e a categorização na coesão e coerência da pesquisa.

Os quadros 4, 6, 13 e 14 compõem os achados relevantes à nossa revisão sistemática da literatura. Estes apresentam as categorias aristotélicas e a análise do gesto categorial, ou seja, a aplicação das categorias rangathanianas e também a pergunta aberta sobre o conhecimento das categorias aristotélicas, ou seja, a apresentação das categorias aristotélicas nas palavras dos entrevistados. Os achados se relacionam com nossas variáveis específicas apresentação e aplicação das categorias. A apresentação das categorias ocorre no referencial teórico, revisão de literatura, achados e interpretação dos achados. Em nossa interpretação também está presente no processo de interpretação dos achados, mas isto não está explícito (que a apresentação das categorias tem influência na discussão sobre a prática da categorização).

A interpretação dos achados de Silva enfatiza:

- as categorias de Ranganathan como releitura das categorias aristotélicas;
- diferença terminológica e de proposta no tratamento da substância e da personalidade;
- teologia aristotélica presente na formulação da substância;
- base religiosa rangathaniana presente na formulação da personalidade;
- universo de aplicação categorial distinto em Aristóteles e Ranganathan;
- difícil diferenciação teórica e empírica das categorias personalidade e matéria de Ranganathan;
- a concretude de uma categoria se refere ao conjunto de elementos que corporificam a manifestação de um objeto;
- linhas de pensamento congruentes de Ranganathan e Aristóteles nos princípios categoriais com respaldo teórico da revisão de literatura;
- construção categorial em direções opostas em Ranganathan e Aristóteles;
- a configuração da substância (matéria metafísica e forma ontológica) reflete no que seja a personalidade;
- a configuração da substância (matéria e forma) representa uma dúvida para a comparação desta com a personalidade;
- as categorias de Ranganathan emergem do plano da ideia;
- derivação teórica entre a estrutura PMEST e as categorias de Aristóteles;

- no gesto empírico, a derivação teórica entre a estrutura PMEST e as categorias de Aristóteles é enfraquecida;
- Ranganathan valeu-se de indícios do que viria a ser a abordagem cognitiva contemporânea de categorização;
- similitude dos princípios categoriais de Ranganathan quanto à estrutura PMEST e as categorias de Aristóteles;
- associação da personalidade e substância na concepção formativa e na relevância que lhes são dadas;
- oposição entre o que constitui a personalidade e a substância nos quesitos metodológicos de identificação das mesmas;

A seguir comentamos a interpretação dos achados de Silva.

A diferença terminológica presente na formulação da substância e personalidade e de que modo são aplicadas aos seres ou ao universo dos registros do conhecimento implica que esta está presente no uso dessas categorias em distintos contextos empíricos (para além do contexto empírico de Silva), sendo fundamental o aporte da teoria socioterminológica para estabelecermos contraposições ou concordâncias entre o conceito conforme originalmente proposto, os distintos usos empíricos com o aporte de determinadas correntes teórico-metodológicas e a influência desses fatores ou variáveis necessárias para nossas ponderações na síntese.

A seguir comentamos acerca da configuração da substância a partir da matéria metafísica e da forma ontológica. Estritamente, a matéria aristotélica é apresentada como a causa material, o substrato (*hylé*) do mundo físico (e não metafísico) que compõe todos os seres e garante a possibilidade de concretização do ato, ou seja, o ser como potência. Se não existisse a matéria, o ser não possuiria condições de atualizar empiricamente suas potências metafísicas, por isso a intercabialidade do sínolo (matéria e forma) inserido numa teologia na qual a expressão “matéria metafísica” é utilizada.

O gesto empírico demonstrou que existe uma carência de conhecimentos acerca das categorias aristotélicas dos entrevistados. Isto pode significar a necessidade de revisão dos

programas das disciplinas do eixo de organização do conhecimento, ou pode ser um reflexo dos interesses de uma comunidade especializada. As categorias de Ranganathan emergem do plano da ideia, o qual é independente da expressão linguístico-documental: é o estado do conhecimento confuso, sem forma, mas que possui existência. Ranganathan compara o plano das ideias com Deus, pois é imaterial. Isto implica na metodologia adotada por Ranganathan na identificação da personalidade, o método dos resíduos, o qual pressupõe que esta é identificada por eliminação, é um método negativo e constitui a oposição de constituição categórica.

A abordagem cognitiva contemporânea de categorização em Ranganathan é identificada na flexibilidade da Colon Classification e na plasticidade na formação de assuntos a partir da identificação e síntese de seus conceitos constituintes. A similitude dos princípios categoriais de Ranganathan no PMEST e nas categorias aristotélicas ocorre porque ambas são aplicadas ou operacionalizadas com vistas à definição, representação ou definição das essências ou dos assuntos. A associação da personalidade e da substância na concepção formativa e na relevância que lhes são dadas ocorre porque permitem a formação: da representação dos assuntos em conceitos, ou anunciam a definição dos seres com base em suas características.

A seguir trataremos sobre as variáveis específicas.

Silva apresenta as categorias com respaldo teórico. Isto garante robustez científica e diminui o vies em suas argumentações. Acerca da aplicação das categorias, o pré-teste solicitou que relacionasse as categorias do TFCPB com as categorias de Ranganathan e àquelas de Aristóteles, no intuito de se averiguar como o sujeito realizava a associação entre as diferentes propostas. O pré-teste foi aplicado à um profissional, e o retorno negativo do entrevistado acerca do conhecimento sobre as categorias aristotélicas acarretou na decisão metodológica de não utilizá-las em sua relação com as categorias do TFCPB e as categorias de Ranganathan na entrevista semiestruturada, uma etapa posterior da pesquisa. Logo, à luz de nossa questão de pesquisa da revisão sistemática da literatura, o pré-teste é extremamente relevante para nossa obtenção de respostas. O entrevistado não conseguiu relacionar as categorias do TFCPB com

as categorias de Ranganathan e àquelas de Aristóteles, respondendo que faria a relação entre as categorias do TFCPB com as categorias de Ranganathan para, a partir desta relação, tentar chegar às categorias de Aristóteles, haja vista que não estudou Aristóteles. A amostra do pré-teste é reduzida (um entrevistado) e não podemos inferir muitas afirmações do pré-teste, pois estaríamos tendo vieses em nosso discurso. Deste modo, haja visto que o pré-teste responde com propriedade nossa questão de pesquisa, mas possui amostra limitada, não podemos incluir na variável aplicação das categorias as informações decorrentes da entrevista semiestruturada porque esta não solicita aos entrevistados que façam uma correspondência das categorias do TFCPB com as categorias de Ranganathan e àquelas de Aristóteles, mas pede que se fale sobre as categorias aristotélicas separadamente de sua relação com as de Ranganathan.

A variável Aristóteles enfatiza:

- a classificação relacionada à organização do conhecimento remonta à Grécia Antiga e esta é a origem dos sistemas de classificação do conhecimento;
- as categorias adquirem um sentido mais claro em Aristóteles;
- a teoria clássica de categorização foi a que teve maior influência no Ocidente;
- Aristóteles propõe a união do mundo em coisas reais da experiência sensível através do ‘hipojéimenos’ [*ὑποκείμενον*];
- as categorias aristotélicas estão fora de toda a combinação e não podem ser tidas como verdadeiras ou falsas;
- a substância se configura como a soma dos atributos essenciais e daqueles acidentais que constituem o ser;
- o par de conceitos configura a substância aristotélica: a matéria e a forma (telos do ser) e configura quaisquer coisas constituem um ser;
- a substância desemboca numa problemática teológica referente ao tipo de substância sensível, a essência, e a suprassensível, um algo que subjaz à substância;
- em um entendimento teológico, a substância é elencada em nível primordial e supremo, talvez esta não seja uma categoria mas um objeto em si;

- os estudos de aristotélicos estão relacionados à epistemologia da organização dos registros do conhecimento e não ao seu emprego empírico.

A seguir faremos comentários referentes à variável Aristóteles. A classificação é uma atividade humana que permite desde os tempos remotos a ordenação do mundo e do homem perante o mundo; serve para isolar e relacionar ideias semelhantes em conceitos universais abstraídos da experiência. Na Grécia Antiga, a classificação em Platão e Aristóteles ganhou o status de método científico e o seu sentido está condicionado à doutrina adotada por cada filósofo, ou seja, o sentido da classificação dado a partir no corpus platônico e aristotélico. Os modernos sistemas de organização do conhecimento resgatam a proposta de classificação na Grécia Antiga como um parâmetro inicial para o estabelecimento de uma estrutura ordenada de conceitos na representação dos assuntos. As categorias aristotélicas possuem um sentido mais claro do que em Platão tendo em vista que a formulação do plano das ideias como a realidade separada dos indivíduos e das coisas concretas (empíria) em Platão dificulta um método robusto de investigação dos seres por meio das categorias. A teoria clássica de categorização foi a que teve maior influência no Ocidente: esta influência cultural está presente na implementação e atualização dos SOCs. Aristóteles propõe A união do mundo em coisas reais da experiência sensível através do ‘hipojéimenos’ [ὑποκείμενον] se refere às substâncias (*ousiai*) do mundo material em Aristóteles com base na teoria hilemórfica, na qual tudo que existe é um sínolo composto de matéria e forma. As categorias aristotélicas, por estarem fora de toda combinação, são aplicadas aos seres e objetos para que se descubra os modos pelos quais é possível conhecer as características essenciais e acidentais do ser,. Não podem ser tidas como verdadeiras ou falsas porque o verdadeiro e o falso são estabelecidos em uma adequação entre expressões lógico-linguísticas como “Sócrates é homem”, se esta expressão for um reflexo da realidade do mundo empírico, ou seja, se o valor ontológico é verificado, obtêm-se como produto da aplicação categórica enunciados que podem corresponder à verdade ou à falsidade *a posteriori*. A substância corresponde à soma dos atributos essenciais e acidentais que constituem o ser porque esta é o ser em si mesmo, sendo o sujeito da oração do qual se predicam a essência (definição) e os acidentes dos objetos do mundo. O par de conceitos que

configura a substância aristotélica: a matéria e a forma (telos do ser) compreendem tudo aquilo que pode ser conhecido a respeito do ser nas categorias. A teologia aristotélica presente especialmente na substância suprassensível exerce influência acerca da compreensão do sentido original de categoria sensível: a ordem natural do universo da esfera das estrelas fixas no etér em conformidade e influência direta nos seres terrenos e as quatro causas material, formal, eficiente e final de tudo que pode ser descoberto pelas categorias e adequado em conceitos universais, através dos quais os silogismos são construídos e construímos a Ciência. A substância suprassensível é eterna e imutável, esta é um algo que subjaz à substância sensível mutável (crescimento, diminuição) e corruptível (geração e corrupção). A substância sensível como Sócrates ocorre no sínolo que possui o substrato material (*ὑποκείμενον*) dos distintos modos de ser predicativos como sujeito de inerência. A interpretação de que em um entendimento teológico, a substância não é uma categoria mas um objeto em si, em nossa leitura, não está isenta de críticas. A substância, quando aplicada, se refere sempre aos seres reais, mas em um estado puro, não é um objeto e não está na esfera empírica, mas é um instrumento pelo qual podemos pensar corretamente em orações com valor de verdade partindo de premissas verdadeiras. Os estudos aristotélicos estão relacionados à epistemologia da organização dos registros do conhecimento e não ao seu emprego empírico: isto configura não uma impossibilidade científica, mas uma lacuna no conhecimento obtida pela pesquisadora em sua revisão de literatura.

A variável Ranganathan enfatiza:

- noção da policotomia ilimitada de conhecimento na árvore baniana na qual a evolução de um assunto serve de estímulo a outro, em uma espiral infinita;
- a análise facetada como processo analítico-sintético envolve fatorar assuntos compostos em facetas para fazer uma síntese formada da recombinação das partes dos assuntos na notação;
- a análise facetada se contrapõe às classificações bibliográficas enumerativas;

- existem três planos de trabalho para a classificação: o plano das ideias, plano superior, exotérico formado de conceitos *a priori*, são percebidos antes de quaisquer contatos com os planos verbal e notacional;
- os cânones do Plano das Ideias de Ranganathan aplicam-se à formação de classes (ou de categorias) em um universo do conhecimento e recordam vários dos elementos apresentados na teoria clássica de categorização;
- restrição ao uso das categorias ao universo classificatório;
- a personalidade inefável corresponde a entidades, seus tipos, suas espécies, partes e/ou órgãos, é o básico e fundamental à compreensão de determinado assunto e o seu reconhecimento só se dá por eliminação por meio da aplicação do método de resíduos;
- a personalidade como o produto após todas as indagações e o que está subjacente a quaisquer coisas, sendo indizível, Ranganathan deixa explícito a base religiosa com relação à proposta da personalidade;
- é desse plano anterior aos demais, do plano das ideias que as categorias fundamentais de emergem;
- não se pode afirmar que Ranganathan partiu somente de indícios da teoria clássica, mas também do que mais adiante viria a se configurar a abordagem cognitiva contemporânea de categorização;
- no percurso empírico do gesto categorial dos sujeitos, a percepção das categorias se dá, por vezes, de maneira bastante suspensa, o que, como mencionado, vai de encontro à postura clássica

A seguir faremos comentários referentes à variável Ranganathan. A árvore baniana configura uma vertente do conhecimento na qual não se considera a dicotomia mutuamente exclusiva e excludente das categorias aristotélicas, mas sim a inter-relação

entre conceitos nos documentos que configura a possibilidade de constituição dos múltiplos significados das palavras sistematizadas nos documentos, o que permite a representação e recuperação da informação. A análise facetada é um processo analítico-sintético no qual se identifica as facetas de um assunto para a posterior recombinação destas na

síntese de modo análogo à identificação das categorias desdobradas sucessivamente da substância recombina das nas orações silogísticas.

Os cânones do Plano das Ideias aplicam-se à formação de classes (ou de categorias) e permitem dividir o universo do conhecimento agrupando entidades documentárias com características comuns, por isso são uma herança da teoria clássica de categorização. A restrição do uso das categorias ao universo classificatório ocorre porque o uso em outras áreas do conhecimento acarreta na mudança do significado de categoria. A personalidade é a primeira característica que divide os assuntos dos registros documentários e corresponde às entidades, seus tipos, suas espécies, partes e/ou órgãos, ou seja, é a “personalidade”, a “essência”, a temática central de um documento a ser classificado. É identificada por eliminação porque possui vínculo místico com o plano das ideias, o qual não pode ser expresso linguisticamente. É o produto na medida que revela o conteúdo central do assunto após a aplicação categórica. A base religiosa presente na formulação da personalidade para a sistematização da *Colon Classification* não é um obstáculo ao tratamento e recuperação da informação, mas é um elemento fundamental que deve ser considerado em sua definição e também na aplicação categórica.

O plano das ideias pode ser interpretado como uma adaptação dos princípios, causas e elementos do ser presente na Metafísica de Aristóteles. Este plano na terminologia rangathaniana é o universo original de ideias do qual se derivam os assuntos na espiral de assuntos, e a semelhança deste plano com a personalidade é o caráter inefável e imaterial presente nos assuntos dos documentos e no universo transcendente, e o ponto de contato entre estes ocorre no uso da informação. Ranganathan utilizou indícios da teoria clássica nos cânones para o plano das ideias que permite a divisão do universo do conhecimento para a formação das classes e das categorias, mas difere desta teoria ao propor uma classificação flexível baseada em tabelas de conceitos não combinados.

A variável vínculos enfatiza:

- se acredita que Ranganathan tenha se baseado nas categorias fundamentais de Aristóteles para a proposição das facetas fundamentais que usa nesta classificação;

- interseções entre as categorias de Aristóteles com as de Ranganathan;
- a influência mais perceptível nos escritos de Ranganathan é a da lógica aristotélica;
- Aristóteles propôs [distintamente] uma análise ontológica, voltada aos seres, já Ranganathan debruçou-se nos registros do conhecimento, as categorias do classificar;
- Ranganathan realizou estudos em Londres e obteve formação em áreas influenciadas pelos estudos aristotélicos;
- Ranganathan cita de maneira genérica Aristóteles nos *Prolegomena to Library Classification*, contudo o faz de maneira genérica, mas não as aborda;
- o plano das ideias de Ranganathan resgata os elementos presentes na lógica aristotélica, veja-se por exemplo, os cânones da divisão em cadeias e da sequência de filiação;
- a noção categorial de Ranganathan pode ser vista como uma releitura das categorias aristotélicas constituídas como instrumentos lógicos de análise, mesmo propostas por motivações e propósitos distintos;
- Moss explicita a derivação das categorias aristotélicas nas rangathanianas, algumas categorias são idênticas: lugar e tempo; a substância seria, no sentido lógico, equivalente à personalidade de Ranganathan e, no sentido metafísico, equivalente à categoria da matéria
- a substância diferencia-se em Aristóteles e Ranganathan sob dois aspectos: a terminologia usada e a proposta para a compreensão dessas categorias que cada um dos estudiosos determinou;
- aceção quase divina sobre a personalidade, ainda que por um caminho oposto ao de Aristóteles;
- a proposta do universo de aplicação das categorias é distinto;
- a proposta das categorias fundamentais de Ranganathan teve como principal objetivo dar uma estrutura formal e flexível aos estudos teóricos da classificação;
- a proposta das categorias fundamentais de Ranganathan derivou de aristóteles, pois o tratado *Categorias* é um dos mais conhecidos no âmbito dos estudos lógicos;
- há linhas de pensamento congruentes entre seus escritos e os escritos de Aristóteles;

- Ranganathan constrói suas categorias em direção oposta;
- os princípios de Ranganathan tanto coincidem com a teoria clássica de categorias e se distanciam dela;
na BCI predomina o modelo categorial de Ranganathan e há indícios de que este modelo tenha se embasado nos escritos de Aristóteles;
- a similitude percebida entre estes princípios categoriais na análise teórica realizada, quanto à estrutura PMEST e às categorias fundamentais do estagirita;
- quanto à categoria personalidade, observa-se associação com a substância na concepção formativa e na relevância que lhes são dadas, apesar de nos quesitos metodológicos assistir-se a uma oposição entre o que cada uma delas constitua;
- o método de resíduos é, como exposto por Aranalde (2009 apud SILVA, 2010, p. 101), um ponto dissociante entre as perspectivas dos dois filósofos;
- a dúvida acerca da ambiguidade na distinção da personalidade e matéria em Ranganathan se instaura na comparação da personalidade com a substância aristotélica;
- acredita-se que tanto a matéria quanto a forma aristotélica reflitam no que seja a personalidade, já que os limites entre esta e a matéria se mostraram confusos tanto teórica quanto empiricamente;
- Ranganathan propôs um plano ideacional que foge ao realismo aristotélico, em parte, pois implica que há um nível de existência das coisas que antecede aquilo que forma explicitamente o plano verbal;
- a derivação observada teoricamente entre a estrutura PMEST e as categorias de Aristóteles sofra no gesto empírico um enfraquecimento considerável.;
- se acredita que Ranganathan tenha se baseado nas categorias fundamentais de Aristóteles para a proposição das facetas fundamentais que usa nesta classificação;
- interseções entre as categorias de Aristóteles com as de Ranganathan.

A seguir faremos comentários referentes à variável vínculos. É provável que Ranganathan tenha se baseado nas categorias de Aristóteles, mas isto não foi verificado explicitamente no corpus ranganathiano, com exceção da citação que apenas menciona, mas

nao aprofunda ou fala sobre a teoria do ser de Aristóteles. Contudo, as interseções entre as categorias aristotélico-ranganathanianas identificadas nos cânones e postulados da *Colon Classification* mostram similitudes com a lógica aristotélica, mas Ranganathan parte desta divisão para tornar a formação dos números de classe de modo flexível, superando os esquemas enumerativos com forte influência aristotélica. Aristóteles propôs as categorias para uma análise ontológica (do ser) e, Ranganathan, para seu uso estritamente na disciplina classificação, utilizando categorias para o agrupamento das facetas dos assuntos em uma vertente multidimensional convertida numa linha nas estantes a partir da notação.

A formação de Ranganathan em áreas influenciadas pelos estudos aristotélicos em Londres pode ter exercido influência em sua proposta original de corrente teórica que concilia o uso com a o transcendente, mas não possuímos evidências científicas de que isto tenha ocorrido, sendo, portanto, uma hipótese e uma questão para estudos futuros. Sendo as categorias aristotélico-ranganathanianas instrumentos lógicos de análise, este vínculo é forte porque possuem função idêntica: a de organizar o mundo. A releitura da proposta categorial de Ranganathan ocorre com base em motivações e propósitos distintos dos de Aristóteles, e isto constitui um vínculo fraco porque o sentido categorial se compõe dos seguintes elementos: a definição segundo o autor, a conexão com a corrente filosófica adotada; a aplicação categorial nos autores originais que as formularam; a aplicação categorial em contextos particulares de pesquisas primárias; a definição e aplicação categorial em obras de referência.

As categorias de lugar e tempo são idênticas em Aristóteles e Ranganathan, já que fornecem informações úteis à localização de fenômenos e objetos no mundo, ou seja, os revelam em determinadas dimensões de análise. É possível afirmar que a substância no sentido lógico é equivalente à personalidade de Ranganathan porque ambas expressam aquilo que é a “personalidade” ou a “essência” de algo: um ser cognoscível ou um documento representado e recuperado.

A terminologia e a proposta para a compreensão das categorias aristotélico-ranganathanianas as tornam diferentes e isto configura um vínculo fraco. Mas os vínculos não são vistos em valores de verdade 0 e 1, mas possuem gradações conforme as nuances são

identificadas e interpretadas. Ambos os autores possuem uma acepção divina presente nos *corpora* e utilizam as categorias com finalidade similar: ambos pretendem dizer e comunicar aquilo que é (aquilo que era ser ou aquilo que é o conhecimento nos registros documentários), mesmo que a proposta do universo de aplicação das categorias seja distinto.

O objetivo de Ranganathan o distanciou de Aristóteles, o primeiro consistiu em prover uma estrutura de esquema flexível e informe aos estudos teóricos da classificação. Podemos inferir que a estrutura informe é uma ruptura revolucionária com a lógica aristotélica e, por isso, constitui um vínculo fraco. A forma em Aristóteles tem prioridade lógico-ontológica sobre a matéria (que garante a potência do ser) e é justamente oposta à esta prioridade da forma que toda a fundamentação teórico-instrumental da Colon Classification se baseia. Ambos os autores reconhecem o aspecto orgânico ou vivo (“a biblioteca é um organismo em crescimento” e os seres) para o qual se aplicam as categorias, e este, em nossa interpretação, é uma linha de pensamento congruente. A construção das categorias rangathanianas ocorre em direção oposta ao de Aristóteles e isto é verificado com maior ênfase no método dos resíduos, o qual constitui um vínculo fraco. Os princípios de Ranganathan nos *corpora* tanto se aproximam da teoria clássica das categorias enquanto instrumentos de representação e comunicação a respeito de algo e dela se distanciam na flexibilização que garante a formação da notação, e isto rompe com a importância da forma aristotélica no sínolo que implica na rigidez da lógica aristotélica superada por Ranganathan.

A dúvida acerca da ambiguidade na distinção da personalidade e matéria em Ranganathan que se instaura na comparação da personalidade com a substância aristotélica constitui um vínculo fraco. Esta dificuldade de distinção entre personalidade e matéria ocorre porque a categorização depende do contexto dos assuntos, o qual vai influenciar na distinção entre o que essas categorias representam empiricamente. O plano ideacional foge ao realismo aristotélico e isto configura um vínculo fraco. Este plano pressupõe a existência das ideias independente se as mesmas ~~que~~ tenham sido expressas verbalmente nos discursos, registradas em produção intelectual humana ou em estado não comunicado no pensamento.

A derivação teórica entre a estrutura PMEST e as categorias de Aristóteles sofre no gesto empírico um enfraquecimento considerável. Compreendemos que afirmação à luz de respostas para nossa questão de pesquisa deriva de uma limitação do estudo referente a uma amostra limitada, que se compõe de 1 profissional do pré-teste. Em nossa leitura, o gesto empírico entre a estrutura PMEST e as categorias aristotélicas não necessariamente significa um enfraquecimento da derivação das categorias aristotélico-ranganathianas. Isto pode ser um hipótese a ser testada em pesquisas futuras com uma amostra maior e com o foco exclusivamente nestas categorias, já que o estudo também utiliza as categorias do TFCPB Tesouro do Folclore e Cultura Popular Brasileira. As interseções entre as categorias de Aristóteles com as de Ranganathan configuram um vínculo forte quanto aos aspectos das categorias idênticas e da derivação entre substância e personalidade.

A seguir faremos a análise intra do artigo de Barité (2000).

A variável revisão de literatura enfatiza:

- não há definição estabelecida das categorias;
- categoria é qualquer uma das características ou temperamentos mais gerais aplicados como um todo a todos os seres e às outras maneiras ou modalidades exibidas por eles;
- categorias são conceitos de alta generalização e grande aplicação;
- categorias são as classes mais gerais de fenômenos;
- categoria é uma classe de generalidade muito alta ou uma faceta geral que se aplica a muitos campos de assunto.

A revisão de literatura aborda que a noção de categoria abarca outros conceitos, como classe, característica, conceito e que há dificuldade de definição, pois varia de acordo com a área do conhecimento. Categoria designa classes de conceitos gerais em campos de assunto que permitem definir os fenômenos e objetos do mundo.

A variável perspectiva teórica enfatiza:

- a noção de categoria teve diversas conceituações, desde os tempos de Aristóteles;
- não é possível caracterizar categorias na Teoria da Classificação, tomando emprestado as definições fornecidas pela Filosofia, Ontologia ou Metafísica;

- as categorias são pontos de partida conceituais para organizar o discurso científico específico;
- as categorias são expressões abstratas e gerais que podem ser percebidas em qualquer entidade, elemento ou objeto;
- há uma característica implícita também, seguindo o pensamento aristotélico, que se refere ao caráter instrumental das categorias;
- as categorias são usadas como ferramentas para descobrir certas regularidades do mundo material, assim, todos os objetos pertencentes ao mundo material têm certas propriedades;
- propriedades é uma categoria possível para analisar o mundo material;
- as categorias são noções simples ou simplificadas que podemos obter para analisar qualquer fenômeno e colocá-lo em determinada posição em relação a um objeto;
- as categorias expressam regularidades e constituem estruturas conceituais com certa permanência e estabilidade;
- o resultado da aplicação das categorias em diferentes objetos pode ser variável, sendo capaz de ter expressões em qualquer objeto, entidade ou ser real ou ideal;
- categorias são abstrações simplificadas que, com a força de instrumentos intelectuais, são usados por classificacionistas para investigar regularidades de objetos do mundo físico e ideal e para representar noções;
- a análise e representação é realizada com vista a um sistema de conceitos logicamente organizados para a organização do conhecimento em termos gerais, e análise de assunto ou classificação de documentos em termos específicos;
- dentro da Teoria da Classificação, as categorias só são relevantes como instrumentos de análise e organização de objetos, fenômenos e conhecimentos;
- as categorias mantêm uma essência ontológica, mas Teoria da Classificação são de interesse não como elementos de especulação metafísica, mas como níveis ou dimensões de análise aplicada à estruturação interior do conhecimento humano e suas abstrações mais representativas: os conceitos;

- não é possível isolar o noção de *categoria* daquelas de *objeto* e *analista*;
- o objeto ou referente pode ser qualquer objeto ou entidade, ser ou fenômeno, que admite a análise como algo autônomo;
- todo objeto dá origem a infinitos aspectos para sua análise, dada a sua complexidade intrínseca;
- a complexidade de qualquer objeto impede sua análise global, integral e completa;
- um objeto possui os seguintes atributos que condicionam seu estudo: a) é naturalmente dinâmico e mutável b) pode ser real ou ideal. c) alguns apresentam problemas de delimitação d) grande parte pertence ou ocorre em uma fase do continuum tempo-espaco, ou melhor, fluem ao longo de uma seção desse contínuo.

A seguir comentaremos e interpretaremos a variável perspectiva teórica. A conceituação mais conhecida da noção de categoria deriva de Aristóteles. Contudo, há de se considerar que todas as adaptações conceituais resgatam em alguma instância histórica e etimológica a acepção original do termo. Na teoria da classificação, as categorias de Ranganathan possuem um sentido distinto e oposto porque abarcam em sua acepção a multivocidade conceitual. O percurso metodológico a ser seguido para analisar os vínculos entre as categorias se inicia no estudo do que seja a Teoria da Classificação e o que seja a Filosofia, a Ontologia e a Metafísica, para um contexto macro no qual podemos estabelecer a natureza desses vínculos. Na Teoria da Classificação, as categorias são pontos de partida conceituais para organizar o discurso científico específico porque são os primeiros recortes que permitem agrupar elementos significativos dos discursos, as ideias que se buscam organizar, em estado complexo, ou seja, relacionadas entre si (método facetado).

O caráter instrumental das categorias aristotélico-ranganathanianas é um vínculo forte porque constitui uma operação intelectual humana de conhecer por abstração conceitual: a ciência em Aristóteles e Ranganathan se diz a partir do universal e isto é verificado na *Colon Classification* na divisão das classes gerais que são as disciplinas. O significado das classes exerce influência no sentido dado às categorias porque estas são aplicadas nas facetas ligadas às disciplinas. Ranganathan supera a divisão hierárquica e excludente na *Colon Classification*

ao propor a flexibilização conceitual nas entidades, elementos ou fenômenos documentais, supera as noções aristotélicas pautadas na seleção de um sentido em detrimento dos sentidos possíveis e aperfeiçoa o método categorial à luz das necessidades biblioteconômico-informacionais de sua própria época e contexto nacional emergente das bibliotecas da Índia. As categorias permitem analisar fenômenos empíricos e posicioná-los em relação a um objeto do universo do conhecimento porque se constituem de uma estrutura informe fundamentalmente aberta (como o ser), mutável, rompendo com a estabilidade e permanência do ser na Metafísica de Arisóteles, e isto constitui um vínculo fraco. A *Colon Classification* consiste num sistema de conceitos logicamente organizados, suficientes para a organização do conhecimento em termos que se encontram em estado bruto, ou seja, conceitos isolados. A análise e representação de assuntos ou classificação de documentos ocorre com base neste sistema conceitual não aplicado, sendo o produto da aplicação categórica a classificação em termos específicos propriamente dita expressa pela notação.

Dentro da Teoria da Classificação, as categorias só são relevantes como instrumentos de análise e organização de objetos, fenômenos e conhecimentos, ou seja, é através da aplicação categórica, do seu uso empírico-instrumental, que podemos identificar as relações conceituais existentes e o conhecimento que se apresenta a partir das mesmas. Tendo em vista que as categorias rompem com a essência ontológica do ser na Teoria da Classificação, esta última deve ser compreendida à luz dos conceitos, os níveis ou dimensões de análise aplicada à estruturação informe do conhecimento humano. Este enfoque significa um vínculo fraco porque a noção de estrutura nos autores difere fundamentalmente, Aristóteles exclui os seres dessemelhantes ao critério de divisão adotado e Ranganathan inclui todas as facetas e categorias possíveis.

A noção de *categoria* se relaciona com o objeto e analista. O analista é o classificacionista ou classificador que identifica a realidade do objeto, ou seja, identifica os conceitos e os traduz em uma linguagem de especificidade utilizada na *Colon Classification*. Na classificação, um objeto ou referente é representado centralmente pela personalidade, que é o primeiro recorte daquilo que constitui o objeto e pode ser representada não por um, mas por

diversos conceitos nos ciclos (repetição das categorias em um novo conceito) e níveis (repetição da categoria em um mesmo ciclo). Um documento trata sobre um objeto de modo parcial e limitado, pois novas ideias, problemas e hipóteses são formuladas, metáforas são formuladas, o que constitui o avanço do conhecimento com base na indagação e uso da linguagem. Desse modo, a categorização cobre um domínio limitado de uma análise parcial do objeto dinâmico e mutável que flui ao longo de uma seção do *continuum* tempo-espço. O objeto ser real ou ideal não é um dificultador para analista porque este identifica as características pelas quais é representado nas relações facetadas e os problemas de delimitação do objeto são resolvidos com a garantia literária e a conscientização da necessidade de avaliação permanente não apenas da *Colon Classification*, mas de todos os sistemas de organização do conhecimento (ou seja, a humildade intelectual a respeito da condição de verdade no método categorial - o uso dos conceitos isolados) à luz de novos contextos sociais de necessidades de informação.

A variável achados enfatiza:

- a categoria faz uma divisão em uma globalidade;
- o conjunto de categorias selecionadas por um analista deve fornecer uma representação completa do objeto;
- as características das categorias são expressas: a) setorial; b) cada categoria implica um nível específico de análise; c) são níveis de análise externos ao objeto; d) são mutuamente excludentes; e) cada categoria é altamente generalizável; f) cada categoria pode admitir, com referência a um objeto, níveis variáveis de subdivisão; g) não houve acordo quanto a uma coleção limitada de categorias;
- partindo da filosofia aristotélica, categoria, por natureza e definição, deve ser aplicada indiscriminadamente a qualquer objeto;
- cada nível de subdivisão das categorias é tecnicamente conhecido como característica, faceta, ou atributo através do qual um conceito ou objeto é subdividido;
- um conjunto homogêneo de focos é obtido no nível de subdivisão das categorias;

- a criação de uma faceta, quando uma característica é aplicada consistentemente, pode ocorrer no quadro de uma e apenas uma categoria e apenas uma categoria;
- Ranganathan tinha dúvidas, para atribuir ambas as formulações da PERSONALIDADE, ou a formulação da ENERGIA para determinadas facetas;
- Ranganathan recorreu à designação simultânea de duas categorias, {E} e {2P}, e deixando o classificador livre para determinar a aplicação da categoria no contexto do documento.

A seguir comentaremos e interpretaremos a variável achados. A categoria faz uma divisão em uma globalidade, pois a ordem dos assuntos do geral ao específico reflete a ordem do universo presente na filosofia grega em Aristóteles. O conjunto de categorias selecionadas pelo analista deve fornecer uma representação completa do objeto, ou seja, as categorias ranganathanianas representam os assuntos em uma estrutura de conceitos ordenados e sistematizados. Sobre as características das categorias, são setoriais e rompem com a lógica aristotélica e os princípios da identidade e da não contradição. Cada categoria se aplica e manifesta as facetas dos assuntos, não devem ser confundidas entre si no que se refere ao significado do que cada uma propõe revelar em um nível de análise externo ao objeto. Por ser externa ao objeto, a categoria é generalizável e sua aplicação implica em níveis de subdivisão dos conceitos em uma característica, faceta ou atributo.

Não houve acordo quanto a uma coleção limitada de categorias porque dependendo do autor e corrente teórica subjacente à proposta categorial, o número de categoria varia, inclusive este número varia em Aristóteles, que propõe números distintos nas obras Tópicos, Categorias e Metafísica. Partindo da filosofia aristotélica, categoria, por natureza e definição, deve ser aplicada indiscriminadamente a qualquer objeto e isto constitui um vínculo forte com as categorias de Ranganathan. Ambas permitem a análise de qualquer objeto do mundo. Ranganathan, mesmo sem discorrer em seu corpus acerca das vantagens instrumentais das categorias de Aristóteles, introduz uma filosofia própria que aperfeiçoa a definição e aplicação categórica originadas de Aristóteles voltadas para a classificação de assuntos e para a democracia documentária. Um conjunto homogêneo de focos referentes às categorias obtido

no nível de subdivisão das categorias ocorre dentro das facetas. A criação de uma faceta para representação das entidades a partir da aplicação de uma característica ocorre no quadro de uma e apenas uma categoria. As facetas reúnem características possíveis dos documentos, constituindo um vínculo fraco quanto à não fundamentação das características essenciais das epistêmes predeterminadas do universo do conhecimento, mas pautada em dar condições de representação de todas as articulações facetadas possíveis, e este tipo de lógica fundamenta a explicitação dos conceitos informes e isolados. A liberdade conferida ao classificador tem como objetivo a identificação e relação das facetas que coordenam conceitos distintos tendo em vista o contexto do documento.

A variável interpretação dos achados enfatiza:

- a categoria matéria refere-se aos aspectos de análise de um objeto; energia, o estudo dinâmico do objeto; tempo e espaço, a posição do objeto ao longo dessas duas coordenadas e a personalidade pode incluir ambos os tipos e partes das coisas e funciona como uma categoria residual que absorve aqueles elementos não contemplados pelas outras categorias;
- o caráter instrumental das categorias é funcional e dado a seu grau de abstração absoluto, está fora do mundo real;
- a seleção de uma categoria sempre persegue um objetivo analítico, mas apenas a partir de uma determinada abordagem, ponto de vista ou nível de estudo;
- acreditamos que a suposição de que as categorias são constituídas por elementos ou componentes do objeto se espalhou erroneamente, suas raízes provavelmente voltando à Aristóteles;
- as categorias são elementos autônomos e externos em relação ao objeto que está sendo estudado;
- existem áreas do conhecimento onde a aplicação de certas categorias não tem utilidade. Cada disciplina tem sua própria estrutura conceitual que pré-forma as categorias que serão usadas para sua organização interna. A fórmula facetada raramente forma a sequência completa PMEST e não corresponde classe a classe;
- a própria natureza instrumental torna as categorias semelhantes a equipamentos de laboratório usados por qualquer cientista em sua área específica;

- as categorias são instrumentos de alta generalização, embora não absolutas;
- as categorias de maior generalização como espaço e tempo e as facetas intrínsecas às mesmas geralmente aparecem nas linguagens de indexação como auxiliares ou nas tabelas adicionais;
- a literatura não dá uma definição muito precisa do vínculo que une e distingue os conceitos de característica e categoria. São termos frequentemente usados indistintamente como sinônimos, mas não o são. A característica sugere um nível de análise de um objeto em uma esfera mais compreensível, a de uma categoria;
- [...] o número de categorias que um classificador é capaz de estabelecer para seu trabalho aumentará inversamente ao grau de generalidade de aplicação visado em cada categoria. Assim, a eleição de ENERGIA projetará um campo de uso relativo a todos os aspectos dinâmicos do objeto. Mas, se inversamente, a pesquisa [consiste em] [...] especificar certos aspectos dinâmicos em categorias “menores”, isso levará a ENERGIA a se decompor em PROCESSOS, OPERAÇÕES e PROBLEMAS. Não há alternativa melhor, apenas uma decisão ligada à utilidade que transmite para a análise de objetos. (BARITÉ, 2000, p. 9, tradução nossa)

A categoria matéria revela os aspectos materiais que constituem o objeto; a energia, uma ação que expressa o movimento do objeto; tempo e espaço, as categorias de mais fácil identificação que dividem o objeto espaço-temporalmente. A personalidade pode incluir ambos os tipos e partes das coisas consideradas essenciais em uma classe principal para representar um assunto. Absorve os elementos significativos não contemplados pelas outras categorias, os quais expressam o que está ausente e necessita ser incluído para a análise exhaustiva dos objetos. Neste sentido, é um vínculo fraco porque a aplicação da personalidade busca preencher algo ausente nas demais categorias, enquanto a substância aristotélica indica positivamente as características essenciais de algo que é.

A abstração das categorias no que se refere ao caráter instrumental de descoberta das características dos assuntos por meio dos conceitos resulta que estão fora do mundo real, segundo a concepção do autor. Podemos interpretar à luz da teoria pragmática wittgensteiniana que as categorias elas mesmas (e não o que cada uma significa quando aplicada) só significam quando são articuladas linguisticamente no meio social (inclusive o classificacionista opera linguisticamente a representação dos assuntos via categorias) e, neste sentido, estão no mundo real habitado pela linguagem - onde o conhecimento se desenvolve empiricamente na

sociedade, constituindo um vínculo fraco quanto à concepção ontológica aristotélica do “ser em si” - separado, absoluto, autônomo e fascista ao propor o epistemicídio do sentido - e a ontologia classificatória rangathaniana, que recebe todas as epistêmes e suas relações, que “monta” o mundo a cada representação, que dá abertura ao mundo epistêmico se expressar ao seu próprio modo com total liberdade, sem ditar, de antemão: (i) que os assuntos têm uma forma (ii) de que modo esta forma se articula (iii) que a ciência da classificação indica caminhos para conhecer de que modo uma epistême futura se apresenta. Tendo em vista que a Colon Classification é informe, a responsabilidade de representar os assuntos a partir da articulação das categorias nas fórmulas de facetas das disciplinas pode aumentar as chances de falhas quando comparada à praticidade de atribuição de um código de classificação préestabelecido dos esquemas enumerativos, mas, até Ranganathan, a análise facetada é considerada na literatura da organização do conhecimento como o método mais democrático e que promove com mais eficácia a justiça epistêmica.

A seleção de uma categoria sempre persegue um objetivo analítico, mas apenas a partir de uma determinada abordagem, ponto de vista ou nível de estudo, ou seja, o uso das categorias permite selecionar as facetas derivadas do universo do conhecimento presentes nos documentos e, com isso, a escolha do que se representa como o primeiro recorte classificatório do universo do conhecimento é um dilema ético que envolve a justificativa dos critérios usados para a seleção de uma categoria em detrimento das demais nos sistemas de organização do conhecimento (SOCs). Idealmente, estas informações de cunho ético estão presentes na introdução do sistema, assim como a corrente teórica utilizada na sua construção e isto serve também para a avaliação e atualização institucionais.

A fórmula facetada relativa à classe principal indica ao analista quais são as categorias relevantes, e muitas vezes a fórmula completa PMEST não se aplica. As categorias fundamentais podem ser comparadas aos equipamentos de laboratório pois existem regras e postulados que orientam o modo como devem ser aplicadas para a análise de assuntos e qual o tipo de produto almejado: o documento classificado com base no número de classe construído ou sintetizado das tabelas.

As categorias generalistas de espaço e tempo aparecem como auxiliares ou nas tabelas adicionais chamadas na *Colon Classification* de artifício cronológico e geográfico.

A seguir falaremos sobre o vínculo que une e distingue os conceitos de característica e categoria. As facetas são características possíveis que dividem as classes principais. Estas características sugerem um nível de análise de um objeto no interior das categorias. As facetas manifestam as categorias com base em características gerais presentes nos objetos, enquanto os focos derivam das facetas e expressam uma característica particular.

O número de categorias estabelecidas aumenta inversamente ao grau de generalidade de aplicação visado em cada categoria e isto depende da natureza do objeto e em qual disciplina ocorre, fatores essenciais que influenciam na utilidade das categorias.

A variável método (coleta e análise) não se aplica.

A variável apresentação das categorias com respaldo teórico é positiva, e isto é uma evidência científica que nossa revisão sistemática utiliza como critério de avaliação do risco de vies neste artigo.

A variável aplicação das categorias não é contemplada de modo literal. Contudo, o autor tece comentários à respeito de uma aplicação categórica hipotética. Enfatizamos a citação:

- como as categorias expressam regularidades, por força eles também constituem estruturas conceituais com certa permanência e estabilidade (embora o resultado de sua aplicação a diferentes objetos possa ser variável), capaz de ter expressões em qualquer objeto, entidade ou ser real ou ideal.

O resultado da aplicação categórica pode ser variável porque os objetos analisados expressam uma dinâmica interna, sendo o oposto do que significam as categorias (imutáveis em Aristóteles e mutáveis em Ranganathan, o que expressa um vínculo fraco).

A variável Aristóteles enfatiza:

- a noção de categoria teve diversas conceituações desde Aristóteles;
- a suposição de que as categorias são constituídas por elementos ou componentes do objeto se espalhou erroneamente, suas raízes provavelmente voltando à Aristóteles;

- partindo da filosofia aristotélica, categoria, por natureza e definição, deve ser aplicada indiscriminadamente a qualquer objeto.

Compreendemos que a sentido original das categorias aristotélicas deve ser considerado quando se conceitua e aplica as categorias rangathanianas, para o vínculo ser aprofundado com base na concepção teórica e também fundamentado empiricamente (na aplicação).

As categorias em Ranganathan não são constituídas por elementos ou componentes de objeto, mas permitem ao analista aplicá-las sobre o objeto iniciando pela localização do assunto básico, e, com isso, sistematizar as relações entre conceitos.

As categorias aristotélico-ranganathanianas se aplicam a todos os objetos, constituindo um vínculo forte.

A variável Ranganathan enfatiza:

- a categoria matéria refere-se aos aspectos de análise de um objeto; energia, o estudo dinâmico do objeto; tempo e espaço, a posição do objeto ao longo dessas duas coordenadas e a personalidade pode incluir ambos os tipos e partes das coisas e funciona como uma categoria residual que absorve aqueles elementos não contemplados pelas outras categorias;
- existem áreas do conhecimento onde a aplicação de certas categorias não tem qualquer utilidade. Cada disciplina tem sua própria estrutura conceitual que pré-forma as categorias que serão usadas para sua organização interna. A Colon Classification é expressiva nesse sentido, uma vez que a fórmula facetada raramente forma a sequência completa PMEST;
- cada nível de subdivisão das categorias é conhecido como característica, faceta, ou atributo, através do qual um conceito ou objeto é subdividido; um conjunto homogêneo de focos sendo obtido dessa forma.
- a criação de uma faceta, quando uma característica é aplicada consistentemente, pode ocorrer no quadro de uma e apenas uma categoria e apenas uma categoria.
- Ranganathan tinha dúvidas, para atribuir ambas as formulações da PERSONALIDADE, ou a formulação da ENERGIA para determinadas facetas;
- Ranganathan recorreu à designação simultânea de duas categorias, {E} e {2P}, e deixando o classificador livre para determinar a aplicação da categoria no contexto do documento.

A Personalidade é a categoria mais concreta, por isso é utilizada como primeira categoria ou primeiro estágio da categorização para representar a configuração de um objeto dentro de um domínio. As demais buscam localizar em graus mais abstratos aquilo que se pode medir empiricamente. A matéria identifica os materiais e as propriedades dos objetos; a energia identifica as ações do objeto; espaço identifica a localização do objeto e o tempo identifica o período cronológico do objeto. A fórmula facetada permite informar ao analista quais categorias são úteis em uma disciplina buscando facilitar o trabalho intelectual. Ocorre a subdivisão das categorias em facetas e das facetas em focos, ambos segundo características possíveis de divisão, aqui um vínculo fraco que permite ao analista não confundir os limites entre uma categoria e outra. Contudo, é trabalho do analista tomar decisões referentes à aplicação das categorias à luz de do contexto do documento. As categorias permitem dizer quais entidades são adequadas como manifestação das categorias nas facetas considerando a adequação lógico-conceitual entre o significado da categoria em si mesma para um contexto documental. Esta designação designa um vínculo fraco, pois em Aristóteles o significado é absoluto e invariável, dado nas definições conceituais que expressam as essências, o que não ocorre em Ranganathan.

A variável vínculos enfatiza:

- há uma característica implícita, seguindo o pensamento aristotélico, que se refere ao caráter instrumental das categorias. As categorias são usadas como ferramentas para descobrir certas regularidades do mundo material, assim, todos os objetos – pelo menos todos aqueles pertencentes ao mundo material – têm certas propriedades. Como resultado, propriedades é uma categoria possível para analisar o mundo material.
- Aristóteles tinha originalmente reconhecido dez categorias (substância, qualidade, quantidade, posição, posse, ação, relações e outros). Ranganathan os reduziu a cinco, conhecido com a sigla PMEST: personalidade, matéria, energia, espaço e tempo.

O caráter instrumental das categorias constitui um vínculo forte para analisar qualquer objeto. A redução do número de categorias em Ranganathan é um vínculo fraco, mas a repetição das categorias de espaço e tempo fortalece o vínculo, indicando que buscam descobrir informações semelhantes nos objetos de análise.

A seguir faremos a análise intra do artigo de Aranalde (2009).

A revisão de literatura feita por Aranalde enfatiza:

- as reflexões de Ranganathan se cristalizam nos maiores desenvolvimentos teóricos apresentados para a teoria da classificação do século 20;
- as categorias são as formas de acordo com as quais os objetos de experiência são estruturados e ordenados;
- o objetivo específico e justificadamente pragmático das categorias ranganathanianas é oferecer bases para certo tipo de organização do conhecimento;
- o sistema de classificação elaborado pelo filósofo Aristóteles foi a estrutura do conhecimento por aproximadamente dois mil anos, servindo de modelo para muitos sistemas de classificação e sendo adaptado conforme os pressupostos básicos e objetivos de cada um dos novos sistemas desenvolvidos desde então;
- o Tratado das Categorias é uma obra da juventude do pensador, enquanto a Metafísica é uma obra indubitavelmente madura do filósofo grego;
- o ser se diz de muitos modos;
- em quantos são os modos em que se diz, tantos são os significados do ser;
- quanto aos predicados, uns significam essências, outros qualidade, outros quantidade, outros relação, outros agir ou padecer, outros lugar e outros tempo, o ser significa o mesmo que cada um destes;
- o termo substância de Aristóteles é atribuído a uma categoria de coisas, distinguida no seio do próprio real. Ele separa nos seres aquilo que é substância daquilo que não é por meio de uma definição que fixa os caracteres próprios dela;
- as categorias de Aristóteles, retomadas com ligeiras alterações por Ranganathan e que propiciam a análise dos conceitos em ângulos diversos de abordagem, as facetas, têm sido consideradas por muitos como uma alternativa para a organização semântica;
- os classificacionistas anteriores à Ranganathan construíram esquemas tendo por base sistemas de áreas especializadas;
- os sistemas anteriores ao de Ranganathan só permitiam representar o conhecimento já estabelecido, pois neles não ocorre a ligação entre o conhecimento e as classificações, mas entre os assuntos dos documentos e as classificações;

- o caminho para se chegar aos princípios últimos de uma classificação que abarcasse o desenvolvimento do próprio conhecimento e sua projeção em novas áreas aponta para cinco direções apresentadas em *Prolegomena* que são, respectivamente:
 - a) dissecação: resulta em classes coordenadas ou em ordem de classes;
 - b) laminação: resulta em classes compostas;
 - c) desnudação: resulta em classes subordinadas ou em cadeias de classes;
 - d) montagem flexível;
 - e) superposição: que resulta em combinação de classes através de reunião e agregação;
- qualquer pessoa tem total liberdade para formular o número de categorias que quiser, desde que elas sejam empiricamente testadas;
- o postulado das categorias fundamentais: “Há cinco e somente cinco categorias fundamentais: Tempo, Espaço, Energia, Matéria e Personalidade”;
- não podemos saber o que as ‘Categorias Fundamentais’ são;
- é difícil definir Personalidade, mas é fácil compreender o que ela é; ela corresponde àquilo que chamamos de faceta primária e normalmente inclui coisas;
- além da falta de uma definição mais palpável, a teoria se ressentia da carência de uma análise mais apurada de suas relações com as demais categorias;
- as categorias são instrumentos úteis e satisfatórios para uma análise adequada dos assuntos de um documento, pois, como princípios elementares, servem de orientação para que a análise possa ser iniciada;
- a manifestação da categoria fundamental ‘Personalidade’ é facilmente determinável por não ser de ‘Tempo’, de ‘Espaço’, de ‘Energia’ ou ‘Matéria’ este é o método dos resíduos.

As reflexões e contribuições de Ranganathan para a teoria da classificação no século XX são de grande valia no contexto contemporâneo-digital da web semântica. As categorias permitem dar uma certa estrutura e ordenação aos objetos nos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOCs), usadas com a finalidade de garantir a correspondência entre os assuntos

e sua localização e recuperação neste sistema como um modelo categorial de organização do conhecimento.

A principal contribuição do sistema de classificação de Aristóteles foi apresentar um modelo de organização do conhecimento que expressa a estrutura dos objetos em cadeias ou classes gerais. Os Sistemas de Organização do Conhecimento (SOCs) enumerativos resgatam com maior vínculo a lógica aristotélica, e a *Colon Classification* faz uma adequação conceitual, operacional e metodológica na apresentação e aplicação das categorias, constituindo, devido às diferenças, um vínculo forte referente ao caráter instrumental. O ser se diz de muitos modos, e estes são expressos na aplicação categorial aristotélica. O conhecimento se manifesta de muitos modos possíveis nas facetas que expressam as categorias, constituindo um vínculo forte quanto à enumeração de características a respeito de um termo.

As categorias de Aristóteles são alteradas por Ranganathan, mas são muito semelhantes no que ambas permitem analisar os objetos segundo os modos de expressar e comunicar o conhecimento a respeito dos seres e dos saberes.

Os sistemas de organização do conhecimento (SOCs) antes de Ranganathan eram enumerativos, isto é, a representação dos assuntos ocorria por meio de classes divididas exaustivamente. A dissecação, laminação, desnudação, montagem flexível, superposição, desnudação, montagem flexível e superposição são princípios que orientam a formação dos assuntos, são as orientações de como o analista deve proceder em sua atividade profissional. Novas categorias podem ser acrescentadas, se isto se mostrar útil na disciplina classificação. A compreensão da personalidade como a faceta primária inclui tudo aquilo que confere os aspectos centrais da tematicidade do objeto. O PMEST permite a orientação para a análise porque recorta o domínio com base nos conceitos expressos nas facetas e isolados.

A variável perspectiva teórica enfatiza:

- o problema da classificação e organização do saber registrado como foco da gestão de informações;
- classificar significa identificar entidades, reunindo as semelhantes, separando as diferentes e, por meio deste processo, organizá-las;

- as categorias são concebidas como metaconceitos que permitem a efetiva conceitualização de objetos passíveis de serem conhecidos, organizados e classificados. São elementos intermediários entre os conceitos e a realidade cognoscível;
- o processo de formular representações do conhecimento se inicia pelo uso de categorias, as quais são expressões lógico-linguísticas de determinada junção da realidade e se apresentam como instrumentos imprescindíveis para orientar as ações dos profissionais que trabalham com a organização da informação;
- os períodos de estudos na Inglaterra e a própria prática profissional permitiram à Ranganathan refletir sobre os problemas enfrentados pelos bibliotecários na tarefa de organizar o conhecimento registrado;
- as categorias são concebidas como conceitos mais elementares a partir dos quais se podem formar outros conceitos;
- classificar pressupõe categorizar, as categorias são as maneiras como se pode identificar e falar das coisas, possibilitando a elaboração de classes mais gerais em que são ordenados os seus predicados;
- a formação das classes gerais pressupõe a delimitação das notas características das coisas, isto é, de traços fixos, mediante os quais elas podem ser reconhecidas como semelhantes ou dessemelhantes, coincidentes ou não coincidentes, possibilitando reuni-las em uma classe similar, separando as distintas e as distribuindo em outras classes. É exatamente isto que as categorias permitem: dizer o que é e o que não é;
- as categorias são caracterizadas como recortes que o pensamento humano faz da realidade, sendo um produto lógico, isto é, um produto do pensamento e de sua expressão: a linguagem;
- o primeiro trabalho sistemático de elaboração e de abordagem de categorias para a organização do conhecimento nos foi oferecido por Aristóteles;
- o bibliotecário indiano Ranganathan, por seu turno, concebe e elabora as categorias em sentido bastante restrito, mas não menos importante: no âmbito de identificação,

classificação e organização dos registros produzidos pelos seres humanos em suas atividades teóricas e práticas;

- Ranganathan concebe que apenas uma classificação dos registros humanos pode e deve ser feita para atender a todos os propósitos;
- qualquer assunto a ser classificado será sempre a manifestação de cinco categorias básicas ou fundamentais, caracterizadas como conceitos de alta generalidade e larga aplicação, os quais servem de estrutura a um esquema de classificação, pois sob eles se podem reunir outros conceitos;
- o sistema aristotélico de classificação a buscou a identificação e o estabelecimento de conceitos básicos que orientassem os agrupamentos e as partições do real operado pelo pensamento humano, ou seja, de categorias primordiais;
- o trabalho do filósofo grego, no que se refere à função das categorias na organização e na classificação do conhecimento existente, mostra-se, ainda hoje, como importante objeto de estudo para fundamentar e compreender a teoria da classificação;
- no sistema aristotélico, as categorias servem de fundamento ao conhecimento das coisas;
- utilizar as categorias é identificar unidades básicas de sentido. Essas unidades permitem apreender conceitualmente os objetos e dar definições deles;
- os modos do ser de Aristóteles são os seguintes: segundo ato e potência, segundo o acidente, segundo o verdadeiro e o falso e segundo cada uma das categorias;
- as figuras da predicação de Aristóteles são as formas como se pode falar do ser;
- no que concerne às formas categoriais, o ser se diz de oito modos interrelacionados: substância: que é o modo principal do ser, e que serve de fundamento a todos os outros modos, a saber: b) qualidade; c) quantidade; d) relação; e) agir; f) sofrer; g) lugar; h) tempo;
- a categoria da substância é a principal dentre as categorias e à qual todas as outras fazem referência, é o ser no sentido primeiro e fundamental;

- o uso da linguagem, seja através da escrita ou da fala, é efetivado basicamente por proposições. Falar de Sócrates desse modo é identificá-lo como substância e ‘branco’ como uma qualidade pertencente a ela. Por sua vez, a ‘brancura’ desta substância não pode subsistir por si só, sendo inteiramente dependente da substância;
- o mesmo que ocorre com a brancura se dá com as demais categorias que designam seres cuja existência é sempre parasitária à existência da substância;
- as coisas que recaem sob a categoria da ação dependem igualmente, para existirem, de algo que existe como substância. A ação de podar ou de queimar uma árvore, por exemplo, depende de um sujeito substancial;
- idêntica relação parasitária se dá entre as categorias do lugar e do tempo em relação à categoria da substância. Esse sujeito substancial está sempre em algum lugar;
- a linguagem precisa estabelecer um comportamento distinto entre a categoria da substância e as demais, visto que a primeira é ser em sentido primordial, ‘o ser por si’, pois é dela que depende a existência de todos os outros seres categoriais, ‘os seres não por si’;
- as categorias revelam a condição ontológica da realidade;
- as categorias aristotélicas guiam a apreensão da multiplicidade;
- Ranganathan desenvolve um trabalho que busca compatibilizar uma classificação flexível, expansiva e prática com bases reconhecidamente científicas;
- ‘categoria’, na perspectiva rangathaniana compreende um conceito de alta generalidade e de larga aplicação que serve de estrutura a um esquema de classificação, pois sob este esquema se pode reunir outros conceitos;
- ‘faceta é a manifestação das categorias em classes distintas. São o resultado da aplicação de características que formam um conjunto cujo nome é o termo mais geral;
- sob uma faceta recaem componentes subordinados, mas com características particulares;
- as bases formuladas para o estabelecimento da classificação objetivada por Ranganathan incluem princípios que envolvem três planos de trabalho: o das ideias, o verbal e o notacional;
- a aplicação das categorias está direcionada para uma análise estrutural da organização documentária como resposta às questões sobre como os assuntos são formados;

- o critério da utilidade é o fundamento das categorias rangathanianas: que sejam úteis ao processo classificatório;
- [Ranganathan] ressalta ainda que seu contexto se restringe à classificação bibliográfica, na qual o significado dessas categorias indica somente as facetas de um assunto, estando, portanto, longe da aplicação em disciplinas como a metafísica e a física;
- o objetivo primordial das categorias de Ranganathan é exatamente permitir a subsunção de particulares a uma classe mais geral para conhecê-los e organizá-los;
- [as categorias fundamentais] são a base para que se possa efetuar uma análise de qualquer material a ser classificado no âmbito da documentação;
- as categorias elaboradas por Ranganathan buscam responder às questões fundamentais do ‘por quê’, ‘o quê’, ‘como’, ‘onde’ e ‘quando’. Dessa perspectiva, a concretividade proposta pelo bibliotecário indiano ganha sentido. A causa – isto é, o ‘por quê’ – é necessariamente mais concreta que o seu efeito, ou seja, o ‘o quê’. Assim, o ramo do conhecimento de que surge uma nova entidade é mais concreto do que a própria entidade, por ser a causa dela.

□

A gestão de informações abarca o estudo da classificação e os seus desafios decorrentes da sobrecarga informacional na sociedade da informação. A classificação busca identificar e representar exaustivamente as entidades segundo suas características tanto na Filosofia quanto na Biblioteconomia e Ciência da Informação, cada área com as suas características próprias e terminologia especializada. As categorias são consideradas metaconceitos (conceitos dos conceitos) porque, quando aplicadas, expressam as facetas conceituais dos objetos. Neste sentido, a substância (o composto hilemórfico) é o que permite tornar cognoscível o objeto através de sua forma ou estrutura que reflete a essência. A matéria aristotélica não é cognoscível porque expressa o modo de ser em potência, a privação pela qual não é nada efetivamente (não expressa o ser em ato). Neste sentido, a substância reúne a forma e matéria de modo indissociável, tendo esta última um vínculo fraco com a personalidade porque esta última é fundamentalmente a negação e o rompimento com a noção do privilégio ontológico conferido ao alto grau de inteligibilidade legado à forma na ontologia grega aristotélica. Em Ranganathan, a privação da Personalidade encontra “solução” no discurso da pragmática na

correspondência do plano ideal, verbal e notacional: aquilo que não pode ser expresso em si mesmo (inefável) encontra caminho na abertura do mundo por meio do lógos que permite a expressão linguístico-conceitual e uma notação alfanumérica da realidade transcendente coincidindo com o mundo dos homens por meio da recuperação e uso da informação..

O berço histórico do processo de tratamento da informação nasce com a formulação das categorias aristotélicas que representam o ser. Em ambos os autores, as permitem conhecer os objetos por meio de seus conceitos, sendo este um vínculo forte. Em Aristóteles, permitem dar a forma, e, com isso, a definição ou o sentido. Em Ranganathan, as categorias estão inseridas numa realidade que se transforma e, por isso, a definição é pragmática (deve servir aos propósitos de organização e recuperação) e não há a vigência de um princípio da identidade (pois fundamenta o critério de divisão dicotômico-excludente). Simultaneamente, portanto, em nosso olhar ocidental, as categorias rangathanianas representam sentidos que, ao serem utilizados, são transformados e transformam retoricamente o ser dos usuários da informação (verídica, de qualidade), se tornando algo diferente do que era. Este processo místico constitui um vínculo fraco.

A formação das classes gerais expressas pelas categorias aristotélicas dizem o que é de modo exaustivo, pois de um sujeito particular não temos ciência. O Órganon como o instrumento do correto pensar usa as categorias para recortar a realidade, explicitando por meio da linguagem aquilo que lhe é intrínseco: a ordem natural na qual as entidades e os corpos celestes ocupam de modo invariável, tornando explícito enunciados verdadeiros. Este é o produto lógico do pensamento correto guiado pelo instrumento categorial oposto à opinião (doxa) sem fundamento científico.

Ranganathan formula a apresentação e aplicação categórica estritamente na teoria da classificação. Isto implica que o sentido original das categorias aristotélicas pode estar presente, ou seja, podem ter sido estudadas diretamente e apropriadas. A ausência até o momento de registros rangathanianos alegando ser conhecedor do método de aplicação das categorias aristotélicas constitui um vínculo fraco quanto às evidências de fonte primária atestando a existência fatural de uma possível semelhança ou não. Nos estudos da classificação,

é de enorme importância o resgate da teoria epistemológica para pensar criticamente a presença teórica nas atividades prático-empíricas para avaliar e encontrar as dissonâncias dos instrumentos de tratamento da informação frente às mudanças dos contextos e necessidades informacionais sociais, sempre presentes, e, com isto, fazer avançar o conhecimento. Ranganathan buscou elaborar um esquema de classificação que atenda qualquer propósito e necessidade de informação dos usuários. Tendo em vista que os saberes são divididos em elementos expressos por tabelas de conceitos isolados articuladas na construção da notação coextensiva a partir da linguagem, a fragmentação do pensamento com o objetivo de identificar e reunir as características gerais e específicas dos objetos constitui um vínculo forte relativo às categorias como postulados que permitem descobrir conceitos enquadrados em uma determinada estrutura (do sistema de organização do conhecimento informe ou da cadeia do ser formal). As categorias aristotélicas são primordiais justamente porque permitem a identificação dos conceitos básicos das entidades que indicam a sua definição, ou, em termos técnico-científicos, a sua representação.

As categorias são umas das centralidades nos fundamentos teórico-epistemológicos no estudo dos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOCs), em geral, e na *Colon Classification*, em específico, porque nas propostas aristotélico-ranganathanianas são fundamento do conhecimento, são noções primordiais metaepistemológicas. Em Aristóteles, identificam as unidades básicas de sentido; em Ranganathan, os sentidos possíveis (e variantes socialmente) dos objetos são apenas enumerados nas tabelas e não relacionados previamente, os mesmos o são com base na fórmula de facetas, constituindo um vínculo fraco quanto ao sentido fixo e mutável dos objetos. Mas, tendo em vista que os sentidos em Ranganathan não são esgotados nos processos de representação e recuperação da informação, os sentidos são considerados em sua empiria documental na qual tudo é mutável, ele mesmo muda de natureza ao passar pelas faculdades de percepção e intuição do homem e também - principalmente - nas trocas linguísticas. Esta peculiaridade do pensamento de Ranganathan torna o vínculo fraco, mesmo que em ambas as propostas as categorias permitam conceituar os objetos e definí-los. Este procedimento metodológico em Ranganathan certamente teve influência na aquisição de

conhecimentos na *School of Librarianship* em Londres em um período histórico no qual o estudo da pragmática na organização de bibliotecas estava em voga.

Os modos de ser em Aristóteles (ser em ato e potência; ser segundo o acidente; ser segundo o verdadeiro e o falso e o ser segundo cada uma das categorias) não encontram correspondência em Ranganathan e isto constitui um vínculo fraco quanto à proposta filosófica de fundamentação categórica.

Em Aristóteles, o ser é expresso linguisticamente nas figuras da predicação de modos interrelacionados porém finitos; em Ranganathan, a interrelação estabelecida entre os conceitos obtidos na categorização, especialmente os conceitos que reaparecem nos ciclos e níveis, é um vínculo fraco, pois a interrelação, por ser infinita e o mais importante, abarcar essa infinitude, faz da *Colon Classification* um esquema de classificação inovador e revolucionário. Neste sentido, o vínculo é fraco quanto à distinção da possibilidade restrita de finitude e da abertura às possibilidades amplas e democráticas da infinitude da relação entre conceitos.

As categorias que não a substância são parasitárias à substância, o ser em si em sentido autônomo, fundamental e primário que é identificado pelas demais (o ser em outro): as formas categorias expressam a ontologia do ser em sua multiplicidade.

A flexibilidade da *Colon Classification* pressupõe a operacionalização da multiplicidade dos conceitos nas facetas e focos enquadrados na estrutura do esquema por meio das categorias. As facetas manifestam as categorias nas classes (disciplinas) e expressam características gerais, delimitando um recorte temático sob o qual os componentes dos assuntos são o produto da subdivisão das facetas nos focos.

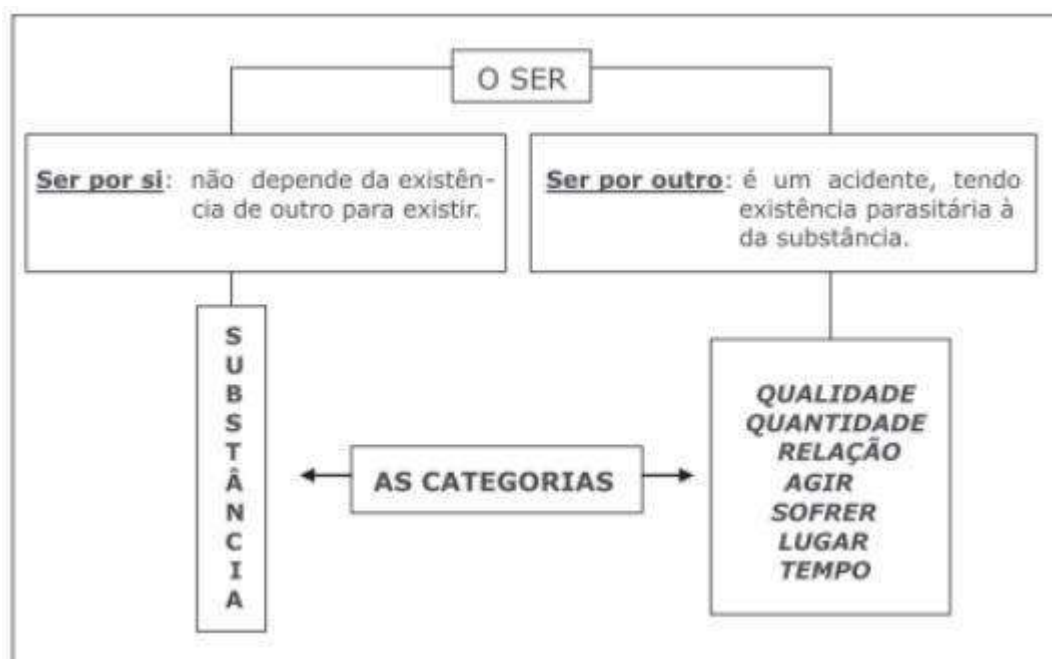
Os três planos de trabalho são complementares entre si, pois toda ideia corresponde à um conceito expresso por um termo linguístico e um código de notação. A tradução dos termos em linguagem natural para a linguagem documentária é a função destes planos.

Quaisquer outras disciplinas que utilizam as categorias as consideram em um sentido distinto. Contudo, defendemos que a acepção original de um conceito sempre está presente em maior ou menor instância de significado em apropriações de autorias e teorias de correntes filosóficas.

A subsunção de particulares a uma classe mais geral para conhecê-los e organizá-los é um traço comum do pensamento aristotélico-ranganathiano na formulação e aplicação das categorias para a análise de entidades do mundo ou documentárias, constituindo um vínculo forte. As categorias de Ranganathan como resposta às questões fundamentais do ‘por quê’, ‘o quê’, ‘como’, ‘onde’ e ‘quando’ aplicadas aos assuntos, indicam as facetas pertencentes ao um ramo do conhecimento mais concreto do que as entidades documentárias expressas por estas facetas. A causa (ramo do conhecimento) considerada como mais concreta que o seu efeito (entidades documentárias) é um rompimento epistêmico com a doutrina das quatro causas de Aristóteles e com a da noção de matéria: os ramos do conhecimento como objeto de estudo da classificação são representados por tabelas e artifícios não aplicados, e adquirem sentido atrelado às ideias que se interrelacionam nos documentos (interrelação extensiva à sociedade, onde existem, de fato), sendo a representação uma convenção pragmática que reproduz o processo de interrelação episêmica derivado do universo do conhecimento e identificado no documento e pelo classificacionista ou classificador.

A variável achados enfatiza:

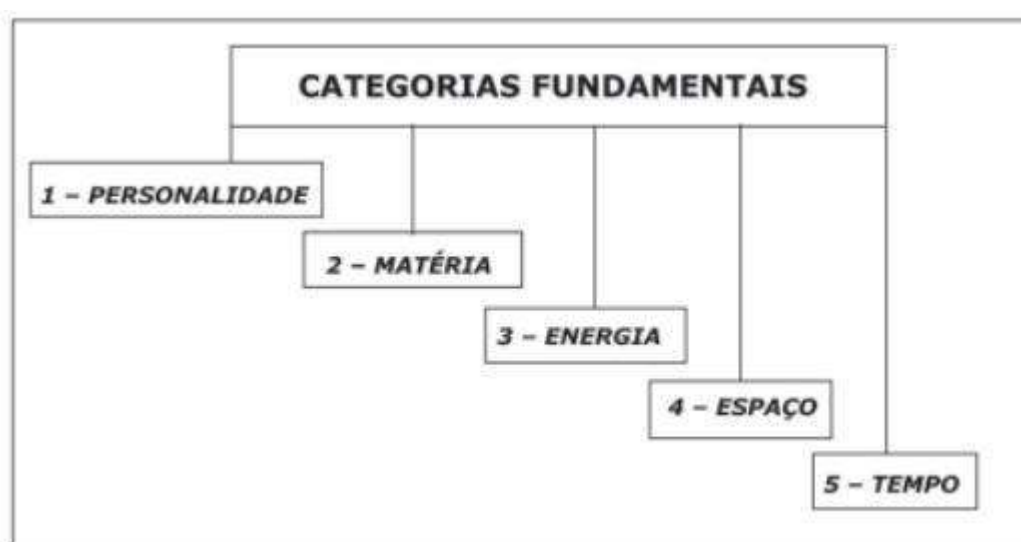
Figura 1 As categorias aristotélicas (ARANALDE, 2009, p. 92)



Fonte: ARANALDE, 2009, p. 92

A substância das Categorias é a sensível e não a imaterial (primeiro motor imóvel e eterno), esta estudada pela Metafísica. A característica principal da substância sensível é que admite contrários em si mesma. As demais categorias são parasitárias à existência da substância, estas permitem qualificar e remeter os modos como podemos obter conhecimento sobre a multiplicidade do ser.

Figura 3 As categorias ranganathianas (ARANALDE, 2009, p. 102)



Fonte: ARANALDE, 2009, p. 92

As categorias fundamentais na sequência PMEST são ordenadas na concretude decrescente, ou seja, a personalidade é a categoria mais concreta e, na sequência, as demais indicam entidades mais abstratas.

A seguir trataremos sobre a variável interpretação dos achados. Tendo em vista que muitos dados extraídos nesta variável se repetem em outras variáveis, optamos metodologicamente por analisar e comentar estes dados após a listagem apresentada a seguir, para evitar a repetição dos mesmos dados em distintas variáveis. Enfatizamos que isto não prejudica o conteúdo de nossa análise, pois a etapa da extração dos dados foi feita, e, nesta, está expresso de modo transparente quais dados são enquadrados em quais variáveis. Listamos as principais informações antes de comentarmos porque consideramos que é um facilitador

cognitivo ao leitor que relembra os dados dos autores antes de nossas interpretações, já que os dados e nossas interpretações possuem uma relação fundamental de mútua correspondência.

Esta variável enfatiza:

- as categorias são definidas somente pela enumeração;
- as categorias devem originar novas categorias, estas últimas são sempre *a posteriori*, isto é, resultado da aplicação dos princípios primeiros às entidades;
- as categorias precisam da observação e da experiência;
- a P (personalidade) é constituída de entidades, seus tipos ou espécies e respectivas partes ou órgãos. Por este motivo, pode-se identificar os conceitos de entidade, coisa, todo, produto final, tipos ou espécies, partes ou órgãos com essa categoria fundamental. É considerada como indefinível;
- a M (matéria) compreende o material de que são feitas as coisas e as suas respectivas propriedades. Engloba os elementos constitutivos, estrutura, forma, matéria e propriedades;
- a E (energia) indica tanto qualquer tipo de ação como também reações, processos, operações e problemas;
- o S (espaço) traduz o aspecto espacial geográfico dos assuntos analisados que recaem sob essa categoria. Inclui divisões geográficas de continente, de país etc;
- T (tempo): refere-se ao aspecto cronológico dos assuntos e à limitação de períodos, séculos, décadas etc;
- Ranganathan inverte a estratégia de Aristóteles: enquanto o estagirita entendia que as demais categorias são derivadas e fazem referência à categoria da Substância, que é autoevidente, o indiano estabelece a categoria Personalidade como “indefinível”;
- a identificação de conexões entre as concepções de categoria dos três pensadores estudados busca destacar a importância dos processos de organização e classificação do conhecimento;
- os três sistemas de organização do conhecimento elegem as categorias como elementos imprescindíveis e primordiais. As diferenças dizem respeito principalmente aos objetivos de cada sistema, ou seja, a formulação e o uso das categorias estão condicionados aos objetivos e finalidades de cada concepção intelectual;
- Aristóteles extrai suas categorias da própria realidade;

- as categorias aristotélicas também constituem princípios lógicos, mas são produto do pensamento em sua conjunção com a experiência. Assim, são preenchidas com atributos do ser;
- para Aristóteles as categorias estão relacionadas aos juízos;
- Ranganathan, por seu turno, resgata as noções de espaço e de tempo para as formas categoriais, pois seu objetivo, assim como o do célebre estagirita, também é avaliar os objetos;
- as categorias de Aristóteles e de Ranganathan são declaradamente ontológicas pois envolvem o ser exigem as noções de tempo e de espaço como fundamentais tanto para identificar objetos em geral quanto para a identificação dos assuntos que compõem um documento. Nos dois casos, a determinação espaço-temporal é tão comum quanto imprescindível;
- Ranganathan e Aristóteles procuram organizar o conhecimento do mundo partindo da própria realidade, buscando as classes mais gerais nas quais ele pode ser inicialmente classificado. Estas classes dão origem a novas classes que são, necessariamente, *a posteriori*, pois se revelam como produto da aplicação dos princípios primeiros às entidades analisadas.

No contexto da disciplina classificação, as categorias não possuem um significado autônomo, separado da ordenação sistemática obtida na enumeração e na sequência PMEST porque são interrelacionadas e os seus significados referentes aos objetos são construídos de modo consistente no conjunto categorial indissociável. Originam novas categorias *a posteriori* nas facetas dos assuntos, estes últimos considerados como a experiência captada e representada pelo analista. A personalidade indica as entidades centrais de um objeto ligado à disciplina, e os tipos ou espécies e respectivas partes ou órgãos. A partir deste primeiro recorte classificatório, o analista deve complementar o significado da entidade com as significações das demais categorias. A categoria matéria permite ao analista descobrir o material e as propriedades que constituem um objeto; a categoria energia indica os processos, operações, etc que se encontram no cerne dos fenômenos em sua dinamicidade empírica; a categoria espaço identifica qual a localização geográfica do objeto e a categoria tempo cobre o período temporal do objeto.

Na inversão da estratégia de Ranganathan referente à identificação da substância sensível autoevidente, identificamos um vínculo fraco. A indefinição da Personalidade faz

parte da metodologia de Ranganathan pertencente à corrente epistemológica da pragmática transcendental. A importância das categorias como elementos primordiais nos processos de organização e classificação do conhecimento é um vínculo forte. Os objetivos distintos dos autores constituem um vínculo fraco, pois a apresentação e a aplicação das categorias são indissociáveis em relação: (i) à filosofia de fundamentação adotada no projeto do sistema; (ii) à concepção de realidade que se pretende representar; (iii) à finalidade do sistema e (iv) ao projeto político-institucional voltado para a sociedade para qual a organização e o acesso à informação via proposta das categorias é útil.

A aplicação empírica das categorias aristotélicas são produto do pensamento em sua conjunção com a experiência. As categorias aristotélicas e rangathanianas só ganham significado quando são aplicadas empiricamente por meio dos juízos e isto constitui um vínculo forte: toda classificação (dos seres ou saberes) é linguagem. As categorias aristotélico-ranganathanianas são ontológicas na medida que consideram as noções de espaço e tempo para a avaliação dos objetos e isto ocorre através da representação dos seres e saberes, constituindo um vínculo forte. Esta representação, em ambos os autores, ocorre mediante a aplicação das categorias na realidade; em Aristóteles, a realidade é constituída centralmente pelos princípios, causas e elementos das substâncias em uma concepção de realidade teológica; em Ranganathan, a realidade é o universo do conhecimento em desenvolvimento contínuo na sociedade e que gera efeitos de transformação. A realidade em comum nos autores diz respeito à articulação conceitual pelo *lógos* de entidades (documentais ou ontológicas) em classes que são formadas *a posteriori* quando da aplicação categórica, os metaconceitos.

A variável Aristóteles inclui muitos dados que aparecem na variável interpretação dos achados e que já foram comentados e interpretados anteriormente. Os dados que ainda não foram comentados, o serão a seguir.

Relembremos a seguir os dados não analisados na fase intra:

- foi pioneiro na apresentação de um sistema categorial;
- fez o primeiro trabalho sistemático de elaboração e de abordagem de categorias para a organização do conhecimento;

- no tocante à apresentação aristotélica, será utilizada principalmente a *Metafísica* (1998), pois, apesar de as categorias serem apresentadas também na obra denominada *Categories* (1995) – Tratado das Categorias, a última é motivo de disputa entre os especialistas na área;
- o fato é que Aristóteles apresenta as categorias em número de oito na *Física* e na *Metafísica*, ao passo que, no Tratado das Categorias, apresenta em número de dez;
- sem entrar diretamente na disputa [do número das categorias aristotélicas na *Física* e na *Metafísica*], optou-se pela apresentação feita na *Metafísica*;
- as categorias aristotélicas se mostram, portanto, como unidades cognitivas que guiam a apreensão da multiplicidade, pois é sob tais unidades que distinguimos e classificamos os vários modos em que o ser se apresenta;
- Aristóteles apresenta um estudo dos entes mais gerais da realidade, expresso na formulação de categorias através das quais podemos compreender as coisas que compõem o mundo.

Os estudos aristotélicos que buscam relacionar os campos da Organização do Conhecimento e da *Library and Information Science* são de extrema importância para: avaliar a adequação entre a formulação original das categorias relacionada aos seus fundamentos epistemológicos para descobrir, a partir da corrente teórica adotada pelo sistema de organização do conhecimento, como ocorre o vínculo teórico-aplicado entre a teoria e a prática da representação dos assuntos via conceitos; as implicações éticas oriundas dos critérios metodológicos utilizados na escolha de uma categoria, um modo de recortar o domínio do conhecimento, em detrimento de outras categorias possíveis, de modo a refletir se o conhecimento produzido encontra representação fidedigna no esquema para que o esquema tenha de fato um estatuto epistêmico voltado para o uso social e não ideológico (o qual fere o código de ética do Bibliotecário). Para isto, o resgate às categorias aristotélicas permite, entre outras possibilidades como o estudo de usuário e comunidades, avaliar os sistemas de organização do conhecimento no que se referem à adequação epistêmica da eficácia do aparato instrumental da Biblioteconomia que permite o fluxo da informação (condições institucionais de produção do conhecimento e impacto das descobertas científicas na sociedade, ou, dito de

outro modo, a harmonia entre representação, recuperação e uso). A escolha metodológica do uso das Categorias em distintas obras do estagirita está condicionado, em nossa interpretação, não a uma discussão epistemológica que garante um maior estatuto científico às categorias conforme abordadas, por exemplo, na Metafísica, porque esta obra pertence ao período de maturidade do estagirita, mas, ao invés, é pautado pelo objeto de estudo que a ciência pretende investigar, o qual fundamenta e conduz a intencionalidade (epistemicida) da redação científica da obra supostamente determinada apenas por objetivos, questões e hipóteses de pesquisa científicas os quais, não sendo neutros posto que a cultura (cultura e ciência são indissociáveis) grega concebe a escravização humana, a misoginia como fenômenos naturais e (inversamente) éticos são concebidos, disseminados e normalizados também pelo instrumento categorial que auxilia na inversão dos valores éticos na vida do homem (até hoje). Portanto, uma pesquisa que escolha abordar as Categorias nos Tópicos, se os critérios de seleção adotados na documentação analisada estiverem explicitados e devidamente justificados, tendo coerência com o objeto de estudo proposto, isto é válido. O autor optou por analisar as categorias na Metafísica, sendo isto válido mas não uma escolha reproduzível em outras pesquisas *a priori*, posto que o método científico nas humanidades demanda uma maior consideração (ética) aos contextos socio-histórico-cultural-epistêmico-filológico-críticos possíveis que atravessam o objeto em alguma instância.

As categorias permitem recortar e sintetizar, por meio da percepção intelectual humana, o sentido dos modos do ser nas categorias, e, para cada um, um nome e uma definição são fornecidos ao termo que expressa o conceito, sendo uma proposta de organização do conhecimento pautada (há milênios) na prioridade da forma ou da presença modeladora de todos os seres adequados invariavelmente a uma estrutura (seres e corpos celestes têm “local” natural ou predeterminado e fixo que limita e nega toda a expressão do múltiplo, da negação do dar a voz e o “local” aos seres dessemelhantes que não couberam ter um corpo próprio, ter uma voz, ter um espírito livre para habitar onde quiser e ter uma existência no mundo que pertence a si mesmo - direitos constitucionais violados - desde a proposta “meramente” instrumental de classificar o ser que faz parte da concepção de modelagem de mundo para as

minorias brancas e masculinas que ditaram as regras do que se entende por concepção de mundo desde a Grécia Antiga e em vigência até a contemporaneidade). Esta estrutura abarca os gêneros supremos de entes que possuem posições fixas e invariáveis e são descobertos em sua natureza pela formulação do que constitui cada uma das categorias e sua posterior aplicação.

Todos os dados incluídos nas variáveis Ranganathan e vínculos já foram comentados e interpretados.

A seguir faremos a análise intra da tese de Anjos (2008).

A revisão de literatura feita por Anjos enfatiza:

- na formação de conceitos em Dahlberg, as categorias são “unidades de conhecimento” que compreendem afirmações necessárias e verificáveis (características) sobre um referente, representadas por uma designação (expressão verbal);
- categoria é um conceito geral que vai do mais concreto ao mais abstrato, de aplicação universal, que pode ser empregado para reunir outros conceitos;
- as categorias são as classes mais gerais dos fenômenos;
- categoria é uma classe de generalidade muito alta;
- categoria é uma faceta geral aplicada a muitos dos campos de assunto;
- categorias são as maiores classes de fenômenos, as classes mais gerais que podem ser formadas;
- toda categoria é altamente generalista;
- a diferença básica entre uma classificação facetada e uma enumerativa é que na facetada os termos são enumerados, listados, detalhados, especificados, catalogados como termos elementares e não são combinados, formando termos complexos para inserção nas listas do esquema;
- as tabelas da CC como partes de um “conjunto mecânico que pelo uso de porcas e parafusos podia ser usado para muitas construções diferentes.

Na teoria do conceito de Dahlberg, as categorias são classes gerais consideradas como unidades de conhecimento que, quando aplicadas, permitem descobrir e reunir através da leitura documentária os conceitos dos documentos. São os elementos básicos necessários à construção e revisão dos sistemas de organização do conhecimento na medida que são

instrumentos que permitem a subdivisão dos domínios do conhecimento articulados pelos conceitos identificados pelas características presentes nas facetas, focos e expressão linguística correspondente.

A classificação facetada propõe um rompimento com as classificações enumerativas porque a estrutura básica deste esquema comporta apenas tabelas de conceitos isolados designados por termos, em estado puro e simples nas tabelas da CC, as quais são análogas a um conjunto mecânico na construção dos números de classe coextensivos.

A perspectiva teórica feita por Anjos enfatiza:

- Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892-1972) desenvolveu na década de 1930 a Teoria da Classificação Facetada;
- as cinco categorias, nas quais Ranganathan baseou seu sistema de classificação têm sido representadas pela sigla em inglês PMEST. Atente-se para a semelhança das categorias aristotélicas: substância, qualidade, quantidade, relação, espaço, tempo, ação, paixão, estado e hábito;
- em Teoria da Classificação utilizam-se os termos classe, categoria e faceta, situando-os na base de toda organização lógica do conhecimento e da construção de linguagens de indexação;
- as categorias podem ser consideradas como fundamento, nem sempre visível, de qualquer sistema organizacional do conhecimento;
- para a Ciência da Informação, a noção de categoria, nascida na Filosofia e introduzida na Biblioteconomia por Ranganathan, é de importância fundamental para a estruturação da informação. As doutrinas ou teorias sobre as categorias nos sistemas filosóficos constituem um campo que permanece ainda pouco explorado. Além disso, a sua análise vê-se dificultada pelas diferenças de acepção dos termos entre os filósofos;
- o interesse pelas categorias, isto é, a tentativa de organizar o “determinado”, nasce com a primeira maneira de saber humano. Estabelecer certas distinções é algo que se impõe a todo pensamento que tenta sistematizar a variedade encontrada no mundo;
- o termo categoria tem origem remota no termo grego *kategoría* (*Κατηγορία*) que passou para o latim *Categoriae*) e pertence à família, tendo a mesma raiz, do verbo grego “*kategorrein*”,

que significava, originalmente, “acusar”, “atribuir”, “censurar”, “falar contra alguém”, no sentido de responsabilizar algo ou alguém em oposição ao vocábulo “defesa” ou “louvor” e, com o tempo, sofreu diferentes interpretações: “atribuir”, “enunciar”, “expressar”, “declarar”, “denominar”, “revelar”, “manifestar”, “hierarquizar”, “caracterizar”, “classificar”, “mostrar”, “expressar”, “precisar”, “afirmar”, “declarar”, “predicar” entre outros. Como observado, historicamente, o sentido do vocábulo, desde os tempos de Platão, sempre variou de acordo com a época e o autor, como qualquer vocábulo;

- Aristóteles foi o primeiro a usar o termo *kategoría* em sentido técnico, no seu tratado *Categorias*;
- Aristóteles (século IV a.C.) “traz as idéias do céu à terra”: rejeita o mundo separado das idéias platônicas e funde o mundo sensível e o inteligível no conceito da substância;
- a estrutura do ser em geral foi um problema que sempre preocupou Aristóteles. Predicados ou atributos, coisas ou expressões, a palavra categoria (*κατηγορία* significa justamente predicado) parece cobrir, de maneira razoável, os termos relacionados no capítulo IV do tratado das *Categorias* (*Praedicamenta*) e, pelo menos, os nove últimos (quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, ação, paixão, estado e hábito) funcionam como predicados ou atributos da substância, que também podem ser entendidos como uma lista de diferentes tipos de coisas ou expressões que podem ser afirmadas a respeito do ser;
- na doutrina de Aristóteles, a uma interpretação semântica, na qual categorias são os tipos de enunciados que indicam os diversos modos de dizer (designar uma coisa) soma-se uma interpretação ontológica, em que as categorias são os modos de atribuição de um predicado a um sujeito;
- categorias não são, portanto, para Aristóteles, espécies do gênero ser, mas gêneros supremos ou primeiras divisões do ser. [...] designam os diferentes pontos de vista possíveis sob os quais uma coisa pode ser considerada. [...] são grupos de termos de alta generalização, uma vez que elas ainda não se encontram ‘aplicadas’, e que o conhecimento das categorias deve resultar em uma maior capacidade de análise dos elementos e argumentos do discurso;

- a influência da classificação aristotélica dos seres, no âmbito das classificações bibliográficas clássicas, faz-se notar de modo mais incisivo na classificação de Ranganathan que, em seu sistema, incluiu categorias seguindo o modelo aristotélico;
- a substância é o ser por excelência, é o indivíduo que se apresenta como síntese de todas as determinações. Essas determinações essenciais da realidade formam as suas dez categorias. Aristóteles buscava nas essências (universais) a razão das coisas e dos fatos, supondo-as no interior das coisas: une as idéias e as coisas e defende o princípio da correspondência entre a realidade e o discurso por meio das proposições categoriais. “Expressões sem enlace” ou “coisas ditas sem complexão”, para Aristóteles, “categorias”, são palavras simples, “sem ligação”, não combinadas com outras, presentes no pensamento e na linguagem, e que indicam o que uma coisa é, está ou faz, quando aplicada. O que esse conceito, bem diferente, tem em comum com os anteriores é implicar, ele também, um princípio de organização. Pode-se dizer que Aristóteles deduziu as categorias sob o ponto de vista lógico-gramatical;
- classe é, [...] o conceito que permite classificar, ordenar e distribuir os objetos de acordo com a sua extensão e a sua compreensão. [...] engloba ou compreende um conjunto ou coleção de objetos que apresentam, ao menos, um elemento comum;
- o termo categoria, derivado do verbo grego *categorein* (enunciar), expressa os diversos modos de enunciação, uma vez que sempre, de alguma maneira, enunciam o ser e os distintos modos de ser. O mesmo significado encontra-se no termo predicamento, derivado do latim *praedicare* (predicar, enunciar);
- categoria é um termo com diversos significados, dependendo do conceito de realidade que cada doutrina filosófica assume em seu início. A explicação do termo mostra também que as categorias estão intimamente ligadas ao juízo no qual se dá a predicação (é no juízo que se encontram abundantes modos de predicar e de ser) [...]
- Ranganathan acreditava no conhecimento intuitivo, em classificadores intuitivos e na noção de que a idéia era separada da palavra na linguagem natural e, algumas vezes, poderia não ser expressa escreveu sobre simbolismo indiano [...] possuía a visão de que a linguagem classificatória que ele tinha desenvolvido era capaz de articular idéias que não poderiam ser denotadas em linguagem natural;

- na Teoria da Classificação, o objetivo metafísico é classificar o universo do conhecimento para localizar depois, ou seja, a essência é pragmática: acesso e recuperação de documentos e informações;
- os princípios de subdivisão (categorias) estabelecidos, embora expressem regularidades, são relativos e determinados historicamente e por necessidades pragmáticas;
- as duas acepções de categoria provenientes da Filosofia (classe mais geral ou princípio de divisão) aparecem igualmente na [Filosofia e na] Ciência da Informação;
- há diferentes conceituações de categoria em curso. As definições de categoria mencionadas são importantes como ponto de partida conceitual para organizar discursos científicos específicos. Pois, quando o termo é conceituado na Teoria da Classificação, fica claro que os autores citados têm uma concepção puramente instrumental da noção de categoria, ainda que não cheguem a especificar o fato de que categorias são noções extremamente simples (sem complexão como diria Aristóteles), expressões de natureza abstrata oriundas de critérios de divisão e, portanto, de caráter instrumental;
- as duas áreas Filosofia (teoria das categorias) e Biblioteconomia (Teoria da Classificação) coincidem na acepção de categoria. Ao constatar essa proximidade, salienta-se que essa proximidade não é assumida, afirmada ou explorada pela Teoria da Classificação, que, no entanto, utiliza conceitos oriundos da Filosofia;
- dentro da Teoria da Classificação, categorias são apenas relevantes como instrumentos de análise e organização de objetos, fenômenos e conhecimentos. Embora guardem as suas essências ontológicas, é nas classificações bibliográficas que as categorias são de interesse não como elementos de especulação metafísica, o que é óbvio, mas como níveis de análises aplicados para estruturar o conhecimento humano como também para estruturar as suas maiores abstrações representativas - os conceitos;
- a categorização pressupõe a divisão/distribuição de conceitos em categorias por meio da análise de facetas;
- [...] *categoria fundamental (fundamental category)* é cada faceta isolada considerada como sendo a manifestação de uma das cinco categorias ou idéias fundamentais: *personalidade, matéria, energia, espaço e tempo*, conhecidas pela sigla PMEST. Nesse sentido, categorias são

um conjunto de noções a partir das quais conceitos são classificados por intermédio de análise por facetas, *focos* são os *isolados* comuns depois de serem agrupados em facetas e *análise por facetas* é a técnica de separar os vários elementos de um assunto complexo em relação a um conjunto de conceitos fundamentais abstratos;

- [...] pode-se considerar *análise por facetas* como procedimento lógico de análise e organização de campos conceituais (assuntos) para determinar quais características são mais apropriadas para dividir assuntos, relacionando-os às cinco categorias ou facetas fundamentais pelas quais uma classe principal pode ser dividida;
- a Teoria da Classificação hoje, reconhece o conceito como elemento material dos sistemas de classificação e a categoria como elemento essencial para correta alocação dos termos;
- [História da Classificação dos Dois Pontos] A *Colon Classification* (CC), ou Classificação dos Dois Pontos, elaborada por Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892-1972) quando retorna à Índia depois do período de estudos com Berwick Sayers, na Inglaterra, estudos fundamentados na Teoria da Classificação, que tinha por suporte a lógica aristotélica, constitui o primeiro sistema de classificação bibliográfica geral embasado no princípio analítico-sintético (esquema facetado ou de análise por facetas), o que significou uma revolução na construção de esquemas classificatórios, tornando-se um marco histórico na Teoria da Classificação;
- a CC não era um esquema derivado hierarquicamente, mas um conjunto de tabelas independentes, que podiam ser usadas em combinação para subdividir os assuntos;
- a fim de encontrar uma base teórica para a escolha e sequência de facetas no esquema, Ranganathan encontrou a solução ao relacionar o termo *facetas* a um conjunto de noções abstratas fundamentais que chamou de categorias: *time*, *space*, *energy*, *matter* e *personality* (PMEST). Cada faceta de uma classe básica é considerada como uma manifestação concreta de uma dessas categorias;
- a CC [*Colon Classification*] é uma classificação universal, como a CDD. Mas nela, a unidade semântica de base não é mais o assunto, é o conceito (chamado de “isolado” dentro da linguagem da CC). As tabelas dessa classificação são então listas de conceitos. Os termos das listas são hierarquizados, e cada conceito é expresso por um termo linguístico e por um índice alfanumérico. Isso constitui uma primeira classificação, aquela dos termos-conceitos, que é do

tipo tradicional e integrado ao sistema (às tabelas das facetas por domínio). Essa classificação dos assuntos constitui a verdadeira classificação em facetas da CC, do tipo analítico-sintética. Para Ranganathan, essa expressão significa que os documentos são, desde o início, analisados em facetas segundo as categorias da sigla PMEST, pois os assuntos são sintetizados graças à sintaxe e à notação;

- a CC é publicada em um volume contendo listas de isolados comuns, classes principais e suas subdivisões (subclasses) e um índice. A sua ordem de citação inicia pela faceta mais concreta (a faceta que é citada primeiro determinará o lugar do livro na estante) e é controlada pela fórmula PMEST (Personalidade + Matéria + Energia + Espaço + Tempo);
- a faceta Personalidade é sempre precedida da indicação de um domínio ou de uma disciplina destinada a situar o contexto do documento e que trás o nome de faceta principal. Grosso modo, em outros termos, encontram-se aqui novamente os elementos principais de uma proposição gramatical: sujeito ou objeto (Personalidade), verbo (Energia), complemento determinante (Matéria), complementos de tempo e de lugar (Espaço e Tempo);
- a categoria personalidade é equivalente à substância aristotélica, ou seja, a primeira atribuição do ser. Para Aristóteles o ser se diz em uma pluralidade de sentidos e esses sentidos do ser é que são denominados categorias. Ranganathan recorre à concepção aristotélica e à tradição das antigas escolas Mimansa e Prabhakara para extrair daí a fórmula que permite agrupar itens do conhecimento (categorias fundamentais);
- a abordagem ranganathiana da classificação era completamente diferente de todas as anteriores. A intuição genial de Ranganathan foi conceber uma alternativa ao modelo hierárquico rígido das grandes classificações bibliográficas [...] ele não usava classes pré- estabelecidas e prontas às quais os títulos tinham de ser relacionados, mas criava classes de assuntos somente no instante em que um livro era analisado segundo os elementos conceituais do seu assunto e sintetizado de acordo com fórmulas de facetas aplicadas às disciplinas;
- a teoria da classificação facetada de Ranganathan baseia-se no argumento de que, em vez de tentar listar todos os assuntos em detalhes, uma classificação deveria primeiramente identificar classes principais ou disciplinas, da mesma maneira como os esquemas enumerativos. Então, no interior de cada classe principal ou disciplina seria necessário enumerar ou listar somente conceitos básicos. Os assuntos, em sua grande maioria, são compostos, o que significa que são

formados de duas ou mais facetas. Essas facetas ou elementos de um assunto podem ser específicas para aquele assunto ou comuns para todos os assuntos;

- um esquema de classificação facetada não lista assuntos em detalhes como um esquema enumerativo, em vez disso, ele providencia uma caixa de ferramentas a partir da qual uma notação para qualquer assunto pode ser construída;
- qualquer interpretação dada às categorias deve levar em conta a evolução do pensamento de Aristóteles a respeito

A formulação da Teoria da Classificação Facetada de Ranganathan na década de 1930 representou uma mudança de paradigma (no sentido não Kuhniano) no modo de organização do conhecimento nas bibliotecas Indianas, tendo como base a vertente multifacetada aplicada aos processos de tratamento da informação. A sigla PMEST, por repetir categorias em comum, possui algum traço de semelhança com as categorias aristotélicas, o que constitui um vínculo forte do uso das categorias para a organização do universo dos seres e saberes. Os termos classe, categoria e faceta são utilizados como base de toda organização lógica do conhecimento e da construção de linguagens de indexação na medida que a análise de assunto nos sistemas de recuperação da informação utiliza um vocabulário controlado como condição básica para obter a univocidade do sentido. As categorias são o fundamento implícito ou explícito dos sistemas de organização do conhecimento porque todos esses sistemas utilizam algum tipo de recorte da realidade para a estruturação da informação, função última das categorias seja no sistema filosófico ou biblioteconômico-informacional, constituindo um vínculo forte de fundamento para o conhecimento da determinação da realidade tornada explícita a partir da escolha categorial (sem valor democrático ou de verdade, mas estritamente pragmático no atendimento à sociedade) e sistematizada linguisticamente. O modo de organização categorial derivado de Aristóteles que representa previamente os seres e as (restritas) epistêmes que concebem positivamente um discurso (enquanto negam outras justamente pela arbitrariedade desta escolha dual) também condiciona e normaliza o modo padrão autorizado de fazer ciência e afasta as possibilidades alternativas de conceber enquanto consome informação, a possibilidade de uma redação científica menos formal e mais articulada com outras áreas do conhecimento

(justificada metodologicamente), de intencionalidade discursiva poético-filosófica, do pensamento crítico-reflexivo justamente porque historicamente na tradição de organização das bibliotecas, o recorte dos discursos por áreas fechadas (derivadas da separação “natural” das categorias que dizem positivamente porque separam e excluem dessemelhantes) e desconexas gerou impactos ou rastros de uma ilusão ocidental de separação do mundo (vs. um mesmo mundo comum habitado pelas trocas dos seres - no nível racional, emocional, espiritual - as quais configuram o próprio mundo e a realidade indissociável da não fronteira do eu e do outro e da superação das dicotomias em rumo às multi e pluriépistêmes científico-filosófico-culturais) a respeito dos pseudo (e falsos) limites científicos (limitados por condições dos contextos materiais, institucionais, cognitivos e de interesse), e não dos limites do objeto a priori e das discussões das comunidades: resumidamente, o conhecimento é fundamentalmente complexo e não se reduz em si mesmos à quaisquer propostas de recortes categoriais que possamos propor para organizá-los, contudo, dele necessitam para disseminar-se no mundo.

O sentido original do termo categoria em grego como “acusar”, “atribuir”, “censurar” ou “falar contra alguém” está presente na filosofia aristotélica, mas não na ranganathiana porque estas acusam e atribuem positivamente e de modo excludente um sentido que sobressai aos outros possíveis, constituindo um vínculo fraco quanto à ética e à epistême. O sentido deste vocábulo variou de acordo com o período histórico e com a acepção dada por cada filósofo, por isso a investigação deste conceito pressupõe o esclarecimento dessas variáveis que influenciam no sentido do termo e na função que lhe é atribuída. Adicionalmente, o sentido social dado às categorias na Ciência da Informação também é uma variável que influencia na acepção do termo, de modo que a teoria socioterminológica pode nos dar respostas quanto à clarificação dos sentidos do termo em seu estado não aplicado e aplicado (estado complexo do conhecimento), compreendendo que estas duas dimensões são indissociáveis, na medida que as categorias são instrumentos do conhecimento no sentido técnico desde Aristóteles, e algo a mais com potencial de transformação social: as categorias são ferramentas da ciência e abarcam parcialmente em sua significação, portanto, o próprio poder da ciência na sociedade considerando em sua aplicação - escolha das categorias - a ética da informação que envolve a

proposta categórica de uma arquitetura da informação). Os potenciais de transformação social são descobertos nos contextos retóricos de uso conceitual em uma linguagem documentária, contudo, enquanto instrumento, inevitavelmente configura um vínculo forte enquanto proposta para a organização do conhecimento.

O empirismo de Aristóteles considera que o sentido revelado pela substância do mundo permite conhecer as essências das coisas constituídas da conciliação da realidade física (sensível - os sujeitos) e metafísica (inteligível - os gêneros do ser), embora a Metafísica seja também uma realidade (separada) da física - constituindo uma aproximação com a filosofia de Platão. Deste modo, Aristóteles rompe com seu mestre Platão na formulação do que constitui a realidade sensível, mas dele se aproxima na concepção da realidade separada da matéria. Nossa interpretação complementa a observação referente ao empirismo na substância, pois na Metafísica de Aristóteles, as substâncias eternas, separadas e imutáveis dos entes não sofrem geração e corrupção e, por este motivo, possuem outro sentido que a substância sensível dos seres, que, como fundamento material ou causa material do ser, recebem os contrários sem mudar de natureza (a substância é sempre a mesma em qualquer contexto).

As categorias permitem dizer as primeiras divisões estruturais e gerais do ser, nas quais a substância é o sujeito e as demais categorias são dela predicadas ou atribuídas enquanto desdobramentos sucessivos por intermédio do lógos a partir da cópula. Permitem uma interpretação semântica e ontológica dos seres enquadradas nos elementos da oração e possibilitando a construção de argumentos “neutros” e supostamente ou em tese cientificamente válidos voltados à descoberta do conhecimento a respeito dos seres e de sua natureza fundamental.

O rompimento do modo excludente de concepção da classificação aristotélica dos seres na classificação de Ranganathan constitui um vínculo fraco. Este rompimento pode significar que Ranganathan conhecia o conceito categorial aristotélico e o interpretou para propor sua própria proposta de aplicação categorial. Isto é uma hipótese para pesquisas primárias, pois esta informação não se encontra registrada no corpus rangathaniano e em nossa revisão sistemática da literatura. Contudo, a influência categorial se faz presente de modo explícito

tanto na concepção teórica do primeiro recorte da realidade em classes descobertas após sua aplicação, assim como da própria aplicação categorial como instrumento de adequação entre a realidade e a linguagem com base nos elementos básicos e não combinados - as categorias - e a articulação discursiva, o seu uso intelectual para pôr em relação e em uma ordenação sistemática proposta, com base na instrumentalização da faculdade humana de conceber coisas complexas e de comunicá-las aos outros (por linguagem ou por sistema de classificação). As categorias presentes no pensamento e na linguagem são, em última instância, a possibilidade da passagem do primeiro (elementos básicos e não combinados) para o segundo (uso intelectual que promove a organização e recuperação dos saberes com um forte ideal ético-epistêmico de cidadania documental). Ranganathan concebe, de modo similar à Platão, o plano da ideia em sua independência com sua expressão verbal, mas esta proposta resgata, antes, a dinamicidade do estado complexo do conhecimento, o qual é condição transcendente da expressão verbal-pragmática do conhecimento, o qual permanece em parte tácito e invisível. O tratamento da informação com base nas categorias ranganthianas busca a expressão múltipla do pensamento e da realidade na linguagem (que permite a articulação - infinita - inerente aos processos de representação e recuperação de todos os modos de expressão intelectual humana) expressa nos documentos ou artefatos de informação pública, permitindo a configuração de uma proposta de organização do conhecimento, constituindo um vínculo fraco quanto à garantia literária e cultural.

A depender da doutrina filosófica que fundamenta a proposta de organização do conhecimento na identificação ou seleção de uma lista de categorias (em detrimento de outras), as mesmas apontam para a instauração de um modelo epistêmico de realidade variante.

Mais do que apenas instrumentos, as categorias permitem a organização de domínios do conhecimento e permitem instaurar todo o aparato técnico das Bibliotecas para a construção de uma realidade social com maior representatividade de epistêmes, grupos sociais, cujos discursos adquirem a possibilidade de serem comunicados não apenas para os especialistas dos domínios, mas também para os cidadãos no processo de divulgação científica que depende do desenvolvimento do controle terminológico para atingir as vantagens políticas para a sociedade

que este controle proporciona, de acesso à informação e de pleno exercício da democracia. Isto é de enorme importância quando os vínculos são abordados, pois a realidade subjacente deve ser devidamente explicitada para abordar a definição e aplicação das categorias. A ideia separada da palavra na linguagem natural como uma realidade em Ranganathan implica que a formulação das categorias corrobora com a noção de que a realidade em si mesma não pode ser totalmente expressa linguisticamente, implicando que existem limites racionais para a compreensão do conhecimento que está em relação com todas as realidades múltiplas, ou seja, quanto mais socializados ou indagados quando atrelados à uma metodologia coerente com as questões e objetivos de pesquisa norteadores, maior a compreensão da realidade alcançada pelos homens a respeito das articulações dos assuntos. Desse modo, além das faculdades racionais da linguagem, a intuição deve estar presente no trabalho dos classificadores que fazem a tradução dos conceitos dos documentos em uma linguagem documentária, sendo o simbolismo indiano inerente à articulação de ideias na vertente transcendente aplicada empiricamente na linguagem que representa, diz e reconstrói o mundo nos usos para a geração de novos conhecimentos com base na reutilização (social) dos assuntos representados na *Colon Classification*. A articulação da realidade física do documento e a transcendente constitui um vínculo fraco quanto ao papel fundamental no processamento da informação que desdobra na reconstrução e preservação da (frágil) democracia que depende diretamente do acesso à informação pelos cidadãos.

A inserção do contexto social-pragmático que abarca a ideologia (que norteia a seleção de uma categoria) e o objetivo do uso das categorias (representação temática) implica que o próprio significado do conceito de categoria é determinado pelo contexto histórico e pelas necessidades pragmáticas de um sistema de organização do conhecimento em Ranganathan, o que constitui um vínculo fraco.

Cada categoria de modo isolado expressa uma característica do objeto que o identifica parcialmente em um sistema específico. Através das categorias, os campos da Filosofia e Biblioteconomia adquirem uma instância de relação, mas por esta relação não ser, com frequência, sinalizada nos estudos primários, este vínculo não foi aprofundado em suas

distintas ramificações e implicações ético-político-epistêmicas em nossa Revisão Sistemática da Literatura. Partindo da concepção de que a Biblioteconomia utiliza conceitos filosóficos para aplicar as categorias, compreendemos que é através da formulação teórica e aplicada que se torna possível identificar a presença ou a ausência de elementos oriundos da Filosofia na Biblioteconomia e na Ciência da Informação. Dentro da Teoria da Classificação, as categorias são instrumentos de análise e organização de objetos, fenômenos e conhecimentos que, para além da dimensão aplicada, interpretamos que a formulação teórica também se encontra presente e não deve ser desconsiderada porque a significância das categorias ocorre mediante a proposta teórica inerente ambas à definição e à aplicação na sequência consistente. Em Ranganathan, as categorias como níveis de análises aplicados para estruturar o conhecimento humano e as suas maiores abstrações representativas - os conceitos -, pressupõe a construção do número de classificação a partir dos sentidos indicados por cada categoria com base na reunião e sistematização dos conceitos representativos dos assuntos que recaem sob as mesmas. São as maiores abstrações das ideias passíveis de representação por correspondência com termos e símbolos de notação. Uma categoria fundamental PMEST denota uma faceta isolada de assunto que manifesta uma ideia por esta revelada.

Uma categoria fundamental, quando aplicada na análise por facetas dos conceitos documentais que compõem a tematicidade dos assuntos, é manifestada pelas facetas isoladas de assunto, as quais são múltiplas, ou seja, são características de divisão exaustivas em sua numeração e não excludentes como o são as categorias aristotélicas, o que constitui um vínculo fraco. Os focos são considerados isolados comuns que derivam de uma característica de divisão e recaem sob as facetas, a principal diferença dos focos para as facetas é que são a intensão máxima possível de uma ideia designada pela faceta.

A análise por facetas enquanto a técnica de identificar e relacionar os vários elementos de um assunto complexo em conceitos fundamentais abstratos constitui um vínculo fraco porque as categorias ranganathianas representam os assuntos não com base numa essência invariável, mas pautam-se, ao invés, na prioridade da relação facetada para sistematização das ideias que constituem o objeto de categorização em detrimento de pretender, como Aristóteles,

com base no discurso metaepistêmico, o que significa, à parte da ação das epistêmes subjetivas - a produção bibliográfica - o que “é” invariavelmente obtido por abstração de toda empiria - os assuntos e as ideias “em si”: a representação é fundamentada na relação e não na exclusão terminológica (apesar de haver a correspondência do termo, notação e ideia, a mesma não deve ser considerada como a redução da seleção do sentido, pois Ranganathan concebe um “princípio” de igualdade de todos os (múltiplos) sentidos, cada um designado por um nome. Este modo epistêmico de representação rangathaniano, por estar relacionado à filosofia hindu, demanda a desconstrução cultural-epistêmica ocidental da própria noção de representação e de nomear as coisas (ou as epistêmes), requer do pesquisador um olhar mais atento às nuances ético-político-epistêmicas que inferem no significado de categoria.

As facetas consideradas como procedimento lógico de análise e organização de campos conceituais (assuntos) para determinar as características possíveis de divisão dos assuntos também constitui um vínculo fraco, pois a divisão relacionada às categorias aristotélico-ranganathanianas é considerada fundamentalmente em caminhos opostos. Para o classificador ou classificacionista, a *Colon Classification* opera como um “solo” (social) que dá total abertura à formação ou à configuração epistêmica dos assuntos do modo como ocorrem nos documentos com base na identificação e relação múltipla entre as facetas que se desdobra na representação temática buscando a encontrabilidade e reuso da informação. Para o filósofo Aristóteles, as categorias permitem a execução de um processo intelectual de recorte de uma realidade presumida invariável e também servem à obtenção de um produto: é a expressão linguística da definição da essência de algo com base em suas características dicotômicas e excludentes “fundamentais”: faz parte da metaepistemologia aristotélica a dupla ação justificada pelo método científico de excluir os dessemelhantes como o produto - social - do dizer ou do nomear, a seleção de um sentido terminológico implica na negação da expressão de outras epistêmes que não possuem os critérios pré-definidos para serem validadas do lógos que deve dizer positivamente o sentido, ou seja, a ciência é constituída por uma e apenas uma “chave de leitura” ou “chave de realidade” epistemicida da seleção do sentido.

A *Colon Classification* contém listas de isolados comuns, classes principais e suas subdivisões (subclasses) e um índice. As listas de isolados comuns são as características possíveis que podem ser abordados nos assuntos dos documentos; as classes principais e canônicas são o contexto macro das disciplinas nas quais as categorias operam não apenas no documento particular, mas também possibilitam no uso a relação temática da reunião dos documentos nas estantes, que são uma manifestação do universo do conhecimento no momento presente; o índice permite localizar os contextos (classes) nos quais determinados termos aparecem, e onde estão localizados no esquema.

O resgate rangathaniano à concepção aristotélica e à tradição das antigas escolas Mimamsa e Prabhakara para extrair daí a fórmula que permite agrupar itens do conhecimento constitui um vínculo fraco no que se refere à base teórica de construção do sistema de classificação que abarca elementos místicos e culturais na *Colon Classification*, constituindo um vínculo fraco quanto às influências filosóficas como fundamento para extração da fórmula de facetas para agrupar itens do conhecimento (conceitos) nas categorias.

No que tange à diferença rangathaniana da tradição clássica da classificação bibliográfica enumerativa com base no modelo hierárquico rígido de classes pré-estabelecidas e prontas (os assuntos listados) às quais os títulos tinham de ser relacionados, isto constitui um vínculo fraco. A criação das classes no instante em que um livro era analisado segundo a relação facetada entre os conceitos dos documentos e sintetizado de acordo com fórmulas de facetas aplicadas às disciplinas constitui uma expoente inovação metodológica de aplicação das categorias e constitui um vínculo fraco. A *Colon Classification* apresenta as classes principais ou disciplinas subdivididas em conceitos básicos listados, ou seja, as facetas não aplicadas são as características elementares e exaustivas dos assuntos e as mesmas não são análogas às categorias aristotélicas sem enlace, sem conexão, porque são opostas ético-cultural-político-metaepistemicamente, constituindo um vínculo fraco.

A identificação do conjunto de facetas dos documentos e a posterior sintetização nas fórmulas de facetas apresentadas em cada disciplina constitui um vínculo fraco quanto à metodologia de aplicação categórica baseada na construção do número de classificação com

base nas ferramentas (categorias, facetas e focos) do esquema. Tendo em vista que toda interpretação dada às categorias deve levar em conta a evolução do pensamento de Aristóteles a respeito, conclui-se que isto serve como fundamento à investigação da oposição metodológico-epistêmica, constituindo um vínculo fraco.

A variável Achados inclui dados repetidos e já foram comentados e interpretados anteriormente. A variável Interpretação dos achados inclui dados que se repetem em outras variáveis. A seguir relembremos os dados para elaborarmos nossas interpretações.

- o resgate histórico das classificações filosóficas dos saberes e dos seres permitiu constatar que os conceitos de classe e categoria têm passado ao léxico filosófico universal, mas os seus sentidos não podem ser compreendidos a partir de uma interpretação comum dos termos, senão em conexão com doutrinas e escolas filosóficas específicas;
- deve-se acrescentar ainda um ponto positivo, em contraponto à pouca consistência terminológica que está presente em muitos projetos de organização da informação: a do ganho que se tem quando se explicitam os critérios utilizados para agrupar ou dividir determinados conceitos, ou seja, a explicitação das categorias. A explicitação de critérios ressalta a relatividade de qualquer organização da informação, mas, ao mesmo tempo, confere ao usuário condições para entender porque a informação foi organizada de uma maneira e não de outra. Assim como a relatividade do produto da classificação deve ser assumida, esse fato representa um ganho para o usuário, que passa a ter condições para avaliar o produto, isto é, a informação organizada, já que os critérios utilizados lhe foram comunicados;
- categoria é hipótese de organização e expressão, uma vez que não se encontra aplicada; é critério de divisão que resultará em grupos, dentro dos quais os termos são ordenados por meio de análise por facetas. Faceta é um grupo de termos contidos em um campo de assunto produzido por um critério de divisão, ou seja, pela aplicação de uma categoria;
- os esquemas categoriais nas classificações bibliográficas não têm valor neutro, já que favorecem uma concepção de mundo e são construídos com objetivos pragmáticos; portanto, a elaboração de classificações (classe, categoria, faceta) deve ser encarada com rigor, pois afeta a maneira como se processam as informações;

- escolhas sobre ordem, sobre que assuntos privilegiar e que assuntos ignorar são sempre escolhas ideológicas, produtos de uma visão de mundo particular e também representam um jogo de poder, que é exercido em e por meio de relações mediadas por informação;
- categoria não faz parte de uma construção rígida e consagrada que segue padrões pré-estabelecidos. Ela é aplicada a uma coleção de assuntos isolados. É pragmática e mais operacional; reúne, mas não explica, apenas descreve. É um critério compreensivo ou descritivo das coisas. Designa uma propriedade em estado puro, não-aplicada. Nomeia agrupamentos de termos elaborados de acordo com um ponto de vista. Categoria se inventa (aspecto pragmático) e se constrói, agrupando elementos sob um determinado ponto de vista. É mais livre, autônoma. É um critério de divisão estabelecido a partir de uma proposta classificatória específica, particular, usado para reunir os grupos conforme as suas semelhanças. Estabelecer categorias (grupos de conceitos) de uma área do conhecimento é ter a visão do todo, é levantar o seu sistema conceitual para, a partir daí, por meio de análises por facetas proceder a uma ordenação sistemática de conceitos (termos). Quando desenvolvidas de acordo com a natureza dos conceitos são denominadas facetas. Categoria (não-aplicada) ou faceta (aplicada) é um nível de análise específico e parcial de um objeto. Aristóteles chamou de categorias ou predicamentos os 10 gêneros supremos (idéias que se tem das coisas). Ranganathan chamou de categorias ou facetas fundamentais os cinco aspectos da realidade.

A história das classificações filosóficas dos seres abarca os conceitos de classe e categoria e que devem ser interpretados em conexão com doutrinas e escolas filosóficas específicas. Isto implica que a interpretação das categorias buscando os vínculos deve ser analisada à luz das doutrinas e escolas filosóficas e suas interconexões; em nosso caso, a doutrina aristotélica empirista e a pragmática transcendental de Ranganathan, constituindo um vínculo fraco quanto às doutrinas e escolas filosóficas. Ranganathan não explicita em seu corpus que as categorias PMEST são derivadas das categorias utilizadas nas escolas filosóficas indianas, apesar de fazer citações sobre a filosofia Hindu. Isto implica que nos estudos ranganathianos há a ausência de evidências sobre quais são os pressupostos oriundos da corrente filosófica adotada para a metodologia teórico-aplicada das categorias.

A seguir interpretaremos os cuidados éticos que envolvem a escolha e a aplicação das categorias em qualquer Sistema de Organização do Conhecimento (SOC). A explicitação dos

critérios utilizados para agrupar ou dividir determinados conceitos, ou seja, a explicitação das categorias escolhidas e aplicadas em um Sistema de Organização do Conhecimento (SOC), idealmente deve ser explícita e transparente, conforme prerrogativa do discurso científico contemporâneo. Consideramos importante esclarecer que o sentido de verdade derivado da lógica aristotélica aplicado às categorias é superado no contexto das linguagens documentárias dos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOCs) porque os discursos da comunidade nacional e internacional da área de organização do conhecimento estão voltados no século XXI às dimensões culturais e pragmáticas que demandam propostas facetadas na modelagem dos domínios, justamente como proposta epistêmica inovadora rangianathiana face à complexidade do conhecimento.

As categorias como instrumentos para recortar o universo do conhecimento com base em características úteis à classificação do conhecimento e à recuperação da informação implicam no poder do classificador e do classificacionista na escolha dos aspectos considerados essenciais à representação dos assuntos e que envolve a dinâmica da produção e do uso do conhecimento. As escolhas devem ser pautadas em políticas de informação das instituições, caso esta política não exista, a escolha de um Sistema de Organização do Conhecimento (SOC) *a priori*, desvinculado dos contextos sociais nos quais se insere, vai contra os cuidados éticos necessários à escolha e aplicação categóricas. No caso dos cuidados éticos não serem considerados, por exemplo, o conhecimento tradicional considerado não essencial ao conteúdo das categorias implica que não será representado, tornando-se um conhecimento marginalizado e não encontrado pelo usuário, o que fere a Lei de Acesso à Informação.

A categoria não aplicada na Filosofia e na Biblioteconomia é considerada uma hipótese de organização e expressão do conhecimento, constituindo um vínculo fraco quanto à proposta de identificação das classes de conceitos a partir de critérios de divisão dicotômicos da lógica aristotélica e múltiplos na vertente rangianathiana.

: na Colon Classification, estes critérios designam ideias expressas pelas facetas, um grupo de termos das disciplinas, que permitem expressar a manifestação via aplicação das categorias. Desta explanação, podemos concluir que o vínculo é fraco quanto à metodologia

ranganathiana de construção do número de classificação dos assuntos complexos no ato classificatório.

As categorias não são neutras, o que implica que o vínculo é fraco no que se refere à noção de não-verdade categorial, à não neutralidade do instrumento de organização do conhecimento (categorias), tendo como base argumentativa central os objetivos pragmáticos de Ranganathan de transformação social. Porém, o vínculo é forte quanto ao uso das categorias para o processamento da informação e para a organização do conhecimento.

As categorias pragmáticas de Ranganathan aplicadas à uma coleção de assuntos isolados constitui um vínculo fraco: as categorias aristotélicas são formuladas como neutras e explicam a natureza dos entes naturais e metafísicos; Ranganathan pretende sistematizar a natureza do conhecimento dividindo-o artificialmente em facetas (pontos de vista) que compõem um sistema de conceitos ordenados sistematicamente na fórmula de facetas.

Todos os dados pertencentes às demais variáveis específicas já foram comentados e interpretados.

A seguir faremos a análise intra da dissertação de Artêncio (2007).

A variável Revisão de literatura enfatiza:

- na doutrina de Aristóteles, termo ou categoria é “aquilo que serve para designar uma coisa”, ou seja, palavras não combinadas com outras e que aparecem em tudo quanto pensamos e dizemos;
- as “categorias são as grandes classes, os grandes tipos de fenômenos presentes no conhecimento em geral ou numa de suas partes”;
- a doutrina aristotélica da Predicação e Substância Primária consideram conceitos uma conjunção de atributos e disjunção de substâncias primárias;
- Ranganathan mudou o sentido de sistemas de classificação que, de apresentação sistemática de classe, passam a focar os conceitos relativos a objetos (coisas, fenômenos, processos, acontecimentos, atributos, etc.);
- a metodologia de Ranganathan foi fortemente influenciada por sua formação matemática e pelas crenças no misticismo, marca da cultura hindu;
- a primeira contribuição importante para a nova Teoria da Classificação foi a identificação de três planos distintos com os quais se trabalha num processo de

classificação: o “plano da ideia”, no qual ocorre a formação dos conceitos, o “plano verbal” relacionado com a expressão verbal dos conceitos, e o “plano notacional” compreendido pela utilização de sinais, letras e números para a fixação dos conceitos;

- a segunda contribuição de Ranganathan compreende o uso de “facetas” (categorias desenvolvidas de acordo com a natureza dos conceitos) para realizar a representação do assunto de acordo com a LD adotada;
- pode-se identificar a categoria Personalidade à idéia de substância aristotélica;
- em Personalidade são tratados os objetos de estudo de uma disciplina determinada, tal como eles servem comumente de base à divisão tradicional dessa disciplina ou como a CC considera como mais prática. Segundo seu ponto de vista, a personalidade não é, assim, considerada, como tendo um valor teórico, mas como constituindo uma simples etiqueta colocada sobre as características das coisas, de modo mais ou menos arbitrário, para constituir as divisões hierárquicas de primeiro nível numa classificação que procura exprimir diferentes pontos de vista, mas que admite como indispensável a existência de uma ordem fixa e imutável entre os seus elementos;
- as divisões sob Personalidade nas diversas classes principais da CC mostram que se trata apenas de uma racionalização *a posteriori* de um método absolutamente prático.

Na doutrina de Aristóteles, as categorias preenchem o conteúdo das orações e articulam duplamente o pensamento, a fala e a redação científica. Designam coisas (o ser e os modos de ser dos entes) a partir de palavras (termos) não combinados, sendo o recorte das grandes classes nas quais se inserem por semelhança os grandes tipos de fenômenos presentes no conhecimento em geral ou numa de suas partes, o que permite fazer inferências de conhecimentos implícitos que se tornam explícitos no silogismo (doutrina aristotélica da predicação). Logo, permitem representar e descobrir conhecimentos com base nos conceitos na estrutura da predicação preenchida com as categorias, ou seja, quando ocorre a conjunção de atributos predcados a partir da cópula afirmativa ou negativa (disjunção) da substância primária ou primeira (um indivíduo particular). Em síntese, as categorias são termos não combinados e os conceitos são o resultado significativo da estrutura da predicação dos atributos do ser no qual as categorias são combinadas. Neste sentido, o vínculo é forte no que se refere à descoberta de conceitos *a posteriori* como produto da aplicação das categorias e fraco quanto à natureza do conhecimento: em Ranganathan, os conceitos permitem representar um conhecimento múltiplo e complexo; já em Aristóteles, devido à dicotomia epistemicida do critério de divisão binário,

o conhecimento é organizado de modo parcial, desvinculado das dimensões sociais e éticas que configuram o fundamento de qualquer proposta metaepistêmica de organização do conhecimento.

A ciência da classificação de Aristóteles em gêneros, espécies e sub-espécies pressupõe que a categoria primária (sujeito da oração) na doutrina da predicação é conhecida com base na conjunção e disjunção de atributos a ela associados. O vínculo é forte quanto à reunião de atributos ou características possíveis para a articulação via lógos dos seres e dos saberes a partir da categorização aristotélico-ranganathiana.

Ranganathan revolucionou a proposta de construção dos sistemas de classificação a partir do surgimento da *Colon Classification* porque este esquema apresenta de modo sistemático facetas não aplicadas que expressam conceitos isolados relativos aos objetos, constituindo um vínculo fraco quanto à natureza do conhecimento complexo rangenathiano. Contudo, os conceitos da *Colon Classification* que aparecem no interior das disciplinas apenas se tornam de fato conceitos significativos na representação dos assuntos quando aplicados aos objetos centrais das disciplinas (coisas, fenômenos, processos, acontecimentos, atributos, etc.) - expressos pela categorização.

A metodologia de Ranganathan de categorização para a representação dos assuntos foi fortemente influenciada por sua formação matemática e pelas crenças no misticismo, marca da cultura hindu que compreende o uso de categorias universais para a compreensão da realidade mutável. A formação matemática permitiu articular a natureza do universo do conhecimento infinito e contínuo representado sem perdas epistêmicas ou transposto fidedignamente em uma linha plana (as estantes da biblioteca). A crença pessoal de Ranganathan no misticismo influenciou a proposta da *Colon Classification* como um todo (evidência disto são as citações diretas de Ranganathan nas principais obras de classificação, como *Colon Classification*, *Prolegomena to Library Classification*. etc), e acredita-se na hipótese que também tenha influenciado a formulação e a aplicação das categorias.

Dentre as inúmeras contribuições de Ranganathan, destaca-se a criação dos três planos de trabalho da classificação (plano ideal, verbal e notacional). O primeiro possui prioridade

epistemológica e permite articular a realidade transcendente e sem correspondente linguístico em si mesmas que se desdobram na formação de conceitos expressos pelo plano verbal quando esta realidade é transposta à fala e à escrita (os termos que expressam os conceitos) e o símbolo de notação correspondente na tradução da linguagem natural para a documentária ou controlada construído através do uso de sinais, letras e números que fixam e representam a articulação entre as facetas dos assuntos nos documentos.

A segunda contribuição de Ranganathan refere-se ao uso de facetas que indicam a manifestação das categorias e expressam a natureza dos assuntos complexos (facetas articuladas) e servem para a representação dos assuntos.

A ruptura na identificação da Personalidade à substância aristotélica constitui um vínculo fraco quanto à conceituação e aplicação categórica, pois em Ranganathan a primeira e principal categoria diz o rastro das demais categorias, enquanto em Aristóteles, a seleção do sentido ou a definição da essência expressa pela substância diz respeito mais ao ato político do gesto de exclusão epistêmica do que ao conteúdo informacional *a posteriori* fruto da aplicação categorial, o primeiro aspecto foi marginalizado pela tradição de produção ocidental metaepistêmico dos saberes como inapto à ser considerado em hipóteses de organização do conhecimento possíveis, mas nosso objeto de estudo demanda um maior aprofundamento deste silenciamento epistêmico que perdura por dois milênios.

Do ponto de vista da ciência ocidental, o fato da personalidade não significar positivamente e estar atrelada à uma determinada relação ordenada entre facetas pode ter implicado na interpretação comumente aceita sem maiores críticas acerca de seu não valor teórico. Nós não concordamos com esta interpretação porque as evidências científicas das citações de Ranganathan referindo-se ao hinduísmo implica que ambas a personalidade e a *Colon Classification* são formuladas à luz da filosofia indiana. Neste sentido, o vínculo é fraco quanto à corrente teórica de base para a construção da *Colon Classification*. A personalidade é compreendida como uma etiqueta colocada sobre as características das coisas que é oposta às essências aristotélicas, pois a personalidade expressa a centralidade dos assuntos dos documentos, sem a qual não é possível representá-los. Esta característica é arbitrária porque a

personalidade não possui valor de verdade, e a escolha da característica (grupo de conceitos) é estabelecida a partir de um objetivo (para que?) e para alguém (perfil do usuário), demonstrando o caráter pragmático na escolha das categorias propostas para a de análise dos objetos. Por não possuir valor de verdade intrínseco e depender de objetivos e usuários como contexto maior da classificação, o vínculo é fraco quanto à indeterminação da verdade categorial.

No sentido da personalidade constituir as divisões hierárquicas de primeiro nível, o vínculo é forte quanto à construção hierárquica *top-down* da representação dos objetos e fraco quanto à metodologia proposta pelos autores: em Ranganathan, ocorre mediante múltiplos pontos de vista e em Aristóteles, de modo contrário, segundo a unaridade (mediante perguntas como: “tem asas?“, “tem pernas?“, “é racional?“, etc, cuja resposta adquire valor de verdade sim ou não, 0 ou 1 enumeradas em tabelas de verdade). A *Colon Classification* enumera, exprime e lista diferentes pontos de vista pelos quais ideias podem se manifestar nos objetos, sendo um vínculo fraco quanto à enumeração potencialmente infinita amparada na garantia literária que configuram os modos possíveis de conhecer e representar as entidades documentárias.

Compreendemos a necessidade de complementar e interpretar a afirmação das divisões sob a Personalidade nas classes principais (disciplinas) da *Colon Classification* como uma racionalização *a posteriori* de um método absolutamente prático: este método não pode ser dissociado da teoria rangathaniana que se fundamenta em sua trajetória acadêmica na *School of Librarianship* em Londres (metodologia pragmática de organização das bibliotecas) e na filosofia hindu que invariavelmente encontra-se mesclada em sua proposta metodológica incluindo o estilo particular de redação científica. Logo, o vínculo é fraco quanto à natureza teórica presente na prática classificatória de vertente do conhecimento multidimensional (“árvore baniana centenária”)-

A variável Perspectiva teórica enfatiza:

- a categorização é um processo essencial para a organização do conhecimento, da informação e de sua representação. As categorias são conceitos de alta generalização;

- nas LD as categorias são agrupamentos pragmáticos que manifestam particularidades em relação às áreas do conhecimento ou de atividade não havendo normalmente a adequação aos princípios da verificabilidade. De fato, as categorias usadas na Documentação não são universais, mas servem a propósitos institucionais ou pontos de vista;
- a categorização se reveste de aspectos sócio-cognitivos que as diferenças culturais lhe imprimem, um dos motivos que nos estimularam a investigar sobre o tema, levando-nos a observar os critérios utilizados para definir as categorias pelas correntes de pensamento contemporâneas mais significativas que trabalham a questão;
- a ciência da classificação aristotélica em gêneros, espécies e sub-espécies [...] constitui a doutrina de Predicação e da Substância Primária, responsável pelos conceitos da conjunção de tributos e disjunção de substâncias primárias;
- o valor das estruturas classificatórias aristotélicas encontradas nas LDs e em outras ferramentas de informação é discutível;
- a questão da categorização se rebate nas atividades de classificação e de categorização das informações e, baseadas ou não nas categorias filosóficas, sempre se remetem a ela. Eis que não é possível falar em categorização na área de CI sem nos reportarmos às origens do conceito de categoria na filosofia;
- é exatamente na atividade filosófica que a discussão sobre categorias ocorre de modo privilegiado;
- Aristóteles é apontado como aquele que se aprofundou sobre a questão das categorias para propor a primeira classificação geral do conhecimento ou das ciências. [...] Aristóteles elaborou os preceitos da Lógica que empregava princípios de categorização na busca por uma classificação que compreendesse todas as áreas do conhecimento;
- como fundador da Lógica, Aristóteles não a considerava uma ciência teórica, nem prática ou produtiva, mas sim um instrumento para as ciências, o que explica por que o conjunto das obras lógicas aristotélicas recebeu o nome de Órganon, palavra grega que significa ‘instrumento’;
- o objeto de estudo da lógica são os elementos que constituem uma proposição (as categorias);

- para o Estagirita, as categorias ou termos são empregados para indicar o que uma coisa é ou faz, expressando o que nossa percepção e nosso pensamento captam imediata e diretamente numa coisa;
- vejamos a contribuição que a Ciência Cognitiva oferece sobre a questão das categorias;
- em vez de considerar as categorias como estruturas estáveis e claramente definidas como faz a teoria clássica, a teoria dos protótipos as concebe como estruturas de atributos (traços) graduáveis e com limites difusos;
- a classificação divide o universo de entidades num sistema de classes arbitrário e desigual cujo arranjo dentro do contexto conceitual é definido por um conjunto de princípios estabelecidos. O fato é que nem o contexto e nem a composição dessas classes alteram as bases para a estabilidade de referência dada por um sistema de classificação. Em comparação, a categorização divide o mundo da experiência em grupos ou categorias cujos membros sustentam algumas semelhanças imediatas dentro de um dado contexto;
- na perspectiva que preferimos adotar, a classificação é um processo que pressupõe a distribuição de elementos segundo características tomadas como padrão; a categorização é um procedimento focado nas propriedades atribuídas a um termo que se refere a um objeto ou fenômeno;
- a possibilidade de ampliar as combinações de assuntos e de buscar consistência para uma classificação bibliográfica foi o que motivou Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892-1972) a elaborar a Colon Classification;
- o investimento de Dahlberg, que certamente se deve, também, às reflexões de Ranganathan, culmina numa proposta própria que é bastante significativa no âmbito da Teoria da Classificação e, de modo derivado, fundamental para os estudos sobre categorização. Partindo da constatação de que um sistema de classificação denota ordenação, que tanto pode ser relativa a elementos naturais (de documentos) quanto a conceitos, Dahlberg formula as bases da teoria do conceito. Em inúmeros trabalhos, a autora se dedica a apresentar sua teoria, cuja particularidade é colocar, não mais o 'assunto' como elemento central da classificação, mas o 'conceito', ou 'conceitos', que o compõem. Por meio da proposta, é possível se aproximar mais da idéia de categoria, até então embrionariamente colocada;

- a categoria Energia trata geralmente de problemas e ações, diferentemente manifestadas conforme as classes de assunto onde ocorrem: por exemplo, em mecânica, diz respeito ao movimento, ao equilíbrio, à vibração; já em astronomia, cronologia, geodésia, astronomia esférica, física, teórica, cosmogonia. Em física, diz respeito a problemas, como por exemplo, radiação, propagação, dispersão etc;
- a terceira categoria geral é Matéria, e diz respeito aos materiais de construção, constituição, como por exemplo, a matéria de que são feitas as esculturas, em Artes, ou os instrumentos, na Música, por exemplo;
- as categorias Tempo e Espaço tratam, respectivamente, de divisões temporais e geográficas, tanto distribuídas pelas classes de assunto como fazendo parte de uma tabela em separado.

Com base na importância histórico-epistemológica da categorização como um processo essencial para o tratamento e recuperação da informação, ou seja, a organização do conhecimento, da informação e de sua representação, o vínculo é fraco quanto à enunciação ranganathiana dos modos epistêmicos possíveis dos objetos partindo estritamente de conceitos isolados para a construção do número de classificação que consiste na criação das classes no momento da categorização.

A classificação aristotélica em gêneros, espécies e sub-espécies constitui um fundamento epistemológico do campo da Ciência da Informação. Historicamente, este tipo de classificação foi a base dos sistemas de classificação enumerativos até a grande revolução de Ranganathan. Consideramos que os questionamentos a respeito da organização do conhecimento clássica aristotélica nos contextos dos desafios da organização do conhecimento contemporânea (como a web semântica e web pragmática) possibilitam explicitar as relações possíveis a respeito do fundamento teórico-histórico-epistemológico das linguagens documentárias e outras ferramentas de informação (como as categorias) que exercem influência histórico-epistemológico-empírica nos processos de tratamento da informação nas bibliotecas, constituindo um vínculo forte quanto à origem da instrumentalização da organização de domínios e ramos do conhecimento nas atividades de classificação e de categorização das informações que remetem invariavelmente em qualquer proposta da organização do

conhecimento contemporânea às categorias filosóficas. O vínculo é forte quanto à noção de categorização com base nas origens e evolução do conceito de categoria na filosofia.

A discussão das categorias na Biblioteconomia e Ciência da Informação constitui um vínculo forte quanto às origens histórico-conceituais e fraco quanto às implicações ideológicas e epistemológicas implícitas na escolha pragmática e aplicação das categorias em novos contextos sociais que apresentam mudanças nas necessidades de informação e nos aspectos considerados necessários à representação dos assuntos que devem ser elegidos pelo sistema de classificação em um contexto socio-econômico-político-epistêmico particular e portanto mutável.

Na lógica de Aristóteles, os três princípios lógicos (princípio da identidade, princípio da não-contradição e princípio do terceiro excluído) servem como fundamento junto à proposta das categorias, os quais permitem estabelecer a primeira classificação geral do conhecimento, na qual a lógica serve como instrumento para as ciências (Órganon). No sentido de instrumento categorial para classificação das ciências, o vínculo é forte, pois o objeto de estudo da lógica como as categorias (elementos da proposição) em Aristóteles e Ranganathan constitui a condição básica de organização das ciências. Contudo, o vínculo é fraco quanto à definição: em Aristóteles, as categorias indicam a definição universal unívoca dos termos nas proposições, enquanto em Ranganathan as categorias permitem definir contextualmente os assuntos dos documentos estritamente pela relação entre as facetas, abrindo possibilidades de significação dos termos de modo contrário à Aristóteles, a partir não mais da “seleção do sentido”, mas das possibilidades de relação entre os sentidos.

A classificação como um processo que pressupõe a distribuição de elementos segundo características tomadas como padrão em Aristóteles constitui um vínculo fraco quanto à escolha do sentido - a enumeração das características “naturais” e autorizadas pelo discurso metaepistêmico da retórica da parcela do homem “capaz” de exercer a cidadania (ou seja, o direito à participar da política), “livre”, desdobra na lista (tendenciosa) cuja intensão é a de ser representativa das “essências” naturais dos objetos. A categorização como um procedimento técnico voltado à descoberta pelo lógos das propriedades atribuídas a um termo que se refere a

um objeto ou fenômeno também constitui um vínculo fraco quanto à atribuição das propriedades (Ranganathan) aos objetos na predicação, os quais adquirem formas variantes, o que não ocorre em Aristóteles, pois, neste último caso, a forma dos objetos é eterna, imutável, pois referente ao reino dos entes incorruptíveis.

A ampliação das combinações de assuntos complexos no instante da categorização e a busca da consistência para uma classificação bibliográfica são os propósitos iniciais de Ranganathan em sua formulação da *Colon Classification*.

A composição dos assuntos com base nos seus conceitos (teoria do conceito de Dahlberg) significa uma importante contribuição para a Teoria da Classificação. A faceta ou categoria energia trata dos problemas e ações dos objetos e sua identificação depende da disciplina na qual se insere. A categoria Matéria indica os materiais dos objetos; as categorias Tempo e Espaço tratam do recorte temporal e geográfico indicado nas disciplinas (classes de assunto) ou nas tabelas do esquema. Contudo, Ranganathan inova na proposta da própria enunciação e compreensão dos conceitos, superando a proposta de Dahlberg na medida que pressupõe o conceito como algo inserido na realidade social e linguística, que é aberto e não fechado, à semelhança da proposta de conceitos abertos e jogos de linguagem presentes no segundo Wittgenstein, o qual atrela o significado dos termos apenas quando associados ao uso da linguagem.

A variável achados enfatiza:

- as categorias são grupos de termos de alta generalização, uma vez que ainda não se encontram “aplicadas”;
- mudar radicalmente o conceito de categoria significa não somente alterar o conceito da estrutura e de compreender o modo de funcionamento da mente, mas implica repensar nossa compreensão sobre o mundo;
- a contribuição de Ranganathan foi fundamental para caracterizar o conceito único e sua capacidade de combinação para representar o conhecimento que o homem tem do mundo, como objeto da ciência da classificação;
- a utilidade reconhecida pelo emprego das categorias garante a consistência do sistema de conceitos em determinada disciplina e tem como finalidade a representação dos assuntos e a ordenação dos conceitos de uma disciplina em classes formais.

As categorias como grupos de termos operacionais representativos de conceitos de alta generalização encontradas em estado não aplicado constitui um vínculo forte. O conteúdo indicado pelas categorias revela o modo de compreensão da realidade com base em uma determinada estrutura e modo de compreensão *sub judice*, constituindo um vínculo fraco quanto à possibilidade de vieses na escolha de uma estrutura em detrimento de outras possíveis e no repensar da compreensão sobre o mundo. O vínculo é fraco quanto ao conteúdo indicado pelas categorias: em Aristóteles, o conteúdo de cada categoria isoladamente possui valor de verdade e é um sentido em si mesmo, enquanto em Ranganathan o conteúdo de cada categoria não é considerado isoladamente, mas necessita ser articulado em uma relação entre facetas conforme consta no documento, sendo a representação relativa à relação na fórmula de facetas e não às facetas isoladas.

Também constitui um vínculo fraco a noção de estrutura ou de forma, em Ranganathan, a (não) forma dos objetos em si mesmos adquire formas variantes e em Aristóteles, ocorre o oposto disto. A ausência ou presença das justificativas que implicaram em um modo de organização da informação nas categorias, que deve abarcar a corrente teórica, a missão institucional e a arquitetura favorável à encontrabilidade da informação deve ser objeto de verificação permanente pelos profissionais da informação, pois, além disso, ao estruturar o conhecimento de um determinado modo, a comunidade usuária também condiciona o seu olhar (pessoal e socialmente construído) metaepistêmico (vieses culturais e institucionais que inferem na percepção do conhecimento, o que pode gerar dificuldades no processo de esvaziar-se para ir de encontro à alteridade ou ao altruísmo de uma epistême outra proposta pelo autor e que para adquirir significado é preciso encontrar um solo ou um mundo comum compartilhado - e, nesse sentido, as instituições podem prejudicar pela própria padronização da organização do conhecimento complexo traduzido pelos instrumentos de representação como especializados, ou seja, a negação metodológica na representação temática nos sistemas de organização do conhecimento anteriores à Ranganathan das conexões que se estabelecem no conhecimento complexo e que, por ventura, quando não são explícitas, podem dificultar a compreensão pelos não especialistas, e, quando explícitas, podem facilitar a interpretação, de

modo que é extremamente necessário e benéfico metodologicamente que estas conexões estejam explicitadas nos modos de representar - e esta é a inovação genial de Ranganathan: o filósofo indiano esclarece aos leitores as conexões que se estabelecem no universo do conhecimento (materialmente presentes nos documentos) por meio dos dois pontos (:), facilitando cognitivamente a compreensão e propondo aos usuários pensar sobre as fronteiras epistêmicas difusas (o entre do conhecimento) dos conceitos abertos e modos possíveis de entrecruzamentos de ideias (tanto do passado, pois documentadas, quanto no oferecimento de *insights* aos especialistas das conexões possíveis no futuro - um tempo arcaico e contemporâneo - , sendo a linguagem de representação inteligível e coerente com o grau de especialização do leitor) aos objetos das disciplinas como resultado do uso dos instrumentos categoriais: se novos objetos não encontrarem *locus* no esquema de classificação, não haverá democracia documentária e se os objetos já enumerados não estiverem representados de modo útil (ou seja, recuperável) à sociedade, não haverá a possibilidade (considerando para o argumento apenas as nuances do processamento técnico da informação) de tecer novas relações em relação a esses objetos, ou seja, os usuários não estarão aptos, a partir da configuração de sua epistême fruto de uma cultura, à relacionar as informações e conhecimentos particulares (tornados públicos nos documentos) com este objeto. Neste caso, não apenas o objeto não tem como ser recuperado, mas também se aniquila todas as possibilidades interpretativas do desenvolvimento do conhecimento. Todas estas nuances lógico-epistemológico-éticas presentes no sentido de categorização na Biblioteconomia e Ciência da Informação constitui um vínculo fraco quanto aos elementos ideológicos, metodológicos e éticos implícitos na atividade do profissional da informação em sua escolha teórico-metodológica de recorte e organização de domínios do conhecimento em função da sociedade.

A contribuição de Ranganathan para a caracterização do conceito único e de sua capacidade de combinação para representar o conhecimento como objeto da ciência da classificação constitui um vínculo fraco, pois, em Ranganathan, a proposta categorial depende diretamente na relação entre as facetas para a significação dos objetos em suas possibilidades orgânicas (pois humanas) de adquirir muitas formas pela combinação dos conceitos abertos

(ruptura rangenathiana com a teoria do conceito fechado de Dahlberg - uma seguidora do método categorial de Aristóteles) e de modificar a realidade social, enquanto em Aristóteles, a proposta categorial é uma verdade física e metafísica invariável - uma ciência ou uma metaepistême - que, justamente por ser de validade universal, opera tecnicamente de modo independente da percepção cultural ou da interpretação acerca dos objetos conhecidos pela combinação dos conceitos na predicação. Contudo, o vínculo é forte quanto à aplicação de categorias que operam como instrumentos que possibilitam representar quaisquer domínios do conhecimento.

A variável Interpretação dos achados enfatiza:

- as discussões sobre classificação se dão, também, em torno de propostas específicas, como a formulada por Ranganathan, que acabou inaugurando uma nova fase na história da Teoria da Classificação. [...] Observa-se que, com a *Colon Classification*, de Ranganathan, passa-se a observar melhor a possibilidade da combinação de aspectos de um assunto, ou de conceitos simples para a formação de conceitos complexos, o que certamente terá influências no conceito de categorização do ponto de vista pragmático.

Interpretamos que a categorização do ponto de vista pragmático na *Colon Classification* constitui um vínculo fraco quanto à metodologia de formação de conceitos ou dos assuntos complexos (uma espécie de performance místico-instrumental da formação do conhecimento necessária à representação que agrupa e ordena os aspectos ou facetas possíveis dos assuntos que significam não em si mesmos desvinculados do contexto temático e social, mas justamente no entrecruzamento epistêmico das relações que se tecem no documento (combinação pelo lógos de aspectos de um assunto nas facetas), as quais implicam que o livro, a sociedade e o universo inteiro é mutável e construído (ou destruído politicamente) no compartilhamento social do mundo pela linguagem utilizada para a promoção, manutenção ou para o velar constante e atento da democracia, o que demanda o compromisso político do Bibliotecário em exercer suas atividades técnicas vinculadas à presença dos fundamentos democráticos (como a proposta da listagem de todos os termos possíveis com base na garantia literária e não pelo epistemicídio da exclusão dos dessemelhantes na proposta de uma lista tendenciosa, incompleta - e fascista - do aniquilamento dos sentidos possíveis) que se materializam e se fortalecem na prática de tratamento e divulgação da memória documental dos povos.

As demais variáveis incluem dados repetidos e todos estes já foram comentados e interpretados.

A seguir faremos a análise intra do artigo de Campos (1978).

A variável Perspectiva teórica enfatiza:

- é urgente o reconhecimento de que ambos (classificações e tesauros) constituem linguagens de indexação e que a indexação é fundamentalmente um processo classificatório. É mister, portanto, a partir das intuições de Ranganathan, e procurando fundamentá-las com maior rigor científico, encontrar uma teoria satisfatória do processo classificatório, tendo como pontos básicos as recentes conquistas da Linguística e da Lógica. [...] a lógica aristotélica — que constituiu até pouco tempo a espinha dorsal das classificações bibliográficas [...] encontrou repercussão bastante decisiva nos organizadores dos velhos sistemas. Cingiram-se, quase sempre, a um tipo de relacionamento entre os conceitos. E como a relação mais acentuada na lógica aristotélica é a de inclusão (gênero-espécie) foi sobre este único tipo de relacionamento que foram elaborados os sistemas tradicionais de classificação bibliográfica. A consequência foi a emergência de sistemas rigorosamente enumerativos com os inconvenientes que todos conhecem;
- cedo ou tarde deveria aparecer a tendência a alijar os velhos sistemas substituindo-os por processos que pareciam mais adaptados às necessidades do momento. Convém salientar que a introdução dos computadores, assim como de toda a aparelhagem para cartões perfurados, apenas apressou um movimento que se vinha desenvolvendo fazia já algum tempo. Há que repetir, aqui, com insistência: houve tomada de consciência das falhas dos sistemas, antes mesmo que o computador marcasse a sua presença na recuperação da informação. Essas falhas existem e não há por que escondê-las;
- dos sistemas de classificação bibliográfica esperam-se, em geral, as seguintes contribuições: servir de instrumento para a distribuição útil dos livros ou documentos nas estantes, organização dos instrumentos de recuperação da informação (catálogos, bibliografias, linguagens de indexação para o computador, etc.) e análise da informação;
- à medida que juntou à memória interna também a memória externa (que são os documentos, os bancos de dados, etc.) o homem projetou nas coleções de informações registradas as sistematizações que existiam no seu espírito.

As classificações e os tesauros constituem linguagens de indexação e a indexação é fundamentalmente um processo classificatório. O indexador faz a identificação e representação dos assuntos nos documentos partindo de um processo classificatório, identificando como unidade básica os termos autorizados representativos dos conceitos. Interpretamos que Ranganathan fundamentou a teoria da classificação e está é, sim, satisfatória porque é fruto de um imenso esforço de conciliação da intuição e da razão, constituindo uma teoria robusta e

bem fundamentada. Houve a ruptura dos Os preceitos da lógica aristotélica, a espinha dorsal das classificações bibliográficas, na *Colon Classification*, principalmente a partir da enumeração exaustiva e não dicotômica (mas múltipla) de conceitos isolados (e não conceitos universais como um produto de um recorte classificatório dicotômico) nas tabelas, constituindo um vínculo fraco quanto à introdução do tipo de relação entre conceitos que não a de inclusão (gênero-espécie), mas a de associação entre conceitos que buscou resolver os problemas dos sistemas rigorosamente enumerativos. Isto configura uma mudança nos processos de tratamento da informação contemporâneos antes do surgimento dos computadores e do processamento automático da informação.

Os sistemas de classificação bibliográfica gerais que não os facetados, em específico, devem servir de instrumento para a localização dos livros ou documentos nas estantes, o que permaneceu inalterado na *Colon Classification*: servir como organização dos instrumentos de recuperação da informação (catálogos, bibliografias, linguagens de indexação para o computador, etc.). Neste caso, as categorias são os instrumentos que permitem a representação e recuperação da informação por meio dos catálogos com base nas linguagens de indexação e servem à análise da informação, cujo preceito básico é a representação para a encontrabilidade da informação. Os documentos preservados e salvaguardados permitem acrescentar à memória individual as memórias coletivas, ambas são o produto da faculdade da alma que sistematiza, relaciona e compreende o mundo com base nos conceitos que o constitui.

A variável Revisão de leitura enfatiza:

- assim nasceram as classificações, filhas mais ou menos legítimas, mais ou menos bastardas, das classificações do conhecimento;
- Ingetraut Dahlberg, por exemplo, deixa claramente a entender que, com Ranganathan, a teoria da classificação bibliográfica encontrou finalmente o seu verdadeiro caminho;
- observações de reações contra a utilização de categorias na documentação ou [quando] pretendem que nas linguagens de indexação sejam empregadas as mesmas categorias da Física Nuclear são simplesmente ridículas;
- muitas dessas teorias da classificação bibliográfica, inclusive a do próprio Ranganathan, não passam de racionalizações *a posteriori* de uma prática já existente;
- a imprecisão com que foi apresentado por Ranganathan o conceito de Personality;

- a abordagem de Hutchins apresenta a grande vantagem de alargar a teoria das classificações documentárias unificando-as com a dos métodos de indexação alfabética;
- com Ranganathan a classificação bibliográfica encontrou o verdadeiro caminho;

As classificações bibliográficas gerais e facetadas derivam da classificação do conhecimento, constituindo um vínculo histórico forte.

Com as contribuições de Ranganathan à teoria da classificação bibliográfica, esta última permitiu representar os assuntos complexos como uma demanda social do conhecimento na contemporaneidade, especialmente com o uso das facetas na web semântica.

A proposta das categorias consiste na representação temática com base na relação facetada dos assuntos nos documentos. Esta aplica-se para quaisquer estados complexos possíveis do conhecimento que podem ser expressos por uma determinada configuração formal dos objetos nos documentos, todos passíveis de compreensão e representação a partir da identificação, tradução dos termos no vocabulário controlado da *Colon Classification* e síntese com base na fórmula de facetas.

Quaisquer críticas construtivas quanto às propostas de apresentação e aplicação categorial devem ter como recomendações soluções possíveis, ou, no caso de uma completa inadequação da proposta categorial face ao contexto apresentado pela política de informação institucional, uma nova proposta de representação do conhecimento. Não concordamos que a proposta de Ranganathan seja apenas uma racionalização *a posteriori* de uma prática já existente, mas sim um marco histórico e uma revolução metaepistêmica inovadora no modo de compreender a formação do conhecimento e de representar os assuntos não pelas essências em si mesmas invariáveis e eternas conforme proposta categorial aristotélica, mas, ao invés e de modo oposto (constituindo um vínculo fraco), com base exclusivamente nas relações que se estabelecem entre as facetas sem que isto represente uma verdade epistêmica, mas, antes, afirma-se a instância aberta dos significados mutáveis conforme as performances linguísticas pela sociedade tanto representada ou visibilizada pelas categorias (parte do sistema de classificação - uma tipologia das linguagens documentárias) quanto pelos usos que delas fazem para (i) compreender o mundo com base no estado complexo indicado pelo documento (ii)

compreender as lacunas ou as demandas sociais político-epistêmicas que se encontram atualmente ausentes como subsídio ao planejamento de implementação de mudanças de pessoas e de sociedade possíveis, ou seja, mudanças materiais da realidade mutável e construída ou destruída pelos atores sociais (iii) (re)pensar de modo permanente em exame crítico de consciência o papel a ser desempenhado por cada indivíduo tendo em consideração os acontecimentos históricos, tomando como responsabilidade social a dormência da consciência - o silêncio, o despertar ou a conscientização para a luta política em defesa dos direitos e da democracia, no campo da Ciência da Informação, a luta pelo direito à informação, e, em nosso objeto de pesquisa, o constante repensar na adequação da representação temática não por si mesma, essencialmente, idealmente, desvinculada de um contexto social, mas sim do questionamento permanente de sua adequação na realidade (social) da correspondência entre representação e recuperação, visibilizando a sociedade produtora do conhecimento e disseminando estes conhecimentos para a sociedade fazer usos dos mesmos, conforme os direitos do cidadão. Esta revolução configura um vínculo fraco.

A variável Revisão de literatura enfatiza:

- no que concerne a Ranganathan não há dúvida de que o famoso livro *Prolegomena* - em que expõe com maior amplitude e profundidade a sua doutrina - foi publicado quatro anos após a primeira edição da *Colon Classification*, a qual foi desenvolvida a partir de intuições. Há que notar ainda que as famosas "leis", "regras", "princípios" e "postulados" não encontram mais, como justamente acentua Grolier, a aceitação que se podia esperar;
- nesta mesma linha de ideias, não será fora de propósito recordar algumas das críticas feitas a Ranganathan nalguns pontos deixados por ele em certa obscuridade ou, em parte, obscurecidos pela má fé de seus adversários;
- no que concerne à obra do grande indiano, parece que o trabalho a ser realizado hoje é o de uma fundamentação teórica daquilo que algumas vezes permaneceu no terreno das intuições;
- é incompreensível que a Personalidade, conceito de tal importância dentro do sistema, tenha sido deixado ao sabor de intuições mais ou menos imprecisas;

A crítica às leis, regras, princípios e postulados de Ranganathan no *Prolegomena to Library Classification* (1967) foi expressa pelo autor, contudo, os motivos pelos quais estes

fundamentos não seriam aceitos não são explicitados no artigo, o que implica que a crítica em questão não se respalda em argumentos fortes, podendo ter vieses, na medida que, de um modo geral, a literatura especializada sobre a *Colon Classification* elucida uma avaliação positiva destes fundamentos com base na inovação e ruptura rangathaniana da facetação enquanto proposta de superação das limitações epistêmicas conhecidas pelos especialistas a respeito da estrutura e modo de operação padrão dos sistemas enumerativos aristotélicos.

Os pontos obscuros em Ranganathan apenas o são em virtude da percepção configurada ou respaldada a partir do modo padrão metaepistêmico exclusivamente dicotômico e excludente próprio do modelo aceito pela ciência ocidental, a qual exige razões positivas e exaustivas do sentido elegido para a representação dos objetos, enquanto em Ranganathan há a oposição deste modo padrão: o filósofo valoriza os espaços de fronteira e as inter-relações entre as ideias para serem representadas e não o sentido em si mesmo das categorias enquanto separadas das dinâmicas linguísticas que “amarram” numa coerência interna documental uma epistême própria (e cultural) de abordar os objetos. Logo, a representação abarca duplamente os objetos e as epistêmes outras que o abordam.

O postulado do caráter pragmático categorial, no qual a escolha das categorias deve representar os assuntos, permitindo a recuperação da informação, configura um vínculo fraco. Ranganathan explicita que a classificação é bifurcada em intuição e inteleção, o que significa que a afirmação acerca da necessidade de fundamentação teórica daquilo que algumas vezes permaneceu no terreno das intuições não encontra respaldo científico e possui vieses de argumentação. Portanto, a Personalidade não foi elaborada com base exclusivamente nas intuições por Ranganathan e seus comentadores de destaque (mas sim fundamentada em teoria e no estudo atento de muitos mestres de classificação, dentre o de maior destaque é William Charles Berwick Sayers) sendo esta uma afirmação sem respaldo científico.

A variável Interpretação dos achados inclui dados repetidos que já foram comentados e interpretados anteriormente. Os dados que ainda não foram comentados, o serão a seguir.

- recusar validade às categorias de Ranganathan unicamente porque, assemelhando-se às categorias de Aristóteles, teriam sido de antemão criticadas por Bertrand Russel - numa argumentação, aliás, de sabor jornalístico e de escasso conteúdo filosófico - é simplesmente

expor-se à zombaria de quem quer que não se sinta disposto a aceitar como dogma todas as afirmativas de um filósofo, mesmo que seja Bertrand Russell;

- por outro lado, querer aplicar às linguagens documentárias as mesmas categorias da Física Nuclear é apegar-se a um reducionismo insuportável. Em síntese, mesmo reconhecendo a validade de algumas críticas a Ranganathan não podemos deixar de subscrever a afirmativa de Ingetrut Dahlberg: Com Ranganathan a teoria da classificação encontrou o seu verdadeiro caminho. Mas exatamente por reconhecer a validade dessas críticas é que, a partir das idéias básicas do mesmo Ranganathan, será feita tentativa de, com base nas pesquisas de Ingetrut Dahlberg e numa aproximação com a Lingüística na linha em parte seguida por Hutchins, no seu livro *Languages of Indexing and Classification*, obter uma fundamentação do processo classificatório, base comum dos sistemas de classificação e da indexação alfabética (tesauros);
- a classificação bibliográfica é essencialmente um processo de indexação, dando, obviamente, a esta palavra um sentido amplo. Nesta linha se encontra o modelo apresentado por Gardin para a descrição dos léxicos documentários;

As razões pelas quais a hipótese de que haveria uma semelhança entre as categorias de Ranganathan e Aristóteles não foram explicitadas pelo autor, por isto não podemos aceitar esta afirmação no meio acadêmico-científico (está *sub judice*). Pelo contrário, à luz da pragmática, estas categorias são opostas, o que configura um vínculo fraco. Concordamos que a crítica de Bertrand Russell às categorias de Aristóteles não configura um motivo forte para invalidá-las. Não concordamos que a aplicação universal das categorias seja um reducionismo, mas uma característica básica presente na inovação de Ranganathan. É relevante esclarecer que a aplicação universal das categorias é produto da construção do número de classificação no instante da categorização a partir da fórmula facetada e que, quando consideradas isoladamente, as categorias expressam termos isolados que se conectam entre si em uma universalização não em si mesma, mas conforme uma dinâmica ou um emaranhado que o objeto adquire, ou seja, a configuração do mesmo no documento (o estado da arte do conhecimento), não possuindo valor de verdade universal, mas de utilização social do conhecimento registrado. As demais variáveis incluem exclusivamente dados repetidos já comentados e interpretados anteriormente.

A seguir faremos a análise intra do artigo de Dobreski (2021).

A variável Revisão de literatura enfatiza:

- os exames das Categorias de Aristóteles trouxeram à luz conexões profundas com tópicos em organização do conhecimento como categorização, análise de assunto e teoria da classificação;

- Aristóteles define quais questões podem ser feitas sobre algo que existe e que formas as respostas a essas perguntas podem assumir;
- suas categorias dizem respeito às coisas que essas palavras e nomes significam; são categorias de coisas, não de linguagem;
- a obra de Aristóteles é frequentemente invocada e debatida em discussões de teoria e análise de facetas;
- na tentativa de refutar a suposta modernidade do sistema de Ranganathan, Moss (1964 apud DOBRESKI, 2021, p. 3, tradução nossa) examinou as semelhanças entre as Categorias e o trabalho de Ranganathan, notando a persistente influência de Aristóteles;
- a comparação dos dois sistemas de categorias (Ranganathan e Aristóteles),, embora tenham sido criadas para propósitos diferentes, compartilham uma natureza ontológica subjacente e uma epistemologia empírica;
- ao examinar as contribuições da filosofia para a organização do conhecimento, Dahlberg (1992) mapeou as dez categorias para um sistema de entidades, propriedades, atividades e dimensões, aproximando-se de uma interpretação ontológica;

As categorias de Aristóteles são discutidas na Ciência da Informação a partir de sua conexão com alguns tópicos em organização do conhecimento (OC) que merecem destaque e que compreendem um panorama macro no qual são abertas possibilidades de diálogo e apropriações: a categorização, a análise de assunto e teoria da classificação. Podemos inferir que a noção clássica de categoria aristotélica perspassa as ideias de uma teoria específica, uma atividade (análise de assunto) e uma aplicação (categorização). Na organização do conhecimento, as categorias permitem elaborar e obter respostas acerca de quais aspectos ou facetas são consideradas representativas para analisar os assuntos, essas respostas como formas ou modos assumidos em sua interrelação documental para a correta identificação dos mesmos.

Uma forte contribuição de Aristóteles aos sistemas enumerativos diz respeito ao conteúdo expresso pelas palavras e nomes no significado do que cada categoria aponta como significativo: na Filosofia, apontam para coisas e os modos pelos quais se manifesta, que coincidem com os modos pelos quais podemos medir sua existência empiricamente a partir da

linguagem. Contudo, apesar da presença da linguagem nas categorias, estas são ontológicas e, por isso, apontam para os seres e tudo aquilo que pode ser conhecido a respeito dos mesmos.

O corpus aristotelicum é invocado nas discussões de teoria e análise de facetas como um modelo de organização consolidado historicamente para estabelecer a contraposição do primeiro em relação ao segundo. Podemos interpretar o motivo pelo qual isto é recorrente no campo da organização do conhecimento: as práticas sempre devem ser fundamentadas pelo arcabouço teórico desde sua origem até os mais complexos desafios contemporâneos emergidos na era dos computadores. Logo, o vínculo é forte quanto ao resgate histórico para comparação do método categórico aristotélico e o facetado rangathaniano no pensar acerca das práticas em organização do conhecimento fundamentadas pela teoria da classificação.

A persistente influência histórica das categorias de Aristóteles nos sistemas enumerativos até Ranganathan constituem um vínculo fraco quanto ao método dicotômico e excludente clássico de categorização aristotélica face à multiplicidade facetada da categorização rangathaniana como propostas à organização do conhecimento.

Os dois sistemas de categorias (Ranganathan e Aristóteles) foram criados para propósitos diferentes, mas compartilham uma natureza ontológica subjacente e uma epistemologia empírica: estas características configuram um vínculo fraco porque existem fortes implicações ético-políticas-metaepistêmicas da categorização que não podem ser desconsideradas face à discussão da ontologia e epistemologia empírica presente nos autores. A categorização não é exclusivamente um aparato do processamento da informação, mas, antes, é uma técnica que busca rehumanizar e transformar a sociedade a partir da representação e recuperação da informação, e, neste sentido, a proposta aristotélica, por excluir os dessemelhantes como método, possui implicações sociais éticas por não possibilitar a democracia documentária. O aperfeiçoamento da técnica de elaboração e aplicação das categorias em um sistema de organização específico, a *Colon Classification*, significou um rompimento com a lógica aristotélica de sistematização do conhecimento, constituindo um vínculo ético-epistêmico fraco.

Dahlberg fez uma grande contribuição à filosofia da organização do conhecimento com a formulação de dez categorias com base em uma interpretação ontológica para um sistema de entidades, propriedades, atividades e dimensões.

A variável Perspectiva teórica enfatiza:

- a influência das Categorias é sentida em muitos domínios, particularmente na organização do conhecimento (KO). Aqui, as categorias de Aristóteles têm conexões profundas e duradouras com obras que examinam a categorização, a análise de assunto e a teoria da classificação;
- as Categorias é uma das obras mais conhecidas e amplamente discutidas de Aristóteles. Formando uma parte do Organon maior, uma coleção de obras dedicadas à lógica e ao procedimento lógico, as Categorias podem ser vistas como um dos primeiros exemplos de ontologia. Nas Categorias, Aristóteles procura proposições para detalhar os tipos de ser que existem, juntamente com o que pode ser entendido e predicado das coisas que existem;
- mais notavelmente dentro deste trabalho [Categorias], Aristóteles avança um conjunto de dez categorias de nível superior que podem ser usadas para classificar todos os tipos de ser: substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, estado, ação e paixão;
- embora a relação [das categorias] com a ontologia como entendida dentro da organização do conhecimento possa parecer óbvia, conexões com perspectivas da organização do conhecimento em sistemas de organização do conhecimento (KOSs) e a modelagem ontológica, curiosamente estão faltando;
- este tipo de sistema de organização do conhecimento [ontologia] usa classes, relacionamentos e propriedades para oferecer uma representação altamente estruturada e funcional do que existe e do que pode ser conhecido. Como tal, suporta semelhanças com o propósito e a estrutura das dez categorias de Aristóteles;
- tomaremos a ontologia filosófica para nos referirmos ao estudo do ser, enquanto a ontologia (usada sem qualificação adicional) se referirá à perspectiva da organização do conhecimento sobre ontologia (ou seja, uma espécie de sistema de organização do conhecimento formal);
- ao explorar os tipos de seres que compõem a realidade, as Categorias podem ser vistas como uma obra clássica de ontologia filosófica. Embora muitos trabalhos tenham examinado, interpretado, extraído e refutado as Categorias, é importante notar que persistem questões sobre a abrangência pretendida do sistema de Aristóteles;
- outra área de debate sobre as categorias que devem ser mantidas em mente, nomeadamente, interpretações ontológicas versus linguísticas. As interpretações ontológicas veem as Categorias diretamente como um trabalho de ontologia filosófica. [...] Aristóteles se baseia em certas pistas linguísticas, suas categorias dizem respeito às coisas que essas palavras e nomes significam;
- o reexame oferecido aqui assumirá a interpretação ontológica [das categorias];

- no início das Categorias, na chamada *Pré-Predicamenta*, Aristóteles nos apresenta duas dimensões ao longo das quais todos os tipos de ser podem variar: dito de e presente em. No primeiro, algo que é predicável de outra coisa é dito de. Por exemplo, na proposição “Aristóteles é humano”, o conceito de “humano” é predicado de um ser humano individual. Aristóteles, sendo predicado de mais nada, é portanto, não dito. A herança lógica também está presente aqui: humanos são animais, e como humano, Aristóteles é, portanto, também um tipo de animal. Dentro dos sistemas de organização do conhecimento, esse tipo de relação pode ser vista como do tipo hierárquico genérico, estabelecendo entre os conceitos um relacionamento classe-subclasse ou classe-instância. Por esse motivo, qualquer coisa dita de seria uma classe, enquanto qualquer coisa não dita seria uma instância;
- na segunda dimensão, algo está presente em quando é incapaz de existir fora de um sujeito, enquanto aqueles que não estão presentes em podem existir independentemente. Por exemplo, o conhecimento existe na mente humana e, portanto, está presente em um indivíduo. Em contraste, o cavalo é dito-de de um cavalo individual, mas nunca está presente-em em uma substância como está o conhecimento. Conforme explicado abaixo, a categoria da substância possui uma posição especial na obra de Aristóteles, e pode ser os únicos conceitos capazes de existência independente (ou seja, não presente em). Todos os outros tipos de ser devem estar presentes em e portanto, dependentes das substâncias para sua existência;
- a classificação e a teoria das facetas não são as únicas conexões significativas a serem traçadas entre as categorias e o trabalho em organização do conhecimento;
- na literatura de classificação, as comparações das categorias aristotélicas com as categorias de Ranganathan são de longa data;

A influência das Categorias no campo da organização do conhecimento é identificada fortemente a partir de suas conexões com a categorização, a análise de assunto e a teoria da classificação, nas quais a formulação de novas questões de pesquisa são propícias e relevantes para a teoria e a prática do campo em futuras pesquisas primárias.

Um dos modos possíveis de compreensão das categorias aristotélicas ocorre com base na concepção de que são um exemplo de ontologia. As categorias são expressas nas proposições que indicam os tipos do ser. Na obra Categorias, Aristóteles apresenta 10 categorias gerais ou de nível superior que permitem explicitar e classificar o ser.

A ausência de contribuições robustas das categorias em sua conexão com as perspectivas da organização do conhecimento na *Colon Classification* é de enorme relevância para nossa revisão sistemática, o que nos permite afirmar que o vínculo é fraco quanto às contribuições das apropriações categoriais neste esquema. Nossa pesquisa busca preencher esta

lacuna, e concordamos que esta conexão é uma frente de pesquisa rica nas futuras pesquisas primárias.

O sistema de organização do conhecimento ontologia possui vínculos fortes com as categorias aristotélicas, pois ambas oferecem propostas de representação estruturada do que existe e do que pode ser conhecido. A ontologia (uma espécie de sistema de organização do conhecimento formal) utiliza classes, relacionamentos e propriedades para obter a maior especificação possível (intensão conceitual) do que está sendo representado.

Dado que na organização do conhecimento ainda persistem questões sobre a abrangência pretendida do sistema de Aristóteles, isto é uma evidência que torna o vínculo indeterminado quanto à abrangência aristotélica em sua formulação das categorias: este questionamento pode ser parte de uma questão de pesquisa, hipótese, caso seja do interesse a obtenção de respostas em pesquisas futuras no contexto da teoria e da prática dos sistemas de organização do conhecimento. As interpretações ontológicas e linguísticas das categorias aristotélicas merecem destaque: as ontológicas consideram as categorias como uma ontologia filosófica, e, as linguísticas, como categorias linguísticas. Visto que Aristóteles se vale da linguagem para expressar e classificar o ser em um contexto Metafísico da realidade, as categorias são ontológicas e utilizam a linguagem apenas como meio de expressar coisas verdadeiras ou falsas, condicionadas à verificação empírica do valor de verdade.

As dimensões das Categorias variam em dito de (algo que se predica do sujeito) e presente em (o conhecimento presente em um indivíduo) e isto é relevante de ser observado nos sistemas de organização do conhecimento, em geral, e na *Colon Classification*, em específico. O vínculo é forte quanto à presença das dimensões das categorias: o dito de são equivalentes às demais categorias que não a personalidade e a o presente em equivale às facetas que recaem sob a personalidade. A substância aristotélica não está presente em porque possui existência independente por si mesma e neste sentido o vínculo é fraco quanto à existência independente: a personalidade extrapola meramente o sentido lógico (é uma espécie de entidade documental que gera efeitos sociais, portanto, viva), contudo, no sentido epistemológico, a disciplina na qual se insere é um elemento influenciador não de sua essência,

de seu sentido como em Aristóteles, constituindo um vínculo fraco quanto à alteridade da mesma em oposição à identidade aristotélica, ou seja, é na relação com o outro (recuperação e uso da informação) que adquire sentido.

As demais categorias estão presentes em, dependendo da existência autônoma da substância: o vínculo é fraco quanto à não existência autônoma ou em si mesma da personalidade separada da representação PMEST e do uso social da informação.

A classificação e a teoria das facetas não são as únicas conexões significativas a serem traçadas entre as categorias e o trabalho em organização do conhecimento, contudo, estas conexões são de interesse da presente revisão sistemática. Devido às conexões serem fundamentalmente de oposição quanto ao método de categorização aristotélico e ranganathiano, configuram um vínculo fraco. Contudo, investigá-las possibilita pensar novas possibilidades de apropriações categorias no trabalho da organização do conhecimento permitindo que pesquisas futuras possam desenhar projetos de pesquisa em enfoques em questões mais concretas em campos empíricos institucionais e os seus problemas de categorização identificados. Estes problemas de categorização são parte do problema maior da adoção de linguagens documentárias pelas instituições de informação e da avaliação de sua adequação empírica, ou seja, se a linguagem adotada possui um controle terminológico (vocabulários controlados rudimentares ou sistematizados em rede para a interoperabilidade dos dados e seu reuso) que representa fidedignamente a realidade social ou o mundo comum, que é a produção dos discursos de grupos sociais e indivíduos que necessitam, em um viés ético do papel do profissional da informação na sociedade, do tratamento da informação para o cumprimento dos objetivos das políticas de informação institucionais voltadas para a transformação social.

A variável Revisão de leitura enfatiza:

- ☐ Tabela 1. matriz dito-de/presente-em;

Table 1. The said-of/present-in matrix.

	Present-in	Not present-in
Said-of	classes (non-substance), properties, relationships ex. length, color	classes (secondary substance) ex. Person
Not said-of	instances (non-substance), values ex. 2 cubits, blue	instances (primary substance) ex. Aristotle

Esta matriz permite esquematizar as categorias aplicadas ao sistema de organização do conhecimento formal ontologia, fazendo a correspondência das instância e classes com as dimensões dito de e presente em.

□ Tabela 2. As dez categorias [no *Predicamenta*];

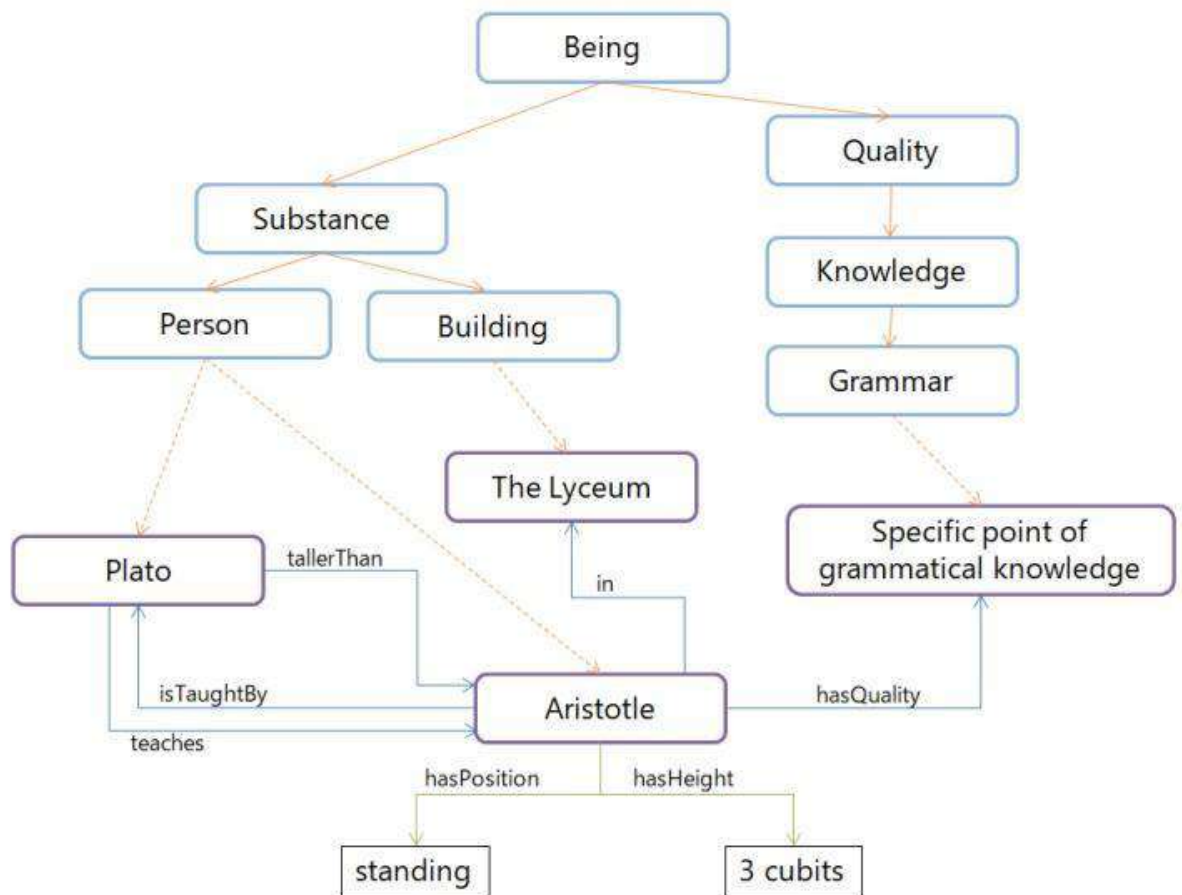
Table 2. The ten categories.

Category	Examples (<i>Aristotle 2001</i>)	Question (<i>Moss 1964</i>)
substance	man, the horse	what?
quantity	2 cubits long	how large?
quality	white, grammatical	what sort?
relation	double, half	related to what?
place	in the Lyceum	where?
time	yesterday, last year	when?
position	lying, sitting	in what attitude?
state	shod, armed	how circumstanced?
action	to lance, to cauterize	doing what?
affection	to be lanced, to be cauterized	what suffering?

Esta tabela mostra as 10 categorias de Aristóteles na obra *Categorias* na primeira coluna. Na segunda coluna, mostra exemplos de conteúdos apontados na aplicação das categorias. Na terceira coluna, mostra quais são os tipos de perguntas possíveis à cada categoria.

□ Figura 1. As categorias como componentes da ontologia

Figure 1. The categories as ontology components.



As categorias aristotélicas como elementos de uma ontologia permitem diversos tipos de relação entre conceitos além do hierárquico tradicional: classe-instância e classe-subclasse.

A variável Interpretação dos achados enfatiza:

- curiosamente, Aristóteles apresenta as categorias como ostensivamente disjuntas, e sem categoria de nível superior (*top-level*) que os une. Como uma classe de nível superior é exigida de uma ontologia, uma pode, por conveniência, assumir “ser” como a classe de nível superior implícita aqui;
- as substâncias, sendo a única categoria de coisas que podem existir independentemente, possuem uma posição importante dentro do modelo de Aristóteles, e são ainda divididas em substâncias primárias e secundárias. As substâncias primárias são os indivíduos que podemos apreender diretamente, como Aristóteles ou um carvalho específico. As substâncias secundárias são as espécies a que pertencem as substâncias primárias, isto é, os grupos abstratos de pessoas ou árvores. Assim, é bastante fácil ver as substâncias secundárias como classes, e substâncias primárias como instâncias dessas classes;
- muitas das características dos sistemas de organização do conhecimento descritos por Zeng (2008) podem ser encontradas dentro das Categorias. Embora possa de fato ser processada

como uma ontologia, o processo é mais desafiador e os resultados menos elegantes do que se poderia esperar. Em particular, na verdade mapear as próprias dez categorias para componentes de ontologia é muito mais difícil do que enquadrar a matriz inicial dito-de/presente-em em termos ontológicos. Ainda assim, os resultados [do artigo] [...] oferecem um exemplo de como um trabalho de ontologia filosófica clássica pode ser interpretada através de uma lente moderna dos sistemas de organização do conhecimento;

- o processo de reexaminar as categorias revelou conexões inegáveis com as perspectivas e práticas dos sistemas de organização do conhecimento. Relacionamentos hierárquicos, herança lógica e relacionamentos associativos podem ser facilmente encontrados dentro das Categorias;
- embora os resultados da modelagem ontológica aqui possam não ser perfeitos, o próprio processo fornece mais *insights* e levanta importantes considerações sobre a prática dos sistemas de organização do conhecimento;
- o presente modelo ontológico do estudo é oferecido não como uma solução para as Categorias, mas como uma ilustração das conexões entre a ontologia filosófica e o estudo e a prática dos sistemas de organização do conhecimento;
- o debate ontológico/linguístico em torno das Categorias, bem como de questões maiores sobre a relação entre linguagem e realidade, também oferecem uma visão mais prática dos sistemas de organização do conhecimento;
- assim como Aristóteles usa a linguagem como evidência para a realidade, também nos voltamos para a linguagem como evidência na construção e manutenção dos sistemas de organização do conhecimento;
- o reexame aqui apresentado mostra que as Categorias podem ser interpretadas como uma ontologia dentro da estrutura da classificação de Zeng (2008) dos sistemas de organização do conhecimento;

As categorias ostensivamente disjuntas significam que se encontram em estado não aplicado, sem complexão. Por serem as noções mais gerais a respeito do ser, não há outra categoria que as englobe em um nível superior. As substâncias primárias são os indivíduos particulares e as substâncias secundárias são os grupos nos quais os indivíduos se inserem.

Em nossa interpretação, as seguintes características dos sistemas de organização do conhecimento descritas por Zeng (2008) são identificadas dentro das Categorias de Aristóteles e também na *Colon Classification*: estruturas que se concentram em eliminar a ambiguidade; estruturas que se concentram no controle de sinônimos ou equivalentes; estruturas que se concentram em fazer relacionamentos semânticos explícitos. Esta última característica na *Colon Classification* não é cumprida integralmente quando considerada “isoladamente” na

estrutura do esquema, pois as divisões nas disciplinas em conceitos isolados não fornece a predeterminação dos relacionamentos semânticos, os quais devem ser construídos pelo classificador (*classifying*). O autor considera as Categorias como uma ontologia filosófica clássica interpretada através de uma lente moderna dos sistemas de organização do conhecimento: neste sentido, em nossa escolha do sistema *Colon Classification*, o vínculo é intermediário quanto às características destes sistemas descritas por Zeng (2008): a *Colon Classification* não cumpre integralmente o critério padrão (estipulado pela metaepistême ocidental, a qual não possui valor de verdade, mas, como toda ciência, pode ser posto à prova com base na justificativa pragmática de um modelo de representação e recuperação do conhecimento, ou seja, a validade de um sistema formal) de ser uma estrutura que se concentra em fazer relacionamentos semânticos explícitos, ou seja, a revolução rangianathiana (tal como Galileu com sua proposta heliocêntrica) não consiste em organizar o conhecimento seguindo o modelo aristotélico, mas justamente de conceber o sentido atrelado à relação fundamental entre as coisas e as humanidades na práxis social, na retórica - enquadrando o sistema “na fronteira” da relação (benéfica e legal - de acesso à informação) do homem com a máquina no processo de interpretação e engajamento epistêmico-político de transformação desta realidade comum que não está dada no mundo metafísico, mas que se constrói com a práxis coletiva enquanto produto dos discursos das comunidades discursivas que, por sua vez, depende dos processos de organização e recuperação, sendo beneficiado pela escolha de um modelo mais útil à recuperação (o modelo rangianathiano é um modelo possível, ou seja, sem valor de verdade a priori), todo este processo insere-se no ciclo (social) da informação (que possibilita a comunicação das humanidades).

As categorias aristotélicas e suas conexões com as perspectivas e práticas dos sistemas de organização do conhecimento, em nosso caso, a *Colon Classification*, configuram um vínculo fraco quanto às perspectivas de categorização e às práticas de classificação seguindo o modelo rangianathiano.

O debate ontológico/linguístico em torno das Categorias aristotélicas e questões maiores sobre a relação entre linguagem e realidade na *Colon Classification* constitui um

vínculo fraco quanto à proposta de modelo metaepistêmico de organização do conhecimento, o qual deve apresentar como pressuposto epistêmico fundamental a concepção distinta de realidade em Aristóteles e Ranganathan e a capacidade das categorias enquanto instrumentos para explicitar os seres, saberes e modos de conhecê-los em uma estrutura da realidade sistematizada. Em Ranganathan, estes instrumentos possibilitam, além da promoção ao acesso à informação, a própria possibilidade de transformação desta realidade, tendo em vista que a realidade para o filósofo é mutável, plástica, construída pelos homens (portanto, também está implícita, em nossa compreensão à luz da filosofia da linguagem wittgensteiniana, uma crítica referente à responsabilidade social e ao engajamento político da comunidade discursiva ou dos usuários - como um “chamado” silencioso dos livros no que possuem de mais útil na sua “interioridade”, não de possuir um sentido transmitido como uma mensagem, como uma entidade independente ao modo da *ousia* aristotélica, mas de um “querer” tornar-se todos os desdobramentos possíveis como produto de um lançamento (ao modo heideggeriano) do ser (ser e saber confundem-se - o livro antropofágico que a tudo consome e resulta em algo novo metamorfoseado, justamente a mudança de natureza que nos evocam as categorias como ponto de ruptura com as categorias aristotélicas em um vínculo fraco) mutante (transformado na leitura) e que adquire em si (a aquisição refere-se aos atores individuais e sociais) a capacidade de aplicação na realidade material dos saberes teóricos, neste processo o conhecimento teórico dos livros (i) consolida o fundamento teórico da prática material direcionada ao cumprimento de objetivos (ii) encontra robustez de aplicação empírica que permite repensar a adequação da própria teoria (processo antropofágico) à luz dos contextos e demandas da ciência pós-moderna (iii) serve aos propósitos “reais-materiais”: toda teoria encontra efeitos ou aplicações (via razão e intuição) que são perspectivas possíveis de modelar a realidade (modelar os domínios do conhecimento é condição para modelar a realidade social), todas estas estão ocultas, implícitas no livros, ou seja, há de modo permanente o mistério nos livros no que se refere às descobertas e às revelações materiais possibilitadas pelo logos dos homens nas aplicações epistêmicas na vida comum do homem - a promoção da educação ao longo da vida como projeto político da vigilância e da consolidação de nossa jovem democracia documentária (idade passível de

mensuração pela recente implementação da Lei de Acesso à Informação, Lei nº 12.527 de 2011) orienta o homem na “previsão” dos desdobramentos ou efeitos de optar por seguir os caminhos (as encruzilhadas - os caminhos possíveis), munindo-o com sabedoria para tomar decisões mais conscientes.

A variável implementações dos estudos enfatiza:

- sugerindo como as críticas da ontologia filosófica podem ser empregadas em exames de ontologias e outros sistemas de organização do conhecimento, este estudo também abre novas áreas de avaliação para esses sistemas. Avançando, há oportunidades para novos exames e prática de sistemas de organização do conhecimento empregando essas críticas, bem como análises adicionais de obras de ontologia filosófica através das lentes dos sistemas de organização do conhecimento;

A ontologia filosófica empregada na *Colon Classification* (CC) buscando sua avaliação e fazendo a correspondência entre a prática da CC e de que modo esta reflete a lógica aristotélicas constitui um vínculo forte quanto à adequação das práticas fundamentadas em teoria.

Esta revisão sistemática integra os estudos críticos da organização do conhecimento referente à explicitação das influências das noções fundamentais da ontologia filosófica aristotélica no exame da estrutura e da prática da *Colon Classification*. Este exame demonstra a predominância de um vínculo fraco na medida que a estrutura e a prática fundamentam-se na unidade semântica dos conceitos isolados, os quais possuem uma configuração formal variante (*informis*) e compõem o número de classificação (fórmula de facetas). Devido à baixa adesão da *Colon Classification* nas bibliotecas fora da Índia, os estudos a respeito deste sistema costumam ser de cunho teórico e/ou teórico/aplicado, não sendo comum o enfoque em sua avaliação, justamente pela dificuldade do Bibliotecário/profissional da informação ter o contato com uma Biblioteca que organize seu acervo a partir de um método não ocidental, a *Colon Classification*, o que dificulta estudos deste último tipo mencionado, haja vista que as metodologias em organização do conhecimento pautam-se principalmente no levantamento bibliográfico, mas também no estudo de caso. Tendo apenas o primeiro método no contexto da ciência brasileira, um estudo avaliativo do sistema pode ser efetuado, mas sem, contudo, fazer

ressalvas quanto às limitações impostas pela ausência ou pela dificuldade de aplicação do método estudo de caso.

A variável limitações dos estudos enfatiza:

- por simplicidade, a consideração dos escritos ontológicos adicionais de Aristóteles, como na Física e Metafísica também serão omitidos;
- os desafios encontrados no presente estudo mostram algumas das limitações de tomar as Categorias como um sistema ontológico independente. Certas categorias recebem relativamente pouca consideração dentro do texto, enquanto as presunções da metafísica de Aristóteles seriam articuladas em outros lugares em seus escritos, inclusive em sua Física, Metafísica e Anatóicos Anteriores. Mesmo o Pós-Predicamenta das Categorias contém material adicional que poderia ter sido útil aqui

As obras de Aristóteles nas quais aborda as Categorias são diversas, e a escolha de uma em detrimento das demais deve sempre estar pautada em justificativas teórico-metodológicas. Em nossa pesquisa, desconsideramos as Categorias conforme abordadas na Física, Metafísica e Tópicos. As limitações de interpretar as Categorias como o sistema de organização do conhecimento formal ontologias abre caminhos interpretativos e também instala dúvidas quanto à invariância teórico-aplicada do conceito Categoria em seu contexto original em Aristóteles e nos sistemas de organização do conhecimento contemporâneos.

A seguir faremos a análise intra do artigo de Mazzocchi (2021).

A variável revisão de literatura enfatiza:

- em sua *Introdução à Classificação de Bibliotecas* (1918), W. C. Berwick Sayers delineou a abordagem da classificação facetada, enfatizando a necessidade de classificação de bibliotecas ter uma base racional em termos de uma lógica de base, e avançou uma metodologia em termos de cânones e axiomas;
- em relacionar a classificação facetada à lógica, Sayers quis dizer com esta última a lógica clássica seguindo as ideias filosófica de Aristóteles (e abordagem para categorização);
- a essência da análise de facetas é o agrupamento de termos em um determinado campo de conhecimento em termos homogêneos, facetas mutuamente exclusivas, cada uma derivada do universo superior (*parent universe*) por uma única característica de divisão. Podemos olhar para essas facetas como grupos de termos derivados tomando cada termo e definindo-o, *per genus et differentiam*, com respeito à sua classe superior;

- a classificação é social e culturalmente enviesada [e] mesmo dentro da mesma tradição cultural, o valor social e a ordem espacial dos assuntos podem mudar através do tempo;
- a classificação facetada segue em parte os mesmos princípios de divisão lógica em que se basearam as classificações tradicionais;
- outros autores destacaram a semelhança (ou uma possível derivação do anterior ao posterior) entre as categorias de Ranganathan e Aristóteles;
- uma vez integrado a uma linguagem, um sistema categorial, como aquele estamos falando, torna-se parte central de uma tradição cultural particular. As suposições e valores inerentes a tal sistema são incorporados no subconsciente coletivo dos membros dessa comunidade linguística;

A obra seminal *Introdução à Classificação de Bibliotecas* (1918) de W. C. Berwick Sayers apresenta os fundamentos lógico-epistemológico-metodológicos para os sistemas de classificação. Sayers se baseia na lógica aristotélica para sistematizar os princípios lógicos de classificação e traça uma linha histórico-teórico-prática da Classificação.

Sayers era um bibliotecário e professor britânico, o que o legou em sua tradição em analisar a análise facetada como uma instância da lógica aristotélica em um período histórico no qual havia a predominância da teoria sintática da informação. Este modo de analisar pode ter ocorrido devido à influência cultural e à ciência *mainstream* ocidental de conceber e de representar o universo do conhecimento. Consideramos importante esclarecer que o fazer científico é um empreendimento pautado não na produção de discursos metafisicamente verdadeiros *a priori*, mas justamente o oposto: a ciência baseada em evidências pensa a si mesma e a seus postulados de base a cada nova descoberta. Tendo isto em consideração, pensamentos de autores consolidados não devem ser reproduzidos enquanto verdades universais se há uma nova tradição filosófica que nos permite, com o devido rigor, estabelecer argumentos que nos permitem analisar um objeto à luz de outro ponto de vista legado por uma (nova ou não) teoria como parte de uma escola de pensamento ou um novo paradigma (no sentido não kuhniano - que não rompe integralmente o/s anterior(es)). O conhecimento é complexo, o que significa que os objetos são ou podem ser inter e transdisciplinares. Inclusive, a atividade de refletir e de interpretar as ideias de autores fundacionais do campo da organização do conhecimento à luz de novos contextos políticos, econômicos, epistêmicos, etc, é um gesto de dignificar estes autores, haja vista que, na pragmática wittgensteiniana, o sentido

do texto desdobra-se nos usos que dele fazemos e isto permite a renovação e a oxigenação do próprio campo, o qual está e deve estar do ponto de vista ético-epistêmico em movimento constante, o que é condição para a descoberta científica.

Portanto, a relação da classificação facetada com a lógica clássica seguindo as ideias filosófica de Aristóteles (e abordagem para categorização) feita por Sayers pode ser criticada: à luz da teoria pragmática da informação e dos jogos de linguagem wittgensteinianos, a classificação visa, a partir da recuperação da informação, o movimento e a transformação da sociedade por meio do uso da linguagem. Estes dois últimos integram a concepção central da pragmática transcendental de Ranganathan e sua ruptura com a lógica aristotélica binária, aspectos não considerados por Sayers e que nos permite argumentar que o vínculo é fraco quanto à corrente teórica de fundamentação distinta em Aristóteles e Ranganathan e concepção ética de representação de todas as facetas em Ranganathan vs. a exclusão dos dessemelhantes como instância oculta da divisão lógica dicotômica em Aristóteles.

O sistema categorial de Ranganathan foi formulado e aplicado para a representação dos assuntos buscando sua recuperação. Contudo, este sistema não pode ser desvinculado de uma tradição cultural na qual se insere: esta utiliza categorias para compreender tudo que existe em todos os níveis ou castas de realidade. A noção de eternidade das coisas existentes no transcendente e a permanente transformação da natureza de tudo que existe atravessa a formulação e aplicação das categorias ranganathanianas. Neste sentido, em Aristóteles, a substância incorruptível e eterna e a substância sensível corruptível (que é gerada e corrompida) formam um sistema que concilia, como em Ranganathan, algo de eterno e algo mutável e corruptível, mas não no mesmo sentido, isto configura um vínculo intermediário a respeito da presença da eternidade e do movimento no corpus dos autores e nas categorias propostas. Conforme argumentado, o pensamento de Aristóteles e Ranganathan é fundamentalmente oposto quanto à metodologia oposta de organização do conhecimento na formulação e aplicação das categorias, o que gera consequências sociais de cunho ético-político-epistêmico e configura um vínculo fraco.

A variável perspectiva teórica enfatiza:

- o PMEST é visto no contexto da tradição filosófica indiana, comparando-o com os sistemas categoriais Vaisesika;
- as cinco categorias fundamentais, incluídas na quarta edição da Colon Classification, são chamadas Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo (PMEST). (MAZZOCCHI, 2013, p. 765, tradução nossa);
- um esquema de classificação deve compreender um conjunto (mínimo) de elementos que podem ser livremente combinados para atender às necessidades de qualquer assunto em particular, e então aplicados de forma transdisciplinar. Tais elementos funcionam como blocos de construção em um conjunto Meccano. (MAZZOCCHI, 2013, p. 765, tradução nossa);
- a matéria é usada para especificar todas as características relevantes de um objeto, não tratando de fato exclusivamente da composição física. Ela pode ser dividido em três subcategorias: Matéria Material, Matéria Propriedade e Matéria Método. Os dois primeiros dizem respeito, respectivamente, à composição física (por exemplo, mármore em uma estátua de mármore) e as propriedades (por exemplo, permeabilidade como propriedade física do solo) que pode estar relacionado a um objeto. A Matéria Método é usada em relação aos métodos (por exemplo, métodos físicos e métodos biológicos). (MAZZOCCHI, 2013, p. 765-766, tradução nossa);
- a energia representa os aspectos dinâmicos (ação) que ocorrem em relação a um objeto. (MAZZOCCHI, 2013, p. 766, tradução nossa)
- espaço e tempo indicam, respectivamente, a área geográfica e o período associado a um objeto. (MAZZOCCHI, 2013, p. 766, tradução nossa);
- as ideias de Shiyali Ramamrita Ranganathan sobre classificação à luz da tradição filosófica indiana;
- Ranganathan pensou que uma teoria da classificação geral deve ser baseada em alguns princípios normativos gerais ou axiomas;
- as cinco categorias fundamentais, incluídas na quarta edição da Colon Classification, são chamadas Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo (PMEST). Tais categorias, entretanto, não são facilmente definíveis. Isto é particularmente verdadeiro para a Personalidade, que é usada para expressar as características distintivas de um objeto. Sendo difícil descrevê-la em termos positivos, torna-se reconhecível apenas por eliminação [...]. A personalidade pode ser vista como o substrato que possibilita a aplicação de todas as outras categorias. (MAZZOCCHI, 2013, p. 765, tradução nossa);
- [...] essas categorias (mutuamente exclusivas) estabelecem as condições necessárias e suficientes para expressar, em razão de sua combinação, todas os assuntos possíveis. (MAZZOCCHI, 2013, p. 765, tradução nossa);

- [as classificações tradicionais] são construídas principalmente em termos da relação gênero- espécie. [A classificação facetada] difere significativamente destas na medida em que adota uma abordagem mais flexível baseada em um conjunto mínimo de categorias fundamentais que podem ser combinadas de várias maneiras para produzir assuntos compostos.

O PMEST (personalidade, matéria, energia, espaço e tempo) interpretado no contexto da tradição filosófica indiana em sua comparação com os sistemas categoriais Vaisesika constitui um vínculo fraco quanto à sua interseção com perspectivas filosófico-culturais distintas e que dificultam o estabelecimento dos limites entre as semelhanças identificadas nos vínculos. Os princípios normativos gerais de Ranganathan são baseados em um rigor científico que não é derivado da lógica aristotélica, ou seja, não é uma metodologia que se aproxima do modo ocidental de organização do conhecimento, constituindo um vínculo fraco. As categorias reunidas segundo a fórmula de facetas permitem a construção da configuração formal dos objetos a partir da relação que se estabelece entre estas facetas conforme identificado no documento.

A categoria matéria divide-se em três subcategorias que permitem especificar quais os enfoques possíveis para analisar os objetos dentro desta categoria. Esta subdivisão ocorreu na sétima edição da *Colon Classification*.

A categoria energia denota os aspectos dinâmicos de um objeto, como a doença em Medicina. As categorias espaço e tempo denotam os aspectos geográficos e históricos identificados no objeto.

Constitui um vínculo fraco a diferença da abordagem mais flexível da aplicação das categorias (categorização) na classificação facetada em relação às classificações tradicionais aristotélicas fundamentadas exclusivamente na enumeração do sentido das coisas com base na relação gênero-espécie, sendo um sistema rígido em uma estrutura formal rígida e fechada.

A variável Achados enfatiza:

- Tabela 2: mapeamento entre as categorias originais do Vaisesikasutra e o PMEST de Ranganathan

Table 2: mapping between *Vaisesikasutra* original categories and Ranganathan's PMEST.

<i>Dravya</i> (substance)	<i>Personality</i>
<i>Guna</i> (quality)	<i>Matter</i> (properties)
<i>Karma</i> (action)	<i>Energy</i>

- Tabela 3: mapeamento entre as categorias PMEST e Vaisesika por Adhikary e Nandi (2003). *Dika* e *kala* no sistema *Vaisesika* são subtipos de *dravya*

**Table 3: mapping between PMEST and *Vaisesika* categories by Adhikary and Nandi [1].
Dika and *kala* in *Vaisesika* system are subtypes of *dravya***

<i>Personality</i>	<i>Samanya</i> (generality) and <i>Vishesa</i> (particularity)
<i>Matter-material</i>	<i>Dravya</i> (substance) and <i>Abhava</i> (non existence)
<i>Matter-properties</i>	<i>Guna</i> (quality)
<i>Matter-method</i>	<i>Samavaya</i> (inherence)
<i>Energy</i>	<i>Karma</i> (action)
<i>Space</i>	<i>Dika</i> (space)
<i>Time</i>	<i>Kala</i> (time)

- não há dúvida de que o conceito de categorias na LIS não é o mesmo que o filosófico;
- Tabela 4: As dez categorias de Aristóteles ordenadas por quatro supercategorias (ou Ur-categorias) na visão de Dahlberg (1978): a categoria da substância ou *Ousia* é dividida em Princípios, Objetos materiais e objetos imateriais;

Table 4: The ten categories of Aristotle ordered by four supercategories (or *Ur-categories*) in Dahlberg's view (1978): the category of substance or *Ousia* is divided into Principles, Material Objects and Immaterial Objects.

Entities (<i>Ousia</i> , 'substance' or 'essence')
Principles
Material objects
Immaterial objects
Properties
Quantity (<i>Poson</i> , 'how much')
Quality (<i>Poion</i> , 'what sort')
Relation (<i>Pros ti</i> , 'related to what')
Activities
Operation or Action (<i>Poiein</i> , 'doing')
State (<i>Ekhein</i> , 'having')
Process or Affection (<i>Paskhein</i> , 'undergoing')
Dimensions
Time (<i>Pote</i> , 'when')
Position (<i>Keisthai</i> , 'being situated')
Space (<i>Pou</i> , 'where')

- as **categorias** de Aristóteles correspondem às **determinações** últimas da realidade (sensível), refletindo-se no nível lógico aos conceitos mais **gerais**, tendo também um significado linguístico-gramatical;

É possível fazer a correspondência entre algumas categorias *Vaisesikasutra* originais e as de Ranganathan. Desta correspondência, é interessante observarmos que a categoria da substância (*Dravya*) encontra-se relacionada à Personalidade, mas com a ressalva de que a escola de pensamento a partir da qual as categorias são formuladas é um fundamento epistêmico relevante das mesmas a ser considerado.

Na investigação de um conceito, há de se considerar principalmente que a sua definição está atrelada aos princípios teórico-normativos do campo no qual é formulado e aplicado em função de sua utilidade para a sociedade. A partir disto, o conceito de categoria na Filosofia possui um sentido atrelado aos problemas filosóficos, aos autores que propuseram distintas propostas categorias, à proposta filosófica (revolucionária ou não) estes autores e, principalmente, o papel das categorias na sistematização desta filosofia considerada (no caso de nosso objeto, a filosofia de Aristóteles). Para descobrirmos os vínculos categoriais, todos estes elementos devem servir como ponto de partida à aplicação da metodologia da socioterminologia para descobrirmos os sentidos dados ao conceito de categoria nos contextos práticos dos usos das categorias, a partir da premissa de que as práticas sociais de conceituação e aplicação das categorias nos documentos expressa o conceito e o seu sentido, os quais são mutáveis conforme ocorre a mudança dos contextos. Optamos por investigar as categorias a partir da contraposição do conceito definido em obras de referência acrescido aos usos sociais com base nos pressupostos da teoria socioterminológica.

Na filosofia, as categorias são recortes ou abstrações das noções gerais que permitem definir os objetos do mundo. Na *Library and Information Science*, as categorias são recortes pragmáticos e arbitrários úteis à organização e sistematização de domínios do conhecimento e são utilizados em alguns sistemas de organização do conhecimento formais. Não é possível afirmar que o conceito é idêntico, a partir de um raciocínio dicotômico no qual os únicos valores possíveis de resposta são sim ou não, mas justamente pela natureza das ciências humanas e sociais, nosso objeto de estudo e questões de pesquisa expressam um assunto complexo que engloba elementos filosófico-histórico-epistemológicos que atravessam este vínculo.

Consideramos muitíssimo interessante a apresentação e adequação categorial na visão de Dahlberg. A substância (*ousia*, substância ou essência) foi agrupada na supercategoria Entidades e foi dividida em princípios, objetos materiais e imateriais, o que demonstra a amplitude na formulação da categoria substância conforme abordada no corpus aristotélico.

As categorias aristotélicas são instrumentos que permitem conhecer a realidade sensível (os seres do mundo) com base na abstração dos conceitos gerais identificados no significado linguístico-gramatical na proposição. O nível lógico dos conceitos corresponde às hierarquias de conceitos em uma linguagem documentária.

- **Ranganathan** e Dahlberg **extrapolaram** a ideia de **categoria** da filosofia para a organização do conhecimento em categorias classificatórias, postulando que o **papel prático** de um sistema categórico depende de sua **base filosófica** (e realidade presumida).

A extrapolação do conceito de categoria do conhecimento em categorias classificatórias significa a alicerção da acepção original do conceito como ponto de partida para efetuar a adequação na práxis categorial relacionada à base filosófica de um tipo específico de sistema de organização do conhecimento, constituindo um vínculo fraco quanto à extrapolação do sentido original categorial na Filosofia tendo em vista os objetivos pragmáticos de recuperação nas práticas de tratamento da informação.

A variável Interpretação dos achados enfatiza:

- a análise do pensamento de Ranganathan não pode ser restringida dentro dos limites do debate [racionalista-empirista] porque envolve elementos conceituais que são alheios à tradição ocidental;
- em muitas culturas elas [as categorias] têm desempenhado um papel essencial, pois refletem o tipo de “interface” para a interação entre o mundo (externo) e as estruturas mentais (internas) que uma determinada sociedade tem desenvolvido. Seu valor de significado é o mais básico e geral. Por esta razão, elas são capazes de conectar o membro de uma comunidade compartilhando um certo 'jogo de linguagem' [wittgensteiniano];
- por um lado, as categorias se originam empiricamente em um contexto cultural e historicamente enviesado; isso apóia a tese do pluralismo categorial (não há um único sistema categórico legítimo). Por outro lado, eles operam como *a priori* (cultural-histórico), estabelecendo a distinção entre sentido e não-sentido e as pré-condições para selecionar a experiência e torná-la ‘possível’. Isso implica que a forma como um sistema cultural ou de conhecimento está predisposto a investigar o mundo depende das categorias que ele emprega. Por tal razão, a influência deste último [sistema de organização do conhecimento] é profunda e de longo alcance;

- a necessidade de um fundamento, como um sistema categorial, pode residir em como nossa “forma de vida” [wittgensteiniana] funciona no nível cognitivo. Nenhuma prova de sua “realidade ontológica” é dada. No entanto, para exercer seu papel, qualquer fundamento precisa ser assumido como se fosse ‘real’ e ‘verdadeiro’, e colocado antes mesmo da distinção entre lógica e empíria;
- os sistemas das categorias atuam como itens fundamentais que exercem tacitamente uma influência duradoura através dos tempos;
- as categorias operam como um terreno estável sobre o qual tudo o mais é construído, e, no entanto, são ocultas e pouco discerníveis (até que algum empreendimento filosófico ou intelectual os torna explícitos);
- em diferentes ambientes culturais, sistemas categoriais alternativos foram desenvolvidos;
- qualquer comunidade humana tem de se adaptar ao seu mundo. A forma como a experiência é estruturada deve garantir o sucesso em tal tarefa. Os sistemas categoriais desempenham um papel fundamental nisso e a sua multiplicidade reflete a diversidade dos caminhos cognitivos que os humanos experimentaram: diferentes representações ‘adequadas’ da realidade e as maneiras de classificá-las que são possíveis;
- os sistemas categoriais [qualquer sistema, incluindo os de Aristóteles, Ranganathan e indianos] poderiam funcionar como ferramentas cognitivas. Considerando que a análise se limita à linguística e cultura Indo-Européia, a necessidade de uma “base fundacional” como um sistema categorial que pode ser inscrito na organização cognitiva da forma de vida humana;

Existem elementos conceituais no corpus rangathaniano, como as categorias, que extrapolam a tradição ocidental metaepistêmica de organização do conhecimento e devem ser considerados em quaisquer interpretações sobre as mesmas. A explicação das categorias como articuladoras de ideias para a transformação do âmbito social, o qual é construído a cada instante a partir dos usos linguísticos nos jogos de linguagem wittgensteinianos, é essencial para compreendermos de que modo as categorias permitem atingir de modo tangível os objetivos da democracia documentária que dependem, justamente, do tratamento da informação.

O significado das categorias em sua origem não é absoluto no que se refere ao valor de verdade, mas é determinado por uma determinada visão de mundo que pode ser democrática ou epistemicida de uma sociedade pertencente à um período histórico: estes fatores influenciam o significado do que seja categoria em qualquer sistema filosófico. Operam como um *a priori* cultural-histórico que conferem um modelo de conhecimento possível a respeito das coisas e

os sentidos que lhe podemos associar na predicação, ou seja, auxiliam na compreensão dos fenômenos empíricos nos conceitos. As categorias são consideradas como fundamentos em Aristóteles e Ranganathan, constituindo um vínculo forte quanto à sua formulação como princípios, e um vínculo fraco quanto à indeterminação do verdadeiro inerente ao princípio categorial em Ranganathan.

Qualquer sistema de categoria opera como um terreno estável sobre o qual tudo o mais é construído: em Aristóteles, as categorias permitem indicar e sistematizar o sentido acerca dos objetos e ocupam uma posição teórico-ideológica que antecede a distinção entre lógica e empiria, visto sua aplicação universal, ou seja, para todos os seres em qualquer contexto (não há qualquer modificação ou alteração da natureza das mesmas, pois esta pertence à Metafísica e não à Física, mesmo que a natureza só ocorra de fato nos seres materiais); em Ranganathan, a forma variante do conhecimento, dos seres e do universo é instrumentizada a partir da listagem de termos (facetas) com controle de vocabulário, os quais são uma fragmentação com fins pragmáticos de identificação de todos os sentidos possíveis do conhecimento (que são identificados nos documentos) e relacionados entre si na fórmula de faceta que tem como produto a representação do assunto do documento no número de classificação.

As demais variáveis abarcam dados repetidos que já foram comentados e interpretados.

A seguir faremos a análise intra do artigo de Costa (2010)

A variável revisão de literatura enfatiza:

- Aristóteles foi um dos pioneiros a trilhar o caminho da categorização dos aspectos ou facetas do conhecimento ao propor 10 tipos de categorias;
- o termo categoria fundamental é usado por Ranganathan para representar idéias fundamentais que permitem recortar um universo de conhecimento e enquadrá-lo em classes bastante abrangentes;
- essas categorias [de Ranganathan] são capazes de acolher todos os objetos independentemente de sua natureza, até então conhecidos, inclusive, de classificá-los de acordo com sua natureza conceitual;

A categorização aristotélica enquanto separação e predicação dos aspectos do conhecimento a respeito dos seres foi o fundamento dos sistemas de organização do conhecimento formais na Library and Information Science até Ranganathan. As categorias em Ranganathan significam ideias ou conceitos isolados que permitem efetuar a representação temática, ou seja, o conhecimento *a posteriori* como o fruto da categorização que possibilita elucidar a configuração formal dos objetos conforme ocorre nos documento transpostos à identificação e tradução em uma estrutura conceitual aberta, isto configura um vínculo fraco porque Ranganathan parte de um sistema conceitual aberto e sem forma (*Colon Classification*) que possibilita dar uma forma aos objetos conforme um instante específico de seu desenvolvimento no documento (uma instância do universo do conhecimento), buscando promover, com sua categorização, a relação do homem com o conhecimento (a relação do homem com os objetos dá na relação bifurcada em: (i) relação com o objeto no documento; (ii) relação com o objeto nas estantes; (iii) relação com o objeto conforme a vivência pessoal e coletiva através da linguagem que caracteriza o movimento deste objeto; (iv) relação com o objeto no contexto da pesquisa científica norteada por orientações específicas de métodos e de intencionalidade referente às questões de pesquisa que orientam esta nova relação com o objeto previamente representado nas bibliotecas), sendo, nesse sentido, o sentido aberto e construído pelos homens e não um sentido desdobrado unicamente das categorias aristotélicas de significado fechado e invariável.

A variável Perspectiva teórica enfatiza:

- instituições como bibliotecas, arquivos, museus, centros de informação especializados e centros de memória são lugares de organização e de gestão de informações e conhecimentos oriundos das ciências, das artes e do senso comum;
- uma informação só tem sentido e significado quando combinada com um espectro de outras informações e outros conhecimentos gerados pelas práticas cotidianas e pelo *locus* cultural de seu uso;
- as categorias servem de guia tanto para orientar o processo de leitura e de análise de conteúdo de um documento, como podem ser empregadas para representá-lo e gerar produtos documentais;
- a necessidade de categorização dos aspectos ou facetas do conhecimento acompanha a humanidade desde tempos remotos. [...] A primeira delas é a substância, que representa o

sujeito. As outras nove são: quantidade, qualidade, relação, espaço, tempo, posição, posse, ação e paixão, possíveis de se apresentarem como predicados de uma dada substância. Observa-se que as 10 grandes classes implicam dimensões ou formas sob as quais se apresenta um determinado “ser”. Na visão aristotélica, existe uma substância e nove acidentes, características ou propriedades a ela relacionadas. A retomada a Aristóteles serve somente para mostrar as origens de um sistema de categorização e, portanto, o número de categorias é menos importante do que a diferença que se estabelece entre a primeira substância e as demais;

- o postulado das categorias ampliadas poderia ser aceito se produzisse resultados satisfatórios nos arranjos dos assuntos, podendo, inclusive, produzir diferentes idéias, pois as categorias se expressam de forma que não podem ser definidas *a priori*, mas, sim, no contexto das relações que se estabelecem entre elas;
- as pesquisas realizadas por Ranganathan (1967) sobre as cinco categorias – personalidade, matéria, energia, espaço e tempo – aplicáveis a todo o universo de assuntos de modo diferenciado das classificações hierárquicas e rígidas refletem uma visão mais filosófica do que pragmática;
- Ranganathan argumenta que a decisão de adotar categorias pode ser flexível, porém, é preciso chegar a um nível produtivo que funcione para fins de organização da informação. Lembra que não convém afirmar que as categorias são verdadeiras ou falsas, e, sim, mostrar que são úteis e, portanto, vale a pena postular sobre elas, trabalhar com elas e estudar como se comportam. Alerta, ainda, que não é recomendável adotá-las ou fazer uso delas de forma arbitrária e sem reflexão. É preciso iniciar com uma idéia com a qual se concorda, ainda que seja vaga, e com o uso, ela vai se clareando e até mesmo sendo modificada até chegar a ser satisfatória. Esse autor demonstrou que, na prática, a identificação de assunto não deve se iniciar com uma idéia predeterminada acerca da seqüência das facetas ou das categorias, mas, sim, deixar que os assuntos se encadeiem numa seqüência útil, visando ao entendimento melhor daquilo que se quer informar, conduzindo a resultado mais consistente, favorecido pela liberdade de se dar seguimento aos assuntos;
- a contribuição da retórica está na capacidade de auxiliar a geração de sentido da análise, por meio da explicitação do processo de construção do discurso;
- a mutação semântica nada mais é do que evolução ou modificação do sentido de algo. As mudanças de sentido das palavras ou tropos têm sido uma das preocupações dos estudiosos e constitui parte da retórica. Os tropos, na qualidade de “figuras de palavras” ou de linguagem auxiliam na construção do pensamento, na criação de recursos de estilística e consistem valores expressivos da fala ou do texto escrito;
- a narrativa resulta do ato de narrar ou contar uma história ou um acontecimento do mundo real ou imaginário. Para tanto, lança mão das mais diferentes formas de comunicação: oral, gestual, gráfica, imagética e escritural. A idéia de fazer uso de categorizações, como em Cícero, Aristóteles e Ranganathan, também está presente na teoria da narrativa;

- a categoria personalidade apresenta grande dificuldade de identificação. Ranganathan propõe o método do resíduo para identificar sua manifestação, da seguinte forma: se não é tempo, não é espaço, não é energia ou matéria, pode ser considerada uma manifestação da categoria personalidade;

A gestão da informação e do conhecimento nas bibliotecas dispõe dos processos de tratamento da informação, os quais permitem localizar artefatos de informação dos catálogos e reunir nas estantes os temas de especificidade similares entre si possibilitados pela representação descritiva e temática. A conexão fundamental que se estabelece na comunicação do conhecimento especializado recuperado e o exercício da plena cidadania assegurada pela democracia documentária consiste na realização do projeto ranganathiano de conceber a informação como uma instância possível de um *locus* cultural de manifestação epistêmica genuína, ou seja, do serviço do bibliotecário e da biblioteca na promoção dos debates epistêmicos condicionados pela inclusão ou pelo chamado da percepção cultural subjetiva dos atores sociais que interpretam e que aplicam as epistêmes à luz não exclusivamente de questões de pesquisa formalizadas nos projetos institucionais financiados por agências de fomento, mas também por: (i) questões da ordem da curiosidade epistêmica; ou/e (ii) da busca humana pela orientação no decurso da existência; ou/e (iii) pela aplicação empírico-pragmática de uma epistême no contexto de um dilema de ordem ético-política. Em todos os casos mencionados, os processos biblioteconômicos que utilizam categorias para a representação temática promovem o aprendizado permanente ou ao longo da vida, uma das missões das bibliotecas. Neste sentido, o vínculo é fraco quanto à presença do *locus* cultural no qual os sentidos dos documentos são configurados de modo diferente conforme a percepção epistêmica social-cultural-crítica.

As categorias como guias que orientam o processo de leitura e de análise de conteúdo de um documento configuram um vínculo forte quanto à proposta conjunta destas funcionalidades, mas fraco quanto ao procedimento metodológico pelo qual a corrente teórica dos autores se manifesta em um modelo pragmático e aceito em um determinado contexto de organização da informação segundo determinados pressupostos que promovem um tipo de arquitetura da informação: o processo de leitura e de análise de conteúdo nos autores é

fundamentalmente oposto, pois em Aristóteles há o critério da divisão dicotômica que implica no silenciamento da não representação das epistêmes produzidas por comunidades marginalizadas e, em Ranganathan, o critério da divisão do conhecimento segundo a completude de todas as facetas constituintes possíveis do universo do conhecimento assegura a possibilidade de articulação epistêmica identificada no documento e de sua representação fidedigna, ou seja, democrático-político-documental, de comunicação e de preservação de epistêmes plurais produzidas pelas comunidades especializadas ou tradicionais, sem que haja o enviesamento nos processos de representação de uma escolha epistêmica de um aspecto considerado relevante à visibilidade e à recuperação em detrimento de aspectos dessemelhantes conectados conforme um contexto específico de produção dos discursos, os quais são honrados, preservados e recuperados em sua conexão íntima conforme a percepção cultural desta comunidade produtora do discurso e não conforme a ciência da classificação segundo os pressupostos culturais ocidentais que, por excluírem de sua metaepistême as configurações variantes dos objetos conforme identificadas nos documentos, são eles mesmos enviesados e reprodutores da violência epistêmica, da desigualdade social e dos regimes autoritários fascistas e antidemocráticos.

A primeira categoria aristotélica é a substância primeira (sensível), que indica o sujeito, e as demais são tudo que estão no sujeito ou são ditos do sujeito como seu desdobramento sucessivo, sendo a categorização um processo intelectual de descoberta das características ou propriedades, cada qual sendo um item de significação obtido *a posteriori* como produto da aplicação categorial, sendo estas as formas invariantes de apresentação lógico-ontológico-epistemológica do ser.

O postulado das categorias ampliadas poderia ser aceito se produzisse resultados satisfatórios nos arranjos dos assuntos: interpretamos que isto constitui um vínculo fraco quanto à valorização do cunho da funcionalidade ou do cunho pragmático das categorias ranganathianas em detrimento da valorização do valor de verdade possível das mesmas atribuída às categorias aristotélicas.

As cinco categorias PMEST refletem uma visão mais filosófica do que pragmática porque os postulados para os três planos de trabalho da classificação orientam o método de análise e síntese com o propósito de identificar as ideias em todas as suas ocorrências (ciclos e níveis) e a partir de suas relações (construção do número de classe coextensivo), sendo a relação (colon) o fundamento filosófico Indiano a partir do qual tudo o universo está em transformação e em relação. Contudo, consideramos relevante complementar e interpretar que o caráter pragmático das categorias não está dissociado uma filosofia Indiana presente na *Colon Classification*, sendo as categorias duplamente pragmáticas e filosóficas e todas as interpretações categorias de Ranganathan devem considerar a mútua correspondência entre os fundamentos filosóficos consolidados na prática da categorização. Com base neste nosso achado, o vínculo é fraco quanto aos âmbitos filosóficos e pragmáticos em Ranganathan: as categorias são pragmáticas porque permitem apresentar o saber em suas relações lógico-linguísticas e são filosóficas porque estão inseridas em um sistema categorial que deriva de uma perspectiva filosófica específica e que serve de fundamento à um nível produtivo de organização do conhecimento.

A formulação teórico-conceitual e a aplicação das categorias rangathanianas estão imbuídas de teoria (*theory-laden*) e de reflexão filosófica, isto acarreta que operam como um fundamento, um *locus* epistêmico-social no qual representar os assuntos implica em uma espécie de passividade ou de “recepção” temática informe para um posterior encadeamento lógico em uma sequência útil das facetas como produto da categorização com base nas tabelas do esquema que enumeram conceitos não-articulados e elementares de quaisquer assuntos que porventura possam ocorrer nos documentos.

A mutação semântica enquanto evolução ou modificação do sentido de algo (das palavras - tropos) é parte da retórica e em nossa pesquisa é de enorme relevância para nossa interpretação dos vínculos na medida que o conceito de categoria sofre esta mutação nas trocas linguísticas da sociedade. Uma evidência disto é o método dos resíduos para a identificação da personalidade, o qual abarca noções filosófico-cultural-epistêmicas nas quais a mutação se refere não apenas às categorias (como noções abstratas fora da realidade), mas também (e

verdadeiramente) dos assuntos aos quais se referem ou apontam com base em um modelo de realidade ampliado composto pela {sociedade}. Nisto reside o verdadeiro poder da categorização e da escolha das categorias, poder este utilizado para o bem quando há a constatação da eficácia da categorização na promoção da transformação social via recuperação da informação, sendo, por isto, a ética da informação intrinsecamente relacionada aos processos biblioteconômico-informacionais. Deste modo, a noção de mutação semântica presente nas categorias de Ranganathan e ausente nas de Aristóteles configura um vínculo fraco quanto à influência da categorização na implementação empírica do projeto ético-epistêmico-democrático da democracia documentária e da transformação do universo (uma das centralidades da filosofia Hindu no corpus rangathaniano). A produção do conhecimento expresso no corpus de nossa revisão sistemática nos permite compreender quais são os novos sentidos dados às categorias e confrontá-los à definição deste conceito (categoria) nas obras de referência e visualizar quais conceitos são intercambiáveis com as mesmas, quais teorias são utilizadas e, na etapa da síntese dos achados, compreender como os vínculos podem ser aprofundados à luz da mutação semântico-epistemológica das categorias.

A variável achados enfatiza:

- Quadro 1 – Comparação entre categorias

CATEGORIAS ESSÊNCIAS	CATEGORIAS NARRATIVAS	INDAGAÇÕES RETÓRICAS
Personalidade	Narrador	Quem?
Energia	Ação	Como?
Matéria	Personagem	Que?
Espaço	Espaço	Onde?
Tempo	Tempo	Quando?

Quadro 1 – Comparação entre categorias

- as relações de equivalência estabelecidas entre a categorização rangathaniana, denominadas de essências, com os elementos estruturais da narrativa e, ainda, a equivalência destas com as questões básicas da didática retórica;
- a categoria rangathaniana personalidade, que pode ser entendida como entidade, personagem, ator, gente ou sujeito da ação ou como narrador, na teoria da narrativa, é uma expressão onomástica, isto é, o nome de alguém, seres, coisas ou fenômenos que praticam uma ação e, portanto, deve responder à questão da retórica: “quem fez”? Um indivíduo ou ser relacionado à criação ou à realização de uma obra, expressão artística ou conhecimento.

As categorias PMEST são comparadas com as categorias narrativas e as indagações retóricas correspondentes, o que demonstra as possibilidades teórico-metodológicas ampliadas para comparar fenômenos categoriais distintos. O autor considera que a comparação entre estas categorias resultam na equivalência entre as propostas de categorização e que a ampliação conceitual das categorias ranganathianas analisadas à luz das relações de equivalência na teoria da narrativa implica na mutação do sentido das mesmas. À luz desta teoria, a categoria personalidade de Ranganathan equivale à entidade, personagem, ator, gente ou sujeito da ação, etc, e isto é uma evidência a respeito da presença do vínculo (substância e personalidade como entidades ou seres) em outra corrente teórica analisada, ou seja, o vínculo pode ser identificado atravessando distintas correntes teóricas. O vínculo é forte quanto à metaepistême da categorização nos autores como o método para a identificação do ser e das coisas: em Aristóteles, o ser identificado não está vinculado necessariamente a uma ação (neste sentido, o vínculo é fraco) e, em Ranganathan, o ser identificado está vinculado a uma ação, posto que o conhecimento é uma práxis retórica de uso da linguagem na qual o sentido é mutável via recuperação da informação, o que evidencia a pragmática transcendental ranganathiana enquanto corrente teórica de fundamentação da Colon Classification (neste sentido, o vínculo é fraco quanto à mutação semântica dos termos em Ranganathan).

A variável Interpretação dos achados enfatiza:

- um subconjunto dessas categorias [de Aristóteles], compreendendo substância, estado, ação, lugar e tempo vão encontrar correspondência direta nas cinco categorias de Ranganathan (1931) e com a forma de operacionalizá-las. Em seus escritos, observa-se que não são citadas muitas fontes, mas, ao expor seu pensamento e eleger suas cinco categorias, que denominou de categorias fundamentais ou categorias essenciais, fica patente a influência que recebeu do pensamento aristotélico. Em que pese o estabelecimento da quantidade de categorias, o próprio Ranganathan menciona que se alguém perguntar o porquê de as categorias fundamentais se apresentarem em número de cinco e não de três ou de seis, admite o fato de ser isto perfeitamente, possível e que qualquer pessoa pode explorar tal possibilidade;
- Ranganathan (1967 apud COSTA, 2010, p. 174-175) ressalta que os termos de que se valeu para denotar cada uma das categorias foram tomados apenas como aceitos e não como inteiramente definidos ou definitivos. Isto significa que sugere uma abertura no uso das referidas categorias.

A correspondência direta e a forma de operacionalização das categorias aristotélicas substância, estado, ação, lugar e tempo com as de Ranganathan configura um vínculo forte. A redação científica de Ranganathan constitui um desafio devido à intercambialidade do rigor científico com citações filosóficas, sem explicitar como as ideias são aplicadas (ou se são) na instrumentalização de seu corpus. A partir da utilização de cinco categorias fundamentais para a representação dos assuntos, podemos interpretar que exista uma derivação categorial, pois na obra rangathaniana não está explícito que suas categorias sofreram influência das de Aristóteles, mas ambas são necessárias para recortar e sistematizar as características elementares dos objetos em uma proposta classificatória específica (e não neutra epistemologicamente ou, dito de outro modo, enviesada pelos preceitos epistêmicos da corrente teórica de fundamentação do esquema classificatório), o que constitui, a rigor, um vínculo forte quanto à obtenção do produto de classificação - as características dos objetos - tendo em Ranganathan o preceito último da valorização da relação entre as facetas na categorização (facetas positivas e negativas - a personalidade - numa policotomia epistêmica) e, em Aristóteles, a enumeração de características positivas obtidas com base no princípio dicotômico ocidental, o que constitui um vínculo fraco. A abertura no uso das categorias, ou em relação à quantidade das mesmas ou aos termos que as designam, é um indicativo de que é através da noção pragmática das categorias (devem, em última instância, servir ao propósito de representação e recuperação da informação) que se torna possível a verdadeira aplicação da teoria que sustenta o sistema categorial, o compartilhamento de ideias relacionadas nos documentos com as ideias e conhecimentos presentes nos indivíduos (em uma leitura possível da epistemologia aristotélica na categorização temática dos documentos, o conhecimento preexistente presente na alma do leitor permite articular esta tematicidade registrada dos objetos conformados aos seus fundamentos ou à outros enfoques possíveis dos mesmos, ou seja, a ciência a respeito dos objetos é um empreendimento institucional realizado a partir da recuperação da informação que permite a indagação dos mesmos com uma intencionalidade específica - a questão de pesquisa - e está sempre em desenvolvimento, o que se desdobra nas descobertas científicas a respeito destes objetos, o que pode ocasionar na necessidade de repensar a adequação da metaepistême de representação - principalmente se há exclusão epistêmica dos dessemelhantes na divisão dicotômica - frente às mudanças e às reivindicações de grupos sociais - os contextos sociais. Por outro lado, a epistemologia rangathaniana concebe que o conhecimento complexo é informe, ou seja, a categorização enquanto ferramenta que permite a identificação e a relação de ramificações epistêmicas - a ideia ou a faceta isolada agrupada nas categorias de assuntos. Este mecanismo de captação sensível dos conceitos que

compõem os objetos expressos no uso da linguagem configura um vínculo forte em Aristóteles e Ranganathan. Porém, constata-se que a concepção dos conceitos abertos em Ranganathan - as facetas isoladas - configura um vínculo fraco, porque, de modo oposto, Aristóteles promulga e inaugura a concepção dos conceitos fechados expressos na definição terminológica invariável “natural” e epistemologicamente excludente.

As demais variáveis incluem apenas dados repetidos, os quais já foram comentados e interpretados.

A seguir, ainda na análise intra, iremos buscar pontos convergentes e divergentes dos autores do corpus da revisão sistemática da literatura.

Apenas Silva (2010) e Costa (2010) utilizaram algum método de análise. Este foi a análise de conteúdo de Bardin e ambos elencaram a influência de Aristóteles e suas categorias na formulação das categorias de Ranganathan, a qual recaiu sob a variável vínculos (o cerne de nossa questão de pesquisa da revisão sistemática da literatura). Costa (2010) não explicita o método de coleta, mas sugere que seja revisão de literatura e utiliza dois métodos de análise: análise de conteúdo e elaboração de sínteses ou resumos. Identificamos limitações nos estudos que não o de Silva (2010) e Costa (2010) quanto aos métodos, pois os demais não utilizam algum método de análise.

Parte dos autores coincide na afirmação de que as categorias são instrumentos (BARITÉ, 2000; ARANALDE, 2009; ANJOS, 2008; SILVA, 2010), exceto Campos (1978) que coincide mas nem tanto, ao afirmar que os sistemas de classificação bibliográfica são instrumentos, sem explicitar que as categorias também o são.

A maior parte dos autores coincide ao afirmar que as categorias são aplicadas (ANJOS, 2008; COSTA, 2010; SILVA, 2010; CAMPOS, 1978; ARTÊNCIO, 2007; BARITÉ, 2000; ARANALDE, 2009; MAZZOCCHI, 2013).

A maior parte dos autores coincide ao relacionar as categorias ou a categorização com base na articulação dos conceitos (ANJOS, 2008; SILVA, 2010; CAMPOS, 1978; ARTÊNCIO, 2007; BARITÉ, 2000; ARANALDE, 2009; COSTA, 2010; MAZZOCCHI, 2013).

A maior parte dos autores abordam os vínculos na variável interpretação dos achados (COSTA, 2010; MAZZOCCHI, 2013; ANJOS, 2008; DOBRESKI, 2021; SILVA, 2010; CAMPOS, 1978; ARANALDE, 2009).

Grande parte dos autores coincide na aceção das categorias ou a categorização associada à um objeto (em nossa interpretação, sua organização, definição e representação)

(ANJOS, 2008; COSTA, 2010; SILVA, 2010; ARANALDE, 2009; BARITÉ, 2000; MAZZOCCHI, 2013).

Costa (2010) fundamenta seus dados à luz da Retórica, que pressupõe a mutação semântica na teoria da narrativa. Silva (2010) fundamenta seus dados à luz da teoria clássica das categorias e da abordagem cognitiva contemporânea. Costa (2010) e Silva (2010) coincidem na afirmação da aplicação das categorias com o uso dos termos compostos “forma de operacionalizá-las” (COSTA, 2010, p. 174) e “universo de aplicação” SILVA, 2010, p. 101). Compreendemos que os termos possuem significado idêntico e termos distintos no vínculo, aqui considerado forte.

A seguir comentaremos a variável aplicação das categorias nos autores. Apenas Aranalde (2009) utiliza um exemplo prático de aplicação das categorias para dar suporte às argumentações, o que diminui o risco de vieses e aumenta a confiabilidade científica, pois faz a conexão da prática fundamentada em teoria, neste caso, a teoria da classificação. Barité (2000) comenta sobre a aplicação das categorias, mas ainda restrito à análise teórica desvinculada da prática (empíria) e Silva (2010) utiliza as categorias aristotélico-ranganathianas em seu relacionamento no pré-teste aplicado à um profissional da informação de titulação Prof. Dr. da linha de Tratamento da Informação, mas neste pré-teste não solicitou a categorização de um assunto ou de um ser segundo as categorias aristotélico-ranganathianas, mas sim relacionar as categorias do Tesouro de Folclore e Cultura Popular com as categorias de Ranganathan e às de Aristóteles: devido à amostra de 1 respondente do pré-teste, em nossa revisão sistemática, isto não configura uma aplicação das categorias, configurando uma limitação do estudo porque as argumentações e interpretações sobre as categorias e a categorização à luz da teoria clássica de categorização e da teoria da classificação na Biblioteconomia e Ciência da Informação seriam fundamentadas e fortalecidas com exemplos práticos de como este processo ocorre empiricamente (dando um exemplo prático da aplicação das categorias).

Todos o corpus da revisão sistemática da literatura coincide na apresentação das categorias com respaldo teórico, o que diminui os vieses e aumenta a confiabilidade científica.

O Quadro 11 – Vínculos entre Aristóteles e Ranganathan à luz da teoria socioterminológica derivou da etapa da análise qualitativa dos achados e optamos por incluí-lo em nossos corpora da pesquisa de dissertação (na apresentação dos mesmos).

Apresentamos abaixo a análise inter, a segunda etapa da análise qualitativa dos achados. Apresentamos anteriormente nas p. 120-127 nossa proposta de análise.

Segundo Diallo (2020, p. 27):

La socioterminología se ocupa de los términos, siendo la circulación social de estos últimos su objeto de estudio. [...] La circulación de los términos se examina desde la perspectiva de la diversidad de sus usos sociales, lo cual abarca, según Gaudin, tanto el estudio de las condiciones de circulación como la apropiación de los términos, considerándolos no ya meras denominaciones de conceptos, sino más bien signos lingüísticos (Gaudin, 1990).

Falar sobre a circulação social dos termos, objeto de estudo da socioterminologia, significa tratar questões como: a apropriação linguística dos sujeitos sociais em suas práticas de utilização dos sistemas de organização do conhecimento e as influências que estes exercem na compreensão do fenômeno categorial nos documentos do corpus atravessado pelos processos de produção e uso dos conhecimentos; e a representação do conhecimento em obras de referências como orientação inicial para fundamentar nossa análise.

A socioterminologia evoca o olhar para os usos sociais da terminologia especializada e a utilização dos instrumentos de organização do conhecimento voltados para viabilizar os processos de tratamento e recuperação da informação. Com esta teoria, buscamos a identificação dos termos que se referem ao conceito categoria para aprofundarmos se os significados deste conceito nas obras de referência são reforçados nas práticas sociais das pesquisas sobre categoria ou se são adaptadas. Neste último caso, discutiremos a adaptação, se existente.

Tendo em vista nossas questões de pesquisa da dissertação e da revisão sistemática, implementando escolhas metodológicas coerentes para o desenvolvimento e a conexão entre as seções da pesquisa, esta teoria foi escolhida para introduzirmos em nossa análise as dinâmicas sociais de uso do conceito categoria atrelado aos contextos sociais de produção do conhecimento.

Para cada definição conceitual nas obras de referência, listaremos as passagens dos autores que abordam aspectos dessa definição e as passagens que extrapolam esta definição, enfatizando os termos utilizados nos discursos em cada caso - o isolar das citações e nossa interpretação configura nossa proposta da aplicação da teoria socioterminológica na análise das categorias com base em nossa extração dos dados (os dados relevantes à nossa questão de pesquisa da revisão sistemática) para posterior análise das correspondências identificadas entre os vínculos e as definições e aplicações das categorias presentes nos quadros que compõem parcialmente os resultados de nossa pesquisa de dissertação. Os quadros são: Quadro 6 – Fronteira do conceito nos jogos de linguagem na obra *Philosophical Investigations* de

Wittgenstein (2009); Quadro 7 – Personalidade, Método dos Resíduos e conceito na obra *Prolegomena to Library Classification* de Ranganathan (1967); Quadro 8 – Categorias fundamentais na obra *Philosophy of Library Classification* de Ranganathan (2006); Quadro 9 – Categorias fundamentais na obra *Colon Classification* de Ranganathan (1960); Quadro 10 – As categorias na obra *Órganon* de Aristóteles (1978) e Quadro 11 – Vínculos entre Aristóteles e Ranganathan à luz da teoria socioterminológica.

Buscando melhor visualização da análise inter, optamos por apresentar dois quadros: um para apresentarmos apenas o conceito nas obras de referências na primeira coluna (a apresentação das definições foi feita no Quadro de apresentação conceitual das categorias em obras de referência), a obra de referência utilizada na segunda coluna e as citações correspondentes, quando existentes, sobre o conceito conforme abordado pelos autores da revisão sistemática da literatura. O propósito deste quadro é encontrar quais são as variedades de ideias que expressam nos contextos sociais as apropriações do conhecimento nos âmbitos sociais, éticos, instrumentais ou políticos que envolvem a noção de categoria. Estes sentidos podem ou não estar expressos nas obras de referências, nos autores e nos quadros: a identificação ou a ausência dos mesmos são parte de nossos resultados da revisão sistemática, cuja contribuição consiste em apontar quais são os elementos não abordados no recorte do corpus da revisão sistemática da literatura (cuja extração dos dados possuiu como objetivo a identificação de dados úteis à nossa revisão) e que são emergentes nas pesquisas primárias futuras e de que modo os vínculos possuem correspondência entre a terminologia especializada nos usos sociais do conhecimento (se estes últimos reforçam a definição, ou se defendem um ideia contrária à esta, ou se os discursos adequam o conceito segundo uma perspectiva cultural, política, econômica, crítica, se estão restritos apenas às categorias em seu sentido técnico e instrumental, ou se estas perspectivas não são identificadas em nosso corpus.

Quadro 39 – Usos sociais das categorias correspondentes à definição nas obras de referência

Conceito	Obra de referência	Quadros	Citações correspondentes ao conceito na obra de referência identificadas nos autores da revisão sistemática da literatura e que possuem relação com um ou mais quadros (corpus integral da pesquisa de dissertação)
Categoria	Glossário da Área de Organização e Tratamento da Informação	Quadro 7 Quadro 8 Quadro 9	[...] pode-se considerar análise por facetas como procedimento lógico de análise e organização de campos conceituais (assuntos) para determinar quais características são mais apropriadas para dividir assuntos , relacionando-os às cinco categorias ou facetas fundamentais pelas quais uma classe principal pode ser

	da UFRGS	dividida. (ANJOS, 2008, p. 148, grifo nosso); [...] as categorias são grupos de termos de alta generalização, uma vez que ainda não se encontram “aplicadas”. (ARTÊNCIO, 2007, p. 27, grifo nosso, grifo nosso); Cada nível de subdivisão [das categorias] é tecnicamente conhecido como característica, faceta, ou atributo, através do qual um conceito ou objeto é subdividido; um conjunto homogêneo de focos sendo obtido dessa forma. (BARITÉ, 2000, p. 8, tradução nossa, grifo nosso); (CAMPOS, 1978) - não identificamos citação correspondente Para Campos e Gomes (2003 apud COSTA, 2010, p. 174), o termo categoria fundamental é usado por Ranganathan para representar idéias fundamentais que permitem recortar um universo de conhecimento e enquadrá-lo em classes bastante abrangentes. (COSTA, 2010, p. 174, grifo nosso); (DOBRESKI, 2021) - não identificamos citação correspondente “A essência da análise de facetar [que manifestam as categorias] é o agrupamento de termos em um determinado campo de conhecimento em termos homogêneos, facetar mutuamente exclusivas, cada uma derivada do universo superior (<i>parent universe</i>) por uma única característica de divisão. Podemos olhar para essas facetar como grupos de termos derivados tomando cada termo e definindo-o, <i>per genus et differentiam</i>, com respeito à sua classe superior” (VICKERY, 1960, p. 12 apud MAZZOCCHI, 2013, p. 767, tradução nossa, grifo nosso); A abstração caracteriza-se como uma derivação do pensamento aristotélico aplicado às categorias, já que, por meio dela, podem-se reconhecer certas regularidades nos objetos (GUIDO BARITE, 2000b apud SILVA, 2010, p. 58, grifo nosso); [...] as categorias enquanto elementos imprescindíveis para a classificação são as maneiras como se pode identificar e falar das coisas, possibilitando a elaboração de classes mais gerais em que são ordenados os seus predicados. A formação destas classes gerais pressupõe a delimitação das notas características das coisas, isto é, de traços fixos,

			mediante os quais elas podem ser reconhecidas como semelhantes ou dessemelhantes, coincidentes ou não coincidentes, possibilitando reuni-las em uma classe similar, separando as distintas e as distribuindo em outras classes. É exatamente isto que as categorias permitem: dizer o que é e o que não é. (ARANALDE, 2009, p. 90, grifo nosso); Ranganathan direciona o foco da sua investigação para os assuntos dos documentos e os métodos válidos para sua classificação e expressão linguística. A questão é que para disponibilizar informações organizadas não há outro caminho a não ser classificar o conteúdo do que se quer transmitir dentro de uma classe determinada que contenha um certo grupo de entidades. Este procedimento exige, necessariamente, uma generalização que se reflete nas formas categoriais, a partir das quais se podem identificar as particularidades de cada entidade analisada ao subsumi-la àqueles conceitos de larga aplicação. (ARANALDE, 2009, p. 105, grifo nosso); O objetivo primordial das categorias de Ranganathan é exatamente permitir a subsunção de particulares a uma classe mais geral para conhecê-los e organizá-los. (ARANALDE, 2009, p. 101, grifo nosso)
Categoria <i>category</i>	Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia.	Quadr o 7 Quadr o 8 Quadr o 9	A abordagem ranganathiana da classificação era completamente diferente de todas as anteriores. A intuição genial de Ranganathan foi conceber uma alternativa ao modelo hierárquico rígido das grandes classificações bibliográficas [...] ele não usava classes pré-estabelecidas e prontas às quais os títulos tinham de ser relacionados, mas criava classes de assuntos somente no instante em que um livro era analisado segundo os elementos conceituais do seu assunto e sintetizado de acordo com fórmulas de facetas aplicadas às disciplinas. (ANJOS, 2008, p. 205, grifo nosso); A utilidade reconhecida pelo emprego das categorias garante a consistência do sistema de conceitos em determinada disciplina e tem como finalidade a representação dos assuntos e a ordenação dos conceitos de uma disciplina em classes formais. (ARTÊNCIO, 2007, p. 70); [...] as categorias são de interesse não como elementos de especulação metafísica, mas como níveis ou dimensões de análise aplicada à estruturação interior do conhecimento humano e suas abstrações mais representativas: os conceitos. (BARITÉ, 2000, p. 5, tradução nossa); (CAMPOS, 1978) - não identificamos citação correspondente

			Essas categorias [de Ranganathan] são capazes de acolher todos os objetos independentemente de sua natureza, até então conhecidos, inclusive, de classificá-los de acordo com sua natureza conceitual. (CAMPOS; GOMES, 2003 apud COSTA, 2010, p. 174); A reinterpretação das categorias de Aristóteles no artigo são consideradas como manifestações de um conjunto de classes, instâncias, propriedades, relacionamentos e valores. (DOBRESKI, 2021, p. 2, tradução nossa); Curiosamente, Aristóteles apresenta as categorias como ostensivamente disjuntas, e sem categoria de nível superior (<i>top-level</i>) que os une. Como uma classe de nível superior é exigida de uma ontologia, uma pode, por conveniência, assumir “ser” como a classe de nível superior implícita aqui [...] (DOBRESKI, 2021, p. 5, tradução nossa); [...] [as] categorias de Ranganathan [...] (DOBRESKI, 2021, p. 3, tradução nossa); A classificação facetada segue em parte os mesmos princípios de divisão lógica em que se basearam as classificações tradicionais (VICKERY, 1960 apud MAZZOCCHI, 2013, p. 766-767, tradução nossa); Ranganathan restringe o uso dessas categorias ao universo classificatório, às facetas dos assuntos dos registros do conhecimento, resguardando-se de quaisquer análises dessas nos quesitos da filosofia (metafísica ou física). Informa ainda que o significado de “categorias fundamentais”, em um dicionário, não remete ao que elas realmente possam ser. A definição dessas categorias só pode se dar por enumeração. (SILVA, 2010, p. 93); Assim, o plano das ideias de Ranganathan (como mencionado fundamento das categorias deste estudioso), resgata, e muito, os elementos presentes na lógica aristotélica. Além disso, apresenta elementos que possibilitam o reconhecimento cognitivo da organização planejada. Vejam-se, por exemplo, os cânones da divisão em cadeias e da sequência de filiação, que apresentam um entendimento claro e confortável da proposta categorial, sem permitir a desorientação por parte de quem a observa. (SILVA, 2010, p. 93);

			As categorias são indivisíveis e, portanto, fundamentais. Elas são definidas somente pela enumeração. O essencial é que elas podem e devem originar novas categorias. Entretanto, as últimas são sempre a posteriori, isto é, resultado da aplicação dos princípios primeiros às entidades. Portanto, elas precisam da observação e da experiência. Por meio disto, todos os assuntos poderiam ser subsumidos às categorias fundamentais ‘PMEST’, as quais são apresentadas na sequência com breve tentativa de explicação, apesar da dificuldade de definições indicada pelo seu autor: (ARANALDE, 2009, p. 101, grifo nosso); O objetivo primordial das categorias de Ranganathan é exatamente permitir a subsunção de particulares a uma classe mais geral para conhecê-los e organizá-los. (ARANALDE, 2009, p. 101, grifo nosso); Portanto, elas [as categorias fundamentais] são a base para que se possa efetuar uma análise de qualquer material a ser classificado no âmbito da documentação, independentemente da sua forma e do seu suporte. (ARANALDE, 2009, p. 102, grifo nosso)
c. fundamental <i>fundamental category</i>	Dicionário de Biblioteconomia e Arquivologia.	Quadr o 7 Quadr o 8 Quadr o 9	[...] categoria fundamental (<i>fundamental category</i>) é cada faceta isolada considerada como sendo a manifestação de uma das cinco categorias ou idéias fundamentais: personalidade, matéria, energia, espaço e tempo, conhecidas pela sigla PMEST. Nesse sentido, categorias são um conjunto de noções a partir das quais conceitos são classificados por intermédio de análise por facetas, focos são os isolados comuns depois de serem agrupados em facetas e análise por facetas é a técnica de separar os vários elementos de um assunto complexo em relação a um conjunto de conceitos fundamentais abstratos. (ANJOS, 2008, p. 147, grifo nosso); Observa-se que, com a <i>Colon Classification</i>, de Ranganathan, passa-se a observar melhor a possibilidade da combinação de aspectos de um assunto, ou de conceitos simples para a formação de conceitos complexos, o que certamente terá influências no conceito de categorização do ponto de vista pragmático. (ARTÊNCIO, 2007, p. 66-67, grifo nosso); [...] em nossa linha de pensamento, quando estabelecemos como postulado que toda categoria é um nível de análise aplicado sobre o objeto, naturalmente chegamos à conclusão de que tais categorias são elementos autônomos e externos em relação ao objeto que está sendo estudado. (BARITÉ, 2000, p. 7, tradução nossa);

			É urgente o reconhecimento de que ambos (classificações e tesauros) constituem linguagens de indexação e que a indexação é fundamentalmente um processo classificatório. É mister, portanto, a partir das intuições de Ranganathan, e procurando fundamentá-las com maior rigor científico, encontrar uma teoria satisfatória do processo classificatório, tendo como pontos básicos as recentes conquistas da Linguística e da Lógica. [...] a lógica aristotélica — que constituiu até pouco tempo a espinha dorsal das classificações bibliográficas [...] encontrou repercussão bastante decisiva nos organizadores dos velhos sistemas. Cingiram-se, quase sempre, a um tipo de relacionamento entre os conceitos. E como a relação mais acentuada na lógica aristotélica é a de inclusão (gênero-espécie) foi sobre este único tipo de relacionamento que foram elaborados os sistemas tradicionais de classificação bibliográfica. A consequência foi a emergência de sistemas rigorosamente enumerativos com os inconvenientes que todos conhecem. (CAMPOS, 1978, p. 1-2, grifo nosso); Ranganathan argumenta que a decisão de adotar categorias pode ser flexível, porém, é preciso chegar a um nível produtivo que funcione para fins de organização da informação. Lembra que não convém afirmar que as categorias são verdadeiras ou falsas, e, sim, mostrar que são úteis e, portanto, vale a pena postular sobre elas, trabalhar com elas e estudar como se comportam. Alerta, ainda, que não é recomendável adotá-las ou fazer uso delas de forma arbitrária e sem reflexão. É preciso iniciar com uma idéia com a qual se concorda, ainda que seja vaga, e com o uso, ela vai se clareando e até mesmo sendo modificada até chegar a ser satisfatória. Esse autor demonstrou que, na prática, a identificação de assunto não deve se iniciar com uma idéia predeterminada acerca da seqüência das facetras ou das categorias, mas, sim, deixar que os assuntos se encadeiem numa seqüência útil, visando ao entendimento melhor daquilo que se quer informar, conduzindo a resultado mais consistente, favorecido pela liberdade de se dar seguimento aos assuntos. (COSTA, 2010, p. 174); [...] [nos] escritos [de Ranganathan], observa-se que não são citadas muitas fontes, mas, ao expor seu pensamento e eleger suas cinco categorias, que denominou de categorias fundamentais ou categorias essenciais [...] (COSTA, 2010. p. 174); [...] a influência das Categorias é sentida em muitos domínios, particularmente na organização do conhecimento (KO). Aqui, as categorias de Aristóteles têm conexões profundas e

			duradouras com obras que examinam a categorização, a análise de assunto e a teoria da classificação. (DOBRESKI, 2021, p. 1, tradução nossa); Um esquema de classificação deve compreender um conjunto (mínimo) de elementos que podem ser livremente combinados para atender às necessidades de qualquer assunto em particular, e então aplicados de forma transdisciplinar. Tais elementos funcionam como blocos de construção como um conjunto Meccano. (MAZZOCCHI, 2013, p. 765, tradução nossa); A concretude [...] deve ser visualizada como um conjunto de elementos que corporificam a manifestação de um objeto no mundo, de maneira que, quanto mais concreto um objeto, mais complexo tende a ser (isto é, mais elementos indicam sua existência no mundo). Ao se examinar os critérios para atribuição dos conceitos nas categorias, observa-se que eles, em alguns casos, podem relacionar-se tanto ao que configura a essência da categoria quanto a seus acidentes. (SILVA, 2010, p. 141); A aplicação das categorias está direcionada para uma análise estrutural da organização documentária como resposta às questões sobre como os assuntos são formados. Inicialmente foram definidos conjuntos de conceitos que permitissem identificar os assuntos e classificá-los com coerência e consistência. Os conjuntos foram denominados ‘universos originais’, cada qual contendo uma série de características reveladoras de uma faceta do universo do conhecimento que, por sua vez, serão sempre manifestações das categorias fundamentais PMEST. (ARANALDE, 2009, p. 100, grifo nosso); Portanto, elas [as categorias fundamentais] são a base para que se possa efetuar uma análise de qualquer material a ser classificado no âmbito da documentação, independentemente da sua forma e do seu suporte. (ARANALDE, 2009, p. 102, grifo nosso); [...] considera-as [as categorias] como instrumentos úteis e satisfatórios para uma análise adequada dos assuntos de um documento, pois, como princípios elementares, servem de orientação para que a análise possa ser iniciada. (VICKERY, 1980 apud ARANALDE, 2009, p. 102)
Categorias	Tesouro Brasileiro de Ciência da Informação	Quadr o 7 Quadr o 8	Escolhas sobre ordem , sobre que assuntos privilegiar e que assuntos ignorar são sempre escolhas ideológicas , produtos de uma visão de mundo particular e também representam um

		Quadr o 9 jogo de poder, que é exercido em e por meio de relações mediadas por informação. (ANJOS, 2008, p. 259); A utilidade reconhecida pelo emprego das categorias garante a consistência do sistema de conceitos em determinada disciplina e tem como finalidade a representação dos assuntos e a ordenação dos conceitos de uma disciplina em classes formais. (ARTÊNCIO, 2007, p. 70); Observa-se que, com a <i>Colon Classification</i>, de Ranganathan, passa-se a observar melhor a possibilidade da combinação de aspectos de um assunto, ou de conceitos simples para a formação de conceitos complexos, o que certamente terá influências no conceito de categorização do ponto de vista pragmático. (ARTÊNCIO, 2007, p. 66-67, grifo nosso); A questão da categorização se rebate nas atividades de classificação e de categorização das informações e, baseadas ou não nas categorias filosóficas, sempre se remetem a ela. Eis que não é possível falar em categorização na área de CI sem nos reportarmos às origens do conceito de categoria na filosofia. (ARTÊNCIO, 2007, p. 21, grifo nosso); Mudar radicalmente o conceito de categoria significa não somente alterar o conceito da estrutura e de compreender o modo de funcionamento da mente, mas implica repensar nossa compreensão sobre o mundo. (ARTÊNCIO, 2007, p. 47) [...] definimos categorias como abstrações simplificadas que, com a força de instrumentos intelectuais, são usados por classificacionistas para investigar regularidades de objetos do mundo físico e ideal e para representar noções. (BARITÉ, 2000, p. 5, tradução nossa); (CAMPOS, 1978) - não identificamos citação correspondente [...] as categorias se expressam de forma que não podem ser definidas a priori, mas, sim, no contexto das relações que se estabelecem entre elas. (COSTA, 2010, p. 174); O debate ontológico/linguístico em torno das Categorias, bem como de questões maiores sobre a relação entre linguagem e realidade, também oferecem uma visão mais prática dos sistemas de organização do conhecimento. (DOBRESKI, 2021, p. 8, tradução nossa, grifo nosso); O processo de reexaminar as categorias revelou conexões inegáveis com as perspectivas e práticas dos sistemas de organização do conhecimento. Relacionamentos hierárquicos, herança lógica e relacionamentos

			associativos podem ser facilmente encontrados dentro das Categorias. (DOBRESKI, 2021, p. 8, tradução nossa); [As classificações tradicionais] são construídas principalmente em termos da relação gênero-espécie [...]. [A classificação facetada] difere significativamente destas na medida em que adota uma abordagem mais flexível baseada em um conjunto mínimo de categorias fundamentais que podem ser combinadas de várias maneiras para produzir assuntos compostos. (MAZZOCCHI, 2013, p. 766, tradução nossa); [...] define-se a categorização, para este trabalho, e com o olhar da BCI, como um processo sociocognitivo de ordenação e relacionamento dos conceitos em um dado contexto, que se faz presente em vários momentos do tratamento da informação dos registros do conhecimento. (SILVA, 2010, p. 72); Por ‘categoria’, a perspectiva rangathaniana compreende um conceito de alta generalidade e de larga aplicação que serve de estrutura a um esquema de classificação, pois sob este esquema se pode reunir outros conceitos. Devido a tais características, categorias fundamentais podem ser aplicáveis a grande parte do conhecimento existente. (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 99, grifo nosso); ‘Faceta’, por sua vez, é a manifestação das categorias em classes distintas. As facetatas pertencem aos assuntos dos documentos, sendo o resultado da aplicação de características que formam um conjunto cujo nome é o termo mais geral. Sob uma faceta recaem componentes subordinados, mas com características particulares. (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 99, grifo nosso)
PMEST	Tesouro Brasileiro de Ciência da Informação	Quadr o 7 Quadr o 8 Quadr o 9	A CC é publicada em um volume contendo listas de isolados comuns, classes principais e suas subdivisões (subclasses) e um índice. A sua ordem de citação inicia pela faceta mais concreta (a faceta que é citada primeiro determinará o lugar do livro na estante) e é controlada pela fórmula PMEST (Personalidade + Matéria + Energia + Espaço + Tempo). (ANJOS, 2008, p. 200, grifo nosso); Segundo Dahlberg (1972 apud ARTÊNCIO, 2007, p. 67-68), Ranganathan mudou o sentido de sistemas de classificação que, de apresentação sistemática de classe, passam a focar os conceitos relativos a objetos (coisas, fenômenos, processos, acontecimentos, atributos, etc.); O que mais marca a CC [Colon Classification], no entanto, são as categorias ou facetatas por ele propostas: Personalidade,

			Matéria, Energia, Espaço e Tempo, expressas geralmente pela fórmula PMEST. (ARTÊNCIO, 2007, p. 79); Existem áreas do conhecimento onde a aplicação de certas categorias não tem qualquer utilidade. Cada disciplina tem sua própria estrutura conceitual que pré-forma as categorias que serão usadas para sua organização interna. A Colon Classification é expressiva nesse sentido, uma vez que a fórmula facetada raramente forma a sequência completa PMEST e não corresponde classe a classe. (BARITÉ, 2000, p. 8, tradução nossa); [...] como a relação mais acentuada na lógica aristotélica é a de inclusão (gênero-espécie) foi sobre este único tipo de relacionamento que foram elaborados os sistemas tradicionais de classificação bibliográfica. (CAMPOS, 1978, p. 1-2, grifo nosso); (CAMPOS, 1978) - não identificamos citação correspondente [...] na prática, a identificação de assunto não deve se iniciar com uma idéia predeterminada acerca da sequência das facetas ou das categorias, mas, sim, deixar que os assuntos se encadeiem numa sequência útil, visando ao entendimento melhor daquilo que se quer informar, conduzindo a resultado mais consistente, favorecido pela liberdade de se dar seguimento aos assuntos. (COSTA, 2010, p. 174); As cinco categorias fundamentais, incluídas na quarta edição da <i>Colon Classification</i>, são chamadas Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo (PMEST). Tais categorias, entretanto, não são facilmente definíveis. Isto é particularmente verdadeiro para a Personalidade, que é usada para expressar as características distintivas de um objeto. Sendo difícil descrevê-la em termos positivos, torna-se reconhecível apenas por eliminação [...]. A personalidade pode ser vista como o substrato que possibilita a aplicação de todas as outras categorias. (MAZZOCCHI, 2013, p. 765, tradução nossa); [...] [o] bibliotecário indiano Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892-1972) [...] [propôs] as categorias fundamentais [...] expressas por meio do acrônimo PMEST (personality, matter, energy, space, time – em português: personalidade, matéria, energia, espaço e tempo). (SILVA, 2010, p. 18)
Categoría	Diccionario de Organización del Conocimiento	Quadr o 7 Quadr o 8 Quadr o 9	Dentro da Teoria da Classificação, categorias são apenas relevantes como instrumentos de análise e organização de objetos, fenômenos e conhecimentos. Embora guardem as suas essências ontológicas, é nas classificações bibliográficas que as categorias são de interesse não como elementos de especulação metafísica, o que é óbvio, mas como níveis de análises aplicados para estruturar o conhecimento humano

			como também para estruturar as suas maiores abstrações representativas - os conceitos. (ANJOS, 2008, p. 141); Aristóteles chamou de categorias ou predicamentos os 10 gêneros supremos (idéias que se tem das coisas). Ranganathan chamou de categorias ou facetas fundamentais os cinco aspectos da realidade. (ANJOS, 2008, p. 251); Para o Estagirita, as categorias ou termos são empregados para indicar o que uma coisa é ou faz, expressando o que nossa percepção e nosso pensamento captam imediata e diretamente numa coisa. (variável Aristóteles) (ARTÊNCIO, 2007, p. 26, grifo nosso); [...] o objeto de estudo da lógica são os elementos que constituem uma proposição (as categorias). (ARTÊNCIO, 2007, p. 24, grifo nosso); [...] não é possível caracterizar categorias na Teoria da Classificação, tomando emprestado as definições fornecidas pela Filosofia, Ontologia ou Metafísica. (BARITÉ, 2000, p. 4, tradução nossa); [...] quando o conceito é transferido para a Teoria da Classificação, parece claro que as categorias são instrumentos de alta generalização, embora não absolutas. Concebivelmente, as categorias de maior generalização podem ser ESPAÇO e TEMPO, e por esta razão as facetas reconhecidas como intrínsecas geralmente aparecem nas linguagens de indexação como auxiliares ou nas tabelas adicionais. (BARITÉ, 2000, p. 8, tradução nossa); Se partirmos da filosofia aristotélica [...] categoria – por natureza e definição – deve ser aplicada indiscriminadamente a qualquer objeto. (BARITÉ, 2000, p. 8, tradução nossa); (CAMPOS, 1978) - não identificamos citação correspondente

			A retomada a Aristóteles serve somente para mostrar as origens de um sistema de categorização [...] (COSTA, 2010, p. 173); A classificação e a teoria das facetas não são as únicas conexões significativas a serem traçadas entre as categorias e o trabalho em organização do conhecimento. (DOBRESKI, 2021, p. 3, tradução nossa); [Os] exames das Categorias de Aristóteles trouxeram à luz conexões profundas com tópicos em organização do conhecimento como categorização, análise de assunto e teoria da classificação (Barité, 2000 apud DOBRESKI, 2021, p. 1, tradução nossa); Aristóteles define quais questões podem ser feitas sobre algo que existe e que formas as respostas a essas perguntas podem assumir (Ackrill 1963 apud DOBRESKI, 2021, p. 2-3, tradução nossa); [...] essas categorias (mutuamente exclusivas) estabelecem as condições necessárias e suficientes para expressar, em razão de sua combinação, todas os assuntos possíveis.(MAZZOCCHI, 2013, p. 765, tradução nossa); Os esquemas tradicionais de classificação valorizam a estruturação em classes, e não em categorias, salvo o de Ranganathan. (SILVA, 2010, p. 54); Para Aristóteles, as categorias são o “predicado da proposição; daí que ele chame de categorias do ser e, [...] categorias às diferentes classes do ser ou às diferentes classes de predicados que se podem afirmar de um sujeito” (LALANDE, 1999, p. 142, grifos no original apud SILVA, 2010, p. 55); As categorias de Aristóteles e de Ranganathan funcionam como postulados que exercem a função de orientar o

			pensamento em confronto com a multiplicidade que se lhe apresenta, seja de objetos do mundo, como no caso do primeiro, seja de assuntos contidos em documentos, como é o caso do segundo. Portanto, são conceitos de alta generalidade e que originam novos conceitos. (ARANALDE, 2009, p. 105, grifo nosso); O objetivo primordial [de Ranganathan] [...] é a organização e a classificação do conhecimento registrado. Entretanto, a determinação desse objetivo também o afasta de Aristóteles, que pretende identificar e avaliar os objetos do mundo de maneira geral. (ARANALDE, 2009, p. 105, grifo nosso)
Categoria fundamental	Diccionario de Organización del Conocimiento	Quadro 7 Quadro 8 Quadro 9	As cinco categorias, nas quais Ranganathan baseou seu sistema de classificação têm sido representadas pela sigla em inglês PMEST: personality, matter, energy, space e time. (ANJOS, 2008, p. 15, grifo nosso); [...] nas LD [linguagens documentárias] as categorias são agrupamentos pragmáticos que manifestam particularidades em relação às áreas do conhecimento ou de atividade não havendo normalmente a adequação aos princípios da verificabilidade. De fato, as categorias usadas na Documentação não são universais, mas servem a propósitos institucionais ou pontos de vista. (ARTÊNCIO, 2007, p. 13); [...] não é possível caracterizar categorias na Teoria da Classificação, tomando emprestado as definições fornecidas pela Filosofia, Ontologia ou Metafísica. (BARITÉ, 2000, p. 4, tradução nossa); [...] como as categorias expressam regularidades, por força elas também constituem estruturas conceituais com certa permanência e estabilidade (embora o resultado de sua aplicação a diferentes objetos possa ser variável), capaz de ter expressões em qualquer objeto, entidade ou ser real ou ideal. (BARITÉ, 2000, p. 5, tradução nossa); (CAMPOS, 1978) - não identificamos citação correspondente As pesquisas realizadas por Ranganathan (1967) sobre as cinco categorias – personalidade, matéria, energia, espaço e tempo – aplicáveis a todo o universo de assuntos de modo diferenciado das classificações hierárquicas e rígidas

			refletem uma visão mais filosófica do que pragmática. (COSTA, 2010, p. 174); Essas categorias [de Ranganathan] são capazes de acolher todos os objetos independentemente de sua natureza, até então conhecidos, inclusive, de classificá-los de acordo com sua natureza conceitual. (CAMPOS; GOMES, 2003 apud COSTA, 2010, p. 174); Por um lado, as categorias se originam empiricamente em um contexto cultural e historicamente enviesado; isso apóia a tese do pluralismo categorial (não há um único sistema categórico legítimo). Por outro lado, eles operam como <i>a priori</i> (cultural-histórico), estabelecendo a distinção entre sentido e não-sentido e as pré-condições para selecionar a experiência e torná-la 'possível'. Isso implica que a forma como um sistema cultural ou de conhecimento está predisposto a investigar o mundo depende das categorias que ele emprega. Por tal razão, a influência deste último [sistema de organização do conhecimento] é profunda e de longo alcance. (MAZZOCCHI, 2013, p. 775, tradução nossa); [...] analisá-las [as categorias] sob as óticas filosófica, cognitiva e também pela teoria da classificação. (SILVA, 2010, p. 55); O sentido de categoria é diverso, conforme a abordagem considerada. (SILVA, 2010, p. 55); Logo, as categorias, enquanto instrumentos de análise, são primordiais ao exercício da teoria da classificação, já que se instauram na própria compreensão de mundo dos sujeitos e transpostas ao universo dos registros do conhecimento tendem a reconhecê-los mais amiúde. Para tanto, é imprescindível que se compreenda que uma categoria, de modo isolado, possui um alcance fragmentário e incompleto, isso porque sua configuração é setorial, representa um recorte no universo, além de permitir variados níveis de análise de um objeto – subcategorias. (SILVA, 2010, p. 58); Acredita-se que, enquanto instrumentos de análise, as categorias requerem um trabalho sistêmico, relacionado, para que possam potencializar o aspecto semântico dos objetos que comportam, levando à compreensão integrada destes. Sob essa perspectiva, instaura-se a dúvida sobre o fato se um conjunto de categorias eleitas possa propiciar um alcance total do objeto estudado, ou se existe uma categoria

			que comporte a dimensão do todo (tal como a substância aristotélica, que se verá adiante). (SILVA, 2010, p. 58-59); As categorias são identificadas como conceitos elementares, isto é, como princípios que permitem identificar as notas essenciais que caracterizam um objeto do conhecimento. A partir desta operação mental de identificação, é possível formular conceitos empíricos, ou seja, buscar uma equivalência entre como o objeto se apresenta e a representação mental que se faz dele e de suas relações com outros objetos. As categorias são concebidas como metaconceitos que permitem a efetiva conceitualização de objetos passíveis de serem conhecidos, organizados e classificados. Portanto, elas são elementos intermediários entre os conceitos e a realidade cognoscível. (ARANALDE, 2009, p. 87)
Personalidad	Diccionario de Organización del Conocimiento	Quadr o 7 Quadr o 8 Quadr o 9	A faceta Personalidade é sempre precedida da indicação de um domínio ou de uma disciplina destinada a situar o contexto do documento e que trás o nome de faceta principal. Grosso modo, em outros termos, encontram-se aqui novamente os elementos principais de uma proposição gramatical: sujeito ou objeto (Personalidade), verbo (Energia), complemento determinante (Matéria), complementos de tempo e de lugar (Espaço e Tempo). (ANJOS, 2008, p. 200, grifo nosso); Para Grolier, no entanto, em Personalidade são tratados os objetos de estudo de uma disciplina determinada, tal como eles servem comumente de base à divisão tradicional dessa disciplina ou como a CC considera como mais prática. Segundo seu ponto de vista, a personalidade não é, assim, considerada, como tendo um valor teórico, mas como constituindo uma simples etiqueta colocada sobre as características das coisas, de modo mais ou menos arbitrário, para constituir as divisões hierárquicas de primeiro nível numa classificação que procura exprimir diferentes pontos de vista, mas que admite como indispensável a existência de uma ordem fixa e imutável entre os seus elementos. (ARTÊNCIO, 2007, p. 79, grifo nosso); [...] PERSONALIDADE pode incluir ambos os tipos e partes das coisas e funciona como uma categoria residual que absorve aqueles elementos não contemplados pelas outras categorias. (BARITÉ, 2000, p. 7, tradução nossa); É incompreensível que a Personalidade, conceito de tal importância dentro do sistema, tenha sido deixado ao sabor

		de intuições mais ou menos imprecisas. (CAMPOS, 1978, p. 5); [...] A categoria personalidade apresenta grande dificuldade de identificação. Ranganathan propõe o método do resíduo para identificar sua manifestação, da seguinte forma: se não é tempo, não é espaço, não é energia ou matéria, pode ser considerada uma manifestação da categoria personalidade. (COSTA, 2010, p. 180); (DOBRESKI, 2021) - não identificamos citação correspondente [...] a Personalidade, [...] é usada para expressar as características distintivas de um objeto. Sendo difícil descrevê-la em termos positivos, torna-se reconhecível apenas por eliminação [...]. A personalidade pode ser vista como o substrato que possibilita a aplicação de todas as outras categorias. (MAZZOCCHI, 2013, p. 765, tradução nossa); A categoria fundamental, apresentada por Ranganathan como a de mais difícil identificação, é a personalidade. O estudioso chega a designá-la como inefável. A delineação que se vê de personalidade, na literatura da BCI, é a de que corresponde a entidades, seus tipos, suas espécies, partes e/ou órgãos. Aquilo que se demonstra como básico e fundamental à compreensão de determinado assunto. [...] Normalmente, o reconhecimento da categoria personalidade só se dá por eliminação. Dessa forma, Ranganathan propôs a aplicação do método de resíduos [...] (SILVA, 2010, p. 95-96); [...] a manifestação da categoria fundamental 'Personalidade' é facilmente determinável por não ser de 'Tempo', de 'Espaço', de 'Energia' ou 'Matéria' [...] este é o método dos resíduos (RANGANATHAN, 1967, p. 401 – tradução nossa apud ARANALDE, 2009, p. 103); [...] é difícil definir Personalidade, mas é fácil compreender o que ela é; ela corresponde àquilo que chamamos de faceta primária e normalmente inclui coisas. (FOSKETT, 1973, p. 266 apud ARANALDE, 2009, p. 102, grifo nosso); a) P (personalidade): é constituída de entidades, seus tipos ou espécies e respectivas partes ou órgãos. Por este motivo, pode-se identificar os conceitos de entidade, coisa, tudo, produto final, tipos ou espécies, partes ou órgãos com essa

			categoria fundamental. Ela é considerada por Ranganathan como indefinível; (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 101, grifo nosso); [...] partindo da categoria 'Personalidade', pode-se chegar a novas categorias que permitam identificar os diferentes aspectos e particularidades dos documentos, estruturando seus conteúdos e indo de conceitos fundamentais mais gerais para os mais específicos: desse modo, aumenta-se gradualmente a complexidade dos assuntos. (ARANALDE, 2009, p. 105, grifo nosso); o indiano estabelece a categoria Personalidade como "indefinível". [...] Ranganathan, em contraposição ao filósofo grego, concebe [...] a utilização do método residual [...] (ARANALDE, 2009, p. 103, grifo nosso)
PMEST	Diccionario de Organización del Conocimiento	Quadr o 7 Quadr o 8 Quadr o 9	A CC é publicada em um volume contendo listas de isolados comuns, classes principais e suas subdivisões (subclasses) e um índice. A sua ordem de citação inicia pela faceta mais concreta (a faceta que é citada primeiro determinará o lugar do livro na estante) e é controlada pela fórmula PMEST (Personalidade + Matéria + Energia + Espaço + Tempo). (ANJOS, 2008, p. 200, grifo nosso); (ARTÊNCIO, 2007) - não identificamos citação correspondente [...] sigla PMEST: personalidade, matéria, energia, espaço e tempo. (variável vínculos) (BARITÉ, 2000, p. 9, tradução nossa); (CAMPOS, 1978) - não identificamos citação correspondente [as] categorias personalidade, matéria, energia, espaço e tempo, propostas por Ranganathan (COSTA, 2010, p. 181); (DOBRESKI, 2021) - não identificamos citação correspondente As cinco categorias fundamentais, incluídas na quarta edição da <i>Colon Classification</i>, são chamadas Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo (PMEST). (MAZZOCCHI, 2013, p. 765, tradução nossa);

			[...] [na] própria configuração da estrutura PMEST [...] se assiste à sobreposição de categorias [...] (SILVA, 2010, p. 169, grifo nosso); [...] [o] bibliotecário indiano Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892-1972) [...] [propôs] as categorias fundamentais [...] expressas por meio do acrônimo PMEST (personality, matter, energy, space, time – em português: personalidade, matéria, energia, espaço e tempo). (SILVA, 2010, p. 18); [...] as categorias elaboradas por Ranganathan buscam responder às questões fundamentais do ‘por quê’, ‘o quê’, ‘como’, ‘onde’ e ‘quando’. Dessa perspectiva, a concretividade proposta pelo bibliotecário indiano ganha sentido. A causa – isto é, o ‘por quê’ – é necessariamente mais concreta que o seu efeito, ou seja, o ‘o quê’. Assim, o ramo do conhecimento de que surge uma nova entidade é mais concreto do que a própria entidade, por ser a causa dela. (ARANALDE, 2009, p. 102, grifo nosso); [...] todos os assuntos poderiam ser subsumidos às categorias fundamentais ‘PMEST’, as quais são apresentadas na sequência com breve tentativa de explicação, apesar da dificuldade de definições indicada pelo seu autor: (ARANALDE, 2009, p. 101, grifo nosso); As bases formuladas para o estabelecimento da classificação objetivada por Ranganathan incluem princípios que envolvem três planos de trabalho: o das ideias, o verbal e o notacional. A este trabalho interessa mais o primeiro nível, no qual se encontra a estratégia de classificação cristalizada na elaboração das categorias fundamentais, conhecidas pelo acrônimo PMEST – Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo. (ARANALDE, 2009, p. 99, grifo nosso); Cada letra se refere à inicial de uma das cinco categorias, conforme a denominação da língua inglesa, idioma em que Ranganathan escreveu suas obras. (ARANALDE, 2009, p. 100, grifo nosso); A aplicação das categorias está direcionada para uma análise estrutural da organização documentária como resposta às questões sobre como os assuntos são formados. Inicialmente foram definidos conjuntos de conceitos que permitissem identificar os assuntos e classificá-los com coerência e

			consistência. Os conjuntos foram denominados ‘universos originais’, cada qual contendo uma série de características reveladoras de uma faceta do universo do conhecimento que, por sua vez, serão sempre manifestações das categorias fundamentais PMEST. (ARANALDE, 2009, p. 100, grifo nosso)
Substância primeira	Vocabulaire technique et critique de La philosophie	Quadr o 10	A substância é o ser por excelência, é o indivíduo que se apresenta como síntese de todas as determinações. Essas determinações essenciais da realidade formam as suas dez categorias. (ANJOS, 2008, p. 123, grifo nosso); [...] a ciência da classificação aristotélica em gêneros, espécies e sub-espécies [...] constitui a doutrina de Predicação e da Substância Primária, responsável pelos conceitos da conjunção de tributos e disjunção de substâncias primárias. (ARTÊNCIO, 2007, p. 17, grifo nosso); (BARITÉ, 2000) - não identificamos citação correspondente (CAMPOS, 1978) - não identificamos citação correspondente A primeira delas [das categorias] é a substância [primeira], que representa o sujeito. (COSTA, 2010, p. 173, grifo nosso); As substâncias primárias são os indivíduos que podemos apreender diretamente, como Aristóteles ou um carvalho específico. Assim, é bastante fácil ver as substâncias [...] primárias como instâncias dessas classes [nas ontologias] (DOBRESKI, 2021, p. 5, tradução nossa, grifo nosso); (MAZZOCCHI, 2013) - não identificamos citação correspondente [...] a doutrina aristotélica da Predicação e Substância Primária consideram conceitos uma conjunção de atributos e disjunção de substâncias primárias. (SHERA, 1957 apud ARTÊNCIO, 2007, p. 62); (ARANALDE, 2009) - não identificamos citação correspondente
Substância	Vocabulaire	Quadr	[Sugere implicitamente que a essência corresponda à

segunda	technique et critique de La philosophie	o 10	substância segunda] Aristóteles buscava nas essências (universais) a razão das coisas e dos fatos, supondo-as no interior das coisas: une as idéias e as coisas e defende o princípio da correspondência entre a realidade e o discurso por meio das proposições categoriais. (ANJOS, 2008, p. 123); (ARTÊNCIO, 2007) - não identificamos citação correspondente (BARITÉ, 2000) - não identificamos citação correspondente (CAMPOS, 1978) - não identificamos citação correspondente (COSTA, 2010) - não identificamos citação correspondente As substâncias secundárias são as espécies a que pertencem as substâncias primárias, isto é, os grupos abstratos de pessoas ou árvores. Assim, é bastante fácil ver as substâncias secundárias como classes [nas ontologias] (DOBRESKI, 2021, p. 5, tradução nossa, grifo nosso) (MAZZOCCHI, 2013) - não identificamos citação correspondente [...] a ciência da classificação aristotélica em gêneros, espécies e sub-espécies [...] constitui a doutrina de Predicação e da Substância Primária, responsável pelos conceitos da conjunção de tributos e disjunção de substâncias primárias. (ARTÊNCIO, 2007, p. 17, grifo nosso); (ARANALDE, 2009) - não identificamos citação correspondente
Colon Classificação (não há o conceito categoria)	Encyclopedia ISKO	Quadr o 7 Quadr o 8 Quadr o 9	Dentro da Teoria da Classificação, categorias são apenas relevantes como instrumentos de análise e organização de objetos, fenômenos e conhecimentos. Embora guardem as suas essências ontológicas, é nas classificações bibliográficas que as categorias são de interesse não como elementos de especulação metafísica, o que é óbvio, mas como níveis de análises aplicados para estruturar o conhecimento humano como também para estruturar as suas maiores abstrações representativas - os conceitos. (ANJOS, 2008, p. 141);

das categorias		A categoria Energia trata geralmente de problemas e ações, diferentemente manifestadas conforme as classes de assunto onde ocorrem: por exemplo, em mecânica, diz respeito ao movimento, ao equilíbrio, à vibração; já em astronomia, cronologia, geodésia, astronomia esférica, física, teórica, cosmogonia. Em física, diz respeito a problemas, como por exemplo, radiação, propagação, dispersão etc. (ARTÊNCIO, 2007, p. 79-80) A terceira categoria geral é Matéria, e diz respeito aos materiais de construção, constituição, como por exemplo, a matéria de que são feitas as esculturas, em Artes, ou os instrumentos, na Música, por exemplo. (ARTÊNCIO, 2007, p. 80) As categorias Tempo e Espaço tratam, respectivamente, de divisões temporais e geográficas, tanto distribuídas pelas classes de assunto como fazendo parte de uma tabela em separado. (ARTÊNCIO, 2007, p. 80) Para Grolier, no entanto, em Personalidade são tratados os objetos de estudo de uma disciplina determinada, tal como eles servem comumente de base à divisão tradicional dessa disciplina ou como a CC considera como mais prática. Segundo seu ponto de vista, a personalidade não é, assim, considerada, como tendo um valor teórico, mas como constituindo uma simples etiqueta colocada sobre as características das coisas, de modo mais ou menos arbitrário, para constituir as divisões hierárquicas de primeiro nível numa classificação que procura exprimir diferentes pontos de vista, mas que admite como indispensável a existência de uma ordem fixa e imutável entre os seus elementos. (ARTÊNCIO, 2007, p. 79, grifo nosso); [...] não é possível caracterizar categorias na Teoria da Classificação, tomando emprestado as definições fornecidas pela Filosofia, Ontologia ou Metafísica. (BARITÉ, 2000, p. 4, tradução nossa); Ranganathan partiu para a construção da Colon Classification baseando-se num “universo” de entidades (seres concretos e conceituais), no qual cada entidade possuía muitos atributos, que por sua vez poderiam servir como características para a divisão do universo em grupos ou classes. (ARTÊNCIO, 2007, p. 68-69);

			[...] MATÉRIA refere-se em sua concepção aos aspectos de análise de um objeto; ENERGIA corresponde ao estudo dinâmico do objeto; TEMPO e ESPAÇO referem-se à posição do objeto ao longo dessas duas coordenadas; por último, [a] PERSONALIDADE pode incluir ambos os tipos e partes das coisas e funciona como uma categoria residual que absorve aqueles elementos não contemplados pelas outras categorias. (BARITÉ, 2000, p. 7, tradução nossa); (CAMPOS, 1978) - não identificamos citação correspondente Essas categorias [de Ranganathan] são capazes de acolher todos os objetos independentemente de sua natureza, até então conhecidos, inclusive, de classificá-los de acordo com sua natureza conceitual. (CAMPOS; GOMES, 2003 apud COSTA, 2010, p. 174) [...] as categorias servem de guia tanto para orientar o processo de leitura e de análise de conteúdo de um documento, como podem ser empregadas para representá-lo e gerar produtos documentais. (COSTA, 2010, p. 174); O processo de reexaminar as categorias revelou conexões inegáveis com as perspectivas e práticas dos sistemas de organização do conhecimento. Relacionamentos hierárquicos, herança lógica e relacionamentos associativos podem ser facilmente encontrados dentro das Categorias. (DOBRESKI, 2021, p. 8, tradução nossa); As cinco categorias fundamentais, incluídas na quarta edição da <i>Colon Classification</i>, são chamadas Personalidade, Matéria, Energia, Espaço e Tempo (PMEST). Tais categorias, entretanto, não são facilmente definíveis. (MAZZOCCHI, 2013, p. 765, tradução nossa); A matéria é usada para especificar todas as características relevantes de um objeto, não tratando de fato exclusivamente da composição física. Ela pode ser dividido em três subcategorias: Matéria Material, Matéria Propriedade e Matéria Método. Os dois primeiros dizem respeito, respectivamente, à composição física (por exemplo, mármore em uma estátua de mármore) e as propriedades (por exemplo, permeabilidade como propriedade física do solo) que pode estar relacionado a um objeto. A Matéria Material é usada em relação aos métodos (por exemplo, métodos físicos e métodos biológicos). (MAZZOCCHI, 2013, p. 765-766, tradução nossa)

			A energia representa os aspectos dinâmicos (ação) que ocorrem em relação a um objeto. (MAZZOCCHI, 2013, p. 766, tradução nossa) Espaço e Tempo indicam, respectivamente, a área geográfica e o período associado a um objeto. (MAZZOCCHI, 2013, p. 766, tradução nossa) Ranganathan, ao considerar as categorias como fundamentais e indefiníveis, se resguardou, sobretudo, de definir o que venha a ser a personalidade. Foi talvez mais além ao propor, para a delimitação desta, o método de resíduos. (SILVA, 2010, p. 100-101) Considera-se que a definição de categoria deva relacionar o aspecto filosófico, determinante à teoria da classificação, com a compreensão cognitiva, que permeia o próprio situar do sujeito no mundo. (SILVA, 2010, p. 57) [...] devem-se destacar as concepções abstratas, a estrutura categorial e também a perspectiva das categorias enquanto instrumentos de análise. (SILVA, 2010, p. 57) São formas eleitas, externas e autônomas – até mesmo arbitrárias, já que não são integrantes dos objetos –, para servir de instrumentos de análise. (SILVA, 2010, p. 58) [...] a vinculação [da estrutura categorial] a determinado contexto e sob certa finalidade a faz transgredir seu caráter estático e ser dotada de uma estrutura dinâmica. (SILVA, 2010, p. 5) Imagine-se [...] um documento impresso na forma de livro e que trate da arte de catalogar, publicado em Porto Alegre, em 2008. A Personalidade incluiria a ‘Biblioteconomia’; a Matéria, ‘Livro’; a Energia, ‘Catálogo’; o Espaço seria Porto Alegre e, para finalizar, o Tempo seria o ano de 2008. (ARANALDE, 2009, p. 101); a) P (personalidade): é constituída de entidades, seus tipos ou espécies e respectivas partes ou órgãos. Por este motivo, pode-se identificar os conceitos de entidade, coisa, todo, produto final, tipos ou espécies, partes ou órgãos com essa <i>categoria fundamental</i>. Ela é considerada por Ranganathan

			como indefinível; (variável Ranganathan) (ARANALDE, 2009, p. 101, grifo nosso); b) M (matéria): compreende o material de que são feitas as coisas e as suas respectivas propriedades. Engloba os elementos constitutivos, estrutura, forma, matéria e propriedades. Inclui tanto propriedades materiais quanto abstratas. Por exemplo: madeira que constitui uma mesa, assim como sua forma e cor; (ARANALDE, 2009, p. 101, grifo nosso); c) E (energia): indica tanto qualquer tipo de ação como também reações, processos, operações e problemas; (ARANALDE, 2009, p. 101, grifo nosso); d) S (espaço): traduz o aspecto espacial geográfico dos assuntos analisados que recaem sob essa categoria. Inclui divisões geográficas de continente, de país etc; (ARANALDE, 2009, p. 101, grifo nosso); e) T (tempo): refere-se ao aspecto cronológico dos assuntos e à limitação de períodos, séculos, décadas etc. (ARANALDE, 2009, p. 101, grifo nosso)
Catégorie [philo. gén., psycho.]	<i>Encyclopédie philosophique et universelle</i>	Quadr o 10	A estrutura do ser em geral foi um problema que sempre preocupou Aristóteles. Predicados ou atributos, coisas ou expressões, a palavra categoria (κατηγορία significa justamente predicado) parece cobrir, de maneira razoável, os termos relacionados no capítulo IV do tratado das Categorias (Praedicamenta) e, pelo menos, os nove últimos (quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, ação, paixão, estado e hábito) funcionam como predicados ou atributos da substância, que também podem ser entendidos como uma lista de diferentes tipos de coisas ou expressões que podem ser afirmadas a respeito do ser. (ANJOS, 2008, p. 90-91, grifo nosso); [...] a ciência da classificação aristotélica em gêneros, espécies e sub-espécies [...] constitui a doutrina de Predicação [...] (ARTÊNCIO, 2007, p. 17, grifo nosso); [...] a categorização se reveste de aspectos sócio-cognitivos que as diferenças culturais lhe imprimem, um dos motivos que nos estimularam a investigar sobre o tema, levando-nos a observar os critérios utilizados para definir as categorias pelas correntes de pensamento contemporâneas mais significativas que trabalham a questão (ARTÊNCIO, 2007, p. 14)

		Aristóteles tinha originalmente reconhecido dez categorias (substância, qualidade, quantidade, posição, posse, ação, relações e outros). (BARITÉ, 2000, p. 9, tradução nossa); Se partirmos da filosofia aristotélica [...] categoria – por natureza e definição – deve ser aplicada indiscriminadamente a qualquer objeto. (BARITÉ, 2000, p. 8, tradução nossa); Historicamente, a noção de categoria teve diversas conceituações, desde os tempos de [...] Aristóteles (BARITÉ, 2000, p. 4, tradução nossa); [...] a lógica aristotélica — que constituiu até pouco tempo a espinha dorsal das classificações bibliográficas [...] encontrou repercussão bastante decisiva nos organizadores dos velhos sistemas. Cingiram-se, quase sempre, a um tipo de relacionamento entre os conceitos. E como a relação mais acentuada na lógica aristotélica é a de inclusão (gênero-espécie) foi sobre este único tipo de relacionamento que foram elaborados os sistemas tradicionais de classificação bibliográfica. A consequência foi a emergência de sistemas rigorosamente enumerativos com os inconvenientes que todos conhecem. (CAMPOS, 1978, p. 1-2, grifo nosso) A primeira delas [das categorias] é a substância, que representa o sujeito. As outras nove são: quantidade, qualidade, relação, espaço, tempo, posição, posse, ação e paixão, possíveis de se apresentarem como predicados de uma dada substância. (COSTA, 2010, p. 173, grifo nosso); Nas Categorias, Aristóteles procura proposições para detalhar os tipos de ser que existem, juntamente com o que pode ser entendido e predicado das coisas que existem [...] (DOBRESKI, 2021, p. 1, tradução nossa) Mais notavelmente dentro deste trabalho [Categorias], Aristóteles avança um conjunto de dez categorias de nível superior que podem ser usadas para classificar todos os tipos de ser: substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, estado, ação e paixão. (DOBRESKI, 2021, p. 1, tradução nossa) As categorias de Aristóteles correspondem às determinações últimas da realidade (sensível), refletindo-se no nível lógico aos conceitos mais gerais, tendo também um

			significado linguístico-gramatical. (MAZZOCCHI, 2013, p. 771, tradução nossa, grifo nosso) Qualquer comunidade humana tem de se adaptar ao seu mundo. A forma como a experiência é estruturada deve garantir o sucesso em tal tarefa. Os sistemas categoriais desempenham um papel fundamental nisso e a sua multiplicidade reflete a diversidade dos caminhos cognitivos que os humanos experimentaram: diferentes representações ‘adequadas’ da realidade e as maneiras de classificá-las que são possíveis. (MAZZOCCHI, 2013, p. 776, tradução nossa); Os sistemas categoriais [qualquer sistema, incluindo os de Aristóteles, Ranganathan e indianos] poderiam funcionar como ferramentas cognitivas. Considerando que a análise se limita à linguística e cultura Indo-Européia, a necessidade de uma “base fundacional” como um sistema categorial que pode ser inscrito na organização cognitiva da forma de vida humana. (MAZZOCCHI, 2013, p. 776, tradução nossa); Reale (tradutor e comentador de ARISTÓTELES, 2001, p. 98 apud SILVA, 2010, p. 81) expõe cinco características definidoras da substância: 1) o fato de ser substrato de inerência e de predicação dos outros modos do ser; 2) ser um ente capaz de subsistir separadamente do resto, de modo autônomo; 3) a necessidade de ser algo determinado; 4) a característica intrínseca da unidade: não pode ser substância um agregado de partes; e 5) o ato e a atualidade: só será substância o que é ato ou implica essencialmente ato, e não o que é mera potencialidade.; [...] proposição das categorias fundamentais, como salienta Moss (1964 apud SILVA, 2010, p. 88), possui origens longínquas, especificamente na Grécia Antiga, dada a semelhança dos estudos de Ranganathan com as categorias originais propostas por Aristóteles.; No âmbito filosófico, em especial na lógica e na epistemologia, as categorias adquirem um sentido mais claro com os estudos de Aristóteles (e mesmo antes, com Platão). (SILVA, 2010, p. 55); [...] existe a discussão acerca do nível de generalização das categorias. A princípio, elege-se uma lista de categorias que possam ser aplicadas a todos os seres, tal como fizeram Aristóteles e Kant, ou a todos os assuntos, conforme Ranganathan, mas será isso possível? Seres, objetos, coisas podem ser analisados sob uma mesma ótica? Todos os

			registros do conhecimento podem ser analisados com um mesmo olhar? (SILVA, 2010, p. 59); [...] o que se intitula como abordagem cognitiva contemporânea de categorização, neste trabalho, parte dos estudos posteriores aos anos de 1960 e procura apropriar-se, de maneira geral, dos elementos sem adentrar nos modelos específicos da psicologia cognitiva, como o probabilístico, o protótipo e o exemplar. (SILVA, 2010, p. 59); [...] define-se a categorização, para este trabalho, e com o olhar da BCI, como um processo sociocognitivo de ordenação e relacionamento dos conceitos em um dado contexto, que se faz presente em vários momentos do tratamento da informação dos registros do conhecimento. (SILVA, 2010, p. 72); O primeiro trabalho sistemático de elaboração e de abordagem de categorias para a organização do conhecimento nos foi oferecido por Aristóteles [...] (ARANALDE, 2009, p. 90, grifo nosso) O sistema aristotélico de classificação surgiu pela necessidade de abarcar e expressar a realidade de modo organizado e preciso. Para isto, tal sistema buscou a identificação e o estabelecimento de conceitos básicos que orientassem os agrupamentos e as partições do real operado pelo pensamento humano, ou seja, de categorias primordiais. Esse trabalho do filósofo grego, no que se refere à função das categorias na organização e na classificação do conhecimento existente, mostra-se, ainda hoje, como importante objeto de estudo para fundamentar e compreender a teoria da classificação. (ARANALDE, 2009, p. 91, grifo nosso) A classificação embasada pelas categorias elaboradas por Aristóteles busca responder à questão sobre o que há no mundo. Entretanto, não se trata simplesmente de inventariar as coisas que estão ao redor [...] (ARANALDE, 2009, p. 91, grifo nosso) No sistema aristotélico, as categorias servem de fundamento ao conhecimento das coisas. Elas são os princípios básicos que tornam o conhecimento possível, partindo de uma perspectiva que concebe o mundo como um todo integrado de causas e efeitos, em que as coisas e as suas propriedades essenciais, seus estados, processos e relações podem e

			devem ser reveladas pelo trabalho intelectual. (ARANALDE, 2009, p. 91, grifo nosso) As figuras da predicação [de Aristóteles] são as formas como se pode falar do ser [...] (ARANALDE, 2009, p. 92, grifo nosso) Desta perspectiva, utilizar as categorias é identificar unidades básicas de sentido. Essas unidades permitem apreender conceitualmente os objetos e dar definições deles. Assim, Aristóteles estabelece unidades conceituais capazes de dar conta da diversidade e da multiplicidade que o mundo apresenta. O ser não segue um só registro, mas se cinde em diferentes tipos de ‘gêneros supremos’, ou seja, em categorias. A categoria primordial é a da ‘substância’, à qual as demais fazem referência. (ARANALDE, 2009, p. 91, grifo nosso) [Os] modos [do ser de Aristóteles] são os seguintes: segundo ato e potência, segundo o acidente, segundo o verdadeiro e o falso e segundo cada uma das categorias [...] (ARANALDE, 2009, p. 92, grifo nosso) no que concerne às formas categoriais, o ser se diz de oito modos interrelacionados: a) substância: que é o modo principal do ser, e que serve de fundamento a todos os outros modos, a saber: b) qualidade; c) quantidade; d) relação; e) agir; f) sofrer ; g) lugar; h) tempo. (ARANALDE, 2009, p. 92, grifo nosso) A categoria da substância é a principal dentre as categorias e à qual todas as outras fazem referência (ARANALDE, 2009, p. 93, grifo nosso)

			A substância é o ser no sentido primeiro e fundamental e, por esta razão, figura no topo da lista das categorias. As oito categorias são recortes que o pensamento humano faz da realidade, sendo elas um produto lógico, isto é, um produto do pensamento e de sua expressão, a linguagem, fidelíssimo às junturas existentes na própria realidade. Isto é possível, pois, aos olhos de Aristóteles, a linguagem está perfeitamente colada ao mundo, sendo, assim, capaz de revelá-lo. (ARANALDE, 2009, p. 93, grifo nosso) As categorias aristotélicas também constituem princípios lógicos, mas são produto do pensamento em sua conjunção com a experiência. Assim, são preenchidas com atributos do ser. (ARANALDE, 2009, p. 104, grifo nosso)
Categorias	Tesouro OC - ECA-USP	Quadr o 6 Quadr o 7 Quadr o 8 Quadr o 9 Quadr o 10	Categorias [...] são grupos de termos de alta generalização, uma vez que elas ainda não se encontram ‘aplicadas’, e que o conhecimento das categorias deve resultar em uma maior capacidade de análise dos elementos e argumentos do discurso. (ANJOS, 2008, p. 91, grifo nosso); Ranganathan recorre à concepção aristotélica e à tradição das antigas escolas Mimansa e Prabhakara para extrair daí a fórmula que permite agrupar itens do conhecimento (categorias fundamentais). (ANJOS, 2008, p. 202-203, grifo nosso); Categoria [...] Nomeia agrupamentos de termos elaborados de acordo com um ponto de vista. Categoria se inventa (aspecto pragmático) e se constrói, agrupando elementos sob um determinado ponto de vista. É mais livre, autônoma. É um critério de divisão estabelecido a partir de uma proposta classificatória específica, particular, usado para reunir os grupos conforme as suas semelhanças. (ANJOS, 2008, p. 251); Na doutrina de Aristóteles, a uma interpretação semântica, na qual categorias são os tipos de enunciados que indicam os diversos modos de dizer (designar uma coisa) soma-se uma interpretação ontológica, em que as categorias são os modos de atribuição de um predicado a um sujeito. (ANJOS, 2008, p. 91, grifo nosso); A estrutura do ser em geral foi um problema que sempre preocupou Aristóteles. Predicados ou atributos, coisas ou expressões, a palavra categoria (κατηγορία significa justamente predicado) parece cobrir, de maneira razoável, os termos relacionados no capítulo IV do tratado das Categorias (Praedicamenta) e, pelo menos, os nove últimos (quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo,

		ação, paixão, estado e hábito) funcionam como predicados ou atributos da substância, que também podem ser entendidos como uma lista de diferentes tipos de coisas ou expressões que podem ser afirmadas a respeito do ser. (ANJOS, 2008, p. 90-91, grifo nosso); As categorias são conceitos de alta generalização [...] (ARTÊNCIO, 2007, p. 13); [...] nas LD as categorias são agrupamentos pragmáticos que manifestam particularidades em relação às áreas do conhecimento ou de atividade não havendo normalmente a adequação aos princípios da verificabilidade. De fato, as categorias usadas na Documentação não são universais, mas servem a propósitos institucionais ou pontos de vista. (ARTÊNCIO, 2007, p. 13); [...] a categorização se reveste de aspectos sócio-cognitivos que as diferenças culturais lhe imprimem, um dos motivos que nos estimularam a investigar sobre o tema, levando-nos a observar os critérios utilizados para definir as categorias pelas correntes de pensamento contemporâneas mais significativas que trabalham a questão (ARTÊNCIO, 2007, p. 14); [...] Aristóteles é apontado como aquele que se aprofundou sobre a questão das categorias para propor a primeira classificação geral do conhecimento ou das ciências. [...] Aristóteles elaborou os preceitos da Lógica que empregava princípios de categorização na busca por uma classificação que compreendesse todas as áreas do conhecimento. (ARTÊNCIO, 2007, p. 23, grifo nosso); [...] quando o conceito é transferido para a Teoria da Classificação, parece claro que as categorias são instrumentos de alta generalização, embora não absolutas. Concebivelmente, as categorias de maior generalização podem ser ESPAÇO e TEMPO, e por esta razão as facetas reconhecidas como intrínsecas geralmente aparecem nas linguagens de indexação como auxiliares ou nas tabelas adicionais. (BARITÉ, 2000, p. 8, tradução nossa); Por outro lado, querer aplicar às linguagens documentárias as mesmas categorias da Física Nuclear é apegar-se a um reducionismo insuportável. Em síntese, mesmo reconhecendo a validade de algumas críticas a Ranganathan não podemos deixar de subscrever a afirmativa de Ingetraut Dahlberg: Com Ranganathan a teoria da classificação encontrou o seu verdadeiro caminho. Mas exatamente por reconhecer a

			validez dessas críticas é que, a partir das idéias básicas do mesmo Ranganathan, será feita tentativa de, com base nas pesquisas de Ingetrout Dahlberg e numa aproximação com a Lingüística na linha em parte seguida por Hutchins, no seu livro <i>Languages of Indexing and Classification</i>, obter uma fundamentação do processo classificatório, base comum dos sistemas de classificação e da indexação alfabética (tesauros). (CAMPOS, 1978, p. 5-6); [...] as 10 grandes classes implicam dimensões ou formas sob as quais se apresenta um determinado “ser” (COSTA, 2010, p. 173, grifo nosso); Mais notavelmente dentro deste trabalho [Categorias], Aristóteles avança um conjunto de dez categorias de nível superior que podem ser usadas para classificar todos os tipos de ser: substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, estado, ação e paixão. (DOBRESKI, 2021, p. 1, tradução nossa); [...] essas categorias (mutuamente exclusivas) estabelecem as condições necessárias e suficientes para expressar, em razão de sua combinação, todas os assuntos possíveis. (MAZZOCCHI, 2013, p. 765, tradução nossa); Logo, as categorias, enquanto instrumentos de análise, são primordiais ao exercício da teoria da classificação, já que se instauram na própria compreensão de mundo dos sujeitos e transpostas ao universo dos registros do conhecimento tendem a reconhecê-los mais amiúde. Para tanto, é imprescindível que se compreenda que uma categoria, de modo isolado, possui um alcance fragmentário e incompleto, isso porque sua configuração é setorial, representa um recorte no universo, além de permitir variados níveis de análise de um objeto – subcategorias. (SILVA, 2010, p. 58) Assim, o plano das ideias de Ranganathan (como mencionado fundamento das categorias deste estudioso), resgata, e muito, os elementos presentes na lógica aristotélica. Além disso, apresenta elementos que possibilitam o reconhecimento cognitivo da organização planejada. Vejam-se, por exemplo, os cânones da divisão em cadeias e da sequência de filiação, que apresentam um entendimento claro e confortável da proposta categorial, sem permitir a desorientação por parte de quem a observa. (SILVA, 2010, p. 93)
Catégorie	Vocabulaire technique et	Quadr o 10	[...] os termos relacionados no capítulo IV do tratado das Categorias (<i>Praedicamenta</i>) e, pelo menos, os nove últimos

	critique de La philosophie	(quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, ação, paixão, estado e hábito) funcionam como predicados ou atributos da substância, que também podem ser entendidos como uma lista de diferentes tipos de coisas ou expressões que podem ser afirmadas a respeito do ser. (ANJOS, 2008, p. 90-91, grifo nosso); A utilidade reconhecida pelo emprego das categorias garante a consistência do sistema de conceitos em determinada disciplina e tem como finalidade a representação dos assuntos e a ordenação dos conceitos de uma disciplina em classes formais. (ARTÊNCIO, 2007, p. 70) Se partirmos da filosofia aristotélica [...] categoria – por natureza e definição – deve ser aplicada indiscriminadamente a qualquer objeto. (BARITÉ, 2000, p. 8, tradução nossa) [...] categorias de Ranganathan [...] assemelhando-se às categorias de Aristóteles (CAMPOS, 1978, p. 5) A primeira delas [das categorias] é a substância, que representa o sujeito. As outras nove são: quantidade, qualidade, relação, espaço, tempo, posição, posse, ação e paixão, possíveis de se apresentarem como predicados de uma dada substância. (COSTA, 2010, p. 173, grifo nosso) [...] as 10 grandes classes implicam dimensões ou formas sob as quais se apresenta um determinado “ser” (COSTA, 2010, p. 173, grifo nosso); Mais notavelmente dentro deste trabalho [Categorias], Aristóteles avança um conjunto de dez categorias de nível superior que podem ser usadas para classificar todos os tipos de ser: substância, quantidade, qualidade, relação, lugar, tempo, posição, estado, ação e paixão. (DOBRESKI, 2021, p. 1, tradução nossa) Em muitas culturas elas [as categorias] têm desempenhado um papel essencial, pois refletem o tipo de “interface” para a interação entre o mundo (externo) e as estruturas mentais (internas) que uma determinada sociedade tem desenvolvido. Seu valor de significado é o mais básico e geral. Por esta razão, elas são capazes de conectar o membro de uma comunidade compartilhando um certo 'jogo de linguagem' [wittgensteiniano]. (MAZZOCCHI, 2013, p. 775, tradução nossa);

			Aristóteles também contesta alguns pontos dos escritos de Platão, como a dualidade do mundo em sensível e inteligível. Propõe a união do mundo em coisas reais de nossa experiência sensível através do ‘hipojéimenos’ (SILVA, 2010, p. 74); As categorias aristotélicas constituem as dez unidades ditas pelo autor como aquelas que estão fora de toda a combinação; refletem a reunião das expressões sem ligação e, por si só, não podem ser tidas como verdadeiras ou falsas. (SILVA, 2010, p. 75); Sem a substância, não é possível existir a qualidade, a maneira de ser, a ação ou qualquer outro atributo. Dos fatos constatados nas coisas, a substância é o ser que existe. (SILVA, 2010, p. 77); [...] a substância se configura como a soma dos atributos essenciais e daqueles acidentais que constituem o ser. Aqui, a substância recebe a designação individual [...] (SILVA, 2010, p. 81); [...] existe a discussão acerca do nível de generalização das categorias. A princípio, elege-se uma lista de categorias que possam ser aplicadas a todos os seres, tal como fizeram Aristóteles e Kant, ou a todos os assuntos, conforme Ranganathan, mas será isso possível? Seres, objetos, coisas podem ser analisados sob uma mesma ótica? Todos os registros do conhecimento podem ser analisados com um mesmo olhar? (SILVA, 2010, p. 59)

Fonte: A autora (2022)

A seguir comentaremos as aproximações e as diferenças a partir do conteúdo revelado por nosso corpus da revisão sistemática no contraste com o conteúdo dos nossos quadros de dissertação e com a definição formal-terminológica do conceito de categoria. Esta decisão teórico-metodológica justifica-se com base em critérios explicitados a seguir.

A partir do entendimento que o conceito de categoria não é de compreensão universal, ou seja, não se mantém o mesmo em áreas do conhecimento distintas, em correntes filosóficas específicas de uma área ou sub-área do conhecimento e em propostas específicas dos autores, buscamos inicialmente representar o significado deste vocábulo a partir do recorte de duas

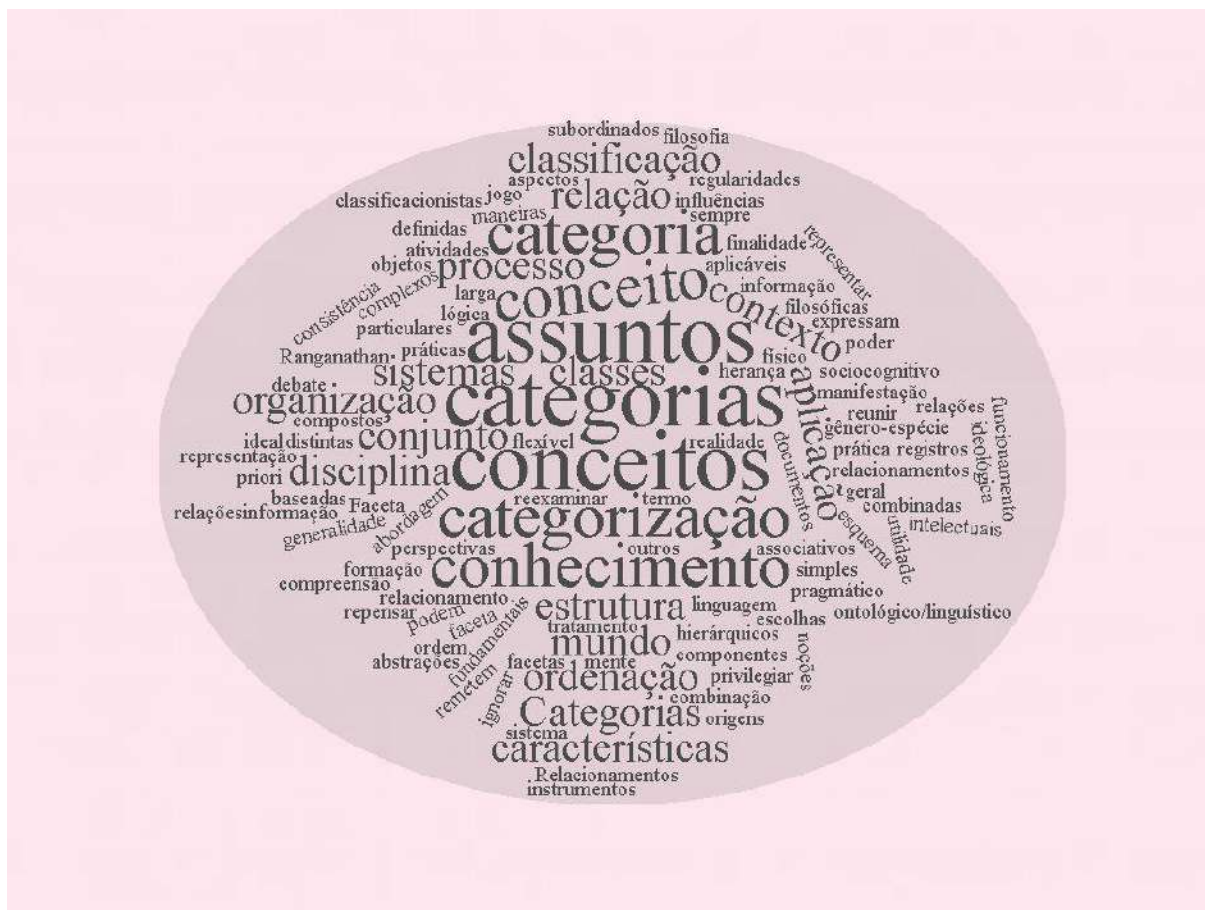
áreas do conhecimento Filosofia e Biblioteconomia e Ciência da Informação (*Library and Information Science*), justamente pela natureza de nosso objeto de estudo da dissertação que ocorre a partir do relacionamento da personalidade na relação entre organização do conhecimento (Ciência das Bibliotecas) e filosofia da informação (Ciência da Informação) para em seguida delimitar o conceito de categoria em duas propostas categoriais distintas de Aristóteles e Ranganathan, e, por fim, delimitar o conceito na questão de pesquisa da revisão sistemática que busca compreender: quais os vínculos entre a categoria Personalidade de Ranganathan e a categoria substância de Aristóteles na classificação?

Outra justificativa para nossa escolha do método da socioterminologia pauta-se na inovação desta teoria face aos estudos terminológicos clássicos da Teoria Geral da Terminologia de Wüster, que busca a representação de conceitos com base em termos autorizados (linguagem controlada ou vocabulário controlado) que apresentam um domínio do conhecimento (as disciplinas), mas que se mostra insuficiente quando são descobertas novas variantes terminológicas, as quais devem ser objeto de estudo e de representação. Esta inovação possui relação com a noção da categoria Personalidade de Ranganathan, pois por se isentar de expressar uma definição precisa sobre a mesma, possivelmente o Indiano era conhecedor de diversas epistemologias e instrumentos de organização do conhecimento iniciados em Aristóteles, estava atento às limitações lógico-epistemológicas de toda proposta que busca eliminar as inconsistências terminológicas da linguagem natural quando de sua tradução para as terminologias especializadas, haja visto que a própria natureza do universo do conhecimento em Ranganathan é o surgimento de ideias e termos, o que implica que as novas variantes terminológicas (as quais servem à representação dos assuntos) devem ser introduzidas na *Colon Classification*, a qual possui hospitalidade (recepção dos termos). Em nossa análise, busca-se contribuir à visualização gráfica de nuvens de palavras obtidas pelo grifo dos termos significativos que denotam as variantes terminológicas complementares à terminologia especializada em obras de referência e também aos quadros que indicam o resultado da pesquisa de dissertação. Para cada obra de referência, apresentaremos nuvens de palavras que se relacionam com nossos quadros de pesquisa e com o conceito de categoria (as entradas nas

O princípio subjacente da pesquisa socioterminológica é o registro de variante(s) que leva em conta os contextos social, situacional, espacial e lingüístico em que os termos circulam; não abandonatambém a freqüência de uso, se for este o método escolhido pelo especialista. As variantes funcionam como marcas do tipo Var., no corpo de um verbete, e são resultantes dos diferentesusos que a comunidade, em sua diversidade social, lingüística e geográfica faz do termo. (FAULSTICH, 1995)

Glossário da Área de Organização e Tratamento da Informação da UFRGS - Categoria





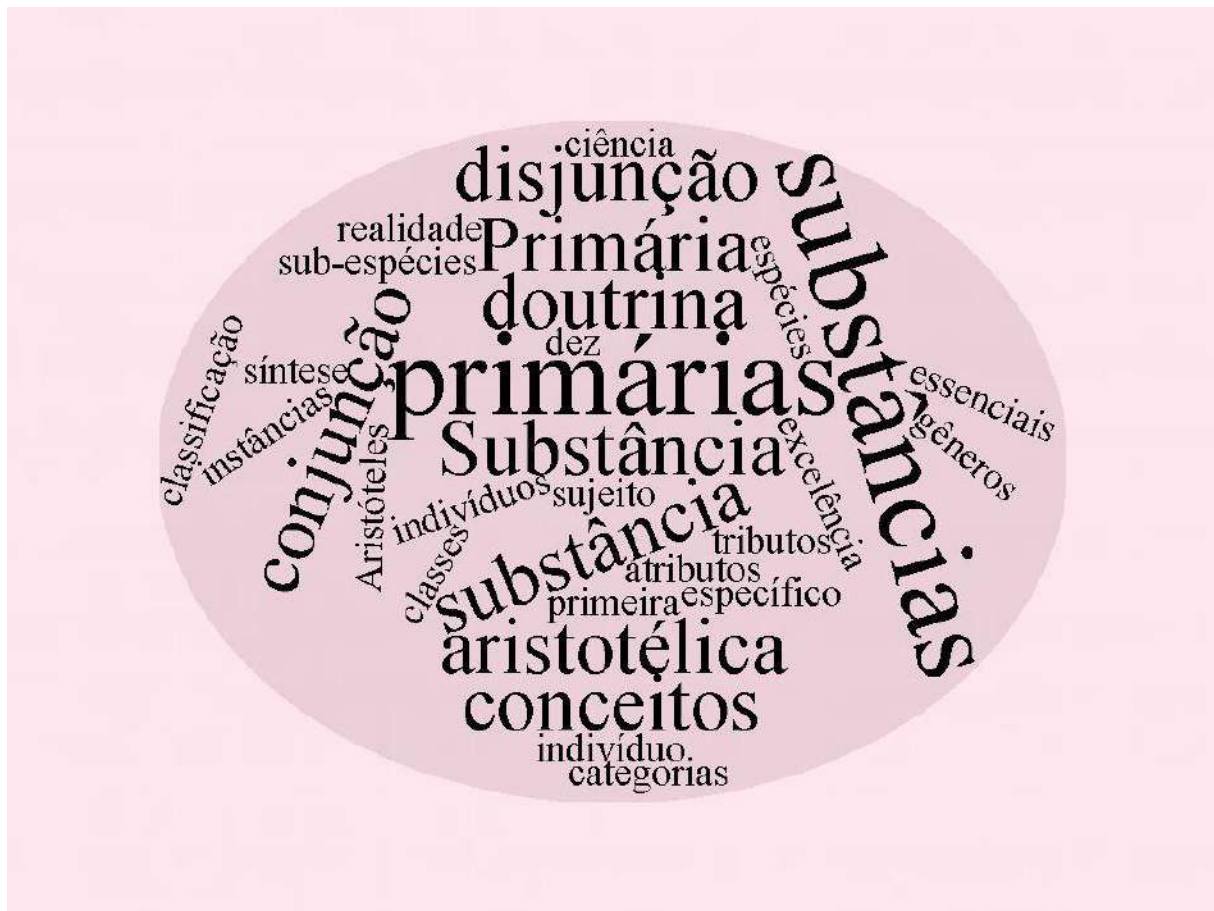
Tesouro Brasileiro de Ciência da Informação - PMEST



Dicionário de Organização do Conhecimento - Categoria fundamental



Diccionario de Organización del Conocimiento - Personalidad



Vocabulaire technique et critique de La philosophie - Substância segunda



Encyclopedia ISKO - Colon Classification

obras de referência não expressa a variável ética do classificacionista e do classificador inerente à construção e representação dos assuntos com base nas categorias da *Colon Classification*, ou seja, o uso do termo nas relações semânticas, léxicas e gramaticais dos contextos práticos da comunicação especializada revelam os sentidos ocultos nas definições terminológicas, as quais servem como ponto de partida ao estudo, mas não são suficientes para a indução de conhecimentos universais, posto que a Ciência da Informação é uma ciência fundamentalmente humana e social.

Outras variáveis identificadas pelo método referem-se à generalização dos grupos de conceitos que recaem sob as categorias de origem aristotélica; à abstração como derivação do pensamento aristotélico aplicado às categorias; aos princípios de divisão lógica derivados da lógica aristotélica presentes na classificação facetada (em nossa interpretação referentes à divisão das tabelas das classes básicas ou disciplinas); à estruturação do conhecimento e de suas abstrações representativas, os conceitos, derivada de Aristóteles; ao caráter instrumental das categorias seguindo o pensamento aristotélico; à formação rangianthiana em áreas influenciadas pelos estudos aristotélicos como a matemática e a filosofia; ao empirismo categórico aristotélico-ranganathiano que operam ou aplicam-se na ordenação da experiência.

Todas estas variáveis complementam e são coerentes com o conhecimento expresso nos quadros de nossa dissertação e nas obras de referência. Permitem responder nossa questão de pesquisa da revisão sistemática e discutir os vínculos retomando e relacionando-os às ideias presentes na seção primária do marco teórico e na discussão dos corpora da dissertação.

Não identificamos afirmações contraditórias entre os resultados dos quadros de nossa dissertação e nas obras de referência com a equivalência das citações da revisão sistemática, mas aspectos complementares ao sentido de categoria referentes à introdução dos usos linguísticos e sociais à luz da teoria socioterminológica para a descoberta das variáveis que expressam o conceito para além de sua definição terminológica. Os resultados positivos reforçam que a aplicação desta teoria como método de análise para aprofundarmos os vínculos à luz da teoria da classificação se mostram frutíferos para nossa pesquisa e também para futuras pesquisas primárias em organização do conhecimento que investiguem a mesma população.

APÊNDICE N – Metassíntese qualitativa dos achados

Iniciamos abaixo os dados pertencentes à síntese.

- Autoria/ano

ARANALDE, Michel Maya (2009)

MAZZOCCHI, Fúlvio (2013)

BARITÉ, Mario Guido (2000)

DOBRESKI, B (2021)

SILVA, Alessandra Rodrigues da (2010)

CAMPOS, Astério (1978)

COSTA, Luzia Sigoli Fernand (2010)

ANJOS, Liane dos (2008)

ARTÊNCIO, Luciane Maria (2007)

- Tema

ARANALDE, Michel Maya

A teoria das categorias conforme elaboradas por Aristóteles, Kant e Ranganathan como princípios fundamentais e imprescindíveis para a organização do conhecimento.

MAZZOCCHI, Fúlvio

O PMEST de Ranganathan à luz do contexto cultural em que se desenvolveu na tradição filosófica indiana dos sistemas categoriais Vaisesika.

BARITÉ, Mario Guido

O reexame conceitual e metodológico da noção de categoria a partir de uma perspectiva funcional e instrumental em Aristóteles, Ranganathan e Kant e suas implicações atuais na construção e avaliação de linguagens de indexação.

DOBRESKI, Brian

O reexame das Categorias de Aristóteles como um sistema de organização do conhecimento, particularmente através das lentes do entendimento do campo da organização do conhecimento de ontologia

SILVA, Alessandra Rodrigues da

A relação entre as teorias de categorização (clássica e cognitiva contemporânea) com os princípios categoriais de Ranganathan

CAMPOS, Astério

As classificações e os tesouros como linguagens de indexação buscando fundamentar uma teoria satisfatória do processo classificatório a partir de Ranganathan, tendo como pontos básicos as recentes conquistas da Lingüística e da Lógica.

COSTA, Luzia Sigoli Fernand

Com base na Teoria de Ranganathan, explora-se a aproximação teórico-conceitual entre as categorias essenciais [PMEST] e os elementos que compõem a estrutura do discurso retórico e as categorias da narrativa literária.

ANJOS, Liane dos

A análise dos sistemas de classificação do conhecimento na Filosofia e na Biblioteconomia sob um ponto de vista histórico-conceitual crítico com enfoque nos conceitos de classe, categoria e faceta.

ARTÊNCIO, Luciane Maria

A noção de categoria utilizada historicamente nas linguagens documentárias na Filosofia e Biblioteconomia e Ciência da Informação

DOBRESKI, Brian

Interpretação das categorias aristotélicas consideradas como um tipo formal de sistema de organização do conhecimento enquanto uma perspectiva da organização do conhecimento

- Conceito teórico

ARANALDE, Michel Maya

Categoria e linguagem de indexação

MAZZOCCHI, Fúlvio

Categorias PMEST e categorias dos sistemas categoriais Vaisesika.

BARITÉ, Mario Guido

Categoria e linguagens de indexação

DOBRESKI, Brian

Categoria como o sistema de organização do conhecimento formal Ontologia

SILVA, Alessandra Rodrigues da

Categorização e categorias

CAMPOS, Astério

Classificação e categorias

COSTA, Luzia Sigoli Fernand

Categorias essências (PMEST) de Ranganathan comparadas com as categorias narrativas.

ANJOS, Liane dos

Sistemas de classificação do conhecimento na Filosofia e na Biblioteconomia, Categorias, classes e facetas

ARTÊNCIO, Luciane Maria

Categorização e categorias

- Relações conceituais no artigo

ARANALDE, Michel Maya

A teoria das categorias elaboradas por Aristóteles, Kant e Ranganathan confrontadas para estabelecer as diferenças e semelhanças, tendo em vista os objetivos de cada sistema categorial.

MAZZOCCHI, Fúlvio

Analisar os sistemas categoriais PMEST de Ranganathan e Vaisesika levando em consideração: i) sua origem e ii) sua função (cognitiva) para compreender o universo do conhecimento em Ranganathan.

BARITÉ, Mario Guido

A noção de categoria nos sistemas de organização do conhecimento com aplicações mais específicas nas linguagens de indexação (ou seja, a elaboração, construção e adaptação), para

corroborar sua adequação e relevância, e para esta finalidade, o estudo do fundamento teórico-conceitual-histórico desde a formulação categorial de Aristóteles deve ser estudado para melhorar a competência no trabalho intelectual e a prática em organização do conhecimento.

DOBRESKI, Brian

Consideração da noção de categoria derivada de Aristóteles como o sistema de organização do conhecimento formal Ontologia

SILVA, Alessandra Rodrigues da

As noções de categoria e de categorização na filosofia de Aristóteles, Kant e Wittgenstein e nas linguagens documentárias em Ranganathan permeiam os princípios de elaboração das linguagens documentárias refletindo as várias formas de conceber os conceitos.

CAMPOS, Astério

As categorias usadas na elaboração das classificações e dos tesouros, os quais constituem linguagens de indexação, carecem de uma fundamentação com um rigor científico que não está integralmente presente na teoria do processo classificatório iniciada em Aristóteles e retomada na doutrina de Ranganathan baseada em intuições.

COSTA, Luzia Sigoli Fernand

A comparação teórico-conceitual entre as categorias essenciais PMEST, os elementos que compõem a estrutura do discurso retórico e as categorias da narrativa literária.

ANJOS, Liane dos

A análise dos sistemas de classificação do conhecimento na Filosofia e na Biblioteconomia sob um ponto de vista histórico-conceitual crítico com enfoque nos conceitos de classe, categoria e faceta, a revisão deste enfoque aponta, por parte dos estudiosos da Classificação, para a necessidade de um cuidado maior no desenho, no planejamento e na estruturação de sistemas de classificação, na modificação e especificação de tabelas de classificação e até de linguagens de indexação, com vista à sua adequação e relevância.

ARTÊNCIO, Luciane Maria

A categorização na área da CI reporta às origens do conceito de categoria na filosofia, sendo as estruturas classificatórias aristotélicas encontradas nas linguagens documentárias e em outras ferramentas de informação.

- Síntese conceitual

A noção de categoria está presente nos conceitos teóricos do corpus, no qual observamos a importância do estudo das categorias aristotélicas para o melhor desempenho na categorização (aplicação das categorias) para a organização do conhecimento nos variados tipos de sistemas de organização do conhecimento formais (tesauro, ontologia, sistema de classificação, etc) e também para a revisão da formulação e aplicação categorial de um sistema à luz dos novos contextos socioculturais contemporâneos. 3 artigos do corpus comparam as categorias de Ranganathan com outros sistemas categoriais, o que demonstra que a comparação entre as categorias é um método adequado a ser utilizado como processo nas futuras pesquisas primárias sobre nosso tema.

- Afirmativas dos achados no artigo

Os achados em Aranalde (2009) apontam para as categorias aristotélicas, kantianas e ranganathanianas. Interpreta que Aristóteles concebe as categorias como ‘modos do ser’ [...] e Ranganathan as elabora como ‘modos de classificar’.

Artêncio afirma que as categorias são grupos de termos de alta generalização, uma vez que ainda não se encontram “aplicadas”; que a contribuição de Ranganathan foi fundamental para caracterizar o conceito único e sua capacidade de combinação para representar o conhecimento que o homem tem do mundo, como objeto da ciência da classificação, que a contribuição de Ranganathan foi fundamental para caracterizar o conceito único e sua capacidade de combinação para representar o conhecimento que o homem tem do mundo, como objeto da ciência da classificação e que a utilidade reconhecida pelo emprego das categorias garante a consistência do sistema de conceitos em determinada disciplina e tem como finalidade a representação dos assuntos e a ordenação dos conceitos de uma disciplina em classes formais.

Barité (2000) afirma que o conjunto de categorias selecionadas por um analista deve englobar a soma total dos níveis possíveis de análise fornecendo uma representação completa do objeto, que cada categoria possui como característica ser setorial, implicar um nível

específico de análise, ser um nível de análise externos ao objeto, ser mutuamente excludente, altamente generalizável e admitir, com referência a um objeto, níveis variáveis de subdivisão e que não houve acordo quanto a uma coleção limitada de categorias. Diz que partindo da filosofia aristotélica, categoria – por natureza e definição – deve ser aplicada indiscriminadamente a qualquer objeto. Diz que cada nível de subdivisão das categorias é tecnicamente conhecido como característica, faceta, ou atributo, através do qual um conceito ou objeto é subdividido; um conjunto homogêneo de focos sendo obtido dessa forma. Diz que a criação de uma faceta, quando uma característica é aplicada consistentemente, pode ocorrer no quadro de uma categoria e apenas uma categoria. Significativas são as dúvidas que Ranganathan tinha, para atribuir ambas as formulações da PERSONALIDADE, ou a formulação da ENERGIA para determinadas facetas, recorrendo à designação simultânea de duas categorias, {E} e {2P}, e deixando o classificador livre para determinar a aplicação da categoria no contexto do documento. Diz que Aristóteles tinha originalmente reconhecido dez categorias (substância, qualidade, quantidade, posição, posse, ação, relações e outros). Ranganathan os reduziu a cinco, conhecido com a sigla PMEST: personalidade, matéria, energia, espaço e tempo.

Os achados de Silva (2010) são apresentados em quadros com as categorias fundamentais de Aristóteles, o mapeamento dos cânones do Plano das Ideias de Ranganathan, a análise do gesto categorial do Grupo 1 - Classificacionistas e a análise do gesto categorial do Grupo 2 – Classificadores.

- Semelhanças Intra-Artigo

Apresentamos abaixo um quadro com citações semelhantes que explicitam um vínculo fraco quanto à metodologia, objetivos e proposta do conceito categorial formulado por Aristóteles e Ranganathan, respondendo quais as semelhanças Intra-Artigo.

Quadro 40 – Citações que expressam um vínculo fraco.

Autor	Vínculo fraco
Silva	“Ranganathan constrói suas categorias em direção oposta” (SILVA, 2010, p.

Autor	Vínculo fraco
(2010)	167); “Aristóteles propunha [distintamente] uma análise ontológica, voltada aos seres, já Ranganathan debruçou-se nos registros do conhecimento – as chamadas categorias do classificar” (SILVA, 2010, p. 89); “o universo de aplicação [categorial] proposto é distinto” (SILVA, 2010, p. 101); “em Ranganathan, a aceção quase divina sobre a personalidade, ainda que por um caminho oposto ao de Aristóteles” (SILVA, 2010, p. 101); “[...] o propósito de criação destas propostas categoriais seja distinto, já que Aristóteles trabalhou com os seres e Ranganathan com os registros do conhecimento [...]” (SILVA, 2010, p. 175); “[...] nos quesitos metodológicos assistir-se a uma oposição entre o que cada uma delas constitua [personalidade e substância].” (SILVA, 2010, p. 176); [o método de resíduos] [...] é, como exposto por Aranalde (2009 apud SILVA, 2010, p. 101), um ponto dissociante entre as perspectivas dos dois filósofos, já que Aristóteles vai em direção oposta; Com relação ao gesto categorial dos sujeitos, pode-se afirmar que a derivação observada teoricamente entre a estrutura PMEST e as categorias de Aristóteles sofra no gesto empírico um enfraquecimento considerável. (SILVA, 2010, p. 168); “Se a personalidade for observada em comparação com a substância aristotélica, essa dúvida se instaura na própria configuração da última, que, como afirmado, é composta por uma matéria de ordem metafísica e por uma forma de cunho ontológico.” (SILVA, 2010, p. 167-168); “Ranganathan não referencia a Aristóteles explicitamente em suas obras, o que leva a dúvidas sobre a consciência das bases aristotélicas de seus estudos.” (SILVA, 2010, p. 89); “Ranganathan restringe o uso dessas categorias ao universo classificatório, às facetas dos assuntos dos registros do conhecimento, resguardando-se de quaisquer análises dessas nos quesitos da filosofia (metafísica ou física).” (SILVA, 2010, p. 93); Ranganathan rompe com a visão dominante da árvore dicotômica de Porfírio e apresenta a noção da policotomia ilimitada de conhecimento, representada pela árvore banyana (SILVA, 2010, p. 89).
Aranalde (2009)	“Ranganathan inverte a estratégia de Aristóteles” (ARANALDE, 2009, p. 103); As diferenças dizem respeito principalmente aos objetivos de cada sistema, ou seja, a formulação e o uso das categorias estão condicionados aos objetivos e

Autor	Vínculo fraco
	finalidades de cada concepção intelectual (ARANALDE, 2009, p. 103); “a determinação desse objetivo o afasta de Aristóteles” (ARANALDE, 2009, p. 105); “Ranganathan, em contraposição ao filósofo grego, concebe [...] a utilização do método residual [...]” (ARANALDE, 2009, p. 103); “As categorias de Ranganathan, mesmo relacionadas às categorias filosóficas ocidentais, o mestre indiano sofreu grande influência do pensamento oriental na sua concepção de conhecimento. O próprio hinduísmo e o budismo, filosofias de vida predominantes na Índia, apresentam categorias próprias para o desvelamento da realidade.” (ARANALDE, 2009, p. 105).
Mazzocchi (2013)	“não há dúvida de que o conceito de categorias na LIS não é o mesmo que o filosófico” (MAZZOCCHI, 2013, p. 771). A análise do pensamento de Ranganathan não pode ser restringida dentro dos limites [...] do debate [racionalista-empirista] porque envolve elementos conceituais que são alheios à tradição ocidental. (MAZZOCCHI, 2013, p. 773).
Barité (2000)	Aristóteles tinha originalmente reconhecido dez categorias (substância, qualidade, quantidade, posição, posse, ação, relações e outros). Ranganathan os reduziu a cinco, conhecido com a sigla PMEST: personalidade, matéria, energia, espaço e tempo. (BARITÉ, 2000, p. 9).
Artêncio (2007)	“O valor das estruturas classificatórias aristotélicas encontradas nas LDs e em outras ferramentas de informação é discutível.” (ARTÊNCIO, 2007, p. 17)
Campos (1978)	É urgente o reconhecimento de que ambos (classificações e tesouros) constituem linguagens de indexação e que a indexação é fundamentalmente um processo classificatório. É mister, portanto, a partir das intuições de Ranganathan, e procurando fundamentá-las com maior rigor científico, encontrar uma teoria satisfatória do processo classificatório, tendo como pontos básicos as recentes conquistas da Linguística e da Lógica. [...] a lógica aristotélica — que constituiu até pouco tempo a espinha dorsal das classificações bibliográficas [...] encontrou repercussão bastante decisiva nos organizadores dos velhos sistemas. Cingiram-se, quase sempre, a um tipo de relacionamento entre os conceitos. E como a relação mais acentuada na lógica aristotélica é a de inclusão (gênero-espécie) foi sobre este único tipo de relacionamento que foram elaborados os sistemas tradicionais de classificação bibliográfica. A consequência foi a emergência de sistemas rigorosamente enumerativos com os inconvenientes que todos conhecem. (CAMPOS, 1978, p. 1-2)

Fonte: A autora (2022)

Os autores citados acima apresentam vínculos fracos, o que demonstra que o sentido de categoria na Filosofia e na LIS diverge quanto à metodologia, princípios e corrente filosófica adotada.

- Diferenças Intra-Artigo

Apresentamos abaixo um quadro com citações semelhantes que explicitam um vínculo forte quanto à associação, derivação categorial e presença da lógica aristotélica na teoria da classificação de Ranganathan, respondendo quais as diferenças Intra-Artigo.

Quadro 41 – Citações que expressam um vínculo forte

Autor	Vínculo forte
Silva (2010)	“Quanto à categoria personalidade, observa-se associação com a substância na concepção formativa e na relevância que lhes são dadas [...]” (SILVA, 2010, p. 176); “[...] sobre a derivação dos princípios categoriais de Ranganathan daqueles de Aristóteles, deve-se recordar a similitude percebida entre estes princípios na análise teórica realizada, em especial, quanto à estrutura PMEST e às categorias fundamentais do estagirita (SILVA, 2010, p. 175); “[...] o modelo categorial de Ranganathan e de que há indícios de que este modelo tenha se embasado nos escritos de Aristóteles [...]” (SILVA, 2010, p. 175); “Os princípios de Ranganathan [...] coincidem com a teoria clássica de categorias [...]” (SILVA, 2010, p. 168); “[Ranganathan se vale] das categorias aristotélicas [...]” (SILVA, 2010, p. 167); [...] sobre o que realmente subjaz aos princípios categoriais de Ranganathan, acredita-se que há linhas de pensamento congruentes entre seus escritos e os escritos de Aristóteles (SILVA, 2010, p. 167); “[...] ao propor as categorias fundamentais, [...] A derivação aristotélica não pode ser negada [...]” (SILVA, 2010, p. 101-102); “[...] assiste-se, em Ranganathan, à acepção quase divina sobre a personalidade [...] (SILVA, 2010, p. 101); Moss (1964 apud SILVA, 2010, p. 98) deixa explícita a derivação das categorias aristotélicas nas rangathanianas e afirma que algumas categorias de Ranganathan são idênticas às de Aristóteles, a saber: as categorias de lugar e tempo comungam do mesmo entendimento em ambos os estudiosos; a categoria ação corresponde à energia; a posição é vista por Moss (1964 apud SILVA, 2010, p. 98) como supérflua, já que é uma duplicação da categoria espaço; e a substância seria, no sentido lógico, equivalente à personalidade de Ranganathan e, no sentido metafísico, equivalente à categoria da matéria.; “A noção categorial de Ranganathan pode ser vista como uma releitura das categorias aristotélicas.” (SILVA, 2010, p. 98); “[...] o plano das ideias de Ranganathan (como mencionado fundamento das categorias deste estudioso), resgata, e muito, os elementos presentes na lógica

	aristotélica.” (SILVA, 2010, p. 93) “Ranganathan cita Aristóteles nos Prolegomena to Library Classification [...]” (SILVA, 2010, p. 89) “Aristóteles é notório na ciência ocidental e, apesar de Ranganathan ter origens orientais, realizou estudos em Londres e obteve formação em áreas influenciadas pelos estudos aristotélicos (como a matemática e a filosofia).” (SILVA, 2010, p. 89); “[...] interseções entre as categorias de Aristóteles, com aquelas propostas por Ranganathan.” (SILVA, 2010, p. 81-82); “[...] a influência mais perceptível nos escritos de Ranganathan é a da lógica aristotélica.” (SILVA, 2010, p. 88); “se acredita que Ranganathan tenha se baseado nas categorias fundamentais de Aristóteles para a proposição das facetas fundamentais que usa nesta classificação.” (SILVA, 2010, p. 53).
Dobreski (2021)	O debate ontológico/linguístico em torno das Categorias, bem como de questões maiores sobre a relação entre linguagem e realidade, também oferecem uma visão mais prática dos sistemas de organização do conhecimento. (DOBRESKI, 2021, p. 8); O presente modelo ontológico do estudo é oferecido não como uma solução para as Categorias, mas como uma ilustração das conexões entre a ontologia filosófica e o estudo e a prática dos sistemas de organização do conhecimento. (DOBRESKI, 2021, p. 8); Na literatura de classificação, as comparações das categorias aristotélicas com as categorias de Ranganathan são de longa data. (DOBRESKI, 2021, p. 3).
	Categoria (não-aplicada) ou faceta (aplicada) é um nível de análise específico e parcial de um objeto. Aristóteles chamou de categorias ou predicamentos os 10 gêneros supremos (idéias que se tem das coisas). Ranganathan chamou de categorias ou facetas fundamentais os cinco aspectos da realidade. (ANJOS, 2008, p. 251); A categoria personalidade é equivalente à substância aristotélica, ou seja, a primeira atribuição do ser. Para Aristóteles o ser se diz em uma pluralidade de sentidos e esses sentidos do ser é que são denominados categorias. Ranganathan recorre à concepção aristotélica e à tradição das antigas escolas Mimansa e Prabhakara para extrair daí a fórmula que permite agrupar itens do conhecimento. (ANJOS, 2008, p. 202-203); A <i>Colon Classification</i> (CC), ou Classificação dos Dois Pontos, elaborada por Shiyali Ramamrita Ranganathan (1892-1972) quando retorna à Índia depois do período de estudos com Berwick Sayers, na Inglaterra, estudos fundamentados na Teoria da Classificação, que tinha por suporte a lógica aristotélica [...] (ANJOS, 2008, p. 196); [...] as duas áreas Filosofia (teoria das categorias) e Biblioteconomia (Teoria da Classificação) coincidem na acepção de categoria. Ao constatar essa proximidade, salienta-se que essa proximidade não é assumida, afirmada ou explorada pela Teoria da Classificação, que no entanto, utiliza conceitos oriundos da Filosofia. (ANJOS, 2008, p. 140); [...] as duas acepções de categoria provenientes da Filosofia (classe mais geral ou princípio de divisão) aparecem igualmente na [Filosofia e na] Ciência da Informação. (ANJOS, 2008, p. 140);

	A influência da classificação aristotélica dos seres, no âmbito das classificações bibliográficas clássicas, faz-se notar de modo mais incisivo na classificação de Ranganathan que, em seu sistema, incluiu categorias seguindo o modelo aristotélico [...] (ANJOS, 2008, p. 96); Para a Ciência da Informação, a noção de categoria, nascida na Filosofia e introduzida na Biblioteconomia por Ranganathan, é de importância fundamental para a estruturação da informação. (ANJOS, 2008, p. 18); As cinco categorias, nas quais Ranganathan baseou seu sistema de classificação têm sido representadas pela sigla em inglês PMEST: personality, matter, energy, space e time. Atente-se para a semelhança das categorias aristotélicas: substância, qualidade, quantidade, relação, espaço, tempo, ação, paixão, estado e hábito (ANJOS, 2008, p. 15).
Campos (1978)	“[...] [as] categorias de Ranganathan [...] assemelhando-se às categorias de Aristóteles” (CAMPOS, 1978, p. 5); É urgente o reconhecimento de que ambos (classificações e tesouros) constituem linguagens de indexação e que a indexação é fundamentalmente um processo classificatório. É mister, portanto, a partir das intuições de Ranganathan, e procurando fundamentá-las com maior rigor científico, encontrar uma teoria satisfatória do processo classificatório, tendo como pontos básicos as recentes conquistas da Lingüística e da Lógica. [...] a lógica aristotélica — que constituiu até pouco tempo a espinha dorsal das classificações bibliográficas [...] encontrou repercussão bastante decisiva nos organizadores dos velhos sistemas. Cingiram-se, quase sempre, a um tipo de relacionamento entre os conceitos. E como a relação mais acentuada na lógica aristotélica é a de inclusão (gênero-espécie) foi sobre este único tipo de relacionamento que foram elaborados os sistemas tradicionais de classificação bibliográfica. A consequência foi a emergência de sistemas rigorosamente enumerativos com os inconvenientes que todos conhecem. (CAMPOS, 1978, p. 1-2).
Aranald e (2009)	As categorias de Aristóteles e de Ranganathan funcionam como postulados que exercem a função de orientar o pensamento em confronto com a multiplicidade que se lhe apresenta, seja de objetos do mundo, como no caso do primeiro, seja de assuntos contidos em documentos, como é o caso do segundo. Portanto, são conceitos de alta generalidade e que originam novos conceitos. (ARANALDE, 2009, p. 107); Aristóteles e Ranganathan formulam categorias que entram em operação a partir do confronto do pensamento com a experiência, buscando ordená-la [...] (ARANALDE, 2009, p. 106); As categorias de Ranganathan se constituem a partir da realidade, da observação e da experiência. Portanto, elas são categorias empíricas. [...] [são] relacionadas às categorias filosóficas ocidentais [...] (ARANALDE, 2009, p. 105); As categorias de Aristóteles e de Ranganathan funcionam como postulados que exercem a função de orientar o pensamento em confronto com a multiplicidade que se lhe apresenta, seja de objetos do mundo, como no caso do primeiro, seja de assuntos contidos em documentos, como é o caso do segundo. Portanto, são conceitos de alta generalidade e que originam novos conceitos. (ARANALDE, 2009, p. 105); Ranganathan e Aristóteles procuram organizar o conhecimento do mundo partindo

	da própria realidade, buscando as classes mais gerais nas quais ele pode ser inicialmente classificado. Estas classes dão origem a novas classes que são, necessariamente, <i>a posteriori</i>, pois se revelam como produto da aplicação dos princípios primeiros às entidades analisadas. (ARANALDE, 2009, p. 105); As categorias de Aristóteles e de Ranganathan são declaradamente ontológicas, [...] A perspectiva ontológica e a abordagem dos diversos aspectos que envolvem o ser exigem as noções de tempo e de espaço como fundamentais tanto para identificar objetos em geral quanto para a identificação dos assuntos que compõem um documento. Nos dois casos, a determinação espaço-temporal é tão comum quanto imprescindível. (ARANALDE, 2009, p. 105); Ranganathan, por seu turno, resgata as noções de espaço e de tempo para as formas categoriais, pois seu objetivo, assim como o do célebre estagirita, também é avaliar os objetos, segundo as características básicas deles – isto é, o que faz eles serem o que são – e suas relações fundamentais, como estar, permanecer, relacionar-se com outros ou mudar. (ARANALDE, 2009, p. 104).
Costa (2010)	Um subconjunto dessas categorias [de Aristóteles], compreendendo substância, estado, ação, lugar e tempo vão encontrar correspondência direta nas cinco categorias de Ranganathan (1931) e com a forma de operacionalizá-las. Em seus escritos, observa-se que não são citadas muitas fontes, mas, ao expor seu pensamento e eleger suas cinco categorias, que denominou de categorias fundamentais ou categorias essenciais, fica patente a influência que recebeu do pensamento aristotélico. (COSTA, 2010. p. 174).
Mazzocchi (2013)	Outros autores destacaram a semelhança (ou uma possível derivação do anterior ao posterior) entre as categorias de Ranganathan e Aristóteles (MOSS, 1964; GLAZIER; GLAZIER, 2003 apud MAZZOCCHI, 2013, p. 768).
Barité (2000)	Há uma característica implícita também, seguindo o pensamento aristotélico, que se refere ao caráter instrumental das categorias. Efetivamente, as categorias são usadas como ferramentas para descobrir certas regularidades do mundo material, assim, todos os objetos – pelo menos todos aqueles pertencentes ao mundo material – têm certas propriedades. Como resultado, propriedades é uma categoria possível para analisar o mundo material. (BARITÉ, 2000, p. 5); Aristóteles tinha originalmente reconhecido dez categorias (substância, qualidade, quantidade, posição, posse, ação, relações e outros). Ranganathan os reduziu a cinco, conhecido com a sigla PMEST: personalidade, matéria, energia, espaço e tempo. (BARITÉ, 2000, p. 9);
Artêncio (2007)	A questão da categorização se rebate nas atividades de classificação e de categorização das informações e, baseadas ou não nas categorias filosóficas, sempre se remetem a ela. Eis que não é possível falar em categorização na área de CI sem nos reportarmos às origens do conceito de categoria na filosofia. (ARTÊNCIO, 2007, p. 21); Conforme Vickery, citado por Grolier, pode-se identificar a categoria Personalidade à idéia de substância aristotélica. (ARTÊNCIO, 2007, p. 79).

Fonte: A autora (2022)

Os autores citados acima apresentam vínculos fortes, o que demonstra que a semelhança ou correspondência direta entre as categorias aristotélicas substância, estado, ação, lugar e tempo e o PMEST rangathaniano implica na equivalência ou associação da substância aristotélica com a personalidade rangathaniana enquanto primeiro corte classificatório do ser e do saber.

Apresentamos abaixo um quadro das teorias utilizadas explicitamente e as que são sugeridas por cada autor, as quais fundamentam os vínculos.

Abordamos a seguir a respeito das variáveis semelhanças Teoria-Artigo e diferenças Teoria-Artigo.

Quadro 42 – Teorias empregadas pelos autores da revisão sistemática da literatura

Autor	Teorias
ANJOS (2008)	Teoria das Categorias Teoria da Classificação Sugere o uso da teoria do conceito de Dahlberg
ARANALDE (2009)	Teoria da Classificação Teoria das Categorias de Aristóteles Teoria das Categorias de Kant Teoria das Categorias de Ranganathan
ARTÊNCIO (2007)	Teoria da Classificação Teoria do Conceito Teoria Clássica das Categorias Sugere o uso da Teoria pragmática no conceito de categorização
BARITÉ (2000)	Teoria da Classificação Teoria do Conceito Sugere o uso da Teoria das Categorias
CAMPOS (1978)	Teoria da Classificação Sugere o uso da Teoria do Conceito de Dahlberg
COSTA (2010)	Teoria da Narrativa Teoria de Ranganathan/Teoria da Classificação Teoria da Informação Sugere o uso da Teoria das Categorias
DOBRESKI (2021)	Teoria da Classificação Teoria de Facetas Sugere o uso da Teoria das Categorias
MAZZOCCHI (2013)	Teoria da Classificação Teoria das Categorias

SILVA (2010)	Teoria da Classificação Teoria clássica/aristotélica de categorização Teoria de Categorização Cognitiva Contemporânea Teoria do Conceito de Dahlberg Sugere o uso da Teoria pragmática das práticas de categorização Sugere o uso da Teoria das Categorias

Fonte: A autora (2022)

Podemos observar que todos os autores utilizam a Teoria da Classificação na qual a Teoria das Categorias possui um sentido estrito de instrumentalização e organização dos objetos com base na identificação e articulação entre os conceitos (teoria do conceito). Costa (2010) destoa na teoria utilizada: a teoria da informação ou teoria sintática da informação considera os bits informação como aquilo que diminui a incerteza dos usuários. Nas pesquisas contemporâneas, não são comuns o uso desta teoria, tendo como hipótese nossa a razão disto ocorrer a influência exercida pelas teorias semântica e pragmática da informação no campo da CI. Grande parte dos autores explicita o uso da Teoria das Categorias ou da categorização e da Teoria da Classificação, o que implica em uma coerência de uma perspectiva similar do olhar dos autores de nossa revisão, não havendo, à exceção da Teoria da Narrativa de Costa (2010), teorias que estão distantes das duas principais (Teoria da Classificação e Teoria das Categorias). Contudo, mesmo à luz da Teoria da Narrativa de Costa (2010), os achados deste autor e também os nossos desenvolvidos em um processo de interpretação direcionado aos achados dos autor, expressam os vínculos, cerne de nossa questão de revisão. Isto demonstra que os vínculos são abordados à luz das teorias principais e secundária que pode ser associada às principais, mas esta associação é apenas possível, ou seja, acidental e não essencial: para tratar dos vínculos, não é necessário a aplicação das teorias secundárias.

Apresentamos abaixo as porcentagens das teorias principais e secundárias em relação ao total do corpus da revisão sistemática:

- Teoria da Classificação (100%);
- Teoria das Categorias (55.6%);
- Teoria do Conceito (33.3%);
- Teoria da Narrativa (11.1%);
- Teoria da Informação (11.1%);
- Teoria de Facetas (11.1%);
- Teoria clássica/aristotélica de categorização (11.1%);

- Teoria de Categorização Cognitiva Contemporânea (11.1%)

Apresentamos a seguir o aprofundamento discursivo ancorado na frequência do emprego das teorias pelos autores da revisão sistemática da literatura a respeito das variáveis semelhanças teoria-artigo e diferenças teoria-artigo.

A maior parte dos autores que usaram explicitamente a Teoria das Categorias (ANJOS, 2008; ARANALDE, 2009; ARTÊNCIO, 2007; MAZZOCCHI, 2013) coincide ao estabelecer a relação fundamental entre o conceito de categoria e a corrente filosófica na qual foi proposta, isto constitui a semelhança teoria-artigo identificada e a variável diferença teoria-artigo não foi identificada nesta teoria. Aranalde (2009) defende a influência do pensamento oriental na sua concepção de conhecimento; Mazzocchi (2013) defende a influência da tradição filosófica Indiana na formulação das categorias PMEST; Anjos (2008) defende que o sentido de categoria está atrelado às doutrinas e às escolas filosóficas específicas.

Abordamos a seguir a variável diferenças teoria-artigo. Os autores que usaram explicitamente a Teoria do Conceito (ARTÊNCIO, 2007; BARITÉ, 2000; SILVA, 2010), não a utilizaram para tratar dos vínculos. Com isto, podemos afirmar que esta teoria em nosso corpus da revisão sistemática da literatura não possui uma relevância científica robusta para tratar dos vínculos.

O autor Costa (2010) utiliza a Teoria da Narrativa em seu estudo, mas não a aplica quando apresenta o vínculo da correspondência direta e a forma de operacionalizá-las na variável interpretação dos achados, o que significa que esta teoria não se mostrou significativamente relevante para tratar dos vínculos.

O autor Dobreski (2021) não aplica a Teoria de Facetas para tratar dos vínculos das conexões entre a ontologia filosófica e o estudo e a prática dos sistemas de organização do conhecimento, sendo este vínculo abrangente e que possibilita aos futuros estudos investigar as Categorias em todos os sistemas de organização do conhecimento (SOCs), dentre os quais a *Colon Classification* é um tipo formal específico e objeto de nosso interesse. Com isto, podemos afirmar que esta teoria em nosso corpus da revisão sistemática da literatura não possui uma relevância científica robusta para tratar dos vínculos.

Concluimos que a Teoria da Classificação (100% do corpus da revisão) é a teoria essencial ou predominante para tratar dos vínculos. Curiosamente, a teoria do ser de Aristóteles não foi explicitada nos estudos, a qual é uma teoria relevante para tratar dos vínculos porque as categorias aristotélicas não são categorias linguísticas, mas categorias que são aplicadas aos

modos de manifestação empíricos do ser enquanto instrumento cognitivo-epistêmico de captá-los, operacionalizá-los e comunicá-los linguisticamente. Recomendamos estas duas teorias aos estudos futuros que buscam tratar dos vínculos.

Apresentamos a seguir outra consideração nossa a respeito das variáveis semelhanças inter-artigo e diferenças inter-artigo.

Retornando ao cerne de nossa questão de pesquisa da revisão sistemática acerca dos vínculos, apresentamos as afirmativas de outros documentos que configuram as semelhanças inter-artigo. A compreensão de que os objetos do mundo da experiência são predicados de um substrato em Stein (2002) vai de encontro ao vínculo das categorias como princípios primeiros ou postulados aplicados às entidades em Aranalde (2009), às linhas de pensamento congruentes (SILVA, 2010) quanto à estrutura complexa dos seres em Aristóteles e do universo do conhecimento em Ranganathan, sendo evidente, portanto, que estes vínculos não indicam que as categorias na Filosofia e na Ciência da Informação são idênticas (MAZZOCCHI, 2013).

Apresentamos a seguir esta semelhança inter-artigo.

Quadro 43 – Semelhança inter-artigo

Ranganathan e Aristóteles procuram organizar o conhecimento do mundo partindo da própria realidade, buscando as classes mais gerais nas quais ele pode ser inicialmente classificado. Estas classes dão origem a novas classes que são, necessariamente, a posteriori, pois se revelam como produto da aplicação dos princípios primeiros às entidades analisadas. (ARANALDE, 2009, p. 105, grifo nosso); As categorias de Aristóteles e de Ranganathan funcionam como postulados que exercem a função de orientar o	O significado básico de Ousia. O Objeto dos Sentidos como <i>πρώτη</i> Ousia; Sua composição de forma e matéria Ele [Aristóteles] chama ousia um existente ao qual o ser pertence em um sentido preeminente. Que os objectos naturais [<i>Naturdinge</i>], como os conhecemos por experiência sensorial, possuem tal preeminência de ser parece a Aristóteles como algo que é geralmente admitido e, portanto, dificilmente precisa de ser discutido. [...] As coisas e os objectos não são, contudo, de estrutura simples mas de estrutura complexa, e se são <i>ousiai</i> [substâncias], devem-no - assim parece - àquilo de que são compostos. O que é predicado de uma coisa nos juízos é sempre algo que se acumula a ela "aditivamente"

pensamento em confronto com a multiplicidade que se lhe apresenta, seja de objetos do mundo, como no caso do primeiro, seja de assuntos contidos em documentos, como é o caso do segundo. Portanto, são conceitos de alta generalidade e que originam novos conceitos. (ARANALDE, 2009, p. 105, grifo nosso); [...] sobre o que realmente subjaz aos princípios categoriais de Ranganathan, acredita-se que há linhas de pensamento congruentes entre seus escritos e os escritos de Aristóteles. A literatura consultada ratifica essa derivação, sobretudo quanto à estrutura PMEST, a qual, pelo que se viu, retoma os fundamentos das categorias do estagirita [...] (SILVA, 2010, p. 167, grifo nosso) Não há dúvida de que o conceito de categorias na LIS não é o mesmo que o filosófico. (MAZZOCCHI, 2013, p. 771, tradução nossa, grifo nosso)	[<i>etwas ihm "Zukommendes"</i>] (isso nem sempre precisa ser algo "acidental" ou "fortuito"). Por outro lado, deve haver outra coisa a mais, pela qual o acréscimo se acumula [<i>dem das Zukommende zukommt</i>], e deve haver finalmente um fundamento último ou substrato [<i>letzte Grundlage</i>] que não pertence a mais nada e que, portanto, não pode mais ser predicado de qualquer outra coisa. Este substrato último é <i>ὑλη</i> (matéria, matéria). [...] E, no entanto, diz-se que a <i>ousia</i> existe em um sentido preeminente. E agora também aprendemos em que consiste sua preeminência: é um <i>Χωριστόν</i> (algo separado) e um <i>τόδε τι</i> (um isto-ali); ela existe por si mesma, separada de todos os outros existentes, e como um isto-aí é um <i>individuum</i>, ou seja, um ser único e indiviso que possui algo próprio que não compartilha com nenhum outro existente. (STEIN, 2002, p. 133-134, tradução nossa)¹.

Fonte: A autora (2022)

¹ The Basic Meaning of Ousia. The Sense Object as *πρώτη* Ousia; Its Composition of Form and Matter

He [Aristotle] calls ousia an existent to which being pertains in a preeminent sense. That natural objects [*Naturdinge*], as we know them from sense experience, possess such a preeminence of being appears to Aristotle as something that is generally admitted and therefore hardly needs to be discussed. [...] Things and objects are, however, not of simple but of complex structure, and if they are *ousiai* they must owe it - so it would seem - to that of which they are composed. What is predicated of a thing in judgments is always something that accrues to it "additively" [*etwas ihm "Zukommendes"*] (this need not always be something "accidental" or "fortuitous"). There must be something else, on the other hand, to which the accrument accrues [*dem das Zukommende zukommt*], and there must finally be an ultimate fundamentum or *substratum* [*letzte Grundlage*] which no longer pertains to anything else and which can therefore no longer be predicated of anything else. This ultimate substratum is *ὑλη* (materia, matter). [...] And yet ousia is said to exist in a preeminent sense. And now we also learn wherein its preeminence consists: It is a *Χωριστόν* (something separate) and a *τόδε τι* (a this-there); it exists by itself, in separation from all other existents, and as a this-there it is an *individuum*, i. e., a single, undivided being that possesses something of its own which it shared with no other existent. (STEIN, 2002, p. 133-134)

A teologia aristotélica na qual a realidade é formada por substâncias sensíveis e substâncias separadas (primeiro motor imóvel) em Zingano (2013), estas como causa do movimento dos seres e dos planetas, encontra correspondência em Ranganathan em sua proposta do plano ideacional no qual as categorias emergem e mantêm uma realidade suprema, velada e misteriosa que se sustenta nos processos de tratamento da informação, o que implica que o vínculo possui uma estrutura da realidade místico-teológica-instrumental comum.

Apresentamos a seguir esta semelhança inter-artigo.

Quadro 44 – Semelhança inter-artigo.

[...] uma parte considerável do esforço do livro <i>Λ</i> consiste em mostrar que há um princípio comum entre os dois domínios: este princípio comum é o primeiro motor imóvel, que necessariamente é uma natureza outra que a substância sensível e sem o qual não é possível pensar a eternidade ordenada do movimento suposta no exame da substância sensível. O princípio é já mencionado na segunda parte, ao final do capítulo 4, de um modo algo abrupto, sob a forma daquilo que, a título de primeiro entre todos, move tudo (<i>τὸ ὡς πρῶτον πάντων κινῶν πάντα</i>: 1070b34-35). (ZINGANO, 2013, p. 243)	E mesmo com vários séculos de distância e em regiões geográficas não próximas, assiste-se, em Ranganathan, à acepção quase divina sobre a personalidade, ainda que por um caminho oposto ao de Aristóteles. (SILVA, 2010, p. 101, grifo nosso); Ao se dissertar sobre a derivação dos princípios categoriais de Ranganathan daqueles de Aristóteles, deve-se recordar a similitude percebida entre estes princípios na análise teórica realizada, em especial, quanto à estrutura PMEST e às categorias fundamentais do estagirita. Ainda que o propósito de criação destas propostas categoriais seja distinto, já que Aristóteles trabalhou com os seres e Ranganathan com os registros do conhecimento, a percepção do que constitui a estrutura rangathaniana é visivelmente inspirada nas categorias aristotélicas. (SILVA, 2010, p. 175, grifo nosso)

Fonte: A autora (2022)

Retornando ao cerne de nossa questão de pesquisa da revisão sistemática acerca dos vínculos, apresentamos as afirmativas de outros documentos que configuram as diferenças inter-artigo. O vínculo expresso em Costa (2010) referente à correspondência direta das cinco

categorias de Ranganathan e Aristóteles e com a forma de operacionalizá-las vai contra a afirmação de Rosa (1979) acerca dos conceitos de níveis e ciclos que permitem o uso das categorias PMEST várias vezes, assegurando à classificação dos dois pontos o tratamento de assuntos polifacetados. Observamos que Ranganathan adequa a noção de categorias de Aristóteles, mas o supera ao inovar na forma de operacionalizá-las, repetindo categorias nos ciclos e níveis, ou seja, estas categorias são repetidas no interior do mesmo ciclo e mesmo nível de análise de um objeto, mas esta repetição permite o desdobramento empírico via recuperação da informação na sociedade da totalidade do universo do conhecimento articulado no documento e no universo do conhecimento (estantes).

Apresentamos a seguir esta diferença inter-artigo.

Quadro 45 – Diferença inter-artigo

Um sistema alicerçado na ANÁLISE DE FACETAS particulariza cada faceta do assunto, permitindo a combinação que a literatura exige. Inicia com todos os termos que se relacionam com o campo de assunto e os organiza segundo princípios rigorosos, que permitem construir classes por síntese em lugar de divisão. São relacionados termos elementares, para serem incluídos no esquema.

Originalmente, eram cinco categorias fundamentais: PERSONALIDADE, MATÉRIA, ENERGIA, ESPAÇO, TEMPO. A 'classificação dos dois pontos' (RANGANATHAN, 1965 apud ROSA, 1979), mais tarde adotou os conceitos de níveis e ciclos que permitiram o uso das categorias PMEST várias vezes, mantendo tal classificação à altura dos assuntos polifacetados, característicos das pesquisas de hoje. A 'classificação dos dois pontos' (RANGANATHAN, 1965 apud ROSA, 1979) só é usada na Índia, mas sua influência espalhou-se por todo o mundo. (ROSA, 1979, p. 235-236)

Um subconjunto dessas **categorias** [de **Aristóteles**], compreendendo substância, estado, ação, lugar e tempo vão encontrar **correspondência direta** nas cinco categorias de **Ranganathan** (1931) e com a **forma de operacionalizá-las**. Em seus escritos, observa-se que não são citadas muitas fontes, mas, ao expor seu pensamento e eleger suas cinco categorias, que denominou de categorias fundamentais ou categorias essenciais, fica patente a **influência** que recebeu do **pensamento aristotélico**. Em que pese o estabelecimento da quantidade de categorias, o próprio Ranganathan menciona que se alguém perguntar o porquê de as categorias fundamentais se apresentarem em número de cinco e não de três ou de seis, admite o fato de ser isto perfeitamente, possível e que qualquer pessoa pode explorar tal possibilidade. (COSTA, 2010. p. 174, grifo nosso)

Fonte: A autora (2022)

As classificações bibliográficas tradicionais tinham como base o princípio hierárquico-enumeral para a divisão dos assuntos com base na lógica aristotélica. Ranganathan propôs

uma revolução no modo de classificar ao propor o princípio analítico-sintético, o qual é uma superação do modelo rígido dos antigos esquemas de classificação. Este princípio, justamente por superar a lógica aristotélica, considera o valor das estruturas classificatórias aristotélicas para romper com a vertente de organização do conhecimento dicotômica nas obras clássicas de classificação vigentes, inclusive a de Sayers (que Ranganathan explicitamente diz ter lido em uma noite de insônia no prefácio do *Prolegomena to Library Classification*) para a vertente policotômica da enumeração exaustiva de todas as facetas isoladas possíveis. Isto configura uma diferença inter-artigo apresentada a seguir.

Quadro 46 – Diferença inter-artigo

O conceito de categorias formais já havia sido identificado por Aristóteles [...] a Colon Classification (1933) de S. R. Ranganathan (1892-1972) é algo totalmente novo no campo da classificação bibliográfica. É baseada no princípio analítico-sintético, em oposição ao princípio hierárquico-enumerativo, analisando o assunto em seus elementos constituintes fundamentais, formais e materiais, que são os únicos representados nas tabelas, e prevendo a síntese destes elementos, através de símbolos de conexão e relação apropriados, de acordo com o conteúdo dos documentos a serem classificados. (SCHREINER, 1979, p. 198)	O valor das estruturas classificatórias aristotélicas encontradas nas LDs e em outras ferramentas de informação é discutível. (ARTÊNCIO, 2007, p. 17, grifo nosso)

Fonte: A autora (2022)

No que se refere ao risco de viés nos estudos individuais, identificamos uma informação não baseada em fatos e evidências científicas em Costa (1978) ao afirmar que a obra de Ranganathan necessita de fundamentação teórica. Não identificamos nenhuma outra ocorrência nos demais autores do corpus da revisão sistemática.

Apresentamos no quadro abaixo a aplicação da abordagem GRADE para avaliar a qualidade da evidência do corpus da revisão sistemática.

Quadro 47 – Abordagem GRADE para avaliação da qualidade da evidência

Autor	Abordagem GRADE para avaliação da qualidade da evidência

ANJOS (2008)	Risco de viés Não Inconsistência Não Indireto Não Imprecisão Não Viés de Publicação Não
ARANALDE (2009)	Risco de viés Não Inconsistência Não Indireto Não Imprecisão Não Viés de Publicação Não
ARTÊNCIO (2007)	Risco de viés Não Inconsistência Não Indireto Não Imprecisão Não Viés de Publicação Não
BARITÉ (2000)	Risco de viés Não Inconsistência Não Indireto Não Imprecisão Não Viés de Publicação Não
CAMPOS (1978)	Risco de viés 1 Inconsistência Não Indireto Não Imprecisão Não Viés de Publicação Não
COSTA (2010)	Risco de viés Não Inconsistência Não Indireto Não Imprecisão Não Viés de Publicação Não
DOBRESKI (2021)	Risco de viés Não Inconsistência Não Indireto Não Imprecisão Não Viés de Publicação Não
MAZZOCCHI (2013)	Risco de viés Não Inconsistência Não Indireto Não Imprecisão Não Viés de Publicação Não
SILVA (2010)	Risco de viés Não Inconsistência Não Indireto Não

	Imprecisão Não Viés de Publicação Não

Fonte: A autora (2022)

- Relação Temporal

Acerca da teoria da classificação facetada proposta na década de 30 por Ranganathan e as categorias de Aristóteles (384 aC - 322 aC), nosso corpus da revisão sistemática não expressou uma relação temporal nos vínculos, ou seja, a teoria da classificação facetada proposta na década de 30 por Ranganathan e as categorias de Aristóteles (384 aC - 322 aC) possuem vínculos não temporais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS DA REVISÃO SISTEMÁTICA

A presente revisão sistemática da literatura descobriu os vínculos aristotélico-ranganathanianos referentes às propostas categoriais para classificar os seres e o conhecimento.

Optamos por apresentar os resultados de nossa análise e síntese em quadros. Descobrimos e discutimos a intensidade (fraco ou forte) do vínculo na decorrer da análise e da síntese. Fizemos recomendações das direções mais frutíferas aos estudos futuros que tenham um ou mais de nossos elementos PIO. Aplicamos a teoria socioterminológica para identificar quais significados extrapolavam os elementos presentes na definição de categoria nas obras de referência e concluímos que os mesmos não são contraditórios às obras, mas são um produto do pensamento reflexivo que implica na dificuldade de lidarmos com a variação linguística na ciência, pois os usos sociais do conceito categoria em contextos de produção do conhecimento revelam dimensões éticas, sociais e instrumentais que envolvem a noção de categoria, as quais estão presentes ou ausentes nas obras de referência. A teoria socioterminológica permitiu descobrir e interpretar além da terminologia especializada os vínculos, considerando a variação linguística de ideias sobre as categorias aristotélico-ranganathanianas.

Apresentamos nuvens de palavras como método de apresentação para a visualização de dados. Os vínculos descobertos pela aplicação da teoria foram apresentados em um quadro de

correspondência de modo a identificar e relacionar os resultados da presente revisão com os quadros que compõem nossos resultados da dissertação, o que torna a presente revisão essencial à obtenção de respostas duplamente referentes à questão de pesquisa da revisão sistemática e da dissertação.